UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**As mil faces de João de Minas: a construção do escritor
e a repercussão de seus livros no campo literário
brasileiro (1927-1989)**

LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA

São Paulo
2012

LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA

**As mil faces de João de Minas: a construção do escritor
e a repercussão de seus livros no campo literário
brasileiro (1927-1989)**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo
como requisito para obtenção do grau
de Doutor em História Social

Orientador: Profº Dr. Elias Thomé Saliba

**São Paulo
2012**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447m Almeida, Leandro Antonio de
As mil faces de João de Minas: a construção do escritor e a repercussão de seus livros no campo literário brasileiro (1927-1989) / Leandro Antonio de Almeida ; orientador Elias Thomé Saliba. - São Paulo, 2012.
448 f. Ilust.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História do Brasil. 2. Literatura Brasileira. 3. Religião. 4. Indústria Cultural. I. Saliba, Elias Thomé, orient. II. Título.

Contato:
leandroaalmeida@hotmail.com

ALMEIDA, Leandro Antonio de.

As mil faces de João de Minas: a construção do escritor e a repercussão de seus livros no campo literário brasileiro (1927-1989)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Doutor em História Social.

Aprovado em:

Prof. Dr. _____
Instituição: _____ Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____ Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____ Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____ Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____ Julgamento: _____
Assinatura: _____

Aos meus queridos pais Antonio e Penha

Pelo que de essencial ensinam
no cotidiano, sem livros
ele com a paciência sertaneja do norte de Minas
ela com a vivacidade dos sítios do norte do Paraná

Agradecimentos

Às pessoas que generosamente auxiliaram a pesquisa da tese como Paulo Valadares, Cláudio Giordano, os escritores Caio Porfírio Carneiro e Rui Ribeiro da UBE, a Prof^{ta} Dr^a Maria Cristina Cortez Wissembach, o Prof. Dr. Nelson Schapochnik, ao Prof. Dr. Marco Antonio Arantes, e Regis Palombo. Nos encontros com vários deles, aprendemos com as difíceis tentativas de obter informações sobre Ariosto, e todos os incentivos à realização do estudo foi de suma importância para nós.

Aos professores Dr. Nelson Schapochnik e Dr. Júlio Pimentel Pinto, pela importante avaliação preliminar do estudo que segue, rigorosamente contribuindo para sua melhoria ao iluminar vários pontos para nós obscuros. Aos professores Dra. Lilia Moritz Schwarcz, Dra. Paula Ester Janovitch e Dr. José Geraldo Vinci de Moraes, por avaliar a dissertação que antecedeu este trabalho e, indiretamente, contribuir para questões tratadas na tese.

Aos colegas de pós-graduação, em especial Patrícia Raffaini, Camila Koshiba, Ana Karícia e João Vilhena, Maria Margareth, Carmen Lúcia Azevedo, cuja convivência acadêmica, além de contribuir, além de indicações de fontes, com conversas a partir das inquietações próprias de cada pesquisa, agregando a experiência de quem se iniciou antes na jornada do mestrado, foi marcada pela alegria das festas e comemorações semestrais.

Aos colegas e alunos da UFRB, pela convivência e aprendizado diário nas atividades acadêmicas no Recôncavo da Bahia. Agradecimento especial a Fábio Joly e Nuno Gonçalves, pela ajuda para me situar nessa nova e fascinante região.

Aos amigos da Faculdade de História da USP, em especial Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, Marcelo Ferreira, Marcos Antonio Lopes Veiga, Theo Hotz Almeida, Daniel Lago Monteiro, Thiago Lima Nicodemo, Karen Kossling, Fabíola Albuquerque, pela fraternal convivência desde a graduação, a qual permanece com os anos. Mesmo que os caminhos seguidos por cada vida pessoal sejam distintos, aumentado pela distância geográfica, a amizade e paixão pela História nos une.

Aos amigos da Cohab de Carapicuíba, em especial Fernando Brito Miranda, Jamilton Alves e Eduardo Camacho, pelos anos de convivência e amizade sincera durante as longas e agradáveis sessões de RPG, que me despertaram para o mundo encantado da narrativa.

A Laíla Rodrigues Soares e Gabriel Rodrigues Soares, pela fraterna convivência em Salvador, ensinando-nos bastante sobre essa cidade e, com a cultura, sabedoria e personalidade decida, sobre a vida.

Ao mestre Elias Thomé Saliba, cujo papel determinante nesse trabalho foi muito além de orientador acadêmico, constituindo verdadeiro mentor e amigo nessa caminhada. Adotou o irrequieto estudante de graduação, gentilmente apresentou-nos João de Minas ao perceber nosso gosto por literatura fantástica e escritores malucos, e apontou a relevância de se estudar a recepção ao escritor mineiro. Cada vez mais, as virtudes profissionais e éticas de pesquisador, orientador, escritor e professor constituem nosso modelo e parâmetro por expressar o rigor acadêmico aliado à sensibilidade, aguçada pelo epifânico humor que ensina sobre o passado através dos risos libertadores. Espero ter correspondido novamente à confiança depositada nesses quatro anos.

A meus pais Antonio Francisco de Almeida e Penha Maria de Almeida, por todo apoio e sacrifício empreendidos, pelo carinho e confiança no caminho seguido, pela vibração com as vitórias conseguidas na luta diária pela sobrevivência e superação das dificuldades, exemplos de amor, determinação, fibra e moral. A meus irmãos Lauro Marreiros de Almeida e Leosmar Marreiros de Almeida, pelo companheirismo que nossa convivência trouxe e pelo aprendizado constante que os diferentes caminhos propiciam. Que esta tese novamente lhes inspire perseverança e esperança na realização dos seus ideais. Ao já crescido Nickolas e recém chegado Guilherme, sobrinhos cuja graciosidade nos alegra e mais uma vez renova o compromisso com um futuro melhor.

Faço parte de Deus porque sou um artista
Todo livro meu contém todo o meu sangue
Em verdade eu vos digo que o meu reino é deste mundo,
entre os humildes e os que sofrem e onde minha
memória jamais se apagará

João de Minas

RESUMO

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **As mil faces de João de Minas: a construção do escritor e a repercussão de seus livros no campo literário brasileiro (1927-1989)**. 2012, 448 f. Ilust. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

O objetivo desta tese é analisar a construção da imagem de escritor e a recepção dos livros de João de Minas, pseudônimo de Ariosto Palombo (1896-1984), no campo literário brasileiro entre 1927 e 1989. Foi realizada uma pesquisa documental em livros, jornais e revistas para localizar textos de sua autoria e opinativos sobre sua pessoa e suas obras. A análise das atividades do escritor mineiro é focada em três momentos: jornalista governista (1927-1930), que publicou textos sobre os sertões brasileiros e artigos de defesa das oligarquias encabeçadas pelo Partido Republicano Paulista; um escritor popular (1934-1937), atuante nos gêneros aventuras, sentimental-sexual e policial, bastante difundidos à época; e profeta (1935-1969), criador de uma eclética religião que misturava kardecismo, catolicismo, protestantismo, umbanda e esoterismo. As opiniões sobre João de Minas e seus livros mudaram conforme se intensificou a orientação popular de suas atividades: tornou-se famoso por ser reconhecido como talento literário promissor por escritores membros da Academia Brasileira de Letras em 1929; foi criticado pela agressiva autopromoção e pelo mau gosto da linguagem de seus livros voltados ao grande público; e sua guinada à religião ressaltou entre os intelectuais e escritores uma imagem de oportunista e arrivista sobre João de Minas, que levou seu nome a ser apagado das enciclopédias e histórias literárias nacionais.

Palavras-Chave: João de Minas, Ariosto Palombo, Literatura brasileira, literatura de entretenimento, Igreja Brasileira Cristã Científica.

ABSTRACT

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **The thousand faces of João de Minas: the construction of a writer and reception of his books in the brazilian literary field (1927-1989)**. 2012, 448 f. Ilust. Thesis (PhD) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

The aim of this thesis is to analyze the construction of writer image and reception of João de Minas books, pseudonym of Ariosto Palombo (1896-1984), in the Brazilian literary field between 1927 and 1989. We conducted documentary research in books, newspapers and magazines to locate texts of his own and opinions about his person and his works. The analysis of the writer activities is focused on three moments: loyalist journalist (1927-1930), who published texts about brazilian wilderness and articles in defense of the oligarchies headed by Paulista Republican Party; a popular writer (1934-1937), active in pulp fiction like adventure novel, women and erotic fiction, and detective stories, quite widespread at that time; and prophet (1935-1969), creator of an eclectic religion that blended kardecism, Catholicism, Protestantism, umbanda and esotericism. Opinions about João de Minas and his books had changed as the popular direction of his activities was intensified: in 1929, he became famous for being recognized as promising literary talent by writers members of the Brazilian Academy of Letters; after 1934 was criticized by aggressive self-promotion and bad taste language of his books focused on general public; and his turn to religion stressed among intellectuals and writers an image of opportunist and upstart about João de Minas, that took his name to be erased from national literary histories and encyclopedias.

Keywords: João de Minas, Ariosto Palombo, Brazilian literature, pulp fiction, Scientific Christian Brazilian Church.

LISTA DE FIGURAS

Página de <i>O Paiz</i> com rodapé de João de Minas	45
Capa de <i>Jantando um Defunto</i>	69
Capa de <i>Farras com o Demônio</i>	74
Propaganda de <i>Jantando um Defunto</i>	79
Capa de <i>Sangue de Ilusões</i>	144
Propaganda de <i>Sangue de Ilusões</i>	145
Propaganda de livros de João de Minas	146
Propaganda no <i>Jornal do Estado</i>	152
Propaganda do livro <i>São Paulo Constitucionalista</i>	157
Capa de <i>Mulheres e Monstros</i>	163
Primeira página da história de Clara, nos livros <i>Jantando um Defunto</i> e <i>Mulheres e Monstros</i>	165
Última página da história de Maria Clara, nos livros <i>Jantando um Defunto</i> e <i>Mulheres e Monstros</i>	166
Entrevista de João de Minas a <i>O Malho</i>	169
Páginas e fotografias de “Um Monstro Pré-Histórico, o crocodilo Mamuth, vivo num lago misterioso de Mato-Grosso”	170
Capa de <i>Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos</i>	173
Capa de <i>Pelas Terras Perdidas</i>	182
Propaganda da Coleção SIP	191
Capa da 1ª edição de <i>A Mulher Carioca aos 22 Anos</i>	193
Capa de <i>A Datilógrafa Loura</i>	206
Foto de Greta Garbo	206
Capa de <i>Uma Mulher... Mulher!</i>	226
Quadro de Fuseli, O Pesadelo	226
Capa de <i>Fêmeas e Santas</i>	235
Capa de <i>A Prostituta do Céu</i>	236
Capas de <i>O Malho</i> , ilustradas com contos de João de Minas	245
Última capa de <i>Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo</i> , com propaganda de livro policial do autor	246
Capa de <i>Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo</i> , com foto de João de Minas.	247
Sexto episódio do Folhetim “Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo”.	251
Propaganda de <i>Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo</i> no Diário da Bahia	253
Listagem de livros da Unitas na <i>Folha da Manhã</i> ,	269

Propaganda dos livros da Marisa Editora	271
Propaganda de livros no Jornal do Estado	272
Nota sobre Mulheres e Monstros, Correio de São Paulo	283
Seção “Livros Novos” da Revista da Semana,	297
Página anotada de “Pelas Terras Perdidas”	307
Propagandas da Academia Brasileira de Ciências Ocultas divulgada no Diário da Bahia,	334
Prospecto da Ciência Divina com foto de Antoninho Marmo	352
Panfletos com a foto de Eurípedes Barsanulfo	357
Fotos de F.C. Henriques, para a reportagem de Daniel Linguanoto publicada na Revista do Globo	360
Imagens dos adeptos da Cura Divina na Praça da Sé de São Paulo	365
Capa de A Vida Começa na Ciência Divina	368
Prospecto da Ciência Divina de 15 de julho de 1951, cujo detalhe mostra a campanha pró Ademar e Sangigolo	373
Propaganda da Cura Divina Total no <i>Diário Popular</i> , com foto de Nelson Zanotti	376
Propaganda da Cura Divina Total no <i>Diário Popular</i> , com foto de Nelson Zanotti e João de Minas	376
Panfletos convidando para romaria ao túmulo de João Relojoeiro	383
Panfletos com a imagem de João Relojoeiro,	385
Panfletos da Cura Divina Total, março de 1963	387- 388
Cartão de apresentação de Joaquim Pereira da Silva	392
Capa da Bíblia – vol. 3 – 2ª ed. –	394
Propaganda no Diário Popular, São Paulo, de 2/1/1965	394

LISTA DE TABELAS

Grau de instrução por faixa etária segundo o censo de 1920 - Brasil	122
Grau de instrução por faixa etária segundo o censo de 1940 - Brasil	122
Tiragens dos exemplares da Companhia Editora Nacional - jan.-nov. de 1933	126
A produção da seção editora [da Globo]: 1931-1937	128
Comparação dos títulos de <i>Jantando um Defunto</i> e <i>Mulheres e Monstros</i>	164
Publicações sobre a Revolta Constitucionalista (1932-1940)	216
Lugar de Publicação dos livros sobre a Revolução Constitucionalista (anos 30)	217

SUMARIO

Introdução	15
Parte I – Jornalista beletrista	41
1- A projeção de um jornalista Legalista	42
Uma curta narrativa sobre a Coluna Prestes	42
Os temas do jornalista João de Minas	53
Os primeiros leitores, os editores de O Paiz	66
2- O escritor revelação	81
Debates literários dos anos 20 do ponto de vista de João de Minas	81
Leituras de Jantando um Defunto	90
Quem criou o escritor João de Minas	114
Parte II – Escritor Popular	119
3- Rumo ao povo	120
Novo surto de ficção para o povo	120
Da política ao público	143
4- João de Minas, autor nacional de livros populares	163
Maravilhas no sertão do Brasil Central: os livros de aventuras	163
A hipocrisia do mundo dos espertos: os romances sentimentais de costumes	188
Sob os casarões e igrejas de Ouro Preto: narrativas historico-sexuais	231
Um detetive para a Paulicéia: no rastro do policial	244
5- Leituras e leitores dos livros de João de Minas nos anos 30 e 40	266
Notas sobre as editoras e prefácios editoriais	266
Da consagração ao resgate de um escritor	279
João de Minas e o mercado de literatura de massa	308
Parte III - Profeta	313
6- O profeta do asfalto	314
Rastreando a conversão: o escritor olha para a religião	314
A Academia Brasileira de Ciências Ocultas do Professor Patiala	330
O Papa Nacional da Igreja Brasileira Cristã Científica	346
A Cura Divina Total do Pastor João de Minas	375

7- Um escritor maldito	398
Novas Polêmicas	398
Reminiscências Goianas	415
Conclusão	422
Fontes	427
Referências	435
Apêndice	445

Introdução

Em 1976, ao procurar livros raros em um dos tradicionais sebos do Rio de Janeiro, o diretor de teatro Aderbal Freire-Filho deparou-se com a obra *A Prostituta do Céu*, atribuído a um desconhecido autor que assinava João de Minas. O teor confirma a sugestão do título: a história de uma linda garota que, após uma vida no meretrício, é recebida no paraíso por um Jesus Cristo nada convencional. A temática sexual eivada de humor, o estilo ágil e rápido, e a construção de personagens canalhas em torno da protagonista levaram Aderbal a atribuir o livro a Nelson Rodrigues, escondido sob mais um pseudônimo. Deu-se conta do engano, pesquisou um pouco mais e chegou à conclusão que, "excetuando-se talvez uma meia dúzia de gatos pingados, praticamente todos os alfabetizados brasileiros (...) desconheciam solenemente o senhor João de Minas". A ignorância generalizada era tamanha que abriu espaço para uma brincadeira: "um dia, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, depois de fazer uma consulta que já tinha feito na Biblioteca Nacional, cheguei à inútil e espaventosa conclusão de que era o maior especialista em João de Minas do mundo"¹.

O título poderia ser contestado ou referendado pela meia dúzia de "gatos pingados" que também se aventuraram, sem muito sucesso, a investigar a vida e a obra do desconhecido autor, como o professor universitário Marco Antonio Arantes, que mapeou seus artigos em Araraquara e conseguiu alguns de seus livros; o escritor e ex-diretor da União Brasileira de Escritores Caio Porfírio Carneiro, que por anos procurou livros e recolheu depoimentos no meio literário²; o historiador Rui Ribeiro, também possuidor de algumas de suas obras³; o bibliófilo e editor Cláudio Giordano, que conseguiu a mesma façanha de Aderbal ao reunir no acervo da Biblioteca Rubem Borba de Moraes toda a obra literária de João de Minas⁴; e o falecido jornalista mineiro José Seixas Sobrinho, que obteve informações biográficas inéditas nos jornais da capital e interior do seu estado⁵.

Se todos esses "especialistas" se reunissem em um hipotético I Encontro sobre João de Minas, certamente uma das questões mais discutidas seria o sumiço das referências ao escritor do meio intelectual brasileiro. Para Aderbal Filho,

¹ FREIRE FILHO, 1999, p 212 e 213.

² CARNEIRO, 1992, p. 10.

³ RIBEIRO, 2004.

⁴ GIORDANO, 2005.

⁵ SEIXAS SOBRINHO, 1991, p. 8-9

A obscuridade de João de Minas é um fato impressionante. No mundo dos livros, ou seja, com a concretude do material impresso, e considerando o razoável renome que João de Minas provavelmente conquistou no seu tempo, a rapidez com que o nome desse autor caiu no esquecimento é difícil de entender⁶.

Caio Porfírio, após redescobrir a "dimensão artística de um escritor que sumira e tivera seus rastros apagados", comenta que João de Minas fora "sucesso absoluto de público na década de 30, como tantos outros escritores talentosos neste país desmemoriado"⁷. Rui Ribeiro acrescenta que "trata-se, portanto, de escritor desconhecido até por críticos e historiadores ilustres, apesar de ter publicado, entre 1929 e 1936, mais de uma dezena de livros disputados pelo público e editado aos milheiros"⁸. Por fim, Cláudio Giordano pontua:

Nossa memória histórico-cultural está repleta de "esquecimentos". As personagens que não se enquadram nas premissas de avaliação daqueles que estabelecem quem deve ou não figurar no quadro e compêndios da história pátria são sumariamente eliminados. Não importa a influência que tenham exercido na sociedade de seu tempo nem as obras que praticaram ou deixaram aos pósteros. Isso ocorre em especial no campo da literatura, sendo exemplo claro o do escritor João de Minas, pseudônimo de Ariosto Palombo, mineiro de Ouro Preto, que viveu de 1896 a 1984. Escreveu uma dezena de livros, cujas edições se esgotavam rapidamente e arrancaram elogios arrebatadores⁹.

Os questionamentos não são exagerados. Rui Ribeiro já notou que "por incompreensível omissão, os dados bibliográficos de João de Minas não constam dos dicionários sobre autores brasileiros. Da mesma forma, nos compêndios de estudos literários só há referências vagas à sua obra"¹⁰. Ao verificarmos a afirmação, constatamos que a mencionada omissão aparece em publicações cuja proposta seria cobrir o assunto, como os dicionários literários. Não há nada na enciclopédia dirigida por Afrânio Coutinho ou nos dicionários elaborados por Raimundo de Menezes e Massaud Moisés¹¹. O único dicionário onde o nome de João de Minas trata de escritores goianos, elaborado por Mário Ribeiro Martins¹². Se considerarmos as histórias da literatura brasileira, como a de Antônio Cândido e Aderaldo Castelo, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho ou Carlos Nejar, o silêncio se mantém¹³. A

⁶ FREIRE FILHO, 1999, p 214.

⁷ CARNEIRO, 1992, p. 10.

⁸ RIBEIRO, 2004.

⁹ GIORDANO, 2005.

¹⁰ RIBEIRO, 2004.

¹¹ COUTINHO, 2001; MENEZES, 1978; MOISÉS, 1999.

¹² MARTINS, 1999, pp. 45-46 (AG Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto).

¹³ CANDIDO, & CASTELO, 1997, v. 2.; BOSI, 1995; COUTINHO, 1986, v. 5 e 6; NEJAR, 2011.

exceção encontra-se nas "referências vagas" a dois livros de João de Minas em poucas linhas da monumental obra de Wilson Martins *História da Inteligência Brasileira*¹⁴.

Notamos também uma ausência absoluta de textos universitários, especialmente de crítica literária, sobre o escritor mineiro. Nada que informe se produz boa literatura, má literatura, se escreve mesmo literatura ou sublitteratura, as especificidades do estilo que usa, sua inserção na prosa brasileira etc. Os únicos textos acadêmicos que visam elucidar sua ficção são nossos estudos sobre seus temas e narrativas voltados para problemas históricos¹⁵.

É provável que esse “esquecimento” se deva ao fato de João de Minas ser considerado um dos mais controversos escritores brasileiros do século XX. Nascido filho de um italiano radicado em Ouro Preto, recebeu o nome Ariosto Palombo (1896-1984), mas ficou conhecido nas rodas sociais pelo pseudônimo adotado no rastro da popularidade de João do Rio. Quando a família se mudou para a nova capital mineira, ele passou a colaborar nas revistas ilustradas, em 1913, até conseguir um emprego no Diário Oficial, dois anos depois. Circulando pelas redações e bares, em especial o Bar do Ponto, era considerado uma das mais excêntricas e irreverentes figuras da boemia belorizontina nos anos 1910.

No início da década seguinte mudou-se para Uberaba, quando colocou seus talentos de jornalista e advogado sem diploma a serviço dos coronéis e políticos na região conhecida como Brasil Central¹⁶. Angariou clientela e hospedagem nas suas constantes viagens pela região, quando reuniu matéria sertanista que fez o sucesso dos seus livros de finais dos anos 20, coletâneas de artigos publicados na imprensa governista. O primeiro deles, um conjunto de contos sertanistas contra a Coluna Prestes lançado em 1929, foi elogiado pelos mais renomados escritores da Academia Brasileira de Letras, o que levou o nome João de Minas ao rol das revelações literárias do momento. Pela sua militância jornalística em prol de Washington Luís e da candidatura à presidência de Júlio Prestes contra Vargas, ganhou emprego na capital federal no ano de 1930.

Suas pretensões políticas, junto com livros no prelo, foram abortados com a deposição do presidente. Fugiu e, anos depois, ao se radicar em São Paulo, procurou se inserir na nova ordem, trabalhando para o governo federal revolucionário ou para a oposição paulista, conforme as oportunidades. A fugacidade dos projetos políticos levaram-no a optar pelo

¹⁴ MARTINS, 1978, v. 6, pp. 446, 485, 554, 556.

¹⁵ ALMEIDA, 2007, 2008, 2010 e 2011.

¹⁶ Isto é, o oeste de Minas Gerais e São Paulo, Goiás e Mato-Grosso, antes de serem desmembrados.

mercado de ficção massiva em expansão, focando seus esforços na conquista de um público popular a partir dos gêneros de sucesso como aventuras, policial e sentimental. Lançou uma série de romances permeados por uma virulenta, cômica e sarcástica crítica a uma sociedade representada como hipócrita e canalha, tema que, junto com cenas de sexo, arrepiou os brios conservadores. Reinventou sua faceta popular a partir de 1935 quando se transformou no chefe supremo de uma nova e eclética religião. Adotou o pseudônimo Mahatma Patiala e fundou a Igreja Brasileira Cristã Científica, que o ocupou pelas décadas subsequentes, talvez até a sua morte¹⁷.

Sua produção e atuação está intimamente colada aos eventos políticos, sociais e culturais, sendo por isso nada linear. Na juventude em Belo Horizonte, seu trabalho de repórter e tarefeiro oficial foi acompanhado pela direção temporária de Revistas Ilustradas e pela vida de boêmio inveterado. Entre os anos 1920 e 1930, o jornalista de legalismo extremado e militante não se separa do advogado, do viajante e aventureiro do sertão, nem do cronista da alta intelectualidade interessado no reconhecimento e apadrinhamento literário. Entre 1930 e 1937, a aberta ou velada oposição política a Vargas não impedem o rábula de assumir um cargo no governo em 1933, fundar uma empresa de publicidade e propaganda para veicular livros políticos comprometedores, atuar como colunista mundano nos jornais, despontar como escritor de romances "de massa" sertanistas ou urbanos. Mesmo quando se assumiu "profeta", reinventando várias vezes sua religião entre 1935 e 1969, não deixava de escrever crônicas para jornais do interior do país, fundar uma associação literária, promover políticos e "excomungar" os desafetos.

Na curta apresentação, percebemos guinadas na vida de Ariosto Palombo que foram consideradas oportunistas por explorar as expectativas alheias, fossem as necessidades de legitimação dos poderes constituídos da Primeira República, as modas literárias nos gêneros eruditos e populares, ou as crenças dos fiéis em busca de consolo ou sentido para a existência. Forneceram motivos para se acumularem à sua imagem a pecha de excêntrico, maluco, irreverente, jornalista venal e conservador, escritor sublitterato e pornográfico, vigarista, picareta, aos quais se acrescenta o cabotino e mitômano, temperamento inquieto e imaginação febril, externados através de uma exímia e convincente oratória ou talentosa prosa escrita. Por essas e outras, foi considerado a encarnação de tipos literários "sem caráter" por intelectuais e escritores, simpáticos ou não, como Paulo Duarte, Carlos Maul, Elder Rocha Lima, Bernardo

¹⁷ ALMEIDA, 2008, cap. 1. FREIRE FILHO, 1999, p. 211-266. JOSÉ, 1959-1964, p. 61-80. SEIXAS SOBRINHO, 1991, p. 8-9.

Elis Júnior, Antonio José de Moura, entre outros¹⁸. Caio Porfírio menciona que a inscrição de João de Minas foi recusada pela União Brasileira de Escritores porque Paulo Duarte "levou mais em conta as atitudes insólitas do escritor do que o valor de sua obra"¹⁹. O estigma permaneceu após sua morte.

O nome de João de Minas ressurgiu na cena cultural brasileira contemporânea pela iniciativa do próprio Aderbal Freire-Filho, fascinado pela ficção do escritor mineiro. Em 1990, encenou *A Mulher Carioca aos 22 Anos* no Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal e, em 1999, colaborou para sua reedição ao redigir um posfácio sobre vida e obra do autor. Em ambas as ocasiões saíram entrevistas de Aderbal, críticas à peça e artigos em torno desse romance. Veiculada em circuitos não acadêmicos como prefácios ou antologias, jornais, blogs e revistas, essa recuperação de João de Minas nos últimos vinte anos tem sido pontual, com clara finalidade de (re)apresentar a obra e o escritor mineiro ao grande público,.

Motivados pela peça, os textos de 1990 apresentam o desconhecido escritor ou fazem crítica teatral. Elaborados pelos “especialistas” mencionados acima, os relatos biográficos focam sua produção literária ao mencionar os dados editoriais e curtíssima sinopse do enredo, por vezes reproduzindo trechos de ou sobre João de Minas²⁰. Já as críticas teatrais apreciam a montagem de Aderbal, no seio da qual avaliam *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, tarefa facilitada porque o diretor transportou literalmente a narrativa para o palco, reproduzindo na íntegra as falas do narrador e das personagens.

Transparece nas críticas um estranhamento perante a prosa do ressurgido autor, oscilando entre genialidade literária e a vulgaridade subliterária: linguagem rica, de metáforas inusitadas; variadas e desordenadas tramas paralelas; romance de costumes com visão de mundo original, no qual tipos hipócritas e venais servem a uma impiedosa e divertida ironia contra todas as instituições sociais do país; abordagem escancarada e por vezes infantil da sexualidade; etc²¹. Direcionadas à peça de Aderbal, as poucas linhas sobre *A Mulher Carioca aos 22 Anos* têm caráter informativo, sem maiores esforços para situá-lo na literatura da época. No máximo, repetem a analogia do diretor de teatro cearense ao considerar João de Minas um inusitado precursor de Nelson Rodrigues.

¹⁸ LIMA, 2009. CARNEIRO, 2006. MOURA, 1988, pp. 210-250; MAUL, 1955, pp. 92-93.

¹⁹ CARNEIRO, 1992, p. 10.

²⁰ SEIXAS SOBRINHO, 1991, p. 8-9. E.F.R., 1990, p. 62-3 (os dados devem ter sido fornecidos por Aderbal Filho). CARNEIRO, 1992, p. 10.

²¹ LUIZ, 10/11/1990, p. 1; LUIZ, 13/11/1990, p. 6; VALE, 1991, p. 5-6; PEREIRA, 1991, p. 11; ELIODORA, 1990, p. 2.

Passado o deslumbre, no decorrer da década o próprio Aderbal foi aprofundando o questionamento sobre o significado da obra de João de Minas e sua relação com Nelson Rodrigues. O problema deixa de ser a gênese de um estilo pessoal, pois ambos tornam-se parte de uma concepção de mundo comum:

quando eu li *A Prostituta do Céu, A Mulher Carioca, Fêmeas e Santas* eu disse, é o NR [Nelson Rodrigues]. O passo seguinte, depois de achar que era o NR, foi achar que o NR começou como um plagiador do João de Minas, eu disse, ele tá plagiando o João de Minas, porque ele escreveu frases que o João de Minas escreveu, os personagens, os temas. E depois cheguei à conclusão de que o João de Minas e o NR são frutos de uma mesma época, de um mesmo pensamento, de um mesmo povo, de uma mesma cultura. Com a diferença que o NR é mais genial. O João de Minas misturava momentos de extrema genialidade com momentos de deliciosa subliteratura, e o NR já era mais depurado. (...) aí você começa a ver os romances que eram escritos, aqueles caras daquela época que tomavam o tema da liberdade sexual, da mulher na sociedade²².

Os artigos sobre João de Minas que saíram a partir de 1999 seguem a mesma linha. Abordam elogiosamente o livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, com percepções semelhantes às feitas pelos críticos de 1990. A novidade está no fato de João de Minas ser tratado ao lado de autores que, nessa década, também tiveram a obra relançada por pequenas editoras. Ao retratar satiricamente a vida mundana, a sexualidade e os vícios do Rio nos anos 30, ele aparece ao lado dos escritores cariocas da Belle Époque como João do Rio, Lima Barreto, Benjamin Costallat e Theo Filho, e de escritores malditos das décadas seguintes como João Antônio, Antonio Fraga, Rubem Fonseca e Nelson Rodrigues²³. Tais textos apostam no resgate de uma vertente literária cuja identidade repousaria na atuação dos escritores no jornalismo (reportagem), o que levou tanto à fidelidade a “certos temas, tipos e aspectos da paisagem popular, e até marginal, do Rio e de São Paulo, em épocas diversas”, bem como a uma predileção pelo escândalo, em escritos destinados a consumo rápido.²⁴

Alguns desses textos jornalísticos de finais dos anos 1990 apresentam explicações para o ostracismo desse conjunto de autores, sobretudo os da *Belle Époque*, entre os quais João de Minas é incluído. Para a jornalista Maria Cristina Elias, apesar do sucesso editorial, a ficção

²² Fala de Aderbal Freire-Filho em Nelson Rodrigues, um debate entre diretores. *Caderno de Espetáculo*, 1995, p. 56. Aderbal levanta a hipótese externa: “(...) um pouco tocados talvez pelo ponto de vista do que eles tavam vendo de fora. Até por uns autores menores, como Pitigrili, que devia influenciar a eles todos. Meu pai era um leitor de Pitigrili, adorava, os pais das pessoas da minha geração. Era um pecado ler Pitigrili”.

²³ CASTRO, 1999, p. D9; GRAIEB, 1999, p. 150-151; ELIAS, 2000, pp. 26-29; MOREIRA, 1999, pp. 34-36; NEIVA, 1999, pp. 100-101. Alguns textos sugerem raízes longínquas do estilo voltado à denúncia ferina dos costumes sociais em Gregório de Matos, Antonio Manuel de Almeida e Aloísio Azevedo.

²⁴ CASTRO, 1999, p. D9; GRAIEB, 1999, p. 150-151; ELIAS, 2000, pp. 26-29; MOREIRA, 1999, pp. 34-36. A citação é deste último texto.

de João de Minas e Benjamin Costallat estaria limitada ao plano dos costumes escandalosos como sexo, drogas, vestuário etc, além do humor. Seu sucesso teria sido efêmero, durando enquanto sua literatura escandalosa tivesse permanecido novidade, caindo no esquecimento quando a sociedade se transformou. Não teriam "perdurado como os escritores modernistas - cujo ideal de revolução estética atingia não apenas o conteúdo, mas também (e sobretudo) a forma literária"²⁵. O artigo de Carlos Graieb é norteador pela mesma pergunta:

por que autores tão famosos acabaram sumindo do mapa? Em parte, a culpa foi deles próprios. Fizeram literatura de escândalo e livros de consumo rápido. Às vezes, até se exercitaram nos gêneros "menores", como João de Minas, que apostou no policial. Por esses mesmos motivos, atraíram a antipatia dos modernistas, seus contemporâneos. Essa é a segunda causa do esquecimento. A grande ficção brasileira deste século, aquela que de fato entrou para o cânone literário, foi feita por modernistas paulistanos como Mário e Oswald de Andrade, nos anos 20, ou então pelos regionalistas nordestinos, a partir dos anos 30. A crítica passou a borracha sobre a memória daqueles que não se enquadraram.²⁶

A explicação esboçada por Maria Cristina ecoa duas interpretações consolidadas nos anos 1950 e 60. A primeira aponta o caráter datado do referido estilo, relacionando-o ao ambiente carioca representado. Brito Broca escreve:

Lê-se uma crônica de Costallat e vê-se que a sua 'linguagem', no sentido afetivo da palavra, já não é a dos nossos dias. Por quê? Porque o êxito desse escritor, como o de Théo Filho e outros, se fez integrado numa 'paisagem' que não mais existe. O Rio mudou radicalmente de trinta anos para cá – o Rio, São Paulo, a própria vida do interior. (...) Muitos deles perderam a graça, porque a sua graça estava ligada às mesas de café, às reuniões vesperais à porta do Alvear e às remanescências de boêmia da Lapa. A incapacidade de readaptar-se levou-os a um progressivo afastamento, que acabou por torná-los deslocados no ambiente literário e, conseqüentemente, fora de foco: *demodés*.²⁷

A outra interpretação fornece argumentos semelhantes. Ao traçar um panorama para estrangeiros da literatura produzida no país entre os anos 1900 e 1945, Antônio Cândido procurou caracterizar rapidamente a vertente da ficção urbana entre 1900 e 1922. Ao lado da

²⁵ ELIAS, 2000, p. 29.

²⁶ GRAIEB, 1999, p. 151. E faz a crítica do ostracismo: "De fato, comparados aos experimentos de um *Macunaíma*, os livros de um Costallat têm apenas um esmalte de modernidade. Mas isso não justifica o ostracismo. Primeiro, porque os romances desse autor, assim como os de Théo Filho ou João de Minas, são como um elo perdido na ficção urbana brasileira. Quem lê hoje em dia os livros de Rubem Fonseca não vai encontrar seus antecedentes em *Macunaíma*, mas talvez os encontre em *Praia de Ipanema*. Segundo, porque ninguém fez ainda um bom estudo que relacionasse a ficção popular das décadas de 20 e 30 aos textos mais eruditos (...) Finalmente, um argumento que interessa ao leitor comum. Livros como *A Mulher Carioca aos 22 Anos* são divertidos à beça, além de evocarem à perfeição épocas passadas. É bom que estejam novamente disponíveis."

²⁷ BROCA, 1991, p. 342, grifo do autor.

"artificialidade" do regionalismo, a frivolidade do gênero naturalista que permaneceu constituiria um dos motivos para a ruptura renovadora da Semana de 1922, considerada momento fundador da ficção brasileira contemporânea. Sobre a literatura de "permanência", um decalque do naturalismo, Cândido afirma que

o produto típico do momento é o romance ameno, picante, feito com alma de cronista social para distrair e embalar o leitor. Forma-se pela confluência do que há de mais superficial em Machado de Assis, da ironia amena de Anatole France e dos romances franceses do Pós-naturalismo, sentenciosos, repassados de sexualismo frívolo: Paul Bourget, Abel Hermant. Afrânio Peixoto é o representante padrão desta tríplice tendência, enquanto Léo Vaz se atem aos aspectos mais puramente machadianos. Veiga Miranda, Hilário Tácito, Théo Filho, Benjamin Costallat são exemplos, em escala decrescente, do pendor cada vez mais acentuado para a leviandade do tema sexual-humorístico²⁸.

A reprodução nos meios intelectuais de tais afirmações datadas contribuíram para congelar as obras e trajetórias desses escritores. O texto de Cândido congela-os num momento anterior ao Modernismo de 1922, enquanto Brito Broca a uma imagem do Rio de Janeiro cosmopolita. Um dos problemas de concepções lineares de literatura para uma abordagem histórica é não considerar as implicações da permanência dos gêneros ficcionais e autores na sociedade, como observou Cláudio Giordano. O trecho de Antonio Cândido cria o efeito de transformar uma vertente ficcional anterior e paralela à vanguarda modernista numa estética passada, superada, desconsiderando a vigência do gênero sexual-humorístico, que teve em João do Rio um importante modelo. Permaneceram atuando na década de 1920, entre outros, Benjamin Costallat, Theo Filho, Álvaro Moreira e José do Patrocínio Filho²⁹. Como indica Brito Broca no texto citado, parece que Benjamin Costallat teve leitores até os anos 50 e 60, apesar de o crítico considerá-lo fora de moda. Além de João de Minas, a vertente sofreu apropriações nos anos 30 por Berilo Neves, outro jornalista atuante na imprensa do Rio de Janeiro que valeu-se do gênero sexual-humorístico, misturando-o ao sobrenatural e à ficção científica em livros de crônicas e contos constantemente reeditados mas hoje esquecidos como *A Costela de Adão* (1929), *A Mulher e o Diabo* (1931) ou *Século XXI* (1934).

²⁸ CÂNDIDO, 2006, p. 120-121. Noutra obra de divulgação, mais atual, o autor mantém a perspectiva, mas cita apenas Afrânio Peixoto. Ver CÂNDIDO, 1999 (1987), p. 66-8.

²⁹ Ver BROCA, 1991 e 1993; RODRIGUES, 2006, p. xii. O juízo de João Carlos Rodrigues é bem negativo aos seguidores de João do Rio: "Essa pecha cai bem melhor nos seus seguidores nesse gênero. Benjamin Costallat, Patrocínio Filho, Madame Chrysanthème (Cecília Bandeira de Mello), Théo Filho (Teotônio Freire), Sylvio Floreal (Domingos Alexandre) e João de Minas (Ariosto Palombo), são interessantes, mas sem densidade, além trocarem a ironia cosmopolita do nosso João por um moralismo de província."

O texto de Carlos Graieb parece mais sintonizado com as recentes tentativas acadêmicas de recuperar esses escritores³⁰ e colocar em evidência a construção da interpretação canônica inspirada no modernismo paulista. A perspectiva de seu trecho foi extraída de Beatriz Resende que, em apresentações de dois livros com textos desses escritores, denuncia a exclusão do que ela denomina literatura *art-decô*, "escrita no período de 1920 e 1935, quando a arquitetura dos cinemas e prédios de Copacabana, o mobiliário e a moda exibem um estilo importado de Paris e Nova York: o das artes decorativas". O estilo *art-decô* seria responsável por formar um gosto

que começa a se manifestar no final do século anterior e que se torna mais forte quando o supérfluo, o consumo e a liberdade de comportamento vão se incorporando ao cotidiano de nossas elites urbanas. O *design*, a aparência, deve importar tanto quanto a função da mercadoria. Os vestidos curtos, os ternos ajustados, as piteiras e, se possível, as baratinhas em velocidade, incorporam-se à personalidade dos personagens que circulam pelos *boulevards*. Entre essas volúpias do luxo estavam o gosto pelo uso de drogas capazes de exaltar os sentidos, abrir caminhos para novos prazeres, tornar seus adeptos mais inteligentes, mais sensíveis e, sobretudo, mais modernos.³¹

Expressão de uma modernidade antenada com as metrópoles mundiais desde finais do XIX, os arroubos temáticos desses escritores foram vítimas da censura policial, como o romance *Mademoiselle Cinema* de Benjamin Costallat. Todavia, Beatriz Resende aponta outra "expressão de conservadorismo" mais nociva e efetiva, os formadores do cânone literário:

Moralistas ou elitistas, desprezando a literatura que faz sucesso (e como este *parti pris* de desconfiar do valor daquilo que agrada ao público tem feito mal à crítica, atingindo até mesmo nosso grande Jorge Amado), os zeladores do cânone leram Costallat (...) mas preferiram a defesa dos limites nítidos, tão ao agrado dos críticos modernistas, entre cultura de massa e cultura de elite. Dos milhares de volumes vendidos, quase nenhum restou, nem mesmo nas bibliotecas oficiais. A memória da cidade conservou a imagem de Benjamin Costallat, a cultura oficial o subestimou.³²

³⁰ O texto de Eliezer Moreira, *Nossos Rebeldes e Malditos*, também segue a perspectiva sobre esses escritores, valendo-se de um estudo de Maria Célia Barbosa Reis da Silva sobre Antonio Fraga. Além de a perspectiva ser semelhante à desenvolvida a seguir, não tivemos acesso à tese de Maria Célia, um doutorado defendido na PUC Rio: *Antônio Fraga: personagem de si próprio*. Rio de Janeiro: PUC, 1998. (Tese de Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa).

³¹ RESENDE, 2006, p. 18.

³² RESENDE, 1999, p. 24

Beatriz Resende estende estas afirmações não só "autor que foi tão desprezado pelo cânone quanto Costallat, o hoje festejado e de volta aos estudos literários João de Minas"³³, mas a todos os autores ligados a essa vertente estética:

A segunda [forma de exclusão], responsável pela eliminação de vários dos autores aqui apresentados de nosso cânone literário, diz respeito à recusa imposta pela força do nosso movimento modernista entre nós a autores que não se enquadrassem perfeitamente em suas propostas, não fizessem parte do clã. O sucesso do ideário e da estética modernista, sobretudo a partir dos anos 1930, implicou na desqualificação das propostas artísticas do momento que lhe foi imediatamente anterior, forte principalmente no Rio de Janeiro.³⁴

Resende aponta a distinção entre escritores atuantes em gêneros literários orientados à cultura de massa e os escritores eruditos, os "modernistas", que teriam feito "o cânone" literário nacional, "a grande ficção brasileira". Aqui, o critério para compor a memória ou história cultural da ficção brasileira tem uma cara, a crítica seria inspirada no modernismo. A explicação enfoca as contendas sobre a definição de literatura brasileira nos anos 1920 e 30. Mas, talvez por falta de espaço nos prefácios das coletâneas e reedições, não menciona quem é a crítica, o seu teor e como incide sobre os autores marginalizados. Provavelmente Beatriz Resende se dirija, implicitamente, à interpretação feita por Antonio Cândido, citada acima.

Alguns estudos se dedicaram mais de perto a esmiuçar a construção de uma interpretação da cultura no Brasil a partir do modernismo. Em seu sentido mais simples, o de narrativa, o "mito modernista" tem a seguinte estrutura:

1922 funciona como data de eclosão da brasilidade até então reprimida, ou então da súbita entrada do Brasil na modernidade, eclosão que seria complementada, politicamente, em 1930, com a revolução. Esses acontecimentos, erigidos como marcos da memória, têm seus heróis (sobretudo Mário e Oswald de Andrade) e seus anti-heróis, ou suas paródias demoníacas (o grupo verde-amarelo de Menotti, ou Graça Aranha, ou o Parnasianismo). Traça-se dessa forma um *verdadeiro* sentido para a literatura brasileira, com a exorcização do mal (o autoritarismo) que seria apenas um caminho *falso*, um desvio. Que isto venha acompanhado de qualificações e desqualificações morais (o virtuoso Mário de Andrade vs o oportunista Menotti Del Picchia), eis o que, embora devendo nos surpreender, não surpreende. Há ainda outros elementos que perfazem o mito, como por exemplo a imagem da platéia no Teatro Municipal

³³ RESENDE, 1999, p. 24. Talvez Beatriz Resende tenha confundido retorno aos estudos literários com retorno aos meios editoriais pois, até o momento, não encontramos estudos literários sobre João de Minas.

³⁴ RESENDE, 2006, p. 17-18. Os autores que fazem parte da coletânea são Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto, Benjamin Costallat, Chrysanthème, Orestes Barbosa, Coelho Neto, José do Patrocínio Filho, Álvaro Moreyra, Sinhô, Ribeiro Couto, Théo Filho, Manuel Bandeira, Patrícia Galvão e João de Minas. Joca Terron, em uma resenha, ressalta o critério da organizadora: "No meu modo de ver, portanto, a não-inclusão de uma carta de Mário de Andrade relatando suas experiências com cocaína no Carnaval de 1923 a Pedro Nava (lamentada por Beatriz Resende no prefácio) apenas fortalece o recorte estético da seleção". TERRON, 2006.

humilhando e martirizando os jovens poetas, sinceros e aventureiros, numa 'consagração pela vaia'. Sendo a brasilidade o objeto em disputa, entre seus supostos libertadores e os vilões nigromantes que a faziam soçobrar no galicismo³⁵.

Daniel Faria entende que um segundo sentido se sobrepõe a este, transformando a narrativa mítica numa matriz geradora de identidades, despolitizando e naturalizando a história literária nacional ao desconsiderar as divisões internas ao movimento após 1924³⁶ e impor sua interpretação a autores e obras que nada têm a ver com o movimento – denominados antecessores pré-modernistas ou modernistas da 1a, 2a, 3a geração etc.³⁷. Nessa acepção, a narrativa é encontrada em vários manuais de literatura, textos de apresentação que circulam pela mídia, matriz interpretativa de inúmeras teses, dissertações e livros, alvo de extensa comemoração (90 anos) no momento de redação deste texto. 1922 tornou-se o marco fundador para uma leitura dos movimentos posteriores que se inspiravam no ideal das vanguardas, como o concretismo (1956), o tropicalismo (1968), ou na antropofagia, como o movimento Supernova, de 1988, com seu “Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira”, escrito por Ivan Carlos Regina³⁸. Mais recentemente (2007), uma apropriação direta ocorreu na Semana de Arte Moderna da Periferia, realizado em um boteco da zona sul de São Paulo, local de encontro do sarau da Cooperifa, com direito a cartaz, foto dos organizadores e “Manifesto da Antropofagia Periférica”, de autoria do poeta Sérgio Vaz³⁹.

Ao lado das apropriações criativas e rememorações, uma crescente historiografia recupera o que o viés triunfalista deixou de fora sobre o próprio movimento, como o fato de o evento fazer parte da programação oficial do governo de São Paulo em comemoração ao centenário da Independência, ou Graça Aranha ser nomeado padrinho do evento por Paulo Prado pelos seus esforços diplomáticos para liberação do café retido na Alemanha durante a Guerra Mundial⁴⁰, ou ainda a Semana de 22 ter sido pretexto para o diplomata ver sua amante em São Paulo. Logo, “ao contrário de sua propalada independência e engajamento, a primeira geração de modernistas dependeu de um entramado círculo de concessões, mecenas, comprometimentos e favores da requintada elite paulista”⁴¹. Os aspectos obscuros das

³⁵ FARIA, 2008, p. 231, grifo do autor.

³⁶ Ver MORAIS, 1988, pp. 220-238.

³⁷ FARIA, 2008, p. 232.

³⁸ REGINA, 2012.

³⁹ Sobre este evento, veja os artigos de REZENDE, 2007; BRUM, 2007.

⁴⁰ SEVCENKO, 1992, p. 236.

⁴¹ SALIBA, 2009, p. 241.

personagens centrais da narrativa, como o fato de Oswald (nos anos 1910) ter usado argumentos em prol da gramática portuguesa contra Juó Bananere ou ter escrito uma peça de teatro em francês com Guilherme de Almeida⁴², bem como matizes autoritários das propostas vanguardistas, sobretudo na construção de uma noção de brasilidade⁴³, também foram colocadas em relevo⁴⁴.

Nesse movimento crítico, alguns trabalhos apontam a sucessão de releituras do evento de 22 que levaram à sua transformação em símbolo da fundação de uma nova cultura no país. Um marco inicial foi a palestra de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras em 1924, seguido pela associação de 22 como precursora da revolução política de 30 e do Estado Novo, elaborada durante os governos Vargas por intelectuais como Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e Rosário Fusco⁴⁵. A perspectiva se consolida nos anos 50 com a hegemonia cultural alcançada pelos remanescentes do modernismo ao lado dos críticos do grupo Clima, formados pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo⁴⁶.

Os olhares também têm se voltado para recuperação de modernismos em autores que ficaram de fora desse modelo interpretativo. Em alguns trabalhos, a ênfase recai sobre grupos contemporâneos ou posteriores aos paulistas, atuantes em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Nordeste etc, com leituras específicas sobre as vanguardas, a arte ou a sociedade brasileira⁴⁷. Em outros, há um recuo do marco periodizador da modernidade no Brasil de 1922 para 1870 ou 1889, considerando a especificidade de escritores antes chamados “pré-modernistas”, os quais, mesmo tomando a Europa ou Estados Unidos como referência, expressavam em sua escrita as relações tensas com as novas tecnologias, mudanças ou permanências políticas e representações sobre as populações e espaços interioranos⁴⁸. Buscando escapar da referência ao marco semanista, estes escritores receberam denominações como “art-nouveau”, “anatolianos”, “antigos modernistas” etc.⁴⁹.

⁴² SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.199 e ss.

⁴³ MICELI, 2001 (1979), cap. 1 e 3; SEVCENKO, 1992, cap. 4; HARDMANN, 2000, pp. 317-332; FERREIRA, 2002, cap. 4; FARIA, 2008.

⁴⁴ Rápidos panoramas da historiografia sobre o modernismo, com referências a muitos outros trabalhos, podem ser visto em: FARIA, 2008, prólogo; VELLOSO, 2010, pp. 22-29.

⁴⁵ FARIA, 2008, cap. 9.

⁴⁶ PONTES, 1998, pp. 34 e. ss. Desdobramentos posteriores podem ser vistos em SANTIAGO, 1995. p. 94-139; SANTIAGO, 1989, pp. 75-93.

⁴⁷ GOMES, 1999; VELLOSO, 1996; BOMENY, 1994.

⁴⁸ MACHADO NETO, 1973; SEVCENKO, 2003; SUSSEKIND, 1987; MURARI, 2009. *Os escritores da Academia Brasileira de Letras foram estudados em EL FAR, 2000; RODRIGUES, 2003.*

⁴⁹ MICELI, 2001 (1977), pp. 13-68; HARDMAN, 1998, pp. 289-305; PAES, 1985, p. 64-80.

Ao lado dessas abordagens, um conjunto de trabalhos foca a análise em gêneros e escritores marginalizados, considerados subliteratura. Geralmente rompendo com a periodização canônica, procuram perceber a constituição de formas de representação com critérios de construção e especificidades próprias, não redutíveis aos esquemas das vanguardas, o que não significa um uso menos criativo da linguagem verbal ou da narrativa.

No início dos anos 1980, marcado por uma perspectiva de análise cultural das classes sociais, Francisco Foot Hardman ressaltou a parca crítica sobre a literatura anarquista do início do século XX, cujos temas, apesar de preteridos pelo discurso dominante de uma época de marcado ufanismo, retornaram na literatura social dos anos 1930. Hardmann investigou nas três primeiras décadas do XX a presença da produção cultural libertária no cenário social brasileiro mais amplo, considerando as obras de escritores anarquistas diretamente comprometidos com o operariado como as de intelectuais de origem pequeno burguesa produtores de discursos anarquizantes, que também terminavam por romper com cânones bacharelescos e adotar uma perspectiva das baixas classes sociais⁵⁰.

O humor em São Paulo e Rio de Janeiro, desde meados do XIX até os primeiros tempos do rádio nos anos 1940, foi objeto de estudo empreendido por Elias Thomé Saliba. Engastadas nas brechas da alta cultura escrita e nos circuitos da oralidade, esta “epifania da emoção” provocadora de riso foi uma forma de representação do Brasil bastante difundida na sociedade (como mostra a variedade de fontes pesquisadas pelo autor), mobilizada para lidar com processos políticos, sociais e culturais contraditórios que marcaram a vida brasileira no período da *Belle Époque* e nos primeiros anos do rádio. Por conta de seu caráter anárquico, fugaz e não programático, que dificultava enquadramentos em grandes narrativas, tal produção também foi marginalizada pela historiografia literária, sendo até hoje difícil encontrar informações sobre muitos humoristas do período⁵¹.

A literatura fantástica nacional, vertente ficcional tão marginalizada quanto as anteriores⁵², foi estudada por Roberto Causo. O autor considera a ficção científica, horror e fantasia como gêneros de uma tradição diferenciada a qual, bebendo em inúmeras e diversificadas fontes, realiza-se “como um corpo multifacetado de possibilidades ficcionais, existindo em interação com o *mainstream* literário, mas não numa chave de inferioridade artística”. Então, deve ser compreendida, ao lado da produção realista desenvolvida pelo

⁵⁰ HARDMAN, 1983, cap. 3.

⁵¹ SALIBA, 2002.

⁵² Sobre a marginalização da ficção científica pela crítica, ver. PEREIRA, 2005.

cânone ocidental, como outra “solução do engenho humano na busca de um entendimento aberto e multifacetado da realidade”. Nessa perspectiva, o autor faz um panorama do gênero no Brasil entre 1875 e 1950, recuperando autores e livros pouco estudados, num diálogo com a produção estrangeira⁵³.

Por outra via, Marlyse Meyer contribuiu para o estudo da ficção voltada ao grande público ao considerar o romance-folhetim um gênero com parâmetros particulares, não redutíveis à alta literatura. Dedicando uma parte de seu estudo ao Brasil, mostrou como, a despeito das transformações sociais e culturais, o gênero polédrico de “turvos deleites” perdurou no Brasil até meados do século XX em jornais, revistas e livros, seja pela produção local ou publicação de traduções dos autores estrangeiros. Caindo nas graças de um amplo público e apreciado por vários tipos de leitores, inclusive escritores consagrados, o folhetim ganhou outras mídias, atualmente fazendo sucesso nas telenovelas⁵⁴.

Próximo desse gênero, mas voltados para o público masculino, estão os romances populares cariocas de altas vendas no final do século XIX e início do XX estudados por Alessandra El Far⁵⁵. Além de considerar o mundo editorial em torno desses livros, trabalhou a estrutura e os temas de dois gêneros: os romances de sensação, em torno de dramas e acontecimentos excepcionais de bastante emoção, e os romances para homens, cujas narrativas envolviam sexo. A autora mostra como a tradição desses romances populares se estendeu aos anos 1920, analisando um romance de um dos mais vendidos autores da década, *Madeimoselle Cinema* de Benjamin Costallat.

Por outro caminho, vários trabalhos enfocam os gêneros jornalísticos (reportagem, *fait divers*, crônica etc.), mostrando as mutações ocorridas na cultura com a industrialização e difusão do jornal leve e barato, que tomaram forma no final do XIX⁵⁶. Alguns enfocam a estreita relação e mútuas influências, nessa época, entre a literatura e o jornalismo, que se vale de processos ficcionais para construção de notícias e reportagens, bem como a sobrevivência do jornalismo literário após a adoção do padrão “objetivista” estadunidense nos anos 1950⁵⁷. Também partem de um recorte que mistura gênero e suporte os estudos sobre o moderno que têm como objeto as revistas ilustradas⁵⁸.

⁵³ CAUSO, 2003, p. 45 e 50.

⁵⁴ MEYER, 1996.

⁵⁵ EL FAR, 2004.

⁵⁶ LUCA, & MARTINS, 2008; SODRÉ, 1966. Um estudo específico sobre a imprensa irreverente paulistana pode ser visto em: JANOVITCH, 2006.

⁵⁷ BARBOSA, 2007; BULHÕES, 2007; COSTA, 2005.

⁵⁸ MARTINS, 2008; LUCA, 1999; OLIVEIRA, VELLOSO, LINS, 2010.

A preocupação em questionar as categorias de legitimidade cultural e investigar as mediações e diálogos entre as formas eruditas, populares e massivas nos livros, revistas ou jornais possibilitou uma reabilitação acadêmica de escritores considerados menores. Suas obras trazem elementos tanto para compreender a formação de gêneros presentes na atualidade, a exemplo da motivação de Aderbal pela genealogia do estilo de Nelson Rodrigues, como são vias não exploradas para se entender os dilemas da modernidade em um período, semelhante ao nosso, no qual intensas transformações tecnológicas impactaram conteúdos e multiplicaram as formas de produzir e fruir narrativas escritas, criando novas formas culturais. Daí o interesse em João do Rio, Benjamin Costallat, Theo Filho, Hilário Tácito, Mendes Fradique, Bastos Tigre, Aparício Torelly, entre tantos outros.

Esses questionamentos vão ao encontro das preocupações do sociólogo Pierre Bourdieu nos seus estudos sobre os fundamentos sociais da criação cultural. Para ele, uma “ciência das obras” deveria ser feita em uma dupla perspectiva: a da produção material e simbólica da obra, e da produção do seu valor social. A compreensão de tais produções não deveria ser buscada exclusivamente em suas propriedades internas, na vida do autor ou no espaço social e econômico, mas é uma produção coletiva realizada em um espaço específico denominado “campo”⁵⁹. O campo é entendido como uma rede de relações objetivas entre posições (como um gênero, uma revista, um agrupamento literário etc)⁶⁰ situadas no interior de fronteiras definidas por regras próprias de funcionamento⁶¹. Tais regras são assumidas como crença pelos agentes que adentram no “jogo”, ocupando ou constituindo posições através de suas produções ou intervenções (as “tomadas de posição”), podendo auferir de seu investimento lucros simbólicos e/ou econômicos a depender da posição que ocupe⁶². No caso específico do jogo literário, este envolve a produção simbólica (textos) e material (livros, jornais, revistas etc.) de artefatos culturais segundo convenções (gêneros) visando a fruição. Além dos autores, compõem um campo literário outros produtores da obra como editores e tipógrafos ligados ao mundo do livro, os agentes envolvidos com a circulação como distribuidores e livreiros, os consumidores e aqueles setores especializados nas opiniões como

⁵⁹ “o produtor do *valor da obra de arte* não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como *fetich* ao produzir a crença no poder criador do artista”. BOURDIEU, 1996, p. 259.

⁶⁰ BOURDIEU, 1996, p. 261. Sobre a construção do conceito pelo autor em diferentes momentos de sua obra, ver p. 208-210, e p. 403, nota 17 (textos sobre campo literário).

⁶¹ BOURDIEU, 1996, p. 256.

⁶² BOURDIEU, 1996, p. 258 e ss.

os críticos, os quais podem consagrar escritores perante o público e/ou os próprios pares, e, por fim, os responsáveis por difundir a literatura na sociedade, a família ou a escola.

As relações em um campo são historicamente variáveis tanto em sua estrutura quanto nas posições ocupadas pelos agentes, pois o campo caracteriza-se por ser um espaço social de conflitos intrínsecos, com lutas em torno do valor e da hierarquização das posições e das obras, em cada uma das esferas de produção e consumo mencionadas. No caso específico do campo literário, em função de sua baixa codificação jurídica (ausência de lei ou documento atribuindo quem deve ou não deve ser escritor), frequentes lutas internas também ocorrem em torno da legitimidade literária, isto é, em torno do monopólio de dizer o que é uma obra ou quem é escritor, e quem tem o poder para defini-lo⁶³. Logo, todo o campo literário participa, de maneiras distintas, do conflito em torno da produção e reprodução desses valores, hierarquias e critérios de classificação: escritores individuais ou agrupamentos, editores, livreiros, críticos, agentes do Estado ligados à cultura, o público, instituições literárias (academias, universidades), escolas (aulas de literatura)⁶⁴.

Na produção cultural e nas lutas pelo valor das produções culturais, estabelece-se relações com outros campos ou espaços sociais, como o campo intelectual mais amplo, o campo do poder ou campo econômico, cujos capitais podem auxiliar os indivíduos na luta interna ao campo literário e até mesmo orientar os critérios de definição das obras legítimas. A relação entre essas forças são socialmente determinadas e podem ser historicamente reconstituídas, a exemplo do que faz o próprio Bourdieu ao traçar o processo de autonomização do campo literário francês no século XIX, relacionando a invenção da posição de "artista puro" por Flaubert à sua posição sócio-econômica (viver de renda) e suas posições no interior do campo, ao forjar uma alternativa à arte comercial e à social⁶⁵. A partir daí, o campo literário francês passa a ser atravessado por dois princípios conflitantes, um que prioriza a hierarquização interna ao campo (autonomia), com uma avaliação das obras baseadas em critérios estritamente estéticos, e outro (heteronomia) focado em critérios de outros campos, como a vendagem ou ideologia da obra⁶⁶.

⁶³ "uma das apostas centrais das rivalidades literárias (etc.) é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, entre outras coisas, o monopólio do poder de dizer com autoridade quem está autorizado a dizer-se escritor (etc.) ou mesmo a dizer quem é escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor" BOURDIEU, 1996, p. 253.

⁶⁴ BOURDIEU, 1996, p. 259.

⁶⁵ BOURDIEU, 1996, parte I.

⁶⁶ BOURDIEU, 1996, p. 244-252, .

O exemplo de Flaubert mostra outra mediação entre a posição do escritor e o trabalho empreendido nas "tomadas de posição": o espaço dos possíveis, que é "um conjunto de *sujeições* prováveis que são a condição e a contrapartida de um conjunto circunscrito de *usos possíveis*"⁶⁷, por exemplo, coisas "a fazer", movimentos "a lançar", revistas a criar, adversários a combater, tomadas de posição estabelecidas a superar etc. Também partilhado pelo público, esse espaço de possibilidades define-se em função da história e das problemáticas do campo literário em um determinado momento, colocadas pelo interesse de um grupo ou no conflito entre eles. O espaço dos possíveis aparece à percepção dos indivíduos sob a forma de alternativas práticas entre projetos concorrentes e mais ou menos incompatíveis⁶⁸, um dos quais o escritor pode tomar como seu, passível de ser realizado por ele próprio, como a construção e defesa de uma "arte pura" por Flaubert. Dessa forma, apesar de conceber posições, problemas e campo de possibilidades relativamente independente dos agentes, é somente a sua atuação que realiza ou não essas possibilidades: o jogo que fundamenta o campo é "transcendente a cada um porque imanente a todos"⁶⁹.

Essa imanência está relacionada a outra mediação entre posições e obras: o *habitus*, ou seja, as disposições que o escritor traz para o campo, constituídas por esquemas de percepção e valores construídos desde o nascimento em sua trajetória por diferentes espaços sociais⁷⁰. Em crítica à ideia de influência direta da origem social sobre uma obra, Bourdieu enfatiza o papel de refração do campo (com seus esquemas perceptivos, critérios, problemas e possíveis), pois "as mesmas disposições podem conduzir, assim, a tomadas de posição estéticas ou políticas muito diferentes segundo o estado do campo com relação ao qual tem de determinar-se"⁷¹. Por tal motivo, o sociólogo francês concebe a trajetória individual e sua escrita biográfica não como uma linha contínua de acontecimentos sucessivos e autosuficientes ligadas a um nome, mas como uma série de posições ocupadas por um agente em espaços sociais diversos, logo definidas em relação a esses espaços, mas portando incertezas, indeterminações e descontinuidades⁷².

⁶⁷ BOURDIEU, 1996, p. 266, grifos do autor.

⁶⁸ BOURDIEU, 1996, p. 266 e 270.

⁶⁹ BOURDIEU, 1996, p. 305.

⁷⁰ Bourdieu denomina *habitus* o sistema estruturado de disposições. BOURDIEU, 1996, p. 299.

⁷¹ O autor exemplifica: "que teriam podido ser os Barcos, Flaubert ou Zola se houvessem encontrado em outro estado do campo uma oportunidade diferente de desenvolver suas disposições." BOURDIEU, 1996, p. 265.

⁷² BOURDIEU, 1996, p. 292 e ss. Sobre esse assunto, ver também BOURDIEU, 1998 (1986) pp. 183-191.

Bourdieu buscou dar conta dos fundamentos sociais da produção cultural em diversos campos, entre os quais o literário. O contexto privilegiado das suas análises sociológicas foi a França dos séculos XIX e XX, cujos resultados foram sendo sistematizados em uma teoria elaborada entre os anos 1960 e sua morte em 2002. Nesse período, estabeleceu intenso diálogo interdisciplinar, inclusive com a História, à qual deu mais atenção a partir de 1980 e, com isso, ela ganhou um peso maior em seus livros, como *As Regras da Arte*⁷³, do qual extraímos as considerações acima. Por outro lado, o trabalho conjunto com Bourdieu e a leitura de suas obras abriram perspectivas de estudo entre os historiadores. Como comenta Peter Burke, junto com Bakhtin, Foucault e Norbert Elias, Bourdieu foi um dos quatro teóricos inspiradores da Nova História Cultural, corrente historiográfica bastante difundida no mundo desde o final dos anos 1980 em função de sua proposta de reflexão sobre práticas e representações. Apesar das críticas de reducionismo, determinismo e caráter abstrato dos conceitos, as análises de Bourdieu sobre o estilo de vida burguês e de distinção atraíram muitos pesquisadores. Burke considera que seus conceitos e sua teoria podem ser férteis por obrigar os historiadores a examinar sua suposição sobre tradição e mudança cultural⁷⁴.

Roger Chartier também refletiu⁷⁵ sobre as utilizações férteis que a teoria de Bourdieu pode propiciar aos historiadores, partindo de uma posição de quem não só trabalhou como dialogou com o sociólogo francês em diversos momentos⁷⁶. A partir de uma leitura de *As Regras da Arte*, Chartier propôs uma reflexão sobre o papel de Bourdieu para sublinhar uma dimensão histórica fundamental das ciências humanas e para transformar a prática dos historiadores culturais, fazendo uma revista sobre seus principais conceitos e contribuições⁷⁷. Aponta a fertilidade de sua teoria, sublinhando que

o mais importante é trabalhar com Bourdieu, quer dizer, é utilizá-lo para temas que não pode abordar, para períodos que não foram historicamente os mais importantes para ele. Trabalhar com seus conceitos, mas ir além, trabalhar com as suas perspectivas, com a ideia de um pensamento relacional e a repulsa à projeção universal de categorias historicamente definidas⁷⁸.

⁷³ Intervenção de José Sérgio Leite Lopes no debate com Roger Chartier. CHARTIER, 2011, p. 107-112. O debate saiu originalmente na revista *Topoi*, Rio de Janeiro, UFRJ, n. 4, v. 3, jan-jun. 2002, pp. 139-182, disponível em http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/Topoi04/04_debate01.pdf.

⁷⁴ BURKE, 2008, pp. 76-78.

⁷⁵ Além da citação que segue, ver CHARTIER, 2005, p. 253-260.

⁷⁶ Ver BOURDIEU & CHARTIER, 2011; BOURDIEU & CHARTIER, 1996, pp. 231-253.

⁷⁷ CHARTIER, 2011, p. 87-107.

⁷⁸ CHARTIER, 2011, p. 95.

Um dos exemplos de trabalho citados por Chartier consiste em pensar a relação de dependência ou autonomia nos séculos da primeira modernidade (XVI-XVIII) onde a presença monárquica ou principesca era forte. A reflexão, baseada em Alain Viala, pode incidir sobre o surgimento das academias na França, sendo estes espaços pensados como prefiguração da autonomia literária em relação ao monarca ou, no caso da pintura, em relação às corporações medievais ou renascentistas. Ou então, desde o século XVII mas em especial no XVIII, o vínculo entre o valor estético, atribuído à criação individual, e o valor monetário, implicando a remuneração ao artista que então poderia viver da própria criação⁷⁹. Tais fenômenos implicam em considerar o conceito de campo como restrito ao século XIX francês após Flaubert, ao contrário das categorias *habitus* e dominação simbólica, historicamente mais abrangentes e abarcando descontinuidades⁸⁰. Logo, além da historicidade da obra de Bourdieu “inscrita no momento em que a diferença destes diversos espaços é muito forte”, Chartier se questiona sobre a amplitude do conceito, visto que a questão da descrição dos espaços de produção literária e cultural ainda se mantém:

Podemos também discutir isto: a validade da descrição para este momento, no século XIX, quando se organizaram estes espaços, agora melhor definidos como campos, mas deixar em aberto a maneira de descrever os espaços sociais de produção estética, e a partir daí, se pensarmos na cultura, definirmos como se organiza a relação entre a corporação, a corte ou o ateliê para o mercado. Ou, se considerarmos a literatura, podemos pensar como se organiza a relação entre ela, as instituições monárquicas, a república das letras ou o mercado editorial⁸¹.

Essa observação sobre a extensão dos conceitos e das perspectiva de Bourdieu para temporalidades pré-modernas na própria França também foi feita para pensar fenômenos atuais. Nestor Garcia Canclini, ao comentar a restrição do conceito de campo, aponta a perda de autonomia dos campos culturais com a integração multimídia (uma narrativa divulgada ao mesmo tempo em livro, filme, TV, jogo etc.), a convergência digital (com textos, imagens e sons difundidos pelo computador, celulares etc.), e, sobretudo a massificação oriunda da quebra dos grupos tradicionais, das megafusões e da emergência dos grandes conglomerados voltados exclusivamente para o entretenimento ou controlados por empresas externas ao campo cultural. Baseando-se em um estudo de Andre Schiffin e no próprio Bourdieu, que no final da vida reconheceu o avanço dos “editores que não sabem ler, sabem contar”, Canclini comenta o caso da venda de editoras como a Gallimard, Pantheon Books ou Sudamericana,

⁷⁹ CHARTIER, 2011, p. 93-97.

⁸⁰ CHARTIER, 2011, p. 119.

⁸¹ CHARTIER, 2011, p. 117.

A concentração de editoras clássicas em grupos empresariais controlados por gestores do entretenimento de massa leva a publicar menos títulos (só os de tiragens altas) e elimina os que se vendem devagar, mesmo que fiquem anos em catálogo, sejam valorizados pela crítica e tenham saídas constante. Os novos donos exigem do mundo editorial livros que deem taxas de lucros semelhantes aos seus negócios em televisão ou no setor da eletrônica⁸².

A reflexão sobre a limitação temporal do conceito de campo também foi feita no sentido de se pensar as especificidades de outros contextos culturais. Aliás, as considerações acima foram feitas por Chartier para responder a uma questão de José Murilo de Carvalho sobre sua utilização no caso brasileiro:

O conceito de campo é, sem dúvida, muito rico, mas creio que ele inclui certa tensão entre história e sociologia. Porque, obviamente, ele se refere a uma realidade que é historicamente definida, qual seja, a diversificação e multiplicação das esferas de atividade. Então, creio que não é à toa que Bourdieu tratou principalmente do século XIX, ou, mais exatamente, de um fenômeno da modernidade quando esses campos, essas áreas começaram a se definir. Nesse sentido, eu pergunto se a ideia de campo não é parte de uma sociologia da cultura mais ampla, mas cujo uso se restringe especificamente à modernidade. Por exemplo, eu creio que, no caso brasileiro, o uso da ideia de campo para nosso século XIX é problemático, porque uma das características principais desse século no Brasil é a indiferença entre esferas, entre o capital intelectual, o campo artístico e o campo político, por exemplo. Então, nesse sentido, creio que o conceito é rico, mas tem a limitação definida pela sua própria historicidade⁸³.

No mesmo sentido vai a análise de Renato Ortiz, que trata das especificidades do campo cultural no Brasil abordando a relação entre literatura, intelectualidade e meios de comunicação massivos. Diferentemente da França no século XIX e XX, descrita por Bourdieu, onde há autonomia do campo literário e nítida diferenciação entre esferas de produção ampla e restrita, Ortiz observa que aqui, até pelo menos a metade dos anos 30, “não se justifica uma nítida diferenciação entre um pólo de produção restrita e outro de produção ampliada”. Aponta como razões a fragilidade do capitalismo que gera uma fraca divisão do trabalho intelectual e uma confusão de fronteiras entre diversas áreas culturais, como a literatura e as ciências sociais; a exiguidade do público leitor pelos altos índices de analfabetismo, que também levava à ausência de um sistema editorial nacionalmente integrado; e, em função disso, o relacionamento próximo dos críticos e intelectuais não só com os poderes mas também com meios voltados ao grande público como o jornal, criando um caso onde “um órgão voltado para a produção de massa se transforma em instância

⁸² CANCLINI, 2008, pp. 20-1. O texto de Bourdieu citado é “uma revolução conservadora na edição”, publicado em *Intelectuales, política y poder*, pela editora Eudeba (Buenos Aires) em 1999.

⁸³ CHARTIER, 2011, p. 117.

consagradora da legitimidade da obra literária”, fazendo com que “entre nós as contradições entre uma cultura artística e outra de mercado não se manifestem de forma antagônica”.

Outra distinção entre Europa e Brasil está no hiato entre os desejos de modernização dos escritores e das elites e sua forma precária e excludente no país⁸⁴. Por conta disso, e pelo desenvolvimento tecnológico do rádio e do cinema (falado), Ortiz data da década de 1930 o início da formação de uma cultura popular de massa no Brasil, o que não se confunde com a realidade concreta dos meios de comunicação em nível local, existente desde o início do século XX, mas com reestruturação social a partir da emergência de uma sociedade urbano industrial. No meio desse século, ela ainda seria incipiente e precária, adquirindo plena vigência se daria nas décadas de 1960 e 1970, por esforços dos governos militares⁸⁵.

A formação de um campo autônomo nas letras brasileiras e a constituição de uma literatura de massas nacional na passagem dos anos 20 para os anos 30 é apontado em outros estudos. Sérgio Miceli foca em dois estudos os intelectuais, tratando das parcas possibilidades de autonomia no início do século que tinham os “anatolianos” e as perspectivas surgidas com as organizações partidárias e instituições da elite dirigente paulista nos anos 20; na década de 30, a substituição de importações de livros após a crise de 1929 e o aumento do público leitor das classes médias, os quais possibilitaram uma expansão do mercado editorial e a emergência da figura do “romancista” profissional; e a criação de postos no serviço público com a centralização do Estado Vargas⁸⁶. Os estudos específicos sobre o mercado editorial brasileiro também apontam a virada dos anos 20 para os anos 30 como uma etapa importante na formação de uma indústria do livro e da criação de postos de trabalho intelectual, seja tomando como fio condutor o mercado editorial como um todo⁸⁷ ou a trajetória dos agentes ligados às editoras de grande porte como José Olympio⁸⁸, Monteiro Lobato (Companhia Editora Nacional)⁸⁹ e Bertaso (da Editora Globo)⁹⁰.

Inspirados em questões colocadas pelas análises de Bourdieu e nos estudos de brasileiros que inspirou, acreditamos que uma análise da atuação do escritor João de Minas permite abordar sob um ângulo inédito as questões acima. Mesmo que o espaço de produção

⁸⁴ ORTIZ, 1988, p. 25-37, com citações às páginas 25 e 29. As teses são retomadas dez anos depois num resumo escrito pelo autor (2001, pp. 186-209).

⁸⁵ ORTIZ, 1988, p. 39 e ss.

⁸⁶ MICELI, 2001.

⁸⁷ HALLEWELL, 2005.

⁸⁸ SORA, 2010

⁸⁹ KOSHIYAMA, 2006

⁹⁰ AMORIM, 1999; TORRESINI, 1999.

escrita no Brasil do período seja restrito, pouco especializado e dependente de outras esferas, os debates literários a partir de 1922 em torno da legitimidade e dos critérios de classificação das obras ainda produziam resultados práticos como o relativo renome de João de Minas na estreia do seu primeiro livro. A esse respeito, veremos como tal livro preencheu, para uma parte dos que o comentaram, um “espaço possível” de mediação entre os jovens modernistas e a Academia Brasileira de Letras. O elogio de escritores ligados a essa instituição também criou uma aura de legitimidade que automaticamente foi aproveitada por seus editores e pelo próprio João de Minas. Essa questão dos critérios de legitimação e valoração das obras e do escritor estará presente quando Ariosto Palombo, atento a outras possibilidades de ganhos econômicos e simbólicos com a expansão de livros de massa traduzidos nos anos 1930, deslocar sua atividade para públicos mais amplos e negar a legitimidade da crítica literária, a qual também lhe será contestada cada vez mais que se afaste dos códigos e parâmetros intelectuais, sobretudo quando funda a igreja.

Nessa linha, um estudo sobre o escritor João de Minas pode contribuir para as reflexões consideradas até aqui. Em relação à construção de uma interpretação modernista da história literária nacional, a obra de estreia do escritor mineiro, promovida pelo jornal *O Paiz*, foi considerada, em 1929, uma novidade alternativa aos modernistas de São Paulo por escritores da Academia Brasileira de Letras. Se, como disse Wilson Martins⁹¹, a “causa” modernista não estava ganha até 1935, certamente esse episódio envolvendo João de Minas pode servir para iluminar aspectos da contenda em torno da definição do que era literatura entre o grupo situado na instituição de maior prestígio do país e um dos grupos que contestavam essa prerrogativa e defendiam outros critérios que hoje acabaram se tornando canônicos, definindo assim o parâmetro de leitura da produção ficcional no Brasil. A questão do prestígio de João de Minas será retomada pelos comentadores na medida que o escritor for modificando sua atuação intelectual, até que ele seja visto como um escritor maldito.

Por outro lado, no entroncamento entre as formas populares e massivas, João de Minas atuou em todos os gêneros marginalizados, abordados pelos estudos resenhados acima. Iniciou no jornalismo ao modo de João do Rio e Costallat, valendo-se do sobrenatural e do maravilhoso nas suas narrativas sertanejas. A elas misturava emoções fortes dos romances de sensação e dos folhetins, em especial o grotesco e o macabro. Ao mesmo tempo, em seus romances urbanos, valia-se do cômico e da sátira, aos quais não deixava de misturar o sexo,

⁹¹ MARTINS, 1983, p. 552.

além de flertar com a dramatização do cotidiano operário das metrópoles, moda nos anos 1930. Se quisermos acrescentar o contato com a cultura popular, incluiremos sua atuação religiosa, paródia das formas de espiritualidade em ascensão no país em todo o século XX.

Enfim, a expansão do mercado editorial nos anos 30 trouxe a possibilidade de ganhos econômicos e simbólicos com a nacionalização da literatura de massa. Se haviam iniciativas de elaborar e publicar livros populares desde fins do XIX, o lançamento no início da década das coleções e autores de gêneros de gosto do emergente público como aventuras, policial e sentimental colocou essa literatura num outro patamar editorial. Utilizando como canal pequenas editoras de São Paulo e Rio de Janeiro criadas no início desses anos 30, João de Minas vai alçar como projeto pessoal aquilo que era bem ou mal comentado por editores, escritores e articulistas dos jornais.

Nosso objetivo é abordar a atuação e as imagens construídas em torno de João de Minas entre 1927 e 1989. Especificamente, vamos analisar três momentos: veremos como o jornalista se torna escritor elogiado por escritores ligados à Academia Brasileira de Letras (1927-1930), analisaremos sua pretensão de fundar a literatura de massa no Brasil (1934-1937) e, por fim, veremos como se tornou chefe religioso de uma nova igreja (1935-1969). Assim, da sua longa e diversa atuação, o trânsito de João de Minas por espaços culturais com legitimidades intelectuais distintas será o fio condutor para mostrar como esses deslocamentos e as polêmicas que os acompanharam impactam a imagem que se faz do escritor.

A periodização mostra como este não é um estudo biográfico no sentido clássico do termo. Não queremos dar conta da “vida” de alguém de nome Ariosto Palombo e pseudônimo João de Minas, o que nos leva a iniciar nossa história quando ele já tinha trinta anos. O marco inicial se refere ao começo da sua colaboração na imprensa do Rio e São Paulo em 1927, da qual derivou a edição dos seus livros e sua visibilidade literária nacional; antes disso era um jornalista de reputação apenas regional. Já o marco final se refere aos últimos registros sobre o escritor antes da peça de Aderbal Freire-Filho, visto que, após 1990, os significados sobre sua imagem emergiram a partir da leitura teatral de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*.

Consideraremos o “escritor” João de Minas uma construção coletiva. A atividade de Ariosto Palombo claramente tem destaque por colocar em movimento, com seus textos e atitudes, várias representações e práticas a seu respeito. Vamos analisar a relação entre as “disposições” que formam seu excêntrico *habitus* e os espaços culturais pelos quais se

desloca, considerando nesse movimento as respostas individuais, descontinuidades, rupturas, incoerências e incertezas, na tentativa de fugir da representação predeterminada e linear.

Mas isso não significa que ele tenha sido o único responsável por criar (ou destruir) o escritor. Analisar apenas suas atividades não é suficiente porque às vezes as "oportunidades" apareciam à sua revelia, a partir dos processos políticos, culturais e literários mais amplos, diante dos quais tomou atitudes que se colaram à sua imagem, para seu proveito ou prejuízo. Portanto, pressupomos que nenhum escritor se constrói sozinho, porém lida com uma rede de pessoas e instituições que definem seu papel e produzem significados sobre sua atuação, às vezes com mais força que ele próprio.

Assim, consideramos na análise o papel dos agentes envolvidos na produção do livro, como os editores, responsáveis por sua formatação e, ao elaborar elementos paratextuais (capa, prefácios) ou divulgar a obra nos circuitos culturais, contribuem para agregar significados à imagem do autor. O mesmo pode ser dito a respeito dos veículos de divulgação, dos especialistas (críticos, historiadores, outros escritores) ligados ou não a instituições consagradoras, ou do leitor quando encontra espaço público para manifestar sua opinião, além da que pode fazer nas páginas e margens do próprio livro ou em conversas com os amigos. Logo, consideramos importante não só o circuito da produção simbólica e material⁹² da obra como o circuito da produção do seu valor, que também produz o valor do escritor, inseparável das contendas de definição própria dos campos culturais e literários⁹³.

Além da leitura da bibliografia especializada, a tese comportou uma dupla investigação documental. Uma vertente da pesquisa direcionou-se aos textos do escritor João de Minas (Ariosto Palombo / Mahatma Patiala) em livros, jornais e revistas ilustradas, nos meios de comunicação em que atuou, focando nos períodos delimitados. Ela permite entender as posições intelectuais, políticas e literárias que ele adotou em momentos distintos, reconstituindo sua biografia. A segunda vertente procurou informações de terceiros sobre o escritor, em especial textos opinativos sobre sua produção narrativa, que serviram como parâmetro de sua imagem entre os leitores e intelectuais brasileiros. Complementarmente, buscamos informações sobre as editoras e escritores que trataram de sua obra ou sua pessoa.

A procura por fontes sobre a atuação do escritor mineiro e sobre o que se escreveu a seu respeito se operou de duas maneiras. Na primeira, a partir das informações trazidas por

⁹² Nessa perspectiva, ver DARNTON, 1998; CHARTIER, 1990; CHARTIER, 2009a, cap. 12; CHARTIER, 2009b, pp. 33-43.

⁹³ BOURDIEU, 1996, p. 292 e ss.; BOURDIEU, 1998, pp. 183-191.

seus livros e artigos, consultamos jornais e revistas ilustradas. O mesmo valeu para informações sobre o escritor, cujas buscas concentraram-se em torno do lançamento de suas obras (1929-1937), focando as seções literárias ou de livros novos, além das notas de lançamento e propagandas. Também buscamos inserções manuscritas, dedicatórias e marginálias em exemplares dos livros de João de Minas em bibliotecas públicas e particulares. O primeiro tipo fornece dados sobre ocasiões do lançamento/circulação da obra, e o segundo ajuda a compor percepções privadas, fora dos circuitos públicos de recepção.

Outro caminho foi aberto pelo desenvolvimento da internet, em especial das ferramentas de busca digital a exemplo do *Google Books*, *Diários Oficiais* (Jus Brasil), *Acervo Folha* (Folha de São Paulo), *Acervo Estado de São Paulo* ou *Hemeroteca Digital Brasileira*, da Biblioteca Nacional. Esses mecanismos permitem a busca de palavras-chave em livros e periódicos digitalizados, trazendo como retorno dados da edição e número das páginas onde ocorre. Procuramos os termos "João de Minas", "Ariosto Palombo", os títulos dos livros do escritor, as editoras, além de palavras-chave ligadas à sua Igreja. Quando não havia acesso ao conteúdo, anotávamos as referências e procurávamos os exemplares físicos em bibliotecas brasileiras. Os resultados foram animadores, pois encontramos textos de e sobre João de Minas onde jamais imaginávamos, em livros, revistas semanais e periódicos acadêmicos, algumas ainda por localizar. De tempos em tempos ainda realizamos essa busca pois, como as digitalizações estão em curso, frequentemente aparecem novas referências.

A tese está dividida em três partes. Na primeira, analisaremos a construção do escritor João de Minas entre 1927, início da sua colaboração no jornal carioca *O Paiz*, e 1930, antes de ser empastelado pelo movimento revolucionário e levar o escritor mineiro a reorientar sua atuação. No primeiro capítulo, veremos como o teor dos artigos, contos e crônicas estavam ideologicamente comprometidos com as oligarquias, promovidas através de textos formalmente ligados ao jornalismo ficcionalizante surgido no início do XX. Analisaremos também o investimento que os dirigentes do diário carioca fizeram na imagem do escritor e na edição de seus primeiros livros. No segundo capítulo, veremos as leituras dos críticos e outros intelectuais de seu primeiro livro, *Jantando um Defunto*, e como o elogio de escritores da Academia Brasileira de Letras legitimaram o *status* de João de Minas como escritor.

Na segunda parte, consideraremos a atuação do escritor nos anos 1930, focando no terceiro capítulo sua guinada de uma atividade ligada à promoção dos novos poderes políticos, fruto de uma situação política instável que levou o escritor a vagar pelo interior de

São Paulo, para a uma literatura popular de massa, à moda das traduções em expansão no início da década. O quarto capítulo terá como uma análise detida de suas obras dos anos 30 pelos gêneros em que atuou (aventuras, sentimental-pornográfico, policial, histórico), levando em conta os aspectos editoriais, narrativos e ideológicos. No quinto capítulo veremos o transito do escritor pelas editoras e a recepção dos livros e as opiniões que circularam sobre João de Minas nos anos 1930 e início dos 40, muitas das quais criticavam sua guinada folhetinesca.

Na terceira parte, veremos as implicações da atuação religiosa do escritor mineiro. No sexto capítulo faremos uma pequena história da eclética religião entre 1935 e 1969 a partir das mudanças de foco religioso em sua denominação: o esoterismo dos anos 1930 da Academia Brasileira de Ciências Ocultas, as influências católicas e umbandistas dos anos 40 e 50 através da Igreja Brasileira Cristã Científica, e a roupagem protestante de Cura Divina Total nos anos 1960. No sétimo capítulo analisaremos as polêmicas nas quais João de Minas se envolveu no período, que terminou por minar seu *status* de escritor junto à imprensa e escritores de Rio, São Paulo e Minas, contrapondo essa construção com as imagens veiculadas pelos simpatizantes de sua obra literária em Goiás.

Parte I

Jornalista Beletrista

1- A projeção de um jornalista legalista

Uma curta narrativa sobre a Coluna Prestes

Cinco meses depois da interiorização da Coluna Prestes na Bolívia, mais exatamente em 17/07/1927, o jornal carioca *O Paiz* publicou um texto assinado pelo recém colaborador João de Minas que abordava um dos mais sangrentos combates entre as forças legalistas contra a Coluna: a batalha na fazenda Zeca Lopes, em Goiás, em 29 e 30 de junho de 1925.

Uma noite de terna beleza. A lua nova subia, ao fundo, na linha negra de uma floresta. O céu, muito puro, parecia feito de água do mar. E a lua parecia uma flor imortal dos abismos. O chevrolet rolava agora no começo de um chapadão, que já se nos mostrava sob uma nevoa sonhadora, dando-nos a impressão de que a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz pálida. O silencio punha em tudo uma castidade, uma virgindade eloquente. Íamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável medico baiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zéca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de Mineiros.

A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a 15 léguas da cidade, que é um encanto sob vários aspetos. Principalmente quanto ao consolador numero de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança. Chegamos á fazenda ás 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e ilustre, nos oferecesse uma magnifica ceia. Seria meia noite quando evocou o dr. Freire uma forte pagina trágica da fazenda. Foi um combate terrível, entre 70 soldados mineiros, sob o comando de Klinger, e um destacamento de Prestes, quando este, em Junho de 1925, voltando de Mato Grosso, por Coxim, entrou em Goiás, por Mineiros, que foi devidamente saqueado.

O combate foi a uma légua da casa da fazenda. Um capitão revoltoso, ao assaltar um caminhão, recebeu uma descarga. Desceu do caminhão, e ainda andou até o rego d'água que leva á cozinha da fazenda. Ali os seus companheiros viram que ele vinha segurando um rolo de intestinos á mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apanhou no chão, tendo os ditos escorregado, naturalmente. O capitão ai se agachou, e morreu em silencio. Os seus companheiros, á pressa, o enterraram na lama do rego, envolto num capote. Por minutos ainda a água do rego desceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo... Aquela água ia, na coxinha da fazenda, lavar os pratos para o jantar da gente de Klinger, vencedora no combate. O coronel Zéca Lopes, que se achava na cidade, quando voltou mandou desenterrar o capitão, cuidadoso da pureza da sua água Enterrou-o atrás da fazenda. Vi essa sepultura. O dr. Freire olhou-a, muito sério. O capim começava a cobri-la, um capim cheio e rico. Por ali, numa área de uma légua quadrada, uns oitenta combatentes dormiam para sempre. Aquilo era um cemitério, com a vantagem de ser também uma ótima invernada.

Nessa noite, após a ceia, ao nos dirigirmos para os nossos quartos, o coronel Zéca Lopes nos informou que encontrara então, ao chegar em casa, após os trágicos acontecimentos, uma mão decepada no alpendre. A mão tinha uma aliança de casamento, e por ela, pela data, se podia verificar que o dono da mão ainda estaria na lua de mel. A mão não apodrecera. Estava murcha, triste, espiritualizada numa

saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão. O coronel Zéca Lopes mandou enterrar aquele despojo, onde reluzia o símbolo do amor conjugal.

- A mão depois apodreceu, com certeza – assegurou o ilustre médico baiano O coronel Zéca Lopes sorriu, como que duvidando. Eu fiquei pensativo, não sei porque. Um peão, duma sombra, perguntou, soturno:

- E será que o anel de casamento da mão também apodrece?...

Ninguém respondeu ao peão. Como nós não o viramos, mas só lhe ouvimos a voz, eu, momentos depois, quando o coronel Zéca Lopes se retirou, procurei o peão no ponto de onde, num canto da sala, partira a sua voz. Ali não estava ninguém. Não havia ninguém na sala. Chamei a atenção do dr. Freire para o fato, que ele por sua vez achou estranho. No dia seguinte, cedo, interrogué a todos da fazenda. Ninguém fizera a pergunta dolorosa – se o símbolo do amor conjugal também apodreceria... Creio que foi o espírito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenômeno, mas sem o discutir...⁹⁴

Apesar de comportar um evento sobrenatural, cuja hesitação avizinha-se do conto fantástico, não é difícil reconhecer os traços de uma crônica⁹⁵. Um texto leve, superficial, comentado, com o narrador em primeira pessoa implicado em contar a partir de sua perspectiva um fato amplamente noticiado pela imprensa. A prioridade não é contar objetivamente um acontecimento, porém transformá-lo em episódio de uma história mais ampla, um caso intrigante envolvendo o narrador cuja presença une as partes do enredo.

Próximas do *fait divers* que desde fins do XIX aparecem na imprensa brasileira, as reportagens apresentavam muitas dessas características, a despeito da sua intencionalidade jornalística: diluição do assunto numa história, com recursos estéticos e linguísticos da ficção popular visando mobilizar as emoções do leitor, normalmente implicando o jornalista como narrador e personagem, que se torna, pelo caráter testemunhal, fiador da veracidade do texto. Antes da difusão, nos anos 1950, do modelo norte-americano de veiculação de notícias e reportagens, que gera efeitos de objetividade a partir de uma economia na narrativa e na adjetivação, a linguagem jornalística era atravessada por elementos próprios da literatura, em especial da narrativa folhetinesca. Eram mais voltados a atuar sobre as emoções dos leitores, através da dramatização do fato narrado, que propriamente veicular uma imagem de informação isenta de valores.

Inovação de João do Rio na imprensa brasileira do início do XX, o repórter moderno passa a colher *in-loco* aquilo que relata. Abordava os submundos urbanos das metrópoles em modernização (prostíbulos, prisões, fábricas, cortiços etc.), os vícios e futilidades das camadas altas (a cocaína, os amores abstrusos, festas, os hábitos *chic*, etc.), assim como as peripécias

⁹⁴ Texto disponível no apêndice.

⁹⁵ Sobre as crônicas, ver SÁ, 1998, cap. 3, pp. 101-120; CÂNDIDO et. Alii. 1992.

que passava para colher informações. Foi sob esse padrão ficcionalizante que os mais famosos jornalistas do primeiro período republicano no Rio de Janeiro e São Paulo fizeram sucesso⁹⁶, como, entre outros, João do Rio de *A Alma Encantadora das Ruas* (1908) e *As Religiões do Rio* (1905), Benjamin Costallat de *Mistérios do Rio* (1924), Sílvio Floreal em *A Ronda da Meia Noite* (1925), José do Patrocínio Filho em *A Sinistra Aventura* (1923) e *Mundo, Diabo e Carne* (1923).

O mesmo ocorre no trecho acima. A especificidade de João de Minas não repousa na forma de estruturar as reportagens ou abordar os temas, mas no espaço representado – não a metrópole, mas o sertão de Goiás. Como no texto daqueles jornalistas, as informações sobre o narrador são extremamente escassas. Apesar de participante da história, é indeterminado: não sabemos quem é, de onde veio, para onde vai, nem o que foi fazer na fazenda junto do médico Freire. Quando muito, a sugestão de que está em viagem, não se sabendo origem nem destino. Fora do texto, apenas a assinatura, João de Minas. A sua movimentação anônima pelos espaços é desinteressada, errática, construindo para si a imagem de um *flaneur* do sertão.

A hipótese de que se trata de uma reportagem é referendada pela editoração do texto na página de jornal, publicado em duas colunas de um grande rodapé na primeira página (um lugar de destaque), conforme a figura abaixo. Apesar da afirmação, no subtítulo, da veracidade de “fatos absolutamente verdadeiros”, já no título garrafal percebemos o lance de efeito, justapondo três palavras de forte apelo, como “tragédia”, “horripilante” e “revolução”. Revolução, neste caso, é sinônimo de Coluna Prestes.

Curiosamente, a composição da página faz uma oposição entre o rodapé sobre as “Tragédias Horripilantes da Revolução” e a parte central e superior da página. O maior espaço é destinado a notícias sobre a Europa, com destaque a um artigo literário sobre Mallarmé, seguido do papel da delegação britânica na Conferência Naval de Genebra, ambos reforçando a filiação civilizacional do Brasil. Além disso, há duas notícias sobre o Partido Republicano Paulista nas esferas federal e estadual, com a foto central tematizando a missa de posse do governador Júlio Prestes realizada no senado desse estado, e o início do artigo sobre o plano de estabilização de Washington Luís, escrito pelo redator-chefe do jornal Lindolfo Collor. Abaixo de toda essa representação da ordem, duas narrativas chocantes sobre a Coluna Prestes. A primeira trata do assassinato de três homens em uma fazenda quando Estado Maior

⁹⁶ Sobre as relações entre jornalismo e literatura nos escritores-jornalistas da Velha República, ver COSTA, 2005; BARBOSA, 2007 e BULHÕES 2007.

entra em Rio Bonito, contada como se fosse um depoimento de um morador a João de Minas, que dizia pernoitar em uma casa à beira da estrada, na sua passagem pelo município. A segunda narrativa foi reproduzida acima.

IMPRESSO POR
LUIZ EDUARDO GOMES
Gomes
Humberto Ribeiro
1920
Anno XLIII
Anno XLIII

PAIZ

DIÁRIO DE ALVARO DE MOURA

ASSIGNATURAS
ANNUAL
Semi-anual
Trimestral
Mensal
N. 15.810

Publicado em 1 de julho de 1927

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 17 DE JULHO DE 1927

Jornal Independente, político, literário e noticioso

A ESTABILIZAÇÃO E A DOUTRINA DE CASSEL

Quando o Sr. Minckley, chefe da missão americana de estudos, chegou ao Rio de Janeiro, encontrou a situação econômica do Brasil em estado de profunda crise. A doutrina de Cassel, que preconiza a estabilização da moeda, foi o ponto de partida para a análise da situação. O Sr. Minckley, ao chegar ao Brasil, encontrou a situação econômica do Brasil em estado de profunda crise. A doutrina de Cassel, que preconiza a estabilização da moeda, foi o ponto de partida para a análise da situação.

AGLORIA DE MALLARMÉ

MAILLARMÉ (Chaque nuit) par Paul Valéry

A QUESTÃO DO DESARMAMENTO NAVAL

Quando o Sr. Minckley, chefe da missão americana de estudos, chegou ao Rio de Janeiro, encontrou a situação econômica do Brasil em estado de profunda crise. A doutrina de Cassel, que preconiza a estabilização da moeda, foi o ponto de partida para a análise da situação.

A POSSE DO SR. JULIO PRESTES NO GOVERNO DE SÃO PAULO

ASPECTO DA MISSÃO DO SENADOR PAULISTA POR OCASIÃO DA TOMA DO NOVO GOVERNO

TRAGÉDIAS HORRIPILANTES DA REVOLUÇÃO

(FACTOS ABSOLUTAMENTE VERDADEIROS)

Na noite de 17 de julho, houve uma reunião no Palácio do Rio Branco, em São Paulo, para discutir a situação política do Estado. A reunião foi presidida pelo Sr. João de Minas, que falou sobre a importância da estabilização da moeda e a necessidade de reformas políticas.

TRAGÉDIAS HORRIPILANTES DA REVOLUÇÃO

(FACTOS ABSOLUTAMENTE VERDADEIROS)

Na noite de 17 de julho, houve uma reunião no Palácio do Rio Branco, em São Paulo, para discutir a situação política do Estado. A reunião foi presidida pelo Sr. João de Minas, que falou sobre a importância da estabilização da moeda e a necessidade de reformas políticas.

O texto transcrito é composto de três partes relativamente distintas, mas interligadas pelo fio da narrativa: a chegada dos dois personagens à fazenda (§ 1o até metade do 2o), o combate das tropas de Klinger contra o destacamento da Coluna Prestes (fim do § 2o e § 3o), e a irrupção dos eventos sobrenaturais (§ 4o a § 7o).

O autor escolhe entrar na narrativa apresentando fragmentos da paisagem: objetos do cenário como a lua nova, o céu, a floresta, o chapadão, são valorizados pela emoção causada no narrador, produzida pelo clima feérico no qual a percepção racionalizante se dissolve numa alucinação, como se transportasse o observador a outra dimensão. O efeito é conseguido pela combinação de verbos que denotam impressão subjetiva ("parecia", "se nos mostrava") com temas naturais carregados de carga metafórica pela justaposição de imagens. Através destas, a silenciosa paisagem, sacralizada numa "castidade" e numa "virgindade eloquente", é banhada de um sublime dinamismo: "o céu, muito puro, parecia feito de água do mar", "a lua parecia uma flor imortal dos abismos", "a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz pálida". A chave é claramente romântica, pois a paisagem é associada a uma natureza grandiosa, intemporal, com efeitos estéticos arrebatadores, numa descrição surrealista onde os objetos se transformam diante dos olhos do extasiado espectador.

O mundo dos sonhos evocado nas primeiras linhas é suspenso quando são introduzidos os elementos humanos e sociais, levando a uma substituição das referências naturais pelas geográficas: a cidade de Jataí, sudoeste goiano, fazenda Zeca Lopes, divisa com Mineiros, 15 léguas. O que marca a representação humana desse lugar é a abundância que gira em torno do fazendeiro: o caráter (sua generosidade, bondade e ilustração), o tamanho das suas propriedades (20.000 alqueires), a extensão de seu poder político por todo o sudoeste goiano, a magnífica ceia que oferece, as moças da cidade de Jataí (consolador número, beleza, fina educação, sociabilidade, talento para dança). Sintetizada pela expressão "tudo dormia", o silêncio noturno cria um paralelismo entre a natureza e a sociedade descritas, sugerindo um mesmo princípio regente de ambas.

Este universo fechado é perturbado a primeira vez pela presença das duas personagens viajantes, que trazem a marca da modernidade. O médico baiano representa o pensamento ilustrado, formado em medicina no litoral, com o raciocínio marcado pelas modernas ideias materialistas e cientificistas, que vão orientar sua percepção do fato sobrenatural mais adiante. Além disso, dr. Freire e o narrador iniciam a narrativa dirigindo-se à fazenda em um *chevrolet*, um automóvel que rolava por uma estrada que ligava dois municípios goianos.

Nesta primeira parte, os elementos modernos integram sem conflitos o mundo idílico antes descrito. A despeito de possuir uma visão de mundo diferente daquela dos coronéis, o dr. Freire parecia ter trânsito livre em suas fazendas, visto que era cicerone do narrador. Ao chegarem na fazenda, apesar da hora tardia, são acolhidos com uma magnífica ceia. Essa integração é expressa nas referências temporais: a chegada na fazenda é marcada pelo ciclo natural (noite) e pelo ciclo “homogêneo e vazio” do relógio (11 horas). Ao contrário da referência geográfica precisa, não há referência cronológica ou histórica.

A harmonia natural e social da fazenda fora rompida com a invasão do destacamento da Coluna Prestes, contada pelo médico. O assunto desta segunda parte da narrativa é apresentado com referências cronológicas e geográficas precisas (data, quantidade de soldados, trajeto da Coluna), que situam o leitor no palco dos acontecimentos. A morte do capitão é tomada como metonímia da luta, como indica a área do enterro coletivo e a estrutura da narrativa dessa parte: chegada do destacamento, assalto do capitão a um caminhão e seu alvejamento, agonia, morte e enterro pelos companheiros, novo enterro pelo coronel.

O relato do combate não é feito num tom informativo, mas assemelha-se aos *fait divers* da imprensa. Com um grande poder de síntese, a evocação da “forte página trágica da fazenda” não é contada tragicamente, pois a atmosfera séria e macabra evocada pela morte é, logo em seguida, suspensa por elementos que a dissolvem no cômico. A morte do capitão é contada em tom grotesco (“segurando um rolo de intestinos à mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apanhou no chão, tendo os ditos escorregado”), e, ao mesmo tempo, com tons irônicos, como no trecho “por minutos ainda a água do rego desceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo...” ou o cemitério que também era ótima “invernada”, pasto para gado. A impressão é que o narrador ri ao pé da cova dos revolucionários, enquanto ironicamente conta os detalhes sórdidos de sua morte.

O procedimento cria uma distância que impede a simpatia entre a morte dos combatentes e o leitor, já esboçada com o termo “revoltosos” ou com a menção da cidade de Mineiros devidamente “saqueada”. Esse efeito também foi obtido na transição da primeira para a segunda parte da narrativa, onde temos a contraposição entre a imagem paradisíaca da fazenda e o combate nela realizado. A invasão sugere a ideia de que os soldados do destacamento teriam maculado tal espaço. Daí que os legalistas de Klinger - os heróis - tiveram mérito em defendê-la e, como prêmio de sua vitória, receberam o jantar na fazenda.

Na terceira parte, o enredo retorna ao presente da história, para em seguida ser perturbado pela mão não apodrecida e pela voz misteriosa que pergunta sobre o anel. Contado num tom realista e sério, vale-se de todos os recursos estilísticos das histórias fantásticas: conflitos de opiniões entre personagens (Zeca Lopes, Freire e o narrador) acerca de estranhos fenômenos presenciados, hesitações por parte do narrador, certezas baseadas em posições racionalistas dissolvidas pela impossibilidade de sua explicação racional, após tentativa de verificação. O desenrolar dos eventos atesta o emprego desses recursos: encontro e enterro da mão com o anel; opinião plausível sobre seu fim após enterro; dúvida sobre o apodrecimento da mão; voz do morto; opinião racional sobre o ocorrido; tentativa frustrada de verificação; evento sobrenatural é ambigualmente assumido.

Em um curto espaço textual a estrutura narrativa se repete, e prioriza-se a extensão em detrimento da profundidade para criar o efeito de suspense. Alguns elementos dessa atmosfera já estavam dispersamente presentes nos momentos anteriores do texto. A descrição do espaço nos primeiros parágrafos, uma estrada numa noite silenciosa com nevoeiro, contribui para criar um clima feérico. Além disso, a narração do combate pelo Dr. Freire e o relato de Zeca Lopes sobre o encontro da mão ocorrem à meia noite, horário que, na tradição popular, seria propício para o aparecimento de fantasmas.

Ao suspense criado soma-se a tristeza da separação trágica entre cônjuges, presente na pergunta e na descrição da mão, "murcha, triste, espiritualizada numa saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão...". O fato de a mão decepada estar com um anel de casamento em lua de mel sugere, pela forma triste como é descrita, a separação de um casal por causa da marcha da Coluna, com a transcendente saudade oriunda da brusca ruptura (mesmo que o morto seja um dos soldados de Prestes). Esse é o ponto de contato entre a segunda e a terceira parte do texto, levando o sobrenatural a se tornar um elemento que contribui para o reforço da visão negativa sobre a presença da Coluna em Goiás.

A curta narrativa parece atravessada por dois polos de tensão: legalismo-oposição (política) e modernidade-tradição (visões de mundo das personagens principais). Este polo, apesar das divergências, admite coexistência e mediações (pelo narrador), reconhecendo-se tanto a presença e o avanço de elementos modernos sobre espaços interioranos, como a autonomia da pujança da natureza e da esfera sobrenatural. Já o primeiro não admite conciliação, pois é uma guerra na qual o vencedor deve aniquilar o lado derrotado. As personagens não explicitam suas posições políticas – elas apenas relatam o combate, sem se

posicionar nesse âmbito. Esse não posicionamento, que coloca em evidência apenas o relato, cria um efeito de neutralidade.

Por isso, são as técnicas narrativas - o aparato estilístico, estrutural e temático - que evidenciam o posicionamento. Primeiramente, como vimos, as transições entre as partes da narrativa - descrição do lugar idílico, combate e aparição sobrenatural - apresentam elementos contra a Coluna, como a mácula do ambiente paradisíaco, a intervenção do espírito do morto, a tristeza. Esse movimento é acompanhado por mudanças na forma de contar: no primeiro trecho emprega-se recursos românticos de descrição, no segundo o estilo desce para uma mistura de trágico e cômico, no terceiro elementos de suspense (onde repousa a tensão na narrativa). A mudança brusca de estilo, feita de acordo com a tonalidade que se quer dar ao objeto representado, contribui para formar uma visão negativa da Coluna a partir de diferentes perspectivas. Em segundo lugar, cria-se o efeito de interdependência harmônica entre as esferas natural, espiritual, afetiva, social e política. A ruptura provocada em uma delas repercute em todas as outras, colocando em xeque a ordem cósmica, gerando sequelas que atingem outras dimensões - como a separação dos recém-casados (social) e a intervenção do espírito amargurado (além).

O coronel Zeca Lopes aparece como o eixo humano de toda ordem, harmonia, paz e fartura das dimensões ameaçadas, sediada numa fazenda idílica e sem conflitos, atravessada por uma paradisíaca, pujante e arrebatadora paisagem. Mentalmente parte de um mundo interiorano que assume como verossímil a existência do sobrenatural, ele consegue compreender o estranho evento antes do narrador, sobrepondo-se à arrogância do Dr. Freire com um sorriso. Ao mesmo tempo, é apresentado como "homem bom e ilustre", qualidades que justificam sua posição de líder regional do sudoeste goiano, integrante de um sistema de apoios políticos que se inicia no sudoeste goiano e termina na capital federal, no Catete.

Os confrontos entre ordem e oposição trazidos ao leitor pela estrutura da narrativa transcrita, pelos elementos paratextuais e pela sua composição na página do jornal, respondem aos dilemas do debate político-social do final dos anos 20 no Brasil.

O mecanismo criado por Campos Sales na virada do século XX, a política dos estados, visava estabilizar o sistema político a partir das cúpulas estaduais e municipais. Ao funcionar como planejado, a legitimação seria feita pelo resultado expresso nas eleições, previamente

arranjado entre os chefes locais e regionais (como Zeca Lopes) a partir do controle do eleitorado ou da fraude, referendados nas esferas estaduais e federais.

Nos anos 20, a ampliação das classes médias e do operariado urbano, assim como o acirramento das cisões no interior das oligarquias, geraram duras críticas aos vícios e ao fechamento da política. Arthur Bernardes, candidato de Minas e São Paulo, enfrentou uma oposição eleitoral por parte das oligarquias do Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, e uma crise durante a candidatura (as cartas falsas) que quase o deixaram fora do pleito. Eleito, seu governo foi marcado pelos movimentos tenentistas: em julho de 1922 enfrentou a revolta do Forte de Copacabana, tendo que sufocar também outros motins que daí decorreram. Dois anos depois, em julho de 1924, estourou uma tentativa de revolução em São Paulo que foi duramente reprimida através de um bombardeio que devastou a cidade. Motivados por essas insurreições, curtos motins militares se sucederam em estados como Mato Grosso, Sergipe, Amazonas, Pará e Rio de Janeiro. Os rebeldes paulistas, na fuga, seguiram para o interior do estado, encontrando, em março de 1925, uma Coluna vinda do Rio Grande do Sul, também mal sucedida na tentativa revolucionária. Esse encontro deu origem à Coluna Prestes, percorreu o país na esperança de derrubar o governo federal, sendo perseguida por tropas legalistas de policiais ou jagunços, até fevereiro de 1927, quando se internou na Bolívia, colocando fim a esse ciclo de insurreições armadas, já sob o governo de Washington Luís⁹⁷.

O internamento da Coluna Prestes não dissipou o clima revolucionário, que continuou pairando no ar. Era difundido através dos partidos e intelectuais de inspiração socialista, dos tenentes exilados e de lideranças civis dissidentes, mesmo de origem oligárquica:

No período de 1928 existiam em São Paulo pelo menos três propostas de revolução vindas de agrupamentos políticos diferentes: o Partido Democrático, os "tenentes" e o Bloco Operário e Camponês. Para qualquer desses setores políticos a categoria revolução, com maior ou menor intensidade, substantivava as suas propostas e definia para o conjunto do social, lugares diferentes para a criação da história, ou melhor, do futuro almejado. (...) o PRP, embora se opusesse ao conjunto político formado pelo PD, "tenentes" BOC, não estava ausente na questão da revolução e o seu jornal *O Correio Paulistano*, em 1928, não deixou de fazer largo uso do termo⁹⁸.

⁹⁷ Ver LANNA JÚNIOR (2008), FERREIRA & PINTO (2008).

⁹⁸ DECCA, 2004 [1981], p. 81-82, desenvolvido nas páginas seguintes. Também BORGES, Vavy Pacheco, 2001, p. 162.

Mesmo no exílio, os membros da Coluna continuam a interferir no debate através da grande imprensa de oposição ou da imprensa operária, que publicam mensagens como esta de Miguel Costa: "Se a revolução era necessária em acrescida à história da República em 1924, com maior razão o é em 1928. Não há, portanto, entendimento possível entre revolução e o governo, a menos que este último se decida a aceitar a aplicação do programa revolucionário"⁹⁹. À medida que os anos passaram, a divisão no seio dos tenentes levaram-nos para campos distintos: enquanto Luís Carlos Prestes se aproximou dos intelectuais comunistas, radicalizando nas propostas reformistas e revestindo-as de um discurso marxista que o fazia renegar aproximação com a Aliança Liberal, outros (como Juarez Távora) enxergavam nessa aproximação uma forma de continuar e consumir o processo iniciado em 1924, aliando-se às oligarquias dissidentes, fundadoras do Partido Democrático em São Paulo, que também incorporaram o vocabulário revolucionário.

O clima geral de inconformismo perpassado por anseios de mudança drástica do *status quo* brotava da imprensa de oposição, naquele final de década de 20 na qual

os tempos se tornaram convulsos e as mentes se turvaram. O acirramento das militâncias queria ver em cada criatura um soldado, numa guerra que só admitia dois lados, o certo e o errado, o justo e o opressivo, o bem e o mal. As metáforas militares se tornam cumulativas, dominantes, sufocantes. Por toda parte se fala e se repete, exaustivas vezes, em frente única, combate, vitória e líder.¹⁰⁰

A mobilização da imprensa governista não tardou, capitaneada pelos jornais vinculados ao governo do Partido Republicano Paulista, em especial *O Paiz*. No cenário jornalístico do Rio de Janeiro, este jornal era uma grande empresa com a peculiaridade de, abertamente, servir aos interesses dos governos da Primeira República em troca de financiamentos e negócios rentáveis¹⁰¹. João Lage, diretor por muitos anos, "tipificou, realmente, o jornalista corrupto, e opinião alugada, conluiado com o poder, dele recebendo benefícios materiais em troca da opinião do jornal"¹⁰², numa fase em que o nível de corrupção jornalística havia se complexificado: "é preciso comprar o próprio jornal e de forma estável, institucional por assim dizer. [José do] Patrocínio recebia dinheiro; Lage recebe negócios que proporcionam dinheiro - negócios de Estado."¹⁰³ Essa diretriz editorial é sintetizada numa

⁹⁹ COSTA, Miguel. In: *O Combate*, 18/7/1928 *Apud* DECCA, 2004, p. 85.

¹⁰⁰ SEVCENKO, 1992, p. 300.

¹⁰¹ SODRÉ, 1966; BARBOSA, 2007; LUCA, 2008.

¹⁰² SODRÉ, 1966, p. 318.

¹⁰³ SODRÉ, 1966, p. 381.

frase cínica atribuída a Lage: "Só preciso de 22 leitores: os 21 governadores e o presidente da República"¹⁰⁴.

Fundado ainda no Império, serviu à oposição favorável ao regime republicano e, em seu período áureo, entre finais do século XIX e finais dos anos 10, esteve entre mais vendidos do Rio de Janeiro. Angariou fundos para renovar o parque tecnológico, inovando na ilustração e na fotografia, e construir um suntuoso prédio de três andares, na esquina entre a Avenida Central (Rio Branco) e a Sete de Setembro, que chegou a sediar a Associação Brasileira de Imprensa nos seus primeiros tempos (1908). Além disso, "com a segurança da cobertura dos cofres públicos, *O Paiz* possuía um grupo de excelentes colaboradores e sua redação estava cheia de bons profissionais"¹⁰⁵. Na década de 1920, após o estado de sítio e censura à imprensa imposto por Arthur Bernardes em 1924, o jornal perdeu importância e leitores¹⁰⁶ por continuar defender o presidente.

No governo Washington Luís (1926-1930) continuou com orientação governista, recebendo subvenções públicas que contribuíam para manter seu *status* de grande jornal, como atesta, por exemplo, uma carta de Alves de Souza (substituto de Lage) ao presidente, repassada ao então ministro da fazenda Getúlio Vargas, pedindo subsídios ao governo¹⁰⁷. Com as ligações mantidas intactas, o jornal manteve sua linha nos diversos assuntos e notícias publicadas. Fez oposição sistemática à anistia à Coluna Prestes e, no período que antecedeu as eleições de março de 1930, encabeçou a égide governista na imprensa que defendeu o candidato oficial Júlio Prestes (PRP) contra Getúlio Vargas, já na oposição¹⁰⁸:

No momento em que se formou a Aliança Liberal, *O País* foi um dos primeiros órgãos a atacá-la. Em setembro de 1929, o redator-chefe Antonio José Azevedo do Amaral publicou o editorial "Arcaísmo Político", tentando diluir as diferenças entre as categorias 'liberal' e 'reacionário' e alertando "contra a ação agressiva das forças que, por serem efêmeras, não são menos perigosas na sua maleficência dissolvente"¹⁰⁹.

¹⁰⁴ WAINER, 2005, p. 206.

¹⁰⁵ SODRÉ, 1966, p. 383.

¹⁰⁶ As tiragens dos jornais cariocas no final dos anos 20, segundo Marialva Barbosa, eram: A Noite – 200 mil, O Paiz – 3 mil, Correio da Manhã – 40 mil, Crítica – 120 mil. BARBOSA, 2007, 59.

¹⁰⁷ Carta datada de 30 de dezembro de 1927, cf. SODRÉ, 1966, p. 418 e ss.

¹⁰⁸ Compunham a imprensa governista no Rio, além do *O Paiz*, A Notícia, A Noite, O Malho, Ilustração Brasileira, Jornal do Brasil. Em São Paulo era composta pelo Correio Paulistano, A Gazeta, Jornal do Comércio e Diário Popular. Cf. SODRÉ, 1966, p. 417; LUCA & MARTINS, 2008, p. 166.

¹⁰⁹ BELOCH & ABREU, 1984, v. 3, p. 2476, verbete "Paiz, O"

A ligação do *O Paiz* com os poderes constituídos era considerada tão visceral que em outubro de 1930, com o movimento revolucionário, o jornal foi empastelado e incendiado, simbolizando aos olhos dos contemporâneos a derrocada do regime:

Grupos de populares começavam a depredar as redações dos jornais governistas. Líderes improvisados e conhecidos políticos aliancistas concitavam à destruição. (...) O majestoso edifício de *O Paiz*, construído com a própria Avenida Central, em sua esquina com a rua 7 de setembro, converteu-se num imenso fogaréu. Magotes invadiam o prédio, arrancando os móveis, livros e coleções, espatifando tudo e jogando material para a fogueira¹¹⁰.

O fato de a narrativa sobre o combate na fazenda Zeca Lopes ter sido publicada no *O Paiz* no final dos anos 20, no meio do debate sobre a legitimidade da Coluna Prestes e, por extensão, dos mecanismos políticos da República, já é bastante significativo. Deixa qualquer leitor de sobreaviso quanto à posição político-partidária do texto, que se integra ao esforço dos jornais vinculados aos grupos no poder para destruir a força simbólica da Coluna Prestes, ecoada pelos grupos de oposição.

Mas o autor não faz isso como político ou articulista, ou seja, não se posiciona abertamente perante o fato, apenas conta o que ouviu em suas viagens. São a estrutura, estilo, temas e diagramação que cumprem o papel de mitificar o *status quo* dos coronéis do interior do país, representados como opulentos e pacatos, com fazendas envolvidas por um ambiente paradisíaco, perturbadas pela agressividade dos revolucionários, cuja passagem por Goiás teria gerado sequelas indeléveis na população local. Assim, o texto transcrito é um exemplo interessante dessa operação de configuração narrativa e editorial que procurava, em prol das forças políticas dominantes, mobilizar jornalisticamente temas (a paisagem, a revolução, o sobrenatural) considerados de interesse de ampla gama dos leitores da época através da descrição romântica da natureza, do grotesco, do cômico e do fantástico, transformando a prosa num pastiche estilístico. A orientação partidária dada a esses traços vão aparecer em quase toda a produção de João de Minas na imprensa perrepista do final dos anos 20.

Os temas do jornalista João de Minas

A narrativa sobre a invasão da fazenda Zeca Lopes foi uma das primeiras colaborações assinadas por João de Minas no diário carioca. Sua assinatura começa a aparecer na última

¹¹⁰ SILVA, Hélio. 1930: A revolução traída, pp. 382-3. *Apud* SODRÉ, 1966, p. 431-2, nota 305.

fase do *O Paiz* e durou até meses antes da veiculação do último exemplar do jornal, empastelado durante a Revolução de 30. No contexto jornalístico e político de finais dos anos 20, João de Minas foi um dos que se prestaram a manejar a linguagem das folhas e dos folhetins para tentar forjar consensos em torno da política perrepista, como mostra o texto introdutório a este capítulo. O escritor se representa cada vez mais nessa posição de legalista extremado à medida que o debate político vai se tornando mais intenso, com outra ruptura no esquema de sucessão oligárquica em 1929-1930, exigindo, como ele próprio diz, o sangue de suas ilusões:

Combati ao lado da Concentração Conservadora. Sou mineiro, ouropretano, e quero um bem imenso ao meu Estado. Interessa-me a política nacional. Quero com a alma à minha pátria. Não posso vê-la presa dos velhacos, tratantes e ladrões. Sou brutalmente honesto, no meu patriotismo. Assim, não quero saber – uma hipótese – se o meu partido, de que sou um ínfimo soldado, de que sou um piolho, ou um pouco de pó, não quero saber se o meu partido perdeu ou ganhou. Eu estou com ele, eu sou dele!¹¹¹

Em três anos de atividade constante, entre junho de 1927 e junho de 1930, o escritor mineiro publicou 128 textos dos mais variados tamanhos, que apareciam em locais de destaque na diagramação do jornal (página 1, às vezes na 2 ou 3), destinados às notícias e artigos importantes, quase sempre políticos.

A produção jornalística de João de Minas pode ser dividida em dois momentos. Entre 19 de junho de 1927 e 29 de setembro de 1929, o foco temático estava nas viagens do escritor pelo Brasil Central, apresentando um repórter em constante deslocamento por uma região que, no final dos anos 20, compreendia os estados de Goiás (atuais Goiás e Tocantins), Mato Grosso (inclui o atual Mato Grosso do Sul), Triângulo Mineiro, sul de Minas e norte de São Paulo. O centro foi Uberaba, onde residiu até dezembro de 1929¹¹². A periodicidade de sua colaboração era quase sempre semanal, com textos publicados na maior parte das vezes aos domingos, poucas vezes aos sábados e outros dias.

O segundo momento vai de 12 de outubro de 1929 a 11 de junho de 1930, período que pode ser estendido a 12 de setembro de 1930 se considerarmos os artigos no *Correio Paulistano*, outro jornal governista onde também passou a colaborar em fins de 1929. Os textos estão mais focados no debate político em torno da sucessão presidencial. João de Minas

¹¹¹ MINAS, João de. Sangue de Ilusões, *Sangue de Ilusões*, p. 6.

¹¹² Nesses textos, é possível traçar tendências: de junho de 1927 a fevereiro de 1928 tratam principalmente de Goiás e Mato Grosso; de março de 1928 a abril de 1929, o foco desloca-se para o Triângulo Mineiro e Sul de Minas; de abril a setembro de 1929, publica uma série de narrativas sobre uma viagem ao Araguaia.

atuou pela Concentração Conservadora, partido que se formou rompendo com a situação do Partido Republicano Mineiro (PRM), apoiando Júlio Prestes contra a Aliança Liberal. Tais textos se iniciam em Uberaba, mas passam a focar a capital com a mudança do escritor para o Rio de Janeiro em 1930. Ganhou uma coluna "Vida de Arranha Céu" e espaço para escrever mais vezes na semana, que usou conforme sua disponibilidade.

A seção do jornal, o dia da semana e, depois, a coluna que manteve já são indícios do espaço que *O Paiz*, cada vez mais, abriu ao jornalista mineiro. Neste espaço, muitos dos temas e recursos utilizados na narrativa de abertura deste capítulo estarão presentes.

Nos seus textos de jornal, sobretudo os da primeira fase, João de Minas constrói uma imagem de si como profundo conhecedor do sertão, representando-se tanto como o palmilhador dos espaços pouco povoados do interior, como "o abismo de planuras que é o chapadão"¹¹³ do Triângulo Mineiro, ou como desbravador das terras "desconhecidas" do país, como as "fundas e incomparáveis terras do Araguaia"¹¹⁴.

Este segundo sertão¹¹⁵ aparece como uma fronteira civilizacional. Percorrido por João de Minas apenas à cavalo ou à pé, é entremeado por grandes florestas à margens de rios e habitado por indígenas e animais desconhecidos. Por isso, o trânsito bem-sucedido e a sobrevivência do narrador depende de guias sertanejos, pois os artefatos modernos não chegam: "O ford, esse carro honrado que vale mais que o alfabeto para o nosso interior, por lá não existe. Assim como o cinema, como a luz elétrica. Não há estradas, quase não há trilhos. Há rumos, como nos mares"¹¹⁶. São locais sempre de trânsito, para a Coluna Prestes e para os legalistas que os perseguem, ou para o narrador que visita essas paragens numa aventura. Nesses espaços, a perspectiva política arrefece, e a descrição é feita sob o prisma do exótico e do espetacular, certificadas como verdades pelo jornalista:

¹¹³ Citação de "O Chapadão - aspectos do Triângulo Mineiro". A mesma perspectiva encontra-se em "Tragédias Horripilantes da Revolução", "Cenas Horripilantes da Revolução", "Uma luta de feras, nas trevas", "A Escada Celeste de Santa Dica", "O fantasma do Rio das velhas", "Os vinte e seis assassinatos de homens louros", "Aquele que haveria de ser o rei de Goiás"

¹¹⁴ Em relação à série em torno da Coluna, temos "Jantando um Defunto" (trecho citado), "O mistério das vidas anteriores", "A Existência do Monstruoso Sapo Boi", "O Esqueleto de Santa Maria Clara". Sobre a viagem ao Araguaia, apareceram "No crânio da assassinada, a taça do sonho", "A Mulher que Embalsamou o Pavor da Morte", "O Suicídio Passional dos Maridos de Penas", "O Feitiço do Coração Sinistro do Urubu-rei", "No Encanto do Rasputin Bárbaro, a Vingança Milenaria de São João Baptista", "Requiem Aeternam Dona Ei, Domine...", "As Perneiras do Heroísmo que Morreu de Medo", "Das Árvores de Fogo e de Sangue...", "Formigas que Fazem Evoluções Militares".

¹¹⁵ As distinções entre os sertões próximos e profundos, e os temas que essas distinções mobilizam na obra do escritor mineiro, foram detalhados na parte I de nossa dissertação de mestrado.

¹¹⁶ MINAS, João de. O Esqueleto de Santa Maria Clara. *O Paiz*, Rio, 09/10/1927, p. 1.

O formidável rio Araguaia, com suas alvíssimas praias de uma areia de seda e veludo, sob a revoada das garças e colhereiros - serenas flores dos ares - me emocionara sonambulamente. Vi os índios carajás assando em buracos, na terra, os grandes peixes, como o pirarucú, e comendo-os com as tripas e escamas. Não raro um índio atravessava o rio imenso, entre os colossais jacarés e sucuris. Às vezes era uma índia, com filhos às costas¹¹⁷.

Lembremos que foi com essa perspectiva romântica de exaltação da natureza, dos espaços profundos das florestas, que João de Minas iniciou o texto introdutório a esse capítulo. Percorrendo o "Brasil Central", o escritor mineiro se sente privilegiado para explorar uma tendência intelectual vigente no final dos anos 1910 e em toda a década de 20, como

o esforço sistemático e concentrado pelo desenvolvimento de pesquisas sobre cultura popular sertaneja e iniciativas pela instauração de uma arte que fosse imbuída de um padrão de identidade concebido como autenticamente brasileiro. Essa busca pelo popular, o tradicional, o local e o histórico não era tida como menos moderna, indicando, muito ao contrário, uma nova atitude de desprezo pelo europeísmo embevecido convencional e um empenho forjar uma consciência soberana, nutrida de raízes próprias, ciente da sua originalidade virente e confiante num destino de expressão superior¹¹⁸.

Sevcenko lembra que a tendência acima também perpassava Paris, ávida de elementos considerados primitivos, indígenas ou africanos, intocados pelos europeus. O relato parisiense da expectativa pública de uma história de Villa-Lobos, coletando músicas entre "uma estranha raça de índios-africanos" ou presenciando um ritual fúnebre após ser capturado¹¹⁹, não estão distantes das aventuras espetaculares de João de Minas pelas profundezas do Araguaia, que hilariamente não perdia a oportunidade de aguçar a curiosidade de seus leitores cariocas:

Os meus benévolos leitores já beberam algum dia algum licor num cuité feito do crânio de uma índia adúltera, morta quando apanhada em flagrante pelo companheiro legítimo? Nunca beberam. Pois eu já bebi numa dessas fúnebres taças o "licor da vida" [uma bebida virilizante], feito por certos índios da maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal no Araguaia¹²⁰.

Já o primeiro sertão, onde se localiza a fazenda Zeca Lopes, pode ser percorrido de automóvel, pois territorialmente é delimitado por fazendas e municípios de Goiás e Minas Gerais. As terras, propriedades dos fazendeiros, são conhecidas para o narrador, que transita nelas com facilidade, sozinho ou acompanhado de pessoas do povo, coronéis ou autoridades políticas. Apesar de passíveis de modernização, nem sempre é essa orientação que aparece

¹¹⁷ MINAS, João de. Jantando um Defunto. *O Paiz*, Rio, 13/07/1927, p. 1.

¹¹⁸ SEVCENKO, 1992, p. 237. As páginas seguintes mostram como essa moda se difundiu em vários meios sociais e suportes artísticos.

¹¹⁹ SEVCENKO, 1992, p. 281.

¹²⁰ MINAS, João de. No crânio da assassinada, a taça do sonho. *O Paiz*, Rio, 11/03/1928, p. 1.

nos textos, devido uma ideia preservacionista que aparece no pedido final do texto de estreia de João de Minas, um passeio de auto pelo chapadão do Triângulo Mineiro: "Que não matem o chapadão. Porque a civilização tudo mata, na ilusão de tudo criar, para a felicidade triste do homem inatamente alegre..."¹²¹.

Outro tema desses espaços que foge à perspectiva moderna é o sobrenatural, veiculado como história verdadeira, incorporando a visão de mundo espiritualista da maior parte da população brasileira. Vários textos mostram sonhos reveladores, realização de profecias, enfeitiçamento de animais, histórias de reencarnação, aparição de fantasmas, milagres, etc. Um deles, "O Mistério das Vidas Anteriores", conta num tom folhetinesco um caso de metempsicose no qual uma castelã cruel encarna-se numa besta de carga por torturar uma empregada pela qual João de Minas, na pele de um cavaleiro medieval, se apaixonara. Há, portanto, uma sugestão de reencarnação, visto que o narrador reencontra a empregada na pele da filha do fazendeiro matogrossense que o hospeda. O subtítulo diz: "chamo a atenção dos espíritas e ocultistas para o que se vai ler. Tudo aqui é a expressão da verdade. Mudei os nomes, mudei o local do fato etc., por motivos que facilmente se compreendem. Estou pronto, porém, a provar da forma mais completa aquilo que escrevo". E começa no mesmo tom:

Dante, no seu poema, assegura que foi aos infernos, ao céu, ao purgatório... Eu, talvez melhor do que o divino poeta florentino, asseguro que já fui ao outro mundo. Já estive uma semana no país dos mortos, e foi justamente nessa boa terra que cometi um grande pecado. Lembro-me de tudo isso, como se fosse hoje. Tenho terror, às vezes, à noite, quando penso que eu poderia ter ficado para sempre naquele rico mas sombrio castelo medieval...¹²²

Na mesma perspectiva é escrita a terceira parte da narrativa sobre a invasão da fazenda Zeca Lopes. O que chama a atenção é a exploração do gênero fantástico numa narrativa jornalística que se pretende verossímil, como indica o subtítulo "fatos absolutamente verdadeiros". Mais significativo ainda é que o sobrenatural não é suspenso no final como se fosse ilusão, reafirmando a realidade, mas não apenas se mantém como o narrador adere à crença. Para João de Minas, esta crença parece não ferir seus leitores, ou seja, está dentro do campo de realidade possível. Certamente os leitores de jornal previstos não estavam entre os que pensam como o Dr. Freire, mas pessoas como Zeca Lopes ou o narrador João de Minas.

¹²¹ MINAS, João de. O Chapadão - aspectos do Triângulo Mineiro. *O Paiz*, Rio, 19/06/1927, p. 2.

¹²² MINAS, João de. O mistério das vidas anteriores. *O Paiz*, Rio, 14/08/1927, p. 1.

Em outros artigos também percebemos a principal estratégia utilizada por João de Minas: revestir o Estado e os políticos aliados com uma aura de grandeza, sacralizados. Percebemos essa tentativa em relação a Washington Luís e, com mais detalhes, num artigo sobre um pronunciamento de um presidente de Estado, na inauguração do Liceu em Uberaba:

O sr. Antonio Carlos, que tem os seus honrados cabelos sem a infâmia de tinturas, faz discursos moços. É como se a harmonia, o equilíbrio, a razão natural falassem. Nas palavras de S. Ex. amanhece e anoitece, voam os pássaros e os raios da aurora, arremete o heroísmo dos fortes ou se resigna a dor dos fracos, há a partilha inexorável da justiça. E, sobre tudo isso, a bondade tece o azul das suas ternuras. Fala o sr. Antonio Carlos como a mocidade de todas as vidas abrigadas na vida única de Deus¹²³.

O tom romântico é evidente: Antonio Carlos é caracterizado com imagens naturais e religiosas, têm atributos que levariam os ouvintes se irmanam a partir do discurso e achar "que o orador falou de dentro de suas próprias almas para o exterior". O discurso não enfatiza a razão natural (equilíbrio, harmonia), mas a emoção. O líder não convence, mas comove, transporta o ouvinte a uma dimensão transcendente porque é portador "de uma força marchando, em linha reta ascendente, das origens aos fins cósmicos", força que o distingue como uma "alma especialmente superior". Nessa linguagem, com a qual Washington Luís e Júlio Prestes também são descritos, os governantes não são estadistas, são sacerdotes:

Depois, uma hora depois, no silêncio, eu descia a escadaria. Ia me retirar, apagado, sozinho. A tarde baixava. Eu tinha a impressão indefinível de estar numa capela conventual e remota. Vultos monacais e alvacentos, ao fundo, iam matando as chamas tristes dos círios. O altar, onde se rezara a Missa da Esperança, ia vestindo a nostalgia das sombras. Tudo ia dormir, na paz e no sonho. E eu, ali, solitário, começava a ter saudades da palavra do grande sacerdote - O sr. Antonio Carlos¹²⁴.

A contrapartida de apresentar o presidente de Minas como sacerdote é que João de Minas, enquanto observador e narrador, se coloca na posição de um fiel deslumbrado. Há uma entrega à experiência onírica, pois a ilusão dos sentidos seguida da sensação de supressão e confusão dos tempos históricos, que é arrematada com o nome do presidente. O efeito almejado no discurso seja gerar adesão completa, levar os ouvintes a descobrir "que a palavra de S. Ex. é apenas a palavra da consciência de cada um deles". O tom testemunhal reforça a "experiência maravilhosa", apesar de a prosa soar exagerada aos nossos olhos.

¹²³ MINAS, João de. Presidente Antonio Carlos, o moço. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27/11/1927, p. 1 e 2

¹²⁴ Esse é o trecho final do texto. MINAS, João de. Presidente Antonio Carlos, o moço. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27/11/1927, p. 1 e 2

Essa guerra santa não se faz sem demônios. A verve polemista de João de Minas, nessa época, se dirigia impiedosa contra todos os adversários do regime: a Coluna Prestes, a imprensa oposicionista no Rio de Janeiro, o Partido Democrático, alguns policiais que exacerbaram sua autoridade e mesmo ex-aliados. O oposição é representada com o sinal invertido, como o mal absoluto a ser destruído, seguindo o padrão de linguagem violenta e pessoalizante da imprensa política da República Velha¹²⁵.

Os líderes da Coluna Prestes foram os primeiros alvos: são apresentados aos leitores como bandidos, desleais para com seus soldados, estupradores, cruéis assassinos, terroristas que assolam não só os políticos e comerciantes mas também a população pobre. Por exemplo, ao invadirem uma fazenda nos arredores de Taguatinga, a tropa liderada por Prestes encontrou um "preto doente de maleitas", que

fora assado lentamente num espeto, para os soldados se divertirem, enquanto churrascavam. O preto, amarrado ao espeto, uma grande vara de ferro, com fortes arames, morria devagar, fazendo caretas sobre o braseiro, onde os soldados assavam também o seu churrasco de vaca. Os soldados riam, engolindo talhadas de carne, que cortavam com suas facas de mato, ou com os punhais eruditos, versados em rasgar goelas e intestinos anti-revolucionários.

Aqui também percebemos outra particularidade da prosa de João de Minas: a mistura de estilos, pendendo quase sempre para o cômico. No trecho acima, há a tentativa de criar um tom macabro, pois a crueldade dos soldados é reforçada com a descrição do momento da morte do empregado da fazenda: "O negro começou a rir, a rir, arreganhando os alvos dentes, que pareciam crescer e se afilar. E assim ficou paralisado, para sempre. O infeliz acabava de morrer, e aquela gargalhada extática era a sua ultima careta de inenarrável dor"¹²⁶. Mas o escritor não resiste à tentação de revestir uma cena macabra com toques irônicos e cômicos, obtidos ao introduzir um paralelismo entre a carne humana e a carne de vaca no churrasco, reforçada pela expressão "assado lentamente num espeto".

Mesmo com a atmosfera de sangue, em muitas narrativas a comicidade difusa e linguagem irreverente ganham o primeiro plano. Em termos de narrativa, é o caso da história de um comerciante português que se tornou revolucionário quando a Coluna entrou em Porto Nacional. A caracterização de Manoel, ressaltando os aspectos pitorescos que dão comicidade à sua figura, mostra como João de Minas criava charges verbais:

¹²⁵ SODRÉ, 1966, p. 380.

¹²⁶ MINAS, João de. Cenas Horripilantes da Revolução no norte goiano. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15/1/1928, p. 4.

Manoel de Oliveira, de seus quarenta anos, com grande família, viera de Belém, no Pará, pelo Tocantins, e onde é numerosíssima a colônia portuguesa. Analfabeto, pobre, trazia sempre a bigodeira enroscada, com um lampejo de vaselina, e gostava de deitar a sua *pose* barriguda, de chinelos, sem meias, as calças curtas, com uns ares suínos mas divertidamente conselheirais. Era um pobre diabo. Fora ele o porta-lençol, digo o porta bandeira, da manifestação dos covardes e poltrões feita aos revoltosos, por ocasião da sua chegada. De maneira que Manoel julgava-se ele mesmo um facinoroso revolucionário, um celeberrimo perigo para as instituições, e gozava com isso, tendo ele mesmo um vago terror de si mesmo¹²⁷.

Em termo narrativos ocorre o mesmo. Manoel se comprometeu com Siqueira Campos a divulgar o jornal da Coluna. Deixados por um garoto, "analfabeto, Manoel não sabia que aqueles papéis tão propícios eram *O Libertador*. Pegou, assim, inocentemente, no maço de jornais, e foi para a privada. Lá se aliviou, e com verdadeira ternura se serviu de um número de *O Libertador*". Siqueira aparece e pergunta sobre o jornal, e Manuel o responde: "Digo-le, ó generali, que ninguém cumu eu gusou tanto o manifesto. Qui purtento!... Qui colosso!...!" A fala do português custa-lhe a vida quando é mal interpretada pelo oficial, ao voltar do banheiro e ter "encontrado lá os números do *Libertador*, inclusive o mesmo número servido por Manuel. Tendo este lhe dito que lera o jornal, Siqueira Campos tomou então suas palavras por uma troça infernal. Compreendeu de que forma o infame vendeiro lera *O Libertador*"¹²⁸.

Essa história circulou com outras versões, como a que substitui a morte do dono da venda por uma bronca de um oficial, sem que este (e não o vendeiro) cometesse o "sacrilégio" de usar o jornal após a consumação das necessidades fisiológicas. A narrativa chegava aos lugares mais rápida que a marcha da Coluna, e "os moradores não sabiam se riam ou acreditavam nos relatos de atrocidades que também chegavam às pilhas até os seus ouvidos"¹²⁹. Assim, João de Minas, ao colher histórias de segunda mão, valia-se de sua imaginação ficcional na recriação dos eventos e diálogos, retocando-as para, através da veia cômica e/ou macabra, caber nos fins políticos. A polarização partidária do final da década transformava riso e horror - fortes mobilizadores das emoções humanas que o escritor mineiro sabia manejar bem - em armas contra o inimigo.

¹²⁷ MINAS, João de. Cenas Horripilantes da Revolução no norte goiano. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15/1/1928, p. 4.

¹²⁸ Minas, João de. Cenas horripilantes da revolução no norte goiano. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15/01/1928, p. 4.

¹²⁹ Ver BRUM, 1994, p. 80. Este livro se aproxima bastante da perspectiva de João de Minas ao enfatizar as narrativas menos heroicas, atribuindo crimes aos membros Coluna, a partir de entrevistas com pessoas que vivenciaram sua passagem por diversos lugares do país. Mas, diferentemente do escritor mineiro, aqui os altos oficiais são resguardados.

Além dos exageros da prosa, as alterações de postura ao longo dos artigos permitem entrever que João de Minas não tinha envolvimento nas celebrações ou denúncias – eram peças de oportunismo político. Sua mudança em relação a Antonio Carlos mostra isso: se em fevereiro de 1929 dava "uma satisfação ao honrado presidente de Minas"¹³⁰, nove meses depois, após se engajar na Concentração Conservadora, o aliancista Antonio Carlos deixa de ser o sacerdote moço para se tornar uma "dançarina espanhola", "múmia diabólica"¹³¹, entre outros xingamentos iguais, publicados contra o presidente de Minas em todo o ano de 1930.

Bastante criativo na arte de ofender, o escritor mineiro faz o mesmo ao lançar vitupérios contra o ex-governador de Mato Grosso, Mário Correa, "minucioso vigarista que a polícia deve ter de olho", que precisa de um "purgante de creolina em geral, a começar pelo cérebro". Arrepende-se de tê-lo exaltado para rebaixar o general Mariante, elogiado pelo Ministro da Guerra. Sofreu então a "primeira dentada do remorso" ao encontrar um erro de acusar Mariante "de fatos indignos, que não se passaram como tal"¹³². As acusações que transformaria Mariante em um "general de poker" eram abandonar a força matogrossense liderada por Mário Correa numa batalha contra tropas da Coluna e fornecer informações falsas a tropas legalistas, presas e fuziladas por Siqueira Campos¹³³. As mudanças de posições políticas das personagens forçam revisões dos fatos relatados pelo escritor. Execra e enaltece conforme os contextos, mantendo apenas a linguagem.

A despeito dessas mudanças, de maneira geral, no final da década de 1920, João de Minas procura dar testemunho dos feitos do governo Washington Luís e líderes políticos regionais, sob o viés da modernização. Nos seus textos jornalísticos, o modelo claramente é São Paulo, estado percorrido pelo escritor enquanto vivia em Uberaba¹³⁴. Evoca as imagens da mitologia do bandeirismo que fundavam a narrativa hegemônica da história paulista¹³⁵, a qual atribui o desenvolvimento econômico à formação do povo, expressa pelo suposto

¹³⁰ Minas, João de. Uma satisfação ao honrado presidente de Minas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17/02/1929, p. 2

¹³¹ Minas, João de. Quem é o homem que governa o Brasil. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14/11/1929, p. 7.; *Idem*, A Múmia Diabólica. In: *Sangue de Ilusões*, 1930, p. 103-5. Esse livro reúne esses e outros artigos ofensivos a Antonio Carlos.

¹³² Minas, João de. O que me disse o sr. Ministro da Guerra. In: *Sangue de Ilusões*, 1930, p. 297-8.

¹³³ Minas, João de. Cenas horripilantes da revolução. *O Paiz*, Rio, 28/8/1927, p. 1 e 2.

¹³⁴ "Os rumos nacionais e internacionais do progresso paulista", "A raça em um documento", "Do porto de Antunes a Barretos - o prodigioso progresso paulista", "Diante do Vertiginoso Arranha-céu do Sr. Martinelli", "Grandeza Paulista, Grandeza do Brasil", "Quem é o homem que governa o Brasil". Quando se mudou para o Rio, esse discurso enaltecedor de S. Paulo se intensificou nos artigos do escritor mineiro, por conta do debate em torno da sucessão presidencial.

¹³⁵ Sobre o bandeirismo e a identidade paulistana, ver SALIBA, 2004, pp. 555-587; FERREIRA, 2002; FERRETI, 2004.

empreendedorismo destemido dos antepassados, contido nos descendentes. Como nas diversas correntes modernistas, projeta-se uma modernidade que não rompe com a tradição mitificada, mas ganha seu vigor através dela. A diferença é que o escritor mineiro explicita o viés partidário dessas ideias: o progresso econômico não seria fruto apenas do trabalho estrangeiro, mas principalmente da ação governamental envolta nesta aura bandeirante, formatadora das influências dos imigrantes:

Na capital paulista, sente-se por toda a parte o governo paulista. A população, a massa humana é, como se poderia dizer, germanizada na disciplina do poder público e da lei, ao modo europeu. É que o vasto e prolífico italiano de São Paulo é esmagado, é triturado, é pulverizado à pressão mental administrativa e política. A atmosfera paulista recebe jatos constantes de brasilidade, provenientes da alma histórica do povo, fundida em aço nos dias heroicos da raça, e disciplinando espiritualmente, da cátedra fabulosa dos mortos, os desígnios estupendos dos vivos¹³⁶.

A capital paulista simboliza o progresso do estado, capitaneado pela elite e materializado na arquitetura. Esse é o tema¹³⁷ de uma cômica crônica na qual um coronel sertanejo de Goiás solicita os serviços João de Minas para comprar um automóvel e acompanhá-lo a São Paulo, para ver o Arranha-céu Martinelli. Após ficar mais de quinze minutos abobalhadamente olhando o edifício, o coronel começa a ser confundido com um maluco e atrair os olhares desconfiados de um policial que tenta prendê-lo, enquanto o jornalista mineiro conversa com um amigo sobre os feitos da administração Júlio Prestes¹³⁸.

Percorrendo o interior, de Barretos a Ponta Porã, o escritor mineiro também procura mostrar os sucessos do café, das estradas de ferro e rodovias, dos pastos de boi, da política, afirmando que "não é a capital paulista que melhormente demonstra o progresso do Estado. O interior do Estado é talvez mais expressivo neste sentido", configurando uma nova "epopeia bandeirante"¹³⁹ da qual participariam trabalhadores imigrantes e nacionais, sobretudo baianos e mineiros do sul, atraídos pela riqueza. Por isso, retomando a expressão de Cincinato Braga e da mítica bandeirista, o escritor mineiro defendia a "sãopaulização do Brasil", projetada no passado pela expansão territorial, justificada no presente republicano pelo percentual de exportação que cabe ao estado e, principalmente, pela reunião em si do ideal de brasilidade:

¹³⁶ Sobre o progresso da capital, ver também os parágrafos iniciais de MINAS, João de. "Grandeza Paulista, grandeza do Brasil". *O Paiz*, Rio, 13/10/1929, p. 2.

¹³⁷ MINAS, João de. "Os rumos nacionais e internacionais do progresso paulista". *O Paiz*, Rio, 07 e 08/04/1928, p. 1.

¹³⁸ MINAS, João de. "Diante do Vertiginoso Arranha-céu do sr. Martinelli". *O Paiz*, Rio, 04/03/1928, p. 1.

¹³⁹ MINAS, João de. "Os rumos nacionais e internacionais do progresso paulista". *O Paiz*, Rio, 07 e 08/04/1928, p. 5.

"São Paulo hoje estiliza, nas consciências, o seu bandeirismo de ontem, nas selvas" porque seu progresso, transcendendo o ideal de riqueza e progresso material, "toma rumos jurídicos e filosóficos, condensando a ideia da Pátria na estética do constitucionalismo"¹⁴⁰.

A exemplo do texto sobre o combate na Fazenda Zeca Lopes, no qual as personagens de João de Minas e dr. Freire transitam de automóvel, a modernização pela expansão automobilística encontra-se bastante tematizada nos textos sobre Goiás. Visam confirmar o lema de Washington Luís "governar é fazer estradas" ao tratar do projeto federal de expansão rodoviária em uma das regiões mais distantes do litoral. Se não são poucas as narrativas em que João de Minas aparece em um automóvel¹⁴¹, em outras são tratadas especificamente as estradas do interior¹⁴². Nas suas viagens e inaugurações rodoviárias, o narrador aparece frequentemente acompanhado ou noticiando os altos políticos de Goiás e chefes locais. Ao enfatizar a relevância da construção da estrada ligando Inhumas e Anápolis, comenta que ela "torna muito fácil a ida à capital goiana, que assim fica a um dia de Vianópolis, ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Goiás, e que por sua vez fica a dois dias de S. Paulo, e a três do Rio. É uma rodovia muito civilizadora"¹⁴³.

A integração viária e ferroviária de Goiás tinha um sentido econômico claro para o escritor mineiro porque representava a abertura de novas fronteiras agrícolas para a maior riqueza do país, o café, "o melhor lastro ouro" existente. Anápolis, "o Ribeirão Preto goiano" por conta de suas terras roxas, já contaria com esse processo de modernização que levaria à cidade¹⁴⁴ uma colônia italiana de plantio de café, a aproximação da estrada de ferro, autos e caminhões, projetando um futuro de enriquecimento semelhante a São Paulo. Em outro artigo, aponta como a expansão rodoviária para o interior beneficiaria os cafeicultores goianos:

Da capital goiana, por sua vez, pela estrada recentemente feita pelo Dr. Brasil Caiado, presidente do Estado, se vai ao porto de Santa Leopoldina, no

¹⁴⁰ MINAS, João de. Sãopaulização do Brasil. In: *Sangue de Ilusões*, 1930, pp. 107-110

¹⁴¹ Além da que analisamos atrás, temos "O Chapadão - aspectos do triângulo mineiro", "O mistério das vidas anteriores", "Aquele que haveria de ser o rei de Goiás", "A escada celeste de Santa Dica", "O Fantasma do Rio das Velhas", "Diante do Arranha-céu do sr. Martinelli".

¹⁴² "Governar é fazer estradas - pelos heroicos sertões goianos, ao sr. Washington Luís", "Goiás, o glorioso Goiás, numa data imensamente nacional", "De Bela Vista à Capital Goiana", "Môço interado di bão, discoronhado i disturcido", "Minas Gerais e o Evangelismo Fordeano".

¹⁴³ MINAS, João de. "Môço interado di bão, discoronhado i disturcido", *O Paiz*, 22/01/1928, p. 1

¹⁴⁴ O escritor ironicamente deixa entrever o outro lado do processo: chegam à cidade, além dos "moços finos e desiludidos" com "a advocacia, as injeções, o grilo, os baralhos viciados, o chapéu Gelot, a cocaína e outros notáveis melhoramentos..." MINAS, João de. "Môço interado di bão, discoronhado i disturcido", *O Paiz*, 22/01/1928, p. 1. Em sua colaboração deste período, todavia, essa perspectiva não é tônica dos textos, ficando restrita a algumas passagens.

Araguaia. Ora, por esse caminho, o café de Anápolis pode perfeitamente ser exportado para o Pará, e daí para outras praças do norte brasileiro¹⁴⁵.

Percebemos, nestas páginas do *O Paiz*, a descrição das perspectivas de expansão do café, interrompida pela crise de 29 e pelas políticas de diversificação da economia nos anos 30. Foi a expansão desse produto central na economia brasileira que gerou investimentos em ferrovias desde finais do século XIX e as primeiras décadas do XX em São Paulo. No final da década de 20, o café já tinha atingido o extremo oeste paulista e a fronteira avançava rumo ao sul de Minas e também em municípios goianos. No horizonte das políticas do café, precedida pelas rodovias e seguida pela E. F. Goiás, estavam o Planalto Central e a Amazônia. Percorrendo toda a região, o escritor mineiro defende essa política, sentindo-se no direito de interferir no processo, apontando rumos¹⁴⁶.

Procurando mostrar conhecimento do local e de suas necessidades, João de Minas também polemiza com os opositores, a imprensa do Rio ("os moços velhos"), de São Paulo ("os almofadinhas e melindrosas do Triângulo Paulista") e os fazendeiro goianos ("de fraldas dentro das camisas") contrários às estradas. Em "Governar é fazer estradas", o escritor mineiro trata da inauguração da estrada entre Anápolis a Inhumas, completando um trecho que interliga a E.F. de Goiás à capital deste estado. O artigo parece rebater as críticas na imprensa carioca à política governamental

Alguns cronistas do Rio, moços velhos que absolutamente não conhecem o Brasil, porque moram na Avenida Rio Branco, achariam que o sr. Washington Luís simplifica demais, assim falando. As pessoas de bons músculos, porém, que dia a dia descobrem o Brasil, varando as suas florestas e os seus chapadões, bebendo as suas brisas e também os seus vendavais, preferindo isso à flanação insexual pela Avenida, - essas pessoas dão razão extrema ao sr. Washington Luís.

Dentre "as pessoas de bons músculos" estão o próprio João de Minas, que "convida" o presidente da república para um passeio de automóvel, simula uma viagem pela nova estrada, descrevendo o trajeto e uma batalha imaginária entre "os milhões de guerreiros vegetais" vencidos e a estrada triunfante. Ao final, a inauguração propriamente dita faz com que seu

¹⁴⁵ MINAS, João de. "Goiás, o glorioso Goiás, numa data imensamente nacional", *O Paiz*, 13/11/1927, p. 1 e 4. João de Minas diz que fez uma viagem de automóvel ao porto, em companhia de Brasil Caiado, presidente de Goiás, e Arno Konder, secretário de viação e obras públicas da República. Ver "No crânio da assassinada, a taça do sonho". *O Paiz*, Rio, 11/3/1928, p. 1.

¹⁴⁶ "Faça o Dr. Brasil Caiado o seguinte, antes que o tesouro do Estado quebre ou fique doido: 1o - mande o inspetor de estradas plantar batatas; 2o - exporte para o inferno os maquinismos do Dr. Walter; 3o - chame qualquer dos modestos construtores das rodovias recentemente inauguradas (...) e mande-o fazer a estrada de Bela Vista à capital, o mais depressa possível" MINAS, João de. "De Bela Vista à capital goiana". *O Paiz*, Rio, 1/1/1928, p. 1 e 5.

inauguradores revivam "um pedacinho, ao menos por um fio, da barbaça de Pedro Álvares Cabral"¹⁴⁷. Percebe-se o uso politicamente orientado de um tema muito caro aos anos 20, o da "redescoberta do Brasil". Nestes artigos mais comprometidos do escritor mineiro, a ênfase recai sobre o aspecto modernizante e integrador do interior ao centro, ao Brasil urbanizado, passando por fazendas e pequenas cidades já povoadas, vinculadas ao Estado.

Dessa forma, estamos diante de uma tentativa de sacralização da política, com a mobilização das constelações românticas, a exacerbação do irracional e do mito, para atingir as massas e mobilizar o inconsciente das coletividades.¹⁴⁸ João de Minas emprega elementos mobilizados fartamente pelos regimes autoritários mundiais dos anos 1920 a 40: a representação una do corpo da nação, o culto ao líder carismático e superior, o emprego do vocabulário religioso, apelo constante aos sentimentos e à emotividade, com a contrapartida polêmica da execração de toda oposição política. Associa ao governo Washington Luís essa concepção sacralizante, à qual vincula duas temáticas complementares que catalizavam o interesse do público: a euforia diante das tecnologias modernas e a busca pelos caracteres tradicionais da nacionalidade no sertão, incluindo o exótico e o sobrenatural. Tudo veiculado como verdade pelo testemunho jornalístico, apesar do estilo eivado de traços românticos, pitorescos, macabros e cômicos.

Tais elementos faziam parte da cultura de mobilização das massas¹⁴⁹ surgida nos anos 20 em São Paulo, com a qual diferentes vertentes políticas, no final da década, precisavam lidar:

Extinta a era do indivíduo e da palavra, impunha-se a era das massas e da ação. O prestígio mágico de que gozava o termo 'moderno' depois da Guerra se transferiria no final da década para a palavra 'revolução'. A política da mobilização permanente exigia líderes carismáticos, símbolos coletivos, fé redentora e ação ritualizada. Todas as forças políticas em confronto, com maior ou menor rapidez, aprendiam a operar com essas novas condições. A

¹⁴⁷ MINAS, João de. "Governar é fazer estradas" *O Paiz*, Rio, 25/09/1927, p. 1 e 2.

¹⁴⁸ A nova teologia política [fascista] não se pauta por processos racionais de integração. A vida moral, assim como a vida política encontram-se determinadas pela irracionalidade e pela ininteligibilidade. O indivíduo despoja-se de sua personalidade e passa a pertencer, de corpo e alma, à nação, ao estado, ao ponto de sentir, como nas palavras de Gentile, "o interesse geral como o seu próprio" ao mesmo tempo que converte a sua vontade na "vontade do todo". "A integração política pelas forças irracionais é uma integração total, porque o absoluto é uma categoria arcaica do espírito humano. A política transforma-se dessa maneira em teologia." LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas, SP: Unicamp / Papirus, 1986, p. 153. A última citação é de Francisco Campos.

¹⁴⁹ O escritor mineiro também tinha contato com essa cultura através do fascismo. Considerava Mussolini "a felicidade do italiano" que "derrubou sua mão de aço", gerando estabilidade econômica, fazendo cessar a emigração e acabando com a máfia, sendo por isso melhor do que a Itália de Nitti, das Declarações dos Direitos do Homem. MINAS, João de. Mussolini. In: *Sangue de Ilusões*, 1930, pp. 81-82.

mudança drástica que se observava na cena paulista, portanto, era o preâmbulo da mudança de um regime que se assentara até ali sobre a gestão autoritária de uma elite esclarecida europeizada. Do seu desmoronamento derivaria uma nova prática política baseada num consenso criado pela saturação de propaganda nacionalista e popular, controlado por uma categoria de 'técnicos' que se arrogam o poder de transformar a simbologia da modernidade numa utopia concreta¹⁵⁰.

Os temas dos artigos de João de Minas estavam afinados com as posições ideológicas dos setores dominantes da política paulista no nível federal, das oligarquias estaduais e coronéis locais. Ao lado desse aspecto, ele construiu um estilo ágil valendo-se recursos de linguagem ficcionais caros aos grandes nomes da imprensa da época. Assim, os artigos do escritor mineiro acompanham a tendência, nos jornais perrepistas, de difundir uma visão governista de mundo para um público bem mais amplo do que aquele visado por João Lage. Na era da mobilização política das massas urbanas, a capacidade literária de fazer a conexão das posições políticas com as constelações mentais dos leitores dos jornais valia ouro.

Os primeiros leitores, os editores de O Paiz

Em um ambiente político de oposição ao governo, os elementos trazidos pelos artigos de João de Minas caíram como uma luva para os editores de *O Paiz*. A parceria se mostrou tão fecunda que, desde cedo, além de abrir espaço em suas páginas, o diário carioca não hesitou em investir na imagem do jornalista, com felicitações de aniversário, registros de suas andanças pelo interior, até a veiculação de elogios rasgados de eminentes personalidades.

Em 13 de janeiro de 1928, *O Paiz* noticiou uma homenagem, pelas eminentes personalidades políticas da cidade goiana de Pouso Alto¹⁵¹, a João de Minas, que ali estava de passagem. Às vinte horas ele foi conduzido por uma comissão encabeçada pelo chefe político do município, o coronel Antonio Martins Mundin, ao palacete do coronel Wesquival Nogueira, "já repleto de pessoas de relevo, cavalheiros, senhoras e senhoritas, estando as salas lindamente ornamentadas", com a banda da cidade à disposição, e uma "deliciosa mesa permanente de doces, cerveja, guaraná e café". O discurso de recepção foi feito pelo "prestigioso político e caridoso médico Sr. Dr. Elpenor de Oliveira", apresentado como sendo de uma importante família de Ouro Preto e irmão do secretário da Agricultura do governo

¹⁵⁰ SEVCENKO, 1992, p. 255-6.

¹⁵¹ Atual Piracanjuba-GO. Na época, Pouso Alto incorporava também os atuais municípios de Professor Jamil, Cromínia e Mairipotaba. Cf. IBGE Cidades@. Acesso em 27/01/2011. Disponível em http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=521710.

Bernardes em Minas Gerais (1918-1922). Depois das danças conduzidas pela *jazz-band*, ainda louvaram o jornalista o promotor de justiça, "em estupendo discurso, revelando a sua excepcional cultura", e o advogado Hermínio Amorim, em nome das mulheres de Pouso Alto. O baile durou até as duas da madrugada, após o qual João de Minas foi conduzido por todos à pensão, arrematando a "bela festa de espírito e gentileza, que põe em relevo a cultura do sadio povo da formosa cidade goiana".

O redator não é pródigo em apresentar o luxo da festa - palacete, pessoas de relevo, salas ricamente adornadas, deliciosa mesa permanente -, que usa para ilustrar o processo de enriquecimento de Pouso Alto, refletindo uma sociedade aprimorada, um centro "amável e atraente, de molde a prender o visitante, que se deixa assim facilmente ficar". No início da notícia, o município é apresentado ao leitor como um dos mais prósperos de Goiás, em franco progresso: rodovias abertas por iniciativa particular, perspectiva de extensão da E.F. Goiás, terras de cultura (em especial o fumo), matas estupendas, e, principalmente, a circulação de notas de alto valor (1.000\$, 500\$, 200\$), recém lançadas pelo governo de Washington Luís na sua política de estabilização financeira. Toda essa riqueza é atribuída à ação direta do "prestigioso político local e abastado comerciante" Mundin, o cicerone de João de Minas.

Num único movimento, a notícia legitima o governo federal e a política local vigente em Pouso Alto, interligando-os através de ações que geram riqueza para o "povo", entendido e/ou representado (na festa) pelas figuras políticas e socialmente eminentes, coronéis e bacharéis. A notícia representa a mesma situação já vista no episódio da fazenda Zeca Lopes: no exercício de suas perambulações jornalísticas, João de Minas é muito bem acolhido por intelectuais e chefes goianos. O traço recorrente é o banquete, duas vezes oferecido a João de Minas (por Zeca Lopes e Mundin) e uma às tropas de Klinger ao derrotar a Coluna. O banquete simboliza a extrema opulência, a riqueza e requinte com a qual essas elites, em todos os níveis, queriam estar associadas.

Não é inverossímil imaginar que próprio homenageado tenha enviado, ainda em Goiás, a nota publicada no Rio de Janeiro. Independente da fonte da notícia, a recepção e publicação da "homenagem" vai ao encontro de um aspecto já visualizado nos artigos do escritor mineiro: seu papel de mediador entre diversos grupos de poder no Brasil, desde os chefes do interior retratados aos leitores visados na capital federal, centro de referência da vida institucional, intelectual e cultural brasileira.

Ao noticiar as "Homenagens a um ilustre jornalista, em Pouso Alto", o jornal não deixa de se autolegitimar. O "visitante ilustre", "o nosso confrade João de Minas", após receber discursos elogiosos e quadras poéticas, ao final do texto é apresentado como "uma das pessoas desta casa, um fulgurante colaborador do O PAIZ". Como tinha apenas sete meses no diário carioca, o redator sentiu necessidade de informar ao público que se tratava de um jornalista da casa que recebia a calorosa e luxuosa homenagem. Notemos também que João de Minas não foi ao município somente para a festa, mas estava de passagem. O trânsito contribuía positivamente para a imagem de repórter em serviço, que noticia os eventos diretamente das localidades situadas no interior do país.

O veículo se autopromove através do escritor mineiro. Além do seu jornalismo, são ressaltadas justamente suas qualidades literárias, comparando-o a um mestre, "um líder encantador dos corações", nas palavras de seu conterrâneo Elpenor de Oliveira. O elogio do estilo em que seus artigos são escritos não provém do próprio escritor mineiro e, por isso, são o índice da leitura feita pelos editores de *O Paiz*, que nunca deixarão de explorar essa característica ao promover João de Minas.

Cerca de um ano depois, o jornal veiculou em formato de livro alguns dos textos jornalísticos do escritor mineiro. Como percebemos pela capa abaixo, a editora tem sua sede numa das principais avenidas da Capital Federal, no segundo andar de um suntuoso prédio de três andares, o endereço de *O Paiz*. A apresentação menciona que este livro marca a estreia da editora. Sobre a *Alpha* não temos mais informações, nem sobre outros autores editados. Não é difícil imaginarmos que fosse uma rubrica criada pelo *O Paiz* para lançar o escritor mineiro¹⁵².

¹⁵² Criar rubricas editoriais fictícias para veicular livros era um procedimento comum dos escritores no período. Cf. HALLEWELL, 2005, p. 325.

Capa do livro *Jantando Um Defunto*.

Percebemos através da imagem que a capa tipográfica, sem ilustrações, contém os dados essenciais da edição de *Jantando um Defunto*, título de uma das "reportagens" sobre a Coluna Prestes. O interesse pela publicação reside no assunto abordado, perceptível pelo subtítulo em caixa alta. No final dos anos 20, revolução era o termo usado para se referir à Coluna Prestes, matéria tão presente nos jornais que, prevendo a identificação imediata do leitor, o editor não julgou necessário mencioná-la, evidenciando que o livro foi lançado quando o assunto ainda estava na pauta jornalística.

Na apresentação que fazem de João de Minas, os editores referendam a perspectiva adotada, pois “o escritor aprecia os fatos de um ângulo oposto ao dos que exaltam os rebeldes”¹⁵³. Apontando que “ninguém lhe contestará esse direito, de que os apologistas da revolução, no sentido das suas simpatias, largamente usaram e usam ainda”, prevê o potencial polêmico do livro, talvez responsável pelo sucesso do mesmo, assim como “[a fixação dos

¹⁵³ João de Minas e sua Arte, *Jantando um Defunto*, p. 3

sucessos], em contraste com depoimentos favoráveis à revolta, não será, sem dúvida, desdenhada como subsídio à reconstrução histórica da crise vencida”¹⁵⁴.

Vagamente desenhado pelos editores, o cenário jornalístico permite entender as referências. A interiorização da Coluna Prestes na Bolívia em fevereiro de 1927, ao contrário de acabar com a polêmica em torno do levante militar, acabou por reforçá-la. A Coluna se tornou o símbolo de uma luta contra os excessos e injustiças do governo, e diários cariocas de oposição como *O Globo*, *Diário da Noite* e *O Jornal* se valeram dela para externar suas insatisfações. Ao recolher subvenções para ajudar a Coluna no exterior, publicar artigos e manifestos assinados por Prestes ou entrevistas com o extenuado chefe, formavam a opinião do seu público leitor. Por exemplo, “histórias dramáticas, contadas na série de reportagens dos enviados especiais de *O Jornal*, provocavam manifestações pungentes de solidariedade e compaixão”¹⁵⁵.

Em 1929 a questão se requeitou a partir do debate em torno da concessão de anistia para os exilados, negada pelo presidente Washington Luís, e da inserção do nome de Luís Carlos Prestes em pesquisas sobre a presidência, feita pelo *Correio da Manhã*, que projetava a vitória do líder exilado sobre o candidato oficial em pleito a se realizar no ano seguinte¹⁵⁶. Nesses dois momentos importantes da discussão em torno de Prestes no final dos anos 20 vem muito a calhar aos “editores” de *O Paiz* os textos de João de Minas que, “reunidos neste livro, vinculam-se à fase revolucionária, nos aspectos terríveis que a longa crise revestiu na hinterlândia brasileira”¹⁵⁷.

Para aumentar o poder de eficácia dos relatos, os editores vão procurar compor uma imagem positiva do “escritor João de Minas” na apresentação do livro, datada de janeiro de 1929. A primeira informação que dão a seu respeito é justamente negar que ele seja alguém desconhecido. E vão além, pois, se apresentá-lo “seria tarefa supérflua”, informam que “desde seus primeiros escritos n’*O Paiz*, as verdadeiras ‘elites’ intelectuais o marcaram e consagraram como um prosador inconfundível”. Como vimos, o primeiro artigo seu saiu em 19 de junho de 1927, e já no segundo, de 13 de julho, o escritor mineiro abordou a Coluna Prestes, publicando sobre o tema até 19 de fevereiro do ano seguinte.

¹⁵⁴ João de Minas e sua Arte, *Jantando um Defunto*, p. 3 e 4.

¹⁵⁵ MEIRELLES, 2005, p. 47.

¹⁵⁶ MEIRELLES, 2005, p. 236 e ss.

¹⁵⁷ João de Minas e sua Arte, *Jantando um Defunto*, p. 3.

Tal qualidade será um dos aspectos centrais usados no prefácio pelos editores, que carregam na adjetivação: “ninguém escreve hoje no Brasil com maior exuberância de imaginação, com uma fantasia mais rica e uma plasticidade mais nervosa”, “tem o segredo de dinamizar os fatos e realçar os episódios menos seducendo com um esplendor verbal extraordinário e uma empolgante agilidade de fundo e de forma”. Todas essas características contribuiriam para acentuar nas narrativas “um conjunto de qualidades literárias e afirmações estéticas definindo um escritor de verdadeira personalidade”¹⁵⁸, um diferencial atrativo para o desfrute do texto. Apontam que é através do estilo que o escritor mineiro consegue não só “dinamizar os fatos e realçar os episódios menos seducendo” ligados à marcha da Coluna Prestes como também tratar com maestria de um tema caro à época, os sertões, com uma prosa “que tão brasileiroamente se ajusta à seiva inebriante da nossa terra e ao rude pitoresco dos nossos costumes sem cosmopolitismo”.

A imagem sertanista de João de Minas também é destacada. Na apresentação, a adequação estilística ao tema é produto da atuação de João de Minas, “advogado ilustre no Triângulo Mineiro e em Goiás” e “um intrépido palmilhador do sertão e um familiar das gentes heroicas e sensíveis que o povoam”. Assim, o leitor recebe informações sobre a profissão do autor¹⁵⁹ e sobre o ambiente das narrativas. O Triângulo Mineiro e Goiás não são apenas lugares onde a Coluna passou, mas também espaços qualificados como a “hinterlândia”, terra distante do litoral, onde se achava que habitavam pessoas com “costumes sem cosmopolitismo”. Buscava-se referendar o papel de João de Minas como brasileiro conhecedor, *in loco*, da essência da nacionalidade, revelando-se “um luminoso paisagista do sertão e um intérprete sagaz do ruralismo”¹⁶⁰.

O perfil é completado pelo próprio “autor”, num curto prefácio que sucede a apresentação dos editores, datado de 11 de junho de 1928, momento em que o livro foi para o prelo. Prevê a reação negativa da sua prosa no leitor “que, lendo-me, imaginará que eu quis fazer uma literatura, uma arte feroz, banhada de sangue”¹⁶¹. Apesar de reconhecer o aspecto triste da obra (“este livro é o rio da Dor”), repele a assertiva anterior: “Não! Eu não seria

¹⁵⁸ João de Minas e sua Arte, *Jantando um Defunto*, p. 3 e 4.

¹⁵⁹ Curiosamente, é omitida a atuação jornalística de João de Minas no Triângulo Mineiro, talvez porque fosse demasiado conhecida ou porque os editores quisessem ressaltar nesse momento o descompromisso com algum órgão ideológico, garantindo imparcialidade. Ariosto Palombo atua em periódicos e na imprensa oficial de Belo Horizonte desde meados dos anos 1910. Desde 1920 passou a trabalhar no *Lavoura e Comércio*, de Uberaba, antes de enviar sistematicamente artigos para *O Paiz*. Na década de 20, também colaborou em periódicos cariocas como *O Jornal*, *Revista Hoje*, ou a revista *A Luva*, de Salvador (BA).

¹⁶⁰ João de Minas e sua Arte, *Jantando um Defunto*, p. 3 e 4.

¹⁶¹ Este Livro, *Jantando um Defunto*, p. 5.

capaz, como um tarado, de fazer frases de efeito em torno a um rio escachoador de agonias”. Atribuindo o aspecto trágico à própria matéria, afirma para o leitor a objetividade do relato, minimizando o papel do seu estilo exuberante, apesar de utilizá-lo: “Este livro, amargo, cruel, dolorosíssimo, eu posso afirmar que o vivi. (...) Escrevi estas páginas sob a impressão dos fatos”¹⁶². Essas afirmações soam bastante cínicas, pois o que o autor faz são justamente lances de efeito a partir de sua narrativa, carregando bastante na “literatura”.

Nessa posição editorial, o prefácio do autor contradiz a apresentação feita pelos editores. As duas vozes introdutórias ao livro, num espaço de um semestre, calcam o interesse do texto introduzido de formas opostas: o escritor enfatiza uma posição imparcial, supostamente isentando-se de marcar posição em relação ao que é narrado, enquanto que os editores destacam o “ângulo oposto aos que exaltam os rebeldes”, marcando posição governista no campo discursivo da imprensa carioca.

Sem adentrar no teor do texto, o leitor tem composto um perfil daquele que escreveu as linhas, João de Minas. Da parte dos editores, apresentam um escritor já conhecido do público pelos jornais e consagrado pelas genéricas “elites intelectuais”, com uma prosa exuberante de grandes qualidades literárias (caracterizada por um impressionismo que aguça a imaginação), um advogado do Triângulo Mineiro e Goiás que conhece o sertão de perto – a parte mais “essencial” do Brasil –, e presenciou, “nos aspectos terríveis”, os eventos recentes (1924-27) considerados mais traumáticos do país. O escritor reforça essa ideia, lembrando que as páginas teriam sido escritas “sob a impressão dos fatos”, ressaltando ao leitor sua objetividade e isenção.

Algumas narrativas publicadas juntas em jornais foram desmembradas, dando origem a quatorze textos no livro, a grande maioria com títulos novos ou alterados¹⁶³. Mantiveram as mesmas linhas temáticas antes publicadas que, longe do mar de textos do jornal, ficaram mais evidentes quando reunidas em volume: a passagem da Coluna por Goiás e Mato Grosso, sob o ponto de vista legalista, e a descrição das paisagens e populações interioranas, oscilando entre

¹⁶² Este Livro, *Jantando um Defunto*, p. 5.

¹⁶³ Permaneceram sem alterações no título "Jantando um Defunto", "O esqueleto de Santa Maria Clara", "Cenas horripilantes da Revolução", "Os 26 assassinatos de homens louros". Tiveram os títulos levemente alterados: "A escada celeste de Santa Dica" para "A escada para o céu"; "A existência do monstruoso sapo-boi" para "O monstruoso sapo boi". Outros tiveram o título foi trocado: "Pires do Rio não - Carlos Prestes!" para "As desgraças de Piau"; "O Mistério das vidas anteriores" para "O cavalo de Átila". Foram desmembrados e ganharam títulos as narrativas "O enterrado vivo", "Uma poesia... ou um soneto!", "Maneiras de ler o 'Libertador'", "A pergunta do morto", "Os três assassinatos de Rio Bonito".

os sertões povoados e desconhecidos. As histórias são permeadas pelo macabro, o cômico, a romantização da natureza e fantástico, como já foi analisado.

Comparando os textos do jornal e os do livro, as narrativas contaram com mudanças pontuais, mas algumas vezes significativas. Por exemplo, a narrativa da invasão da fazenda Zeca Lopes recebeu o título de "A Pergunta do Morto"¹⁶⁴, ou seja, de início ressalta a dimensão do sobrenatural. A organização do texto se modificou: para o livro, os dois primeiros parágrafos foram subdivididos, deixando a primeira parte, a chegada de João de Minas à fazenda, mais leve. Já a narrativa do combate, antes separada, ficou concentrada em um único bloco de texto, dando continuidade aos eventos descritos. A terceira parte só teve a alteração no parágrafo final, desmembrado no ponto em que o narrador entrevista os peões da fazenda, ou seja, no clímax da história, reforçando ainda mais o efeito de suspense¹⁶⁵. De maneira geral, o texto ganhou leveza, propiciando uma leitura mais ágil, exceto justamente no longo parágrafo que trata do combate na fazenda, mais monolítico, retardando o fluxo da leitura.

As imagens retocadas também parecem significativas. No primeiro parágrafo, a lua "que parecia uma flor imortal dos abismos" tornou-se "uma gaivota de prata, que ia voar", imagem que reforça ainda mais o ambiente idílico construído. Além disso, Zéca Lopes deixa de ser um homem "bom e ilustre" para ser tornar "bom e simples". Independente do duplo sentido que a palavra ilustre possa ter (alguém famoso ou ilustrado), o vocábulo "simples" parece reforçar o aspecto interiorano do fazendeiro. A perspectiva política está mais evidente em relação ao saque do município de Mineiros, quando ocorre a substituição de "devidamente" por "crapulamente", o segundo vocábulo com uma carga negativa bem mais acentuada. As mudanças vocabulares vão no sentido de reforçar a imagem negativa da Coluna e a concepção "sertaneja" do ambiente.

A recepção de *Jantando um Defunto*¹⁶⁶ motivou os editores da *Alpha* a investirem em outro livro do escritor mineiro, *Farras com o Demônio*. Já fora timidamente anunciado em março de 1928 no *O Paiz*, mas na ocasião João de Minas pedia para os leitores esperarem pelo livro, "enquanto vou esperando por um editor amável"¹⁶⁷. Seguindo a recomendação de

¹⁶⁴ Ver, como apêndice, uma tabela comparando as versões desse texto.

¹⁶⁵ O efeito de suspense parece aumentar também com uma mudança de conteúdo. Na terceira parte da segunda versão, a princípio João de Minas não diz de quem foi a voz que fez a pergunta sobre a mão, só depois, como hipótese, a atribui a um peão. Ver apêndice.

¹⁶⁶ Ver próximo capítulo.

¹⁶⁷ MINAS, João de. No crânio da assassinada, a taça do sonho. *O Paiz*, Rio, 11/03/1928, p. 1.

João Ribeiro, que incitava o escritor a "empregar melhor seu talento" em um "livro de viagens pelo planalto onde se passam as histórias da sua narrativa [Jantando um Defunto]"¹⁶⁸, entre abril e agosto de 1929 as narrativas de *Farras com o Demônio* já eram publicadas no jornal *O Paiz* com a perspectiva de serem reunidas em volume, o qual saiu por volta de abril de 1930.

Longe de ser uma descida ao inferno, como sugere o título de efeito, a capa se aproxima mais do conteúdo¹⁶⁹. Desenho branco sobre um fundo preto, traz, entre o título e o nome do autor, a cabeça de uma onça que, levemente virada para a esquerda, fita o observador com a boca entreaberta, imensos caninos visíveis, como se rugisse. É muito provável que o demônio seja associado aos perigos trazidos por essa fera.

Capa do livro *Farras com o Demônio*.

Na folha de rosto, o subtítulo reforça esse sentido, "histórias vividas por João de Minas", que coloca o leitor fora do âmbito da ficção ao sugerir memórias, testemunhos ou reportagem. No prefácio autoral, "ponderações indispensáveis ao leitor amigo", João de Minas segue a tática do prefácio do livro anterior e reafirma a verdade factual da matéria, solicitando a credulidade do leitor: "tudo que se lê nessas páginas é - absolutamente

¹⁶⁸ RIBEIRO, João. Crônica Literária. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. XXIV.

¹⁶⁹ A capa é assinada por Orózio Belém, um artista plástico mineiro formado na Escola de Belas Artes do Rio, que ilustrava capas e desenhos para as revistas cariocas.

verdadeiro. Eu vivi este livro". Para convencê-lo da veracidade do texto, fia-se na prova testemunhal e apelo para personalidades políticas que considera de renome nacional, como Brasil Caiado, presidente de Goiás, e Arno Konder, diplomata e irmão do ministro da Viação de Washington Luís, Victor Konder, a quem o livro é dedicado. Assim, "durante todo esse livro eu cito pessoas e fatos, algumas pessoas de excepcional conceito. Isso é a prova da minha segurança no esculpiras realidades que prodigiosamente enriquecem essas páginas."¹⁷⁰

João de Minas diz ter vivido uma viagem aos sertões brasileiros: "este livro é uma forma de fazer bem ao nosso Brasil - descobrindo-o. Mas descobrindo o Brasil é que melhor nós individualmente descobrimos a nós mesmos"¹⁷¹. E completa:

Eu não exijo que pensem que eu sou um grande explorador inglês... Não. Isso é muito. Mas podem ir pensando que eu sou um sertanista bem intencionado, e que, à minha custa, não raro com risco de vida, tenho procurado humanizar ou civilizar com a minha presença regiões absolutamente irracionais da nossa infinita gleba nacional¹⁷².

Os editores vão pela mesma linha. Após retomar os elogios do prefácio do livro anterior, reapresentam esta faceta de João de Minas:

vemos o intelectual finíssimo com o estilo irisado das cambiantes do gerânio revelando-se ao mesmo tempo o atleta completo, o atirador exímio, o caçador de feras e de aventuras no recesso virgem do Brasil desconhecido, no seio sombrio das nossas imensas florestas, onde ainda se descobre um Brasil ora divino e sublime, ora trágico e sangrento. *Farras com o Demônio* é uma obra sem igual em nossa literatura, pois os nossos escritores, quando são exploradores ou sertanistas, quase sempre o são dentro das quatro paredes de um bem resguardado gabinete, com poltronas macias... O autor desta obra não. É um devassador autêntico dos nossos sertões, fazendo isso por prazer, por vocação, por amor às belezas e perigos do nosso remoto *hinterland*.¹⁷³

A referência clara é ao explorador britânico Percy Fawcett. Nascido em 1867 de família aristocrática (seu pai era próximo do Príncipe de Gales), estudou em Westminster, uma das mais reputadas e rígidas escolas da elite e, aos dezessete anos foi inscrito como cadete na Royal Military Academy. Dois anos depois, ao se formar, foi despachado para o Ceilão (Sri Lanka) onde, além de conhecer a mulher com quem se casou anos depois, fez sua

¹⁷⁰ MINAS, João de. "ponderações indispensáveis ao leitor amigo". *Farras com o Demônio*, 1930, p. V-VI. O autor erra o título e a data da publicação da crônica mencionada. No prefácio diz que foi lançada em janeiro de 1928 sob o título "Viagem ao Paraíso", quando o correto foi "No crânio da Assassina, a taça do sonho", divulgada em março.

¹⁷¹ MINAS, João de. "ponderações indispensáveis ao leitor amigo". *Farras com o Demônio*, 1930, p. V.

¹⁷² MINAS, João de. "ponderações indispensáveis ao leitor amigo". *Farras com o Demônio*, 1930, p. V.

¹⁷³ Breves palavras dos editores In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, 1930, p. V.

primeira exploração de lendas ao buscar, sem sucesso, um tesouro enterrado numa caverna, supostamente pertencente a vários reis que habitavam a ilha que se tornara colônia do Império Britânico. Para aprimorar suas habilidades, retornou a Londres e tomou cursos na Royal Geographic Society a partir de 1901. Neste mesmo ano, numa viagem pelo deserto do Saara, espionou o Marrocos para o serviço secreto britânico, que se valia das habilidades dos exploradores da Royal Geographic Society para obter informações estratégicas sobre territórios na Ásia, África e América que potencialmente interessassem a Corôa, numa época em que a corrida imperialista se acirrava entre as potências europeias.

A expansão imperialista britânica alimentava um gênero popular, as aventuras de exploração, do qual Percy Fawcett fora ávido leitor quando adolescente. Seu irmão mais velho, Edward, tornou-se profícuo escritor de aventuras e ficção científica. Percy, além disso, manteve contato com escritores famosos como Conan Doyle e Henry R. Haggard, criador da personagem Alan Quatermain, protagonista de diversas aventuras pela África, sendo a mais famosa “As Minas do Rei Salomão”. Mas foi Fawcett quem vivenciou uma dessas histórias na América do Sul. Depois do Marrocos, em 1906, Fawcett foi indicado pela Royal Geographic Society para uma expedição que, partindo de La Paz, adentraria na Amazônia, visando estabelecer as fronteiras entre Brasil e Bolívia. A partir daí, foram oito expedições até 1925. Nesta última, Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste entraram na região do Xingu em busca de uma rica cidade perdida, que o explorador, após pesquisas e relatos dos nativos da região, denominou Z. Seu último contato foi em 29 de maio, antes de adentrar na densa floresta. Nenhum dos três jamais foi encontrado¹⁷⁴.

Valendo-se de algumas expressões como explorador, sertanista, civilizador ou humanizador, a grande aposta de João de Minas foi unir esse gosto pelas aventuras nas florestas brasileiras, o interesse pelo paradeiro de Fawcett, a uma retórica nacionalista, associando o sertanismo com a (re)descoberta do país. Os editores explicitam uma sugestão do autor: o intelectual não é valorizado por apenas portar atributos próprios de seu ofício mas, para realizar a tarefa de “descobrir” o Brasil, precisam de dotes físicos aprimorados, tornando-se “atleta”, “caçador”, tudo que tornaria João de Minas um sertanista de verdade, o que é critério para distingui-lo dos intelectuais “de gabinete”.

O livro *Farras com o Demônio* é organizado em capítulos, sem apresentar outras divisões. Mas sua estrutura revela duas partes: a primeira é a série de narrativas, publicadas

¹⁷⁴ Sobre Fawcett, ver GRANN, 2009.

em 1929 no *O Paiz*, relatando as peripécias bastante cômicas de uma viagem ao Araguaia na companhia do farmacêutico Francisco e do guia Xaraim. Nas primeiras, descrevem a paisagem e animais com hábitos esquisitos, como a arara que se suicida ao ser traída pela esposa, ou o sedutor urubu-rei, cujo coração era ingrediente fundamental para um talismã da paixão. Depois, encontram uma tribo indígena desconhecida, os xanatls, que apresentam hábitos de vida exóticos e mostram onde há ouro em pó, para ambição de João de Minas e Francisco. Outra aventura começa quando o guia caboclo e a filha casada do líder Sotia transam. Para reparar a ofensa, a moça é decapitada e Xaraim deveria ser capado, o que leva a comitiva do narrador tentar fugir e sofrer perseguição. Após ter a canoa e barraca roubadas por formigas a mando de um feiticeiro da tribo, encontram missionários dominicanos que os reconduzem à “civilização”. Essa é uma narrativa contínua de aspectos dos sertões profundos brasileiros, justificada no prefácio do autor e dos editores. Essa parte não apresenta mudanças vocabulares e narrativas em relação ao jornal, apenas alguns parágrafos são desdobrados e títulos mudados.

A segunda parte do livro é composta pela reunião de textos dispersos sobre as regiões interioranas de Goiás, Mato Grosso e Triângulo Mineiro, antes publicados no *O Paiz* em 1927 e 1928, ou inéditos. Retratam os sertões habitados, com suas deslumbrantes paisagens, povoados pequenos, animais estranhos e aspectos pitorescos das populações. Em textos dessa parte também são retratadas intervenções sobrenaturais, como em "O Fantasma da Ponte João Ribeiro", apresentadas como verdade. Alguns possuem uma perspectiva política acentuada, como acontece em "A minha viagem com o Dr. Washington Luís", antes publicado com o título "Governar é fazer estradas - pelos heroicos sertões goianos". Mas, ao contrário de *Jantando um Defunto*, este livro não se propõe a ser um panfleto, motivo pelo qual a política se subordina à aventura, ao humor e ao exótico.

Tendo em vista a estrutura do mercado editorial brasileiro, cujas tiragens não passavam em média de mil exemplares por edição, o número de leitores devia ser reduzido. No livro *Farras com o Demônio* é informada a tiragem de cinco mil exemplares de *Jantando um Defunto*¹⁷⁵, distribuído para livrarias do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte¹⁷⁶. Segundo os editores ela se esgotou e, por isso, se preparava outra edição, de luxo, de igual montante. Nunca encontramos indícios dessa segunda edição que, segundo notas na imprensa,

¹⁷⁵ MINAS, João de. Prefácio. *Farras com o Demônio*, 1930, p. XXXII.

¹⁷⁶ Cf. Propaganda de *Jantando um Defunto*. *O Paiz*, Rio, 7/3/1930, p. 4.

seria ampliada e revisada. O jornalista mineiro Rômulo Palombo, ao reproduzir um desses *releases*, comenta que a segunda edição seria "ilustrada, com a formidável crítica que teve o livro, com correções e aumentos, como um capítulo da marcha de heroísmos da Coluna Sul, que varreu os revolucionários de São Paulo sobre o Rio Paraná" e também, aproveitando para cutucadas políticas, "um estudo sobre a evolução revolucionária dentro do onanismo político da Aliança-Liberal-Libertadora, João Neves da Fontoura e outros animais sem rabo."¹⁷⁷

Podemos inferir das análises anteriores que o leitor visado pelos editores, o "público brasileiro", provavelmente era urbano, sensibilizado com as vagas nacionalistas que projetam sobre o interior a essência da brasilidade. Espera-se que ele acompanhe os grandes jornais cariocas, para formar sua posição política ou para conhecer, para "levar em conta", a opinião das "elites intelectuais", que tinham no jornal o principal meio de difusão e debate de ideias. Os editores também apelam para uma leitura feita por alguém com cabedal suficiente para avaliar as qualidades estilísticas de um texto, através uma linguagem usada pela crítica literária. Provavelmente os editores buscavam atingir um leitor familiarizado com as discussões políticas e intelectuais nos jornais dos grandes centros, em finais dos anos 20.

Mas, por outro lado, nos textos e nos prefácios autorais joga-se com uma credulidade fantasiosa para os padrões intelectuais, mas que pareciam surtir efeitos à época, não apenas por conta de uma ignorância sobre os sertões mas pela crenças em realidades sobrenaturais. Além disso, tanto no texto como na divulgação (figura 4, abaixo), percebemos a vigência da já mencionada linguagem voltada às emoções do leitor, valendo-se inclusive do código editorial utilizado, desde o século XIX, para romances populares: "um livro de sensação"¹⁷⁸. No século XX, junto com os folhetins, os *fait divers* e as reportagens também passaram a alimentar as emoções do público, nos jornais ou em livros.

¹⁷⁷ Cf. PALOMBO, Rômulo. Livros Sensacionais de João de Minas. *Folha da Noite*, Belo Horizonte, 12/5/1930 In: MINAS, João de. *Sangue de Ilusões*, p. 301.

¹⁷⁸ Como lembra Alessandra El Far, "O termo sensação era usado de modo recorrente naquele século. Na vida real, toda situação inesperada, assustadora, impetuosa, capaz de causar arrepios e surpresa recebia tal conotação. Na literatura, essa expressão servia para avisar o leitor do que estava por vir: dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis. Em outras palavras, fatos surpreendentes que extrapolavam a ordem rotineira do cotidiano. Tanto o editor como o autor procuravam fisgar a curiosidade do leitor pela trama sensacional trazida pelo livro. Não estava em questão a análise psicológica minuciosa das personagens, nem mesmo ousados preâmbulos estilísticos. Fazia-se necessário, antes de mais nada, colocar em primeiro plano as fatalidades do destino, as ações imponderadas dos seres humanos e suas funestas consequências, que atropelavam o curso esperado da vida." EL FAR, 2004, p. 14-15.

Propaganda de *Jantando Um Defunto*, O Paiz, Rio de Janeiro, 4 março a 17 de julho de 1929, p.1

Além da divulgação mais ampla, percebemos a tentativa de atingir leitores determinados, como revela uma notícia sobre a inusitada forma de comercialização do livro:

Há pouco os delegados de polícia desta capital [Rio] receberam um exemplar do livro "Jantando um Defunto". Acompanhado cada exemplar, ia um conselho sobre a necessidade de sua aquisição, com convite da remessa de 5\$000. Quase todos os delegados atenderam.

A notícia prossegue narrando o que ocorreu com o único delegado que recusou a oferta, devolvendo o livro e a circular que o acompanhava:

Qual não foi a surpresa quando, 24 horas depois, lá se achavam novamente, reiterados, desta vez pelo porteiro da polícia, o conselho de aquisição do livro e, destacadamente, o da remessa de dinheiro. Dotado de bom humor e amante das musas, o delegado de Jacarepaguá tornou a despachar o livro para o porteiro, juntando-lhe, desta vez, uma lauda de papel com a seguinte quadra: "Um conselho vai junto / ao porteiro tão ativo: / Vá jantando seu defunto / Mas não morda quem está vivo..."¹⁷⁹.

Talvez estivesse acontecendo no Rio o que fora feito anos antes com os textos de João de Minas, como indica uma citação atribuída a Siqueira Campos:

por estranha coincidência, ali estava um dos maiores detratores da coluna, autor de um panfleto *que circulou aos milhares pelo país, espalhado pela polícia federal*. Intitulava-se essa sujeira em letra de forma: "Jantando um Defunto". Éramos todos apresentados com as cores mais negras. Prestes e eu

¹⁷⁹ Folha da Manhã, São Paulo, 31 de agosto de 1930, p. 4.

como dois refinados patifes, vergados ao peso de não sei que crimes hediondos e a gotejar o sangue de um número inimaginável de inocentes¹⁸⁰

É provável que Siqueira Campos (ou Júlio de Mesquita Filho) refira-se ao artigo de mesmo nome, talvez publicado entre 1924 e 1926 em algum jornal de Minas ou Goiás, para só depois aparecer no *O Paiz*. Não é implausível imaginar que alguns textos contra a Coluna, difundidos pelo governo no interior do país, tenham saído da mão de João de Minas. O curioso é observar a veiculação do livro *Jantando um Defunto* dentro da polícia carioca, no final de agosto de 1930, um ano e meio após seu lançamento. Apesar da ausência de dados mais concretos, como as mencionadas circulares, é provável que o livro, novamente, tenha servido de anteparo aos discursos pró-revolução que emergiram após a derrota da Aliança Liberal, à "degola" de seus deputados, impedidos de assumir o cargo pela comissão de verificação de poderes da Câmara, e ao assassinato de João Pessoa. Como os tenentes inspiravam essas soluções, pode ter parecido oportuno formar a opinião da polícia através da desqualificação dos "revolucionários", feita no livro de João de Minas.

Se os leitores acompanhassem de perto o jornal *O Paiz*, veriam como esse órgão abriu cada vez mais espaço ao jornalista do Triângulo Mineiro: locais de destaque dentro da diagramação do jornal, uma coluna político-literária, artigos enaltecendo sua figura, edição e propaganda de seus livros. A última cartada dos responsáveis pelo *O Paiz* foi sua promoção no circunscrito teatro político de finais dos anos 20. Segundo o escritor mineiro, à sua revelia, uma campanha pela inclusão de seu nome na chapa de deputados da Concentração Conservadora foi capitaneada pelo diretor do *O Paiz*, por Carvalho Brito (líder do partido), e apoiada por Melo Viana, seu padrinho e quem, como vice-presidente de Washington Luís com forte base de apoio no Triângulo Mineiro, provavelmente mediou a entrada do escritor mineiro nesse jornal. Seu nome acabou não sendo aceito, mas as perspectivas políticas pareciam promissoras, como mostram as palavras de um deputado federal por Minas: "O Brito tem por você uma especial simpatia. Você esteve na chapa dele, e não ficou por motivos prementíssimos de política regional. Mas você conte com o Brito, pois você é moço."¹⁸¹

Enquanto aguardava sua oportunidade para pertencer a esse seleto grupo, o autor mineiro colhia vantagens do prestígio adquirido a partir da leitura feita por outra classe estratégica para a qual o livro *Jantando um Defunto* foi remetido, a dos literatos, em especial da Academia Brasileira de Letras.

¹⁸⁰ MESQUITA FILHO, 1954, p. 17, grifo nosso.

¹⁸¹ MINAS, João de. Minha candidatura a deputado federal - explicação necessária, *O Paiz*, 11/05/1930, p.2- 4.

2- O escritor revelação

Debates literários dos anos 20 do ponto de vista de João de Minas

Numa das crônicas de *Jantando um Defunto*, João de Minas encontra Aleixo, um guia sertanejo com a "mania feliz" de fazer versos sobre tudo, inclusive sobre as supostas atrocidades praticadas pela Coluna em Natividade (GO): "quero fazê uma puisia dessas mardade di seu Preste... U siôr mi pubrica a puisia?"¹⁸². O narrador se admira da "inteligência desse sadio analfabeto, aliás de uma pontaria infernal no clavinote". O maior espanto repousava no conhecimento que Aleixo possuía da Academia Brasileira de Letras:

Era o seu sonho entrar para a Academia Brasileira, cuja existência ele conhecia minuciosamente, não sei como. Ele falava familiarmente em todos os acadêmicos, como se fossem seus íntimos. Era o sô Felix Pacheco para aqui, o sô Coeio Netto para ali, o sô Umbelto di Campo para acolá... (...) às vezes, ele me pregava rápidas mentiras inocentes, quase inconscientemente. Dizia, por exemplo: "... o sô Arberto di Olivêra me disse...", "... o sô João do Nolte mi iscreveu...", "...quano eu istive no Rio, em casa do cumpadi sô Olavo Bilacre...", etc.¹⁸³

O texto aposta no contraste entre o parâmetro da cultura letrada, com sua aura de distinção, e a realidade interiorana de Aleixo, marcada pelo analfabetismo e cultura oral, expressa no sotaque que desfigura os nomes ilustres, além do despojamento material e violência. O poeta conhece o caminho a ser trilhado para alcançar o seu sonho: a "publicação" do poema, o que implicava não apenas a transposição do código oral para o escrito (este com maior peso simbólico) como a difusão (em jornal ou volume) para apreciação dos leitores. A insistência na publicação, que chega a irritar o narrador - "garanti ao meu valente camarada, pela milésima vez, que eu lhe publicaria todas as poesias" - evidencia o quanto Aleixo conhecia as vias para se tornar um poeta reconhecido ou, no limite, um "imortal".

A poesia de inspiração parnasiana, a qual justamente prezava o rigor da língua portuguesa culta, é dominada pelo sertanejo. Ele sabe compor sonetos, a forma poética de referência para os poetas parnasianos, alguns dos quais membros da Academia, da qual Aleixo almeja se tornar membro. Portanto, a comicidade do texto se deve ao conhecimento do

¹⁸² Minas, João de. Uma puisia... ou um sonetu. *Jantando um Defunto*, p. 61. O título da narrativa é deslindado ao final: quando João de Minas se lamenta pela trágica cena de uma criança ao lado da mãe morta pela Coluna Prestes, Aleixo é assaltado por uma dúvida "existencial", a de escrever sobre o caso "uma puisia... ou um sonetu".

¹⁸³ Minas, João de. Uma puisia... ou um sonetu. *Jantando um Defunto*, p. 61-2.

circuito do campo literário - produção, edição/publicação, leitura, consagração institucional - por alguém distante, espacial e culturalmente, do local de referência desse circuito, o Rio de Janeiro no final dos anos 20.

Fundada em 1897 no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras (ABL) angariou o prestígio intelectual de muitos dos seus fundadores e primeiros membros¹⁸⁴. Ombreando-se no meio intelectual brasileiro com os Institutos Históricos e Geográficos, Museus e Faculdades, mais dedicados à ciência, direito, geografia ou história, a Academia Brasileira, inspirada no modelo francês, buscou ser não apenas a instituição de referência em literatura e língua portuguesa no Brasil mas também um lugar refinado, aplaudido pela elite carioca e brasileira. A consagração não ocorreu sem dificuldades. No início, eram de ordem financeira, pois não possuía sede própria, não contava com o esperado apoio do governo republicano e não poderia ser mantida pelos membros. A estabilidade financeira veio aos poucos: em 1905 o governo cedeu uma sala no Cais da Lapa, em 1917 o editor Francisco Alves deixou sua fortuna para a instituição, e em 1923 o governo francês doou *Petit Trianon* ao governo brasileiro, que o cedeu ao funcionamento da ABL.

A autonomia intelectual almejada era difícil. Com o analfabetismo nacional em torno de 80%, o público e o mercado editorial brasileiros eram bastante exíguos, levando os escritores sem posses a possuir outra atividade - como Machado de Assis, que era funcionário público - ou se sustentar vendendo sua força de trabalho nos jornais e revistas ilustradas, que se modernizavam e se expandiam na virada do século. Viver da pena já era possível, mas no início do XX significava trabalho duro, como o de Coelho Neto, que se mantinha da publicação constante de artigos em periódicos e livros de ficção, tornando-se um dos escritores mais prolíficos do país. Até pelo menos os anos 30 e 40, o principal meio de difusão de textos, debate de ideias e remuneração intelectual era o jornal, comprometido com os gostos do restrito público, com interesses dos anunciantes e com os poderes políticos. Além disso, os literatos sofriam concorrência, seja dos autores e livros estrangeiros, seja de emergentes meios de comunicação de massa, como o cinema.

¹⁸⁴ Os quarenta membros iniciais foram Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay, Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero, Urbano Duarte, Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Beviláqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça.

Também a legitimidade intelectual da Academia nunca foi unânime. A Academia encontrou oposição nos jornais no momento de sua fundação, por conta da busca do apoio governamental. Do mesmo modo, foram ironizadas pela imprensa as eleições permeadas pelo apadrinhamento e pela teoria dos expoentes (que levava em conta prestígio social dos candidatos), preterindo intelectuais com obra reconhecida. Por conta dos acadêmicos eleitos a despeito dessas críticas, consolidou-se o prestígio social da instituição, levando uma plateia sofisticada a frequentar as palestras de convidados nacionais e internacionais ou as cerimônias de recepção aos novos acadêmicos, e escritores de todo o país a ambicionar o prestígio e vultosos prêmios dos concursos literários¹⁸⁵.

Nos anos 20 a Academia sofreu outras críticas. Inspirando-se nas estéticas europeias de vanguarda, os modernistas de São Paulo associaram a ABL ao conservadorismo literário e à manutenção de um europeísmo caduco, em meio à onda nacionalista que perpassava o país. Um desses ataques nos anos 20 causou repercussão por partir de um dos integrantes mais antigos da agremiação literária. Em 1924 Graça Aranha, um dos patronos da Semana de Arte Moderna de 1922, fez um discurso na Academia criticando suas práticas literárias: condenou sua pretensão de ser cópia da Academia Francesa, considerou-a descolada da realidade nacional e irrelevante para a literatura do país. Provocativamente propunha a demolição da Academia e sua reconstrução segundo a brasilidade e o espírito moderno. Ao ser aplaudido pelos jovens presentes, como Sérgio Buarque de Holanda, Rubem Borba de Moraes, Mário de Andrade etc., com gritos de "Morra a Grécia", foi contestado por Coelho Neto, que defendeu a Academia dizendo ser o "último dos helenos". A defesa empedernida da instituição e da cultura clássica tornou Coelho Neto símbolo de tudo que esse grupo de jovens criticava, associando-o ao europeísmo e à literatura descolada dos anseios nacionalizantes, pecha que lhe caiu até o final da vida¹⁸⁶. Já Graça Aranha, reafirmando sua reorientação literária, pediu desligamento da Academia, que nunca foi concedido.

A repercussão do discurso de Graça Aranha e a contestação de Coelho Neto, assim como os ataques que a este foram feitos, criou a sensação de divisão na intelectualidade entre os modernistas e os acadêmicos¹⁸⁷ e, na literatura, entre as novas e vigentes concepções de

¹⁸⁵ As informações sobre a Academia Brasileira de Letras foram extraídas de EL FAR, 2000.

¹⁸⁶ EL FAR, 2000, p. 250 e ss. SALIBA, 2009, p. 240.

¹⁸⁷ "o debate iniciado por Graça Aranha provocou durante os anos de 1920 uma certa cisão entre os jovens emergentes e o discurso acadêmico. Neste período, a Academia foi alvo de várias críticas acerca de seu tradicionalismo caduco descolado da verdadeira cultura brasileira e de sua influência nula no desenvolvimento literário no país". EL FAR, 2000, p. 258.

arte. A Academia, por seu lado, optou por reforçar o seu prestígio, mantendo os mesmos rituais:

O repente modernista evocado por Graça Aranha em nada modificou os preceitos acadêmicos. Através das sessões ordinárias e solenes, cada qual com suas particularidades, os imortais direcionavam seus esforços no sentido de cultivar o passado literário de seus integrantes, com o objetivo de reforçar a importância de uma certa tradição de letras no país e o papel incontestável da Academia na sociedade brasileira¹⁸⁸.

Mesmo com os ataques, e por conta da exiguidade do campo literário, a Academia continuava sendo a instituição de referência literária no país:

Ao chegar-se à década de 1930, a ABL era das instituições culturais mais importantes do cenário intelectual do país, fosse para o bem ou para o mal. O local mexia com o imaginário social, era notícia na imprensa, era combatida e/ou ambicionada, provocava tensões, comentários, análises ostensivas, expectativas calorosas, desprezos fatais e polêmicas que se arrastavam por anos a fio. Umas pueris, outras mais sérias. No mais, ainda era na Academia que eram recebidas as grandes personalidades culturais do mundo que passavam pelo país, num reconhecimento da instituição como parte do circuito oficial de entidades a serem visitadas em território nacional, presente nos trajetos das visitas dessas mesmas personalidades internacionais.

Um outro aspecto que marca a relevância conferida da ABL para o campo intelectual, girava em torno de sua representatividade, apesar de todo o teor das campanhas de depreciação por que passava, dia após dia. Era pensando em ser agraciado para uma das suas vagas num futuro próximo ou distante que muitos escritores dedicavam a sua carreira literária e artística, com o fim último de uma eleição para a Casa de Machado de Assis. Por essas e outras a Academia Brasileira de Letras tornou-se ao longo de um curto espaço de tempo, o templo sagrado, a “torre” responsável – ou que ao menos detinha esse poder – de consagração do campo intelectual brasileiro, de maneira legítima. A quase exclusividade dessa ação laudatória ao campo intelectual pode ser observada por conta da inexistência de outros espaços que dividissem essa finalidade, como um complexo de universidades, e/ou uma rede consolidada de grandes editoras ou ainda de órgãos governamentais tradicionais prontificados para esse objetivo, além de outros institutos culturais e literários no Brasil, capazes e com legitimidade para agir nesse sentido¹⁸⁹.

Do alto dos chapadões do Triângulo Mineiro, das perambulações por Goiás ou já em sua atividade no Rio de Janeiro, João de Minas parecia acompanhar não só a vida intelectual como tomou parte nos debates mais candentes. Junto com seus artigos de teor político, João de Minas publicava crônicas e resenhas sobre livros e escritores brasileiros.

¹⁸⁸ EL FAR, 2000, p. 258.

¹⁸⁹ LOPES, 2007, p. 42.

Assim como na política, advogou o situacionismo literário, não ficando muito longe das posições da personagem sertaneja que representou, como vemos no comentário sobre sua relação pessoal com a Academia:

Eu tenho na Academia Brasileira de Letras alguns amigos, pela aproximação intelectual, tais como os eminentes srs. Coelho Neto, Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Alberto de Faria, Luis Carlos. Creio não ter na Academia nenhum inimigo. Nunca feri nenhum acadêmico. Considero o poeta Olegário Mariano o nosso divino Maciel Monteiro. Adelmar Tavares tem orvalhos de maio na sua poesia nacional, ou racial¹⁹⁰.

É provável que ele fosse mesmo conhecido no interior do silogeu. Coelho Neto, na carta enviada ao autor em 1929, diz que já vinha acompanhando o jovem escritor, “contente de haver percebido na distância, mal o seu nome apareceu n'*O Paiz*, o vigoroso escritor que, a passos largos, nos chegava dos remotos sertões mineiros.”¹⁹¹ No ano seguinte, Gustavo Barroso, numa reunião da ABL em outubro, “ofereceu, em nome do autor, para o qual teve palavras elogiosas, um exemplar do livro 'Farras com o Demônio', do sr. João de Minas”¹⁹².

João de Minas procurava cultivar as graças da Academia, utilizando a mesma linguagem sacralizante que usava para a política. Em seus artigos, referendava a aura e o poder de consagração da instituição, afirmando que a nata da inteligência estaria nela, não no Congresso Nacional, por causa da dificuldade e rigor em se fazer parte da agremiação: “a Academia de Letras eu sei que é justa, ponderada e severa. Ela acolhe sob medida os valores. O candidato deve entrar com o recheio de luz bastante à imortalidade. Menos, nem um pinga, ou um centímetro...”¹⁹³. Reafirma seu papel na sociedade, através da crítica literária e da modelagem da língua:

A Academia, em verdade, não existe apenas como monumento morto, como sepultura imortalizante. Não. A Academia também vive, em função, em obras, modelando a língua, honrando-a, agindo, combatendo vastamente o analfabetismo. A Academia devassa a prodigiosa mas escura gleba nacional, com o seu holoforte de belos pensamentos. É isto também uma espécie de

¹⁹⁰ Minas, João de. Em Menotti Del Picchia, no Silogeu, a grandeza paulista. *A Gazeta*, 14/06/1930, p. 3. Outro artigo no qual tece comentários sobre a academia foi publicado no mês seguinte: Minas, João de. Maria Cecília e outras histórias de Veiga Miranda. *A Gazeta*, 11/07/1930, p. 5. Ver também *idem* Em torno a Coelho Neto e Alberto de Faria – apontamento de literatura *O Paiz*, 23/09/1928, p. 6.

¹⁹¹ In: *Farras com o Demônio*, p. XXIX.

¹⁹² ACADEMIA Brasileira de Letras. Resumo das sessões realizadas no mês de out./1930 *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 34, ano XXI, n. 107, nov. 1930, p. 371

¹⁹³ Minas, João de. Maria Cecília e outras histórias de Veiga Miranda. *A Gazeta*, 11/07/1930, p. 5. Ver também o comentário sobre a eleição de Alberto de Faria: Em torno a Coelho Neto e Alberto de Faria – apontamento de literatura *O Paiz*, 23/09/1928, p. 6.

desalfabetização moral. A Academia prestigia o belo, tirando-lhe o cunho carranço da inutilidade¹⁹⁴.

A deferência à Academia por João de Minas não implicava necessariamente que ele não opinasse sobre os rumos da instituição, desde campanhas pela eleição de candidatos de sua preferência, como Menotti Del Picchia em 1930¹⁹⁵, até a inusitada sugestão, feita na imprensa, de elevar o número de cadeiras imortais de 40 para 100, por causa do aumento de pessoas valorosas nas letras brasileiras, tendo em vista que "a Academia é que é pouca, e os artistas da palavra, dignos da imortalidade, é que são muitos"¹⁹⁶.

Além da defesa da instituição, João de Minas tratou individualmente dos acadêmicos. Fez a resenha elogiosa ao livro *Mauá* de Alberto de Faria e elogiou sua entrada para a Academia¹⁹⁷, dedicou uma de suas crônicas ao “espírito fulgurante de Humberto de Campos”¹⁹⁸, e também defendeu Coelho Neto dos ataques: "em uma coluna e meia, um larápio ou arrieiro qualquer assinava umas irreverências a Coelho Neto, a título de crítica literária. O maior escritor da nossa língua era ali mordido pelo menor cachorro brasileiro"¹⁹⁹.

O único criticado foi o (ex) imortal Graça Aranha, por conta do livro "A Viagem Maravilhosa"²⁰⁰. Escreve que não gostou do livro, indagando ironicamente se Graça Aranha era mesmo o autor que escreveu *Canaã*, lido muitas vezes pelo escritor mineiro em sua juventude. Aparentemente foi a guinada modernista de Graça que desagradou João de Minas: "Graça Aranha, tendo pregado de começo bons sermões futuristas, parou de repente, e desceu da tribuna sagrada, com as mãos ardentes nos bolsos, remexendo os níqueis. Em seguida, o mestre dobrou uma turva esquina, no fim da rua, e sumiu." Essa desconfiança da sinceridade de Graça Aranha e outros defensores do modernismo, como Paulo da Silveira, teriam feito época na intelectualidade brasileira, mas não se perpetuaram:

Houve até aquele escândalo na Academia. Os jornais apitaram. Graça Aranha empunhara o pau da rebeldia poética. O pau subira, descera, tornara a subir, descera... Coelho Neto espalhara-se, na sua irresistível capoeiragem. Era a hora de ver quem tinha garrafas vazias para vender. Depois apareceu o

¹⁹⁴ Minas, João de. Em Menotti Del Picchia, no Silogeu, a grandeza paulista. *A Gazeta*, 14/06/1930, p. 3.

¹⁹⁵ Minas, João de. Em Menotti Del Picchia, no Silogeu, a grandeza paulista. *A Gazeta*, 14/06/1930, p. 3.

¹⁹⁶ Minas, João de. Maria Cecília e outras histórias de Veiga Miranda. *A Gazeta*, 11/07/1930, p. 5.

¹⁹⁷ Minas, João de. Uma grande figura do império – Mauá, do sr. Alberto de Faria *O Paiz*, 29/07/1927, p. 1 e 4; *idem*, O congresso nacional e um livro. *O Paiz*, 04/12/1927, p. 1; *idem* Em torno a Coelho Neto e Alberto de Faria – apontamento de literatura *O Paiz*, 23/09/1928, p. 6.

¹⁹⁸ Minas, João de. “A escalada maternal da bem-aventurança” *O Paiz*, 26/12/1929, p. 1.

¹⁹⁹ Minas, João de. Em torno a Coelho Neto e Alberto de Faria – apontamento de literatura *O Paiz*, 23/09/1928, p. 1.

²⁰⁰ Minas, João de. Infeliz Graça Aranha. In: *Sangue de Ilusões*, p. 138.

perfil taumatúrgico de Medeiros e Albuquerque, com sua mansidão hindu, a catar os piolhos do "objetivismo dinâmico". Agora, vem a serenidade, talvez o esquecimento. Tudo passa...²⁰¹

As posições de João de Minas em relação aos modernistas foram ambíguas. Em 1928 ele partiu para o ataque cerrado no artigo "A Velha Arte Nova", no qual se vale dos argumentos dos críticos do modernismo, veiculados por alguns acadêmicos, por Tristão de Athaíde e por Mário Guastini, o mais violento de todos. Na imprensa, após a visita de Marinetti em 1926, Guastini publicou uma série de artigos, depois reunidos em livro, contra o futurismo e o modernismo. Defendendo que "nas lições do passado se deve buscar estímulo para o futuro, procurando chegar a realizações brilhantes sem deturpar o belo", denuncia as mudanças linguísticas dos próceres do modernismo como pilhéria e como igual cópia de modelos europeus: "levados pelos decretos do ilustre intelectual italiano, alguns patrícios nossos, poucos felizmente, meteram os pés na sintaxe, na pontuação, no advérbio, no adjetivo, proporcionando-nos páginas de irresistível ridículo. Isso na prosa e no verso." Isso não significava para Guastini um retorno ao estilo empolado nem um combate à modernidade literária, como mostra o elogio a Antônio de Alcântara Machado: "o brilhante autor, sem ser futurista, do programa de Marinetti observou a velocidade, sem sacrificar a língua. E essa velocidade é compreensível na vida tumultuada e agitada que os povos hoje vivem"²⁰².

Na mesma linha, João de Minas também critica a tábua rasa de todo passado artístico e dos grandes mestres, aponta falta de originalidade na cópia de um estilo estrangeiro, a desmontagem da língua no uso de um estilo livre que joga com as palavras, e defende uma concepção artística na qual os estilos reflitam as emoções que evocam e a beleza que inspiram. Tendo como modelo poético Olavo Bilac, critica a poesia dos modernistas que, apesar de "otimamente bem intencionados, repletos de bom comportamento etc., asseguram tolices loucas, ou banalidades tremendas, apavorantes ingenuidades". Para contestar a validade da liberdade literária, não perdeu a oportunidade de parodiar o estilo:

Oh, os trilhos, os trilhos! O gafanhoto preto do trem lhes finca nas ancas a volúpia do estupro das distâncias. Depois, o trem é passado no engenho de cana no fundo da horta. Sai uma cerveja de aço derretido, para a bebedeira dos arranha-céus. Os olhos dela chupam os soldados negros da ronda. Vamos todos, montados em Floriano Peixoto, para a casa de jogo da Independência ou Morte, nas ventas do cel. Ipiranga. D. Pedro I cozido com pés de porco. Encontrei a orelha dele na feijoada. A marquesa de Santos grelhada, com dos ovos por baixo. Bife a cavalo, no cavalo de Napoleão. O

²⁰¹ A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 6.

²⁰² GUASTINI, 2006, p. 29, 28 e 30.

corpo da Luíza tem portas, entradas e saídas. O coração dela é minhas polainas. O azul é uma língua. O sal dos teus olhos nos ponteiros dos meus bigodinhos (...)

Sim, tá chegano a horinha... Ouço acender a ponta verde do olho do rabo do demônio, o Dr. José Lúcifer, operador e parteiro da lua, porque a encheram no último carnaval, embaixo de uma escada. A barriga do português da esquina se abre. De lá descemos, e a barriga continua a rolar para o municipal. Leopoldo Fróes é o Casanova. Mais finório, um bicho cacau da foia miuda... O silêncio é de ouro, mas a prata é de dois mil réis, safado! (...)²⁰³

Apesar de terminar o artigo com virulência - “Não, não é possível. Como pode uma pessoa se deixar influenciar por essa maluquice modernista?” - não nega certa influência ao dizer que “é verdade que às vezes ela escorre da nossa pena, dada a sugestão do ambiente. Mas deve-se breicar logo. A menos que, para fazer escândalo...”²⁰⁴. Era a forma de dizer, como Guastini, que a prática modernista era menos literária, voltada à experimentação das formas, e mais cabotina, com o intuito de escandalizar a intelectualidade e, portanto, ser visto.

Dentre os escritores modernistas, a melhor relação se travou com Menotti del Picchia. Segundo João de Minas, conheceram-se na antessala do gabinete do então candidato à presidência Júlio Prestes:

Quando eu saía do arejado gabinete de S. Ex., o estadista levantou. Era como um Hoover, ou um Irigoyen. Uma figura continental.

- Menotti... - clamou o sr. Júlio Prestes, pela porta entreaberta, para a outra sala. Fui, assim, apresentado ao sr. Menotti del Picchia, o grande escritor e parlamentar²⁰⁵.

Na semana anterior a seu artigo sobre *Jantando um Defunto*, Menotti traça um perfil de João de Minas na sua crônica social para o *Correio Paulistano*, fazendo referência ao encontro:

Conheço pouco João de Minas. Tivemos uma palestra relâmpago aqui em São Paulo. Foi numa tarde apressada, cheia de mil coisas, entrecortada de mil palestras, num desvão de sala sombria, onde havia jornalistas, políticos, escritores, essa multidão irrequieta e zaragalhante que tem sempre um porfazer em mãos. Tive, durante um quarto de hora, diante de mim essa figura forte e loura, marcadamente brasileira, apesar de, às vezes, a cintilação metálica do olhar lembrar nele um saxão. João de Minas deu-me a impressão de uma criatura enérgica, ativa, nervosa. Cruzam-se relâmpagos em sua pupila, que fuzilaram antes na sua inteligência. Parece que o agitam instantâneas borrascas. É um combativo²⁰⁶.

²⁰³ A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 6.

²⁰⁴ A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 6.

²⁰⁵ Minas, João. Presidente Julio Prestes. In: *Sangue de Ilusões*, p. 28.

²⁰⁶ Helios (pseud. Menotti del Picchia). Crônica Social. *Correio Paulistano*, 17/10/1929, p. 6

Em 1930 João de Minas defendeu pela imprensa a candidatura de Menotti à Academia Brasileira de Letras, no artigo “Em Menotti Del Picchia, no Silogeu, a grandeza paulista” publicado simultaneamente no *Correio Paulistano* (15/06/1930) e *A Gazeta* (14/06/1930). Também no jornal *O Paiz* (7/06/1930), ao comentar o livro “A República 3000”, o escritor mineiro menciona manter uma correspondência privada com o modernista paulista.

Nesse mesmo artigo em que defendia a candidatura de Menotti, associa o progresso da política paulista (Washington Luís, Júlio Prestes, Pires do Rio, Antonio Prado Jr. etc) ao movimento das letras: “esse idealismo orgânico da nova mentalidade política paulista vem, inicialmente, de uma forte renovação literária processada nos meios em que Menotti, Mário, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado etc. são sacerdotes.” Tanto deve ter lhe parecido conveniente a associação entre a política perrepista e o movimento moderno que, ao enfeixar o artigo sobre Coelho Neto em livro, João de Minas fez um acréscimo: em setembro de 1928, dizia que “a literatura que temos hoje, e a que eu me refiro, é brasileira, ou verde-amarela (como chamariam os rapazes simpáticos de São Paulo)”²⁰⁷; em julho de 1930, insere no parênteses “(...) rapazes simpáticos de São Paulo, os luminosos Oswald e Mário de Andrade, Menotti del Picchia...”²⁰⁸. A partir do próprio vocabulário modernista, João de Minas entende a literatura verde-amarela ou brasileira em um sentido mais amplo do que aquele dado pelos autores do manifesto verde-amarelo, englobando as várias vertentes do modernismo de São Paulo, expressas pelos autores ícones: a Antropofagia de Oswald, o clã do Jabuti de Mário, e o primitivismo de Menotti.

Parece que a questão de João de Minas não era pessoal ou artística: atacar o gosto poético modernista não significava deixar de reconhecer os intelectuais paulistas que seriam expressão do progresso do governo do estado que tanto defendeu e que tantas portas lhe abriu. Nesse sentido, materializou uma leitura do movimento que, com sinais invertidos pela cor do novo governo, teve longa trajetória na história literária e cultural do Brasil. Ao contrário dos modernistas, preferiu a via segura do situacionismo literário como forma de consagração. Foi correspondido. Menos pelo sucesso do seu cortejo acadêmico, e mais porque seus livros respondem a expectativas gerais de renovação dentro da ordem literária vigente.

²⁰⁷ Minas, João de. Em torno a Coelho Neto e Alberto de Faria *O Paiz*, 23/09/1928, p. 1.

²⁰⁸ Minas, João de. Coelho Neto, o príncipe. In: *Sangue de Ilusões*, p. 173 e ss.

Leituras de *Jantando um Defunto*

Panorama das opiniões críticas

Saindo das gráficas da editora, a partir de março de 1929 o livro *Jantando um Defunto* foi comentado nos rodapés e artigos de jornais. O tom polêmico com que foi tratado o tema da Coluna Prestes dividiu opiniões dentro de um campo politicamente conservador. Mas, inesperadamente para João de Minas, e para a felicidade dos editores, os comentários elogiosos de escritores da Academia Brasileira de Letras contribuíram para que João de Minas se tornasse uma revelação literária no período. Ao acompanhar a construção dessa fama, perceberemos como ela também está diretamente vinculada ao embate literário entre modernistas e acadêmicos.

Até o presente momento foram encontrados dez²⁰⁹ textos opinativos sobre o livro *Jantando um Defunto*, de João de Minas. Destes, temos duas cartas (Veiga Miranda e Coelho Neto), dois artigos (Lauro Fontoura e Menotti del Picchia) e seis críticas (Humberto de Campos, Carlos Dias Fernandes, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Plínio Barreto e Tristão de Athaíde). Crítica deve ser entendida com o sentido dado à época, ou seja, como o texto publicado no rodapé dos jornais, noticiando livros recém-lançados, comentando seu conteúdo com a finalidade de orientar o leitor. Era feita semanalmente por um profissional das letras, responsável pela apreciação de um ou mais livros numa mesma página de jornal, o que tornava o comentário mais ligeiro conforme aumentava o número de livros tratados²¹⁰.

Todos os textos foram publicados entre 1929 e 1930 e, à exceção da carta de Coelho Neto, o veículo privilegiado foi o jornal, como mostra os gêneros utilizados. Portanto, uma leitura destinada a se tornar pública, através do veículo mais importante da época para a difusão e debate de ideias. Não por acaso, diferentemente dos países europeus, a vida intelectual (e literária) brasileira esteve intimamente atrelada a esse meio de comunicação de massa, que possuía tiragens bem altas se comparadas às revistas ilustradas e aos livros.

A centralidade do jornal pode ser atestada, na leitura de *Jantando um Defunto*, pela presença de três membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) nessa função de crítica, com a finalidade clara de emprestar seu prestígio e a aura que a instituição conferia ao jornal,

²⁰⁹ Há referências nas obras de João de Minas a mais três autores que opinaram sobre o livro, mas não encontramos os textos. Foram escritos por Mário Sette, Lindolfo Collor e por um autor não mencionado e publicado em A.B.C. Há referências, sem menção do livro tratado, a comentários feitos por Maurício de Medeiros, Quintiliano Jardim, Ada Macaggi, Nenê Macaggi e M. Sobrinho, da Marisa Editora.

²¹⁰ Sobre a crítica literária no rodapé dos jornais, ver BOLLE, 1979; LAFETÁ, 2000, cap. 1-3; ROCHA, 2011.

em troca de um ordenado mensal. Humberto de Campos comenta, no *Diário Secreto*, um convite feito por Paulo Bittencourt, dono do jornal “O Correio da Manhã”, feito em 27 de agosto de 1928. O rodapé tinha o título “Vida Literária” e saiu toda quinta-feira, tendo Humberto de Campos liberdade de escolha do tema e da página onde seria publicado, além de receber 500\$000 por mês. Sua saída ocorreu em 2 de agosto de 1930, por conta de um desentendimento com Paulo Bittencourt em torno de um artigo que criticava Humberto de Campos a respeito da nova ortografia proposta pela Academia. Para Campos, devido às dificuldades financeiras do *Correio da Manhã*, essa teria sido uma forma de o dono do jornal se ver livre dele sem demiti-lo abertamente.²¹¹

Em relação aos 10 textos sobre *Jantando um Defunto*, se considerarmos a relação das pessoas com João de Minas, podemos dividi-los em três grupos de comentários. O primeiro provém de escritores que, além de conhecerem o autor (há muito ou pouco tempo), publicaram seus textos nos mesmos veículos que João de Minas colaborava. Carlos Dias Fernandes escrevia com regularidade na página literária de *O Paiz*, iniciando seu texto a *Jantando um Defunto* com um elogio ao “rutilo e inexcédível prefácio que nele fulgura (...) João de Minas não podia achar quem melhor entendesse e interpretasse as belezas e singularidades da sua arte”. Sabendo que o livro foi editado nas gráficas do próprio jornal, o trecho pode ser lido como um autoelogio institucional, não sendo difícil imaginar que ele próprio tenha sido o autor do prefácio “dos editores”. Outro artigo elogioso aí publicado foi o de Lauro Fontoura, poeta e colega uberabense de João de Minas.

Os outros dois artigos saíram no *Correio Paulistano*, publicados por dois recém conhecidos do escritor mineiro. O artigo de Menotti del Picchia saiu na semana seguinte ao perfil traçado do intelectual mineiro, fruto do seu encontro no gabinete de Júlio Prestes. Já Veiga Miranda inicia sua carta agradecendo “a imensa gentileza de sua crônica em torno à 'Maria Cecília'. Porque eu andava ardendo em desejos de aproximar-me de uma figura intelectual tão perturbadora e atraente como a sua, e faltava-me a oportunidade.”²¹² O artigo a que se refere foi publicado por João de Minas no mês anterior em *A Gazeta*, de São Paulo²¹³, no qual chega a sugerir o nome de Veiga para a Academia Brasileira de Letras, para em seguida comentar alguns episódios do livro. Além disso, Veiga Miranda diz também ser correlegionário de João de Minas, combatido o carlismo em Minas pela Concentração

²¹¹ CAMPOS, 1954, v. 1 p. 270 e v. 2 p. 39-42.

²¹² MIRANDA. Duas Galerias de Assombros, *Correio Paulistano*, 13/08/1930, p. 2.

²¹³ Minas, João de. Maria Cecília e outras histórias de Veiga Miranda. *A Gazeta*, 11/07/1930, p. 5.

Conservadora. A amizade entre os dois parece ter se estreitado a ponto de João de Minas pedir ao colega a opinião sobre o seu livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, em sua visita a Franca no ano de 1932²¹⁴.

O segundo conjunto é composto por duas críticas publicadas em jornais por pessoas sem relações pessoais com o escritor mineiro, e que atuavam em órgãos numa situação política oposta àqueles em que colaborava. Foi o caso do texto de Plínio Barreto no *Estado de São Paulo* e o de Tristão de Athaíde no *O Jornal* (Rio). Como veremos, por essa distância serão os textos mais contundentes contra o livro do escritor mineiro.

Enfim, temos textos de quatro acadêmicos. Uma das primeiras críticas recebida pelo livro de estreia de João de Minas foi escrita por Humberto de Campos e publicada na página literária do *Correio da Manhã* em 1929²¹⁵. Foi o mais extenso de todos e, pelo teor dos elogios a João de Minas, incitou outras leituras da obra de estreia do escritor mineiro. Motivou inicialmente três colegas da Academia Brasileira de Letras a tomarem contato com a obra *Jantando um Defunto* e publicar textos nas colunas dos jornais que colaboravam. João Ribeiro aponta a alteração de sua impressão inicial em função das indicações de leitura do colega:

O título é repulsivo, e augurava mal, ao menos para mim, que deixei o livro de parte para ulterior exame. Uma crônica do meu colega Humberto de Campos despertou-me a atenção. E, logo, confirmei com a leitura a elogiosa crítica de Humberto acerca dessa obra verdadeiramente excepcional pelas qualidades do estilo que a enobrecem.

Ambos são seguidos por Medeiros e Albuquerque, em comentário do mesmo teor: “foi o grande elogio de Humberto de Campos, mais tarde confirmado por João Ribeiro, que me deu a conhecer este livro, que só agora, entretanto, chegou às minhas mãos”. Do mesmo modo, Coelho Neto, em carta ao autor, diz que “depois da apoteose que lhe fez Humberto de Campos todos os louvores são como flores murchas”.

O título do livro de João de Minas causou uma má impressão em João Ribeiro, e poderia ter lido num sentido diverso se este não tivesse contato com o comentário de Humberto de Campos, que lhe forneceu parâmetros depois “confirmados” na leitura pessoal de *Jantando um Defunto*. Evidencia como a opinião de Humberto de Campos orientou o tom elogioso da recepção da obra e pautou alguns temas do debate. Por isso, vale a pena tratarmos

²¹⁴ Minas, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. 3a edição Rio de Janeiro: Dantes, 1999 (1934), p. 9

²¹⁵ Utilizaremos a versão reunida no livro de Humberto de Campos *Crítica*, 1ª série. Comparamos o texto deste livro com aquele publicado no exemplar de *Farras com o Demônio*, de João de Minas, e não percebemos alterações.

mais de perto do seu comentário. Publicado na página literária do Correio da Manhã, o texto de Humberto de Campos sobre *Jantando um Defunto* dá continuidade aos debates que permearam seu texto sobre *Bazar* (1928), livro de Coelho Neto²¹⁶. Abordá-los em conjunto permite perceber como a obra de João de Minas foi retomada na contenda sobre a legitimidade literária no final dos anos 20.

Humberto de Campos, João de Minas e os debates literários

Na intimidade do *Diário Secreto* (dia 19 de abril de 1929), o juízo que o humorista maranhense faz ao livro *Bazar* é bastante ácido:

Recebo um novo livro de Coelho Neto: *Bazar*. É um punhado de crônicas de jornal, em que se seguem os lugares-comuns, se sucedem as expressões banais, os termos da gíria, as frases feitas, compondo página sem relevo, sem interesse, sem beleza. Ao ler as primeiras, apossou-se de mim uma grande tristeza, uma grande piedade, um grande dó. Lembrei-me de uma frase do Abade Brémond, e exclamei, comigo mesmo:

– Meu pobre e grande Coelho Neto! A ti, que dessedendaste de beleza tantas gerações, como custa, hoje, espremer o resto do último limão para preparar uma limonada!...²¹⁷

Saindo na coluna “A Vida Literária” do Correio da Manhã sob o título “O sr. Coelho Neto e o seu estilo”, o artigo destinado ao público é mais sutil. Nos poucos parágrafos em que trata diretamente de *Bazar*, enfatiza o deslocamento que esse livro tem na obra do escritor, capaz de causar alarmes no meio literário porque “lendo-os, poder-se-ia supor, possivelmente, que o artista renegara o seu estilo, modificara a sua maneira, abandonara a técnica da linguagem a que subordinada toda a sua obra.”²¹⁸. É como se Coelho Neto estivesse de férias do seu rebuscado modo de escrever. Além disso, Humberto de Campos aponta inúmeros erros, dedicando-se mais longamente a refutar a ideia que o índio não trouxera contribuições importantes à formação do Brasil, afirmando que o nativo “dorme, às vezes, na floresta emaranhada do nosso subconsciente, amoitado entre os cipós dos nossos nervos, mas existe ainda”²¹⁹. Para o crítico maranhense “*Bazar* é, mesmo, um livro quase político. Tem mais valor pela substância, pelas opiniões que enuncia, pelas ideias pessoais que difunde, do que pela vestimenta que lhe dá.” Por isso mesmo, seria “um retrato do Sr. Coelho Neto, mas apanhado apenas meio corpo. O estilista uniforme, esse está na sua obra de ficção”.

²¹⁶ Humberto de Campos publicou antes um artigo sobre Coelho Neto.

²¹⁷ CAMPOS, *Diário Secreto*, 1954, p. 330.

²¹⁸ CAMPOS, *O Sr. Coelho Neto e seu Estilo*, p. 293.

²¹⁹ CAMPOS, *O Sr. Coelho Neto e seu Estilo*, p. 298.

Apesar das ressalvas ao livro que não gostou, o artigo sobre *Bazar* é uma defesa intelectual de Coelho Neto, empreendida através da análise do desenvolvimento literário nacional: “se outra glória faltasse ao Sr. Coelho Neto, bastar-lhe-ia essa, que lhe atribuem, e efetivamente lhe cabe, de constituir um dos marcos da evolução do estilo, na prosa brasileira.” A estratégia para defender o amigo é estabelecer sua obra como marco periodizador, retomando os argumentos dos escritores e críticos modernistas que “fazem do seu nome um ponto limitatório da nova técnica da linguagem, demarcando o fim de uma época e o início de outra.”²²⁰ Humberto de Campos aponta que, a despeito da permanência de outros escritores da geração antiga, Coelho Neto é visto pelos modernistas como o mais intransigente, tomando-o como bode expiatório após o episódio da Academia Brasileira de Letras em 1924, no qual o autor de *Bazar* bradou sua defesa como “o último dos helenos”. Constata que cada época tem seu gosto e estilo, e defende a legitimidade do escritor antigo em mantê-lo quando os tempos e gostos literários mudam. Assim,

o mal do Sr. Coelho Neto consistiu em aparecer (...) no crepúsculo do romantismo, e ter criado para seu uso uma variante do estilo romântico. Com ele, atravessou o escritor a época do naturalismo, e penetrou, impávido, no domínio dos bárbaros, em que pouco se admira e nada se respeita. Isso teria, porém, acontecido a Machado de Assis, se ainda hoje vivesse, e a Bilac, se chegasse até nós, polindo e repolindo os seus sonetos maravilhosos.²²¹

A forma de atenuar os ataques agressivos dos “bárbaros” ou “girondinos da arte” à perseverança de Coelho Neto é projetar no futuro a concepção evolutiva dos estilos literários.

Esse conflito de atitudes não é, todavia, original e, por isso, estranhável. Não foi o primeiro nem será o último. O que os românticos fizeram aos clássicos e os simbolistas e os naturalistas aos românticos, fazem os modernistas, agora, aos remanescentes de todos eles. Amanhã, chegará aos agressores de hoje a vez de serem combatidos. (...)

Ninguém descobriu, nem descobrirá, jamais, a forma literária definitiva. Tudo passa, e se renova. Os modernistas, com a sua anarquia estilística, serão velharia amanhã.²²²

Portanto, a questão para Humberto de Campos não é a renovação do estilo a cada geração, que considera não só legítima como tendo a força de uma lei histórica, sendo que a do seu tempo já se anunciara mesmo antes da guerra de 1914. A ressalva aos modernistas repousa na sua agressividade, pois “o que se pretendia fazer por evolução, está-se levando a

²²⁰ CAMPOS, O Sr. Coelho Neto e seu Estilo, p. 285

²²¹ CAMPOS, O Sr. Coelho Neto e seu Estilo, p. 289, grifo nosso.

²²² CAMPOS, O Sr. Coelho Neto e seu Estilo, p. 289 e 292.

efeito por uma revolução”²²³ A recomendação vem, portanto, na forma de exortação: “o que se requer, apenas, é que a luta se trave entre cavalheiros, mantendo cada um, durante as justas, certo cunho de elegância.”²²⁴

Semanas depois, Humberto de Campos anota no seu *Diário Secreto* (9 de maio de 1929) que chegou a se arrepender de ter sido severo com o livro de Coelho Neto, temendo perder o amigo ou ainda causar algum incidente desagradável na Academia Brasileira de Letras. Para alívio do crítico, Coelho Neto agradeceu, elogiou sua crítica proficiente, pediu-lhe a “opinião sincera de sempre” sobre o livro *Fogo Fátuo*, ainda no prelo em Lisboa, e, por fim, arrematou: “Muito obrigado... Eu sei que aquilo não é crítica... É mais coração”.

Para além da verdade do encontro, o trecho do diário parece sintetizar não só as intenções afetivas do artigo em defesa do conterrâneo e padrinho maranhense, mas também a autoimagem que Humberto de Campos fazia de si como crítico. Esta é desenvolvida anos depois, no prefácio ao primeiro volume de *Crítica*, quando elenca as razões que o levaram ao ofício, que reveste de verdadeira missão intelectual²²⁵. Justificando-se inicialmente por não ser crítico de formação, afirma que poderia exercer bem a tarefa porque amalhara em seus estudos um “capital modesto no comércio das letras”²²⁶, e aponta o primeiro motivo de sua inserção nesse campo: “o grande mal do Brasil tem consistido, proclamam-no todos, na falta de crítica: de crítica política, de crítica científica, de crítica literária, de crítica social.”²²⁷. A causa dessa carência não seria a incompetência ou a falta de cultura, mas uma cordialidade assentada no caráter nacional, pois “nós somos um povo sentimental cujos atos dependem, todos, do ritmo do coração. Submetemos tudo – juízos, pensamentos, atitudes, - ao clima das paixões que nos aquecem.” Para Campos, esse regime de sentimentos - ou cordialidade, como dirá Sérgio Buarque anos depois - fazia a crítica se descaracterizar e trair o público

²²³ CAMPOS, O Sr. Coelho Neto e seu Estilo, p. 290.

²²⁴ CAMPOS, O Sr. Coelho Neto e seu Estilo, p. 289.

²²⁵ Já mencionamos como o autor, no *Diário Secreto* (v. 1, p. 270), relata um motivo mais prosaico para exercer a crítica: um convite feito por Paulo Bittencourt, dono do jornal “O Correio da Manhã”, feito em 27 de agosto de 1928. O rodapé teria o título “Vida Literária” e sairia toda quinta-feira, tendo Humberto de Campos liberdade de escolha do tema e da página onde seria publicado, além de receber 500\$000 por mês.

²²⁶ No *Diário Secreto* (v. 1, p. 272) apresenta, além do capital amalhado, outro importante elemento do sistema intelectual que possibilitaria seu sucesso. Reflete sobre os impactos do seu artigo de estreia na crítica, lançado em 30 de agosto de 1928, nos seguintes termos: “Parece-me que o programa traçado nesse artigo inicial agradou. Pelo menos, na Academia e na Câmara, todos o leram. Evidentemente, eu tenho uma vantagem, como escritor. E essa vantagem consiste nisto: eu tenho um público.”

²²⁷ Prefácio, *Crítica I*, p. 6. Wilson Martins aponta o exagero dessa posição de Humberto de Campos, ao lembrar os livros de crítica que saíram naquele ano. Ver MARTINS, 1983, p. 535-536.

“recomendando-lhe obras medíocres, de amigos pessoais, e condenando outras apreciáveis, de desafetos ou de autores que não conheciam a prática da lisonja.”²²⁸

Tal situação teria levado não só a um afastamento do público, que despreza as recomendações do crítico, mas alimentado uma tendência de renovação literária a partir de 1924 ou 1925, referindo-se (sem citar) ao modernismo paulista, apontando-lhe o espírito de destruição. Longe de apenas atacar os novos, Humberto de Campos se coloca na posição de intermediário entre duas gerações, explicitando o segundo motivo que o levou à crítica:

Solidário embora com esse movimento, cuja legitimidade reconhecia, supôs o autor, naquele momento, oportuna a intervenção, nos mesmos domínios, de um escritor que, pelo temperamento, pudesse estabelecer, perante o público, a ligação entre os dois agrupamentos literários. Colocado pela idade e pelas tendências do gosto entre os velhos e os novos, entre os gloriosos marechais das letras e os jovens capitães que se rebelavam contra as promoções por antiguidade, o autor não lhes levava, a uns e a outros senão a palavra da paz, para restabelecer o contato entre as duas gerações desavindas²²⁹.

Podemos considerar as posições do prefácio como uma síntese atenuada dos juízos emitidos antes no artigo sobre *Bazar*. Em ambos os textos aparecem como problemas as tensões no campo da literatura que permearam toda a década de 20, em especial a contenda entre os acadêmicos tachados de passadistas e os escritores modernistas vistos como anarquistas da arte. Assistindo-a sem tomar parte no debate até o momento em que exerce sua atividade crítica, através dela busca construir um papel mediador, ou pacificador, que lhe possibilitava apontar censuras a ambas as partes.

O artigo de Humberto de Campos sobre *Jantando um Defunto*, de João de Minas, começa retomando o debate em torno de Coelho Neto, pois suas considerações sobre a evolução do estilo na prosa brasileira “encontram agora no antigo jornalista que tomou na vida e nas letras do sertão o nome de João de Minas, a sua mais viva justificação”, ou seja,

esse escritor, que agora estreia no livro com um volume bizarro, apresenta, de mistura, integralmente, os defeitos e qualidades da nova orientação literária. Nele se encontram todas as características da tendência individualista do tempo: o desprezo pelas regras tradicionais da linguagem, a indiferença pelos moldes clássicos da ideia e o propósito de quebrá-los; mas também, em compensação, maior elasticidade da frase, e umas tintas novas, umas pinceladas vigorosas, um novo modo, enfim, de pintar as cousas vistas, as quais, coloridas por ele, não dão uma impressão tamanha de frescura, de

²²⁸ Prefácio, Crítica I, p. 7.

²²⁹ Prefácio, Crítica I, p. 8, grifo nosso.

graça e de mocidade como se as estivéssemos vendo no oitavo dia da Criação²³⁰.

Campos enxerga no estilo de João de Minas a ruptura estilística que o faz classificá-lo como moderno. Não por acaso o título do artigo retoma a expressão já usada para se referir aos inovadores que nada respeitam das regras, um *bárbaro*, acrescida da imagem do senado romano invadido pelos guerreiros de Breno para dizimar os anciões. Tal imagem se refere tanto à atitude dos novos escritores quanto à ingenuidade dos mais velhos ao imaginar “que a geração nova não investiria contra eles e, menos, que se atrevesse a destruir a sua oficina, quebrando as formas que eles vasavam a sua emoção.” Logo, “o sr. João de Minas é um desses *bárbaros* da nova invasão. Descendo das altas sertanias brasileiras, não o deslumbram as maravilhas artificiais das nossas letras.”. E completa:

A sua concepção da arte, não sendo tão radical como a de alguns inovadores, é diferente da concepção clássica, tradicional, vigorante antes da guerra. E essa arte nova, como ele a faz, alarma, desafia censuras, provoca reparos, mas interessa, encanta e, não raro, deslumbra quem a examina sem prevenções.²³¹

Todo o recado parece dado nesse trecho. Aos literatos conservadores que apreciem sem preconceitos o estilo dos novos, sem se pautar unicamente pelos moldes clássicos não aceitos pelos jovens, sob o risco de criar uma contenda na qual levarão a pior. Aos jovens, mais uma vez, que manifestem seu estilo sem ser tão agressivos ou radicais. Daí o elogio a João de Minas, que para Humberto de Campos parece representar na evolução dos estilos literários o que ele próprio seria para a crítica: o caminho do meio entre conservadores e radicais, mostrando ainda que poderia haver uma forma de romper sem agredir.

O crítico maranhense segue com a análise vinculando o estilo a um dos assuntos tratados, o tema do sertão. Para enfatizar a novidade de João de Minas, sua prosa é comparada a Euclides da Cunha, com a diferença que “Euclides agiu como arquiteto, como estranho construtor de períodos, e o Sr. João de Minas se apresenta, hoje, mais como pintor, isto é, como colorista”, pois

é menos matemático que o seu grande precursor. Em vez da linha geométrica, usa a tinta, a cor, o elemento que impressiona a imaginação de modo mais vivo, embora mais superficial. Euclides é, em verdade, o artista dos grandes desenhos truncados, mas impressionantes. Ele tem, porém, unicamente o traço, as grandes linhas gigantescas, que a imaginação multiplica. O novo escritor mineiro não; ele não desenha, não trabalha as

²³⁰ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 365.

²³¹ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 367, grifo nosso.

suas figuras, as suas cenas, as suas paisagens: atira de encontro à tela quatro borrões de tintas violentas, pincela-as rápido, sem misturá-las, e aparece de pronto um retrato humano que não se esquece mais, ou um desses poentes equatoriais, em que o sol se desmancha em sangue e escorre, em golfadas, pelos rasgões enormes da sua revolta mortalha de nuvens²³².

Se o assunto é o mesmo, o estilo é outro, exigido pela abordagem do ambiente. Se o estilo euclidiano é visto como adequado às terras áridas de um “deserto brasileiro leprado de lagoas e apunhalado de outeiros”, o deserto que “dorme num sono encantado”, descrito por João de Minas, caracteriza-se pela “imensidade verde” das planícies do Brasil Central.

Os maiores elogios de Humberto de Campos a João de Minas e o maior número de citações de *Jantando um Defunto* encontram-se nessas passagens sobre as paisagens do interior brasileiro. Os trechos aspeados são acompanhados de expressões como “o mais vasto [teatro – ao referir-se ao ambiente –], talvez, de que já dispôs permanentemente um autor, em toda a terra”, “descrições (...) verdadeiramente magistrais”, “precisão e segurança de mestre”, “não se pode dar, talvez, uma noção mais impressionante, nem mais nova, do vácuo e da solidão”, “descrições shakespearianas”. Os elogios se devem ao fato de Campos considerar bem sucedida e adequada a representação do ambiente pelo estilo e pelo vocabulário abstrato. Sua escrita superficial e colorida aguçaria a imaginação do leitor, causando o mesmo efeito que a solidão exerceria sobre as mentes dos isolados habitantes interioranos e dos aventureiros como o escritor mineiro que, “nas suas viagens de centenas de léguas, foi-se ele adaptando, afeiçoando à própria natureza”²³³. O feito de João de Minas seria revelar o “mundo de espantos” do sertanejo que

está crente de que as suas florestas são povoadas de seres monstruosos. De toda a parte surgem, no seu caminho, os fantasmas, os duendes, as entidades sobrenaturais. Os seus ouvidos escutam, na quietude da noite, o uivo dos lobisomens e o galopar sinistro das mulas sem cabeça, quebrando o silêncio lúgubre dos descampados. O horror da solidão faz com que ele povoe de sombras o seu Deserto.²³⁴

Dessa forma, vemos que a crítica de Campos, mesmo repleta de citações de escritores franceses ou greco-latinos, acompanhava os debates em torno da definição do nacional e do regional que permeou o debate intelectual brasileiro em toda a década de 20²³⁵. Campos procura aparentar familiaridade com os livros de viagens e reportagens ao interior ao

²³² CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 368-370.

²³³ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 370.

²³⁴ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 375.

²³⁵ MARTINS, 1983, p. 529.

considerar o livro de João de Minas “uma das expressões mais vivas dessa literatura, em terras do Brasil, onde Euclides da Cunha²³⁶ foi, talvez, o seu primeiro representante”²³⁷. Por não mencionar outros autores, cria o efeito – captado por outros escritores do círculo da Academia Brasileira – de transformar João de Minas no sucessor literário de Euclides, pois aquele também desbrava, com sua prosa adequada num estilo “moderno”, regiões desconhecidas do Brasil. Mas, ao contrário da prosa científica de Euclides, a de João de Minas seria produto de suas andanças pelo sertão, impregnada dessa mesma matéria, transposta em palavras.

Como no artigo sobre Coelho Neto, é apenas no final do texto que o crítico aborda o assunto principal de *Jantando um Defunto*. Aponta sua finalidade política ao mostrar que todas as crônicas “se relacionam com a passagem da coluna militar do capitão Carlos Prestes pelos altos sertões de Goiás e Mato-Grosso, e contam episódios trágicos, aspectos dantescos, dessa fase aventureira da nossa última guerra civil.”²³⁸ A longa resenha de algumas histórias conduz ao comentário pessoal de Humberto de Campos sobre a marcha da Coluna.

Uma ponta de dúvida fugaz aparece no texto, pois o crítico maranhense considera que talvez haja “muita fantasia, apesar da afirmação em contrário, que faz no prefácio. Falta-me, entretanto, elementos para contestar a veracidade de tudo que ele nos conta.”²³⁹ A afirmação de João de Minas de que tudo o relatado é verdadeiro, então, ganha uma busca de plausibilidade em Humberto de Campos, pois ele atribui as desumanidades relatadas ao ódio e calor da própria “guerra civil”, assim como à suposta falta de autoridade de Prestes, oriunda da sua própria indisciplina frente ao Estado brasileiro. Reprova de forma mais contundente o caráter ambulante da Coluna (“não se pode compreender uma guerra de correrias”), acusando de desonra os militares que fugiam das batalhas e pilhavam os bens das populações do sertão que nada tinham com o assunto. Para isso, contrapõe a marcha ao episódio dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, pois este teria sido “um crime diante da lei, mas foi épico. A beleza do sacrifício compensou a ilegalidade do perjúrio.”²⁴⁰ Já sobre a marcha, acusa: “se a profissão militar é a escola da honra, do risco, da dignidade, como se explica a bravura de generais que

²³⁶ Humberto de Campos menciona que, enquanto escrevia o texto sobre *Jantando um Defunto*, acabara de dar um parecer sobre *Os Sertões* para a Academia Brasileira de Letras.

²³⁷ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 368.

²³⁸ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 376.

²³⁹ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 379.

²⁴⁰ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 380.

viajam dois anos, evitando combates?”²⁴¹ Então denuncia o encaminhamento que ambos os lados deram à luta:

A história da revolução é, porém, triste demais, para todos nós. Exploradas por dois grupos de políticos civis, as forças armadas não souberam resistir, e dividiram-se em dois núcleos: um, que agiu por ambição ou ideal cavalheiresco; outro, por interesse ou por disciplina militar. Puseram-se a campo, mas evitaram encontra-se. Dessa comédia, surgiram, de parte a parte, os heróis. E a nação laboriosa pagou, a preço alto, as despesas do espetáculo²⁴².

Essa posição conduz ao desejo de esquecimento com o qual encerra o artigo:

Assim está, intacto, o cadáver da revolução. Não o autopsiemos. Deixemo-lo como se acha, até que as sombras do tempo o amortalem, e o subtraíam aos nossos olhos e, se possível, à nossa lembrança. Lamentemos, mesmo, que, sobre esse corpo, que o verme do olvido começa a corroer, se atire uma coroa de quatorze rosas de ouro e de sangue, que é, no caso, o vigoroso livro de João de Minas²⁴³.

Vale lembrar que Humberto de Campos era então deputado pelo Maranhão. A leitura que fez dos episódios sobre a Coluna em *Jantando um Defunto* demonstra uma posição política legalista, antipática às bruscas mudanças de regime e ao desrespeito pela lei, sobretudo vindo de uma classe responsável por mantê-la, as forças armadas. Contudo, chama atenção a terminologia usada – guerra civil – e a atribuição das causas a grupos políticos rivais, que insuflaram os militares de ambos os lados à contenda, o que, comparado ao que se publicava na grande imprensa (como os artigos de João de Minas), soa como atenuante. Mesmo assim, compartilha com essa imprensa a ideia de uma pátria una, na qual as divergências não transcendam os limites da ordem estatal. Quando os conflitos acontecem, aposta na solução rápida pelo embate, para mais rapidamente ainda serem esquecidos.

A posição política de Humberto de Campos a respeito da Coluna Prestes parece análoga à sua posição literária em relação aos modernistas. Censurou, em ambos, os ataques de 1924 à ordem estabelecida. Não por acaso usou como analogia as revoltas militares do período para expressar a luta literária, referindo-se aos “gloriosos marechais das letras e os jovens capitães que se rebelavam contra as promoções por antiguidade”. Em ambas as dimensões há uma condenação da mudança brusca por processos considerados revolucionários. No caso da Coluna, o que é reprovado é a ausência de combatividade, que

²⁴¹ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 381.

²⁴² CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 381-2

²⁴³ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 382.

teria feito os soldados se lançarem aos sertões à custa do povo. Ela é mais condescendente no âmbito intelectual, onde o crítico maranhense reconhece a legitimidade do novo estilo e os vícios da “república das letras”, que justificariam o anseio por mudanças, mas não a forma como era feita – atacando os antigos, sobretudo seu amigo Coelho Neto.

O comentário elogioso de Humberto de Campos a João de Minas parece ter sido circunstancial. Além desse artigo, não encontramos nenhuma referência à pessoa ou aos livros publicados pelo escritor mineiro até 1934, ano da morte do crítico maranhense. Existem comentários de João de Minas sobre sua relação com Humberto de Campos, mas de parte do maranhense não há nada. Assim, ao contrário do texto sobre *Bazar*, o texto sobre João de Minas não parece motivado por relações pessoais. A partir do cruzamento de ambos os textos críticos, entendemos que no final dos anos 20 Humberto de Campos mostrava-se resignado em relação ao modernismo. Desgostando do tom belicoso dado pelos novos às letras brasileiras, esperava mediar a situação, e projetou sua vontade de conciliação na obra de um estreante escritor mineiro. O livro *Jantando um Defunto* serviu de esteio às suas expectativas políticas e, sobretudo, literárias daquele final de década.

Os debates mobilizados por Jantando um Defunto

O ponto onde todos os outros intelectuais concordam e seguem Humberto de Campos é na apreciação do estilo. A ruptura com os padrões estilísticos clássicos é imputada ao livro *Jantando um Defunto*, com finalidade clara de elogiar o escritor mineiro. Já vimos como João Ribeiro noticia a qualidade da prosa, ao qual acrescenta “à eloquência e beleza das imagens a inteira liberdade de expressão sem escolha, trivial ou sublime”. Medeiros e Albuquerque ressalta a narrativa límpida e cristalina, permitindo entrever os fatos, e efetivada “com um estilo vivo, animado, colorido, sem nada de convencional”. Coelho Neto também ressalta o ineditismo da literatura de *Jantando um Defunto*: “[o livro] é entidade nova em nossa literatura. Nova na substância, nova na fórmula bárbara, como a definiu Humberto (...) O estilo não se ressentir de modelo algum”²⁴⁴. Mas esses elogios dos acadêmicos se dirigem à pessoa de João de Minas, como se as qualidades fossem próprias do escritor mineiro.

Semelhante à opinião de Humberto de Campos, já nos escritores dos jornais perrepistas, percebemos a tentativa de distinguir a originalidade do estilo daquela empregada

²⁴⁴ NETO, Coelho. Carta a João de Minas, p. XXIX.

pelos escritores modernistas. Em Carlos Dias Fernandes a referência é velada. Ao comentar o “impressionismo vivo” mencionado no prefácio, diz que “uma obra literária, que se mostra com esse bizarro característico inédito, será forçosamente original e desviada por completo da larga e velha rotina, em que todos nos resvalamos”, arrematando com o seguinte elogio: “É João de Minas um desses raros eleitos, que veem ao mundo para confundir e descoraçar os medíocres, mostrando-lhes, à evidência, como a originalidade é simples, translúcida e natural.” Lauro Fontoura explicita a comparação, afirmando que

João de Minas é, para mim, um novo. Não porque se filie às correntes vitoriosas do modernismo berrante, mas, muito mais do que isso, porque faz, por conta própria e singularmente ao seu jeito, uma literatura nova, intensamente nova²⁴⁵.

Mas nos escritores de *O Paiz* há uma postura menos conciliatória que a do crítico maranhense, pois consideram a ruptura de João de Minas mais original que a dos modernistas. Sem entrar no mérito dos elogios, é interessante notar em que consistia para os autores essa originalidade do escritor mineiro. Veiga Miranda engrossa o coro ao retomar a ideia de brasilidade ao dizer, provavelmente de Mário de Andrade, o seguinte:

Não posso conter um sorriso de ceticismo e desdém quando vejo certos rapazolas das cidades (geralmente “rapazolas” de trinta ou quarenta anos), muito casquilhos e artificiosos, verdadeiros “almofadinhas” da literatura, arrematando-se em nome da brasilidade, declamando belezas de um sertão que nunca viram, fantasiando façanhas de pobres caboclos de presepe, armando cenários incongruentes como incongruente é a linguagem atribuída aos inverossímeis Heróis, mais fabulosos do que da Colchida e de Troia. Sente-se em tais páginas a vacuidade das emoções fingidas, a indigência dos velhos circos de saltimbancos sem clientela.

Em contraposição, coloca em relevo o aspecto sertanista do estilo de João de Minas:

Compare-se esse triste acervo de Brasilidade afetada com a pujança varonil de coisas realmente sentidas, vistas realmente, como as que saíram de sua pena! O estilo de que você se serve se amolda ao assunto por uma necessidade indeclinável. É rude e rústico, é áspero e selvagem, é rebelde aos moldes acadêmicos por índole e não por preconcebidas veleidades.²⁴⁶

A noção de que o estilo de João de Minas se amolda ao assunto, o sertão, fora antes mencionada por Humberto de Campos, que considera bem sucedida e adequada a representação do ambiente pelo estilo e pelo vocabulário abstrato. As descrições que João de Minas faz das paisagens naturais, carregando-as de cores e de misticismo, são elogiadas

²⁴⁵ FONTOURA, Lauro. Jantando um Defunto: O rio das Agonias. p. 2, grifos do autor.

²⁴⁶ MIRANDA, Veiga. Duas Galerias de Assombros, p. 2

também por Coelho Neto, Veiga Miranda, Menotti Del Picchia, Lauro Fontoura e Carlos Dias Fernandes. Este ressalta na obra de João de Minas a descrição da

(...) majestosa pintura da paisagem rural, a auscultação interpretativa das vozes da natureza, do firmamento e da terra, com seus enigmas luminosos, turbilhonando no vácuo infinito e as suas formas onímodas de vida animal e vegetal concentrando nos tecidos orgânicos a imensa harmonia e o inquietante mistério do Cosmos.²⁴⁷

Os autores explicam a presença das cores e do misticismo na vida do sertanejo e, conseqüentemente, na prosa de João de Minas, do seguinte modo: a solidão dos sertões seria propícia para o desenvolvimento da imaginação, levando os habitantes e viajantes nessas paragens a povoá-la com seres fantásticos. Menotti del Picchia segue na mesma linha de Campos, ao associar a imaginação sertaneja ao vazio das imensidões verdes do Brasil central, propiciadoras de um misticismo caboclo:

Não se pode ser brasileiro ou russo sem ser místico. Onde há sertões e onde há desertos, é necessário que haja duendes habitando o vazio. A mata virgem está mais cheias de sombras e abusões que de onças e carrapatos. O homem os vai semeando pelo caminho. A imaginação é mais prolífica que a cobaia. Nasce mais depressa uma tropa de lobisomens que do ventre de uma égua meia dúzia de potrancas. Como o grego não tinha uma fonte sem uma ninfa, o caboclo não em uma porteira sem uma alma penada.

É nesse sentido que Carlos Dias Fernandes ressalta outro ponto que ele considera uma qualidade na obra de João de Minas: o acento dado às personagens “matutas”, os “desenhos dessas curiosas figuras nossas”²⁴⁸, e não apenas aos soldados prestistas. Junto com as descrições das paisagens, essas descrições teriam feito o crítico de *O Paiz* ascender “arrebataado e aturdido, nas asas de João de Minas”. Carlos Dias Fernandes é o único a destacar as personagens sertanejas na obra de João de Minas, mas quando o faz é para acentuar-lhes o seu caráter exótico; nos outros críticos não temos menção a eles, pois se referem sempre ao caboclo de forma genérica.

Por ser considerado oriundo do sertão, o estilo de João de Minas seria o mais adequado para descrevê-lo. Seguindo Humberto de Campos, dois outros elogios colocam de forma explícita a relação entre a prosa e o ambiente em João de Minas. Para Coelho Neto, seu estilo “é bem um fruto agreste dos nossos sertões bravios” porque nele “as próprias tintas, com que são coloridas as paisagens e reproduzidos os efeitos de luz, parecem extraídas da

²⁴⁷ FERNANDES, Autores e Livros., p. XXIX.

²⁴⁸ FERNANDES. Autores e Livros., cit., p. XXIX.

nossa natureza, tão novas são elas, e tão vivas, sem iguais em outros painéis”²⁴⁹. Menotti Del Picchia desenvolve o raciocínio e vai mais longe. Ao reparar que sua prosa “não cheira a francês”, afirma que “é um estilo que vem do mato”, ou seja,

O Brasil – alma cabocla, paisagem, sentimentos do povo – vive nas pupilas e na intuição do jovem beletrista. O Brasil caracteriza sua prosa, dando-lhe esse sabor acre e **bárbaro** oriundo do feitiço da nossa terra e da ingenuidade e inteligência do nosso povo. Não cheira a francês esse estilo mestiço, enroscado às nossas plantas, banhado pelas nossas águas, denunciando um claro convívio íntimo e sadio com os sertanejos²⁵⁰.

Notamos então como a ênfase no cerne da brasilidade é colocada mais sobre a paisagem que sobre o elemento humano que habita esses locais. Na verdade, como vimos acima, os autores consideram que os costumes do sertanejo e suas projeções adviriam de sua relação com as paragens solitárias do interior. Com os mesmos argumentos que fizeram o sucesso de Villa-Lobos em Paris²⁵¹, os críticos consideram possível que João de Minas estivesse impregnado de “brasilidade” com o prolongado contato com os sertões do interior, mesmo que aprendendo sobre eles com o sertanejo. Com isso, ele estaria habilitado a fazer, através de sua escrita, a mediação direta, inconsciente, com a fonte geratriz de brasilidade. Como diz Menotti, “João de Minas conhece todos esses segredos da nossa gente. Conhece todas as belezas da nossa terra. Está pois, armado para as grandes façanhas literárias.” Isso dispensaria, para o escritor modernista, a mediação daquele elemento humano habitante dessas regiões e explicaria a pouca ou nenhuma menção dos “matutos” nos textos dos críticos e a ênfase no escritor citadino:

João de Minas sente o misticismo da raça complexa diante da terra nova. O primeiro habitante do chão intangido e misterioso é a divindade local. Quem é ela? A mula-sem-cabeça? O saci? O matuyá? Ela existe, porque sai da cabeça do desbravador²⁵².

Assim, os textos da crítica associam o sertão ao deserto, como mostram as várias palavras que o caracterizam: vazio, solidão, silêncio etc. Esse deserto não é vislumbrado como antagonico ao homem, desafiando sua sobrevivência, mas aos sentidos, à racionalidade ordenadora e dessacralizada do mundo. O perigo maior seria a angústia do indivíduo solitário frente à imensidão exuberante da paisagem, que exigiria o elemento imaginativo para se adaptar. Essa imaginação, que nos sertões tornaria a realidade viva mas fluida, sem formas

²⁴⁹ NETO. Carta a João de Minas., cit., p. XXIX

²⁵⁰ PICCHIA, p. 1. Nosso grifo ressalta a expressão usada por H. de Campos para se referir a João de Minas.

²⁵¹ SEVCENKO, 1992, p. 281.

²⁵² PICCHIA. Sobre um Livro de João de Minas, p. 1

fixas, é elogiada no autor, como evidenciam as frequentes citações feitas pelos críticos das descrições das paisagens no livro *Jantando um Defunto*. Para esses escritores, a qualidade das descrições das paisagens feitas por João de Minas repousaria no fato de serem feitas não literalmente – como se esperaria de uma descrição naturalista – mas metaforicamente, figura capaz de dar conta dos efeitos desses lugares sobre a psique humana, daí autenticidade e adequação do "colorido" de sua prosa.

A empolgação dos críticos com a descrição dessas regiões não é casual: após o final da Primeira Grande Guerra, o tema do nacional entrou na ordem do dia, e sua abordagem se tornou mais e mais presente nas décadas de 1920 e 1930. Buscou-se com avidez, principalmente após 1924, aquilo que era “autenticamente nacional”, que caracterizasse o país de forma particular frente às outras nações do globo, e que estaria escondido pela alienação provocada pelos ideais europeizantes. Wilson Martins refere-se à alta do nacionalismo por volta de 1919 do seguinte modo: “o que importava acima de tudo era ‘conhecer o Brasil’, e conhecê-lo de primeira mão”²⁵³. Esse ideal se manteve o mesmo nos dez anos seguintes, e com suas lentes os críticos de todos os matizes, modernos ou acadêmicos, leram *Jantando um Defunto*. Fecharam o livro confirmando para si próprios que a essência desse Brasil desconhecido repousava justamente nas regiões descritas por João de Minas. E, por isso, para alguns literatos situacionistas, o jovem escritor mineiro representava o melhor da nova tendência literária, e não os de São Paulo.

Os críticos também concordam que o estilo do autor se adéqua ao principal assunto de suas crônicas: os horrores cometidos pela Coluna Prestes. O realismo grotesco desagrade Menotti Del Picchia porque ele considera que o estilo, na obra, está a serviço de um tema político, pois “é tendencioso. Visa um fim e tudo que cheira a tese faz murchar a espontaneidade e a franqueza de um estilo e a força criadora de um artista”²⁵⁴. João Ribeiro observa que “a naturalidade do estilo quase faz passar por verdadeiras e verossímeis as cenas e os quadros horripilantes que descreve”²⁵⁵. Também Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) considera horripilantes os episódios “descritos sempre em cores carregadas, numa linguagem grossa como os fatos que descreve.”²⁵⁶

²⁵³ MARTINS, 1978, p. 149. Ver também as noções de imperativo nacional e realismo na cultura e na política em PECAULT, 1990, p. 41-43, 46 e ss.

²⁵⁴ PICCHIA. Sobre um Livro de João de Minas., p. 1.

²⁵⁵ RIBEIRO, Crônica Literária, p. XXIV.

²⁵⁶ ATHAIDE, Tristão. Vida Literária, 1929, p. 4.

Ao contrário do relativo consenso sobre a originalidade do estilo e o tema dos sertões, na discussão sobre a Coluna a polêmica se instala, ficando ao sabor da posição política de cada crítico. Há aqueles, como Carlos Dias Fernandes, Lauro Fontoura, Medeiros e Albuquerque e Veiga Miranda, que aderem integralmente ao argumento de João de Minas. Por isso tomam os relatos de João de Minas como fatos verdadeiros de uma testemunha ocular. O acadêmico Medeiros e Albuquerque ratifica os eventos narrados pelo jornalista mineiro: "sente-se que o autor viu, assistiu, seguiu de perto os fatos. Não inventa: conta. Não fantasia: desdobra os fatos a nossos olhos". Aproxima também o autor mineiro com Euclides da Cunha, pois ambos teriam narrado eventos verdadeiros mas inacreditáveis pela barbaridade empreendida.

Parece que foi Humberto de Campos quem, a propósito do livro de João de Minas, falou no de Euclides da Cunha. Não há exagero na aproximação. Euclides foi maior, mais extenso; mas não foi o mais verídico. Trata-se de dois escritores que tiveram ocasião de observar de perto duas revoluções: o movimento de Canudos e a última revolta contra o passado governo. E são horrores, e são torpezas, e são misérias...²⁵⁷

Medeiros e Albuquerque refuta possíveis dúvidas sobre exageros de *Jantando um Defunto*, informando que o livro vêm concretizar algumas observações próprias de Medeiros antes publicadas na imprensa, que lhe valeram xingamentos e declamações. Assim, o artigo de Medeiros e Albuquerque visa refutar a imprensa e os intelectuais que apoiam Prestes.

Essa posição é a mesma de escritores que também publicaram textos a respeito de *Jantando um Defunto* em jornais onde João de Minas escrevia. É o caso de Carlos Dias Fernandes, crítico de *O Paiz*; Lauro Fontoura, colega uberabense de Ariosto, que publica um artigo na mesma folha; e Veiga Miranda, escritor que publica uma carta aberta no *Correio Paulistano*. Sobre a Coluna Prestes, Veiga Miranda, correlegionário do escritor mineiro na Concentração Conservadora, considera *Jantando um Defunto* um "libelo formidável contra os salteadores da intentona de julho em S. Paulo". Considera-o uma "voz inapelável da verdade", que vai marcar a história. Lauro Fontoura igualmente considera um livro de "crônicas negras da revolução" que focaliza, em traços exatos, "arrepios de crimes, cenas de morte, procissões ululantes, desgraças sangrentas", os "episódios descabelados da Coluna Prestes". E Carlos Dias Fernandes cita fartamente episódios do livro para acusar a Coluna de "devastadora e sinistra", com seus "facinorosos libertários".

²⁵⁷ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Notas Literárias., 1930, p. XXV

Predomina aqui uma visão realista do livro, embasada por um legalismo empedernido característico dos jornais em que foram publicados, extremamente contrários à Coluna. Estabelecida a probidade e imparcialidade do autor, o desenrolar dos eventos evidenciaria, para eles, o caráter criminoso da Coluna. Por exemplo, Veiga Miranda coloca que

os episódios cruéis que você [João de Minas] soube tão empolgantemente evocar (...) constituem motivos para execração eterna daqueles inqualificáveis compatriotas nossos, que levaram a cegueira do ódio partidário (senão o delírio das ambições pessoais) ao horrível extremo de sacrificar populações inocentes, desrespeitando lares, pilhando bens a pobres criaturas pacatíssimas, ultrajando a sua honra pela forma mais dolorosa a honestas e conceituadas famílias.²⁵⁸

Esse tipo de juízo frequentemente vem acompanhado com citações de trechos de assassinatos descritos por João de Minas no livro. Além das atrocidades, é ressaltada a exploração da ignorância e credulidade do sertanejo para “fins revolucionários”, como ocorre no episódio de Santa Dica. Após resumi-lo, Carlos Dias Fernandes arremata: “Esses criminosos ‘libertadores’ de indústria não se corriam de explorar ignobilmente a ignorância e o messianismo dessa infeliz histórica.”²⁵⁹

Assumida a veracidade de todos os fatos, o livro *Jantando um Defunto* teria o mérito de desmentir os relatos que circulavam na época de feitos heroicos atribuídos ao “Cavaleiro da Esperança”. Veiga Miranda se irrita ante os clamores de heroísmo a ele atribuídos, e Medeiros e Albuquerque valoriza às narrativas de João de Minas por revelarem os crimes perpetuados por Prestes, “a quem tantos levantam hinos de louvor e a quem não falta quem considera um redentor magnífico para as misérias nacionais.”²⁶⁰ A qualificação de Prestes como bandido que desafia o Estado aparece irônica na conclusão desse texto: “fica-se a pensar por que os que tanto aspiram por Prestes não tomam para chefe o outro ‘nobre moço’, o outro ‘sublime ideólogo’, e quem chamam Lampião...”²⁶¹

O heroísmo atribuído à Coluna também não é bem visto por Humberto de Campos e por João Ribeiro. Vimos como Humberto de Campos condena a guerra do movimento e a exploração das populações sertanejas perpetradas pela Coluna durante a “guerra civil”²⁶². Já João Ribeiro considera o movimento uma simples rebelião, oriunda “do doloroso equívoco ou

²⁵⁸ MIRANDA. *Duas Galerias de Assombros*, p. 2.

²⁵⁹ FERNANDES. *Autores e Livros*, p. XXVIII.

²⁶⁰ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Notas Literárias*, p. XXV

²⁶¹ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Notas Literárias*, p. XXVII

²⁶² CAMPOS, *Um bárbaro*, Crítica I, p. 379-382

da descabida pretensão de burlar os nossos vícios políticos por meio de execranda reação ainda mais viciosa e ilegítima”²⁶³. Neles, todavia, temos a centelha da dúvida em relação à veracidade das narrativas de João de Minas. Ela é menor em Humberto de Campos, pois ele acredita que “nos seus relatos, haja muita fantasia, apesar da afirmação em contrário, que faz no prefácio. Faltam-me, entretanto, elementos para contestar a veracidade de tudo que ele nos conta”²⁶⁴. À carência de provas ele acrescenta o pressuposto de que as lutas civis e religiosas aguçariam o ódio dos homens, tornando-os mais ferozes, desumanos e sanguinários; e também argumenta que, a despeito dos nobres sentimentos, a forma encontrada por Prestes para impor a disciplina teria sido a dos crimes, tendo em vista a sua indisciplina para com o poder constituído²⁶⁵. Ambas as colocações de Humberto de Campos tem o efeito de fazer com que o crítico aceite, a despeito da dúvida inicial, a possibilidade dos fatos contados serem verdadeiros.

João Ribeiro toma a direção oposta, descambiando a dúvida no ceticismo. Apesar de elogiar o estilo, considera João de Minas um “legalista abusivo e extremado”²⁶⁶ e nega-lhe o efeito de realidade: “é possível acreditar que as cores estão muito carregadas na lúgubre narrativa de João de Minas mas a naturalidade do estilo quase faz passar por verdadeiras e verossímeis as cenas e quadros horripilantes que descreve.” A antipatia de João Ribeiro por movimentos militares de regeneração da ordem política, que ele remonta ao início da República, está subordinado ao princípio de humanidade que atribui aos soldados da Coluna. O argumento não se baseia em informações concretas, mas na presunção da nobreza possível dos rebeldes, menos “feras” que “extraviados da sociedade”. Ao tratar do teor de verdade do livro, diz que

o livro é falso e falsíssimo, nas suas informações. Ninguém acredita nas façanhas bárbaras atribuídas a Prestes, Siqueira Campos e outros rebeldes que não juntavam rebeldias inúteis e crudelíssimas desumanidades, mais próprias de feras que do coração humano. Esses homens combatidos, perdidos por assim dizer e extraviados da sociedade, eram, enfim, homens capazes de nobres sentimentos, sem o que, eles próprios se entredevorariam.²⁶⁷

Esse argumento, que ressalta a inverossimilhança das narrativas de João de Minas em função do elevado atributo moral dos chefes da Coluna, a despeito do equívoco de seus

²⁶³ RIBEIRO, Crônica Literária, p. XXIII

²⁶⁴ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 379.

²⁶⁵ CAMPOS, Um bárbaro, Crítica I, p. 379.

²⁶⁶ RIBEIRO, Crônica Literária, p. XXIV

²⁶⁷ RIBEIRO. Crônica Literária, p. XXIV-XXV

métodos, é desenvolvido por Plínio Barreto. No seu artigo sobre o livro, ele se dedica a mostrar, arrolando uma série de motivos porque os eventos narrados por João de Minas não seriam verdadeiros. O primeiro deles é justamente o do elevado valor moral dos chefes revolucionários²⁶⁸, semelhante ao argumento de João Ribeiro. Não se considera partidário das revoluções de 22 e 24 mas, ao reconhecer os seus erros, reconhece também os erros das autoridades da época, que teriam dado motivos para a rebelião e usado-a como pretexto para perseguições políticas. Plínio, assim, transforma a crítica à Coluna numa crítica ao governo constituído, próprio da posição do *Estado de São Paulo* no campo jornalístico paulista. Prosseguido com as atenuações, reconhece como exageradas os crimes imputados tanto aos soldados legalistas quanto aos revolucionários.

Em seguida, o argumento se dirige a contestar a legitimidade das narrativas. Primeiro, diferentemente de João Ribeiro, não acha que João de Minas fantasiou os eventos narrados, mas que a fantasia seria obra dos seus informantes. Contesta o fato de João de Minas ter sido testemunha ocular dos eventos e a confiabilidade de suas fontes. Além disso, como João Ribeiro, mostra que João de Minas “é um partidário apaixonado. O seu legalismo tem qualquer coisa de fanático e de cruel”²⁶⁹, semelhante aos fanáticos de Santa Dica descritos no livro.

Na mesma linha cética segue Tristão de Ataíde, focando-a na imaginação aguçada do escritor. Apesar de ressaltar que não tem elementos para julgar a veracidade das narrativas, considera-as fruto de “uma fantasia lúgubre exacerbada pela visão provável de muita realidade trágica”, isto é, “não se sabe onde termina a realidade e começa a imaginação macabra levada ao extremo.”²⁷⁰ Funda a dúvida em dois aspectos, sendo o primeiro por verossimilhança adquirida por leituras diversas, semelhante ao argumento de João Ribeiro: “hoje em dia já conhecemos bem, por testemunhos insuspeitos, o que seja o horror real da guerra e da revolução, para relegarmos todas essas páginas para o domínio da imaginação catastrófica”.

O segundo aspecto de desconfiança Ataíde atribui à seriedade com que o escritor narra episódios fantásticos, exemplificando com o relato, no livro, de uma viagem a uma vida

²⁶⁸ BARRETO, Livros Novos., 1929, p. 3

²⁶⁹ BARRETO, Livros Novos, p. 3. Nota-se que Plínio Barreto havia dito, quando tratava da coluna, que “a minha visão desses acontecimentos é puramente objetiva. Não a perturba a mínima dose de subjetivismo” ou seja, arroga-se para si a posição de neutralidade e a partir dela faz reparos ao texto por conta da posição política extremada do autor.

²⁷⁰ ATHAIDE, 1929, p. 4.

anterior, no conto "O Cavalo de Átila". Diz Alceu: "E para que não duvidem da veracidade de mais essa sua 'narrativa', faz um apelo a seus amigos espíritas", citando uma chamada inicial na qual o escritor mineiro se dirige aos leitores: "chamo a atenção dos espíritas e ocultistas para o que se vai ler. Tudo aqui é a experiência da verdade". Reprova portanto a busca de autoridade no ocultismo e espiritismo vigentes. Notemos que Tristão de Athaíde se detém na narrativa que fere de perto seu catolicismo, ou seja, pauta-se na ideia de reencarnação, viagem a uma vida anterior e metempsicose, próprias de correntes espiritualistas reencarnacionistas como o kardecismo, candomblé e ocultismos. Outras descrições supranaturais do livro não são mencionadas, como milagres, controle de animais via "feitiços", comunicação com espécies animais domesticáveis, sentidos aguçados dos guias sertanejos, visões e sonhos reveladores, aparições de fantasmas ou almas penadas etc.

E Tristão de Athaíde é o único dos intelectuais a mencionar criticamente um relato sobrenatural que é veiculado como verdadeiro, mesmo deixando de lado a grande maioria das descrições de eventos dessa natureza no livro do escritor mineiro. Assim, nas apreciações de *Jantando um Defunto* os elementos fantásticos são praticamente ignorados. Em um debate que visava estabelecer a veracidade dos relatos de João de Minas, aos mais céticos as descrições horripilantes relativas à Coluna parecem mais inverossímeis que os aspectos sobrenaturais. Provavelmente não fossem vistos como problemáticos a ponto de serem dignos de nota, o que talvez indique uma crença tácita, mesmo na intelectualidade vista como a mais esclarecida do país, na probabilidade de sua manifestação, o que pode explicar a desenvoltura com que João de Minas explorou o tema.

Contestar a verossimilhança da narrativa era o único recurso que dispunham os mais céticos, pois as reparações ao livro ressaltavam a impossibilidade de afirmar com plena certeza a falsidade dos eventos narrados, como vimos em Humberto de Campos, Plínio Barreto e Tristão de Athaíde. Suas argumentações foram conjecturais, o que revela certo desencontro e ausência de informações sobre a trajetória da Coluna naquele final de década. João de Minas soube se aproveitar dessa situação, contrapondo-lhes a força do testemunho ocular como fiador da veracidade de suas narrativas. Na carta endereçada em 1929 a Menotti del Picchia, respondendo à objeção que o poeta modernista havia lhe feito sobre o seu livro "cheirar a tese", comenta:

sendo o meu livro um libelo, a sua base deve ser a verdade, e não a arte. Eu caprichei naquela. Você, Menotti, é também um político, um parlamentar de

raro descortino. E concordará em que o fim do meu livro não é 'tendencioso'. O fim dele, partindo de verdades, tanto mais verdadeiras quanto flagrantes e cruas, é patriótico²⁷¹.

Plínio Barreto dá-nos notícia de como o escritor mineiro rebatia seus críticos valendo-se tanto do silêncio e do critério testemunhal ao mencionar uma dedicatória provocativa a ele endereçada pelo autor: "por que os revolucionários não destroem estas minhas horripilantes acusações, ao menos não as negam, e se encolhem mudos diante dos fatos purulentos, simples, matematicamente trágicos que aqui aponto?"²⁷² O silêncio, que o redator de *O Estado de S. Paulo* atribuía naquele momento à ignorância dos chefes sobre o conteúdo do livro, parecia depor contra a Coluna.

Até mesmo contra a vontade do autor, o livro foi recebido desse modo realista. Em 1930, João de Minas enviou-o para um concurso literário, modalidade de contos e novelas, promovido pela Academia. A comissão, composta por Laudelino Freire, A. Austregésilo e Rodrigo Otávio, considerou o livro "magistralmente escrito", "desassombradamente feito, por um brasileiro de muito patriotismo e coragem"²⁷³, mas recusou a inscrição porque *Jantando um Defunto* não foi considerado obra de contos ou novelas, mas um depoimento em torno de fatos verídicos em torno da Coluna. Tendo em mente que a função da Academia era fomentar, pelo concurso, a literatura no Brasil, os acadêmicos entendiam como ficção não apenas o trabalho estilístico, mas também o trabalho de invenção em torno de um tema. O livro do escritor mineiro não atendia o segundo critério, pois considerou-se que contava fatos presenciados. Cabia recurso ao autor, mas ele deve ter preferido acatar a decisão.

Assim, o tom polêmico das graves acusações à Coluna, feitas em *Jantando um Defunto*, dividiu os comentários ao livro. Apesar de todos provirem de intelectuais que não concordavam com a solução "revolucionária" para as mazelas da política, isso não implicou adesão aos argumentos do escritor mineiro. Os comentários se dividiram entre escritores que aderiam integralmente ao livro, entendendo-o como relato factual e digno de confiança, e aqueles que, por diversos motivos, desconfiavam dos fatos contados na narrativa, resguardando o caráter de Prestes e seus liderados. Independente do debate, sua prosa foi apreciada por estes leitores socialmente qualificados. É esta apreciação que contribuirá para estabelecer João de Minas como revelação literária.

²⁷¹ MINAS, João. Carta Aberta a Menotti Del Picchia, *Correio Paulistano*, 29/10/1929, p. 2.

²⁷² BARRETO, Livros Novos, p. 3

²⁷³ Revista da Academia Brasileira de Letras, v. 36, ano XXII, n. 114, junho de 1931, p. 235.

Repercussões e apropriações dos comentários a Jantando um Defunto

Praxe na época, os editores da Alpha selecionaram algumas críticas analisadas acima para acompanhar o livro *Farras com o Demônio*, publicando na íntegra aquelas feitas por Humberto de Campos, João Ribeiro, Carlos Dias Fernandes e Medeiros e Albuquerque, às quais se acrescenta uma carta particular de Coelho Neto a João de Minas. Percebe-se que o pertencimento à Academia Brasileira de Letras foi o critério usado para seleção dos textos introdutórios para o segundo livro do escritor mineiro - o único nome externo é do crítico do jornal ao qual se vincula a editora. Tentaram captar as vantagens simbólicas propiciadas pelos comentários de intelectuais atuantes nas letras, pertencentes à instituição literária de maior prestígio junto ao público do país e, por isso, difundidos pelos periódicos. Segundo os editores, os elogios consagradores desses "einentes intelectuais, todos insuspeitos" por não terem ligações pessoais com o autor, seriam prova da qualidade de *Jantando um Defunto*.

Outro elemento usado pelos editores como evidência do "sucesso ruidoso" do livro foi a comparação que os acadêmicos fizeram entre João de Minas e Euclides da Cunha. Nos termos dos editores da *Alpha*, o escritor mineiro, "prodigioso estilista, artista raro, foi pela alta crítica comparado a Euclides da Cunha, o maravilhoso autor do *Os Sertões*"²⁷⁴. Nesta apropriação opera-se um deslocamento: enquanto que na crítica de Humberto de Campos e Medeiros e Albuquerque a comparação tem como função situar a novidade da prosa de João de Minas perante uma tradição na abordagem de um tema (a guerra nos sertões), nos editores a comparação visa agregar valor simbólico pela equiparação com um já consagrado vulto literário do passado. Ou seja, o exercício da crítica dá lugar à celebração, à propaganda, que nos anos seguintes colou-se à imagem do escritor mineiro.

Essas duas estratégias de promoção vão aparecer em notas na imprensa sobre João de Minas²⁷⁵. A autoridade dos acadêmicos e a comparação com Euclides será lembrada, por exemplo, no comentário publicado por Rômulo Palombo acerca de "algumas amostras da crítica que teve o livro":

Escreveu Medeiros e Albuquerque: "Foi o grande elogio de Humberto de Campos, mais tarde confirmado por João Ribeiro, que me deu a conhecer este livro... que é um livrão". "...Foi Humberto de Campos que, a propósito

²⁷⁴ Breves palavras dos editores. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, 1930, p. XII.

²⁷⁵ A terceira, muito comentada, é o sertanismo, que será analisada na próxima parte. Aqui nos interessa os argumentos de autoridade e tradição que contribuíram para a promoção de João de Minas como escritor.

do livro de João de Minas, falou no de Euclides da Cunha. Não há exagero na aproximação". Disse Coelho Neto: "esse livro é uma maravilha, é entidade nova em nossa literatura". (...) João Ribeiro argumenta: "É realmente escritor de prodigiosa imaginação e de grande originalidade o livro" (...) ²⁷⁶

Esses mesmos trechos dos críticos da Academia Brasileira citados foram publicados na *Revista do Globo* de Porto Alegre, também em 1930 (30/08). Essa repetição indica que uma matriz textual única era enviada aos periódicos de diferentes lugares do país (pelo próprio autor ou editora?), sendo aí publicados como notas locais na seção de livros novos, podendo ser editados. Ademais, no trecho acima as citações dos acadêmicos ajusta-se ao objetivo propagandístico de promover o escritor mineiro, a partir de termos positivos como "elogio", "livrão", "maravilha"; ao ressaltar a "grande originalidade" como "entidade nova em nossa literatura"; e da aproximação com Euclides da Cunha, lastreada pelos nomes de membros da Academia Brasileira de Letras.

Na mesma linha dessas propagandas, *Jantando um Defunto* mereceu comentários que remetem ao "sucesso". Na ocasião do lançamento do segundo livro, *Farras com o Demônio*, os artigos sempre remetem ao impacto nas letras do livro de estreia. No *Jornal do Brasil*, em texto não assinado ²⁷⁷, é comentado que "o sr. João de Minas publicou, não há muito, um livro que alcançou o mais amplo êxito - *Jantando um Defunto*." Outro artigo publicado no jornal *A Notícia* vai mais além:

o livro de estreia de João de Minas produziu no nosso meio estagnado os mesmos ecos da estreia de Euclides da Cunha. A princípio um movimento de espanto pelo insólito da aparição, depois uma simpatia imensa pelo espírito moço e intrépido, que nos trazia a verdadeira novidade a mancheias (...) ²⁷⁸

Metade desse artigo é dedicado a levar mais adiante a comparação entre João de Minas e Euclides da Cunha, pois ambos teriam inovado no estilo para representar a novidade da realidade. O articulista o situa perante uma tradição não apenas brasileira:

E daí essa obra, que, na bibliografia sul-americana, veio compor um tríplice soberbo dos choques da civilização com a barbária, ao lado de "Facundo", de Sarmiento, e dos "Sertões", de Euclides. Nesta trilogia formidável está a alma de três trechos da nossa América: no argentino, é o pampa, com seu

²⁷⁶ Cf. PALOMBO, Rômulo. Livros Sensacionais de João de Minas. *Folha da Noite*, Belo Horizonte, 12/5/1930. In: MINAS, João de. *Sangue de Ilusões*, p. 301-2. Grifos do original. Além dos acadêmicos, são inseridos trechos das opiniões de Plínio Barreto, Carlos Dias Fernandes, Lindolfo Collor e do semanário A.B.C. (Rio).

²⁷⁷ Provavelmente o comentário foi feito por João Ribeiro, crítico do jornal, em função de uma impressão idêntica ao artigo que lançou em 1929, referindo-se ao "título de péssimo gosto". Ver *Jornal do Brasil*, 27/8/1930, p. 5.

²⁷⁸ Foi publicado no *O Paiz*, em 17 de julho de 1930, p. 2.

gaúcho; no fluminense, é a caatinga, a capoeira, com o seu jagunço; no mineiro, é o mato bravo, a brenha feroz, com o seu tipo característico de cacique (...)²⁷⁹

No jornal *A Gazeta*, de São Paulo, outra estratégia é utilizada, a de rebaixar a prosa e a crítica literária nacional, salvando-se apenas os elogios a João de Minas:

Os louvores que esse escritor alcançou espontaneamente dos nossos melhores críticos, não pertencem por certo ao mealheiro desmoralizado das expressões lisonjeiras com que se acolhem na imprensa quanto rabiscador banal consegue conquistar a estima dos homens de emoção fácil que fazem das letras jornalísticas a mais angustiada das profissões. (...)

As expressões de fé e entusiasmo que lhe dedicaram (...) Humberto de Campos, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Carlos Dias Fernandes e Coelho Neto, provam que nem tudo está irremediavelmente perdido na maré montante do cabotinismo estridente e reclamista em que se converteu a atividade literária em nosso país²⁸⁰.

Esses textos incorporam e desenvolvem as estratégias de promoção estabelecidas pelos editores, situando o escritor mineiro no mesmo plano que um autor consagrado, ressaltando os elogios de membros da instituição literária consagradora, que refletia o sucesso de uma recepção mais ampla do livro. Exceto o primeiro comentário, feito por uma pessoa em um órgão relativamente independente do escritor, os outros dois foram publicados e divulgados por setores da imprensa de mesma linha partidária de João de Minas, mesmo onde ele colaborava. Talvez a circularidade desses argumentos remeta a um mesmo campo de posições políticas.

Quem criou o escritor João de Minas?

Retomando as análises feitas até aqui, a exiguidade e parcialidade das fontes não nos permitem falar em "sucesso" de João de Minas. Nem mesmo o dado editorial que menciona o esgotamento dos 5000 exemplares de *Jantando um Defunto* são certos, tendo em vista que esse era um eficiente mecanismo de propaganda do período. Até agora, podemos falar em promoção, voluntária ou involuntária, por setores políticos e literários com expectativas conservadoras, no sentido de buscarem manter no poder os grupos vigentes, que sofriam ataques cada vez mais intensos no final dos anos 1920. Junto da publicação dos textos de João de Minas, a maioria dos textos sobre ele e seus livros foram publicados nos periódicos diários ou semanais, o que referenda o papel central da imprensa na vida intelectual brasileira, o meio escrito privilegiado de difusão e debates de ideias, e consagração pessoal. Confirmam também

²⁷⁹ *O Paiz*, 17/7/1930, p. 2.

²⁸⁰ Farras com o Demônio. *A Gazeta*, São Paulo, 31/7/1930.

a não separação das esferas de circulação restrita (a alta literatura) e ampla (difusão pela imprensa) no cenário brasileiro do período.

Os textos publicados em jornais acirradamente governistas tendiam a elogiar política e literariamente João de Minas, a exemplo dos textos de *O Paiz* (Lauro Fontoura, Carlos Dias Fernandes), *Correio Paulistano* (Veiga Miranda) e *A Notícia*. As contestações ao relato da Coluna Prestes vinham de jornais alinhados à oposição, como as que saíram pelo *O Estado de São Paulo* (Plínio Barreto) e *O Jornal* (Tristão de Ataíde). Mas essas tendências precisam ser matizadas, pois eram permeadas pelo grau de independência do intelectual com o jornal que o veicula: o principal elogio a João de Minas saiu no *Correio da Manhã* (Humberto de Campos), um jornal de oposição, e dois contundentes reparos ao livro, estilístico e jornalístico, saíram respectivamente nos governistas *Correio Paulistano* (Menotti del Picchia) e *Jornal do Brasil* (João Ribeiro). Outro ponto a se destacar é que a construção do "escritor" João de Minas foi uma ação eminentemente editorial da Alpha / *O Paiz*, em três níveis: na confecção dos livros, elemento material que permitiu a fixação de textos com um sentido definido, a serem apreciados como uma obra pelos diversos leitores; na explicitação da figura do literato, ao ressaltarem nos prefácios suas qualidades estilísticas, mesmo contradizendo as finalidades jornalistas de João de Minas; e, via propaganda, formatando vários argumentos divulgados pelos periódicos a respeito do livro de estreia e do autor mineiro²⁸¹.

Vimos que essa construção do escritor não ocorreu como uma aposta mercadológica de uma empresa visando lucro material. Partindo de uma editora vinculada a um jornal que recebia subvenções do governo do PRP, esse não era o problema. A finalidade principal foi simbólica, pois destinava-se mobilizar as consciências em um campo político aguerrido, defendendo, no final dos anos 1920, as posições oficiais e conservadoras contra as investidas críticas da imprensa de oposição, feitas pela simpatia com correntes revolucionárias do país. Não por acaso, no momento da edição de *Jantando um Defunto*, a imagem de escritor era periférica, estando em primeiro plano a figura do jornalista idôneo. Esta foi elaboração conjunta da ação configuradora de textos por João de Minas, com seus temas, valores e

²⁸¹ Esse aspecto é interessante, pois a curta fortuna crítica associada ao escritor mineiro que se conhece hoje é aquela divulgada ou mencionada nos seus livros. Os textos que não foram considerados pertinentes pelo autor ou pelos editores se tornaram completamente desconhecidos, como aqueles divulgados por Lauro Fontoura, Tristão de Ataíde e Menotti del Picchia. João de Minas certamente sabia da existência dos dois últimos, pois mencionou o primeiro em um artigo (*O Paiz*, 4/1/1930, p. 1) e respondeu a Menotti em uma carta aberta (*Correio Paulistano*, 29/10/1929, p. 2).

estratégias estilísticas, aliada à ação da editoria jornalística do *O Paiz*, seja no destacado espaço editorial aberto, seja na divulgação de textos exaltando o escritor mineiro.

Inesperadamente, o que transformou João de Minas em escritor foi a repercussão dos textos de leitores socialmente qualificados, vinculados à instituição com maior poder de consagração literária do Brasil no período estudado. Isso foi evidenciado pelo seu uso editorial ou pelas pontuais mas constantes referências feitas em uma esfera de circulação ampla, em jornais e periódicos, que vinculavam simbolicamente o prestígio de João de Minas aos comentários feitos pelos quatro acadêmicos.

Se a produção social do literato foi obra dos textos de quatro acadêmicos, a produção intelectual foi obra apenas de Humberto de Campos, cujos argumentos formataram a leitura dos outros críticos na imprensa. Já dissemos como João Ribeiro sugeriu os temas da obra literária sertaneja de João de Minas, e veremos como fez o mesmo para seus romances urbanos. Mas foi a pontual crítica de Humberto que inventou o *literato*. Primeiramente, ao situá-lo perante uma tradição de temas e autores sobre o sertão, em especial Euclides da Cunha. O crítico maranhense permite visualizar inclusive como essa última operação teve um elemento casual, na medida em que a associação entre os dois escritores ocorreu por conta de ele, a pedido da Academia, ter lido *Os Sertões* imediatamente antes de ler *Jantando um Defunto*. O próprio João de Minas confessou, muitos anos depois, que achou a comparação descabida: "Eu nunca lera *Os Sertões*. Fui ler. E fiquei apavorado com a comparação. Aquilo é um folhetim policial sensacionalista (...)"²⁸². Mas, na mão dos outros críticos, dos editores e da imprensa, essa associação contingente, na verdade uma comparação onde se ressaltou mais as diferenças, ganhou estatuto de fato, inventando uma genealogia literária para João de Minas.

Em segundo lugar, Humberto de Campos situou o novo livro perante os debates vigentes no meio literário, que em sua percepção ainda estava agressivamente polarizado entre os novos (modernistas) e velhos (acadêmicos). Na tentativa de se estabelecer como mediador entre ambos os grupos, projetou as mediações no jovem escritor ao situar a novidade de seu estilo entre os novos, e pontuar sua deferência aos antigos. Tendo em vista as tentativas de agraciar a Academia Brasileira de Letras e as paródias feitas ao estilo modernista, o comentário deve ter soado inusitado ao escritor mineiro. Mas a repercussão positiva da crítica de Campos (e de *Jantando um Defunto*) entre os escritores ligados à ABL e

²⁸² LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto, 1952, p. 17.

intelectuais de marcado anti-modernismo leva a crer que o livro deu vazão a expectativas de renovação que partiam da ordem literária vigente.

Toda essa operação de construção não foi percebida pelos críticos, editores e demais comentadores. Pelo contrário. Vimos que um dos consensos em torno do escritor mineiro, mesmo pelos que desacreditam de suas informações ou rebatem sua posição política, repousa na afirmação da qualidade do seu estilo. A concepção taumatúrgica do estilo, mágica transmitida ao texto pela ação criadora do autor e evidenciada pelo crítico aos demais leitores, impediu, por exemplo, João Ribeiro de perceber que sua leitura de *Jantando um Defunto* fora bastante influenciada por Humberto de Campos, modificando inclusive as impressões que teve através do título, o mesmo valendo para a "confirmação" de Medeiros e Albuquerque.

Neste particular, chama atenção o elogio dos acadêmicos a um texto intencionalmente jornalístico. O estilo de João de Minas evidencia a continuidade de uma produção de textos próxima ao fazer literário, característica da imprensa da primeira metade do XX. Mas o problema se torna interessante ao notarmos que João de Minas, mesmo conhecedor da literatura erudita, se vale de mecanismos da literatura popular para fazer um jornalismo sensacionalista próprio dos *fait divers*, com mecanismos folhetinescos de tipificação de personagens e enredos, hipérboles e exageros, a tendência ao grotesco, ao macabro, ao cômico e ao fantástico, tudo podendo ser misturado num único texto curto, como analisamos. Alguns desses elementos serão ressaltados por um ou outro crítico ou leitor, mas seu conjunto e sua origem não são evidenciados por esses leitores.

O ponto alto desse tipo de silêncio repousa na questão do fantástico. Fartamente empregado por João de Minas, afirmado como realidade pelo escritor, passam desapercibidos pela maior parte dos críticos. O fato de não serem tomados como problemáticos num debate sobre a veracidade do texto pode indicar a aceitação de crenças no sobrenatural, de matriz católicas. Não por acaso a única observação a esse respeito, do católico Tristão de Ataíde, se dirige contra as correntes esoteristas que também ganhavam popularidade nos anos 1920.

Eclipsando esses assuntos, tornou-se foco da crítica o debate político em torno da Coluna, polarizado entre afirmação e negação das informações veiculadas conforme a posição política e simpatia aos revolucionários. Mas outro tema também foi bastante ressaltado pelos comentários a *Jantando um Defunto*: o elogio ao sertanismo de João de Minas. A busca por uma nacionalidade despojada de elementos estrangeiros, atitude reversa às tendências

intelectuais de início do século XX, colocaram as regiões interioranas em evidência nos grandes centros urbanos. Esse oxigênio mental propiciou ao autor a tratar cada vez mais o tema em seus artigos e livros, os editores a financiar a empreitada e os críticos vibrarem com os textos. Esse critério de avaliação era tão difundido que seu sertanismo foi mobilizado na peleja entre passadistas e modernistas, quando João de Minas foi alçado a um autêntico explorador intrépido das belezas nacionais, incorporadas no seu estilo, o que significava à época um valioso elogio. Com essa repercussão, o autor e os editores exploraram mais profundamente o gênero, resultando no livro *Farras com o Demônio*, igualmente elogiado, pelos mesmos motivos.

Portanto, João de Minas atirou no que viu e acertou o que não viu: os esforços de difundir fatos e visões de mundo governistas e temas da moda abriram-lhe as portas da carreira de escritor à sua revelia. Por caminhos tortuosos ligados aos debates pela legitimidade literária, parece-nos que foi um dos agraciados pela aura acadêmica, ganhando o *status* de escritor. Uma das poucas mas significativas referências internacionais que encontramos confirma isso: *Jantando um Defunto* foi mencionado em um catálogo publicado em Cambridge, Estados Unidos, no ano de 1931, intitulado *A tentative bibliography of brazilian belles-lettres*. Duas informações interessantes sobre o catálogo: o nome de João de Minas vem precedido de um asterisco (*), que nesta bibliografia indica que o título foi mencionado (*noted*) em algum lugar sem detalhes do lugar e data de publicação²⁸³. Talvez por isso, ao contrário de outros escritores como João do Rio ou João do Norte, não é mencionado o fato de "João de Minas" se referir a um pseudônimo. Logo, é provável que a inserção do livro do escritor mineiro no catálogo das “belas letras” brasileiras tenha sido feita a partir de leituras de segunda mão, influenciadas pelas críticas consagradoras nos anos anteriores à data da publicação.

Os ecos dessas leituras elogiosas ainda serão sentidos nos textos sobre o escritor mineiro nos anos 1930. Mas a modificação dos interesses de João de Minas e alterações no fazer literário das décadas seguintes não só vão interromper a tendência como vão revertê-la.

²⁸³ FORD, WHITTEM, & RAPHAEL, 1931, p. 1 (sobre os asteriscos), p. 86 (nome de João de Minas).

Parte II

Escritor Popular

3- Rumor à literatura para o povo

Novo surto de ficção para o povo

Em uma curta crônica publicada em 1935, João de Minas responde a uma crítica de um livro recém-lançado nos seguintes termos:

Há semanas um eminente crítico literário, tratando de um livro meu, creio que nas colunas d' 'A Noite', recordou minha estreia literária.

Eu teria estreado escrevendo bonito, falando doutor, cheio de estilo... E agora – segundo o nobre crítico – eu escrevo fácil com uma agilidade jornalística, o que para o honrado mestre é um crime.

Acha S. Ex. que o escritor direito, familiar, de colarinho limpo, etc, é o gajo que escreve escuro, pesado e encaracolado. Como esse fulgurante pobre diabo que foi o dr Euclides da Cunha, suponhamos, um homem que apenas com um rijo livro tem feito dormir o Brasil inteiro.

Não. Eu prefiro ser leve, fácil, jornalístico... e lido. Prefiro ser como agora.

Um fato curioso. Quando faleceu João Ribeiro, meu amigo escritor imenso, eu fiz uma enquete popular, perguntando aos humildes se eles conheciam o saudoso acadêmico. Quase ninguém o conhecia.

Eu ainda me lembro que tive medo dessa glória maravilhosa... de que o povo absolutamente não tem notícia.

Donde se conclui que o escritor sublime alfabetiza pouco as massas, sendo só lido por uma meia dúzia de sábios e críticos pavorosos. Ora, o mundo coletiviza-se vertiginosamente. Logo, o escritor que se isola nas igrejinhas miríficas suicida-se.

Os livros brasileiros até há pouco sofriam uma bruta concorrência dos ditos estrangeiros, por isto: o nosso livro não tinha o que se ler, no sentido fácil e popular; fazíamos muito estilo, discutíamos escolas literárias, brigávamos, perdidos no fundo de grêmios, academiazinhas, fundações, num sifilítico babuzar de elogio mútuo... Ora, o povo – ou as classes – não querem saber disso.

*Eu fugi desse caminho burro. Resolvi fundar o romance popular no Brasil. E tenho pena dos rapazes mentecaptos e importantes, aqueles!...*²⁸⁴

Em mais uma de suas guinadas de opinião, na desaforada crônica está registrada a apostasia literária de João de Minas. Em resposta à crítica de seu livro, o escritor não se defende perante aqueles que detém o saber literário ou reprova um indivíduo que teria feito uma apreciação incorreta de sua obra. Explicitamente ataca o sistema de legitimidade vigente renegando o mundo das letras, que considera composto apenas por sábios e críticos, organizados em igrejinhas, academias, grêmios, fundações e escolas, nas quais e entre as quais se pratica desde o elogio mútuo às discussões e brigas em torno de escolas literárias,

²⁸⁴ MINAS, João de. Cartas Mineiras de São Paulo (coluna) *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/02/1935, p. 5

todos visando uma glória restrita através de um estilo escuro, pesado e encaracolado – doutor. A linguagem oscilante entre a ofensa (“críticos pavorosos”, “mentecaptos”) e a ironia (“glória maravilhosa”, “importantes, aqueles!”) acentua o tom polêmico.

A fuga do “caminho burro”, na verdade uma canoa furada, parecia fundamentada nas implicações literárias de um fenômeno característico dos novos tempos aos olhos de João de Minas: a emergência do povo ou das classes - “o mundo coletiviza-se vertiginosamente”²⁸⁵. A força da quantidade parecia ter o poder de suplantar o sistema literário vigente, forçando a uma mudança qualitativa nas práticas de escrita e leitura, estabelecendo um princípio anônimo de legitimidade formadora de opiniões mais forte que os críticos e as igrejinhas, com seu estilo pesado e sua aversão à agilidade jornalística. O apego a essas práticas e ideias levaria qualquer escritor a um suicídio literário por ausência de público - daí sua tonalidade anacrônica: “o povo – ou as classes – não querem saber disso”. Euclides da Cunha é alvejado por se tornar símbolo da expressão da linguagem difícil valorizada pelos críticos, visto que “com um rijo livro tem feito dormir o Brasil inteiro”. João Ribeiro, por não ter alcance maior do que o restrito círculo de intelectuais. Logo, a tentativa de justificar sua renovação leva João de Minas a atacar as bases de fama e sua constituição como literato na época de sua estreia em 1929, ou seja, seus vínculos temáticos com Euclides da Cunha e o papel consagrador e legitimador da crítica.

No ano de 1934 morreram vários imortais da Academia Brasileira de Letras. João Ribeiro faleceu em 13 de abril, seguido por Augusto de Lima em 22 e Gregório da Fonseca em 23 do mesmo mês. Em 6 e 9 de junho foi a vez de Miguel Couto e Medeiros e Albuquerque morrerem. No final do ano, em 28 de novembro e 5 de dezembro, faleceram Coelho Neto e Humberto de Campos²⁸⁶. Amplamente noticiadas nos grandes veículos da imprensa, tais mortes geraram a sensação de fim de uma era literária, pois deixaram de atuar nas colunas e rodapés de jornais, nas revistas ilustradas e nos livros, três dos quatro medalhões atuantes nas letras desde fins do XIX (João Ribeiro, Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque), bem como seu mais popular afilhado acadêmico, Humberto de Campos. João de Minas seguidamente viu morrer aqueles que fizeram sua fama como escritor, o que só acentuou para ele o acerto da reorientação que dera à sua obra. Atribuiu uma decrepitude ao sistema literário centrado na Academia, simbolizada no artigo pela morte de João Ribeiro,

²⁸⁵ A referência aos “humildes” leva a crer que o escritor tenha em mente os pobres.

²⁸⁶ Outras mortes próximas: Luís Carlos em 16 de setembro de 1932, Constâncio Alves em 16 de fevereiro de 1933, Rocha Pombo em junho desse ano, Félix Pacheco em 6 dezembro de 1935.

cujo desconhecimento popular é apresentado como marco de uma tomada de consciência sobre o (novo) papel do escritor na (nova) sociedade brasileira. Para o escritor mineiro, não interessa mais a restrita “glória maravilhosa... de que o povo absolutamente não tem notícia”.

O sucesso do ficcionista, o êxito no papel de alfabetizador das massas, seria medido pelo número de leitores, que leva à exigência de um estilo de fácil compreensão e fruição, que o leva a dizer “prefiro ser leve, fácil, jornalístico... e lido”. João de Minas considera que este público existe ou está em processo de formação. Mas, por miopia dos sábios das instituições literárias nacionais, com estilo difícil, tal público preferia ler livros estrangeiros, visto que “o nosso livro não tinha o que se ler, no sentido fácil e popular”. Para ele, estavam dadas todas as condições para criar um novo nicho de mercado, no qual apostou suas fichas e sua carreira literária: “resolvi fundar o romance popular no Brasil”. Sem modéstia alguma, o polêmico artigo de João de Minas marca sua posição acerca de uma questão que chamou atenção de escritores e editores anos 1930 e 40: como lidar com “a existência de um público de leitores cujas preferências e escolhas em matéria de leitura são um tanto independentes dos juízos externados pelos detentores da autoridade intelectual”²⁸⁷.

Uma rápida olhada para as estatísticas sobre potenciais leitores na população brasileira dos censos de 1920 e 1940 pode ajudar a entender o otimismo do trecho de João de Minas:

Grau de Instrução por faixa etária segundo o censo de 1920 - Brasil

	Sabe ler e escrever	Não sabe ler e escrever
<i>Até 6 anos</i>	38.659	6.457.647
<i>De 7 a 14 anos</i>	1.299.131	5.282.836
<i>De 15 e mais anos</i>	6.155.567	11.401.715
Total	7.493.357	23.143.248

Fonte: Estado da População. Tabela XIII – Recenseamento de 1920 – População do Brasil e das suas unidades Políticas, segundo o grau de instrução e idade. In: IBGE. Estatísticas do século XX.

Grau de instrução por faixa etária segundo o censo de 1940 - Brasil

	Sabe ler e escrever	Não sabe ler e escrever	Instrução não declarada
<i>0 a 9 anos</i>	794.474	4.842.658	121.684
<i>10 a 19 anos</i>	4.131.939	5.603.058	37.006

²⁸⁷ MICELI, (1979), p. 155.

20 a 29 anos	3.310.266	3.842.551	16.908
30 a 39 anos	2.224.939	2.664.606	12.137
40 a 49 anos	1.433.281	1.999.760	8.686
50 a 59 anos	814.803	1.224.917	5.187
60 a 69 anos	390.240	682.898	3.001
70 a 79 anos	139.715	286.538	1.431
80 ou mais	36.933	134.071	707
Não declarada	16.015	14.433	1.823
Total	13.292.605	21.295.490	208.570

Fonte: Estado da População. Tabela II – População do Brasil, na data do recenseamento geral de 1940. 1. Distribuição, por sexo e grupos de idade, segundo os principais caracteres individuais. d) instrução, ambos os sexos. In: IBGE. Estatísticas do século XX.

Os quadros acima permitem ver que, em 1940, o número de analfabetos continuou alto em todas as idades, compondo quase dois terços da população, mas diminuiu em relação ao censo anterior. A proporção entre leitores e não leitores também caiu, tendo em vista que o número absoluto dos que sabem ler e escrever quase dobrou. Na categorização etária, chama a atenção como o aumento se concentrou no público juvenil e de jovens adultos, cujos valores somados quase totalizam os leitores de 1920. Não foi casual que uma parte das obras de ficção das principais editoras se direcionava a essa faixa etária e articulistas se entusiasmavam com a perspectivas de mudança social abertas por uma geração de jovens leitores. Ao comentar a desproporção entre as obras direcionadas ao público infantojuvenil e aos adultos nas tiragens da Companhia Editora Nacional, um articulista da Folha da Manhã conclui:

Em face do Brasil de ontem, analfabeto e cru, do Brasil de ontem que é representado no hoje por homens e mulheres que em toda sua vida não leram um livro, representado pelas nossas classes dirigentes, onde a elite cultural é quase nula, surge o Brasil de hoje e de amanhã, representado pelos jovens, pelas moças e crianças que leem, que se interessam pelas coisas do pensamento e que amanhã varrerão na indústria, no comércio, na política e nas profissões liberais esses fósseis incultos de hoje que são a vergonha de nossa terra e o peso morto que impede o seu progresso²⁸⁸.

A força messiânica atribuída ao povo em geral, e aos moços em especial, ressaltando sua força de mudança e seu papel para o progresso do país num futuro próximo, é semelhante ao que João de Minas desenvolve, e foi tônica nos jornais. A diferença é que o escritor mineiro, ao tomar como referência os anseios políticos das massas e da mocidade, volta-se agressivamente não contra os incultos mas contra as formas empoladas da “elite cultural”.

²⁸⁸ PORTO VELHO, Mathias O mundo dos livros IN: Folha da Manhã 1. mar. 1934, p. 5.

Tais anseios vão ao encontro da hipótese de Sérgio Miceli, para quem tal público se formou por causa das mudanças ocorridas no sistema de ensino e na expansão dos setores médios da população. A questão do ensino pode ser remontada às reformas geradas por conta do entusiasmo com a educação, nos anos 1920 vista como solução para as mazelas políticas e sociais do país. O surgimento dos educadores profissionais enseja não só aumento de publicações de livros e revistas pedagógicas, como o aumento dos congressos, inquéritos e conferências que debatem os problemas educacionais. Todo o clima de debate repercute na ação estatal: em nível federal, cria-se as primeiras universidades brasileiras, a do Rio de Janeiro (1920) e de Minas Gerais (1927), além da reorganização do ensino secundário e superior (1925) e técnico-profissional (1926); em nível estadual, responsável pelo ensino primário e normal, é marcante a onda de reformas que se espalha pelo país durante essa década, que “procedem à implantação ou reorganização da administração escolar, bem como ao uso de instrumentos de planejamento, como os recenseamentos escolares. Dá-se novo passo no sentido de ampliação da rede e da clientela escolares”²⁸⁹.

Nos anos 30, a centralização federal orientou as mudanças educacionais. Foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, cujo cargo foi ocupado por Francisco Campos que, em 1931, baixou uma série de decretos no sentido de reformar o ensino superior, comercial e o secundário. Neste ponto, diminuiu de sete para cinco os anos necessários para certificação para quem não seguisse curso superior, além de reformular o currículo e aumentar o número de matrículas. Ao mesmo tempo em que se criaram novos cursos técnicos e superiores²⁹⁰, surgiram outras universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo em 1934. Esse movimento de expansão no ensino também movimentou o mercado editorial de livros didáticos e pedagógicos para todos os níveis e áreas.

Outro processo que contribuiu para a formação de um novo tipo de público leitor ocorreu “por força das mudanças ocorridas na hierarquia de ocupações do setor terciário dos principais centros urbanos, impulsionado pelo aumento dos postos técnicos e de gestão nos setores público e privado e pela expansão considerável do número de portadores de diplomas superiores na área das profissões liberais”²⁹¹. Um depoimento de Jorge Amado sobre o leitor,

²⁸⁹ O parágrafo é uma paráfrase de NAGLE, 1978, p. 264: Associadas a nomes que se tornariam referência no pensamento educacional brasileiro, as principais reformas foram: Sampaio Dória (São Paulo, 1920), Lourenço Filho (Ceará, 1923), Anísio Teixeira (Bahia, 1925), Francisco Campos (Minas Gerais, 1927), Fernando de Azevedo (Distrito Federal, 1928), Carneiro Leão (Pernambuco, 1929) e Lourenço Filho (São Paulo, 1930).

²⁹⁰ SAVIANI, 2008, p. 195-8. A reforma Capanema de 1942 aprofundou o processo ao dividir o secundário em ginásio (4 anos) e colégio (3 anos), possibilitando diplomas em graus intermediários.

²⁹¹ MICELI, 2001 (1979), p. 155.

baseado em sua experiência de trabalho e trato com o público em uma editora no Rio, vai no mesmo sentido:

É preciso compreender que o público brasileiro é em geral um público pobre. Os ricos não leem, têm mais o que fazer. O intelectual, que é a classe mais interessada, não compra o livro. Primeiro porque não têm dinheiro suficiente, segundo porque recebe em geral o livro de graça. Compra o livro a pequena burguesia composta em geral de estudantes, semi-intelectuais, rapazes e moças que lêem por luxo e não por necessidade (ler no Brasil só agora começa a deixar de ser luxo)²⁹².

Para Miceli, esta mudança não foi apenas quantitativa, mas repercutiu no tipo de gosto, pois

o primeiro posto da literatura de ficção – e nessa categoria, a predominância dos romances de amor, de histórias policiais e de livros de aventuras – deve-se em ampla medida à expansão da parcela de leitores recrutada nas novas camadas médias, que redundou no aumento da demanda por obras de mero entretenimento²⁹³.

A demanda pelos gêneros citados coincidiu com um contexto de retração das importações, em drástica queda com a crise de 1929 e subsequente desvalorização da moeda (o mil-réis). Isso possibilitou, nos anos 1930, o investimento editorial em um mercado nacional até então dominado por livros portugueses e franceses: “pela primeira vez desde o início do século XIX, o livro brasileiro – vendido a mais ou menos 6\$000 para um romance normal – tornava-se competitivo em seu próprio mercado nacional.”²⁹⁴ Esse cenário ensejou o surgimento de inúmeras editoras e o estabelecimento das maiores empresas do país nesse ramo, como a José Olímpio (São Paulo e Rio), a seção editora da Livraria do Globo (Porto Alegre), que ombrearam a Companhia Editora Nacional (São Paulo), também fundada em meados dos anos 20.

A fórmula editorial que as editoras se valeram para atingir o público leitor em expansão foram as coleções, utilizadas pela primeira vez no século XVIII pelos franceses para cativar o público, em função da forte concorrência. Implicava uma segmentação de mercado da leitura ao editar, em maior escala e por menor preço, livros para públicos especiais. Tanto na França quanto no Brasil dos anos 1930,

as coleções foram expressões materiais da política de popularização da leitura, e também da especialização profissional e da divisão do trabalho no campo editorial, uma vez que demandava políticas de acervo editoriais e

²⁹² MICELI, 2001 (1979), p. 155.

²⁹³ MICELI, 2001 (1979), p. 155.

²⁹⁴ HALLEWELL, 2005, p. 398.

reforçava o papel estratégico do editor, que se tornava um especialista, responsável tanto pela definição de um perfil, ao decidir o critério de reunião, de seleção das obras de uma coleção – seja por compilações de autores sobre um mesmo tema, em obras de um mesmo gênero ou destinação reunidas em série ou que compartilham traços materiais uniformes, como cor, logotipo, tamanho –, quanto pelo direcionamento da atuação da editora para determinadas faixas do mercado livreiro²⁹⁵.

O fato de nas coleções de ficção constarem principalmente livros traduzidos era um componente a mais na redução de custos do negócio, sobretudo para novos editores. Apesar da despesa com a tradução, que abriu uma frente de remuneração para escritores e intelectuais²⁹⁶, para o editor brasileiro

o editor estrangeiro, na verdade, já deu conta de 'quase' tudo: escolheu autor e obra, definiu formato, tipologia, configuração visual do livro, sem contar que já correu o risco de editar algo inédito, testando seu *feeling* editorial. O livro estrangeiro chega aqui com o aval do editor e do público originais. O editor nacional, muitas vezes, se apropria desse trabalho, cuidando apenas das fases mais industriais do processo²⁹⁷.

Essas tendências do início dos anos 30 podem ser vislumbradas nas tiragens, em 1933, da maior editora do país, a Companhia Editora Nacional, sediada em São Paulo:

Tiragens dos exemplares da Companhia Editora Nacional - jan.-nov. de 1933

Discriminação	Tiragem
Livros Didáticos	340.000
Atualidades Pedagógicas e Iniciação científica	39.200
Brasiliana	67.000
Literatura Infantil	92.500
Coleção Paratodos	107.000
Coleção Terramarear	230.000
Nova Biblioteca das Moças	107.000
Contos, Crônicas, Romances e Ensaios	59.000
Regionalismo e Humorismo	27.000
Poesias	23.000
Educativos	53.000
Viagens	6.000
Medicina	5.200
Direito	3.000
Comércio	8.700
Obras Diversas	34.200
Total	1.191.900

Fonte: Mathias Porto Velho - O mundo dos livros IN: Folha da Manhã 1. mar. 1934, p. 5.

²⁹⁵ O parágrafo e a citação estão baseados em DUTRA, 2008, p. 154-5.

²⁹⁶ Eram inúmeros as reclamações contra traduções dos romances populares estrangeiros na imprensa, considerada um empecilho à difusão de livros no país. Tanto que, para se distinguir, a Companhia Editora Nacional passou a ressaltar o nome dos tradutores nas propagandas, o que agregava valor: “chamamos a atenção para o nome dos tradutores da nova fase desta coleção”. Entre os nomes estavam Monteiro Lobato, Gustavo Barroso, Manuel Bandeira, Godofredo Rangel (*Folha da Manhã*, 30/05/1935, p. 11.)

²⁹⁷ AMORIM, 1999, p. 71.

Percebemos que a atuação da editora concentrava-se no ramo educacional (Livros Didáticos, Atualidades Pedagógicas e Educativos – 431.200 exemplares) e na literatura de ficção que João de Minas chamou de popular (Literatura Infantil, Coleção Paratodos, Coleção Terramarear e Nova Biblioteca das Moças – 536.500 exemplares)²⁹⁸. Integrando a Biblioteca Pedagógica Brasileira junto com os didáticos e a Brasileira, a literatura infantil estava sob a responsabilidade de Monteiro Lobato, que não só produzia livros (Reinações de Narizinho, O saci, Novas Reinações de Narizinho, as Caçadas de Pedrinho), como adaptava histórias (como Aventuras de Hans Staden) e realizava traduções (Alice no País das Maravilhas, Contos de Andersen, Pinóquio)²⁹⁹.

Já nas outras três coleções de ficção com maior tiragem eram publicadas traduções de autores estrangeiros, sobretudo de língua inglesa, nos gêneros aventura, mistério, policial, histórico e sentimental. A Paratodos contemplava todos esses gêneros e, como o próprio nome sugere, destinava-se ao maior público possível. Dentre os autores mais publicados nesse ano de 1933 estavam Edgard Wallace, Rafael Sabatini, Baronesa Orczy e Conan Doyle, contando ainda com alguns títulos de Jack London, Robert Louis Steveson, Sax Rohmer e outros. As outras duas coleções, apesar de “servirem também ao homem maduro e culto”³⁰⁰, eram segmentadas ao público jovem: a Terramarear publicava sobretudo aventuras destinadas aos adolescentes, com publicações de Kipling (Mogli), Edgar Burroughs (série Tarzan), Steveson (A ilha do Tesouro), Jack London (Caninos Brancos), Mark Twain (O príncipe e o pobre) etc. Já a Nova Biblioteca das Moças priorizava o gênero sentimental, visando público jovem feminino, sendo Concordia Merrel a autora mais publicada até o fim de 1933 (Casada por Dinheiro, a Maltrapilha, O Homem sem Piedade, Casamento por Vingança, Adão e Algumas Evas)³⁰¹. Em 1934 a Nacional lançou a Série Negra, com romances policiais e de mistérios. Dirigida pelo escritor Moacir de Abreu, o principal autor foi Edgard Wallace (O Homem do Hotel Carlton, O calendário, O homem de Borracha), seguido de Van Dine (O crime do escaravelho, O Crime do Dragão), contando também com Conan Doyle (O Doutor Negro)³⁰².

²⁹⁸ Não por acaso, no ano seguinte, o selo desta editora foi reservado a estes ramos de sucesso, sendo os outros segmentos priorizados pela Civilização Brasileira, adquirida em 1932. HALLEWELL, 2005, p. 355.

²⁹⁹ Cf. catálogo da Companhia Editora Nacional publicado na *Folha da Manhã*, 22/10/1933, p. VII, suplemento.

³⁰⁰ Mathias Porto Velho - O mundo dos livros IN: *Folha da Manhã* 1. mar. 1934, p. 5.

³⁰¹ Os autores e títulos referentes às três coleções constam de um catálogo da Companhia Editora Nacional publicado na *Folha da Manhã*, 22/10/1933, suplemento, p. VII. Até 1957, os títulos publicados pela coleções foram: Paratodos (60), Terramarear (82), Biblioteca das Moças (168). Cf. DUTRA, 2008, p. 155

³⁰² A propaganda da Série Negra foi publicada na *Folha da Manhã*, 08/08/1934, p. 11. No mesmo ano, pela Civilização, saiu a coleção SIP, livros de bolso de romances considerados “populares” a baixos preços (2 mil reis). Esta coleção continha títulos estrangeiros e nacionais, desde “O Conde de Monte Cristo” a “Mademoiselle Cinema”, de Costallat, sendo este o único autor brasileiro vivo contemplado, além dos

Outra das maiores editoras do país que se valeu desta ficção com objetivos comerciais foi a Globo, de Porto Alegre, dirigida por Henrique Bertaso e com apoio de Érico Veríssimo: “a maior parte dos primeiros sucessos da Globo originou-se da mania anglo-americana de histórias policiais, que sua 'Coleção Amarela' trouxe, em grande parte, para o Brasil”³⁰³. Carro-chefe da editora na década de 1930, esta coleção publicou, a partir de 1932, 156 títulos de autores como Edgar Wallace, Conan Doyle e Agatha Christie. Outras coleções da editora Globo voltadas aos consumidores dos gêneros acima citados³⁰⁴ foram a Verde (1929, romances sentimentais), Globo (1933, era o equivalente da Paratodos, publicando romances de aventuras, sentimentais e policiais), Universo (1931, viagens e aventuras), parte da famosa Coleção Nobel (1933), e as curtas coleções Clube do Crime e Espionagem (1931-32)³⁰⁵. Tal literatura compunha uma expressiva parte dos títulos lançados pela editora gaúcha:

A produção da seção editora [da Globo]: 1931-1937

Gênero	Frequência	%
Literatura estrangeira	213	25,4
Ciências Humanas, Sociais e Econômicas	146	17,4
Ciências Exatas e Naturais	104	12,4
Dicionários, Gramáticas e Teoria Literária	96	11,5
Literatura Rio-Grandense	78	9,3
Direito e Legislação	35	4,2
Lazer e Esportes	10	1,2
Culinária e Trabalhos Manuais	11	1,3
Literatura Brasileira	8	0,9
Almanques e Memoriais	8	0,9
Outros	43	5,1
Não Registrados	40	4,7
Não Classificados	48	5,7
Total	840	100

Fonte: Livro de registros da Editora Globo In: Toresini, 1999, p. 78³⁰⁶

clássicos José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo (Cf. *Folha da Manhã*, 26/04/1934, p. 13). A Nacional tinha uma coleção análoga de “Romances do Povo”, com títulos variados de Dumas e Ponson du Terrail, entre outros autores estrangeiros, além de Macedo e Alencar. Outras coleções de ficção da Nacional eram a Romances e contos Brasileiros, Regionalismo e Humorismo, Contos e Crônicas da Nossa História. (Cf. *Folha da Manhã*, 22/10/1933, suplemento, p. VII.)

³⁰³ HALLEWELL, 2005, p. 398.

³⁰⁴ “O período de 1930 a 1950, por sua vez, pode ser subdividido, segundo os 'níveis' de literatura editados: nos anos 30, predomina uma literatura mais popular, de consumo imediato, chamada *literatura de entretenimento* por José Paulo Paes, para evitar juízos de valor. Nos anos 40, há uma preocupação visível em se editar uma literatura mais elaborada, embora a 'argamassa popularresca', para usar uma expressão de Érico Veríssimo, continue predominando.” AMORIM, 1999, p. 66.

³⁰⁵ Detalhes sobre as coleções podem ser lidas em AMORIM, 1999, pp. 72-106. As datas mencionadas são relativas ao início das coleções. Algumas duraram pouco tempo enquanto outras perduraram por mais de uma década. Sobre a Coleção Amarela, ver também MEDEIROS E ALBUQUERQUER, 1979, apêndice 4.

³⁰⁶ TORRESINI, 1999.

Sobre os títulos de literatura estrangeira lançados pela Globo, que representavam um quarto da sua produção no período,

pode-se afirmar que cerca de 75% dos títulos de literatura traduzida pertencem à chamada literatura de massa-popular-amena-de entretenimento, contra 25% de literatura mais elaborada. Se radicalizarmos e considerarmos autores como Somerset Maugham, James Hilton e Charles Morgan como produtores de obras não pertencentes à literatura culta-erudita-de proposta, a diferença entre as percentagens se acentua: 85% para 15%. A proporção fica um tanto assustadora: para um título de literatura 'culta' foram editados seis de literatura de massa. Em termos de autores a proporção também assusta: um para cinco³⁰⁷.

As tendências descritas acima podem ser estendidas no tempo, visto que o destaque dado a esse tipo de literatura se manteve nacionalmente além do final da década:

Dentre todos os gêneros editados de 1938 a 1943 a literatura de ficção ocupa o primeiro posto em virtude dos elevados índices de venda que alcançam os chamados 'gêneros menores', isto é, os romances das coleções 'menina-moça', os policiais e os livros de aventuras, aos quais se podem acrescentar as biografias romanceadas, gêneros que detêm a sétima posição no ranking, e mais uma parcela das obras infantis. Quando se considera o conjunto dos gêneros literários (ensaio, crítica, história literária, poesia, teatro etc.), a produção nessa área chega a cobrir 38% dos títulos.

Um terço dos romances - 52 títulos entre 156 publicados em 1942, sendo 62% de traduções e 38% de obras de autores nacionais - foi veiculado pelas diversas coleções endereçadas ao público feminino (Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional; Menina e Moça; da José Olímpio; Biblioteca das Senhorinhas, da Empresa Editora Brasileira; Romance para Moças, da Anchieta)³⁰⁸.

Alguns registros da época chegam ao mesmo diagnóstico ao tratar da difusão desses gêneros na sociedade. Ao criticar a “literatura nociva” (policial) entre adultos e, principalmente jovens estudantes do ensino secundário, um articulista comenta que “nos bondes, trens, ônibus, jardins públicos e, até nas aulas, devoram os meninos tão nocivas páginas”³⁰⁹. A leitura desses gêneros não ocorria só nas ruas, mas nas bibliotecas públicas. Em São Paulo, ao ressaltar na *Folha da Manhã* a importância da coleção Terramarear, Hermes Lima comenta sua frequência às bibliotecas públicas da cidade e, após fazer “uma pequena estatística para esclarecer melhor o assunto, tomando por base a média de leitura de alguns dias”, conclui que os rapazes “procuram de preferência os livros de aventura, os dramas que exaltam a imaginação, as narrativas capazes de lhe encherem a alma com o eco de façanhas e

³⁰⁷ AMORIM, 1999, p. 67-68. A autora toma o cuidado de não tornar absolutos as noções de literatura erudita e de massa, considerando que existem gradações entre os extremos.

³⁰⁸ MICELI, 2001 (1979), p. 154.

³⁰⁹ Literatura Nociva. *Gazeta de Notícias*, Rio, 11/05/1937, p. 3.

lutas”³¹⁰. A mesma tendência é detectada anos depois em relação à Biblioteca Nacional, do Rio. Segundo a *Gazeta de Notícias*, além daqueles que iam passar o tempo e achar amores novos paquerando as funcionárias, havia os que liam:

quase frequentada exclusivamente por intelectuais e estudantes, a Biblioteca da Praça Marechal Floriano mostra um índice relativamente baixo de assuntos consultados. A preferência é pelos livros didáticos, as histórias policiais e os romances populares. Obras verdadeiramente culturais, poucas saem dos armários para consultas. E quando acontece de saírem, via de regra, voltam logo, imediatamente, aos seus lugares, pois saíram, apenas, para uma ligeira consulta. Para desfazer alguma dúvida ou decidir qualquer aposta³¹¹.

A mesma conclusão vinha das opiniões dos comerciantes diretos de tal literatura. Do meio da década de 30 em diante, os rápidos inquéritos de jornal apontavam as preferências dos leitores na opinião dos comerciantes de livros. Num destes, em 1938, um jornalista do *Diário Carioca* percorreu a Rua do Ouvidor, no Rio, para entrevistar os livreiros. No primeiro, indagou sobre as preferências dos leitores, e obteve como resposta: “a grande maioria está com a literatura de emoções e aventuras, gênero Far-West e policial”. Na loja seguinte, uma resposta semelhante: “vende-se muita literatura policial, cujos lucros não satisfazem dado o preço dos exemplares, em geral confeccionados em traduções apressadas”. A mesma resposta foi dada nos vendedores de livros usados, os belquiores (sebos), onde, além dos leitores, outros livreiros compravam livros para revender mais caro. Sobre as preferências do público, saíam principalmente “livros de aventuras e as histórias de Delly e Ardel para moças”, além de “literatura pornográfica, revistas ilustradas e folhetos 'de cordel', conhecidos sempre por dois nomes bombásticos: 'Sete Dias na Groenlândia ou O Esquimó Malvado', 'A Virgem Maldita ou Memórias da filha do carrasco' e outros desta espécie”³¹².

Os editores tinham uma percepção análoga a partir do seu ofício, o que pode ser observado através das respostas dos grandes, médios e pequenos editores do Rio, e alguns de São Paulo³¹³, a um inquérito publicado em 1938 pelo *Anuário Brasileiro de Literatura*, da

³¹⁰ LIMA, Hermes, Terra-mar-e-ar. *Folha da Manhã*, 29/04/1933, p. 6.

³¹¹ Biblioteca “para inglês ver”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 19/06/1941, p. 6.

³¹² Que lê o carioca. *Diário Carioca*, 23/03/1938, p. 3 e 12.

³¹³ De São Paulo, respondeu a Edições Cultura Brasileira SA. A Companhia Editora Nacional foi situada no inquérito como do Rio, apesar da sede principal ser em São Paulo, e como editora diferente da Civilização Brasileira, apesar de possuírem o mesmo dono. Responderam também as casas editoras José Olímpio Editora (Rio), Edições Cultura Brasileira SA (Galeão Coutinho) (SP), Brasília Editora (Rio), Livraria Editora Guanabara (Rio), Francisco Alves (Rio), Casa Editora Vecchi (Rio), Livraria Brigueit – Garnier (Rio), Editora Casa mandarino (Rio), Livraria Editora Minerva (Rio), Athena Editora (Rio), Companhia Brasil Editora (Rio), Schmidt Editor (Rio), Irmãos Pongetti (Rio). Sobre o livro português no Brasil, falou Moura Fontes & Flores, importador. Não responderam ao inquérito Edições Cultura Moderna, Livraria Freitas Bastos, A Noite,

Pongetti. Na pergunta sobre as tendências de leitura do público na década de 1930 destaca-se duas percepções: a variedade e inconstância de gosto e a popularidade dos gêneros veiculados. No primeiro caso, seis editores consideram negativamente uma ausência de padrão de gosto. Como apontam os donos da Athena e da Minerva, a mudança repentina de preferências torna difícil definir as tendências, visto que os leitores leem de tudo e retomam gostos antes desprezados. Esta posição é marcada pela necessidade de constância de investimento exigida pelo negócio editorial, evitando altos riscos, como fica explícito na resposta do responsável pelas Edições Cultura Brasileira, Galeão Coutinho:

podemos verificar as várias tendências do nosso público. Essas tendências são tão caprichosas, que desnorream o editor. Os nossos leitores abandonaram hoje, o que ontem preferiam. (...) A grande dificuldade dos editores é acompanhar essas ondulações, numa época em que o livro envelhece de um dia para o outro, como o jornal³¹⁴.

José Olímpio tem a mesma percepção sobre o assunto:

É verdade que a literatura tem um público especial e numeroso, em vista do que tinha há dez anos antes, o que nos levou a contar com verdadeiros 'records' de livreria. Não há, porém, um público estável, a que se possa confiar o êxito de um livro, por isso que não é raro termos esgotado um livro fraco e retardado a venda de um livro de mérito³¹⁵.

A inconstância a que se referem esses editores dizia respeito a obras consideradas de alto valor intelectual pois, na mesma resposta, deixam transparecer quais eram os livros de vendagem constante, como Galeão Coutinho: “ainda não há no Brasil as várias camadas de leitores com as suas predileções bem marcadas. Há duas camadas: a dos que só leem romances policiais e a dos que leem tudo, inclusive os romances policiais”. José Olímpio vai pelo mesmo caminho: “É lamentável dizermos; porém, o gênero policial é o que tem procura certa. Vamos, pois, seguir a tendência, iniciando a nossa série policial, ainda em princípio de 38.”³¹⁶ O responsável pela Civilização Brasileira vislumbra de maneira mais ampla a segmentação do mercado literário:

Há 'vários' públicos, alguns já existentes no Brasil há muito tempo, outros, que só agora vem se formando. Por exemplo: o público que prefere, nessa mesma ordem decrescente, o romance – o conto – a crônica – a poesia, é antigo em nosso país. Atualmente ele se desenvolve, menos no que diz respeito à poesia, que continua cada vez mais sem leitores. *Este público*

Bedeschi, Norte Editora. Ver “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, pp. 401-8.

³¹⁴ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, pp. 402.

³¹⁵ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, pp. 401.

³¹⁶ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, citações nas p. 402 e 401.

*nada tem a ver com o vasto e numeroso público de leitores de romances policiais e livros de aventuras, gênero que arrasta, talvez a grande maioria dos leitores brasileiros. Há, um outro público, este novo, que só agora aparece e se forma. É o que, nestes dois últimos anos, tem voltado as suas vistas para os chamados 'clássicos'. Antigamente era uma aventura lançar-se um livro de Platão, por exemplo. Hoje, pelo contrário, os clássicos gregos ou os clássicos latinos são procurados por um público de várias idades que não mais despreza Ésquilo nem Sófocles, preferindo, contudo, aquelas obras onde se note um conteúdo político-filosófico, sem esquecer ainda, o público das biografias, um dos mais numerosos*³¹⁷.

Alguns editores chegavam a uma percepção parecida a partir da aceitação ou não de suas próprias coleções. Por exemplo, a Casa Mandarino considerava a literatura feminina o gênero de maior preferência do público tendo em vista que a “tentativa da constituição de uma biblioteca de clássicos, não teve a aceitação que prevíamos, enquanto os romances para moças da nossa 'coleção rosa', veem obtendo uma vendagem admirável.”³¹⁸ O mesmo responde a Companhia Editora Nacional:

O livro de aventuras, a literatura policial, o romance de amor no estilo 'flor de laranjeiras', de Delly, continuam a merecer a preferência da maioria do público brasileiro que tem o hábito da leitura. Certo é, que se nota na elite apreciadora dos trabalhos de cultura e a grande série 'Brasileana' a mais vasta e completa coleção e sistematização, que se tentou até hoje de estudos brasileiros e que vem de ultrapassar o seu centésimo volume publicado, um animador aumento nestes últimos tempos. Mas ainda é uma minoria. O público, a massa, prefere a literatura de ficção, que distrai sem fazer pensar.³¹⁹

Devido a essa expansão e difusão, os editores procuravam coadunar suas necessidades financeiras com as de legitimação intelectual, como aponta Sérgio Miceli:

Vale a pena chamar a atenção para o modelo de legitimidade cultural que norteia o programa de publicações das principais editoras do período em questão. Tendo que satisfazer às demandas objetivas do público da época e, ao mesmo tempo, veicular a produção crescente das novas categorias de produtores - pensadores políticos, sociólogos, antropólogos, historiadores, folcloristas, educadores - que estavam à frente do processo de diferenciação do campo intelectual, as grandes editoras repartem seus lançamentos entre dois tipos de coleção: as coleções destinadas exclusivamente a difundir os diversos gêneros ficcionais, desde as traduções dos clássicos até as obras de literatura policial, e as coleções de estudos brasileiros, sendo que essa repartição dependia da diversificação a que chegavam os investimentos dos editores e, sobretudo, da autoridade intelectual e do poder de consagração de que dispunham. Enquanto a José Olímpio dispõe da coleção Documentos Brasileiros ao lado das coleções Fogos Cruzados, Menina e Moça, O Romance para Você, a Companhia Editora Nacional desenvolve a coleção

³¹⁷ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, p. 403, grifo nosso.

³¹⁸ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, p. 405.

³¹⁹ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, p. 407

Brasiliana junto com as coleções Paratodos, Terramarear, Negra, Biblioteca das Moças, e a Martins, a Biblioteca Histórica Brasileira ao lado da coleção Excelsior³²⁰.

Percebemos que tanto essa divisão de atividade editorial quanto as variadas opiniões dos editores acerca dos gêneros de maior vendagem revelam certa má consciência em relação à galinha dos ovos de ouro dessa indústria editorial. Nesse sentido, a resignação de José Olímpio sobre o romance policial é exemplar, pois ele pretendia seguir uma tendência não em função de suas diretrizes editoriais, mas do gosto do público. Porém, para ele, idealmente, “o povo necessita de um incentivo do governo, que o deveria educar, dirigindo a sua consciência artística. O 'prêmio Humberto de Campos', para contos, que criamos, tem esse objetivo.”³²¹ Considera importante depurar o gosto literário do público numa direção determinada, na qual a editora faz esforços particulares e projeta essa ação a ser encampada, em escala ampla, pelo governo. Três anos depois, em 1941, o representante da Livraria do Globo projeta esse ideal ao ser questionado sobre as tendências e níveis intelectuais do público:

Na sua opinião, o nível intelectual do leitor brasileiro melhora dia a dia. A grande massa está deixando de procurar o romance policial. Vai, aos poucos, trocando-o por leituras mais sérias, mais profundas. Isso não quer dizer que as tiragens da coleção amarela diminuam. Absolutamente. Acontece, isto sim, que o aumento das coleções superiores é numa proporção que nada fica a dever aos romances de aventuras e mistérios.³²²

Essas projeções de desejos de intelectualização do leitor médio brasileiro poderiam vir acompanhadas de visões profundamente negativas sobre o papel desses gêneros na sociedade. Um artigo sobre a literatura infantil e sua relação com educação lamenta que as crianças também eram visadas pelos temas policiais: “o crime, o assalto, o roubo, o assassinio, o 'gangsterismo', a morte, a violência, tudo tem servido de enredo aos exploradores da literatura comercialmente rendosa”. Para o autor Celso Barroso, além da literatura e do cinema hollywoodiano, esses temas começavam a se difundir também no rádio: “até as estações de rádio começam a explorar esse gênero de literatura, abrindo concurso entre a petizada, para que seja previsto o autor ou a autora de um crime de morte ou de um assalto a um estabelecimento bancário”. Como solução, propõe “às autoridades e aos educadores impedi-la como medida de profilaxia intelectual e moral” porque, entre outras coisas, “impulsiona-se,

³²⁰ MICELI, 2001 (1979), p. 265-6, nota 27.

³²¹ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, p. 401

³²² As atividades editoriais de 1941. *Folha da Manhã*, 16/02/1941, p. 2. Provavelmente as coleções a que se refere o editor sejam a Coleção Nobel, de autores contemporâneos, e a Biblioteca dos Séculos, de clássicos da literatura.

com esses romances policiais gangsteristas, a alma da criança na direção do crime, do ódio, da aventura misteriosa, da guerra, da indisciplina e da desordem”³²³. Essa é a visão negativa mais comum contra a literatura policial, que pode ser estendida aos temas de aventura, pois se atribui à sua narrativa um poder de sugestão que levaria o leitor a transpor para a realidade as situações da ficção e causar uma desordem social.

Outra visão negativa tinha menos argumentos de ordem social e mais cultural, reclamando contra tal literatura porque tomava o lugar das obras importantes para a formação dos jovens, como pode ser visto na opinião do editor da Edições Cultura Brasil:

A influencia embrutecedora da novela policial na nossa adolescência, ainda não foi devidamente encarada pelas nossas autoridades e pelos nossos professores. Essa influência não é nefasta, como se assoalha, pelas possíveis perturbações psicológicas, pois acreditamos que a imensa maioria de seus leitores, não se deixa perturbar por esse gênero de leitura. Tão só, uma pequena minoria, de enfermos será perniciosamente sugestionada. Ela é nefasta porque toma o lugar das obras verdadeiramente construtivas, daquelas que realmente concorrem para a formação do espírito. A novela policial atrasa a nossa cultura³²⁴.

Escritores e editores ligados ao ramo tinham posições menos radicais, ainda que olhassem o papel dos gêneros considerados de preferência do público sob as lentes da alta cultura. Nesse caso, é comum que o critério de “profundidade” e “qualidade” fosse utilizado para seleção de obras para as coleções. Uma entrevista de José Olímpio quando ele lançou a coleção “Grandes Romances para a Mulher” vai nesse sentido:

trata-se de uma série de romances escolhidos entre os melhores da literatura estrangeira contemporânea, atendendo às necessidades fundamentais da cultura feminina. São romances a que não faltam o colorido romântico e a nota sentimental, romances de amor, alguns deles, em que as leitoras encontrarão páginas de ternura e felicidade, mas escolhidos sempre sob o mais elevado critério cultural, são obras que traduzem verdadeiras experiências de vida, refletindo os problemas humanos, quer os provenientes de choques de mentalidades diferentes – como os romances psicológicos – quer nos problemas peculiares à vida moderna – quer, principalmente, os embates e dramas da vida da mulher de hoje³²⁵.

José Olímpio julga penetrar em um nicho de mercado novo ao conjugar numa única coleção o sentimentalismo de distração e a formação cultural, esta tendo como referencia as

³²³ BARROSO, Celso. Literatura Infantil, I. *Folha da Manhã*, 16/12/1937, p. 6.

³²⁴ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, pp. 402

³²⁵ QUEIROZ, J. B. Literatura para a mulher. *Folha da Manhã*, 30/6/1940, suplemento, p. II. Os títulos iniciais foram “A Luz que se apaga” de Kipling, traduzido por Azevedo Amaral, e “Deuses de Barro”, de Lloyd Douglas, traduzido por Dinah Silveira de Queiroz. O editor comenta a coincidência de ambos os livros terem sido filmados por Hollywood. Outros títulos, como “Eu soube amar”, de Edith Warthon, traduzido por Rachel de Queiroz, foi editado na coleção após José Olímpio ver o filme.

duas grandes tendências do romance – social e intimista – na década de 1930. A conjugação, para ele, supriria a dupla necessidade da “moderna mulher brasileira”, portadora de uma outra mentalidade porque “a situação econômica permite a grande número de mulheres evitar o trabalho remunerado” e, por isso, “a mulher participa hoje espiritualmente da vida total, sem se limitar estritamente ao campo sentimental”. Logo, “essa biblioteca estava fazendo falta no conjunto da bibliografia nacional, pois no Brasil a mulher lê habitualmente muito mais do que o homem e pede livro que, além de distrair, lhe alimentem o espírito”³²⁶.

Não foi exclusivo da José Olímpio esse movimento de saneamento. Na Folha da Noite, em 1943, o colunista R. Bloem comenta uma decisão da Globo sobre a coleção Amarela: “Ainda agora, a Livraria do Globo, de Porto Alegre, cuja coleção nesse gênero já se compõe de mais de cem volumes, informa que só serão incluídos nessa coleção, a partir do centésimo volume, livros que tenham sido premiados ou escolhidos em uma seleção rigorosa”³²⁷. Uma propaganda de 1935 da nova fase da coleção Paratodos, da Nacional, vai no mesmo sentido: “A mais seleta série de romances, de aventuras, de amor, policiais e históricos, dos mais eminentes autores estrangeiros. Literatura sã”³²⁸.

No caso desses editores, a seleção visava mais estabelecer um padrão de gosto dentro do próprios gêneros que alterar o nível cultural das coleções, porque consideravam que essa literatura tinha funções distintas das obras de referência cultural. Os responsáveis pela Companhia Editora Nacional, valendo-se de uma autoridade crítica, comentam que

é perfeitamente justificável a tendência que a massa quase geral do público sente por este gênero de literatura [policia, aventuras e sentimentais]. Diz um dos nossos mais eminentes críticos, que este interesse vem da 'necessidade de sonho, a premência de distrair a mente na oscilação igual da vida cotidiana, a procura daquilo que eles não vivem, aquilo que está além dos limites das suas existências pacíficas e metodizadas'³²⁹.

A necessidade de sonho ou distração não seria exclusiva da maioria do público. Numa propaganda da Série Negra, os editores usam como estratégia atribuir o gosto pelo gênero policial a um dos ícones intelectuais do país: “Rui Barbosa lia os bons livros policiais e aconselhava aos seus amigos de trabalho intelectual como leitura de descanso cerebral”³³⁰. Nessa linha vai um comentário de Mathias Porto Velho, resenhista de livros das coleções da

³²⁶ QUEIROZ, J. B. Literatura para a mulher. *Folha da Manhã*, 30/6/1940, suplemento, p. II.

³²⁷ BLOEM, R. A Literatura policial. (Coluna à Margem dos Livros). *Folha da Noite*, 10/04/1943, p. 4. O exemplo dado de livros desse gênero é “O caso dos dez negrinhos” de Ágatha Christie.

³²⁸ *Folha da Manhã*, 30 de maio de 1935, p. 11.

³²⁹ “O que se lê no Brasil”. *Anuário Brasileiro de Literatura*, ed. Pongetti, v 2, 1938, p. 407

³³⁰ *Folha da Manhã*, 17 de outubro de 1937, suplemento, p. V.

Companhia Editora Nacional para o jornal *Folha da Manhã* em 1934: “a literatura chamada de imaginação não faz mal a ninguém, ajuda o desenvolvimento da nossa própria imaginação e não é um mau remédio para os homens que trabalham excessivamente com o cérebro”³³¹.

Havia aqueles que defendiam esse tipo de literatura para além da distração, ressaltando também seu papel propedêutico, formativo, mas de maneira distinta da ficção de alta cultura. Mathias Porto Velho discorda dos “escritores patricios, de julgamento precipitado, [que] chegam até a lamentar a vulgarização dessas obras em nossa língua” pois

Ninguém, é claro, se inicia nos segredos da literatura e do gosto artístico, nas obras da grande arte. Uma obra prima de Milton, de Anatole, de Shakespeare, de Goethe é para o principiante tão inacessível como um tratado de Cálculo Integral para uma pessoa que nunca passou das quatro operações da aritmética (...) Aos livros de literatura popular estrangeira, devemos a procura sempre crescente dos livros dos nossos escritores. Esses romances policiais e de aventuras, tão malfadados por alguns, são a sinfonia de abertura para a compreensão de obras mais elevadas³³².

O colunista R. Bloem, da *Folha da Noite*, argumenta no mesmo sentido: “o livro policial, quando bem orientado, pode até mesmo ser útil sob mais de um aspecto. Primeiro, porque cria o hábito de ler, pois um bom livro policial, quando escrito por um Van Dine ou uma Ágatha Christie, inegavelmente prende a atenção.” E acrescenta uma observação sobre o aspecto moral, invertendo a posição que via nessas obras policiais uma incitação à desordem: “depois, porque no fim das contas, um livro desses representa, em geral, a luta do bem contra o mal”³³³. Dessa forma, para esses autores, tais gêneros estariam classificados em graus distintos de contribuição à formação cultural e moral, sendo concebidos como etapas iniciais que o público pouco familiarizado deveria percorrer até chegar às grandes obras do espírito. Além de refrescos para a mente, eram concebidas como cartilhas literárias.

Por vezes, a ênfase do debate recaía não sobre o aspecto “popular” desse tipo de literatura, mas sobre o nacional. A principal alegação dos editores para a tradução maciça de estrangeiros era a ausência do similar brasileiro que fosse de fácil leitura. Enquanto iniciava a edição de suas coleções, em 1931, o dono da Companhia Editora Nacional, Octales Marcondes, comenta ao jornal *Folha da Noite* que o novo interesse é no romance para moças, em substituição ao regionalismo da década anterior, cuja expressão maior continuava sendo Lobato. Indagado sobre os autores nacionais, comenta:

³³¹ Porto Velho, Mathias. No mundo do livro. *Folha da Manhã*, 25/01/1934, 3a seção, p. 1.

³³² Porto Velho, Mathias. No mundo do livro. *Folha da Manhã*, 25/01/1934, 3a seção, p. 1.

³³³ BLOEM, R. A Literatura policial. (Coluna à Margem dos Livros). *Folha da Noite*, 01/04/1943, p. 4.

Os autores nacionais estão em crise. Há muito não aparece um livro nacional que consiga interessar ao público. Eles se queixam sempre do desinteresse com que são recebidos. Mas, srs., se os livros não prestam, como interessar os leitores? Tudo de bom que se edita sai, mais dia menos dia. Daí o interesse que tem despertado as traduções. Agora mesmo temos para lançar no mercado cento e tantas traduções. Neste caso dos autores nacionais, é bom você procurar por umas exceções salvadoras...³³⁴

Monteiro Lobato, tradutor de muitas obras das coleções da Nacional, em comentário sobre a importância da boa tradução, ironiza as pretensões protecionistas dos escritores brasileiros:

(...) vários autores indígenas reclamavam contra o fato de traduzirem-se autores de fora enquanto eles permaneciam inéditos. Realmente era um desaforo. Dar Kipling, Jack London, Dickens, Tolstoi, Tchecov e outros, enquanto poderíamos dar Almeidas, Sousas da Silva, etc. Dar o “Lobo do Mar”, de Jack London em vez da “Mulatinha do Caroço no Pescoço” do senhor Coisada da Silva, que é o grande gênio literário de Pilão Arcado e está pálido como cera e todo caspas de tanto contemplar a vida, era de fato crime. E eles apelaram para o governo. Em Pilão Arcado governo inda é palavra mágica.³³⁵

Uma percepção análoga levava outro tradutor da editora, Agripino Grieco, a decretar a incapacidade nativa para os gêneros folhetinescos, em especial o policial

Há dias um amigo, exibindo-me um livro cheio de maquinações melodramáticas, redigido em nossa língua, declarou-me estar desconfiado de que o trabalho houvesse sido escrito por cidadão aqui da nossa terra, apesar da assinatura estrangeira. Não cheguei a percorrer o volume, mas creio que deve se tratar mesmo de tradução, porque os brasileiros nunca tiveram grande jeito para o trato do romance de aventuras. Como que a ternura da raça, o fácil sentimentalismo que nos compele ao fabrico de tantos poemas lamuriosos, nos afasta das composições borradas de sangue, em que as personagens vão sendo chacinadas folha a folha, de modo a quase não sobrar gente para o epílogo.³³⁶

Para ele, a questão não era que não houvesse no Brasil temas para esse tipo de literatura, como por exemplo os subterrâneos do Morro do Castelo (parecia não conhecer as reportagens de Lima Barreto), o convento do Recife, o caso do capitão Mata Gente, um fazendeiro acusado de matar comerciantes e credores que entravam em suas fazendas, ou do roubo da joalheria Luiz Rezende, na hora em que patrões e empregados dormiam. Para Grieco, os bons literatos como Alencar ou Bernardo de Guimarães faziam com esses casos obras de alta literatura, e os maus estragavam a matéria. Cita como exemplo um escritor

³³⁴ O Rio é o melhor mercado de livros do Brasil. *Folha da Noite*, 9/12/1931, p. 1.

³³⁵ LOBATO, Monteiro. Traduções. *Folha da Manhã*, 3/12/1933, p. 6.

³³⁶ GRIECO, Agripino. Literatura de Sensação. *Folha da Manhã*, 14/10/1934, p. 6.

Gomes que “quis converter a minha pacata Paraíba do Sul em sítio de proezas romanescas, de aventuras noturnas, enchendo essa modesta cidade fluminense de uns tipos façanhudos de que ninguém nunca teve notícia por lá”. Assim, à ausência de vocação para o gêneros de aventuras, restaria aos brasileiros esperarem um escritor estrangeiro disposto a representar o país nos seus livros. E cita o caso de George Simenon, que

ficou de aparecer por aqui, no iate em que corre todos os mares, e, com a sua visita, é provável que tenhamos um bom romance policial localizado no Brasil. Porque é ele dos que aproveitam todos os cenários e figurantes das regiões que vai conhecendo. Reduz tudo a papel impresso e, como seu balcão é dos mais afreguezados, a cédulas do Tesouro³³⁷.

No que toca ao gênero de aventuras, a ideia poderia ser malvista por aqueles preocupados em resguardar alguns aspectos da identidade nacional de um olhar estrangeiro estereotipado. É com tal preocupação que Belmonte defende que o turismo no país seja desviado das regiões interioranas, sobretudo da Amazônia, para o Rio e São Paulo, pois estas cidades não ficariam nada a dever às metrópoles modernas da Europa e Estados Unidos. A medida seria patriótica porque “todos sabemos que a mania do escritor estrangeiro é escrever livros de aventuras”, afinal, “quando se lhes fala em vir ao Brasil, todos eles se apressam, com indisfarçável alvoroço, na expectativa de vários livros, em que contarão, ao mundo pasmo, as suas aventuras entre os índios bravios e feras implacáveis.” Daí que a solução seria fechar “nossas florestas à curiosidade alienígena. Se se tivesse feito isso há mais tempo, muita livraria estaria fechada, mas o Brasil, de muita dor de cabeça se livraria...” porque

o único resultado que nos trazem as excursões estrangeiras às nossas selvas: o Brasil aparecerá sempre, aos olhos do mundo, ao lado da Samoa, da Sibéria, da Líbia, como acontece no catálogo da casa editora alemã, apresentando aos olhos ávidos de milhões de curiosos, uma cabeça de um 'pitecantropos' a ilustrar um livro sobre 'dias e noites brasileiras'³³⁸.

O que Belmont não contava é que os mesmos espaços do país seriam utilizados por autores nacionais para constituir tais filões, versão brasileira. Menotti Del Picchia foi um dos

³³⁷ GRIECO, Agripino. Literatura de Sensação. *Folha da Manhã*, 14/10/1934, p. 6. Na sequência, comenta uma reportagem sobre o modo de vida e trabalho de Simenon, que parece objeto de um romance do gênero: “Segundo nos afirmou o jornalista Charesol, Simenon leva apenas quatro dias para perpetrar um livro e, ainda muito moço, já lançou aproximadamente uns trezentos volumes, sob dezesseis pseudônimos diferentes. Todas as manhãs bebe um litro de vinho e escreve um quarto de romance. Sua embarcação é sua casa e já esteve na Holanda, na Escandinávia, na Alemanha. Não há porto famoso que se esquive à exploração literária desse “profiteur” do Mistério. (...) Gasta uns quinhentos mil francos por ano, e, para fingir de personagem, para saber como fabricar direito seus heróis catastróficos, joga em Monte Carlo, provoca desastres de automóveis e vive aflito por ainda não ter participado de um incêndio ou de um naufrágio sensacional.”

³³⁸ BELMONTE. Turismo. *Folha da Noite*, 20/05/1933, p. 2. A referência da citação é feita ao título de um livro do catálogo de uma editora alemã, cuja capa retratava a cabeça de um ser teratológico entre homem e macaco.

que tentaram: em 1930, com o livro intitulado “República 3000”, posteriormente rebatizado para “A Filha do Inca”, e a segunda em 1936, lançando “Kalum, o mistério do sertão”. Atento ao movimento editorial, Menotti explicita o projeto:

O número de traduções de livros de aventuras destinados ao público brasileiro inunda o mercado. A procura que encontram tais volumes demonstra a preferência dos leitores nacionais pelo gênero. Os escritores nossos, sempre acastelados na sua 'torre de marfim', reclamam contra a invasão mental forasteira, mas, não descem das suas estelares alturas para dar ao leitor indígena o que ele pede. Esse orgulho está errado. Escrever romances populares é prestar ao país um duplo serviço: é nacionalizar sempre mais o livro destinado às massas e abrasileirar nossa literatura, imergindo a narrativa, que distrai e empolga, em ambiente nosso. É essa a melhor forma de se socializar o espírito da nossa gente e nossa paisagem³³⁹.

Menotti del Picchia retoma sob uma chave nacionalista vários dos termos das opiniões correntes nos anos 30 sobre essa literatura. Considera a divisão entre o gosto dos intelectuais e do mercado, com o isolamento dos primeiros, aponta as reclamações contra o livro estrangeiro, mas não se satisfaz com as soluções de repeli-los ou aceitá-los. Proclama uma postura saneadora, não mais do gosto, que aceita como inevitável pelo público, mas do conteúdo exógeno. Para ele, não apenas os leitores sairiam ganhando ao terem à disposição uma empolgante narrativa ambientada no seu próprio país. O escritor, além de prestar um serviço à pátria, teria um mercado aberto com a “nacionalização” dos gêneros mais vendidos. Bastaria apenas descer, de vez em quando, da estelar torre de marfim da alta literatura, que estaria sempre lá para quando quisesse novamente subir.

Alguns resenhistas da época observaram que o chamado de Menotti para se verdeamarelar os gêneros de sensação estrangeiros não foi atendido nem por ele mesmo. Salustiano Silva escreve nas “notas bibliográficas” da Folha da Manhã as contradições entre livro Kalum e seu prefácio: o personagem principal é um “Karl Sopor germaníssimo”, o livro está repleto de nomes estrangeiros como Elinor, Lilith, Fath, Grino, Guloar etc., o “ 'ambiente brasileiro', em que se desenvolve o entrecho, limita-se a descrições rápidas e a que falta a cor local”, sem falar nos “negros selvagens brasileiros”, que Salustiano reprova pela flagrante falsidade. Apesar de considerar a história empolgante e cheia de imaginação, deixa entrever também como o enredo não tem nada de brasileiro, pois conta a história de uma equipe de

³³⁹ PICCHIA, Menotti del. Prefácio a Kalum (1936). In: Obras Completas. v. 4. Rio de Janeiro: A noite, 1946, p. 139. No prefácio do volume, o autor deixa claro os propósitos cívicos, apontando a ameaça dos livros estrangeiros que abarrotavam o mercado: “os moços começam a pensar e a agir sob a influência desnacionalizante de tais narrativas, descaracterizando-se nossos usos pela presença nelas de um sugestivo panorama e de tipos completamente alheios à nossa paisagem geográfica e humana.”

cineastas que desejam filmar os rituais dos selvagens na Amazônia e acabam presos. Na fuga, o chefe da expedição Karl Sopor se perde da comitiva e vai parar no reino de Ellinor, nome da mulher regente de um reino de anões sob uma gruta encravada na cordilheira. Ambos se apaixonam e, após peripécias, conseguem fugir do reino perdido³⁴⁰. Aliás, é semelhante à história de *A Filha do Inca*, com a diferença de que os protagonistas são brasileiros, o capitão Fragoso e seu auxiliar Maneco. Após verem sua comitiva capturada por uma tribo selvagem, vão parar, no meio da selva, num reino de seres tecnologicamente evoluídos – a República 3000 – que descobrem ser descendentes dos antigos cretenses, do qual tentam fugir acompanhados de uma descendente dos incas antigos que, no final, se casa com o coronel Fragoso e constitui uma família feliz. A utilização por Menotti de todos os estereótipos criticados por Belmonte parece revelar a força da difusão desse padrão narrativo de aventuras.

Assim, nos anos 30, frente ao aumento do público leitor e à expansão da indústria editorial brasileira, os livros de aventura, policial e sentimental traduzidos se tornaram um dos sinônimos de “literatura popular” – os termos “literatura de massa” ou “literatura de entretenimento” ainda não circulavam. Tais gêneros foram considerados populares no sentido de serem os mais procurados pelo público (logo lucrativos ao editor), tanto pelos enredos repletos de lances imaginosos capazes de despertar emoções e prender o leitor, como por sua prosa de fácil leitura – ou, numa vaga definição da época, “aquelas obras de ficção que ele [o povo] facilmente lê e compreende sem o auxílio do dicionário”³⁴¹. É nestes sentidos que João de Minas, fazendo coro com alguns articulistas da imprensa, dizia que faltava no Brasil uma literatura “no sentido fácil e popular”.

A maior parte dos comentários dos editores e escritores sobre essa literatura tinha como referência o padrão da alta literatura brasileira ou estrangeira, ou seja, romances com enredos complexos e linguagem elaborada que abordassem embates psicológicos e/ou sociais. Daí que, na tentativa de apreender o fenômeno da expansão desses gêneros de ficção, suas opiniões quase sempre lhes reservava um lugar subalterno no campo geral da literatura. Para aqueles que os consideravam uma ameaça à ordem social ou à difusão daquela alta cultura, seu lugar era a lata do lixo, devendo ser combatidos ou, no mínimo, saneados. Para os olhares mais simpáticos, teriam seu lugar nas estantes, fosse pelo papel de entretenimento, de

³⁴⁰ SILVA, Salustiano. Notas Bibliográficas. *Folha da Manhã*, 14/06/1936, p. 10.

³⁴¹ SIQUEIRA, F. Falta de Público. *Correio Paulistano*, 15/12/1934, p. 5.

formação da leitura em um público ainda não familiarizado com essa prática, ou ainda um vetor de difusão do patriotismo, caso a nacionalização desses gêneros fosse bem sucedida.

Algumas opiniões observavam que se tratava de um modo diferenciado de fruir ficções, com outro padrão de legitimidade. A divisão do mercado editorial é explícita num artigo de Clóvis Ramallete intitulado “os folhetins também tem direito”, no qual reflete sobre o lugar dos dois tipos de ficção. Para ele, a voga do que chama folhetim “não é propriamente uma orientação tomada por nossas letras, não é propriamente um fenômeno literário. É uma resolução de editores, tentados pela voga cinematográfica” que inspira o público:

A cada volume novo, os leitores atiram-se às livrarias e somem-se as edições. Os editores compreendem que está aí o grande negócio. Enchem de cartazes coloridos e vistosos todos os muros e paredes do país. Assinam contrato para novas traduções do gênero, e preparam as máquinas impressoras³⁴².

Mas a voga do romance popular traduzido enseja o “protesto letrado, erudito, com intenções de profilaxia artística”, nos quais o autor se inclui: “nós outros, que estamos de pé, do lado de cá da mesa, com um original de romance proustiano debaixo do braço, julgamos a coisa reles, comercial, e sobretudo perigosa para a formação do bom gosto da massa de leitores”. Aponta que raros foram os momentos na história literária em que as duas formas de produção de narrativas se cruzaram e, por isso, para apaziguar os seus colegas, vaticina:

por todos os motivos, há duas histórias da literatura a se fazer: a do gosto das sociedades das épocas, com o sucesso de livraria consequente, e a outra, a que dá lugar a biografia em tratados colegiais, determinada por uma depuração de gosto, subjugada a oscilações de clima cultural das sociedades, cuja obra atingem, mais ou menos em cheio, um complexo sutil de interesses e qualidades que as imortalizam. - Mas nenhuma delas tem direito de excluir a outra de seu lugar sob o sol³⁴³.

A percepção da necessidade de distinção sem hierarquização entre dois padrões narrativos que remetam a gostos distintos também foi levantada anos antes em um artigo do Correio Paulistano. Aqui, todavia, o foco foi a relação do escritor com a crítica. F. Siqueira responde a um artigo da Folha da Manhã que diagnosticava a necessidade de um crítico para um gosto literário brasileiro saudável, tendo em vista que o principal deles, Tristão de Athaíde, passou a avaliar obras nacionais não pelos seus valores intrínsecos, mas a partir do

³⁴² RAMALHETE, Clovis. Os folhetins também tem direitos. *Anuário Brasileiro de Literatura*. ed. Pongetti, v 5, 1941, p. 141

³⁴³ RAMALHETE, Clovis. Os folhetins também tem direitos. *Anuário Brasileiro de Literatura*. ed. Pongetti, v 5, 1941, p. 141

seu catolicismo³⁴⁴. Para Siqueira, o problema central não era a falta de críticos, mas de “um público para os escritores de renome e que veem as suas obras empoeirar-se nas estantes e nos sebos de todas as casas que comerciam com livros”. Para chegar a essa conclusão, aponta o dado que o público leitor brasileiro estava aumentando mas, por conta da dificuldade financeira, não teria condições de comprar livros a preços altos. Associa valor monetário a valor cultural, apontando que “os autores consagrados pela crítica não podem, a menos que queiram ser taxados de baixistas do próprio valor cultural, vender suas obras por preços ao alcance das bolsas mais modestas”, obras essas caracterizadas por tratar de assuntos áridos, destinadas sobretudo àqueles que têm sólida base de conhecimentos gerais ou para os eruditos. Esta não era a realidade dos autores desconhecidos, considerados medíocres pela crítica, que “lograram descobrir o que desagrada e o que contenta a grande massa dos frequentadores das livrarias e das bibliotecas”. Por isso, a necessidade de distinguir dois tipos de escritores, orientados por “críticas” diferenciadas:

Devemos, pois estabelecer duas classes de escritores: uma, os que escrevem para um pequeno público e ele é todo constituído por espíritos já mais ou menos formados; outra, os que escrevem para o grande público, para o povo, e são por ele compreendidos e disputados são os exemplares de suas obras. A estes escritores basta-lhes o favor do público que os lê. A melhor crítica é a aceitação que os seus livros têm. Não necessitam da crítica pessoal e quase sempre evada do espírito estreito de demolição ou de ocultos interesses³⁴⁵.

Como as outras opiniões, Clóvis Ramallete e F. Siqueira consideram mais importante para a formação do espírito cultivado aquilo que chamam “refinamento” literário. Mas seus curtos artigos não refletem sobre as funções das narrativas de agrado ao grande público para a formação literária, moral ou patriótica do leitor. No lugar, levantam as tensões que trazem para o espaço do alto gosto literário, percebendo que se trata de produção ficcional segundo outros parâmetros que não o da crítica especializada. Logo, um não é degrau para o outro. Daí apontarem a necessidade de diferenciar os dois sistemas de produção e fruição de narrativas veiculadas pelo suporte do livro: um deles efêmero, norteados pelo “sucesso” de livraria e pela aceitação do público anônimo, e outro dirigido ao um restrito público com “espíritos já mais ou menos formados”, aos quais cabe uma crítica personalizada, capaz de imortalizá-los nos manuais colegiais. Tendo como referência a esfera de bens culturais restritos, parecem reconhecer a independência e “o lugar ao sol” de uma literatura popular no Brasil.

³⁴⁴ ANDRADE, Rodrigo M. F. Precisa-se de um crítico. *Folha da Manhã*, 12/12/1934, p. 6

³⁴⁵ SIQUEIRA, F. Falta de Público. *Correio Paulistano*, 15/12/1934, p. 5.

Com seu faro para oportunidades, João de Minas não ficou alheio ao movimento. Mas, se retomarmos o trecho inicial desse item, confrontando-o com o quadro delineado acima, percebemos que a posição do escritor mineiro inverte o sinal dos termos debatidos. Para ele o problema não era relegar ou aceitar o papel cultural secundário ou paralelo da literatura de aventuras, policial ou sentimental. Em função da mudança social que julgava se operar, com a emergência de uma nova camada de leitores, o processo de estabelecimento dos gêneros populares teria estatuto de fato. Por isso, a “alfabetização das massas” implicaria a subordinação do escritor ao gosto do grande público, e não o contrário. O escritor mineiro ataca a crítica pautada numa tradição literária que canoniza romances profundos porque acha que o sistema de alta cultura definharia por ausência de público, sendo substituído por um padrão de julgamento das obras coletivo e anônimo, a aceitação medida pelo índice de vendas. Pareciam distantes os anos em que defendeu o papel central da Academia na literatura brasileira: a descrença em qualquer perenização cultural e a perspectiva de lucros econômicos ou simbólicos leva-lhe a questionar profunda e desaforadamente o papel, nos novos tempos, da forma de leitura e produção de narrativas mediada pela crítica pessoalizada. Valendo-se de um populismo literário vergado de anti-intelectualismo, ensejou a ambição de “fundar o romance popular no Brasil”. Mas sua posição radical surgiu no final de um sinuoso percurso.

Da política ao público

A última colaboração de João de Minas no *O Paiz* data de 18 de junho de 1930. O motivo provável é sua contratação pelo governo para realizar, entre julho e agosto de 1930, serviços extraordinários, registrados como “coleta, embalagem e classificação de fibras brasileiras” para a representação nacional que participou da Exposição internacional Colonial, Marítima e de Arte Flamenga, na Antuérpia (Bélgica)³⁴⁶. Mas afastar-se do jornal não significou deixar de atuar pelo governo perrequista. Além das oito colaborações esporádicas para o *Correio Paulistano* entre junho e setembro, teve como órgão difusor o periódico A.B.C., onde publicou 1 artigo em maio, 2 em junho e, após o serviço para a Exposição, regularmente entre 30 de agosto e 11 de outubro (6 artigos). O A.B.C, publicado aos sábados, estava em seu décimo sexto (e último) ano, seguindo a linha dos outros órgãos: combate a

³⁴⁶ Diário Oficial da União (daqui por diante DOU), 4/1/1931, seção 1, p. 32. “os serviços extraordinários prestados pelo Sr. João de Minas - Ariosto Palombo, foram executados nos meses de julho e agosto de 1930, em proveito da aludida exposição de Antuérpia, na coleta, classificação e embalagem de fibras brasileiras que figuraram naquele certame, como se vê da informação prestada pelo ex-secretário do então ministro. Dr. Geminiano de Lira Castro, junto ao processo.”

qualquer tipo de revolução, apoio extremado a Washington Luís, Júlio Prestes e à Concentração Conservadora, fotos e mais fotos dos estadistas e homens públicos nas capas ou no miolo. A sequência era quebrada por alguns poemas e crônicas.

Afastando-se das narrativas sertanistas do início de sua carreira, tais artigos seriam a base para livros políticos extremamente contundentes, aprofundando sua posição governista. O primeiro foi *Sangue de Ilusões* que, ao contrário dos anteriores, foi editado pela Casa Leuzinger às expensas do autor. Vinha sendo anunciado desde março nos órgãos perrepistas mas, apesar de o prefácio datar de 21 de maio, saiu no final de setembro ou início de outubro.

Capa do livro “Sangue de Ilusões”, 1930 10.

Propaganda de *Sangue de Ilusões*, A.B.C, Rio, 27/09/1930, p.

O prefácio do autor dá uma ideia do teor do livro:

“Vida de Arranha-céu” saiu n’“O Paiz”, em grifo, de janeiro deste ano até maio. O leitor verá, pelo assunto, a marcha dos dias, que eram de rude combate em torno à sucessão presidencial da República e à sucessão presidencial do sr. Antonio Carlos, em Minas.

O motivo da sua reunião em livro é que a linguagem pareceu ofensiva mesmo para ser divulgada na desbocada imprensa governista: “É que n’O Paiz (...) eu nem sempre podia a meu gosto sapear o pau no lombo dos meus adversários políticos... Daí as modificações ferozes, aqui na largueza braba do livro”³⁴⁷. Diferentemente dos livros anteriores, o aspecto narrativo dá lugar a crônicas e artigos políticos (70%), dos quais a metade é sobre política mineira, atacando Antonio Carlos. Há também crônicas sociais, literárias e resenhas, que compõem 30% do livro.

Mal lançou este livro, João de Minas anunciou o próximo: “No máximo até o dia 25 deste [outubro], sai o quarto livro meu, que é 'Nação Fulgurante', criteriosamente anunciado como livro da campanha presidencial última”³⁴⁸. Foi pela primeira vez anunciado em uma

³⁴⁷ MINAS, João. *Sangue de Ilusões*. In: *Sangue de Ilusões*, p. 6. A mudança do título ocorreu em função do livro de Benjamin Costallat, “Arranha-Céu”. Cf. ABC, 11/10/1930, p. 11.

³⁴⁸ MINAS, João. O que me disseram os Srs. Afonso Camargo, Estácio Coimbra, Álvaro Paes, Eurico Valle – Um depoimento sensacional de Melo Viana, que é o próprio coração de Minas da honra, do dever, da Justiça e do direito – Esperemos pelos Srs. Mattos Peixoto, Manuel Duarte, enfim todos os chefes de estado. In: ABC, 11/10/1930, p. 11.

notícia de sete parágrafos, veiculada pela redação do *O Paiz* no início de maio de 1930: “A obra, porém, a que João de Minas no momento dedica o seu maior esforço – e é notável a sua capacidade de trabalho – é 'Nação Fulgurante', um belo e rico volume, precioso por muitos títulos.”³⁴⁹ De 14 de julho a 14 de outubro, às vésperas do empastelamento do jornal, uma propaganda quase diária foi estampada nas páginas internas:

Propaganda dos livros de João de Minas, *O Paiz*, 14/10/1930, p. 7

O livro teria algumas crônicas literárias publicadas na imprensa: “São umas cartas a Veiga Miranda, Menotti Del Picchia, João Ayres de Camargo, Gelmiro Reis, Ramiro Berbet etc.”³⁵⁰. Porém, o texto central tratava da campanha vitoriosa de Júlio Prestes e Vidal Soares, valendo-se de documentação como os telegramas de apoio a Washington Luís recebidos de diversos governadores, alguns publicados no A.B.C. como amostra. À medida que as tensões se acirravam em torno do movimento armado de outubro, o objetivo deixa de ser contar “a história, para hoje e para sempre, serena, alta, documentada, em linguagem nobre e incisiva, da campanha presidencial”³⁵¹, para denunciar, em um povo desmemoriado e numa imprensa dispersiva, as mutações políticas dos vultos do momento. Por exemplo, “não vemos o sr. Arthur Bernardes, assassino de mais de mil presos políticos, o deboche, a orgia autocrática personificada, não vemos esse soturno Cromwell de fancaria revolucionando Minas, fantasiado de liberal?”³⁵²

³⁴⁹ “Nação Fulgurante” *O Paiz*, 4/5/1930, p. 9.

³⁵⁰ MINAS, João. O que me disseram os Srs. Afonso Camargo, Estácio Coimbra, Álvaro Paes, Eurico Valle – Um depoimento sensacional de Melo Viana, que é o próprio coração de Minas da honra, do dever, da Justiça e do direito – Esperemos pelos Srs. Mattos Peixoto, Manuel Duarte, enfim todos os chefes de estado. In: *ABC*, 11/10/1930, p. 11. Os artigos literários saíram também no *Correio Paulistano* e *A Gazeta* (SP).

³⁵¹ “Nação Fulgurante” *O Paiz*, 4/5/1930, p. 9.

³⁵² MINAS, João. O que me disseram os Srs. Afonso Camargo, Estácio Coimbra, Álvaro Paes, Eurico Valle – Um depoimento sensacional de Melo Viana, que é o próprio coração de Minas da honra, do dever, da Justiça e do direito – Esperemos pelos Srs. Mattos Peixoto, Manuel Duarte, enfim todos os chefes de estado. In: *ABC*, 11/10/1930, p. 11.

Nesse clima um quinto livro, *Memorial dos Sonhos*, foi anunciado ainda nas páginas de A.B.C.. Seguindo a linha política dos anteriores, o escritor recuperaria textos que começou a escrever doze anos antes sobre o governo de Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes:

de 1918 a 1924, volta e meia eu escrevia alguma coisa, não para publicar, mas para matar o tempo. Essa literatura, registrando fatos, coisas e homens de saliência, eu a tenho guardada. São documentos, na sua maioria amarelos e velhos. É um memorial dos sonhos... Cada dia em que eu escrevia, eu o marcava. Punha-lhe a data, com a vaga pretensão de amarrar na História, de Minas ou do país, um rabo de papel...³⁵³

É provável que *Nação Fulgurante* e *Memorial dos Sonhos* nunca tenham saído do papel ou do prelo, ao contrário de *Sangue de Ilusões*, adquirido por Plínio Doyle³⁵⁴ antes de ser relegado ao esquecimento. Contribuiu para tornar esse exemplar um tesouro para bibliófilos o fato de João de Minas nunca mais tê-lo mencionado publicamente³⁵⁵, em função da situação política dos anos seguintes. Por conta da Revolução de 30, não houve tempo para João de Minas, através da colaboração na imprensa perrepista, veicular seus três livros de crônicas políticas e concretizar suas aspirações eleitorais, que foram por água abaixo com o empastelamento dos jornais e fechamento dos partidos governistas.

Informações sobre o que aconteceu com João de Minas quando as tropas revolucionárias chegaram ao Rio, até o momento, provém do escritor, do que foi dito a seu filho, ou são indiretas³⁵⁶. Elas apontam que, visado pelo novo regime por conta de publicações e atuações legalistas, recebeu voz de prisão na Cinelândia, junto com Sertório de Castro, mas aproveitou a confusão e escapou, sendo preso apenas seu acompanhante³⁵⁷. Procurado pela polícia, foi liberado de uma primeira abordagem, a qual aproveitou para fugir do Rio com sua mulher grávida, quando soube que a polícia estava novamente à sua procura, desta vez para não o deixar vivo. O destino do casal foi a residência do pai de Adélia na conhecida Uberaba, cidade onde nasceu o (único) filho Regis Palombo³⁵⁸. O escritor registrou também ter dado um

³⁵³ ABC, ano XVI, n. 812, Rio, 27/09/1930, p. 9-10. Algumas textos desse teor foram publicados na Revista Hoje, Rio, entre 1921 e 1923. A revista era dirigida, entre outros, por Agripino Grieco.

³⁵⁴ O único exemplar que conhecemos faz parte da Coleção Plínio Doyle, na Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

³⁵⁵ Em 1959, ao vender os direitos autorais das suas obras a Narcisa Bonano, o livro é mencionado junto a seus livros de narrativas e os espiritualistas.

³⁵⁶ Sabemos da existência de um prontuário do DEOPS no Arquivo Estadual do Rio de Janeiro, mas não tivemos acesso ao mesmo por não possuímos autorização de familiares...

³⁵⁷ FREIRE FILHO, 1999, p. 251-252.

³⁵⁸ Informação pessoal obtida em conversa com Regis Palombo.

“passeio” na Argentina ao deixar o Rio em 1930³⁵⁹, e ter feito uma “viagem” logo após março de 1931, que provavelmente são a mesma³⁶⁰.

Um indício de que a pecha de panfletário legalista reverteu-se contra o escritor após o golpe aparece na apresentação da re-publicação, em 1931, do artigo de Plínio Barreto sobre *Jantando um Defunto*. O nome de Plínio foi levantado como possível interventor após a renúncia de João Alberto, mas encontrava resistências. Um dos pontos usados contra ele foi um artigo que escreveu em 1922 a respeito do movimento dos 18 do forte de Copacabana, no qual a oposição apontava seu reconhecimento da bravura dos soldados, mas a negação do seu heroísmo. Para afugentar a pecha de anti-revolucionário a Barreto, os editores da *Folha da Manhã* estamparam o artigo antes publicado no *Estado*, considerando-o “uma defesa dos revolucionários, que um panfletário [João de Minas] acusara da prática de terríveis atrocidades no decorrer da marcha da coluna Prestes através do Brasil”³⁶¹.

Todavia, ainda no fim de 30, o clima instável não impediu o escritor de vislumbrar oportunidades editoriais com a instauração de um regime “revolucionário”. Junto com um sócio, o empresário Alberto Carvalho, já no mês seguinte ao golpe retoma um antigo projeto gestado no *Lavoura e Comércio*³⁶² e firma um contrato para uma empresa, o “Álbum do Progresso Brasileiro”, visando publicidade³⁶³. Seu primeiro produto seria a veiculação de um “Álbum do Progresso do Rio de Janeiro (O Álbum da Revolução)”, contendo fotografias e artigos, divulgado pelo jornal a ele ligado, “Segunda República”, no qual João de Minas seria responsável pela crítica literária³⁶⁴. Provavelmente sua saída do Rio inviabilizou o empreendimento, apesar de o registro sair seis meses depois³⁶⁵. Em abril de 1932, o jornal *A*

³⁵⁹ Um escritor Consagrado [entrevista com João de Minas], *Jornal do Estado (Diário Oficial do Estado de São Paulo)*, 22/06/1933, p. 2.

³⁶⁰ MINAS, João de. Prefácio, *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 9

³⁶¹ *Folha da Manhã*, 17/07/1931, p. 16.

³⁶² “Já nos primeiros anos do *Lavoura & Comércio*, com as reportagens que envia das suas viagens pretendia editar um *Álbum Brasileiro*, ‘publicação filiada à publicidade moderna’, e cujo primeiro volume seria o *Álbum de Goiás*”. FREIRE-FILHO, 1999, p. 249.

³⁶³ DOU, sábado, 6 de dezembro de 1930, seção 1, p. 19 (21911). Sessão referente a 1o de dezembro de 1930. Sobre o contrato. “De Álbum do Progresso Brasileiro, Limitada, firma composta dos sócios solidários, Ariosto Palombo e Alberto Carvalho, para o comercio de publicidade em geral etc., à rua Primeiro de Março n. 85, 4o andar, com capital de 50:000\$, prazo indeterminado.”

³⁶⁴ “Segunda República”, que precede e explica o Álbum da Revolução – uma Folha de Grande Alcance Patriótico. *A Noite*, Rio, 13/02/1931, p. 6.

³⁶⁵ DOU, quinta, 20 de novembro de 1930, p. 21 (21032). Requerimento de 18 de novembro de 1930. O teor é o seguinte: “Descrição da marca para que pediram registro Ariosto Palombo e Alberto Carvalho, destinada a artigos da classe 50-j (deposito n. 18.649, de 18 de novembro de 1930). Consiste na denominação ‘Álbum do progresso do Rio de Janeiro (o Álbum da revolução)’ encerrada em um retângulo. Esta marca, que pode variar em cores e dimensões, serve para distinguir um álbum de fotografias e trabalhos tipográficos (incluído na classe 50, letra j do comercio dos depositantes.”. Provavelmente foi Alberto de Carvalho quem registrou o

Batalha (Rio) noticiou outro projeto na mesma linha laudatória ao novo regime, as biografias romanceadas do finado João Pessoa, do ex-presidente Arthur Bernardes e de Getúlio Vargas³⁶⁶.

Esses projetos devem ter sido abortados com a irrupção do conflito entre os paulistas e o governo federal em julho de 32, quando o escritor mineiro atuava como rábula pelo norte do Estado de São Paulo. No primeiro semestre deixou rastros em Franca, onde encontrou o escritor Veiga Miranda³⁶⁷; em julho estava em São José do Rio Pardo, onde teria sido preso pelo seu partidarismo constitucionalista³⁶⁸; e, em novembro, pousou³⁶⁹ em Araraquara. Nesta cidade iniciou outra tentativa empresarial. Ao perceber um aumento dos livros sobre “a biblioteca das glórias paulistas”³⁷⁰ através de uma nota de uma agência de publicidade, a qual “ensinava que São Paulo está florescendo em livros abundantes. Essa literatura, porém, tem um rumo quase exclusivamente bandeirante”³⁷¹, decidiu entrar no ramo. Através da série “Sugestões Bandeirantes de Araraquara”, retomou seu articulismo político com dezessete colaborações para a primeira página do jornal local *O Imparcial*, entre 15 de novembro e 15 de dezembro de 1932, já planejando enfeixá-los em livro. No mesmo tom laudatório antes utilizado no Rio, os artigos defendiam a causa paulista, o que significava louvar os sucessos e grandezas de Araraquara, seus políticos, empresários e combatentes, com moderadas contestações aos governo federal, expresso nas figuras de Vargas e Oswaldo Aranha. Talvez para desviar atenção sobre sua identidade, assinou esses artigos com seu nome, Ariosto Palombo, o que não fazia há dez anos.

produto. Na mesma página do Diário Oficial, imediatamente antes do registro do Álbum, Alberto de Carvalho registrou a marca Pirâmide, “destinada a distinguir artefatos de concreto armado (incluídos na classe 16) da fabricação e comércio do depositante.” O requerimento do Álbum foi registrado em 6 de julho de 1931. Cf. DOU, 8/7/1931, seção 1, p. 20.

³⁶⁶ Três novos livros do autor de “Jantando um Defunto”, *A Batalha*, Rio, 22/04/1932, p. 3, seção Livros Novos.

³⁶⁷ Ariosto Palombo é citado em: Diário Oficial do Estado de São Paulo, Tribunal de Justiça, 25/05/1932, p. 1; 7/06/1932, p. 14; 8/6/1932, p. 10; *Folha da Manhã*, 23/02/1932, p. 10, Justiça, despachos (aqui aparece requerendo despacho em Patrocínio do Sapucaí, atual Patrocínio Paulista, cidade próxima a Franca).

³⁶⁸ FREIRE FILHO, 1999, p. 252.

³⁶⁹ Uma nota social informa a chegada de Ariosto, que advogava pelo interior de São Paulo, a Araraquara, e sua visita à redação do jornal *Imparcial*. Cf. *Imparcial*, Araraquara, 15/11/1932, p. 1.

³⁷⁰ Um exemplo da difusão desse tipo de literatura pela cidade pode ser visto num anúncio no próprio jornal, em 10/12/1932, à venda pela Agência S. Bento, que também entregava a domicílio. A chamada continha “Livros da Revolução” e, entre os títulos, estavam “Tudo pelo Brasil” (Armando Brussolo), “A noiva do revoltoso” (G. Zaidan), “A revolução paulista” (Menotti del Picchia), “A Guerra de S. Paulo” (Manoel Osorio), “Por São Paulo e pelo Brasil” (João Neves) e “A invasão de S. Paulo” (Renato Jardim).

³⁷¹ Palombo, Ariosto. Sugestões Bandeirantes de Araraquara, I, *Imparcial*, Araraquara, 22/11/1932, p. 1. O propósito geral do artigo é uma lei de imprensa expedida pelo governo federal, a qual, segundo o articulista, visava o progresso paulista.

Mal terminou a publicação dos artigos da série, João de Minas organizou com Antonio Silva, também jornalista e diretor-fundador do *Imparcial*³⁷², a Empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista, que funcionava no endereço onde ficava a redação e as oficinas do jornal. Entre os serviços prestados, “aceitam-se anúncios, de cunho artístico e empolgante, por preços módicos. Grande número de clichés, gravuras, páginas a cores.” Mas o principal objetivo da constituição da empresa foi a edição do livro *Araraquara*:

trata-se de um volume moderno, com capa à cores, orçando por 300 páginas. Homens, ideias e cousas nossas, no presente e nas suas origens, sob o fino e leve lavor literário – eis o conteúdo dessa obra original, como nunca se fez entre nós, e talvez mesmo no Estado. Assim, tudo que é representativo da nossa grandeza deve figurar nesse livro. O que for ruim, fica de fora...³⁷³

Além disso, anunciou outro livro em preparo, sobre o mesmo assunto e na mesma perspectiva: “a Empresa lançará em seguida, no mesmo gênero, uma coleção de esplêndidas reportagens sobre essa zona. Nesse sentido, e já reunindo a matéria do volume, vamos começar a publicar uma série de artigos”³⁷⁴.

Não há notícia sobre a publicação da última série de artigos nem dos dois volumes, mas a empresa permaneceu quando João de Minas se mudou para a capital paulista em 1933, desta vez para trabalhar a serviço do interventor nomeado por Vargas. O general Waldomiro Lima, tio materno da mulher do presidente e chefe das tropas federais no conflito em julho de 1932, foi nomeado para o governo do Estado em outubro de 1932.

Na sua gestão, em curto período entre dezembro de 1932 e setembro de 1933, o Diário Oficial se tornou também noticioso, “com matérias jornalísticas, artigos sobre vários assuntos, fotografias e anúncios publicitários”³⁷⁵, no qual também dava um painel político da época a partir da perspectiva do governo:

o jornal dá grande destaque à figura do interventor federal Waldomiro de Lima e às frequentes homenagens que ele recebe 'de todas as classes sociais'. E noticia diariamente 'colossais' obras públicas como a retificação do rio

³⁷² O jornal foi fundado em 25 de janeiro de 1931. Antonio (Correia) Silva nasceu em 1./12/1888 em família pobre. Órfão de pai e mãe, foi criado pelas irmãs mais velhas e ainda criança trabalhou com entrega de jornais e, a partir dos dez anos, nas oficinas. Trabalhou vários anos na imprensa e, a partir de 1914, foi empregado no jornal *O Popular*, de Araraquara, chegando a dirigí-lo na ausência do dono João Silveira. Este periódico foi empastelado após a revolução de 1930, após o que Antonio Silva decidiu fundar o próprio jornal, que dirigiu até a morte, em 16/08/1956. Cf. Diário Oficial de São Paulo (daqui por diante DOSP), n. 157, 22/08/1956, p. 43.

³⁷³ Anuncio publicado em *Imparcial*, Araraquara, 06/12/1932, p. 1

³⁷⁴ Anuncio publicado em *Imparcial*, Araraquara, 06/12/1932, p. 1.

³⁷⁵ MARANHÃO, 1994, p. 94. A reforma feita pelo diretor Sud Menucci.

Tietê na capital, e a construção do ramal Mairinque-Santos, da Sorocabana, 'uma das maiores realizações ferroviárias da América do Sul'³⁷⁶.

Nesse movimento de mudanças de cargos, Dilermando de Assis, então chefe da Diretoria de Estradas de Rodagem, tornou-se responsável pela Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, sendo empossado em 31 de maio de 1933. O novo secretário, amigo de João de Minas, transformou-o logo em funcionário do seu gabinete e numa espécie de repórter oficial da pasta, escrevendo artigos para o *Jornal do Estado* entre junho e julho de 1933. Sua colaboração regular³⁷⁷ dava conta de uma das obras colossais do governo, a proposta de expansão rodoviária no estado – o plano quinquenal, coberta pelo autor na série de artigos de títulos berrantes.

Novamente apostando no gênero, João de Minas vislumbrou outro nicho, no qual mergulhou pelos dois meses seguintes: “se se tem escrito uma torre ebúrnea de livros sobre a guerra paulista – por amor a S. Paulo, – porque ainda não se escreveu um livro sequer sobre... a paz paulista, por amor ao Brasil?”³⁷⁸. Apesar de se valer da retórica do bandeirismo, agora escreve sob a perspectiva do governo federal, o que mostra uma clara mudança em relação a seus artigos do ano anterior. A intenção é enfeixar a série em volume, que se intitularia “O Estado de S. Paulo em 1933”. A partir do final do mês de junho, o anúncio do livro já aparece sob o “copyright” da Empresa de Publicidade e Propaganda Grandeza Paulista, a qual João de Minas aparentemente dirige sozinho. Numa entrevista ao próprio jornal em que colabora, apresenta a obra em tons sensacionalistas:

(...) estou escrevendo um livro sobre a paz paulista, estando o glorioso Jornal do Estado publicando alguns capítulos, fracos, mas sinceros... Esse livro espero lançá-lo já ao público, como primeiro volume da “Biblioteca da História Moderna de São Paulo”, que fundei, como um ramo da “Empresa de Publicidade e Propaganda Grandeza Paulista”, que visa fazer uma publicidade como ainda não há em São Paulo, a publicidade que precede a História, que organiza o material e os arquivos da História, que cuida do não esquecimento das figuras cívicas e políticas, dos homens do governo, dos fatos sociológicos, enfim das fases progressistas dos povos. É uma publicidade com o caráter de serviço público, ou pelo bem do público³⁷⁹.

É nessa perspectiva que o livro é divulgado em propaganda no Diário Oficial:

³⁷⁶ MARANHÃO, 1994, p. 94.

³⁷⁷ Um artigo sobre a candidatura de Sud Menucci à constituinte foi publicado em 30 de abril. Cf. MINAS, João de. “Um brado de alerta, de legítima defesa, por todos os intelectuais, por todas as inteligências paulistas”. *Jornal do Estado*, 30/04/1933, p. 10.

³⁷⁸ MINAS, João de. “Não é possível lambuzar de piche o sol tropical da grandeza paulista”. *Jornal do Estado*, 10/06/1933, p. 3.

³⁷⁹ UM ESCRITOR consagrado. *Jornal do Estado*, São Paulo, 22/06/1933 p. 2.

“O ESTADO DE S. PAULO EM 1933”

ESTE LIVRO, LANÇADO AO PÚBLICO O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL, CONTE'M REVELAÇÕES SENSACIONAIS... MAS É UM LIVRO PACÍFICO, É MESMO O PRIMEIRO LIVRO QUE SE ESCRIVE SOBRE A PAZ PAULISTA. É O PRIMEIRO VOLUME DA “BIBLIOTECA DA HISTÓRIA MODERNA DE S. PAULO”, RAMO DA “EMPRESA DE PUBLICIDADE E CULTURA GRANDEZA PAULISTA”, E DIRIGIDA PELO ESCRITOR JOÃO DE MINAS. DEPOIS DOS HEROISMOS DA GUERRA PAULISTA, OS HEROISMOS DA PAZ PAULISTA! — EIS O PONTO DE VISTA DO ESTUPENDO LIVRO “O ESTADO DE S. PAULO EM 1933”.

Propaganda no Jornal do Estado, São Paulo, 24/6/1933, p. 2

O primeiro artigo do escritor mineiro no *Jornal do Estado* de 8 de junho de 1933, “Uma noite de civismo rodoviário ali no esplendor do parque da Água Branca”, já permite entrever os temas arrolados e o estilo monumentalizante. Principia pelo entorno da palestra do secretário sobre o plano rodoviário: a noite fria, “um frio ágio, cheio de cócegas desagradáveis”; os monstruários iluminados do interior do pavilhão Behring; o rarear dos bondes “quando naturalmente São Paulo boceja”; a música deslumbrante; as personalidades políticas presentes na conferência, como os “inúmeros prefeitos com a sua compostura patriarca, gente calma que fabrica a prosperidade administrativa do nosso interior.” Em seguida, detém-se no conferencista, banhado de elogios, comparado com as mais altas personalidades políticas e literárias, digno de uma biografia de Maurois. A descrição é eivada daquela linguagem sacralizante já emprestada a Washington Luís: “deu ao auditório sensibíllissimo uma impressão de energia serena, de capacidade ondeante, em aura magnética”. Waldomiro Lima não fica atrás:

no projeto rodoviário do atual Interventor em São Paulo há uma finalidade social tão ampla, tão definida, tão entrançada em brasilidade – e portanto pacificadora – que só por esse plano se pode afirmar que a revolução deu no General Waldomiro de Lima um de seus legítimos estadistas³⁸⁰.

³⁸⁰ MINAS, João de. “Uma noite de civismo rodoviário ali no esplendor do parque da Água Branca”. *Jornal do Estado* (DOSP), 8/6/1933, p. 4.

E ambos são sacralizados, dando alcance espiritual às obras da nacionalidade

Dá-se então a transfusão nacional não só das coisas paulistas, como também da alma paulista. São Paulo não só exportará produtos como também alma, espírito. E da mesma forma receberá brasilidade em geral, cargas, vagões, toneladas de brasilidade. / A meu ver esse aspecto do projeto do Sr. Interventor é o que se poderia chamar o divino coquetel político, o aperitivo para o banquete da fraternidade da raça³⁸¹.

O artigo segue o estilo laudatório que João de Minas, com todas as fórmulas e clichês, mudando-se apenas os nomes. Também o integram as metáforas inusitadas, os desvios repentinos, a descrição de tipos (urbanos) característicos e ironia bem-humorada em relação a aspectos da cidade, como o relato da tentativa de pegar um bonde no centro da cidade, frustrada porque o motoneiro recolhia o carro. A novidade está no tratamento dado à revolução, que seguiu a perspectiva política dos novos donos do poder: deixou de ser execrada para ser enaltecida. Assim, o governo de Waldomiro seria de “realizações revolucionárias práticas, de ação revolucionária palpável” capaz de desmentir a frase de Oswaldo Aranha “a Revolução se revelou um deserto de homens e de ideias”.

João de Minas se tornou um dos principais colaboradores do *Jornal do Estado*, que publicou seus textos quase diariamente: foram 26 textos de pelo menos meia página publicados entre 8 de junho e 27 de julho, geralmente entre as páginas 2 e 4. O jornal divulgou seus livros, inclusive os literários que pretendia lançar, como também promoveu a figura do colaborador, através de uma entrevista e de divulgação de cartas de leitores, todos introduzidos através de rápidos e elogiosos perfis: “artista por excelência, profundo e encantador João de Minas é ao mesmo tempo um jornalista dos mais agudos na sua maneira de dar os fatos uma realidade incisiva, ressumante de verdade, de ironia, de pontos de vista intensamente atuais e humanos”³⁸².

Mas sua colaboração não durou muito. Com a nomeação interina de Daltro Filho no final de julho de 1933, Waldomiro Lima deixou a interventoria, sendo acompanhado por Dilermando de Assis, que declinou o convite de permanecer na Secretaria de Viação e Obras Públicas. Além disso, com a posse de Armando Sales em agosto, o Diário Oficial foi afetado pela reforma de todo o aparelho administrativo, feita segundo preceitos tayloristas que

³⁸¹ MINAS, João de. “Uma noitada de civismo rodoviário ali no esplendor do parque da Água Branca”. *Jornal do Estado* (DOSP), 8/6/1933, p. 4.

³⁸² “Uma carta de Monteiro Lobato, em torno à personalidade fulgurante do nosso colaborador João de Minas”. *Jornal do Estado* (DOSP), 22/6/1933, p. 4. Outras cartas para o escritor saíram no mesmo periódico em: CARTA da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Rio Preto. 20/07/1933, p. 2; “O prefeito de Jardinópolis é um entusiasta do plano rodoviário quinquenal – uma carta expressiva”. 4/7/1933, p. 4.

norteavam o Idort (Instituto de Organização Racional do Trabalho), do qual Salles foi um dos fundadores em 1931. Com isso, a seção noticiosa foi abolida e o jornal passou a dar apenas o expediente do governo³⁸³. Dessa forma, antes de lançar o seu livro sobre o plano quinquenal, o escritor mineiro não só perdeu o cargo como o espaço que tinha para divulgar seus textos.

Se considerarmos os três anos que vão do final da colaboração de João de Minas no *O Paiz* à sua saída do Jornal do Estado, percebemos que seus projetos de livros nascem comprometidos. Ardorosamente defendida, a perspectiva de cada conjunto de textos se inviabiliza, seja porque se torna datada com o desenrolar dos acontecimentos num período de instabilidade das instituições políticas, ou porque a posição contrária parecia lhe oferecer melhores oportunidades, as quais não hesitou em aproveitar, às vezes para recair no mesmo movimento. Assim, *Nação Fulgurante*, *Memorial dos Sonhos*, *Araraquara*, *O Estado de São Paulo em 1933* (e talvez os nunca encontrados *Álbum do Progresso do Rio de Janeiro – O Álbum da Revolução* e as biografias romanceadas dos vultos nacionais) são potenciais obras de João de Minas cuja leitura poderia se voltar contra o próprio autor, como aconteceu com *Sangue de Ilusões*, escondido às sete chaves.

Depois desses três anos de trabalho na política, o escritor mineiro passou a se dedicar mais intensamente à esfera cultural, talvez vislumbrando oportunidades ou estabilidade maiores. Um ano depois de sair do Diário Oficial, em 1934 tentou emplacar uma revista ilustrada, o mensário *Falena*, dirigido junto com Lacerda Ortiz, antigo professor do Colégio São Bento e autor de livros de viés patrióticos como “O que é São Paulo” (1932, sobre o movimento constitucionalista) e “De Bartira ao Arranha-Céu – poema histórico” (1933). Era dirigida de Santos, mas em São Paulo funcionava no escritório de João de Minas, um sobrado na rua Florêncio de Abreu. Apesar de focar suas matérias em São Paulo e Santos, tinham como escopo a divulgação em todo o país.

É provável que tenha sido orientação de Lacerda Ortiz o enaltecimento da causa paulista no momento de redemocratização do país, a qual João de Minas não hesitou em aderir. A capa do primeiro número, de junho 1934, estampava o retrato de Pedro de Toledo, com a seguinte mensagem manuscrita: “Por intermédio da revista 'Falena', dirijo ao heroico povo de Santos, ao qual devo as mais carinhosas homenagens, minhas cordiais saudações”. Os diretores da revista pegavam carona na heroicização do ex-governador de São Paulo, aclamado durante a revolta de 1932 e por isso exilado até fins de 1933, e planejaram para o

³⁸³ Sobre a racionalização do Diário Oficial sob Armando Salles, ver MARANHÃO, 1994, p. 105 e ss.

terceiro número uma “polianteia do Governo Constitucionalista de Pedro de Toledo”³⁸⁴. A capa do segundo número, do mês seguinte, tinha fotos e motivos do conflito ocorrido em 9 de julho de 1932, além de trazer reportagem sobre a ida do interventor Armando Salles a Jaú e “uma emocionante entrevista com o Soldado Desconhecido de São Paulo”³⁸⁵.

Apesar da orientação política, a revista se propunha a ser “uma publicação moderna, de arte, ciência, esporte, literatura, elegâncias, contendo também parte comercial, industrial e marítima”³⁸⁶. Segundo um resenhista, o primeiro número continha “texto variado e bem cuidado, onde se encontra fina literatura em prosa e verso (...) traz, também, a parte de desenvolvida parte fotográfica, seções de cinema, teatro, esportes e de mundanismo”³⁸⁷. O segundo número veio sensivelmente incrementado em relação ao anterior, contendo, além das citadas reportagens políticas, uma novela policial de Armando Fajardo intitulada “Três Arrepiantes Assassinatos na Avenida Paulista”³⁸⁸, uma entrevista com o artista de Hollywood Ramon Novarro, que “cita pessoalmente moças de Santos e de São Paulo que o impressionaram por sua fotogenia”³⁸⁹, além de seções como “a Página Praiana, a Página Portuguesa, a Página de Bordados, a Página Esportiva, assim como de rádio, Sociedade, Educação”³⁹⁰ e literatura, várias delas destinadas às “jeune-filles”³⁹¹.

As colaborações para a revista provinham principalmente de São Paulo e Santos, mas contava com colaboradores do Rio. Antes do lançamento, são arrolados os prováveis nomes que contribuiriam com a revista, todos das mais variadas profissões e atividades, fossem membros da ABL, escritores e poetas, críticos, políticos, diplomatas, militares, professores etc., com algumas mulheres³⁹². Mas, efetivamente, poucos tiveram tempo de atuar na revista,

³⁸⁴ Falena. *Gazeta*, 23/06/1934, p. 6.

³⁸⁵ Publicações (Phalena). *Gazeta*, 25/07/1934, p. 6.

³⁸⁶ Publicações (Falena). *Tribuna de Santos*, 1/06/1934, p. 2.

³⁸⁷ Publicações (Falena). *Tribuna de Santos*, 14/06/1934, p. 2.

³⁸⁸ Falena. *Gazeta*, 25/07/1934, p. 6.

³⁸⁹ Publicações (Phalena). *Correio Paulistano*, 24/07/1934, p. 9. Pouco mais de uma semana depois o redator da seção declara o recebimento do exemplar: “Temos sobre a mesa o 2º número, correspondente a julho, desse brilhante mensário paulista, que obedece à orientação dos intelectuais João de Minas e Lacerda Ortiz. Traz colaborações de Albano de Moraes, Armando Pajardo, Adolpho de Medeiros, Rocha Ferreira, Americo Malheiros, Benedito Merlin, além de seções várias e farta clicherie.” *Correio Paulistano*, 02/08/1934, p. 9.

³⁹⁰ Publicações (Phalena). *Correio Paulistano*, 24/07/1934, p. 9.

³⁹¹ Publicações (Phalena). *Folha da Manhã*, 22/07/1934, p. 6.

³⁹² A lista arrolada compõe-se de: “Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos, Ribeiro Couto, Martins Fontes, Agenor Silveira, Herbert Moses, Gustavo Barroso, Altino Arantes, Veiga Miranda, Monteiro Lobato, Chrysanthème, Embaixador Juan Carlos Blanco, Oswaldo Orico, Julio Dantas, Alcides Maya, Abner Mourão, Marques da Cruz, Stockler de Lima, D. Alzira Martins Lichti, Benedito Merlim, Alberto Carvalho, Santos Silva, Nascimento Filho, Milton Prates, Antenor Novas, Silveira Bueno, Sertório de Castro, Major

destacando-se, no primeiro número, o próprio João de Minas, João do Norte (Gustavo Barroso), Chrysanthème e Martins Fontes³⁹³. No segundo número a colaboração de Martins Fontes foi mantida, junto dos já citados Armando Fajardo e Ramon Navarro³⁹⁴.

As estratégias promocionais também faziam parte do expediente. O estilo berrante de João de Minas foi colocado a serviço do anúncio de produtos, que chamam atenção do resenhista da *Gazeta*: “A maneira de anunciar dessa curiosa revista é nova, nela os anúncios gritam desesperados, agarrando o leitor. Sobre Toddy, por exemplo, 'Falena' inventou uma frase sensacional, que muito interessa ao brio italiano”³⁹⁵. Além disso, a iniciativa de fazer o público participar foi usada por meio da realização de concursos de beleza, que em Santos foi promovido, anunciado e coberto como reportagem³⁹⁶.

Sofrendo do “mal de sete números” que assolava boa parte das revistas da época, Falena somou-se às iniciativas de João de Minas que não emplacaram, e durou apenas dois meses. Mas, em relação às propostas anteriores, traz um diferencial: como uma revista de variedades, é orientada para um público amplo, jovem, também feminino. Além do número de colaboradores, destacam-se nas seções o lado voltado ao entretenimento, como a página literária e os esportes, o uso farto de fotografias tão destacado nas resenhas, as páginas sociais, a orientação por especialistas, além de incorporar seções dos meios de comunicação massivos como rádio e cinema. Até mesmo a parte política, mesmo orientada em prol da voga paulista, é bem mais permeada pelo viés espetacular que antes, como atesta a “entrevista” com o Soldado Desconhecido de São Paulo. Talvez tenha faltado fôlego, ou capital, para dar conta dessa vasta gama de atividades e assuntos.

Dilermando de Assis, Prof. José Roberto de Almeida Júnior, Prof. Isaltino de Melo, padre João Batista de Carvalho, Albino Forjaz de Sampaio, Carlos Maul, Rocha Ferreira, Floriano Cruz, Calazans de Campos, Carlos Dias Fernandes, Ronald de Carvalho, Rachel Bensliman, Evelina Santiago, Padre Carlos Mathias, Romulo Palombo, Bento Neves e Tenente Walter Pompeu.”

³⁹³ Publicações (Falena). *Tribuna de Santos*, 14/06/1934, p. 2. Dentre os outros colaboradores citados, estão: Horário de Andrade, Dr. Santos Silva, Edison Vieira, Aldo Fontes, Calazans de Campos, Armando Fajardo, Santelma de Moraes, Evelyn Santiago, Altamira da Cunha, coronel Samuel Borba, professores Helminto e Ascanio, Santos Silva, Edson Vieira, Aldo Americano. Ver também: *Gazeta*, 25/06/1934, p. 6.

³⁹⁴ Publicações (Phalena). *Correio Paulistano*, 24/07/1934, p. 9. Também são arrolados Marques da Cruz, Ramon de Santos, Adolpho de Medeiros, Horácio de Andrade, Rocha Pereira, o coronel Samuel Borba, Benedicto Merlin, Americo Malheiros, Martins Capistrano, Amador de Toledo, professor Ascano Pimentel, Albano de Moraes, Aayan de Ramayona, Miranda Vieira, Lauro Bansamão. Falena. *Gazeta*, 25/07/1934, p. 6.

³⁹⁵ Falena. *Gazeta*, 25/07/1934, p. 6.

³⁹⁶ A promoção do concurso foi anunciado em Falena. *Gazeta*, 23/06/1934, p. 6. Falena é noticiada como reportagem no número 2, em *Gazeta*, 25/07/1934, p. 6.

Mas não foi só o público que mudou, a perspectiva também. Seu último projeto político documentado atesta como essa mudança se operou. Nesse ano de 1934, o escritor mineiro começou a colaborar no *Correio de São Paulo*, escrevendo sobre política e sobre um concurso de beleza do qual foi organizador, esperando reunir os artigos em nova obra. O jornal divulga o livro para breve, sob a mesma perspectiva patriótica de Phalena:

Propaganda do livro “São Paulo Constitucionalista”, *Correio de São Paulo*, 18/7/1934, p. 7

“São Paulo Constitucionalista” é uma obra em que o sociólogo e panfletário de “Jantando um Defunto” expõe ao povo os novos rumos, de verdadeira salvação pública, por que se orientam os bons paulistas, presentemente responsáveis pelo verdadeiro triunfo nacional e americano de São Paulo. (...) “São Paulo Constitucionalista” (que é também um tremendo libelo contra os politiquinhos de má morte que querem desgraçar São Paulo mais uma vez) são páginas de fogo que devem ser esperadas com ansiedade cívicas. Essa é a verdade³⁹⁷.

Um dos capítulos é publicado dois dias depois pelo autor, num longo rodapé da terceira página do *Correio de São Paulo*, que levava o título do livro. O subtítulo expunha o assunto, “como nasceu naquela noite heroica o famoso Café das Trincheiras”. João de Minas conta que, ao vir de Rio Preto, “pirateou” um Ford parado na estrada de Campinas com a finalidade de fugir para São Paulo, pois estaria sendo perseguido pelas tropas federais. Já no viaduto do chá, encontra um servente de pedreiro de Jundiaí, todo esfarrapado e sem uma orelha, que serviu ao lado dos constitucionalistas sob o apelido de sargento Urubu-só. João de Minas o conheceu numa “batalha” de futebol em Rio Preto, mas agora ele estava aleijado por conta dos ferimentos de 1932, pedindo esmolas na Igreja de São Bento.

Passava por ali Artur Friedenreich, um dos mais renomados jogadores de futebol da época. Tendo conhecido ambos na luta constitucionalista, Fried compadece-se da sorte do correlegionário e lhe empresta cinco contos de réis para a fundação do Café das Trincheiras.

³⁹⁷ Um novo livro de João de Minas. *Correio de São Paulo*, 18 de julho de 1934, p. 2.

O estabelecimento começou com uma porta e em 1934 já tinha “com cinco portas, à praça do Patriarca, 238, e onde se reúne toda gente que se presa”. Para o narrador seria o melhor da capital por ser “adoçado com o açúcar inebriante do heroísmo paulista”. Nos outros capítulos, João de Minas se propõe a “contar a febre sociológica do Café das Trincheiras”, sem perder a oportunidade de espinafrar o perrepista Ataliba Leonel, que resmungava contra o progresso de São Paulo sob Armando Salles e contra a promulgação da Constituição³⁹⁸.

Tanto a nota da redação quanto o capítulo, agora anunciado por um jornal anti-perrepista ligado ao Partido Constitucionalista, mostram uma obra não muito distante dos projetos de livro anteriores de João de Minas: o autor promove estadistas da vez (Armando Salles), com ácidos e ofensivos artigos contra desafetos ou contra a oposição, valendo-se dos símbolos coletivos e acontecimentos marcantes para compor uma história na qual o narrador interage com pessoas do povo e famosos do momento. O que muda é o leitor visado, explicitado no início do artigo através de um “manifesto” contendo o programa do livro:

Eu não seria capaz de atirar na cabeça dos nobres paulistas que me leem alguns pares de tijolos, matando-os justamente na cabeça, sem piedade. Esses tijolos canibais seriam os artigos políticos massudos e soroporíferos, que eu por acaso iniciasse nessas refulgentes colunas do bem-amado “Correio de São Paulo”.

Eu nunca gostei de vestir as ideias de preto, pondo-lhes fraque, cartola, e mesmo algum dente de ouro sexagenário. Nada disso! Prefiro o meio nudismo cinematográfico da mocidade, que não sabe mentir nem despistar, e que sente e pensa por jatos ferozes de sol, o sol da sua fé em tudo que é puro e superior.

É para a mocidade de São Paulo e do Brasil e que eu passo a escrever, querendo na minha imensa boa vontade articular fatos e coisas, tudo rigorosamente vivido, fugindo aos princípios infusos, às doutrinas atrapalhadas, às ideologias das Arábias, aos dogmas rançosos e parabólicos, que fazem a literatura dos Messias políticos de fancaria.

Jogo franco, cartas na mesa, pingos nos ii, linguagem do povo e para o povo que morre nos impostos, e engorda os cevados especializados que nós todos muito bem conhecemos! E também de vez em quando bordada no alto do piolho, pontapé no lugar do estilo! E rasteira macia de banda, em matéria de vá para o diabo que o carregue... Eco la questione!³⁹⁹

A autopromoção através da política se mantém, mas traz algo novo. Até então, vinha acompanhada de elogios aos amigos, polêmica contra adversários, usando como armas seu estilo, sua narrativa. Aqui, a retórica muda de tom: o alvo se torna a maneira vigente de se

³⁹⁸ S. Paulo Constitucionalista – Como nasceu naquela noite heróica o famoso Café das Trincheiras. *Correio de São Paulo*, 20 de julho de 1934, p. 3.

³⁹⁹ S. Paulo Constitucionalista – Como nasceu naquela noite heróica o famoso Café das Trincheiras. *Correio de São Paulo*, 20 de julho de 1934, p. 3.

escrever nos jornais, independente do partido e do jornal. O autor expressa-se pelas séries de imagens evocando oposições entre o fraque, a cartola e o dente sexagenários, imagens que remetem ao século XIX, e o nudismo cinematográfico, referencia ao século XX, com sua mocidade dona de vigor e pureza, à qual está reservada “fatos e coisas, tudo rigorosamente vivido”: “é para a mocidade de São Paulo e do Brasil que eu passo a escrever”. Outro par de opostos recobre esse, os “cevadados especializados”, com seus “princípios infusos, doutrinas atrapalhadas, ideologias das arábias, dogmas rançosos e pavorosos, que fazem a literatura dos Messias políticos de fancaria”, e o povo “que morre nos impostos”, ao qual está reservado um “jogo franco, cartas na mesa, pingos nos ii”, ou seja, uma linguagem “do povo e para o povo”. João de Minas toma como referência para seu jornalismo o que entende ser os anseios políticos das massas e da mocidade, voltando-se agressivamente contra as formas empoladas que nada comunicam de vida, colocando em seu lugar uma linguagem direta e inteligível. Foi nesse tom, e com os mesmos argumentos, que o escritor mineiro atacou o sistema literário no ano seguinte, justificando sua opção por um estilo leve, como vimos no trecho inicial desse capítulo. Política ou literariamente, o autor mineiro se travestiu de escritor popular.

Como os outros livros da mesma natureza, é provável que “São Paulo Constitucionalista” nunca tenha saído do projeto. Nem mesmo a série de artigos foi encontrada. Acompanhados de comentários diversos sobre cinema, literatura, vida social etc, nos anos seguintes o escritor mineiro continuou a escrever artigos políticos, mas não constituiu projeto de enfeixá-los em livros. Permaneceram nas colunas mantidas em jornais de todo o país, a exemplo das “Cartas Mineiras de São Paulo” da *Gazeta de Notícias* (Rio, 1935), ou as “Cartas Botocudas de São Paulo”, no *Diário da Bahia* (Salvador, 1936-7).

Já o caminho seguido para os livros de narrativas foi outro. Na mesma época do artigo no *Correio de São Paulo* João de Minas se dirigiu ao público leitor de livros através de um paratexto intitulado “Revolução Sexual Brasileira”, anexo a um de seus romances. Como uma peça de propaganda e autopromoção, dirige-se a todos os seus “queridos leitores”, de quem diz receber muitas cartas de fãs, admiradores e inimigos ou leitores polemistas. O destaque que lhes é dado no texto mostra que a via escolhida para a promoção é a do escândalo. Enquanto os admiradores são referidos sempre de maneira genérica, o escritor mineiro menciona dois supostos casos concretos de leituras indignadas: a briga com Nelly Kakalem, “pseudônimo de uma gentilíssima senhorinha da Avenida Angélica, que me proibiu de

procurar conhecê-la pessoalmente”; e de um presidiário detido por matar a mulher flagrada com o amante na cama.

Os motivos desta última leitura é detalhado no texto. Invenção ou não, ele compõe a imagem de escritor escandaloso que João de Minas quer vender: “tenho recebido cartas de pessoas ferozes, algumas até insultadas com certas audácias dos meus romances”. O caso que serve de exemplo começa a ser contado com uma linguagem irreverente: “um destes sujeitos – imaginem – entrou uma noite em casa de repente, e encontrou a sua virtuosa cara metade numa situação inconveniente. Ele matou a mulher, enquanto que o amante fugia, em trajes menores”. O comentário sobre o momento da leitura desse *fait divers* noticiado em pormenores pelos jornais também é irreverente, explorando os efeitos desse tipo de narrativa no leitor que goza e ri da desgraça alheia: “saboreei a sangueira fumando e ouvindo os guinchos caninos de uma cantora do rádio”. Nesse momento, recebe uma carta do “assassino cornudo” que, ao procurar cartas de amor da esposa ao amante, nada encontrou senão um livro do escritor mineiro, por isso lhe atribuiu o adultério:

“(…) Ninguno papele achê, porco dio, mai mi apareceu uno livro do sinhare Juan de Minas, birbant i velhiaco, i os guarda achegaro e me levaro a prison, onde estoi, e li tudo o libro do sinhare / I vi qui o seu libro é que insinou a mia molher as patifaria da posiçon em que ela tava no sofá da sala, quando la mantê. I voi a te matar a ucê quando salir de esta cadena..” (a pontuação é minha etc.)⁴⁰⁰

O escritor mineiro certamente considerou uma propaganda eficaz de seus romances a capacidade que teriam de provocar adultério, morte e prisão, além de uma ameaça para o autor. Para o prisioneiro, foram os livros do escritor mineiro que teria levado à esposa a se tornar “sem vergonha, una bestia qui amava a tuto los macho”. É nesta pedagogia do escândalo sexual que João de Minas espera “alfabetizar as massas”, principalmente os jovens:

Creio que os meus livros, principalmente os meus romances (Revolução Sexual Brasileira), devassam um mundo novo à mocidade, aos rapazes e às moças que rolam para um futuro absolutamente imprevisto, e que os velhos caturras de hoje não podem sequer sonhar... / Eu escrevo para os moços, e espero uma revolução social que de um momento para o outro vire o mundo de pernas para o ar...⁴⁰¹

A leitura dos seus livros é compreendida não como mero divertimento, mas como uma intervenção capaz de provocar ações impactantes na vida dos leitores e alterar os costumes da sociedade ao descortinar, pela imaginação, possibilidades não vislumbradas até o contato com

⁴⁰⁰ Revolução Sexual Brasileira. In: MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!* Ed. Paulista, 1934, p. 200.

⁴⁰¹ Revolução Sexual Brasileira. In: MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!* Ed. Paulista, 1934, p. 201.

a narrativa. O escritor é um profeta porque prepara uma “revolução social” com o objetivo de virar “o mundo de pernas para o ar”. Nesse sentido, parece se aproximar de escritores comunistas como Jorge Amado, que enxergam no romance uma arma para provocar uma revolução proletária. A diferença no escritor mineiro é que o teor político-ideológico dá lugar a uma revolução “sexual”, o que até o momento significa romper as convenções vigentes de relação amorosas, dentro ou fora do casamento. Tanto é que as referências políticas desaparecem desse documento, dirigido a um leitor anônimo.

Mas outro lance de marketing no texto desmonta essa concepção intelectual de que o escritor guia o povo. Na verdade, dois projetos se destinam a manter um intercâmbio maior com o público: lançar um volume com as missivas polêmicas entre ele e os leitores, e principalmente, receber por carta ideias para novos romances

É minha convicção que o melhor livro (mais comunicante com a alma misteriosa das multidões) é aquele que nasce da realidade vivida, da vida gozada ou sofrida pela gente.

Quantas mulheres não há por aí, e quantos homens; e mesmo quantas crianças, quantos coitados não carregam no segredo do seu coração os mais sensacionais romances, coisas que a própria fantasia seria incapaz de arquitetar? Esses infelizes dariam matéria para livros imortais!

* * *

Venham a mim, ó personagens vivos dos folhetins do Destino, que eu lhes escreverei a história, e imortalizarei a sua dor, ou a sua alegria!

Mulheres que sofrem, que têm um drama ou uma comédia na alma, venham a mim, que eu preciso de sua história para os meus livros!

Isso que estou fazendo é uma coisa absolutamente original, e escritor algum jamais teve a ideia de alugar as desgraças ou as felicidades das vidas obscuras, para com isso mobilar os seus livros. Eu estou inaugurando esse sistema de fabricar páginas sensacionais.⁴⁰²

A concepção de literatura expressa no trecho está distante de uma intenção artística na qual o escritor é o autor central da obra, cujo valor é estimado pelos especialistas na atividade crítica que guia o consumo do público, em especial dos pares. Ao contrário do trecho com o qual iniciamos este capítulo, a instância crítica não é atacada. Na fala direta com os leitores, ela é desconsiderada, está completamente ausente. O que conta, mais uma vez, é a comunicação direta com o público, aquela que “atinge a alma misteriosa das multidões”, parâmetro de avaliar as melhores obras, medida não só pelo índice de vendas como pelas cartas que recebe dos fãs e admiradores. Nesse sentido, o posfácio sobre a “Revolução Sexual

⁴⁰² Revolução Sexual Brasileira. In: MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!* Ed. Paulista, 1934, p. 201-2.

Brasileira” parece indicar que João de Minas se coloca naquela categoria de escritor para quem o favor do público é a maior crítica que pode receber.

A concepção de autor como gênio criador da obra também parece abalada. Como diríamos atualmente, a concepção é colaborativa, que parte das experiências dos leitores para escrever romances. Que um autor use as experiências alheias para escrever narrativas não é de todo notável, pois a criação literária pressupõe esse diálogo com a vida. O que aparece de central na proposta de João de Minas é que ele deseja industrializar essa produção ou, em suas palavras, inaugurar “esse sistema de fabricar páginas sensacionais”. Em outra ocasião, disse que uma de suas “indústrias, como conhecido literato na praça, havia sido a fabricação de palavras”⁴⁰³. Imaginou o sistema como uma linha de produção na qual as experiências dos leitores seriam transformadas em palavras e narrativas emocionantes a serem consumidas no grande mercado das letras, propondo a criação no país de uma indústria de narrativas.

A sacralidade da arte literária (“livros imortais”) e a reverência pela magia do trabalho literário não está ausente. Mas, longe de refletir a adesão à crença na capacidade de perenizar experiências, parece mais um argumento para legitimar a atividade de escritor e convencer o leitor a lhe enviar cartas, ou seja, pressuposta no imaginário do público, é usada como *marketing*. Não é a imortalização dos dramas ou comédias que importa a João de Minas, mas que eles sejam tão sensacionais que sobrepujem a imaginação e, com isso, comovam. Portanto, o que está em jogo é o reconhecimento do escritor pelo leitor anônimo, com todas as vantagens simbólicas e financeiras que isso pode gerar. Para alcançá-las, transformou em clichés a concepção sacralizada da arte e a concepção de escritor como imortalizador de experiências e profeta de um mundo novo.

Do mesmo modo como Lobato havia se tornado a referência em literatura infantil, Paulo Setúbal no romance histórico, Benjamin Costallat no romance de costumes, Berilo Neves em crônicas de imaginação científica; enquanto Medeiros e Albuquerque fazia incursões no policial e Menotti Del Picchia no romance de aventuras, João de Minas pretendia se tornar a referência brasileira nos gêneros ao gosto da ampla e anônima gama de leitores. Mas sua prática não foi marcada por uma mera adequação aos padrões estabelecidos nessas narrativas, pois a ideia vista acima de que a sociedade brasileira se movimenta a partir da mobilização (cínica) de clichés amplamente aceitos como verdades será o grande mote em torno do qual se estruturou sua ficção.

⁴⁰³ Citado em FREIRE-FILHO, 1999, p. 259.

4- João de Minas, escritor nacional de livros populares

Maravilhas no sertão do Brasil Central: os livros de aventuras

Enquanto trabalhava no *Jornal do Estado*, João de Minas almejou alavancar sua carreira literária, divulgando seu romances em entrevista e propagandas. Mas foi no segundo semestre de 1933, ao deixar a interventoria paulista, que pôde dar vazão a vários de seus livros, a iniciar por *Mulheres e Monstros*. A novidade trazida pelo prefácio dos editores a este livro é informar que *Mulheres e Monstros* é “uma espécie de segunda edição” reunindo textos de *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, que estavam esgotados: “aqui o autor, com alguns retoques literários, enfeixa os contos e narrativas mais empolgantes de suas duas famosas produções anteriores”⁴⁰⁴. Nas propagandas e prefácios, é enfatizado muito mais a narrativa e seus almejados efeitos emocionantes, visando os leitores de aventuras sertanejas.

Capa de *Mulheres e Monstros*, 1933

A capa leva adiante a linha tomada por *Farras com o Demônio*. Além das cores, cuja tonalidade forte e policromática saltam aos olhos, já no título o termo “monstros” promete algo de sensacional, fora do cotidiano e mesmo do possível, tornada ainda mais notável pela

⁴⁰⁴ Páginas Maravilhosas da Literatura Brasileira. In: MINAS, João de. *Mulheres e Monstros*. São Paulo: Unitas, 1933, p. V.

presença de mulheres, as quais, na década de 30, não são imaginadas enfrentando essas criaturas. No título há uma ambiguidade produtiva ao editor, pois pode-se ler narrativa de mulheres com monstros ou narrativas de mulheres e narrativas de monstros. Contrapostas ao título, as imagens também trazem uma ambiguidade: no primeiro plano, embaixo, uma cabeça de mulher branca e outra de um negro careca, que contrastam com a imagem da onça, em verde. O monstro pode se referir tanto ao felino na floresta quanto ao negro, que tem seus traços faciais (orelhas, queixo) situados entre humano e um símio.

Ao iniciar o texto, o leitor descobriria que a capa se refere a duas narrativas. As faces são do guia caboclo Xaraim, o “homem macaco da Ilha do Bananal”, e de Ana Kremlem, uma estudiosa alemã que vive nua nas florestas brasileiras. A onça aparece no conto “Um assassinato impalpável”. Não há dúvidas sobre a matéria, os “horrores e mistérios” do sertão, com os estereótipos que Belmonte e outros reclamavam dos livros estrangeiros, concebendo o país como uma grande floresta habitada por animais estranhos e índios selvagens.

Os títulos foram mudados. A principal sequência de narrativas de *Farras com o Demônio*, cada uma com seu subtítulo e sem unidade editorial no seu conjunto (o que lhes dava aspecto de uma série descontínua), transformou-se no bloco “Beleza, Amor e Horror”, um título vago mas apelativo, além de ganhar capítulos numerados. Também foram alterados os títulos das histórias de *Jantando um Defunto*, reforçando-se os lances de efeito:

Comparação dos títulos de Jantando um Defunto e Mulheres e Monstros

<i>Jantando um Defunto</i>	<i>Mulheres e Monstros</i>
O monstruoso sapo-boi	Um monstro das selvas
Os 26 assassinatos de homens louros	O monstro de meio palmo
A escada para o céu	Esperando o exército de anjos
Uma puisia... ou um sonetu!!	Um poeta tenebroso
A porta do inferno	Um assassinato impalpável
O esqueleto de Santa Maria Clara	O túmulo de ouro
O cavalo de Átila	Viagem a uma vida anterior

Todavia, o que transforma *Mulheres e Monstros* em um livro bastante distinto dos anteriores é sua editoração, que pode ser acompanhada na comparação das imagens abaixo. Por exemplo, a narrativa sobre Maria Clara se mantém a mesma: após iniciar com uma longa digressão sobre a solidão nos sertões e seus efeitos, o narrador João de Minas e seu guia

Sérgio Ribas caminham sobre seus burros quando encontram uma mata dourada. Aproximam-se e veem um esqueleto com uma cabeleira, examinada por Sérgio Ribas, que descobre ser Maria Clara, raptada e estuprada enquanto ia com seu noivo para o casamento.

O ESQUELETO DE SANTA MARIA CLARA

Por aquelles sertões a cara humana é uma coisa importante. E' difficil, em qualquer cem leguas, encontrar-se um morador. Os horizontes são vistõs com os olhos, mas uma vista mais fina que a dos olhos, uma mysteriosa intuição visual apaga-os, esponja-os no infinito, e o viajor só vê apenas diante de si um nada prodigiosamente exacto, perfeito, completo e morto. As distancias apparecem ao viajante como circulos viciosos hypocritas, como labyrinthos perversos e indecifra-veis. São uma coisa infinitamente logica, simples e clara, e, no entretanto, ao mesmo tempo, absurda, confusa e inexplicavel. São assim aquelles sertões eternos. Vão elles apanhando o viajante pelo norte de Goyaz. Aquelles plainos pardos são as geraes, são as areias mortas, como de um fundo de mar arremessado ali por um

— 103 —

O túmulo de ouro...

Por aqueles sertões, a cara humana é uma coisa importante. É difficil, em quaisquer cem leguas, encontrar-se um morador.

Os horizontes são vistos com os olhos, mas uma vista mais fina que a dos olhos, uma mysteriosa intuição visual apaga-os, esponja-os no infinito, e o viajor só vê apenas diante de si um nada prodigiosamente exato, perfeito, completo e morto.

As distâncias apparecem ao viajante como circulos viciosos hipócritas, como labirintos perversos e indecifráveis.

São uma coisa infinitamente lógica, simples e clara, e, no entretanto, ao mesmo tempo, absurda, confusa e inexplicável. São assim aqueles sertões eternos.

— O ESQUELETO DE SANTA MARIA CLARA —

com uma doceira martyr, e nos buracos dos olhos senti mysteriosamente luzir um olhar de mulher, longinquo, celeste, olhando-me do reino dos céos. Eu já empunhava a illustre e sábia garrafa de cachaça. Pul-a de lado. Sergio abaixou-se, tremulo, e ficou fixando a caveira. Ergueu-a um pouco, e foi tirando da areia uma longa cabelleira negra. Ficou uns dois minutos olhando esses bellos cabellos. Depois, depressa, como que tendo uma idéa subita, mediu a palmo a cabelleira. E deu novo pulo, assombrado:

— Virge! Sete parmo!!! E' ella!

A morta — não podia haver duvida — era Maria Clara, uma moça de Planaltina, afamada por sua bella cabelleira, de sete palmos de comprimento. Cabelleira fatal, como os sete palmos das sepulturas... Maria Clara ia com seus pais, o noivo... os convidados, todos a cavallo, para Planaltina, onde se ia casar. Passava, então, um destacamento da Columna Prestes, que subia para a Bahia. Maria Clara impressionou aos revolucionarios, e elles, brutalmente, a levaram comsigo.

— 112 —

— O ESQUELETO DE SANTA MARIA CLARA —

deixando com o noivo, em seu lugar, como consolo, uma mulher com um recém-nascido. Assim, para sempre, no dia luminoso de seu casamento, Maria Clara deixou os seus. O seu pai enlouqueceu. E ella foi, com o seu vestido de noiva, e sua corôa sem macula, para os abraços e beijos de uma tropa! Não aguentou o supplicio. Morreu na marcha para a Bahia... E foi atirada ali, como um bicho. Mas Deus, na sua immensa bondade, fez brotar das areias agrestes e nûas o milagre daquelle tumulo de ouro para a martyr incomparavel, para Santa Maria Clara.

Sergio, ajoelhado no chão, apalpava e beijava a cabelleira da morta, e chorava, na sua grande sinceridade de sertanejo:

— Ai, Virge Nossa! Carreguei nos braços essa minina! Era cumu minha fia! E' ella, é a Clarinha! Mas agora é Santa Maria Clara... Aii... Aii...

riosamente luzir um olhar de mulher, longinquo, celeste, olhando-me do reino dos céus.

Eu já empunhava a illustre e sábia garrafa de cachaça. Pu-la de lado.

Sérgio abaixou-se, trêmulo, e ficou fixando a caveira. Ergueu-a um pouco, e foi tirando da areia uma longa cabelleira negra.

Ficou uns dois minutos olhando êsses bellos cabelos. Depois, depressa, como que tendo uma idéa súbita, mediu a palmo a cabelleira.

E deu novo pulo, assombrado:

— Virge! Sete parmo!!! E' ela!

A morta — não podia haver dúvida — era Maria Clara, uma moça de Planaltina, afamada por sua bela cabelleira, de sete palmos de comprimento.

Cabelleira fatal, como os sete palmos das sepulturas...

Maria Clara ia com seus pais, o noivo e os convidados, todos a-cavalo, para Planaltina, onde se ia casar.

Passava, então, um bando de cangaceiros, que subia para a Baía. Maria Clara impressionou aos cabras, e êles, brutalmente, a levaram consigo,

deixando com o noivo, em seu lugar, como consolo, uma preta com um recém-nacido.

Assim, para sempre, no dia luminoso de seu casamento, Maria Clara deixou os seus.

O seu pai enlouqueceu.

E ella foi, com o seu vestido de noiva, e sua corôa sem mácula, para os abraços e beijos dos bandidos.

Não agüentou o suplicio. Morreu na marcha para a Baía... E foi atirada ali, como um bicho.

Mas Deus, na sua imensa bondade, fez brotar das areias agrestes e nuas o milagre daquelle túmulo de ouro para a mártir incomparável, para Santa Maria Clara.

Sérgio, ajoelhado no chão, apalpava e beijava a cabelleira da morta, e chorava, na sua grande sinceridade de sertanejo:

— Ai, Virge Nossa! Carreguei nos braços essa menina! Era cumu minha fia! É ella, é a Clarinha! Mas agora é Santa Maria Clara... Aii... Aii...

O tamanho de ambos os contos é o mesmo, dez páginas, mas o segundo tem um formato maior – 20 x 14,5 cm contra 17,5 x 12 cm, além de o tamanho da letra e o espaçamento entre as linhas ter sido aumentado. *Mulheres e Monstros* também possui um aproveitamento melhor da página, com redução da mancha interna e externa, e da distância do texto ao cabeçalho e rodapé, o qual não possui informação editorial como no primeiro. O aumento do volume de texto também provém dos parágrafos curtos do segundo livro, como se vê nas figuras acima: com frases pequenas, o maior tem 6 linhas. No corpo do texto há parágrafos de até 9, mas nenhum como os de *Jantando um Defunto*, de mais de 20 linhas.

Todos os elementos da forma textual de *Mulheres e Monstros* indicam a tentativa de atingir um público amplo, inclusive recém-letrado: a letra e espaçamento grande auxiliam a leitura do texto, enquanto que os parágrafos menores, ao aumentar as pausas e os espaços em branco dentro da mancha, fragmentam sua leitura. Essa não foi a preocupação dos editores de *Jantando um Defunto*, que dá a impressão visual de ser composto por grandes blocos textuais. A estes se somam alguns elementos gráficos já incorporados em *Farras com o Demônio*, como o uso da capitular e o sublinhado do título, que diversificam visualmente a página. Para esta nova versão, o texto desse livro também sofreu as modificações relatadas anteriormente, principalmente o desmembramento de grandes parágrafos.

O conteúdo teve leves retoques, trocando imagens como, por exemplo, “o alto e meio fabuloso rio Araguaia” se transformando em “alto e quase fabuloso”, ou então, no final da narrativa acima, a vaga mulher com recém-nascido dá lugar a uma “preta” a qual, em contraste com o fascínio causado pela beleza de Maria Clara, reforçava a ironia do bando em relação ao noivo. Todavia, a mais significativa alteração, também feita em todo o livro, está destacada com linhas de traços vermelhos: as referências à Coluna Prestes são substituídas pelo cangaço, “revolucionários” dá lugar a “cabras”, Prestes ao chefe Gavião Triste ou Lampião etc. A alteração se justificava no período em que a constituição ainda não estava em vigor: no clima de exaltação da “Revolução de 30”, com parte dos antigos revolucionários no poder, não convinha publicar o mesmo texto. Os atos macabros e terríveis de *Jantando um Defunto* foram atribuídos aos poderes considerados bandidos pelo Estado, os cangaceiros, cujas histórias percorreram o noticiário do país nos anos 30. Outra hipótese plausível, que não exclui essa, é que não convinha à editora de orientação trotskista vilipendiar os antigos “revolucionários”.

Dessa forma, *Mulheres e Monstros* estabelece o padrão editorial que se repetirá em quase todos os livros de João de Minas nos anos 30: capas figurativas e coloridas, com motivos de forte apelo, editoração de texto feita de modo a facilitar a leitura, temas dos romances colados às grandes modas do momento, uso de um dos gêneros em voga – no caso, aventuras, descrição irreverente de cenas macabras e pitorescas, com toques cômicos. Todos esses traços apontam como destinatários o amplo público consumidor dos gêneros populares, que buscavam narrativas “de sensação”, veiculadas pelas grandes coleções ficcionais da década. Apesar disso, *Mulheres e Monstros* nada diz sobre a veracidade das narrativas que o compõem, ficando a cargo do leitor achar que são mera ficção ou não, apesar de a narrativa em primeira pessoa sugerir implicitamente a última opção.

No livro sertanista publicado a seguir, João de Minas atuou justamente nesse ponto, pegando o rastro de uma das sensações do momento, as expedições em busca de Fawcett. Antes de se embrenhar pela floresta em 1925, o explorador inglês deu ordens expressas para que, caso não desse notícias ou não retornasse, nenhuma expedição fosse enviada à sua procura. Dado como perdido em 1927, mesmo assim tentativas foram feitas, a primeira em 1928 por um membro da Royal Geographic Society, George Miller Dyott, que também havia feito expedições à Amazônia, uma delas para confirmar a existência do rio da Dúvida descoberto por Roosevelt. A expedição de Dyott avançou na mata, mas teve que retornar após lidar com grupos indígenas hostis, o que lhes levou a imaginar que Fawcett e os filhos estivessem mortos, hipótese negada pela família.

Outras incursões foram feitas nos anos seguintes por pesquisadores, jornalistas, exploradores de vários países, mas sem nenhum sucesso conclusivo. À medida que os anos passaram, nos jornais em todo o mundo começaram a circular hipóteses sobre o sumiço da comitiva. As mais pessimistas apontavam sua morte por fome, doença ou pela flecha de alguma tribo indígena. As otimistas consideravam que Fawcett estava vivo na Amazônia, em jornada ou como prisioneiro. Durante o “Mistério Fawcett” também se divulgou inúmeras hipóteses mirabolantes, dentre as quais a que ele teria se tornado eremita, chefe de uma tribo, líder na cidade perdida que tanto procurou⁴⁰⁵ ou agente secreto do governo britânico, que teria um plano para se apossar do interior brasileiro⁴⁰⁶.

⁴⁰⁵ Para este parágrafo e o anterior, ver GRANN, 2009, cap. 20.

⁴⁰⁶ Folha da Manhã, 6/3/1934, p. 3. A notícia original teria saído no Moscow Evening. A folha sintetiza a notícia do Sunday Times com a nota do governo britânico ridicularizando a informação.

A ficção ia muito além. Por exemplo, o *Diário de Notícias*, através da *Folha da Noite*, divulgou um folhetim de título “O Mistério do coronel Fawcett”, uma narrativa do explorador Capitão Morris em busca do seu amigo no Mato Grosso, sendo atacado por indígenas bravios, visto e perseguido rastros do coronel. O capítulo mais distante do lugar comum é um encontro com Lampeão, no qual Morris descobre como a bolsa, o revólver e o compasso de Fawcett foram parar em poder do cangaceiro⁴⁰⁷. Tais novelas pareciam ser tão difundidas que um arqueólogo não só acusou Fawcett de mistificador em busca de lendas fantásticas, o que prejudicaria os etnólogos em seu ideal de ciência desinteressada, como dizia que era necessário acabar com as narrativas do gênero: “Todas as novelas de sensação publicadas sobre Fawcett respiram mistificação. Parece estranho que se possa propalar coisas tão insensatas sobre uma região que se não é conhecida em seus detalhes, o é pelo menos em seus traços gerais”⁴⁰⁸.

Seguindo tais tendências do momento, João de Minas alardeou um novo livro nas revistas ilustradas e jornais antes mesmo de *Mulheres e Monstros* ser lançado. A divulgação da viagem iniciou-se com uma entrevista publicada em *O Malho* no número de 21 de setembro de 1933, seguido da reprodução, no número de 28, de um capítulo da narrativa.

Um monstro pre-historico num lago misterioso de Matto Grosso

O MALHO PUBLICARÁ NO PROXIMO NUMERO ESSA SENSACIONAL DESCOBERTA DE JOAO DE MINAS

ENTRE as novidades intellectuaes do momento, não se póde deixar de incluir os dois livros que João de Minas nos promete: “Mulheres e Monstros” e “Horrores e Mystérios dos Sertões Desconhecidos do Brasil Central”. O primeiro deve sahir, qualquer dia destes, lançado pela “Unittas”. O segundo está em preparo. A curiosidade natural despertada pelo titulo sensacional desta ultima obra e a circunstancia de encontrar-se, entre nós, o originalissimo escriptor de “Jantando um defunto”, levaram-nos a ouvil-o, no escriptorio da filial da Empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista que elle preside:

— O titulo do livro traduz o que está no miolo. A minha obra em preparo são paginas de horrores e mysterios por mim vividas nos sertões de Matto Grosso. Não se trata de fantasias delirantes, mas de aventuras passadas, durante uma viagem que fiz ao Brasil central, em 1928. Para que se tenha uma idéa do que foi essa arrepiante e veridica aventura, basta que lhe diga que nella perdi 8 homens da minha comitiva, em circumstancias tragicas e pavorosas.

— E que encontraram nessa peregrinação?

— Coisas fantasticas. Entre outras, monstros pre-historicos. Não sorria. Encontrei, nas tenebrosas selvas do alto sertão de Matto Grosso, monstros que estão fóra do nosso tempo, como terei occasião de provar no meu livro.

— Por exemplo...

— O crocodilo-elefante... Eu o chamo assim. Os scientistas, não sei como o chamariam. E' um animal... Mas espere. Vou dar uma idéa approximada do animal e do livro, a'O MALHO e seus leitores, com o capitulo do meu livro, narrando o nosso encontro terrivel, numa tarde de tragedia, ás margens de uma lagôa lendaria, em cujo fundo pareciam dormir civilizações remotissimas. Aqui o tem.

— Uma novidade literaria.

— Agora, ha muitas. O MALHO é a maior dellas. Foi um renascimento empolgante. A impressão causada nos melos intellectuaes de S. Paulo foi estupenda. Estou certo de que, sem o querer, Medeiros e Albuquerque interpretou, perfeitamente, essa impressão, na sua chronica sobre a tradicional revista do publico brasileiro.

Ahi ficam as novidades de João de Minas.

Agora, a nossa: O MALHO publicará no proximo numero a narrativa do seu sensacional encontro com o crocodilo-mamuth, em um lago mysterioso de Matto Grosso.

Entrevista de João de Minas a *O Malho*, 28/09/1933, p. 32

⁴⁰⁷ Folha da Noite, 23/4/1932, 1ª edição, p. 4. A notícia divulgando o folhetim, distribuído pela “London General Press”, veio acompanhada pelo resumo dos nove primeiros capítulos.

⁴⁰⁸ Os estudos arqueológicos e antropológicos da missão francesa na ilha da Páscoa. Folha da Manhã, 16/5/1934, p. 3.

Páginas e fotografias de “Um Monstro Pré-Histórico, o crocodilo Mamuth, vivo num lago misterioso de Mato Grosso” - *O Malho*, 28/9/1933, p. 13-15.

A tônica foi enfatizar, como nos dois primeiros livros sertanistas, a veracidade da matéria contada. A entrevista anuncia a viagem, a morte “em circunstâncias trágicas e pavorosas” de membros da comitiva, a descoberta de monstros ou animais pré-históricos como o crocodilo-elefante, toponímia desconhecida como um lago misterioso, sob o qual repousam o resto de civilizações (egípcias ou fenícias) que supostamente teriam migrado para a América do Sul. O capítulo publicado no número seguinte referenda as afirmações ao informar se tratar “mais de uma reportagem do que de um conto”. Dão veracidade à matéria as fotos de uma canoa com quatro pessoas que navega por entre uma paisagem apinhada de árvores, e uma porção de água refletindo o por do sol, com árvores e o céu ao fundo. As legendas que acompanham essas fotos relativamente vagas orientam a leitura: “no coração dos sertões matogrossenses. A expedição buscava a maravilhosa cidade pré-histórica,

frequentemente, tinha de viajar em canoa, por longos e acidentados percursos” e “um pôr-do-sol sobre o lago misterioso era um quadro de imensa desolação e de pensada melancolia”.

Nesse mesmo dia 28 saía no jornal carioca *A Pátria* outra entrevista de João de Minas, que acrescenta elementos à suas afirmações. Baseada na entrevista ao *Malho*, a redação comenta o sucesso de crítica de seus livros anteriores e anuncia a matéria que causaria alarme num meio científico pacato: “promete provar num novo livro a existência de monstros pré-históricos, no alto sertão amazônico de Mato-Grosso, por ele vistos numa sua arrancada sertanista, novo bandeirante moderno e destemido”. Na sua fala, João de Minas menciona uma suposição de sábios europeus e norte-americanos sobre os sertões, com outras civilizações, cidades perdidas de origem fenícia e animais pré-históricos ainda vivos. Em busca dessas maravilhas, as comitivas de estrangeiros que adentram à Amazônia seriam de tal forma frequentes que inspirariam uma lei restritiva pelo Ministério da Agricultura. Cita como exemplos o relato de Conan Doyle (“Mundo Perdido”) como inspirado em uma viagem à Amazônia⁴⁰⁹, a visita do presidente Roosevelt ao rio da Dúvida, a notícia de que Ford possuiria um pterodátilo vivo capturado no Pará e, é claro, o sumiço de Fawcett⁴¹⁰.

O caso Fawcett é melhor delineado pelo escritor mineiro num relato que saiu no início do mês seguinte no periódico quinzenal *Revista Sul-América*, onde colaborava desde janeiro de 33. Após publicar outro capítulo do futuro livro, uma narrativa da captura de uma onça pelos índios matolés⁴¹¹, o autor anexou uma “explicação necessária”, na qual consta uma versão particular “que predomina nos meios autorizados dos sertões matogrossenses”. João de Minas mistura as informações circulantes e os aspectos fabulosos já citados com outros conspiratórios: se o explorador inglês, na sua busca pela cidade perdida no meio da selva, não tivesse morrido, teria se tornado rei desse riquíssimo lugar, repleto das “batatas minerais” (diamantes). Não só os catadores das minas de Goiás como a Coroa Britânica tinham interesse no rastro do explorador em busca de riquezas: “disfarçando em piedade o seu interesse por Fawcett, manda emissários em socorro do mesmo. Mas a Inglaterra quer é as batatas diamantinas, ou pelo menos as ilustres jazidas, parecidas com as da África do Sul”⁴¹².

⁴⁰⁹ Conan Doyle inspirou-se nos relatos e na figura de Fawcett para criar a ficção.

⁴¹⁰ Monstros Pré-Históricos nos Sertões Amazônicos de Mato Grosso. *A Pátria* (Rio), 28/9/1933. *Apud* MINAS, João de. Este livro. In: *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*. p. IX-XII.

⁴¹¹ O mesmo capítulo foi divulgado também em *A Noite Ilustrada*, em 28/3/1934, p. 26-27.

⁴¹² MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 49.

Em todos os textos para a imprensa, João de Minas reafirma a veracidade dos elementos fantásticos da sua viagem, a serem provados com farta documentação a quem desejasse. A explicação na *Sul América* termina com esse apelo:

Não faço, nunca fiz, sertanismo de gabinete, sertanismo de bigodinho cinematograficamente falando. A minha obra é científica, dura e penosa, e ajuda a descobrir o Brasil. A ciência oficial muita coisa não entenderá destes lances de brasilidade operante. Mas a ciência oficial é uma coitada, de perninhas moles! E não sai de casa, como medo de se constipar... Apelo, todavia, para as criteriosas Sociedades de Geografia e correlatas, do meu país⁴¹³.

O prefácio autoral, que reproduz esse e outros trechos de entrevistas para convencer o leitor da veracidade das narrativas, termina no mesmo tom: “fora do livro, na imprensa ou pela palavra, travo com quem quiser o ônus da prova da verdade de tudo que narro. Estou às ordens”⁴¹⁴. Na divulgação das narrativas de aventuras, João de Minas parece aprimorar o recurso à verossimilhança que permeou suas obras políticas: apelo ao testemunho próprio e de autoridades capazes de confirmar sua versão, uso do poder de criação de fatos da imprensa para divulgar suas afirmações, existência de suposta documentação guardada e divulgada como fotos, citação de notícias e fatos correlatos ao tema.

Sem precisar apoiar grupos políticos, essa prática está a serviço da promoção não só da obra, como do próprio escritor. Por exemplo, beneficiavam-se da ênfase na veracidade das narrativas as palestras dadas ao grande público, em geral realizadas em teatros da capital paulistana. Sobre esta estratégia de promoção, informa-nos o escritor Caio Porfírio Carneiro:

tinha uma que ele queria provar que encontrou o jacaré-elefante. Diz que ele provava, e quando ele descia, e ele cobrava ingresso, quando o pessoal descia das palestras dele diziam que, saiam discutindo, porque alguns estavam convencidos que existia mesmo. Ele tinha um poder de convencimento incrível. Ele entrava por detalhes, ele dizia até a pulga onde estava no jacaré.⁴¹⁵

A capa mantém a mesma perspectiva. Apesar de tipográfica, o destaque gráfico é a foto do escritor, com uma expressão facial bravia, olhar penetrante rumo ao observador, que parece sugerir temeridade necessária para uma aventura como a que propõe relatar. O título é

⁴¹³ MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 51.

⁴¹⁴ MINAS, João de. Este livro. In: *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*. p. XIII.

⁴¹⁵ CARNEIRO, 2006, p. 8.

destacado não só pela cor vermelha, contrastando com o sublinhado preto, como, novamente, reúne termos sugestivos das emoções do texto (horrores) quanto das novidades fantásticas que promete (mistérios, sertões, desconhecidos), semelhantes às notícias sobre o tema. Mas é o subtítulo que especifica o assunto, fazendo gancho com os relatos jornalísticos da época: “fatos tenebrosos vividos pelo autor, numa expedição em procura do explorador inglês cel. Fawcett, nos sertões amazônicos de Mato-Grosso”.

Capa de “Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos” (1934)

A narrativa contada em vinte e três capítulos pode ser dividida em três partes. Na primeira, entre os capítulos um e seis, o narrador João de Minas e Antenor, um paraguaio que se tornou coronel em Cuiabá, decidem sair em busca da cidade perdida de Fawcett, onde acreditam haver diamantes. Juntos com um guia caboclo de nome Xoda e um indígena matolé chamado Kaii, lideram uma comitiva rumo ao sertão profundo de Mato-Grosso. Embrenhados na floresta, enfrentam uma série de aventuras envolvendo animais como a onça perseguidora de Kaii; um crocodilo pré-histórico no fundo do lago, que devora um índio da comitiva; uma

sucuri ágil em terreno seco; uma imensa ave de rapina que, vendo sua companheira capturada pela comitiva, a assassina e se suicida com uma erva venenosa. A comitiva também adota um macaco batizado de “Brasil Maior” e uma cobra não venenosa, a “Legalidade”, devoradora dos mosquitos que incomodam a trupe. O guia Kaii, além de defender o grupo com seu conhecimento da floresta e dos animais exóticos, é o responsável por explicar os estranhos fenômenos da paisagem, como coqueiros que boiam no lago, dando a impressão de uma floresta em movimento, as plantas de folhas com água gelada, ou a região pantanosa cujo chão suga aquele que nele pisa, uma espécie de areia movediça.

Os seis capítulos iniciais de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* foram os primeiros a ser compostos. Originaram-se de uma versão não publicada em livro da aventura de Fawcett que João de Minas queria escrever em meados dos anos 20. As partes anteriores versariam sobre uma cronologia exata da vida do protagonista Fawcett até a Primeira Guerra Mundial, seu plano nos anos 20 para descobrir a cidade perdida de Z, e um perfil detalhado do explorador inglês, baseada na obra de Conan Doyle. A quarta parte trataria da última viagem de Fawcett, com as fantasias descritas acima, junto com as informações que João de Minas publicou na imprensa. O romance seria contado ao narrador por Kaii, que nesta versão seria o guia de Fawcett e lhe ensinaria a língua matolé. O final seria aberto: Percy poderia ter sido devorado pelos xavantes ou ser um rei riquíssimo na cidade encontrada⁴¹⁶.

Como se vê, o escritor mineiro retocou a história publicada em 1934 para aproveitar a onda de expedições em busca do explorador inglês desde 1928, inserindo-se como membro da comitiva desbravadora. Acompanhado de um guia, o escritor mineiro dá a visão de um Brasil desconhecido e exótico para os leitores do litoral ou interior, apresentando-se como sertanista responsável por exhibir essas paragens ao público em primeira mão, sempre coroando as aventuras com uma explicação plausível, evocando uma ciência de teor mirabolante. Nesse sentido, as peripécias contadas nos seis primeiros capítulos de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* são semelhantes à primeira parte de *Farras com o Demônio* e às descrições dos sertões profundos de *Jantando um Defunto*.

O caso do crocodilo elefante, tão alardeado na imprensa, é exemplar. A comitiva chega à beira do lago para acampar quando o coronel decide tomar banho:

⁴¹⁶ MOURA, 1988, pp. 230-4

- Uai! - bufou Antenor, já nu, ao mergulhar na água.

Eu levei um susto, supondo um perigo por ali.

- Olha uma torre dentro d'água – mostrou-nos ele.

Vimos, então, na claridade serena do poço, o recorte de uma torre, e que chegava a uns três metros abaixo da superfície. Era emocionante. (...) Havia por cima da misteriosa construção, grandes rodas, talvez de bronze, prováveis despojos de carros de assalto de guerras imemoriais. E fomos distinguindo, lá bem no fundo, algumas cabeças de monstros, que deviam ser esculpidas em mármore, possivelmente representando deuses terríficos de uma civilização extinta, que passara por aquelas regiões, e ficara sem história e sem nome.

Quando a água tremia, os monstros do abismo parecia viver, acordavam, oscilavam as mandíbulas ferozes. Aquilo era uma ilusão de ótica, mas apavorava.⁴¹⁷

A descoberta aguça a ambição de Antenor e João de Minas. Na esperança de encontrar um tesouro, oferecem um anel com esmeralda falsa para um exímio mergulhador indígena. Na primeira investida, Mayama trouxe uma placa negra, que João de Minas diz ter ficado em seu poder e oferecido de presente a Mussolini na Itália, “numa audiência cordial que o imortal chefe do fascismo me concedeu”. No mergulho do dia seguinte, “um dos monstros de ouro moveu-se, abocanhou o nadador, mastigou-o aos arrancos, e o engoliu. Aquilo era horrível”⁴¹⁸.

Nessa parte do livro João de Minas mantém o estilo dos livros sertanistas anteriores. O gosto pelas cenas risíveis, como Antenor saindo nu da lagoa; elementos fantásticos ou maravilhosos, como as torres e as estátuas monstruosas; o encontro do narrador com personalidades renomadas como Mussolini, visando reforçar a veracidade do ocorrido; o uso do grotesco, misturando o macabro com toques humorísticos, como o índio sendo mastigado “aos arrancos”; e o uso dos sentimentos menos nobres das personagens, como a ganância, que motiva toda a empreitada. Tanto que a aventura prossegue quando Antenor, desejoso de descobrir o segredo do lago, captura um bezerro órfão, amarra-o e o imerge no lago, vendo-o ter o mesmo destino de Mayama.

Longe de um passeio, as aventuras também são vivenciadas na narrativa. Horas depois de voltar ao acampamento, descobrem que saiu do lago na direção do grupo um crocodilo gigante pré-histórico que, “sem ter as pernas curtas ou as nadadeiras de um crocodilo, era

⁴¹⁷ MINAS, João de. Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos, pp. 69-70

⁴¹⁸ MINAS, João de. Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos, p. 74-5.

capaz de correr como um cavalo”. Tentaram metralhá-lo e, quando já comemoravam a vitória, descobrem que a carapaça o protegeu, levando o burro portava a metralhadora a sair em fuga. Então Kaii manda Xoda, com uma carabina, atirar nos olhos da fera. Ferida, rola e estrebucha de dor, até que outra rajada na barriga termina de matá-la. O gosto pelo grotesco retorna quando João de Minas julga ver “num daqueles rasgões, repontar um pé de Mayama, ainda guardado no estômago do crocodilo.”

Em seguida, depois do perigo, aparece outro traço das narrativas dos sertões profundos que reforça sua veracidade, a “explicação natural, ou científica, de tudo que acontecera”:

Aquele animal era, pelo seu tipo desconhecido nos nossos dias, um remanescente pré-histórico.

Nos tempos imemoriais em que um povo provavelmente de origem egípcia ou fenícia, ali florescera, essa espécie de crocodilo devia ter sido sagrada, como se dava no velho Nilo.

Daí o fato do templo erguido, e agora submerso no poço, reproduzir nas imagens monstruosas, e escamadas de oiro, justamente a cabeça do crocodilo que matáramos. Porque a torre debaixo d'água devia ser de um templo dedicado a esse deus de uma figa

Aquele povo desaparecera, a sua glória se fundira no pó noturno dos tempos.

No entretanto, mais resistente, aquela espécie de crocodilo continuara parada num degrau da evolução. (...)

O certo é que o nosso crocodilo morava ali com os símbolos ou estátuas da sua grandeza passada.

A profundidade da água, a semelhança das cabeçorras, as tremulinas da brisa sobre a água, em baixo um pouco toldada quando o crocodilo se mexia na sua loca – tudo isso, com o nosso especial estado de espírito, foi que nos fez ver uma das cabeças esculpidas comer o bezerrinho. O mesmo fato se dera com Mayama. Era, porém, o crocodilo que agia.⁴¹⁹

Se todas as outras “maravilhas” da fauna, flora e populações indígenas são, como nos livros anteriores, consideradas próprias dessa região Amazônica, evocando o mito da natureza intocada, no trecho acima João de Minas lança mão de uma fecunda controvérsia arqueológica brasileira, difundida nos anos 20 e 30, a presença de civilizações fenícias ou egípcias na América do Sul. O tema é debatido desde meados do século XIX dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, baseando-se tanto numa visão negativa sobre os indígenas brasileiros, considerados incapazes de escrever e construir edificações, quanto na vontade de estabelecer algum laço de origem com a antiguidade europeia, reforçando os vínculos identitários com a “civilização”, visto que algumas tribos nativas foram consideradas

⁴¹⁹ MINAS, João de. Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos, pp. 86-8

descendentes daqueles povos. As provas da presença de povos civilizados no Brasil seriam dadas pelo estudo etimológico, que reconhecia semelhanças vocabulares entre as línguas nativas e do mediterrâneo antigo; pela escrita em caracteres demóticos, hieroglifos ou fenícios nas pedras e cavernas (a mais famosa está situada na Gávea, Rio de Janeiro); bem como os monumentos encontrados, fruto de trabalho arquitetônico elaborado, além da capacidade dos indígenas considerados primitivos.

No final dos anos 1920, dois importantes trabalhos alimentaram a discussão: “Inscrições e tradições da América Pré-Histórica”, dois volumes do amazonense Bernardo Ramos, 1930 e 1939 (póstumo)⁴²⁰; e “Antiga História do Brasil – de 1100 a.C a 1500 d.C”, de Ludwig Schwennhagen, em 1928. Este austríaco radicado no Piauí conhecia a produção passada e contemporânea sobre o assunto, inclusive a de Bernardo Ramos ainda no prelo, todas, para ele, contribuindo para encerrar a questão:

está largamente provado que existiu, no primeiro milênio antes da era cristã, uma época de civilização brasileira. Já conhecemos dois mil letreiros e inscrições espalhados sobre todo o território brasileiro e escritos nas pedras com instrumentos de ferro ou de bronze, ou com tintas indelévels, quimicamente preparadas.

Essas inscrições petroglíficas foram feitas por homens que sabiam escrever e usaram os alfabetos dos povos civilizados do mar mediterrâneo. Já provado também se acha que existiu uma navegação transatlântica entre esses povos e o continente brasileiro, durante muitos séculos antes de Cristo.

A maior parte dos letreiros brasílicos são escritos com letras do alfabeto fenício e da escrita demótica do Egito. Existem também inscrições com letras da antiga escrita babilônica, chamada sumérica. Além disso temos letreiros escritos com hieróglifos egípcios, e podemos diferenciar, em outros lugares, variantes de letras que se encontram na ilha de Creta, da Cária, da Etrúria e Ibéria. Encontram-se também letras gregas e mesmo latinas.⁴²¹

A versão utilizada por João de Minas provavelmente foi extraída de um explorador também conhecido de Schweinnhagen, um francês chamado Apollinaire Frot que, tendo percorrido o país, radicou-se na Bahia. Ao viajar pelo planalto central, na região de Goiás e Mato Grosso, o francês teria feito uma descoberta tão impressionante que hesitava em publicar os resultados: os egípcios na verdade seriam descendentes de um povo originário na América do Sul, dominadores de um vasto império entre a Bolívia e a Bahia, que teriam

⁴²⁰ Sobre a obra de Bernardo Ramos e as implicações culturais da tese fenícia, ver o artigo de SILVA, 2010.

⁴²¹ SCHWEINNHAGEN, 1986, p. 27-8. Esse autor estabelece uma cronologia desse período antigo da história brasileira, considerando a presença desses povos.

deixado vários petróglifos como mapas para encontrar as minas de ouro nas quais trabalhavam. Os mitos indígenas locais se refeririam a essas antigas minas e cidades, no presente encobertas pelas selvas e pântanos, guardadas por animais ferozes, alguns pré-históricos⁴²². Como vemos, estão presentes nessa versão de Frot todos os elementos do episódio divulgado na imprensa e no livro de João de Minas, que a reformulou em sua viagem sertanista em busca de Fawcett, literal e literariamente dando vida e realidade a essas discussões sobre civilizações europeias perdidas, riquezas eldoradas e monstros antediluvianos. Daí a referências, no prefácio e na imprensa, ao debate que o autor travaria no interior das sociedades de geografia do país, onde essas teses eram difundidas.

Na segunda parte, capítulos sete a dez, a aventura arrefece e vem para o primeiro plano um delírio quixotesco entre Antenor e João de Minas, páginas literárias de sátira à política brasileira. O coronel tem a ideia de se apossar das terras nos sertões amazônicos e fundar uma república separada da brasileira. Com o poder subindo à cabeça, declara-se presidente, e nomeia João de Minas como vice:

o bem público está em primeiro lugar... Assim, logo coordenarei os meus esforços no sentido de dar um governo republicano a estes domínios. Para prestar esse relevante serviço a esta nação, é claro que vocês todos me elegem o presidente. Sabendo de antemão dessa boa vontade do meu povo, eu desde já me considero o presidente deste estado. E você é o vice-presidente da república. Aceite, porque, com a minha finória observação da vontade popular, estou certo de que é este o desejo dos nossos amigos...⁴²³

Os diálogos subsequentes nem sempre valem-se do cinismo; beiram o maquiavelismo as reflexões sobre o poder, o estado, a força, o povo, o exército, eleições, petições, nepotismo etc. Por exemplo, à pergunta cabal do narrador, “como havemos de ser governo, se não temos zé povinho?”, o presidente responde:

povo é uma cousa sempre mais ou menos imaginária. É como se não existisse. Note o amigo que sempre que se fala em povo, fala-se como se fosse uma unanimidade. Mas essa unanimidade na boca de cada partido político, ou facção, pensa de um modo diametralmente oposto, e está sempre no lugar que não se sabe o que é⁴²⁴.

⁴²² Essa história sobre Frot foi ouvida no Rio de Janeiro em 1938 pelo jornalista WILKINS, 1946, p. 92-94. Uma história parecida foi contada por um correspondente do engenheiro francês, Alexandre Braghine, em *O Enigma de Atlântida*, 1959 (2ª ed. da Pongetti), p. 153. *Apud.* SCHWEINNHAGEN, 1986, p. 26-7, n. 7. Ambos os relatos, por assumirem a veracidade dos relatos, são um índice da difusão da tese fenícia.

⁴²³ MINAS, João de. Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos, pp. 122-3

⁴²⁴ MINAS, João de. Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos, p. 126

O narrador, entrando no jogo, mostra ironicamente a distância entre os ideais de grandeza no serviço ao Estado e o bem pessoal adquirido nesse posto, que suscita sede de poder: “é certo que eu e Antenor não éramos já os mesmos simples mortais. Entrara-nos a cogitação do bem público, como um ópio, uma cocaína reveladora do nosso oculto gênio de estadistas”⁴²⁵. A motivação pessoal travestida de bem público também é uma característica dessa narrador dissimulado:

Certa vez, Antenor me falou, presidencialmente:

- Oportunamente, discriminarei a verba competente, para que se funde aqui um gabinete de pesquisas meteorológicas e astronômicas.

Ouvindo falar em verba, senti cócegas no meu devotamento pela coisa pública. Lembrei-me de uns parentes que teria a colocar. E observei, com a devida circunspeção, ao primeiro magistrado:

- E, se se tem de fazer essa obra meritória, que a imprensa abençoe nas suas ordeiras colunas, que se faça um serviço modelar, que fique como um monumento...

Tomei um ar compungido, sacrificando-me pelo bem público:

- E não nos esqueçamos que a base desses relevantes cometimentos são uma boa dose de funcionários públicos, muito bem pagos, para que as suas respeitáveis famílias não sofram as agruras da crise!⁴²⁶.

O uso do cômico e da paródia em *Jantando um Defunto* ou *Farras com o Demônio* nunca chegou perto dessa virulência contra o sistema político, mas se destinava a atacar os inimigos ou satirizar os costumes e tabus como o adultério, o flerte, ganância etc. Além de outros elementos na narrativa, essa paródia política é um forte indício de que esta parte deve ter sido composta após a Revolução de 30, visando o governo Vargas. O tom do conflito político, para a manutenção dos interesses do poder, aparece desde o início de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, quando João de Minas é enviado a Campo Grande por um senador para resolver um conflito entre coronéis que pode comprometer o sistema de alianças do PRP. Mas são nesses capítulos quixotescos que se tornam alvo principal da sátira do autor, representando a distância, nas autoridades e políticos atrelados ao governo, entre o discurso apregoando o serviço ao bem público e as intenções ou práticas de se apoderar da máquina do Estado para benefício privado próprio, de familiares ou amigos.

O delírio começa a se dissipar quando se inicia a última parte da narrativa, entre os capítulos onze e vinte e três. A história dá outra guinada, transformando-se num *thriller*

⁴²⁵ MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos*, p. 136

⁴²⁶ MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos*, pp. 140-1

cinematográfico. A comitiva, ao sair da floresta densa, descobre um esqueleto com o crânio quebrado e, mais adiante, cinco corpos carbonizados amarrados em estacas. O mistério se estabelece para o grupo, que inicia uma investigação. Numa clareira, Kaii mata um homem com sua lança, deixando solta uma mulher morena, Mary Arlen. O simples fato de ela admirar os brasileiros faz Antenor esquecer seus devaneios e assegurar sua nacionalidade para impressionar a moça que, em nove páginas, conta a rocambolesca história de como fora parar no meio do sertão.

Mary tem origem mexicana, mas até a morte de seus pais morava em Chicago, quando se mudou para Detroit para trabalhar de datilógrafa nas fábricas de Ford. Lá conheceu seu noivo, o engenheiro Fathe Merryl. Quando ambos estavam prestes a sair da empresa para trabalhar em Hollywood, Ford encarregou Fathe de supervisionar plantações de borracha no Pará e explorar as regiões sertanejas do Brasil em busca de ouro, petróleo ou diamantes. O engenheiro se fez acompanhar por um amigo, o príncipe russo Ilzer Savaniky e seu vassalo Karló. Quando Fathe descobriu a mina de diamantes, teve a intenção de comunicar a Ford, mas o príncipe russo, ambicionando explorá-la sozinho, matou o engenheiro americano, queimou numa estaca cinco garimpeiros que se rebelaram, e começou a aliciar a noiva de Fathe para que ela cedesse a seus desejos sexuais. Mary foi aprisionada, sendo constantemente vigiada por Karló (o homem morto por Kaii), enquanto o príncipe russo vendia os diamantes, cuidava da propaganda comunista na América do Sul e gerenciava o negócio de escravas brancas, a Zwig Midal, a partir de Buenos Aires.

Após ouvir a história, a comitiva liberta alguns mineradores escravizados e armam uma emboscada para o príncipe russo, que é aprisionado e morto numa luta livre contra Antenor. Este, apaixonado por Mary, desiste da busca a Fawcett e, com João de Minas e os indígenas, retornam trazendo a moça do garimpo para Cuiabá, onde a comitiva se dispersa e os índios retornam a seus povoados. Sem corresponder às aspirações amorosas do coronel, Mary decide retornar ao México, onde se torna freira. O narrador retorna ao Rio de Janeiro.

Nesta parte, as aventuras e maravilhas dos sertões quase desaparecem, exceto pela sugestão de existência de poço de petróleo e a mina de diamantes, que se torna o centro da ação e da ambição de todos os personagens envolvidos. Na versão não publicada do romance e na entrevista à Pátria em 1933, esses garimpos pertenceriam a “um certo e enigmático José

Morbeck”, alvo de um boato no qual teria assassinado Fawcett⁴²⁷. A radical mudança nos temas e na narrativa, em seis meses, deve-se à tentativa de João de Minas de se valer de mirabolantes enredos ou trajetórias de personagens e explorar a polarização entre comunismo e capitalismo de meados dos anos 1930, valendo-se de mais uma das modas do momento atingir um público amplo.

Todavia, apesar da simpatia a Ford e aos projetos americanos, a oposição está longe do maniqueísmo e dos finais inteiramente confortantes das histórias de aventuras, pois se ressaltam comicemente as contradições. Por exemplo, o romance termina no Rio de Janeiro, com o narrador mandando traduzir um bilhete russo encontrado com Karló, no qual sua mãe pedia dinheiro para manter um orfanato. Após o tradutor, um judeu russo chamado David Salomão Hitler, elogiar a grandeza do morto e do povo russo, João de Minas, com sua ironia, arremata:

Como se explica que o bandido Karló roubava e matava no Brasil para, como um santo, fundar em Moscou um hospital e uma creche para criancinhas? E agora, sem ele, essas criancinhas voltariam a morrer pelas ruas de Moscou, de fome e de frio... Oh, que tortura a minha!

Entrei num bar, para beber, para esquecer...

Comecei também a estudar o comunismo, para conhecê-lo melhor...⁴²⁸

Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos começou com um enredo em torno da procura (das minas de diamantes) de Fawcett, semelhante na sua estrutura e objetivos aos primeiros livros sertanistas, e terminou abordando o comunismo através de mirabolantes reviravoltas narrativas e na trajetória das personagens, com um final “feliz” mas não confortável – uma incitação irônica ao estudo do comunismo –, elementos próximos de seus romances urbanos lançados a partir de 1934. Esse romance permite visualizar, na sua estrutura em camadas, a guinada que o escritor deu rumo a uma maior folhetinização de sua prosa, acompanhada de uma sátira explícita dirigida ao sistema político e social brasileiro, ressaltando as contradições e vícios morais das personagens. O que se mantém idêntico é a busca do escritor por incorporar no texto os temas palpitantes do momento e, no caso do gênero de aventuras, a afirmação constante da veracidade das maravilhas relatadas.

Outro livro sertanista, lançado no final do ano de 1934, combina aspectos dos dois anteriores. *Pelas Terras Perdidas* foi anunciado na imprensa como a obra “onde o escritor,

⁴²⁷ MOURA, 1988, p. 234; MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos*, p. XI.

⁴²⁸ MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos sertões desconhecidos*, p. 287

antigo comandante de tropas provisórias no Brasil Central, descreve horripilantes mistérios da 'jungle' brasileira"⁴²⁹. A capa evoca esse tema ao trazer como destaque um esqueleto de pé com *cap* policial e fêmur na mão, numa paisagem erma, desenhada em seus traços mínimos com cores fortes. A representação do esqueleto como se fosse vivo, numa posição defensiva, evoca no leitor os aspectos macabros e fantásticos das narrativas.

Capa de *Pelas Terras Perdidas*, 1934

Publicado pela Editorial Paulista, a mesma que lançou vários dos livros urbanos do autor entre 1934 e 1935, o que foi anunciado como novo é uma espécie de reedição. O sumário permite visualizar uma tríplice divisão: os oito primeiros contos e a crônica final são inéditos, publicados em jornais e revistas ilustradas a partir de 1931. O segundo conjunto de nove textos compunha a segunda parte de *Farras com o Demônio*, e o terceiro bloco de sete textos reúne narrativas de *Jantando um Defunto* que ficaram fora de *Mulheres e Monstros*. Ao contrário desse livro, que prioriza aventuras pelos sertões profundos, *Pelas Terras Perdidas* em geral reúne as narrativas sobre os sertões próximos, com povoados, estradas e fazendas vinculados à sociedade brasileira.

⁴²⁹ Um novo livro de João de Minas *Correio de São Paulo*, 18/07/1934, p. 2.

A editoração seguiu o padrão feito pela Unitas em 1933. Novamente, as mudanças podem ser verificadas ao compararmos os textos originais com a nova versão. Repetem-se alguns elementos dos livros anteriores: diminuição das manchas, aumento do tamanho do texto, título sublinhado e distante do início do texto, cabeçalho com título do livro e número da página (retirados do rodapé, que ficou vazio). Os parágrafos sofreram o mesmo processo de divisão, tornando-se mais curtos. Os contos em geral tiveram suas partes numeradas, para orientar o leitor quanto à marcação de suas partes (1, 2, 3 etc.), salvo se fossem muito curtos, com partes divididas por uma linha. Em relação a *Mulheres e Monstros*, duas diferenças marcam *Pelas Terras Perdidas*: os títulos dos contos originais não foram alterados, e o espaçamento entre as linhas é menor, que reflete na diminuição do número total de páginas.

Por exemplo, o texto com o qual iniciamos o capítulo 1, que em *Jantando um Defunto* levou o título *A Pergunta do Morto*, não teve nenhuma letra alterada em relação ao livro de 1929. Todas as mudanças foram de natureza editorial. A mancha menor faz com que o número de páginas diminua de 5 para 4, mesmo com uma letra de tamanho maior e espaço de 4 cm entre o título, no alto da página, e o início. Além disso, a formatação tornou um texto contínuo dividido em três partes, separados por uma linha, exatamente onde ocorre as mudanças temáticas, com função clara de ressaltar ao leitor essa divisão. Por fim, os parágrafos foram internamente divididos, alguns contendo uma única frase, e seu número aumentou de 10 para 24⁴³⁰. Apesar do aumento de volume de texto na página, tais divisões e subdivisões tornaram o texto mais agradável e fácil de ser lido por alguém recém letrado.

Os contos de *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio* permaneceram inalterados em seu conteúdo, exceto “O Chapadão”, que teve retoques e parágrafos acrescidos ao final, que não alteraram o tom lírico do texto. Já uma parte dos textos iniciais, apesar de inéditos, trazem temas abordados em livros anteriores, como as paisagens de Goiás e Mato Grosso, algumas delas fantásticas como “o céu do inferno” - um abismo sem fundo coberto de flores que engana quem nele adentra; ou o adestramento de animais como burro, gavião e mesmo uma cobra venenosa, que salva a vida do caboclo Antão, prestes a ser assassinado pelo amante de sua mulher. O conjunto reforça a imagem de sertanista do autor.

⁴³⁰ Lembre-se que na versão de 1927, aos parágrafos não correspondia a mudança temática. Para visualizar algumas dessas mudanças entre as versões, ver apêndice.

A novidade está no restante dos textos iniciais. Passado os tempos mais difíceis e tendo o país temporariamente se redemocratizado, João de Minas se sente à vontade para retomar e avançar sua representação como legalista. Se nos contos de *Jantando um Defunto* inseridos no livro relatava “imparcialmente” os eventos trágicos da Coluna, nos textos inéditos apresenta-se como líder de tropas no encalço dos soldados prestistas entre Goiás e Bahia: “eu estava desempenhando o papel de coronel comandante de 230 homens, patriotas arrebanhados depressa para, nos remotos sertões goianos e matogrossenses, botar uma parede de legalidade diante da coluna Prestes”⁴³¹. Nesses contos, acaba por encontrar pessoas famosas na história do país, como a hospedagem oferecida pelo coronel baiano Horácio de Matos, ou o encontro com Lampião numa visita a uma fazenda do Ceará.

Mas a representação do legalismo e do sistema coronelístico nesses contos da década de trinta seguem menos o padrão dos livros do final da década de 20, assemelhando-se mais às duas partes finais de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. Os coronéis sertanejos deixam de ser bons, simples e hospitaleiros, tornando-se passionais e cruéis. Esse tema é melhor desenvolvido em “A onça que só comia revolucionário gordo”, quando João de Minas chega com suas tropas “lá no fundo de um saco azul de montanhas, no sem fim parado dos céus, onde as nuvens lembram pedreiras esmurradas pelo punho do caos, lá nesse oco velho de mundo é que fica o povoado do Antão”⁴³². Na divisa entre Goiás e Bahia, as terras pertencem aos domínios do rico chefe político Bastião Nune Arve (Sebastião Nunes Alves), que é assim caracterizado:

Os negros locais, num raio de cem léguas, ainda o chamavam de “capitão do mato”, o que quer dizer uma autoridade ainda vigorante para fins de caça ao negro escravo. E isso algumas dezenas de anos depois de abolida no Brasil a escravidão.

O famoso ricaço daquelas terras perdidas, presidente da “caimbra” (câmara), “meretriz seu juiz de paz” (meritíssimo sr. juiz de paz), mas sempre com a avara de juiz de direito, etc., sabia da minha chegada.

E me esperava, de calça branca, de algodãozinho alvejado e fiado em bilros, como se fazia há cem anos atrás; com o par de botas de cerimônia, paletó de sarja preta azulada pela velhice, um lenço de Alcobaça sarapintando no pescoço. (...)

Depois do jantar, o potentado bebeu uma golada de água amarela, meio barrenta naquele começo de seca, e enfiou um dedo por dentro e ao redor das gengivas, limpando os restos de comida, e assim higienizando a dentuça. E

⁴³¹ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 31.

⁴³² MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 43.

me falou, com um orgulho natural, casto, doce, como se aquilo fosse uma tirada jurídica em audiência, uma motivação de sentença:

– Oie, O seu Luiz Carlos Preste sirvia pra sê Deus... Esse imprego de Nosso Sinhô tava bão pra ele. O disgramado do gerar tá in toda parte. Deus é qui é assim: tá sempre in toda parte, mêmo qui seja di mintira... Mais eu agora tomei as minha midida legar, tudo conforme as orde do dotô Artur Bernalde, nosso chefre supremo. A minha primêra midida legar é a Mimosa. O cabôco aqui prêsses lado qui num for legalista do ligite, do bão mêmo de famia, eu aprico nele a Mimosa. A Mimosa é interada de boa pressas coisa...⁴³³

O narrador usa os estratagemas para caracterizar o ridículo do coronel: o modo de falar, que cria ambiguidades cômicas como a troca de meritíssimo por meretriz, o hábito à mesa de limpar os dentes com a mão, o modo antigo de vestir, seu orgulho legalista. A representação, cômica aos olhos dos leitores urbanos por ressaltar aspectos de um passado distante, vem acompanhada de outro aspecto nada moderno: a violência cruel nas mãos de um chefe político local, com práticas pré-republicanas de caça aos escravos, o uso privado da coisa pública, da lei para perseguir desafetos, mortos de maneira macabra.

No conto, esse papel cabe à Mimosa, uma onça que “só come revolucionaro gordo, revolucionaro puba”, nas palavras de uma das vítimas do coronel, o pequeno fazendeiro José, encarcerado porque se recusou a entregar a quarta filha para deleite sexual do potentado, querendo ele mesmo usufruir da menina: “Quê qui tem a gente isprimentá a fia da gente?...”. O gosto do autor pela representação pitoresca dos tipos populares interioranos aparece na sua caracterização:

o prisioneiro, com os cabelos e barbas crescidos, quase nu, era um mulato sólido, de músculos secos e que saltavam como outros seres dotados de uma vida especial, dentro da pele. Teria quarenta anos. Formara desde vinte anos uma fazendinha, que o chefe acabara lhe tomando, sem outra forma de processo a não ser o despejo a bordoada, com a ameaça de que a Mimosa interviria seriamente no caso, se houvesse falatório...⁴³⁴

A sociedade interiorana está longe daquela descrita nos textos do escritor mineiro nos anos 20: não é mais um todo harmônico atingido por um mal externo, mas grupos com interesses distintos, permeada por violência de todos os lados, mesmo de pai para filha. Numa sociedade assim, o verniz da lei é mais um instrumento de dominação e intimidação: um dos

⁴³³ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 44-5

⁴³⁴ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 46

pontos cômicos é a pretensão legalista do coronel, a tal ponto de ele mesmo ditar penas cruéis que não fazem parte do código penal.

Representante da ordem nacional externa a esse estado de coisas, o narrador repudia tais práticas: “vinha-me um ódio brutal do cangaceiro que governava aquelas míseras gentes goianas, sob o aplauso lá no sul, na remotíssima capital do Estado, dos Caiados, os proprietários da incomensurável senzala estadual.” O tratamento dado ao prisioneiro seria motivo para João de Minas “preparar com a minha gente a prisão do cacique facinoroso”. A ação foi interrompida porque Prestes tomou o povoado, com seus soldados fantasiados de almas penadas numa procissão. O narrador não é preso porque José, ao se tornar chefe político do município em nome da revolução, impediu que a Coluna atacasse a tropa legalista por ter simpatizado com João de Minas. O conto termina do modo grotesco ao gosto do escritor mineiro, com a onça “rasgando vorazmente o cadáver ainda quente do chefe caiadista local”, como se a mudança de poder político fosse compreendida até pelo reino animal, sugestão expressa nas palavras de José: “Eu mandei fazê co ele, o qui ele quiria fazê cumigo. Mimosa é sabida: ela mi oiou, e começou a matá ele di vagá, rasgano prêmero a barriga dele... Canaia, disgramado!”⁴³⁵.

Os comentários acima e o desfecho são inéditos nas obras sertanistas do escritor, evidenciando mudanças significativas. João de Minas se representa como alguém distante da ordem política interiorana, capaz inclusive de se indignar e prender um coronel pelos seus atos ilegais e cruéis, pois os valores do narrador conflitam com o mandonismo dos chefes locais e estaduais. Busca-se uma coerência entre a lei ou o projeto de nação e a realidade política, que nessas regiões é inexistente, o que mostra que João de Minas incorporou uma visão de quem está nos grandes centros urbanos. A retórica que iguala os potentados aos bandidos pela exploração do povo era muito próxima das denúncias da esquerda aos potentados locais e coronéis. Segundo, não há perspectiva de fim da violência, mas apenas da substituição de chefes no poder, um em nome do legalismo de Artur Bernardes, outro em nome dos revolucionários. A morte do coronel é símbolo da manutenção da mesma lei marcial, pois a Mimosa agora é aplicada ao desafeto do poder vigente. Em terceiro lugar, curiosamente é Prestes quem cumpre o papel justiceiro intencionado pelo narrador. Ao contrário de *Jantando um Defunto*, aqui não são apresentados como terroristas e saqueadores,

⁴³⁵ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 52.

tendo tomado calmamente o povoado e deixado a tropa adversária partir a pedido de um caboclo simpatizante.

Nos textos inéditos do livro, Luís Carlos Prestes, então na União Soviética, não é visto mais como bandido sanguinário, mas como revolucionário, termo que nos anos 30 deixou de ser xingamento para se tornar elogio junto aos estadistas. Além de justiceiro, aparece como arrebatador de corações (“A amante de Luís Carlos Prestes”) e com ares paternais, como no último texto do livro, uma crônica de meados de 1934: o chefe do estado maior agora se torna elegante, de poucas palavras, abstêmio ao álcool, “magro, de mãos abençoantes, secas e azuladas, sereno e dormente, todo ordenado e alisado nos fios mongóis das suas barbas pretas, tinha uma afeição quase filial pelo João Alberto, que não era o que é hoje”⁴³⁶. Até ares de profeta Prestes adquiriu, quando teria renunciado a reviravolta de Juarez Távora de soldado revolucionário (1925) em Ministro da Agricultura de Vargas (1934), dependendo de favores do ex-presidente de Minas Antonio Carlos. A venalidade do “mulato pernóstico” que João de Minas dizia ter por ele “uma afeição toda especial”, certamente fazendo referência a mais um desafetos, fora expressa por Prestes a Miguel Costa: “se o Antonio Carlos lhe der uma promoção no Exército, ele nos dá o fora, ou... nos vende! O tempo o dirá...”⁴³⁷

A mudança no valor atribuído aos coronéis e a Prestes deve muito à época em que os textos foram publicados, no escopo de um debate na intelectualidade sobre os rumos do país após a “Revolução”⁴³⁸. Como outras mudanças, ela é pontual e efêmera. Mudanças mais significativas na produção do escritor são duas. Na primeira, os grupos passam a ser permeados por conflitos internos e discordâncias sobre rumos e práticas. Entre os legalistas a oposição é feita entre João de Minas e o chefe caiadista, enquanto que na Coluna os opostos são Prestes e Juarez Távora. Logo, o conflito cotidiano se torna parte central dos temas. Acompanhados disso, a frase de Prestes sobre Juarez mostra o jogo entre aparência e essência, especificamente o uso cínico de valores para autopromoção, bem como seu descarte conforme as conveniências. Considerada nos anos 1990 a marca registrada dos seus livros, este é o padrão moral das personagens ficcionais do outro gênero no qual o escritor mineiro também atuou em meados dos anos 1930, o romance sexual-sentimental.

⁴³⁶ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 195.

⁴³⁷ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, p. 197.

⁴³⁸ Fizemos uma análise da mudança da postura de João de Minas com base nesse texto, relacionando com os debates sobre a política nos anos 30. ALMEIDA, 2008., p. 156-161.

A hipocrisia do mundo dos espertos: os romances sentimentais de costumes

No final da década de 1920, o escritor mineiro também planejava sua incursão no romance urbano. Desde 1928, João de Minas publicou na imprensa narrativas curtas com pretensões literárias, que oscilavam entre crônica e conto. Dentre os livros de ficção que nunca foram escritos, está *Memorial de Cinzas*, anunciado como “uma série de lembranças, de anotações burguesas sobre coisas de ontem e de hoje, revolvendo a vida do interior, assim como a do Rio. O autor é um filósofo que se suicidou, comendo um papel de alfinetes, num banco de jardim carioca, na Glória”⁴³⁹.

Um dos livros que vingaram foi anunciado em setembro de 1930, quando há meses o escritor estava familiarizado com o ambiente de trabalho e de divertimentos da capital: “entre os vários livros que estou fabricando, há um que se chama 'A Mulher Carioca aos Vinte Anos'. Trata-se de uma forma de sexualismo 'chic', mas inventado aqui pelo degas: o sexualismo cinematográfico”⁴⁴⁰. A despeito do lance de efeito, não havia invenção alguma. Incitado pela crítica de João Ribeiro em 1929 e incentivado por Veiga Miranda, inspirou-se em um dos escritores mais vendidos dos anos 1920: “veio-me, então, a ideia de sinistra de fazer um desses volumes, em que Benjamin Costallat tanto se imortaliza, no maravilhoso campo do analfabetismo nacional”⁴⁴¹.

A imortalização a que se refere o escritor mineiro começara dez anos antes, com um romance que causou escândalo. Desde 1919, Benjamim Costallat ganhou paulatinamente as páginas da imprensa e a popularidade por causa das pelas polêmicas que insuflava para se promover, fosse as desabusadas críticas de teatro a famosos artistas internacionais ou as descrições dos submundos do Rio de Janeiro, feitas em seus contos e crônicas através de uma linguagem ágil e pouco preocupada com regras gramaticais⁴⁴². Em 1923 Costallat se associou ao italiano Miccolis para fundar uma pequena editora voltada ao agrado popular a qual, com uma visão mercadológica do livro, implementou vários recursos para tornar o produto atrativo, como a ilustração das capas, além de pagar adiantado aos autores pelas futuras obras.

⁴³⁹ O livro foi anunciado em *Sangue de Ilusões*, p. 307.

⁴⁴⁰ MINAS, João de. Alguns aspectos femininos cariocas. *Correio Paulistano*, 6/9/1930, p. 2.

⁴⁴¹ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 9.

⁴⁴² Sobre a editora Costallat & Miccolis, ver a análise de FRANÇA, 2010, cap. 2 e 3.

Nos quatro anos da parceria a editora publicou vários títulos, em especial aqueles de autores neonaturalistas que descreviam os vícios e perversões do submundo do Rio, como Romeu de Avelar, Patrocínio Filho, Theo Filho, Orestes Barbosa, Álvaro Moreyra⁴⁴³. O primeiro desses autores foi o próprio Costallat, sendo que a primeira obra da série de edições e reedições feita para a empreitada com Miccolis intitulou-se *Mademoiselle Cinema*. Era a versão brasileira de um livro francês, *La Garçonne*, de Victor Marguerite, que causou polêmica na França pelo seu teor moral, valendo a expulsão do autor da Academia Francesa.

Melle Cinema era o apelido de Rosalina, filha de um fazendeiro e deputado piauiense, ex-ministro da República que, após o término do mandato, embarca com a família para Paris. Nesta cidade e no navio que se desenrola grande parte do enredo, entrecortado com *flashbacks* da trajetória da protagonista de dezoito anos. O romance centra-se na descrição e comentários da sua vida fútil, influenciada pelo cinema hollywoodiano e pelos costumes e modas parisienses, relatando a escalada dos seus flertes em bailes de músicas e danças provocantes (num dos quais beija pela primeira vez), seu uso roupas provocantes, o consumo de cocaína, até a perda da virgindade num bote do navio, com um popular e casado autor de romances de amor, Roberto Flerta. Responsabilizados pela má educação da filha, seus permissivos pais também gozam dos prazeres mundanos, pois o ex-ministro Martins Pontes passa as noites nos cabarés e pensões rodeados de francesas, enquanto sua esposa dava-se às compras nas galerias parisienses. A própria protagonista, lembrando sua infância e juventude, chega a essa conclusão: “Não me fizeram para ser uma mulher honesta. Fizeram-me para ter muitas *toilettes* e para ter muitos amantes”⁴⁴⁴. Seu primeiro amante, após ser largado por Rosalina, vaticinou: “Finalmente compreendo por que te chamam de Melle Cinema!... Assim te chamam porque és falsa; como o cinema, és falsa e artificial e mentirosa! E depois... e depois... és como o cinema: um espetáculo... para todos... um espetáculo barato, um espetáculo para quem quiser...”⁴⁴⁵. O destino foi impiedoso com esses esnobes: Flerta se torna viciado em cocaína para compensar o desgosto amoroso com Rosalina, enquanto Martins Pontes morre no meio do ato sexual em um prostíbulo. De volta ao Rio, Rosalina vê seu passado pesar sobre a possibilidade de viver “a verdadeira felicidade”, entregar-se ao

⁴⁴³ FRANÇA, 2010, pp. 16-23.

⁴⁴⁴ COSTALLAT, 1999, p. 115.

⁴⁴⁵ COSTALLAT, 1999, p. 118.

amor verdadeiro e constituir família e filhos com um pintor que conheceu na Ilha de Paquetá, pois estava condenada a ser sempre a fútil *Melle. Cinema*.

No prefácio autoral ao livro, Benjamin Costallat prevê os clamores contra o escândalo que a obra pode conter. Aponta o caráter moralista do livro ao justificar, a partir da expressão livre da arte, a tese educacional da narrativa: “A menina, educada sob certos costumes da época, nunca poderá ser mãe e esposa. Ficam-lhe vedadas as mais puras e as melhores alegrias da vida”⁴⁴⁶. Releva que o caráter moral de seu “sacerdócio”, ao apontar os vícios sociais, não arranharia a família brasileira porque “*Melle Cinema*, a minha Rosalina, faz parte dessa reduzidíssima família internacional de *snobs*, de elegantes e de 'arrivistas', cuja moral varia conforme a moda e conforme a indecente moralidade dos terceiros atos das peças francesas”⁴⁴⁷. Mas a advertência não foi suficiente para livrar o autor e o editor de uma denúncia feita pela Liga Pró-Moralidade em setembro de 1924, resultando na apreensão do livro na livraria Leite Ribeiro, na prisão do livreiro e num processo contra autor e editor, do qual foram absolvidos porque o promotor referendou a tese educacional do prefácio.

A defesa de Costallat e de outros intelectuais, bem como a polêmica, realizadas através da imprensa, se somaram ao enredo na promoção do livro, esgotado dias após o lançamento, com sucessivas reedições nos anos seguintes⁴⁴⁸. O enredo começou a ser filmado em 1924, e só não foi concluído por causa de um incêndio no estúdio de Carmen Santos, atribuído ao ciúmes de seu noivo. O sucesso da narrativa levou o autor, em 1926, a publicar pela sua editora a continuação do romance, *Os Maridas: o marido de melle Cinema*. Nos anos 30, um indício da continuidade do sucesso de *Melle Cinema* está em ser uma das primeiras obras inseridas em uma coleção popular (livros de bolso) da Companhia Editora Nacional / Civilização Brasileira, a Coleção SIP, a partir de 1934. Enquanto isso, mesmo após deixar a editora, Costallat continuava publicando romances na mesma linha, também sucessivamente reeditados na década seguinte, como *Guria* (1929), *A Loucura Sentimental* (1930), *Katucha* (1931), *A Virgem da Macumba* (1934), *A Mulher da Madrugada* (1934).

⁴⁴⁶ COSTALLAT, 1999, p. 30.

⁴⁴⁷ COSTALLAT, 1999., p. 31-2

⁴⁴⁸ Sobre o processo e as repercussões, ver: FRANÇA, 2010, pp. 23-30; EL FAR, 2004, pp. 284-306; RESENDE, 1999, pp. 9-29 e anexos ao livro.

Colleção Economica
“SIP”

**OS GRANDES ROMANCES
POPULARES DE
ESCRITORES CELEBRES**

Formato pequeno, portátil,
próprio para bolso

VOLUMES PUBLICADOS

ALEXANDRE DUMAS — O Conde de Monte Christo —
2 volumes.
BENJAMIM COSTALLAT — Mlle. Cinema.
EMILIO ZOLA — Naná — 2 volumes.
J. M. DE MACEDO — Os Amores de um Medico.
ALEXANDRE DUMAS FILHO — A Dama das Camélias.
JORGE OHNET — Ave de Ranina.
LEON TOLSTOI — A Sonata de Kreutzer.
VICTOR HUGO — Os Homens do Mar — 2 volumes.
ANITA LOOS — Os homens preferem as Loiras.
HENRIQUE CONSCIENCE — A Sepultura de Ferro.
JORGE OHNET — Sergio Panine.
ARMANDO SILVESTRE — Rosa de Malo.
WILKIE COLLINS — O Diamante Fatal.

CADA VOLUME 2\$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

Cia. Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 26/30
SÃO PAULO

Livraria Civilização
Rua 7 de Setembro, 162
RIO DE JANEIRO

Propaganda da Coleção SIP, publicada na *Folha da Manhã*, 26/04/1934, p. 13

Dessa forma, talvez não seja exagero de Brito Broca quando afirma que Costallat “chegou a ser entre 1922 e 25 um dos escritores mais discutidos e mais lidos do Brasil”, afirmação reforçada com um depoimento: “lembro-me do empenho com que por volta de 1924, no interior, eu juntava tostão a tostão para mandar comprar no Rio os livros de Benjamin Costallat”⁴⁴⁹. Como Brito Broca, Nelson Rodrigues chegava a considerá-lo um marco da época e, ao se referir à fugacidade das modas, comenta que “na década de vinte e trinta, Benjamin Costallat era o Proust”⁴⁵⁰. João de Minas, em Uberaba, se não leu o romance, ao menos participou do coro elogioso em prol de *Melle Cinema*:

Melle Cinema, do sr. Costallat, é um livro fácil, rápido, que se lê logo... O livro deveria ser lido por todas as famílias precavidadas. Porque *Melle Cinema*, que tem dado dezenas de contos ao seu autor, pelas suas grandes tiragens, é o melhor livro de educação e moral que jamais se escreveu no país. A mocinha imbecil e metida a sebo que ler *Melle Cinema*, ficará curada. A

⁴⁴⁹ BROCA, Brito. Escritores que ficaram demodés, 1991, p. 341.

⁴⁵⁰ RODRIGUES, 1993.

mulher casa leviana, que tiver o hábito de adornar a testa de seu honrado marido e que ler *Melle Cinema*, ficará curada. O pais de família vadio que andar metido com prostitutas, roubando ou não os cofres públicos, e que ler *Melle Cinema*, ficará curado. (...) O sr. Benjamim Costallat fez realmente livro útil e digno. E que estilo! O sr. Costallat escreve topograficamente Por outro lado, a sua pena rende-lhe muito dinheiro. Enquanto isso, os indivíduos piolhosos das ligas de moralidade roem as unhas, e à noite saltam aos quintais burgueses, indo chupar os beijos de cozinheiras retintas, únicos amores permitidos a impudicícia e prontidão desses indivíduos. Meu abraço, sr. Costallat...⁴⁵¹

O sucesso de Costallat inspirou João de Minas, não sendo por acaso que ele tenha sido o primeiro nome que lhe veio à mente ao ser incitado a escrever um romance, bem como a referência ao sucesso cronista carioca ter sido feita, nos anos 30, no tempo presente (“se imortaliza”). Todavia, sua proposta inicial seria diferente, pois João de Minas justifica sua passagem do sertanismo goiano para o sexualismo carioca pela inovação trazida por uma perspectiva nacionalizadora:

A mulher carioca é uma autêntica brasileira, é uma sertaneja que a Baía de Guanabara lavou de esmeraldas, lavou desse verde de água que é toda a Esperança. Em suma, o espiritualismo do sertão, o sentido do todo pátrio, a unidade da brasilidade – esse quê de revelação pela beleza – estão na alma feminina carioca.

O meu livro “a mulher carioca aos vinte anos” não é, pois, como poderia parecer, um vidro de perfume de Coty ou de Gueldy. É uma garrafa de cachaça nacional. E, como se sabe, é esta a bebida do céu, o aperitivo de Deus.

Realmente, querer estudar a mulher carioca pelo modelo da parisiense, porque a nossa Avenida Central é um subúrbio de Paris, ou porque a Confeitaria Colombo tem freguesas que riem e coçam a orelha somente em *argot*, realmente isso é um erro.⁴⁵²

A proposta final foi diferente desta. Datado de fins de 1933, o prefácio autoral do livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, intitulado “a imoralidade moral e educacional deste livro”, caracteriza-o como “a realidade sexual, nos grandes centros do país”⁴⁵³. Escrito nos moldes do prefácio de *Mademoiselle Cinema*, afirma que o seu sexualismo também se apresenta como escandaloso, direto, afinal “nele, tudo se diz com a franqueza da boa verdade, aquela que é o suporte da vida viva, da vida vivida”. Mas o inferno moral mencionado por Costallat ganha um sentido positivo: “em todo e qualquer terreno, os assuntos sexuais, ou genésicos, ou

⁴⁵¹ Lavoura e Comércio, 1924. Citado por: RESENDE, 1999, pp. 24-5.

⁴⁵² MINAS, João de. Alguns aspectos femininos cariocas. *Correio Paulistano*, 6/9/1930, p. 2.

⁴⁵³ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10.

genitais, ou o que seja – vão se encaminhando para uma liberdade inocente e paradisíaca. Ninguém mais vê o demônio (mundo, diabo e carne) entre as pobres pernas de uma mulher, ou de um homem”⁴⁵⁴. Esta transformação na percepção comum teria implicações literárias, pois levaria os assuntos chocantes a se tornarem uma forma natural de ficção e os escritores a usarem vulgarmente a sua “maneira escandalosa” de escrever. Dez anos após a polêmica de em torno de *Melle Cinema*, o escritor mineiro sentiu-se à vontade para ironizar ou escandalizar a família brasileira do prefácio de Costallat e visar um leitor com percepção liberal da sexualidade, que buscava não ser identificado como moralista. Reconhecendo que esse não é o padrão geral da época, essa parte do prefácio é toda orientada ao tempo futuro, que o leva a vender a ideia de que é precursor de um estilo literário novo.

A capa do livro, com cores fortes como o amarelo ouro e o azul marinho, segue o padrão dos romances sentimentais, apresentando sob o título o busto de uma figura feminina de olhos fechados, ambigualmente sugerindo sono ou deleite sexual, hipótese reforçada pela serpente enrolada sob sua cabeça. O título e a imagem vagas aguçam a imaginação do público para a leitura do livro, a curiosidade em saber quem é a mulher carioca e detalhar o deleite que a capa sugere.

Capa da 1ª edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* (1934)

⁴⁵⁴ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10-11.

Redigida em março de 1931, a narrativa do livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos* começa com Angélica fazendo dezoito anos e passando para o terceiro ano da Escola Normal, onde se torna amiga de Chiquilla, filha de um milionário e conhecedora dos submundos sexuais de Paris, de Iná Mamamu, uma morena metálica “fogo nacional, caboclo”, e da literata e líder feminista Cláudia Bill. Angélica se torna amiga inseparável desta personagem, que se revela interessada em levar as estudantes virgens a uma *garçonnière* para apresentá-lhes “as mais refinadas patifarias”, entre as quais a cocaína e o lesbianismo, feito com um órgão sexual masculino de borracha fabricado na Argentina. Angélica foi a vítima da vez: dopada com cocaína, foi alvo das carícias de Cláudia, mas, pudicamente repudiando a proposta, consegue fugir após um embate com a ex-amiga, que se vingou difamando a virgem de duas formas: distorcendo o que de fato ocorreu na visita ao aposento para o dono da *garçonnière*, que considerou Angélica uma marafona, e, quando a protagonista decide deixar a Escola normal, “Claudia andou depois dizendo que ela fora amistosamente expulsa, por ter sido encontrada com um professor no mictório”⁴⁵⁵.

Na continuidade do romance, a narrativa se desloca para os familiares de Angélica, em especial o pai Anfrísio Souto, caixeiro que viera de Minas ao Rio “descalço, sofrivelmente bichento” para trabalhar na venda do português Manoel Beirão. Sua vida dá uma guinada quando descobre que o patrão Manoel assassinou o conterrâneo Pedro Runa para roubar-lhe barras de ouro, dinheiro juntado em anos de contrabando no porto do Rio. Anfrísio torna-se seu sócio em um negócio cuja prosperidade vinha de empresas e negociatas escusas, com o cinismo estampado no próprio nome:

A firma, além de atacadista e açambarcadora, desdobrara-se em agiotagem, em chantagem bancária, fundando a *Prudência dos Funcionários Públicos*, que emprestava a inúmeros desgraçados, a dez por cento ao mês.

Havia também um monopólio de leite, a *Comp. Saúde das Crianças*, com trinta por cento de água, tifo e disenteria no produto⁴⁵⁶.

Assim, ao sexualismo desenfreado das amigas de Angélica, esta parte do romance acrescenta assassinatos e corrupção. A ferocidade e espírito forte com que Anfrísio realizava as tramoias com os poderes públicos e com a polícia são a sua marca pessoal, que o transformam em um bem relacionado comendador da República. Enriquecido, casa-se com

⁴⁵⁵ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 39.

⁴⁵⁶ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 45.

uma operária de São Paulo, Ana Gontijo, a qual, após desfrutar das benesses da boa vida, passa a odiar a família, rejeitando sua mãe e tratando mal o marido e a filha Angélica. Enquanto a menina cresce, a narrativa centra-se no triângulo Anfrísio, Madame Souto (nome de Ana nas altas rodas) e o mulato Sebastião, sócio de Anfrísio nos negócios e padrinho da filha. Ana torna-se amante de Sebastião, repleta de ciúmes por ele após toda a sociedade carioca descobrir, via jornais, que ele tem um falo descomunal, tornando-se disputado por “todas as mulheres sem-vergonha e insaciáveis”. Ao descobrir a traição com a ministra da França, Ana capta Sebastião com a navalha de barbear do marido, levando seu amante à morte em poucos dias. Ana Gontijo morre logo, vítima de um problema no útero pelas relações com o bem-dotado amante. Anfrísio, retirando-se dos negócios e acreditando na suposta fidelidade da mulher, é duas vezes chantageado por Eusébio, dono do jornal corrupto *A Honra Nacional*, que ameaça publicar as cartas entre sua mulher e o amante, caso não receba dinheiro. O desgosto na leitura das correspondências termina por matar o famoso negociista e comendador, que Eusébio transformou em Conde de Pedro I, comprando do Papa uma falsa comenda.

Angélica tem o mesmo destino trágico do pai. Recusando-se a se casar por interesse, apaixonou-se por Asdrúbal, alagoano, estudante de direito e assistente de Alberico Teixeira, advogado da família Souto. Ambos defenderam Angélica no julgamento de assassinato de Eusébio Cortes, morto quando tentava violentá-la. Após a inocência declarada, os dois advogados combinam um bem-sucedido golpe do baú: Angélica sem saber cedeu todos os seus bens para Asdrúbal, que deu uma comissão a Alberico e fugiu para Paris com sua amante. Esta era uma antiga paixão alagoana que, após a gripe espanhola, tornara-se prostituta e se transformou em uma dançarina de cabaré internacionalmente famosa, Tamar Jon Rá. Sozinha, Angélica morre de desgosto após o falecimento do filho, sendo enterrada em uma cova rasa sem lápide, enquanto Asdrúbal se torna interventor de Alagoas após a Revolução de 1930, ovacionado pela nova imprensa governista de São Paulo.

O autor de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* constrói um mundo corrupto e principalmente hipócrita em todos os seus níveis e em todas as camadas sociais. Se quase todos possuem alguma tara ou desvio moral, o problema é deixá-las explicitamente vir a público numa sociedade falsamente moralista, pois as máculas são difundidas nos pequenos círculos através das fofocas. Uma difamação pode acabar com a reputação social de qualquer indivíduo interessado em mantê-la nesse universo onde as boas aparências são capital porque

permite captar em proveito próprio as aspirações e valores das pessoas. Daí o poder que possui o jornalista corrupto e chantagista Eusébio, que cobra fortunas da alta sociedade para não divulgar atos moralmente reprováveis e destruir reputações. O humor que permeia todo romance se deve em boa parte à forma exagerada e direta como é construída, no plano da linguagem, um contraste entre a imagem pública e os valores e atitudes dos personagens que circulam pela obra. Cada parte da história tem figuras emblemáticas dessa divisão: Claudia Bill (feminista e tarada), Anfrísio Souto (empresário e corrupto), Asdrúbal Melanio (advogado e golpista).

Cláudia, por exemplo, possuía “seu gorro maroto, à banda, um cigarro, uma canalhice ricaça” de quem possuía um casarão colonial, dirigia Cadilacs e atuava como escritora “gênero moderno”, com uma coluna na revista *O Cruzeiro* “ensinando o seu sexo a ser feliz”. Com “fê na carne, fê na matéria, fê na lama *darwiniana*”, entrara em evidência porque sua luta feminista fora “reconhecida” pelo governador do Rio Grande do Norte e, após o banquete em sua homenagem, “Claudia voltou ao Rio dando entrevistas: e discutia a entrada das saias para a Academia Brasileira de Letras. / Ela era candidata”⁴⁵⁷. Amostra do bom relacionamento social da personagem com pessoas chave da imprensa e da política, essa imagem de prestígio é em seguida desmontada pelo narrador ao informar que ela se matriculava no colégio sem a finalidade de obter o diploma, mas

só para remogar, para ser aluna, para ser estudante.

Que vidão!

Podia assim estar na intimidade dessas meninas fresquinhas, doiradas uvas e maçãs humanas, e que lá um dia, de repente, se viam mulher com o sexo e o bico dos seios coçando.

Claudia oficialmente era a vampira dessas jovens sarapintadas de divindade, como que redondinhas Nossas Senhoras, rijamente imaculadas, com o ventre de veludo digno de receber a concepção brocha do Espírito Santo.

A famosa literata gostava de emporcalhar essas santas estúpidas, ainda com a ingenuidade do irracional, ensinando-lhes as mais refinadas patifarias.

Essas lições eram em lugares finos, quartos de casas de “rendez-vous”, com bebidas e cigarros, cocaína, frutas.

Para esse fim Claudia tinha até aparelhos de borracha, órgãos sexuais fabricados na Argentina.

Ela – a César o que é de César! – sabia vencer, impunha-se, como uma aranha de ópio⁴⁵⁸.

⁴⁵⁷ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 178.

⁴⁵⁸ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 16.

A rápida variação estilística corresponde à progressiva revelação do verdadeiro motivo pelo qual Cláudia entrou no colégio. Em poucas linhas, de remoçar para estar na intimidade das estudantes passamos para o “emporcalhar” e das imagens polidas como “meninas fresquinhas, doiradas uvas e maçãs humanas” ou “jovens sarapintadas de divindade” para o agressivo “santas estúpidas”. Permeado por uma prosa oscilando entre o cinismo e a vulgaridade, com referências sexuais em cada parágrafo, o próprio narrador não se contém e troca, nos últimos parágrafos, o eufemismo pela linguagem direta. Logo, dois pares imagens definem Cláudia: “famosa literata” e “vampira”, feminista e “aranha de ópio”. Claramente as imagens públicas, como uma máscara, estão a serviço da personalidade, no caso o lesbianismo desenfreado, como mostra o enviesado discurso feminista de Claudia na intenção de deflorar Angelica com a novidade do tépido Sexo Mecânico Masculino:

o feminismo marcha, minha filha. Por este processo as mulheres podem saborear a vida, sem precisar dos homens, do casamento, e de outras tolices. Com uma vantagem: esta gracinha faz-se sob medida, e as mulheres de... de... boca grande podem ter as carícias volumosas de que precisam. É uma revolução, uma beleza!⁴⁵⁹

Através da figura de Cláudia o autor vale-se estereótipo da feminista lésbica, provavelmente alvejando os discursos de escritoras como Maria Lacerda de Moura e Ercília Nogueira Cobra, que defendiam o amor livre, ou seja, sem as obrigações sociais do casamento; o divórcio, a dignidade da mulher e sua inserção ativa e equânime no espaço público, contrariando as imagens cristalizadas de que seria incapaz pela sua fragilidade emocional e suscetível condição biológica. No romance de João de Minas, o efeito satírico vem da associação do termo “feminismo” a uma relação sexual entre mulheres. Subordinado pela tara de Cláudia, a “revolução” para a mulher seria gozar com uma parceira através do pênis mecânico, sem casamento e homens.

Através da prosa anfíbia do narrador, Angélica, a vítima da vez, reflete com espanto a respeito divisão entre a personalidade pervertida e a imagem pública da ex-amiga. Ao se recuperar do efeito da cocaína,

Ela olhou, e esfregou os olhos, para ter a certeza de que não se enganava.
Claudia, nua, angulosa, faminta, tinha a cabeça entre suas pernas, e chupava-lhe a flor virginal.
Que horror!

⁴⁵⁹ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 25.

A outra, num arranco, tudo compreendeu.

Sim, Cláudia era mesmo uma vampira, uma viciada, como já lhe haviam insinuado na escola.

Ela, bem tola, não dera crédito, pois aquilo não passava de perfídias... Era inveja da baratinha de Cláudia... E do dinheiro que Cláudia recebia dos jornais, e da sua enorme casa de cômodos, da rua da Alfândega.

Não, agora havia o flagrante: a famosa feminista era mesmo uma tarada. Que bandida!⁴⁶⁰

Após a cilada malsucedida, a conclusão do choque de Angélica foi expresso pelo narrador: “Ela vira de repente o mundo em toda a sua crapulice. Como é que Cláudia Bill, o tipo da mulher culta, emancipada até a glória literária, propondo-se a salvar a mulher da cretinice tirânica do homem, era ao mesmo tempo tão formidavelmente reles?...”⁴⁶¹.

Apesar de o contraste entre imagem pública e personalidade também serem constantemente apresentados pelo narrador, o foco do romance será os sucessivos choques de realidade – a crapulice e as perversões sexuais – que enfrenta a protagonista, uma das poucas figuras autênticas do livro. A outra é a milionária Chiquilla, ricaça e esnobe amiga de Angélica. À moda de Rosalina de Costallat, é do tipo que frui e conta às amigas do colégio as mais mirabolantes perversões sexuais de Paris, para onde ia sozinha, “como um rapaz”. O submundo da capital francesa continua sendo o centro do vício e da luxúria do planeta mas, longe de ser antro de perdição, torna-se modelo por incorporar uma nova racionalidade que desconsidera o moralismo: “muitas estrangeiras de espírito, moças sérias, e mesmo virgens, chegam a Paris e esgotam logo o repertório das sensações crespas. É preciso então inventar novas sensações, novas perversões, infâmias estilizadas”⁴⁶². Chiquilla era o exemplo disso: passou uma semana em um curso de mecânica sexual, que ensinava como causar os maiores prazeres a partir de carícias e outras técnicas, após o qual se prostituiu voluntariamente em um convento onde se simulava estupro de freiras por bárbaros hunos, na verdade um bordel temático financiado por milionários americanos fantasiados. Com dinheiro suficiente para desfrutar as benesses francesas, Chiquilla não tinha necessidade de sustentar aparências, o que tornava irrelevante a defesa do moralismo, fazendo com que construísse sua imagem social como uma pessoa antenada com as últimas modas sexuais internacionais.

⁴⁶⁰ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 23.

⁴⁶¹ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 27.

⁴⁶² MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 29.

De certa forma, Angélica era o oposto disso, pois representa o tipo comum dos romances sentimentais, com autêntica sensibilidade romântica formada pelo cinema de Hollywood, almejando casamento por amor com um parceiro fiel para constituir uma família feliz. Mas, ao contrário de Chiquilla, torna-se deslocada em relação ao seu tempo, conforme as palavras singelas do narrador:

Angélica era o tipo representativo da mulher carioca.
Tinha a espiritualidade carnal.
Era essencialmente honesta e pura.
Só não admitia que a virtude fosse feia e analfabeta.
Todavia, essa linda criatura não era do seu tempo quando não se crê mais no amor, porque não se crê mais na família.
Era romântica, sonhadora, e acreditava na felicidade⁴⁶³.

Esta visão do narrador sobre a ingenuidade de Angélica aparece diversas vezes ao longo do romance na boca das personagens, sendo a mais agressiva retomada no final pelo pensamento de Asdrúbal, interessado em gastar o patrimônio da mulher com a amante:

Angélica? Era uma coitada, uma romântica, uma boba. Era o tipo da mulher carioca aos 22 anos, uma trouxa! Honesta, pura, acreditando no amor, quando o amor morreu... Mas tinha o burro do dinheiro, que a Tamar saberia gastar. Ceias... farras... Paris... Que beleza! Angélica, fácilima de embulhar, ficaria de um lado, revirando o branco do olho à 1830... Que cretina, minha Nossa Senhora!⁴⁶⁴

O que Angélica não entendia é que os valores das pessoas não têm correspondência com atitudes autênticas, mas são moedas de troca no jogo social das aparências, com finalidade primordial de facilitar a escalada individual da ascensão social ou encobrir a satisfação das taras sexuais, regados a álcool e drogas. Ao não dar ouvidos às opiniões gerais, cai na cilada de Cláudia e de Asdrúbal, além de ter concepções equivocadas sobre Eusébio, sua mãe e seu próprio pai. Aliás, como a filha, a trajetória de Anfrísio aponta fortemente o esquema dos valores de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*: o sentimento autêntico e amoroso, em sua pureza, levam à ruína porque são idealizações humanas que desconsideram a natureza da sociedade essencialmente regida por interesses. Retirando-se dos negócios e desenvolvendo um amor religioso pela mulher a quem considerava pura e casta, Anfrísio “entrava em decadência, e não era mais o perdigueiro de ouro, o cão negociista. / Suavizava-

⁴⁶³ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 27.

⁴⁶⁴ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10.

se, prostituía-se em serenidades impotentes. / Há quem diga que a santidade é uma forma de impotência. Anfrísio então resvalava-se para a bem-aventurança”⁴⁶⁵. É nessa condição que sofre a chantagem de Eusébio e morre de desgosto com a traição entre a mulher e Sebastião.

O desfecho do romance referenda essa leitura, dando função irônica tanto ao título como às palavras do prefácio autoral, para o qual o livro é um “hino de louvor à mulher carioca”. João de Minas inverte a perspectiva de Costallat e rompe com os finais do gênero romance sentimental de finais felizes: a protagonista não é punida por algum ato imoral que tenha cometido, mas justamente por ser honesta e casta, buscando a realização como mulher através do casamento por amor; o romantismo não leva à redenção, mas à perdição. Todo o enredo é permeado pelos sucessivos choques entre valores e atitudes da protagonista e dos tipos arrivistas, canalhas e perversos sexuais. Como sintetiza Anfrísio, “não há talvez ser humano algum alfabetizado que possa confessar sua vida diante... diante... já não digo de Deus, mas... do Código Penal. Todos temos nossas culpas. Todos!”⁴⁶⁶. A perversão sexual é explícita em Paris e velada no Rio, onde impera o falso moralismo construído sob as bases de falsas aparências, que também encobrem as mais variadas formas de corrupção, apanágio dos ricos e dos pobres que delas se valem, quando há oportunidade, para galgar lucros financeiros e ascensão social.

Esta é a chave para entender a proposta política anunciada no prefácio, no qual o escritor mineiro informa seus leitores que *A Mulher Carioca aos 22 anos* também é

uma ponte entre a república velha e a nova. Nesse sentido, é o único. Este romance romanceia, mudando os nomes dos bois, os últimos tempos da República do PRP. E passa para os primeiros tempos da república nova, ao redor de um moço bonito, que acaba interventor de Alagoas. O leitor, que ler este livro com a competente malícia, compreenderá logo o movimento das máscaras. E decifrárá os heróis e a heroína. Porque eles estão vivos, por aí...⁴⁶⁷.

O trecho procura fisgar o leitor ao desafiá-lo a decifrar uma charada, o “movimento de máscaras” por detrás da mudança política que seria marco entre dois períodos da história recente do país. Ao contrário do prefácio dos livros sertanistas onde a veracidade literal é constantemente reafirmada, aqui o escritor é mais cuidadoso pois, apesar de propor uma

⁴⁶⁵ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 77.

⁴⁶⁶ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 40.

⁴⁶⁷ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10.

correspondência entre texto e vida, o véu da realidade, ou o que pensa sobre os novos tempos, seria desvelado a partir da mediação ficcional.

Semelhante ao que fez em *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*, as referências ao golpe de 30, pela sua concentração no curto último capítulo, provavelmente foram inseridas depois da confecção do resto do enredo, como forma de atualizar a obra e politizá-la. Na contramão dos discursos que buscavam construir a ideia de uma nova era após o movimento de outubro e afinando com os discursos de oposição ao governo Vargas do início dessa década, João de Minas sugere ao leitor nesse final que a sociedade completamente corrompida e o mundo postigo dos “últimos tempos do PRP” continuam os mesmos na Nova República. Sua personificação é Asdrúbal, que teve sua ascensão construída a partir de um golpe na esposa, cuja riqueza também tinha sido erguida pelos roubos e negociatas do pai. Mais uma vez, o narrador é sutil: “Asdrubal, era inegável, entrava para luminosa galeria dos estadistas, proprietários abastados do gordo patriotismo. É que, enquanto ele saboreava Paris, o Sr. Washington Luís foi jogado na lata do lixo, e rompeu a Segunda República.”⁴⁶⁸ A fabricação de aparências continuava operando do mesmo modo que antes, pois Asdrúbal foi ovacionado tanto pelas colunas sociais ao se casar com a amante quanto pela imprensa política. O efeito irônico final advém do contraste entre a trajetória canalha no romance e os elogios do anônimo redator ao “incorrutível” Asdrúbal: “O caso alagoano acaba de ser resolvido de maneira mais popular e democrática possível, sendo nomeado para ali um chefe que é, sem favor, um varão de Plutarco. Um insigne! Um incomparável!”⁴⁶⁹.

Para contar essa história, João de Minas leva adiante o estilo ágil de Costallat, desenvolvendo parágrafos curtos, até mesmo com uma frase, exceto em algumas longas falas de personagens ou notícias de jornal. Em relação à organização do texto, os 26 capítulos numerados também são curtos, contendo subdivisões internas que diminuem as unidades a serem lidas. Como nos livros sertanistas, a tentativa é facilitar o quanto mais a leitura, aumentando a possibilidade de ser consumido por ampla gama de leitores. Quebram a ação tanto as digressões para rápida apresentação das inúmeras personagens, cujas trajetórias constituem pequenas e rocambolescas tramas paralelas, bem como comentários do narrador

⁴⁶⁸ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 208.

⁴⁶⁹ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 209.

sobre as personagens ou situações, alguns cheios de imagens num tom lírico, como a abertura do romance:

Angélica tinha dezoito anos.

Ela se fizera mulher numa noite aziaga, de tempestade.

Ela se lembrava do susto pudico que tivera, pela manhã, ao erguer-se do leito. O lençol e suas calças de seda tinham pétalas de sangue.

A rosa da sua puberdade se desfolhara na sua carne pálida, nessa noite comunista, nessa noite cheia de murros⁴⁷⁰.

Ao longo do livro, o autor abusa das referências à cópula ou órgãos sexuais, ora com referências diretas como “aparelhos de borracha, órgãos sexuais fabricados na Argentina”, “membro triunfante e duro”, “onanismo subjetivo”, “cócega feliz no seu sexo”; ora valendo-se de imagens como “chupava-lhe a flor virginal”, “mulheres de boca grande”, “carícias volumosas”, “pétalas de sangue” (menstruação), “onanismo subjetivo” das mãos duras de Angélica que “mordem machos imaginários”, “Cláudia tinha se transformado em um homem, e bem servido”. O uso dessas expressões alternam-se nas frases que compõem cenas de temática sexual como o ataque de Cláudia a Angélica ou a prostituição de Chiquilla travestida de freira e “possuída” por um milionário fantasiado de Átila. Valendo-se pouco das descrições detalhadas do ato sexual, as cenas acabam se tornando cômicas pelo caráter melodramático, através dos contrastes ou do exageros criados pela imaginação mirabolante do autor ao conjugar elementos díspares como bordel e convento, ou o estudo feito numa perspectiva eugênica da relação entre crimes e formatos anatômicos enormes do “membro viril”, feita pelo dr. Coklin. Essa comicidade permeia todo o romance, somada às constantes reviravoltas reveladoras do caráter vil das personagens, à ironia e cinismo da linguagem do narrador, e à paródia de depoimentos policiais ou páginas sociais e políticas da imprensa.

Vários desses elementos estão presentes nos outros romances compostos na década de 1930, quando o escritor aproveitou sua experiência na capital e no interior paulista para elaborar dois enredos que respondessem à torrente de livros sobre São Paulo. Lançado ainda nos primeiros meses de 1934, junto com *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, o primeiro foi *A Datilógrafa Loura*, com o subtítulo “romance da mulher proletária, em S. Paulo”. O subtítulo evidencia a tentativa de o escritor embarcar na principal tendência literária de meados dos

⁴⁷⁰ MINAS, João de. Prefácio. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 27.

anos 30, o romance proletário, que tematiza, com um viés realista, a vida dos miseráveis ou, nas palavras de um crítico da época, “romance da gente bruta, de corpo sujo e alma limpa como de criança. História de miseráveis que gritam como condenados do inferno diante da natureza ora ressequida, ora estuante, mas sempre esterilizada pelo egoísmo de classe”⁴⁷¹. Nessa concepção alargada, o proletário é concebido não apenas como o trabalhador das indústrias fabris, mas ganha o sentido amplo, designando qualquer desclassificado social.

A mudança política ocorrida pelo golpe de outubro acentuou o impulso de engajamento intelectual para se conhecer o país e combater suas mazelas, agora sob o prisma da recriação de nação nos novos tempos que pareciam se abrir:

Naturalismo, realismo, verdade, espelho eram os termos exatos para ir ao encontro de um país que ainda não tinha sido tratado literariamente. As mensagens eram recebidas como novos marcos morais da sociedade onde coube viver, a qual tinha que se ver para mudar. Esse efeito só poderia ser conseguido com a inauguração de um novo vocabulário: para um novo país, uma nova linguagem⁴⁷².

Uma das formas ficcionais que inspiraram respostas para os problemas nacionais foi o realismo socialista da Rússia pós-soviética, com a promoção da construção ficcional da figura e dos valores do operariado. Após a mudança do regime em 1930 visto como revolucionário, “muita gente se interessou pela experiência da União Soviética, e as livrarias pululavam de livros a respeito, estrangeiros e nacionais. Estes, devidos a observadores entusiastas, como Caio Prado Júnior; simpáticos, como Maurício de Medeiros; ou reticentes, como Gondim da Fonseca”. Surgiram no eixo Rio-São Paulo pequenas editoras como a Unitas e a Calvino Filho que “divulgavam obras sobre anarquismo, marxismo, sindicalismo, movimento operário”, disponibilizando maior número de livros traduzidos sobre a Rússia, doutrina comunista e também romances proletários⁴⁷³.

Não tardou a aparecer no país autores que colocassem o operário como protagonista e a centrar a ação dos enredos nos seus espaços de trabalho, como Lauro Palhano (pseudônimo do engenheiro Juvêncio Campos), com o seu *Gororoba*, de 1931, livro que conta a migração de José Amaro da sua terra natal Ceará para Belém e daí para o Rio, nas quais o autor

⁴⁷¹ A citação é Orris Barbosa, “Romances do Norte”, *Momento*, out. 1935, (II, 1), p. 3 *Apud* BUENO, 2006, p. 168. Bueno define e explora os debates em torno do romance proletário no item III do capítulo 2.

⁴⁷² SORÁ, 2010, p. 108

⁴⁷³ As citações são de CANDIDO, 1984, p. 31. Ver sobre as editoras comunistas MOTTA, 2005, pp. 343-365; CARNEIRO, 2002.

aproveita para retratar aspectos do cotidiano do trabalhador. Apesar de não pregar uma solução revolucionária e sim religiosa, portanto sem estar ligado ao pensamento político de esquerda, este livro, por colocar um operário no centro da ação ficcional, foi identificado como uma grande novidade tributária dos romances soviéticos por críticos como Agripino Grieco: “O *Gororoba* inaugurou aqui, talvez sob o influxo da novíssima literatura russa, o romance proletário que ainda ignorávamos e que os leitores de Gladkov, o autor do *Cimento*, de Lebedinski, Serafimovitch e outros, desejavam ver introduzidos no Brasil”⁴⁷⁴.

Foi nos anos seguintes que a denominação para esse tipo de enredo tomou corpo e se difundiu. Mesmo que tenha sido usado por críticos em artigos de revistas ou mesmo por Pagu como subtítulo do seu *Parque Industrial*, lançado em janeiro de 1933 em edição restrita, o termo “romance proletário” foi popularizado após julho ou agosto

com a publicação praticamente simultânea de *Cacau*, de Jorge Amado, Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, pela Ariel, e daquele que seria considerado o grande romance do ano, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, pela Schmidt. Esses três livros provocariam um grande debate em torno do romance proletário. Se essa expressão já fora usada aqui e ali anteriormente, como já vimos, neste momento ela passou a ser obrigatória. O debate foi grande e se estendeu, sem perda de entusiasmo, até pelo menos 1935, e catapultou imediatamente *Cacau* e *Os Corumbas* à condição de grandes best-sellers do ano. Neste momento se rotinizará uma leitura dos novos livros, por parte da crítica, que partirá da adesão ou não de seu autor ao romance proletário⁴⁷⁵.

Apreendido e logo liberado pela polícia, contribuindo para seu sucesso de vendas, o romance *Cacau*, do já comunista Jorge Amado, ao contar a situação dos trabalhadores das fazendas cacaueiras de Ilhéus através da personagem José Cordeiro, parece sintetizar a concepção panfletária do romance proletário defendida pelo autor, que o caracteriza pela abordagem da vida dos miseráveis, denúncia da exploração, o predomínio da massa em detrimento do indivíduo, a despreocupação da moral burguesa, e sobretudo na existência da solução revolucionária ou mudança radical das estruturas sociais através da luta⁴⁷⁶. Menos posicionado politicamente, *Os Corumbas* de Amando Fontes foi melhor recebido pela crítica justamente por fazer romance social sem propaganda partidária, enfocando o peso das

⁴⁷⁴ GRIECO, Agripino. *Evolução da Prosa Brasileira*, 1933, p. 304, *Apud* BUENO, 2006, p. 118, grifo do autor. Uma leitura do livro de Palhano é feita por Bueno nas páginas seguintes, no qual mostra sua distância com os romances proletários com uma visão de esquerda.

⁴⁷⁵ BUENO, 2006, p. 150-60, grifos do autor.

⁴⁷⁶ BUENO, 2006, p. 164-5.

estruturas sociais sobre o cotidiano dos trabalhadores fabris. O livro conta a trajetória de uma família que sai do interior de Sergipe para Aracaju em busca de melhores condições de vida, mas padece de uma sucessão de desgraças como a deportação para o Rio do filho adepto do comunismo, a morte de uma filha e a queda na prostituição das outras três, defloradas e abandonadas por seus amantes, deixando como opção aos pais o triste retorno à terra natal⁴⁷⁷.

O efeito *best-seller* e a boa recepção da crítica encorajaram outros escritores a se aventurar na seara desses autores: “nos quatro anos seguintes, com os mais variados resultados que é possível imaginar, surgiram romancistas de todas as partes do Brasil, encorajados pelo sucesso desses romances de 1933”⁴⁷⁸. Um deles foi João de Minas que, atento a essa tendência e circulando pelas editoras de esquerda, anuncia outra negociação com a Unitas no final de junho de 1933, ocasião na qual diz que a finalidade do seu *A Datilógrafa Loura* seria cuidar da

vida do arranha-céu Martinelli, a vida furiosa e de cimento armado, cruel e positiva, que se vive numa dessas casas de egoísmo estilizados em egoísmo... A datilógrafa loura é uma formosa proletária, como esses milhares e milhares de moças que lutam nos escritórios, sofrendo, correndo atrás de ilusões, e não raro sem jamais atingir o seu ideal de felicidade juvenil. Este é o livro, o primeiro que se escreve em São Paulo, ou quiçá no Brasil, em torno à vida de uma datilógrafa, loura pelo menos...⁴⁷⁹

A ironia da frase final mostra a ciência que o escritor mineiro tem da moda literária na qual deseja se inserir, a abordagem da vida de uma datilógrafa “loura”, segundo ele um tipo operário não abordado no romance nacional. Além do marketing pessoal ao anunciar uma inovação, o anúncio traz dois elementos do enredo, uma combinação dos temas da literatura proletária, o sofrimento das moças que “lutam” nos escritórios, com a literatura sentimental, uma história de amor de uma “formosa” datilógrafa loura em busca do frustrado “ideal de felicidade juvenil”. A intenção é juntar a tendência intelectual e literária mais gerais, marcada pela ênfase no social, com um gênero difundido pelo grande público.

A capa do livro traz no formato visual esses elementos. Ao representar partes da narrativa, apresenta uma ilustração colorida, onde predominam o preto, o cinza e o amarelo, que reforça o louro do cabelo da jovem. O cenário do escritório é mínimo, com uma parede e

⁴⁷⁷ BUENO, 2006, p. 184-199.

⁴⁷⁸ BUENO, 2006, p. 198.

⁴⁷⁹ UM ESCRITOR consagrado. *Jornal do Estado*, São Paulo, 22/06/1933 p. 2.

uma mesa com um objeto semelhante à máquina de escrever, além da moça loura ao centro, uma posição contida com as mãos protegendo a pequena bolsa e um rosto de expressão um tanto impaciente, vestindo-se com saia longa xadrez, *tailleur*, camisa com gravata e boina de banda, com rosto bem maquiado, boca de batom e olhos fechados carregados no lápis e na sombra, vestimentas e maquiagem na moda dos anos 1930. Complementarmente, duas referências visuais deveriam ser familiares ao leitor da década: os prédios ao fundo, que concretiza uma associação de São Paulo com os arranha-céus, o que na época compunha a ideia hegemônica sobre a cidade franco progresso econômico; e o perfil estilizado da moça lembra Greta Garbo, uma atriz sueca de grande sucesso através das películas de Hollywood que chegavam aos cinemas brasileiros, estabelecendo uma associação que visa reforçar a beleza da datilógrafa.

Capa de *A Datilógrafa Loura*, 1934; Greta Garbo⁴⁸⁰

O estilo do texto do autor é mais truncado que o livro anterior, com parágrafos curtos exceto em algumas longas falas de personagens. Em relação à organização do texto, a quantidade dos capítulos numerados cai para onze, aumentando seu tamanho mas mantendo as subdivisões internas que reduzem as unidades textuais a serem lidas. O número de

⁴⁸⁰ Esta foto, disponível no site oficial de Greta Garbo, foi extraída da coleção particular da atriz, que deu origem ao livro *Garbo – Portraits from her Private Collection*. O endereço eletrônico, acessado em 8/6/2012, é: http://www.gretagarbo.com/Official_Website_of_Greta_Garbo/GARBOS_GARBOS.html#5

personagens diminui, possibilitando que as digressões para se contar suas trajetórias rocambolescas aumentem em tamanho e sejam mais trabalhadas. Já a edição da Calvino Filho foge ao padrão dos livros do escritor, pois o tamanho da letra e o espaçamento entre as linhas é menor, com o aumento da mancha. Em termos do arranjo do texto na página, *A Datilógrafa Loura* está mais próxima de *Jantando um Defunto* que dos outros romances dos anos 30.

A narrativa de *A Datilógrafa Loura* centra-se em Altamira, funcionária de um escritório localizado no Martinelli pertencente ao gordo capitalista Alfeno, recebendo pelo serviço 150\$000 mensais, abaixo do salário médio dos operários na década, em torno de 200\$000. A datilógrafa possui um irmão de doze anos, Jim, que vende jornais pelo movimentado centro da cidade; a mãe, d. Carmela, é doente, com um câncer no olho que lhe causa delírios e dores constantes, cuidada por uma prima solteirona, d. Luca. Boa parte do enredo conta as agruras materiais de Altamira, como o empobrecimento da família de ex-fazendeiros de café, a fome constante, o cansaço, a falta de dinheiro para tratar a doença da mãe e para pagar as despesas com mantimentos. Sua casa é pobre, localizada no bairro operário do Ipiranga, de onde a datilógrafa toma um velho bonde ensebado para trabalhar no centro. Além das agruras mencionadas acima, Altamira ainda tem que se livrar dos tipos que buscam cortejá-la sexualmente, como Alfeno, sr. Leonardo (da venda do bairro) e um velho de bigodeira que lhe oferece um brilhante por uma aventura. Novamente, um romance de João de Minas tematiza o conflito entre uma mulher e o mundo torpe à sua volta, sendo que Altamira faz o tipo da desgraçada, vitimada pela realidade por causa de sua condição financeira, rodeada de tipos corruptos que exploram os pobres, como o médico dr. Juliano Felix, Alfeno, os donos das fábricas, as megeras das pensões de almoço etc.

Em vários momentos do livro, o narrador esboça protestos explicitando o conflito de classe, à moda dos discursos de esquerda. Quando Altamira, ao ouvir o patrão falar no poder do amor romântico, pensa em pedir-lhe um adiantamento para operar sua mãe, mas teve um medo repentino, porque “ela, mísera máquina de produção nas mãos de aço e sangue do capitalismo, já via o patrão fechando de repente toda aquela hipocrisia, e olhando-a com o sinistro ódio milenário de um inimigo irreconciliável”⁴⁸¹. Outras menções às “escravas brancas do conde Matarazzo”, “pobres catadores de café” sem pagamento, soldados da luta de 1932 na miséria por terem sido ludibriados, datilógrafas sumarentas e caixeiros doidos de

⁴⁸¹ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 60.

fome que esbodegam o corpo “como um burro no serviço, num escritório pestilencial, ou na loja morrinhenta de um judeu”⁴⁸². Por exemplo, quando Altamira entra numa joalheria,

O caixeiro veio atendê-la cansado, talvez doido de fome.

Era desses caixeiros desgraçados, e que comem com o patrão, mas não dormem com ele.

Mas como o patrão de manhã comeu já um boi, o patrão vai almoçar à uma hora, ou duas.

E o caixeiro, que só chamou uma xícara de café matinal, aguenta calado. Senão, rua! Leis do trabalho? Feitas para não serem cumpridas, como a dos menores...⁴⁸³

Essas trechos de protesto contra a condição operária são combinados com uma história de romance sentimental, pois o fio condutor repousa no cortejo a Altamira por três personagens: o patrão Alfeno; Arlindo Mistral, um sedutor com “bigodinho de Ramon Novarro” (ator de Hollywood) que atua numa *garçonière* no próprio Martinelli, especializada em deflorar jovens datilógrafas e transformá-las em prostitutas de luxo; e Jonas Falcão, um antigo amor de Altamira que reaparece como militar e aviador a serviço da “Revolução”. O coração da datilógrafa pende para o casamento com Jonas mas, seguindo a linha do livro anterior, o destino da protagonista não é dos melhores: pretendendo pedir Altamira em casamento e tirá-la da pobreza, Jonas procura-a no emprego, sendo informado pelo ascensorista que ela teve uma “conferência” com Arlindo, o que faz o aviador deixá-la e ir sozinho numa viagem de estudos para a França. Pouco antes, Alfeno, sob o pretexto de lhe adiantar dinheiro para operação da mãe, convence Altamira a ir à sua *garçonière* e tenta violentá-la, sendo que ela escapa por causa de dois indivíduos que, vítimas do negociasta, vão ao local para dar-lhe uma surra. Nesse momento, o acirramento das desgraças (desempregada, faminta, abandonada pelo amor, com o irmão preso por roubar o dinheiro do jornal, a mãe doente) leva Altamira a procurar Alina, dona de uma casa de caridade que a datilógrafa descobre ser fachada para um prostíbulo. Alina convence-a tornar-se uma prostituta de luxo e, por ironia, seu primeiro cliente foi o ex-patrão Alfeno. Retomando uma cena do primeiro capítulo na qual a datilógrafa loura admira uma moça afrancesada que quase a atropela com um Cadillac, a última cena do romance mostra Altamira afogada em diamantes e casaco de peles num automóvel, sendo admirada por pobres operárias das fábricas Matarazzo.

⁴⁸² MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 114.

⁴⁸³ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 117.

O autor longamente apresenta essa ideia da prostituição como veículo de ascensão social no início e no fim do romance através de duas personagens, Arlindo e Alina, especialistas em lançar meretrizes de luxo no mercado. Arlindo, por exemplo, comenta a miséria da condição das datilógrafas em tom de blague:

Uma dessas mocinhas, por exemplo, trabalha como um burro aí num desses escritórios, justamente para... morrer de fome. Almoçam media com pão, têm as meias furadas, usam calcinhas abomináveis de algodão... (...) Aos domingos elas, coitadinhas! Não podem nem tomar um sorvete, quanto mais uma bebedeira. Com a feliz mania da seriedade, da honra, da tal membrana sagrada intacta, uma coisa até anti-higiênica, elas acabam se casando com o porteiro, o ascensorista, ou um seu colega de escritório não menos faminto... (...) A fome do casal engrossa, vêm os filhos, a rataria, a ninhada de filhos, que crescem sem bons ossos, sem bons nervos, pessimamente alimentados, e vão depois pesar como uma carga criminoso sobre a nossa raça...⁴⁸⁴

O discurso supostamente simpático às proletárias do início do trecho termina se revelando agressivo com essa classe. São motivos de desqualificação seu trabalho, suas vestimentas, sua falta de dinheiro inclusive para comer, o casamento dentro da classe, os filhos, além do costume de a mulher casar virgem. O parâmetro implícito, com tonalidades racialistas, é aquele levado por uma rica elite arrivista, sexualmente liberal e economicamente luxuosa. É segundo essa concepção que o poeta e seus amigos se consideram “sociólogos práticos; fabricamos, com um certo órgão do corpo, a emancipação da mulher proletária, destrancando-lhe a porta do mundo moderno”⁴⁸⁵. Quando as datilógrafas se tornam prostitutas internacionais de luxo,

quando chega a esse ponto supremo da sabedoria, pode ser tudo, até rainha... Começa, por exemplo, sendo deusa. Logo se enche de joias, cava palacetes, vai à Europa, aprende a estourar champanhe... entra para o teatro, para o cinema, ou mesmo se casa na alta sociedade apatacada, no mundo dos coronéis, dos marchantes. Como você vê, no fundo, a finalidade dos 13 Vampiros é fazer a felicidade real, efetiva, das pálidas datilógrafas, das tristes empregadinhas de escritório. Não somos uns beneméritos? Confessa...⁴⁸⁶

Dona Alina, cafetina “filósofa, da legítima”, vai na mesma linha ao contar sua trajetória de sonhos e desilusões a Altamira:

⁴⁸⁴ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 35.

⁴⁸⁵ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 39-40.

⁴⁸⁶ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 38-9.

Eu já fui como você, já tive vinte anos. Eu era toda uma ilusão, um sonho, um dia sem noite... Um bacharel escreveu inúmeros versos para mim. E casou-se... com o meu dote, umas boas casas. Aos trinta anos eu estava na miséria, e viúva, com duas meninas... Fomos procurar trabalho na indústria, no comércio, no progresso de S. Paulo. Sofremos as mais horrorosas humilhações, trabalhando como animais, como escravas, para ganhar o necessário... para morrer de fome⁴⁸⁷.

Após contar como se recuperou ao prostituir-se a si mesma e as filhas e, com isso obter uma ótima vida, Altamira lhe inquire sobre um possível emprego, ao que a filósofa lhe propõe o meretrício, com fabulosas vantagens à jovem datilógrafa:

Seu emprego?... Vou lhe ser franca... Eu não lhe mando para uma fábrica, um escritório, enfim um desses matadouros dos pobres honestos. Isso eu não faço. Tenho consciência. (...) Prefiro que você descanse, engorde, poupe os nervos, coma e beba como uma rainha, ponha dinheiro no banco, compre bangalôs, cure a sua mãe, ponha o seu irmão num colégio, tirando-o da rua... (...) Muito simples, minha filha. Eu tenho uma coleção de velhos milionários, meus amigos, que dão dez contos por cada menina perfeita que eu lhes arranje... por uma, duas, três noites. Eu fico com vinte por cento, o resto é da futura capitalista⁴⁸⁸.

A associação entre a exploração do proletariado e do corpo da prostituta não é nova, pois já de longa data fazia parte do discurso anarquista, configurando o tradicional *topos* da prostituta vítima⁴⁸⁹, e vai ganhar relevo nas narrativas da década, como comenta Luís Bueno a respeito da representação feminina: “nunca se viu tanta mulher caindo na vida como no romance de 30”⁴⁹⁰. Em João de Minas, não há uma desvalorização da meretriz nem uma perspectiva do fim da condição de prostituta pela alteração das estruturas sociais⁴⁹¹, mas a utilização do corpo como forma de ascensão social no novo mundo regido pelas mercadorias, o que implica a destruição da moralidade tradicional. Alina disse “tenho consciência” porque percebe que tudo é negócio, fonte de lucro, tanto que se refere às suas meretrizes como “capitalistas”, dotadas de um bem que, colocado no mercado, pode gerar lucros exorbitantes,

⁴⁸⁷ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 156.

⁴⁸⁸ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 159-160.

⁴⁸⁹ “A prostituta trabalha, se cansa, é usada e explorada tanto quanto a operária. Por isso ela não deve ser desprezada nem marginalizada, dizem os libertários, já que é mais uma vítima da exploração do capital. Basta observar a origem social de grande parte das mulheres públicas para se dar conta de que o proletariado fornece o contingente principal”. RAGO, 1987, p. 109

⁴⁹⁰ BUENO, 2006, p. 303.

⁴⁹¹ “A eliminação da prostituição, portanto, só poderá ocorrer com a revolução social e a mudança radical das estruturas econômicas, com o fim do Estado e sobretudo com a reversão da moral burguesa.” RAGO, 1987, p. 110

os 8 contos de réis. Transformar o corpo em mercadoria, explorando o desejo alheio, é uma forma de obter poder e dinheiro. Aqui, prostituição não é sofrimento nem degradação social.

Tal alternativa está aberta apenas às mulheres jovens e bonitas, capazes de seguir o alto meretrício. O destino daquelas que não podem usufruir do corpo é outro: ou permanecem na miséria, sofrendo exploração e humilhação como a maioria das mulheres pobres e proletárias, ou ainda, só ou acompanhadas dos maridos, valem-se da outra forma de ascensão, a corrupção política e exploração do trabalho alheio.

Apesar de aberta às mulheres como Alina, no romance essas soluções são desenvolvidas em personagens masculinos. É o caso do pai de Altamira, Estevão Melo, um modesto sitiante do oeste paulista que, em 1920, vendeu suas terras e rumou para mais a oeste, onde “meteu-se em grilos, associou-se a rabulas e agrimensores práticos, inchou, virou major (...) em poucos anos o antigo sitiante era um grosso fazendeiro”⁴⁹². Alfeno teve um percurso semelhante: largado pela mulher na noite de núpcias, “até ali, ao vinte e quatro anos, só tivera pontapés do destino, no seu pobre traseiro. Empregado no comércio, nunca passara da vassoura”⁴⁹³. Tinha pretensões de entrar para o circo como palhaço quando conheceu uma baiana quitandeira que mudou seu destino: arranjaram uma pensão no Largo da Memória, onde recebia chefes políticos do interior que iam à capital. Então

Passando a conviver com chefetes do interior, com deputados boçais, ele foi tomando pé num mundo de cavações especiais. Fez-se aos poucos intermediário de negócios (de prostitutas, de ‘francesas’, com os seus hóspedes), agente, procurador, servidor, testa de ferro nos A Pedidos da imprensa. Quando deu fê, tinha encaminhado um empréstimo para uma câmara municipal, Araraquara, chefiada pelo herói de um linchamento, um tal Plínio de Carvalho. Um dia, comprou por uma miséria o subsídio de três meses de um senador cocainômano. E... Estava banqueiro!⁴⁹⁴

Daí por diante foi uma sucessão de grilagens, agenciamento de operárias para os poderosos do PRP, fornecimentos para os batalhões de 1930 e 1932, etc. E, aos cinquenta anos, tinha feito fortuna através desses negócios e contatos políticos, possuía um “escritório de complicações comerciais e bancárias, corretagens sujas, etc., no prédio Martinelli, 17º andar, sala 408”⁴⁹⁵.

⁴⁹² MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 17.

⁴⁹³ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 129-130.

⁴⁹⁴ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 131.

⁴⁹⁵ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 6.

No mundo de *A Datilógrafa Loura* esses negociastas e cafetinas/cafetões são as pessoas que se revelam portadores de maior inteligência prática, uma compreensão de como funciona as regras: renegando ou utilizando todo os valores, ideais e aparências sociais em prol do sucesso financeiro. Isso porque os ideais, sonhos e desejos burgueses também estão presentes nas mentes proletárias, utilizados por Arlindo para atrair moças para sua *garçonnière*:

nós lhe enfiemos nas cabeças sonetos, ideias de arte, cançonetas, tangos argentinos, gemido de violino, e... bebidas, em lindos cálices. (...) Damos às pequenas retratos de artistas de Hollywood, com autógrafos falsificados. Fazemos-lhes preleções sobre a vida sublime das atrizes, as maravilhas do cinema...⁴⁹⁶

Altamira não está imune a esses ideais, pois também lia os romances e suspirava com as películas hollywoodianas, pensava seriamente na ideia de Arlindo de se tornar a nova Greta Garbo, invejava o luxo das francesas sobre os Cadillacs e tinha seus delírios de riqueza em frente das vitrines de joias. Somente os ideais de moral e virtude é que impedem as jovens de realizar seus desejos valendo-se do corpo, mas essa moral é o elo mais fraco que vai sendo minado quando há uma tensão extrema contra a miséria da realidade. Após recusar um diamante, Altamira reflete consigo:

E dizer que ela, minutos antes, ‘morta de fome’, ‘jogara fora’ um brilhante azulado!... Mas, si ela o aceitasse, e as consequências, e os beijos e lambeções do velho da bigodeira?... Veio-lhe uma ideia, que entrou no seu espírito como um ratinho ágil, que sai de um buraco invisível: ninguém saberia, tudo seria em segredo... assim um mistério... uma aventura... Mas... e a sua consciência, o seu caráter? Ela ficou pasmada, olhando vago. Descobria que, na ‘realidade’, essas coisas não existem. Mas porque foram inventadas? ‘Deviam ter sido inventadas pelos industriais, pelos agiotas, pelos açambarcadores... pelos alfenos... para terem nas suas garras, trabalhando para eles e morrendo de fome, inúmeras mulheres, homens e crianças...’ Este pensamento assaltou-a, sem ela esperar. Ela repeliu-o. E começou a mexer na máquina⁴⁹⁷.

Altamira sabia que Alfeno, mineiro que dizia ser paulista “só para tapear”, era especialista em usar bordões em benefício próprio, “falando muito em 'família', 'Deus', 'pátria', o 'nosso dever de homem de bem', e ultimamente a frase encantada 'Tudo pelo bem de São Paulo!'.”⁴⁹⁸ Na sua forma explícita, esse raciocínio retornará na boca de Alina, refletindo

⁴⁹⁶ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 36-37.

⁴⁹⁷ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 124.

⁴⁹⁸ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 33.

como a moral e os valores são instrumentos de exploração das massas pelos poderosos. A cafetina dá às filhas “uma educação moderna, no sentido econômico e sociológico”:

verifiquei o seguinte: a pessoa, trabalhando, desprestigia-se horivelmente, passa a figurar na ralé social. Mas eu fui compreendendo o segredo do luxo e do prazer de muito figurão. Comecei a ver que tudo é negócio, cavação, egoísmo... Não há nada neste mundo que não vise o dinheiro, o burro do dinheiro. E este tudo compra, absolve, embeleza. (...) Afinal, verifiquei que uma das mercadorias mais vendáveis é a mercadoria invisível, inexistente, irreal. Tudo o que é pura fantasia, mentira absoluta, vende-se formidavelmente. A virtude, a caridade, a salvação do Estado, o bem público, a paz, a ordem, o céu, o inferno, etc., fantasias estúpidas, vendem-se a preços fabulosos⁴⁹⁹.

Essa tese e seus argumentos, as explorações e práticas ilícitas já analisadas acima, se concretizam em um tempo-espaço específico, a sociedade paulistana do início de 1933, época onde se passa as ações do romance. Nesse sentido, pode-se dizer de *A Datilógrafa Loura* que também é uma ponte entre a República Velha e a Nova, mas o acento recai na última.

Primeiramente, o romance também tematiza a Revolução de 1930, visto que esse evento é o principal responsável pela situação das personagens principais, a família de Altamira e Jonas. O pai de Altamira, Estevão Melo, teve a fazenda de café falida com a crise de 1929 e, perrepista, morreu de apoplexia ao ser caçado na mata “como um pouco caeteté” pelos simpatizantes democráticos quando a revolução estourou. Por conta disso, sem encontrar os amigos de outrora, a família passa por um processo de proletarização. Jonas teve o destino inverso: filho de plantadores de café de uma fazenda vizinha à de Estevão, por cobrar o salário dos pais foi expulso após tomar uma surra dos jagunços e, por pirraça política, foi acolhido como funcionário pelo pai de Altamira. Quando o velho major pegou Jonas e Altamira flertando, mandou o delegado prendê-lo e deportá-lo para Mato-Grosso. Mas o delegado muda de lado e o recomenda como novo praça para a Força Pública de São Paulo, como elemento secreto do Partido Democrático. Após a Revolução, Jonas tornou-se tenente, iniciou o curso jurídico e se tornou um dos aviadores mais badalados da capital, codinome Falcão Vermelho, recebendo um convite do Ministro para realizar estudos aeronáuticos na França. Um dia passa de automóvel pela casa de Altamira e vê sua tia, iniciando uma busca incessante pela datilógrafa para pedi-la em casamento. Logo, o romance procura incorporar a

⁴⁹⁹ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 156-7.

ideia de que houve uma mudança no país após o movimento de outubro de 1930, aqui filtrada pela trajetória de dois principais protagonistas.

Todavia, Alfeno é o principal símbolo da camada corrupta que sobrevive entre as duas épocas, beneficiando-se dos poderes vigentes:

“Sou, como a senhora sabe, paulista e civil. Tudo tenho feito pelo bem de São Paulo. Fui até já vereador municipal, no tempo do nosso Paulino Molinaro. Isso não quer dizer que eu também não tenha em Outubro de 1930 posto o meu tijolo no edifício da Revolução. Mas fui iludido, na minha santa ingenuidade. E logo na Revolução Constitucionalista fiz força... fiz uma bruta força contra o Getúlio, aliás meu íntimo, meu amigo de infância”⁵⁰⁰.

Uma parte da comicidade do romance está na desmontagem dessa sucessão de clichês de Alfeno. Por exemplo, quando Jonas e Alfeno discutem sobre as participações no conflito de 1932, com o aviador ao lado das forças federais, Altamira desmente o padrão: “aqui seu Alfeno não tem cicatriz nenhuma. Ele não pegou sequer num canivete para defender São Paulo. Ele ficou no seu escritório, despachando fornecimentos, por ótimos preços, que o general Ataliba Leonel lhe arranhou”⁵⁰¹. Em todo o livro, as negociatas da personagem ficcional Alfeno são tramadas junto com nomes da política paulista e nacional como Pedro de Toledo, Sílvio de Campos, Francisco Morato, que exploram os pobres anônimos de eventos históricos, como os soldados que lutaram por São Paulo em 1932. Além de Alfeno, a cafetina Alina também é muito bem relacionada, pois seus principais clientes vão de bicheiros a comendadores, entre os quais os filiados à “Chapa Única, por São Paulo Unido”, partido formado em São Paulo pela união do PRP e do PD para as eleições constitucionais de 1933.

Daí se percebe que, para João de Minas, toda a nata da sociedade paulista, passada e presente, está metida com corrupções, o que torna o discurso de união veiculado por meio dos símbolos coletivos de paulistanidade uma falácia destinada a enganar a população para obtenção de prestígio e poder. Se a exploração dos miseráveis trabalhadores pelos patrões continua e as leis não são cumpridas, a Revolução de 30 e as lutas de 1932 só serviram para mudar os homens no poder político, gerar fortunas a negociastas, alavancar algumas trajetórias, destruir outras e deixar aleijados e famintos alguns heróis de guerra. Logo, todas as condições de antes de outubro de 30 permaneciam, propiciando mais revoluções. Esse tema aparece duas vezes no romance, a mais explícita em um sonho profético de Altamira. Numa parte deste, ela

⁵⁰⁰ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 83.

⁵⁰¹ MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 103.

vê seu destino próximo de meretriz, sendo possuída por Alfeno, então candidato à Chapa Única (essa parte se torna realidade), e por um marinheiro no Mangue, bairro de prostituição no Rio de Janeiro. A outra cena de sonho era protagonizada pelo seu amado que a deixou:

Jonas a olhava, dizia-lhe:

- Eu não fui à França estudar aviação coisa nenhuma. O Espírito Santo Cardoso, o João Alberto, o Goes Monteiro, o Juarez, o Pedro Ernesto... esse pessoal de tutano me mandaram foi comprar armas. Armas, que é o espírito revolucionário! Para a Revolução, a verdadeira, sob o Brasil, por debaixo, nos alicerces!...

E Jonas ria, vitorioso, todo alastrado de bordados e galões.

Ao lado, o dr. José Américo comia páginas duras d' "A Bagaceira", com pão e cebola.

Altamira olhou bem, viu. O tenente Jonas era agora generalíssimo de mais duas batalhas de Itararé. Era também o barão de Itararé. Estava no Catete, sentado no palco supremo. Era o terceiro ou quarto Ditador!⁵⁰²

Essa extensão, no futuro ficcional, das sucessões de ditadores no poder é uma projeção de determinada leitura do passado, visto que para os grupos ligados ao PRP a revolução de 1930 foi sendo tramada “por debaixo, nos alicerces”. Outras referências estão na Batalha de Itararé, o conflito entre legalistas e revolucionários que acabou não acontecendo, e na imagem de José Américo de Almeida, então ministro de Vargas, devorando páginas de sua famosa obra. Como no romance anterior, há uma visão ressentida da Revolução de 30 e do governo Vargas que faz com que o autor transforme sua ficção num ataque impiedoso a toda a sociedade passada e futura, ressaltando a continuidade em vários níveis das canalhices entre as duas épocas, minando assim o discurso oficial que pregava uma ruptura com a corrupção política das oligarquias.

Se os temas e comentários sobre a exploração do pobre aproximam o romance *A Datilógrafa Loura* dos romances proletários, a tese cínica os contradiz. Não há nenhuma menção à luta operária organizada, nem aos movimentos anarquista ou comunista, muito menos a uma perspectiva de libertação ou melhoria de vida dentro do sistema capitalista. Longe de qualquer posição revolucionária, a única via que se apresenta para os proletários deixarem sua condição é a completa inserção no sistema onde reinam dinheiro e poder, abrindo mão dos valores antigos de virtude e moral sexual para reproduzir a corrupção dos corpos e das consciências, ou se tornar objeto pela venda da beleza no circuito de prostituição,

⁵⁰² MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 162-3, grifo do autor.

correlato bem cotado da exploração dos corpos operários numa fábrica. João de Minas parodia os clichés de duas tendências, uma mais intelectual – o romance proletário – e outra mais popular – o romance sentimental, de final trágico – para, através de um humor cínico e irônico, alvejar a sociedade paulistana, em especial as construções identitárias que circularam a partir de outubro de 1930.

Continua nessa perspectiva o outro livro de João de Minas sobre São Paulo, lançado no segundo semestre de 1934, *Uma Mulher... Mulher!*. Assinado com a data de março e abril de 1933, o ambiente no interior do estado de São Paulo, recém percorrido pelo autor em 1932, e a presença do tema sobre o Movimento Constitucionalista de 1932 mostram a intenção do escritor de aproveitar a corrente de livros sobre a “guerra paulista”. Esse movimento editorial, com foco na cidade de São Paulo, foi iniciado já em outubro de 1932, estendendo-se pela década até o Estado Novo, com 115 títulos publicados por grandes e pequenos editores ou gráficas até 1940. A maior parte concentra-se nos dois anos seguintes ao conflito, declinando a partir de 1935, muito provavelmente em função dos estoques das editoras e do arrefecimento dos ânimos por conta do retorno da Constituição em 1934⁵⁰³:

Publicações sobre a Revolta Constitucionalista (1932-1940)

Anos	Publicações	%
1932	30	26,09
1933	51	44,35
1934	16	13,91
1935	8	6,95
1936	5	4,35
1937	3	2,61
1938	1	0,87
1939	0	0,00
1940	1	0,87
Total	115	100,00

Fonte: CAMARGO, Áureo de Almeida. Roteiro de 1932.; Biblioteca Nacional; Memorial de 1932 – Centro José Celestino Bourroul. In: ABREU, 2010, p. 86. Além da obra de Camargo, uma listagem dos autores encontra-se no Apêndice B da tese de Abreu, p. 299 e ss. O livro de João de Minas não está computado pelos autores.

⁵⁰³ ABREU, 2010, p. 91 e ss.

Lugar de Publicação (anos 30)

Lugar de Publicação	Publicações	%
São Paulo	65	56,52
Rio de Janeiro	29	25,22
Interior Paulista	6	5,22
Po[rto] A[legre]	3	2,61
Curitiba	2	1,74
Belo Horizonte	1	0,87
Sem lugar	9	7,82
Total	115	100,00

Fonte: CAMARGO, Áureo de Almeida. Roteiro de 1932.; Biblioteca Nacional; Memorial de 1932 – Centro José Celestino Bourroul. In: ABREU, 2010, p. 87. Além da obra de Camargo, uma listagem dos autores encontra-se no Apêndice B da tese de Abreu, p. 299 e ss. O livro de João de Minas não está computado pelos autores.

Dentre os gêneros publicados estavam aqueles com finalidade de documentar o conflito, como os relatos de batalha, diários de campanha, relatórios de mobilização civil, reportagens, bem como os literários como romances, biografias dos mortos, crônicas, contos, poesia e anedotas. A maioria dos títulos foram produzidos do lado paulista, como forma de afirmar a unidade regional e social em prol da causa. Tinham como referência para a memória do conflito a tradição historiográfica da “epopeia bandeirante”, ressaltando a bravura e sacrifício ao evocar o mito do bandeirante herói, mobilizado para a luta pela liberdade contra o inimigo externo, a “ditadura”, termo pejorativo usado para designar o governo Vargas⁵⁰⁴.

A narrativa canônica criada pelos constitucionalistas se situava entre dois regimes de historicidade: o regime heroico e o regime moderno, entre a história mestra da vida e o futurismo. De um lado, apelava-se à história épica como maneira de narrar os acontecimentos e descrever personagens exemplares. Seu sacrifício e a unidade de propósitos que os reunia deveriam ser lembrados, pois eram encarnações de virtudes cívicas quase atemporais. Em certa medida, a retórica do “martírio de São Paulo” em nome do Brasil remetia a um passado mítico situado no tempo do bandeirismo, quando os paulistas desenharam as fronteiras nacionais e o povo genuinamente brasileiro. Esta visão do tempo da colônia convertia-se em símbolo do compromisso de São Paulo com o Brasil. A força dessa imagem era tão evidente e difusa que os autores representaram seu comprometimento com a “epopeia de 32” a partir do conteúdo daquela representação do passado e de sua forma. Por outro, estes mesmos homens sentiam-se parte de um movimento de ruptura com o passado e se viam como construtores do Brasil futuro. As ações heroicas que narraram não eram, e não poderiam ser, a

⁵⁰⁴ Uma análise dos temas e gêneros mobilizados pelo lado paulista encontra-se em ABREU, 2010, p. 104-131.

repetição dos exemplos do passado, mas sim mais alguns indícios do movimento de construção da nacionalidade. Além disso, e mais importante, as narrativas estabeleciam os feitos que indicavam um sentido da história nacional: a evolução dos princípios liberais na ordenação das relações sociais e políticas. A Revolução de 1932 seria, pois, um passo na marcha para o futuro desejado. Sua lembrança impunha-se imediatamente como um dever cívico uma vez que o horizonte apresentava-se nublado por outras possibilidades políticas que significariam um desvio no desenvolvimento político nacional⁵⁰⁵.

Já os seis livros que defenderam o governo central

chegaram ao público através dos livros de Mário Casasanta, *As razões de Minas*, que teve duas edições apenas em 1932; de Almáquio Dinis, *São Paulo e sua guerra de secessão*, de Eustáquio Alves, *Misérias da política nos bastidores da revolução*, de Clóvis Gonçalves, *Carne para canhão! O front em 1932*, e Cid Correia Lopes, *A reconquista do poder*, todos em 1933; o ensaio do “tenentista” Mário Ferreira de Medeiros, *Alberto Torres e a revolução de São Paulo*, e o texto de Luisa Branco, *Campanha revolucionária*, ambos em 1934. Com exceção do último, os livros que defendiam as posições dos “ditatoriais” foram publicados no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre por editoras importantes como Pongetti, Alba e Ariel do Distrito Federal, e a Editora Globo da capital gaúcha. Os argumentos centrais destas obras reproduziam a versão do evento forjada durante a guerra pelo governo provisório: a “revolução paulista” seria um movimento separatista e contrarrevolucionário porque fomentado pela plutocracia paulista e pela oligarquia política deposta em 1930. Estes argumentos centrais apareceram nos manifestos de Getúlio Vargas dirigidos à Nação, em julho de 1932, e ao povo paulista quando a derrota dos constitucionalistas já se assinalava no horizonte no mês de setembro⁵⁰⁶.

João de Minas utilizou elementos das duas versões, mas estes vão aparecer apenas nos nove capítulos finais, emergindo do tema principal do livro que são as desventuras amorosas femininas, cujos ideais de romantismo esbarram na canalhice masculina e nos valores conservadores de uma sociedade provinciana. No início do romance, contrariando a vontade da mãe Ziroca, que à força queria casar a filha com o quarentão Setubal, a protagonista Luciana foge com sua repentina paixão, Abelardo, dono de fascinantes olhos verdes: “Foram no ford para dormir bem agarradinhos, bem enroscadinhos, em Campinas. Ela ia dar-lhe tudo. Queria dar-lhe o seu destino. Porque ele – ela não duvidava – era um puro, um espírito gentil, e certamente nunca amara a mulher alguma, senão a ela...”⁵⁰⁷. Logo em seguida seu amado se transmuta, revelando-se um bruto, ofendendo-a porque não queria ceder sua virgindade. Na

⁵⁰⁵ ABREU, 2010, p. 90, grifos do autor.

⁵⁰⁶ ABREU, 2010, p. 130-131.

⁵⁰⁷ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 20.

linguagem irreverente do escritor, as decepções se seguem, pois em Campinas a jovem araraquarense descobre mais duas seduções de Abelardo, além de ele lhe deixar sozinha para pagar a conta do Hotel. O retorno para Araraquara também é penoso pois “para o mundo ruim ela era agora uma refinada prostituta, uma perdida integral”⁵⁰⁸. Sua má fama é complicada porque sua mãe morreu após sua fuga, o que lhe acrescenta o estigma de filha ingrata. Diante da situação, sua tia Zaías lhe revela a verdade sobre seu passado: seu pai fora viciado em jogo e sua mãe prostituta, angariando os bens e joias dos coronéis da região, motivo pelo qual Luciana não deveria temer seguir o ofício materno: “é só dipená os trôxa. Vamo, co a graça do Divino Isprito Santo, ganhá um disputismo di cobre. Cuma vantage, siá Liana: ocê agora recebe os macho pela porta da rua, cum honra, cum dignidade. Já sua mãe, coitada, era família, i as orgia era udo pelas porta do fundo, di noite...”⁵⁰⁹.

Ao longo do romance, os arroubos e consequentes desventuras amorosas também aparecem nas amigas de Luciana, as quais, como ela, não conseguem ser felizes com os amantes pelos quais se apaixonam. A amiga de infância Margarida valoriza inicialmente as loucuras e foge de Araraquara após se envolver, na capital paulista, com um reformador político santista. Com medo da pressão o político promete-lhe casamento mas a dopa com narcótico, deita-se com um desconhecido e, com medo do escândalo da família, passa a morar no bordel de uma cafetina em São Paulo, onde engravida, adquire a sífilis e o vício da cocaína. Já uma das alunas de piano de Luciana, Júlia Sul, moça de origem modesta ascendeu socialmente ao se casar com o velho ricaço André Benfati, de uma família tradicional de Araraquara. Mas é amante de um gigolô argentino em São Paulo, que a espanca e chantageia ameaçando entregar suas cartas e fotos picantes à família do marido. Sua vida se complica quando o cunhado arma um flagrante de adultério e o marido a pega nua com o amante. Condenada na ação de desquite por causa do escândalo, ficou na miséria, sendo espancada pelo amante argentino. Outra aluna desventurada é Oxana, uma judia que, após a morte da mãe, cuida dos irmãos e é obrigada a se deitar com o pai para ele não gastar o dinheiro com mulheres na rua. Engravidada do pai e, diante da recusa da ajuda de Luciana para abortar, suicida-se. A prima de Setúbal, Ginja 2, também padece: mesmo sendo prometida pelo pai ao promotor e caça-dotes Cláudio, namorava às escondidas com o “patife” Bianchi. Quando

⁵⁰⁸ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 24.

⁵⁰⁹ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 33.

engravida deste, é expulsa e deserddada pelo pai Lazinho, terminando amigada com o amante, que lhe recusa o casamento. Até mesmo a negra Arlinda, irmã da empregada Clara, após ser bastante espancada é abandonada pelo marido por quem se apaixonara, o qual se amanceba com uma italiana, sendo recolhida com o filho para a casa de Luciana.

Todos esses casos exploram os desvios das normas sociais e dos ideais de casamento, seja a união entre homem mais velho e uma moça como forma de ascensão ou manutenção do *status* social, seja o ideal romântico de amor entre jovens parceiros para constituição de uma família feliz. Desde o século XIX, mas em especial nas coleções para moças da década de 1930, inúmeros enredos tomavam por mote justamente a defesa desta forma de amor romântico contra a imposição dos interesses dos pais, terminando no final feliz com casamento por amor ou mesmo na morte de um dos parceiros pelo impedimento na consumação da paixão. Aqui, em João de Minas, a sátira parece obedecer a um viés realista no qual os homens são canalhas e se valem das expectativas femininas para deflorá-las e abandoná-las ao julgamento social de puta, reservado às que não se enquadravam no papel de mãe. Além da literatura, os destinos das personagens parecem extraídas das páginas de *fait divers* dos jornais, com a exploração sensacionalista dos casos de adultério, abandono, incesto e queda na prostituição. Um exemplo é o caso do adultério de Júlia Sul, que no romance aparece noticiado na quarta página do Estado de São Paulo. Após descrever a fama de virtuosa e o caso com o argentino Mar del Plata cujos encontros ocorriam no quarto de um edifício na praça da Sé (São Paulo), dá-se o desfecho do flagrante:

Chegando à porta da garçonière, e ouvindo la dentro a voz da esposa, que naquele momento cantava qualquer coisa, nas alegrias da farra, o esposo perdeu a cabeça. Num acesso de furor, arrombou a porta, e entrou, de revolver em punho. Os amantes estavam completamente despidos, e bebiam champagne. Ele tocava um banjo... O pânico foi indescritível. O sedutor conseguiu escapular, escondendo-se num escritório ao lado. D. Júlia não conseguiu o mesmo, pois o marido a visava com a arma, descarregando-a repetidas vezes. Ela então se atirou pela janela, e teve a sorte de prender-se na tabuleta “Aqui se trabalha pelo Brasil”. (...) Começaram então os trabalhos para se tirar a mulher prostituída da tabuleta cívica, abundando aqui os episódios trágicos e cômicos, diante da formidável multidão lá em baixo. A desgraçada desfalecia, ia perdendo as forças, e não tardaria a rolar no vácuo...⁵¹⁰.

⁵¹⁰ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 105.

Apesar dos aspectos trágicos como o flagrante do marido, o escândalo social pelo adultério, a exposição da nudez feminina frente a uma multidão, o perigo por causa dos tiros e depois com a queda, o clima pesado é desfeito pela descrição da farra dos amantes nus tomando champanhe e cantando ao som do banjo, e pela moça nua presa à placa do próprio escritório de caridade, montado para possibilitar encontros com o amante, disfarçado por um bordão nacionalista. A sátira novamente se vale do tema da hipocrisia, construída a partir do choque entre os socialmente aceitos valores cívicos, religiosos e morais, mobilizados para encobrir um costume socialmente reprovável.

O que salva a protagonista do ostracismo reservado às colegas é o amor incondicional do pretendente rejeitado, o advogado e ex-boêmio quarentão Setúbal Tiano, membro de uma das mais tradicionais famílias da cidade. Após expulsar sua tia de casa pela indecente proposta, a jovem Luciana decide dar aulas de piano e, curiosamente, começa a ser bem falada na sociedade como uma boa filha e ter moças bem-nascidas como clientes, de quem se torna confidente dos dramas amorosos. Meses depois descobre que Setúbal não aguentou ver a desgraça da amada e mudou-se para São Paulo, mas antes pagou Zaías e a própria prima Matilde para falar bem a seu respeito. Comovida, a jovem procura Setúbal em São Paulo e lhe propõe casamento, o qual é prontamente aceito, com o desfrute da lua-de-mel na fazenda de um parente de Setúbal, coronel Lazinho. A gratidão é redobrada quando Luciana descobre que o marido mandou matar seu ex-amante Abelardo, que a difamava em toda a Araraquara. Mas este casamento feliz é desestabilizado no momento em que o ginecologista Filipe, o filho de Setúbal (que pensa ser seu afilhado) chega da Alemanha para montar sua clínica no palacete do casal. Após o ex-boêmio advogado ser impedido pelo médico de praticar sexo, Luciana se envolve com o afilhado, que possui os olhos verdes do ex Abelardo, e torna-se sua amante. O caso é mantido mesmo após o padrinho revelar-lhe que é seu pai.

É nesta parte que fica evidente o estereótipo da mulher emocionalmente suscetível, histérica, nervosa, impulsiva, que também pode ser atribuído às suas amigas. O motor das ações de Luciana é o furor amoroso que a leva a deixar a mãe doente para fugir com o recém conhecido Abelardo, a pedir Setúbal em casamento como gratidão apaixonada e, quando este não mais tem condições físicas de propiciar-lhe o sexo, a loucamente se entregar a Felipe. O trecho do romance que justifica o título sai da boca de Luciana, quando não aguenta a passividade do amado frente a suas provocações e o agarra desenfreadamente: “Escuta,

Felipe... Eu sou uma infeliz. Eu sou uma mulher... mulher! Uma desgraçada!! E assim tenho que amar, que obedecer ao meu sexo. As outras não são a mulher... mulher. E podem ser tudo, até homem... Eu sou só isto – a mulher, o amor, o sexo. Sou tua!”⁵¹¹. Logo em seguida, enquanto a esposa se entrega ao afilhado, o Dr. Proença acompanha seu paciente Setúbal ao cinema e teoriza:

Eu, como estudioso de Freud, tenho notado que todas as mulheres perfeitamente mulheres, bem sexualizadas, são ótimas esposas, ótimas mães, deusas do lar... Ah, meu caro, o Freud é um bicho! (...) Mas há as exceções, é claro. Quando uma mulher... mulher, quando uma mulher dessas falha, então se torna um monstro. Um monstro de crápula, de devassidão... ⁵¹².

João de Minas junta as difundidas teorias de Freud nos anos 20 e 30 com uma posição naturalista, à moda de Júlio Ribeiro (*A Carne*, 1888), que atribui à constituição feminina as causas dos apetites e consequentes desvarios sexuais, fundando-as não mais em sua natureza biológica mas psíquica. Somada a essa ideia está a noção de trauma que gera a repetição obsessiva, exemplificada no fascínio da protagonista pelos olhos verdes, os quais marcam os momentos tensos da narrativa, a fuga com Abelardo, a sedução de Felipe e a busca compulsiva de amantes de olhos verdes no Rio. O título do livro é justificado pela ideia de que é reservada às mulheres apenas o domínio do “amor, o sexo”, seja nos arroubos sentimentais, na prostituição ou no papel de boas esposas e mães. O escritor claramente se distancia do discurso feminino que atribuía a esse tipo de mulher as características de candura, meiguice e outros traços de passividade, valorizando sua pró-atividade sexual.

Todavia, tendo como importante marco o sufrágio feminino permitido em 1932, o debate também é travado contra uma posição feminista que luta pelo direito das mulheres à atuação política e à vida profissional em igualdade com os homens. Seus primeiros ecos aparecem no romance na descrição de uma prima pobre de Setúbal, Ana Petrina

Era professora pública em Araraquara, e de noite lecionava aos meninos pobres. Fundara ultimamente uma associação cívica denominada ‘O Operário Agrícola Paulista está Morrendo de Fome’. Com esse gesto, afirmou definitivamente a sua reputação de maluca. Mas ganhou imenso prestígio, tornara-se uma líder feminina em todo o Oeste de S. Paulo. Aos

⁵¹¹ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 158. Em seguida, o autor descreve a entrada no ato sexual: “Anda com isso... depressa... ladrão! Você sabe como é que se faz?... Eu te ajudo... aqui... faz força... o divã aguenta... se não aguentar, vamos para o chão, o chão, o chão... a gente nasce, sai é do chão... o chão é a cama do mundo...”

⁵¹² MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 159.

domingos, ou sempre que fosse preciso socorrer um trabalhador agrícola faminto ou moribundo, ela percorria a cidade vestida de luto, pedindo, com um saco de boca aberta nas mãos, um ‘esmolinha pelo amor do Brasil, para os parias da fazenda de café!...’. Seca, amarelada, com pouco cabelo ruivo, óculos, voz muito doce, tinha trejeitos de palhaço. Fazia rir, usava botinas de homem, com saltos tortos. Quando se enfurecia, num discurso, na praça pública, tinha o cacoete de suspender um pouco as saias, num arranco inspirado, mostrando as canelas de cegonha. Essa mulher, assim cretinizada pela mania de amparo aos míseros plantadores da riqueza do Brasil, era já um poder.⁵¹³

Ana Petrina é a única personagem de toda a obra de João de Minas que se envolve com política. A visão cínica do narrador é carregada, construindo a imagem de uma mulher feia, malvestida, ridícula, doida e masculinizada, justamente a caricatura feita das feministas na época, que fogem ao estereótipo e ao papel socialmente aceito de boa mãe e amante. O aspecto normal da atuação das mulheres aparece quando Setúbal deseja fazer Felipe deputado, após Getúlio acenar com a Constituinte. O velho Tiano adora o prestígio do médico bonitão e o constante assédio das pacientes, pois “as mulheres, em suma, votam. E elas, sexo é sexo! melhor votarão nos homens que lhes cutucarem no coração...”⁵¹⁴ Luciana segue esse padrão:

era a favor da Ditadura, mas só para convencer o amante a não ser constitucionalista, e não se meter em embrulhos. Não conseguiu seu desejo. E ficou com a sua insensibilidade, com a sua indiferença diante de tudo que não se referisse ao seu sexo, à sua mulherice. Era uma mulher... mulher. Somente⁵¹⁵.

Essa visão da mulher não orientada para a política vai permanecer até o final do romance, mas serviu ao escritor para dar as primeiras cutucadas nos poderes vigentes. O fato de Luciana não ter vocação para política não significa que ela não a acompanhasse

Luciana teve então, de repente, ódio ao marido. Ele roubava-lhe o seu homem, levava-o para a política, para o Rio, para os ministérios, para os grandes hotéis, para o esplendor da civilização... E lá as mulheres lindas não o deixariam voltar... Que pouca vergonha! Ia protestar, achando que o dr. Felipe não devia se meter na política. Ademais, a Constituinte não viria... O Getúlio, com os tenentes, e o João Alberto, o Goes Monteiro, o Juarez... não queriam leis. Eles queriam era a Ditadura perpétua... Não vê que eles eram trouxas! Ela ia dizer tudo isso. Ia advogar femeamente, mulhermente, defendendo o seu pedaço de carne masculina no prato da vida⁵¹⁶

⁵¹³ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 107.

⁵¹⁴ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 169.

⁵¹⁵ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 189.

⁵¹⁶ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 148-9.

Já no contexto da organização da luta armada, a apaixonada Luciana comentou algumas verdades que os homens se recusavam a ver, pois era “inteligentíssima, ela lia tudo, sabia de tudo. E erguera-se na mesa, xingava os heróis da Frente Única” para contrariar o marido e o amante. No diálogo em que Setúbal faz balanço dos apoios ao levante, ao que Felipe comenta que “nós temos nós mesmos, os paulistas, e basta. Eu não sei porque: mas parece que nasci de novo; quero brigar por S. Paulo!”, Luciana perde a paciência:

- Você não tem medo de uma violência?... A Ditadura pode instaurar a pena de morte. E melhor deixar de tolices, essas infames conspiraçõeszinhas. Eu sou ditadurista... S. Paulo precisa de paz, de trabalho. Isso é que é patriotismo. Esses politiqueiros descarados, como o seu Morato, esse traidor Pedro de Toledo, o seu Sílvio de Campos, Ataliba e outros vagabundos, que roubaram à beça na República Velha, não hão de arrancar os nossos... os nossos... digamos os nossos filhos dos nossos braços, para servir aos seus miseráveis estômagos... (...) Sou! Sou! Sou contra essa... guerra de S. Paulo! Não, guerra de alguns cavadores, que querem de novo instalar no poder o Julinho, o Barbado, e se encherem mais ainda do suor amoadado do povo. Malditos! Bandidos!!⁵¹⁷

Nos três últimos capítulos o desenrolar dos dramas no triângulo amoroso se misturam aos eventos políticos-militares, reforçando a opinião da protagonista. Como a Constituição não é promulgada, irrompe o conflito entre as tropas paulistas e as forças federais em julho de 1932. Atormentado pelo remorso da traição ao pai, o médico Felipe doa sua herança de 8.000 libras ao MMDC, pela qual “ganhou logo o posto de coronel honorário do Exército Constitucionalista. Mas ele jogou essa patente na lata do lixo, insultado com o caráter de traficância que deram à patente” e se alistou como soldado raso no regimento 9 de julho. Setúbal, preocupado, segue atrás (“dessa vez a lata do lixo recebeu uma patente de capitão”⁵¹⁸) mas não pode salvar o filho da morte e, sobre seu túmulo, termina o romance lamentando a vida, após ser abandonado por Luciana. A jovem araraquarense foge do casamento após receber um convite da amiga Margarida para aproveitar Paris. Ainda no Rio, termina o livro em sua companhia, obcecada à busca de jovens amantes de olhos verdes.

Para contrapor a sátira aos paulistas pelo “puxão de orelha nos fabricantes de oficiais em série”, o autor reabilita a personagem Margarida para dar uma visão cínica da posição federal. No dia do próprio casamento, Luciana dá-lhe dinheiro, usado para tratar a sífilis. Então Margarida foi para o Rio e, na zona de prostituição do Mangue, desperta a paixão de

⁵¹⁷ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 171.

⁵¹⁸ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 185.

um soldado revolucionário que veio do Ceará em 1930. A pedido de Vargas, o soldado foi para a França comprar armas contra os constitucionalistas de 1932, tornando-se figura tão eminente a ponto de Margarida mudar de nome e se tornar “Condessa de Borba Gato”, acompanhando o marido que, pelos serviços prestados para a vitória federal, termina no Rio de Janeiro candidato à Constituinte por Sergipe, indicado pelo ditador. É em Paris que Margarida escreve para Luciana contando, além da sua reviravolta, a finalidade da viagem:

E, ouça esta! Estamos aqui comprando armas para o Getúlio, para a Ditadura, canhões à beça, mas principalmente espingardas pica-pau para caçar tico-ticos constitucionalistas, essa gente doida do nosso Estado que quer cuspir no prato revolucionário... Enfim, estamos no nosso papel de bons brasileiros. E palpita-me o coração que você é da Ditadura, avec o seu bom senso... Voilá! Mas (que ninguém nos ouça), se você não for, não faz mal, que eu sou de todos, e quero hoje é o cobre. Eles são todos iguais, e querem é o tesouro, é os cargos, o saco da nota⁵¹⁹

É Margarida quem tem a função de despertar a consciência de Luciana para a vida medíocre e provinciana que a protagonista estava levando, reforçada pela angústia provocada pelo abandono do amante. Margarida se alheia do jogo político e toma posições nas quais não acredita, não para manter o amado próximo a si mas, a partir da visão prática da prostituta, percebe o jogo de interesses envolvidos e se aproveita para enriquecer e gozar o luxo. Também não passa despercebido a falsidade das posições sociais fabricadas que levou uma meretriz do Mangue a se tornar condessa, esposa de deputado Constituinte.

Nunca computado em qualquer bibliografia sobre o movimento constitucionalista de 1932, este livro de João de Minas parece ter uma visão irreverente do evento, imune a qualquer tentativa de mitificação justamente por colocar em relevo como os símbolos e argumentos mobilizados obedeciam menos à lógica do bem comum e sim a grupos com interesses políticos e econômicos bem marcados. Mais especificamente, o que está em jogo não é a Constituição mas o retorno da elite paulista ao poder federal, ou então, do lado federal, não é a manutenção do ideal da revolução, mas do grupo tenentista à testa do Estado. O efeito parece um balde de água fria nos mitos de heroísmo, pois os mortos e feridos não se sacrificaram por uma causa, mas por grupos de bandidos. Não por acaso, João de Minas mais uma vez ressalta a continuidade entre a República Velha e a Nova, com os senhores daquela

⁵¹⁹ MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 181-2.

tentando retornar ao poder pelas eleições à Constituinte e, depois, travestidos de revolucionários constitucionistas.

Confere certa ambiguidade a esse discurso o fato de, no romance, a todo momento ser enfatizado o estereótipo que são movidas pela emoção, com interesse primordial no amor e no sexo. Se essa posição conservadora em relação à extensão do direito feminino a atuar no espaço político mina a credibilidade da fala das personagens, essa mesma posição de fundo apaixonado ou interesseiro, alheia aos conflitos, permite marcar comicamente uma crítica aos discursos de legitimação dos defensores da causa paulista ou do governo federal. Além disso, os relatos das agruras e decepções amorosas, bem como os consequentes maledicências sociais, abrem espaço para a sátira de costumes às convenções conservadoras e aos ideais românticos das histórias açucaradas para moças.

A capa trouxe alguns elementos da trama.

Capa de Uma Mulher... Mulher!, 1934; Fuseli, O Pesadelo, versão de 1790-91, óleo sobre tela⁵²⁰

O fundo completamente preto não possui nada que remeta a qualquer ambiência. No primeiro plano aparecem apenas duas figuras: no quadrante inferior esquerdo há uma moça

⁵²⁰ Depositado no Goethe Museum, Frankfurt. ROSENTHAL, 2008, p. 143.

branca toda nua, maquiada e de salto alto, com olhos fechados de prazer e com braços se projetando para cima, na direção de uma cabeça masculina na parte superior esquerda da imagem. A cabeça tem cor de pele branca, curtos cabelos negros e olhos verdes, os quais parecem olhar de maneira agressiva na direção da jovem. A parte direita da imagem é toda reservada aos dados editoriais, o nome do autor e o título em branco, e o “apresenta” e o nome da editora em verde. Já no quadrante inferior esquerdo aparecem a assinatura do ilustrador Gutierrez e a modalidade do gênero: “romance sexual paulista”.

A imagem da capa de *Uma Mulher... Mulher!* possuía duas referências visuais compreendidas para um público mais atento. A primeira é mais popular, remetendo à forma cinematográfica, feita na transição do autor para o título: “João de Minas apresenta Uma Mulher... Mulher!”. Diferentemente de preencher a imaginação sobre a protagonista com o rosto de uma diva do cinema americano, o que é acessado nesta capa é a de maneira pela qual os filmes são introduzidos, criando a confusão entre as expectativas de duas formas de narrativas, uma das quais tinha bastante prestígio e difusão nos anos 1930. A segunda referência é erudita, visto que o esquema visual parece inspirado na segunda versão de um dos mais famosos quadros do romantismo europeu, “O Pesadelo” (1790) de Fuseli, cuja primeira versão causou escândalo pela sua carga erótica. A capa de Gutierrez é limpa de toda a ambiência que havia no quadro, fazendo com que o negro do fundo ressalte as imagens de primeiro plano. Mas os elementos que foram mantidos, a mulher desfalecendo de prazer e a cabeça que irrompe na cena, mantém a carga erótica do original, que é reforçada pela nudez feminina e explícita na menção do gênero “romance sexual”.

Se as lindas mulheres nas capas são constantes na edição das obras do escritor mineiro nesse ano de 1934, a última com maior poder apelativo, os elementos estruturantes das narrativas de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* estão presentes em *A Datilógrafa Loura* e *Uma Mulher... Mulher!*. Os três romances constroem a ideia de um mundo torpe onde imperam egoísmo e hipocrisia pois todos os valores morais ou solidários são meros simulacros e mercadorias. Raras as exceções, todos ao redor da protagonista são corruptos e/ou tarados que se valem das aparências socialmente valorizadas para enganar o público e se autopromover.

A protagonista romântica é sempre muito bonita, oriunda de uma família nova rica, com posses obtidas através de práticas socialmente condenáveis: nos dois primeiros romances, o pai ascendeu socialmente através das negociatas, e no último a mãe conseguiu posses pela prostituição. Em todos os casos, a principal figura de autoridade da sua família pretende casar a filha segundo interesses, tentativa recusada pela jovem sonhadora. Geralmente essa figura de autoridade morre no início ou no meio do romance, deixando a personagem principal livre para se casar por amor. O grande conflito é que esses casos não levam a finais felizes. Separadas de suas paixões, que terminam mortos ou em altos postos da corrupta política nacional, todas sucumbem, seja às sucessões de desgraças do mundo: Angélica morre, Altamira abandona a consciência moral e Luciana termina obsidiada atrás de encontros fugazes com amantes de olhos verdes. O ideal de casamento pela consumação de amor feliz não se realiza, apesar de ilusória ou fugazmente ele ocorrer em *A Mulher Carioca* e *Uma Mulher... Mulher*.

A composição dos romances acompanha as mudanças de estadia do escritor mineiro, de Uberaba para o Rio, depois para o interior paulista e, por fim, para a cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, acompanham o desenrolar dos eventos políticos recentes da história nacional, a mudança de regime político em 1930, o conflito constitucionalista de 1932 e a promulgação da Constituinte em 1933. Estes não apenas têm um decisivo papel no destino final das personagens, como o autor reforça satiricamente a perspectiva de que a corrupção e a hipocrisia perduram em toda a sociedade brasileira entre as duas épocas, a República Nova e a Velha. As variações também ocorrem por conta da moda literária. *A Mulher Carioca aos 22 Anos* e *Uma Mulher... Mulher!* constroem seus enredos numa crítica satírica aos costumes sociais, o primeiro focando os vícios morais e sexuais de uma camada de ricos e arrivistas, à moda dos romances dos anos 20, e o segundo a partir dos dramas amorosos de jovens mulheres, à moda dos romances sentimentais. Já *A Datilógrafa Loura* carrega no tom de denúncia a moda do romance proletário, fazendo com que a linguagem sexualizante e o foco nos costumes diminuam, com a maior parte do humor repousando na crueza e cinismo como que descreve as situações de espoliação.

Dessa forma, João de Minas valeu-se de uma fórmula narrativa em torno da qual elaborou seus romances desse ano, misturando os dramas amorosos de suas belas protagonistas com uma sátira política e social, nos quais haviam referências aos episódios políticos recentes do país. A visão cômica do presente, além de dar atualidade à sua obra para cativar as graças

do leitor médio através dos escândalos, também destilava todo o ressentimento do escritor em relação ao novo poder político e a toda a sociedade que tais poderes pretendiam exprimir.

Sob os casarões e igrejas de Ouro Preto: narrativas histórico-sexual-religiosas

Em 1935 João de Minas recuperou textos publicados desde 1928 no jornal *O Paiz* e na revista *Ilustração Brasileira*, os quais formariam um volume de contos sobre Ouro Preto. Em 1929 teria o título de *Fêmeas e Santas*⁵²¹ que, no ano seguinte, foi modificado para *Mulheres do Céu*, anunciado como

obra de arte pura, obra profunda, cheia de misticismo e amor, nos cenários mortos e lívidos da bi-secular Ouro Preto, quando era Imperial Cidade, com suas igrejas enormes, cheias de ouro, lendas e milagres, com suas damas da nobreza, com seus frades, lavras mucamas, vitrais, oratórios, retábulos da Virgem, procissões, sinos, tedeuns, enfim a ronda tremeluzente do passado colonial. Saudade, perfume de sonhos, pétalas caindo no silêncio que se ajoelhou diante da Eternidade. O autor, nesse livro – que já vai entrar para o prelo – ascende ao deslumbramento, e nos aparece como Dante, passeando nas alamedas de uma outra vida, talvez uma vida anterior... “Mulheres do Céu” é o breviário das mulheres vaporosas, românticas, marfinadas em espiritualidade, finas, históricas, amando príncipes, perplexas diante do Amor Imortal...⁵²²

Devido ao envolvimento do escritor com a política e com diversas modas literárias no início da década seguinte, os textos foram engavetados. Quando os retomou foi para publicar, simultaneamente após julho de 1935, os livros *Fêmeas e Santas* e *A Prostituta do Céu*.

Fêmeas e Santas é um coquetel de todos os gêneros em que atuou o escritor mineiro: há quatro contos sertanistas, ambientados nos sertões próximos e profundos; o “trailer” do romance sexual “A Mulher Carioca aos 30 anos”; e outro do romance policial “Nos Misteriosos Subterrâneos de São paulo” (dois capítulos). Mas o livro recebe esse título pelas oito histórias de tom autobiográfico e memorialístico ambientadas em Ouro Preto, que contam casos de mulheres e suas agruras sentimentais ou devocionais⁵²³.

Nestes, há uma divisão entre dois tipos de mulheres. As “santas” mantêm um ideal de virtude e moral sexual, vencendo as agruras do mundo ou do próprio desejo ou paixão, e as

⁵²¹ MINAS, João de. O Cadáver da Leprosa, no seu Banho de Estrelas. *O Paiz*, Rio, 15/09/1929, p. 1

⁵²² PALOMBO, Rômulo. Livros Sensacionais de João de Minas. *Folha da Noite*, Belo Horizonte IN: MINAS, João de. Sangue de Ilusões, p. 306

⁵²³ A concepção de mundo dessas histórias analisamos em trabalho anterior. ALMEIDA, 2008, pp. 118-123.

“fêmeas” são aquelas que dão vazão às suas pulsões sexuais, colocando-as sempre em primeiro plano, mesmo enganando ou matando. Os dois perfis de mulheres aparecem em várias condições: divididas entre sua moralidade e seu desejo (podendo ou não lhe dar vazão), defendendo sua moralidade contra o assédio do mundo, abandonadas ou traídas pelos amados ou maridos, ou possuindo amantes apesar da aparência de boa esposa. A dualidade do título, focada estritamente nos costumes, se espraia pelo narrador (um pouco mais distante e observador), pelas personagens femininas ou masculinas, pelos religiosos e pelos santos, que aparecem representados em relação íntima e próxima com os fieis ao conceder graças e milagres. A leitura de perto de uma narrativa mostra como esses elementos se interpenetram.

A novela que abre o livro, num tom de recordação de infância, conta a paixão do sacristão da velha Igreja Matriz, Justino, por D. Rosa, esposa do médico Paulo (recém-chegado à cidade) e considerada profundamente religiosa pela zeladora D. Conceição, mãe de Justino. Toda a narrativa gira em torno de um segredo de D. Rosa, que vai à igreja pedir para São Geraldo matar alguém, prometendo erguer-lhe uma capela, súplica que é ouvida pelo sacristão apaixonado, escondido no confessionário. Meses depois, pede a São Geraldo que lhe mostre o alvo da mulher, quando entra o esposo de Rosa. Logo depois, o médico é encontrado morto em casa, com um tiro na cabeça, considerado um acidente. Conhecedor do segredo, Justino vaidosamente considera que D. Rosa matara o marido porque estava apaixonada por ele, e vai à casa da amada para possuí-la. Ao descobrir o engano e ser expulso, promete contar tudo à polícia, levando D. Rosa a pedir para S. Geraldo enlouquecer ou matar o sacristão, prometendo dormir com o santo todas as noites. Justino em seguida enlouquece e torna-se bêbado molambento. Então d. Rosa cumpre sua parte no trato: dorme com uma imagem de São Geraldo de madeira, feita por um dos mais talentosos santeiros da região.

João de Minas explora três tensões, a paixão de Justino, o segredo de Rosa e a disputa de ambos pelas graças de São Geraldo, vencida pela bela viúva. O texto começa justamente com a loucura do sacristão, narrando grotescamente como estava na última vez que foi visto num povoado distante, com um pano preto sobre o olho fingindo cegueira, um hálito fedorento, inchado de tanto beber cachaça e, nos seus acessos de loucura, “aparecia nu pelas estradas, rompendo de repente de detrás de alguma árvore ou de uma moita, perseguindo as mulheres, chamando por um nome apaixonado: - D. Rosa! D. Rosa! D. Rosa!”⁵²⁴ Esse gancho

⁵²⁴ MINAS, João de. *Assassina Infernal e Amante do Milagroso S. Geraldo. Fêmeas e Santos*, p. 11

que visa prender o leitor, como em toda a narrativa, sugere ao final a modalidade de intercâmbio entre a providência divina e a terra. O santo não apenas tem uma relação de troca com os fieis, recebendo promessas e concedendo graças, segundo aquela economia do sagrado que caracteriza a religiosidade popular católica, em especial a relação com os santos. A sugestão do escritor é que continuam a participar do regime de sentimentos que move os vivos, desejando coisas muito além da devoção e das promessas. Como homem, não resistiu à oferta tentadora da linda fiel: “lhe dou o meu corpo, dormirei com você todas as noites... bem agarradinha... Eu lhe juro, meu São Geraldo! Juro!!⁵²⁵” Pela sua existência quase carnal – a imagem de pau que substitui seu corpo não o torna menos material –, a antropomorfização dos santos aproxima-os mais dos deuses pagãos que do ideal religioso cristão. Esse contraste de formas religiosas permeia todo o livro, sendo uma das principais fontes de sua comicidade.

Outra fonte do cômico é a relação dos fiéis com a religiosidade, também permeada pela materialidade. Por exemplo, a mãe do sacristão, nos seus serviços de zeladora da igreja, era especialista em deslumbrar os fiéis:

D. Conceição ficava horas e horas trepada num altar, limpando, polindo, melhorando o riso de um santo, as chagas de um mártir, os olhos da Virgem. Gostava de ver as imagens remoçadas, como que saídas da higiene de um banho morno, com um pouco de pó de arroz. Uma vez, até, tendo a milagrosa Nossa Senhora do Rosário sair em procissão, de dia, D. Conceição passou um pouco de ‘rouge’ nos lábios da imagem. Nos olhos deu uns toques de carvão, pôs umas olheiras dulcíssimas. Porque não ficaria bem a Nossa Senhora aparecer aos fiéis em pleno dia, com a face cansada e os olhos sem brilho. Os fiéis assim se enterneciam menos, não seriam pegados no sufragante.⁵²⁶

No trecho, o que é exagerado é a forma barroca de se sentir a religiosidade católica, mediada pelos sentidos e pela materialidade. Conceição não considera sacrilégio maquiar a imagem de Nossa Senhora para uma procissão, pois é o efeito de deslumbre visual que comove os fiéis. Foi com a mesma competência que brigou com o vigário contra o uso de luz elétrica na iluminação da igreja, pois a novidade “dissolve os mistérios e as penumbras solenes, ao passo que as luzinhas mortíferas dão ternuras fundas às imagens, aos dourados, às flores de papel, que, assim, parecem oscilar, mover-se, humanizar-se, numa flutuação de êxtase sereno”⁵²⁷. Do mesmo modo que sua mãe, mestra nos espetáculos religiosos visuais, Justino era o mestre do som: “fazia o sino chorar mágoas imensas, clamores apocalípticos,

⁵²⁵ MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso S. Geraldo. *Fêmeas e Santas*, p. 25.

⁵²⁶ MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, *Fêmeas e Santas*, p. 12-13.

⁵²⁷ MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, *Fêmeas e Santas*, p. 13.

incomparáveis exortações à clemência divina”. Com isso, conseguia até mesmo lucrar com sua atividade porque atendia os pedidos da população para que dobrasse o sino quando alguém morria, recebendo em troca pagamento em dinheiro e em leitões e galinhas.

Todavia, essa religiosidade materialmente mediada, exterior, choca-se com um regime de sentimentos que são opostos aos pregados pelo cristianismo. Nesse ponto, entre outros personagens, Justino é o maior exemplo, pois sua atividade de sacristão não o impediu de (sugestão irônica do narrador) perder os dentes a socos “por ser encontrado por um italiano feroz a lhe desencaminhar o filho, um rapazinho bonito, atrás de um muro, há bastante anos”; ou, então, embelezar o altar de São Geraldo com rosas e velas por ser frequentado por Dona Rosa, cuja presença na igreja o deliciara: “bem no íntimo da consciência dos seus botões, Justino pensou que nunca vira mulher como aquela. Que trem bão!”⁵²⁸. O jogo entre essência e aparência se mantém através das mentiras como a justificativa dada à mãe para embelezar o referido altar (uma promessa pelo afastamento de pernilongos), ou então pela falsa amizade com o marido da sua amada, a quem pensou matar empurrando da torre da Igreja. O mesmo acontecia com Dona Rosa, cuja aparência de boa e devota esposa contrastou com a premeditação do assassinato do marido, fingindo pesar por sua morte.

A exploração das paixões e torpezas humanas que movem as pessoas, frequentemente valendo-se das aparências sociais, também é característico dos romances sexuais do escritor, como já vimos. A diferença é que em *Fêmeas e Santas*, salvo pontualmente, esses sentimentos não têm repercussões nem sofrem efeitos das dimensões política e econômica, ausentes das novelas. Como acontece na narrativa de Justino e Rosa, o foco das mudanças na sociedade são os sentimentos passionais, em geral amorosos, e a intervenção divina. Nesse sentido, são semelhantes aos primeiros livros sertanistas *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, cujos textos foram compostos na mesma época. Como neles, o mundo é fechado a mudanças políticas, econômicas e sociais mais profundas, estruturais, e toda dinâmica histórica depende das ações individuais de impacto restrito. No palco atemporal da sociedade as pessoas se apaixonam, casam, mentem, enganam, matam, rezam, em suma, vivem com suas torpezas, virtudes e idiossincrasias.

Todavia, o número de pessoas virtuosas, portadoras de bons sentimentos é bem maior que nos outros romances do escritor mineiro. No conto acima, apesar de personagens

⁵²⁸ MINAS, João de. *Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, Fêmeas e Santas*, p. 16 e 17.

secundárias, o vigário, a mãe do sacristão e o médico marido de Rosa, apesar de algumas idiossincrasias e mesmo manias, são representadas como pessoas de bem. A ênfase maciça nos dramas sentimentais das personagens aproximam os contos de *Fêmeas e Santas* dos romances sentimentais veiculados pelas diversas coleções “para moças”, apesar de algumas referências sexuais mais fortes, como a pedofilia de Justino e o chamego de Rosa com a imagem de São Geraldo nu, mas nenhuma com referências explícitas aos órgãos sexuais quanto em *A Mulher Carioca aos 22 anos*.

É interessante notar que não consta na versão de 1928 esta última cena, Dona Rosa pedindo a graça para São Geraldo para enlouquecer Justino e, depois, dormir com a imagem; Justino enlouquecia após ser expulso da casa de Rosa. Tal modificação foi acompanhada de pontuais substituições de alguns termos por sinônimos (dia seguinte – dia imediato) e a alteração na editoração, com divisão do texto e parágrafos, aumento da letra, as mesmas alterações feitas nos textos de *Jantando um Defunto* para edição de *Pelas Terras Perdidas*. Se essas alterações facilitam a leitura, a inclusão de mais de uma página ao final altera a narrativa ao ressaltar o caráter sexual da relação fiel-santo, absolutamente ausente na primeira versão, o que orienta essa história no sentido de causar escândalo religioso.

O objetivo de causar sensações fortes nos fiéis pode ser percebido também nos paratextos. Os títulos das histórias que são alterados lembram folhetins pelos lances de efeito. A narrativa acima intitula-se “Uma Mulher Infernalmente Santa” (1928) e “Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo” (1935). Apesar de chamar a atenção pelo termo “infernalmente” e seu contraste com “santa”, prometendo algo de sensacional, o primeiro é relativamente vago, dando margem para leituras metafóricas e até mesmo ambíguas. Tal ambiguidade poética é removida do título da segunda versão: já sabemos que haverá na história uma mulher assassina e amante de santo. Logo, a curiosidade sobre o teor da narrativa é substituída pela curiosidade de seu desenlace, pois, como nas manchetes das páginas policiais, já sabemos de antemão o desfecho.

Outros títulos levam ao paroxismo o efeito grotesco dos títulos, como a substituição de “O Milagre das Rosas Eternas” por “A criancinha, no Ventre Materno, defendia-se dos botes do punhal assassino”, para contar a história de um marido que, para matar a mulher (grávida) e se casar a amante, simula que esta o traía enviando-lhe rosas de um suposto amante. Logo, o polo da narrativa não é uma “fêmea”, mas uma “santa”. Também contando com pontuais

modificações, com algumas frases inclusas que não modificam a narrativa, nas duas versões o final mantém o teor tão grotesco quanto o título: enquanto as rosas não murcham, sugerindo milagre da nova “santa das casadas infelizes”, o marido acaba louco num hospício, com a mania de esconder as próprias fezes para saboreá-las como o melhor prato do mundo.

Outra inovação editorial, que inexistia nos romances anteriores, é uma pequena introdução do autor antes do começo das histórias, voltadas para louvar a cidade histórica de Ouro Preto, afirmar a veracidade das narrativas e acrescentar elementos que não constam nos textos. Por exemplo, sabemos que o assassinato do médico Paulo pela mulher, cena narrada detalhadamente nessa introdução a partir de um “processo-crime sensacional” aconteceu porque “ele não era competente para o papel de marido. E dormia logo que se deitava...”⁵²⁹. Sobre o milagre das rosas eternas, diz que o “fato é verdadeiro, apurado e legalizado o milagre pelo Papa”⁵³⁰. À moda das chamadas de notícias dos jornais que anunciavam notícias espetaculares e romances folhetim, é mais um gancho que visa captar o interesse dos leitores borrando as fronteiras entre realidade e ficção e ressaltar os lances de feito do que se vai ler.

Os efeitos sensacionais também aparecem nas folhas de rosto do livro, nas quais se inscreve “Um livro único! Absolutamente Sensacional! Diferente do Mundo!” e “João de Minas, astro de literatura, apresenta: *Fêmeas e Santas* (Páginas do diabo que as carregue)”. Além das expressões que enaltecem a obra e uma expressão popular, novamente os editores se valem da linguagem do cinema e do prestígio dos atores dos filmes para promover o escritor. Outra tentativa semelhante aparece na capa de Gutierrez:

⁵²⁹ MINAS, João de. *Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, Fêmeas e Santas*, p. 10.

⁵³⁰ MINAS, João de. *A criancinha, no Ventre Materno, defendia-se dos botes do punhal assassino, Fêmeas e Santas*, p. 43.

Capa de Fêmeas e Santas, 1935

O principal destaque da capa claramente é o desenho da jovem mulher nua, com as mãos em posição de contrição parcialmente tapando os seios junto com os longos cabelos negros, com auréola no topo da cabeça e olhar direcionado à luz projetada do alto sobre si. Essa é a representação visual do título, contrastando na mesma imagem feminina a nudez que remete à animalidade das “Fêmeas” com a contrição e espiritualidade das “Santas”. A presença e atuação do sobrenatural é sugerida pela luz projetada do alto. Todavia, há uma ambiguidade visual nessa imagem, porque a luz cônica se assemelha às projeções sobre os artistas no teatro ou nos musicais de Hollywood, sugerindo que o espectador esteja diante de uma atriz em um palco, o que é reforçado pela ausência de ambiência e pelas cores de amarelo e verde contrastando com o preto e o bege da pele. Por produzir um ambiente vago, a confusão se torna produtiva por ativar tanto a libido quanto a imaginação religiosa, cinematográfica ou teatral do futuro leitor.

A capa do outro livro utilizou mecanismos semelhantes.

Capa de *A Prostituta do Céu*, 1935

A capa de *A Prostituta do Céu* utiliza o mesmo esquema do livro anterior: uma mulher nua ao centro, sobre uma espécie de palco, cores fortes ao fundo (azul celeste – denotando o céu), e a referência ao sobrenatural. Aqui, essa dimensão divina é representada pela imagem do rosto sereno de Jesus, com olhos fechados, cabelos loiros com mechas amarelas da mesma cor da auréola. Apesar da simbologia cristã, o cenário montado parece pagão: as escadas e listras brancas dos lados, semelhante a colunas, aproximam o vago ambiente menos de uma Igreja que de um templo greco-romano, o que é reforçado pela pira em chamas no centro, com fumaça subindo rumo à imagem do Cristo. A mulher nua de costas e cabelos curtos está em uma posição de clara adoração, mas sua postura extática lembra menos uma simples devota contrita como a jovem da capa de *Fêmeas e Santas* e mais uma feiticeira invocando entidades ou forças sobrenaturais. Novamente, visam aguçar a curiosidade do leitor a indefinição da ambiência entre elementos religiosos de diferentes matrizes e o contraste entre referências religiosas e sexuais (nudez feminina), aos quais se acrescenta o contraste com a indicação de

mistura de gêneros prestigiosos à época – “sexual e sociológico” – que identificam sua coleção de livros, e o próprio título que sugere uma narrativa inusitada de uma prostituta no céu, fundindo numa mesma mulher as categorias de “fêmea” e “santa”.

Outros elementos editoriais se assemelham a *Fêmeas e Santas*, como o tamanho da letra e os parágrafos mais curtos, às vezes com uma frase curta, o que torna sua leitura bastante ágil, mesmo em relação ao livro anterior. A narrativa também é entrecortada por algumas inserções textuais. A primeira é inserida no início do romance, tratando-se de uma apresentação intitulada “Fala o Romancista”, onde ele conta as belezas da sua terra natal Ouro Preto. As outras quatro são chamadas provável ou supostamente extraídas do jornal *O Dia*, onde João de Minas dizia trabalhar, relatando na linguagem espalhafatosa da imprensa os episódios do livro.

Essas inserções no miolo são uma propaganda do escritor ou da própria narrativa no durante o seu desenrolar. Ao reproduzir uma delas, uma nota explica: “os dizeres acima são do popularíssimo matutino ‘O Dia’, que filmou este romance, em páginas inteiras, ricamente ilustradas, aos domingos. Foi um sucesso!”⁵³¹. Essa propaganda vale-se mais uma vez da analogia cinematográfica (folhetim filmado), a menção a imagens da protagonista em um clichê e da afirmação da veracidade do romance “baseado na verdade histórica”, com fatos testemunhados por “inúmeros habitantes da velha cidade sagrada, a lendária Ouro Preto”. Até mesmo a parte sobrenatural do romance é vendida como real, com o autor João de Minas realizando “sensacionais reportagens” no céu.

Uma das quatro inserções anunciam episódios que não constam na narrativa, principalmente crimes com requintes de sadismo como a máquina de picar negro, uma “navalha de fazer rosas de sangue na pele dos condenados”, um feitiço que consistia em beber sangue quente de crianças degoladas para rejuvenescer; e o milagre da presença da dança de anjos pretos. O grotesco desses episódios que indiretamente complementam a narrativa também indicam outras direções que poderia tomar (ou tomou) o enredo, como foi feito nos “trailers” de dois episódios de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, os quais, como já vimos, também tinham notas do jornal *O Dia* com versões alternativas do romance policial.

⁵³¹ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 37.

Nunca encontramos o jornal para conferir essas chamadas, mas duas histórias inseridas em *A Prostituta do Céu* já apareceram em 1929 no jornal *O Paiz*⁵³², todas referentes à primeira parte da narrativa, retocadas na versão final de 1935, como aquela na qual a protagonista é atacada por um caçador que tenta violentá-la, safando-se ao empurrá-lo num penhasco. Em 1929, o lenhador cai direto no penhasco e morre, enquanto que na versão de 1935 ele se segura em um arbusto, e a moça termina de matá-lo ao jogar uma pedra na cabeça. Como aconteceu no livro anterior, aqui as alterações ocorreram no sentido de tornar mais vívidas as cenas pulsantes, ressaltando os detalhes cruéis.

O retoque já permite vislumbrar qual o teor dessa primeira parte, que ocupa doze episódios. A protagonista se chama Cecília, uma moça muito bonita que, nascida em Ouro Preto, foi adotada por uma escrava alforriada que viera da Bahia e por um tropeiro que foi nomeado alferes, ambos vivendo de uma pequena venda. Nos primeiros capítulos a mãe adotiva morre e o pai enlouquece, sendo internado num hospício no Rio de Janeiro, deixando dívidas. O credor conde de Sabugosa aceita perdoar a dívida do pai da vendeira caso ela se torne amante de seu filho e, às escondidas, dele próprio. Cecília o expulsa das vistas a tapas, mas perde a casa. O mesmo assédio se repete inúmeras vezes, partindo do estudante Saldanha, que perde a cabeça após inúmeras tentativas de sedução; do negro que vai despejá-la; do velho caçador jogado no penhasco, e dos estudantes de uma república onde vai pedir esmolas para um enterro. Mas não é só o assédio masculino que a persegue. É caluniada pelas mulheres da cidade, maltratada pelo padre Tíbulo ao solicitar-lhe que fique com o filho órfão de um ladrão de tochas da Igreja, passando a criar o pequeno Gervão sozinha; consegue migalhas de esmolas para enterrar esse morto e uma leprosa de nome Izefa.

A história parece uma reedição de *A Datilógrafa Loura* ambientada na Ouro Preto Imperial, pois representa um mulher bonita e virtuosa que, com a perda dos pais, sofre as consequências da maldade humana, em especial a perseguição furiosa dos homens sedentos de sexo, prostituindo-se para ganhar dinheiro para ajudar o filho adotivo e enterrar a leprosa. A essa estrutura narrativa vão se juntar alguns elementos de *Fêmeas e Santas*, como o gosto pelo exagero nas descrições grotescas (“Você não sabe? Pois a nossa Izefa morreu hoje, às dez horas, podre... evacuando os intestinos...”⁵³³) e cruéis, como o estupro de Candinha:

⁵³² MINAS, João de. O Cadáver da Leprosa, no seu Banho de Estrelas. *O Paiz*, Rio, 15/09/1929, p. 1; MINAS, João de. A Volúpia da Casa de Jesus. *O Paiz*, Rio, 29/09/1929, p. 1.

⁵³³ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 54.

“Chechéu, à medida que ia estraçalhando a virgindade de Candinha, ia-lhe retalhando a pele, leve e floridamente, com a sua navalha de barba de Sheffield, de cabo de ouro”⁵³⁴.

Outro elemento extraído de *Fêmeas e Santas* é a ambivalência entre a moral cristã e imoralidade do sexo, resolvendo a polaridade na figura da protagonista. Afinal, um traço separa todas as belas protagonistas dos livros anteriores de Cecília: esta, do início ao fim do livro, é uma santa, sem hesitações nem paixões ou sonhos românticos. Santidade nesse caso significa pura e simplesmente amor irrestrito e doação incondicional ao próximo, caridade desmedida e, principalmente, desinteressada.

Tal⁵³⁵ senso de caridade e amparo começou a incomodar a alta sociedade mesmo antes de ela se tornar prostituta. Cecília mostrava mais abertamente como que a caridade desinteressada era uma força nociva que punha a nu a hipocrisia dos ricos e dos falsos moralistas religiosos. Essa perspectiva aparece nas injúrias da mendiga leprosa Izefa aos ricos, quando bêbada: “Os ricos desta terra são uns porquêra, uns safados. O seu Painha ficou rico comendo banana com casca. O seu Severão, seu Xavier da Veiga, isso tudo são uns miserável!... Ladrões!... O que vale é Deus, qui mandou prá nois dona Cecília, que é mãe dos pobres!... Excomungados!... Fias da mãe!...”⁵³⁶. O comentário subsequente do narrador referenda o trecho ao dizer que a “morfética” costumava “fazer desses despropósitos. Ela era uma espécie de justiça intangível, iluminada da sua trágica podridão. E andava pela cidade desagravando pela palavra os oprimidos, denunciando crimes, insultando o jesuitismo dos poderosos. Era ela o Juízo de Deus, escorrendo o mel horripilante das chagas”⁵³⁷. Só Cecília era poupada:

Realmente o traço fundamental do caráter de Cecília era a caridade, em forma evangélica, absoluta, profissional.

Isso é verdade que era antissocial, era um escândalo. Irritava a vizinhança, que se sentia humilhada diante das prodigalidades imorais da venderia.

Os mendigos já só falavam em Cecília, como uma Santa⁵³⁸.

A bondade irracional ou natural de Cecília era a esperança dos pobres, efetivando a caridade num mundo onde se acredita que ela é esvaziada, servindo para enganar os trouxas,

⁵³⁴ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 73.

⁵³⁵ Os parágrafos das cinco páginas abaixo são uma versão modificada de ALMEIDA, 2008, pp. 175-183.

⁵³⁶ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 30-31.

⁵³⁷ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 31.

⁵³⁸ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 30-31.

não é só sinal de loucura como socialmente ameaçador, capaz de catalisar as forças oprimidas da sociedade. Foi em sua atividade de prostituta que se “definiu a verdadeira santidade de Cecília”, conhecida como a “A Prostituta do Céu”:

A morte de Izeza ensinara-lhe o caminho exato a seguir. A jovem então verificara, a fundo, a maldade dos homens, que não dão jamais o seu dinheiro para enterrar o seu semelhante, que pode apodrecer ao ar livre ou ser comido pelos porcos e corvos... Mas esse ouro será dado a mãos cheias, se a finalidade for a satisfação do vício, dos desejos irracionais, dos furores da animalidade. Ora Cecília concluiu que seria uma divina esperteza vender o seu corpo, um punhado de lama, assim podendo esvaziar as algibeiras dos bodes humanos, em proveito dos pobres, dos desgraçados, das criancinhas órfãs, dos famintos, dos insepultos...⁵³⁹

Esse sentimento de caridade incondicional pelos pobres é acompanhado de um comportamento justiceiro. Além de tirar dinheiro dos velhos ricos que por ela se apaixonam, Cecília larga-os pobre e, nos casos em que sabe de histórias horripilantes, chega a cometer assassinato. Foi o que aconteceu com Ferrador, que deixou um garoto amarrado por quatro dias atrás de uma moita, abusando sexualmente dele. Só não foi preso porque o garoto foi devorado por onças, a quem o juiz atribuiu sua morte. Se o Estado não condenou esse homem rico e poderoso, a justiça dos céus se fez na terra através de Cecília, que lhe tomou toda a fortuna, deixou-o loucamente apaixonado e, quando o crápula dormia no banco em uma praça, jogou chumbo derretido na sua garganta. Com o dinheiro, fundou um orfanato.

O momento de super-heroína vingadora ao modo do Conde de Monte-Cristo dura dois capítulos. Quando a narrativa avança no tempo, a já velha Cecília, impossibilitada de usar o corpo e ficar sem dinheiro por ter doado tudo aos pobres, amarga resignadamente uma série de desgraças: a ingratidão do filho adotivo que, formado em direito e noivo de uma fazendeira de café, renega a mãe e forja uma genealogia falsa; as ofensas das pessoas que ajudava através de cartas reclamando o socorro minguate (“Mulher atoa! Estava era amontoando tesouros... Santa de uma figa!”); o trabalho pesado de empregada, cozinheira e lavadeira; a expulsão do orfanato que fundou, enxotada por uma “megera de preto” quando foi pedir um prato de comida, ouvindo os gritos das surras nas crianças; até desfalecer de fome, após dar seu último recurso a um garoto faminto, logo em seguida caindo desacordada num beco: “a sua face muito doce enterrou-se na lama de um rego, por onde corria a imundície dos quintais

⁵³⁹ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 75-76.

vizinhos”⁵⁴⁰. Mas, ao contrário dos outros livros com final desconfortante, a história não termina aí: nesse capítulo doze a alma de Cecília é levada ao céu pelo menino a quem dera esmola, onde encontra Jesus Cristo, iniciando assim as aventuras no além – transformando-se na Prostituta no Céu.

O além de João de Minas é uma paródia de *A Divina Comédia* misturada com suas outras obras sexuais, em especial *Fêmeas e Santas*. É um espaço terrestre extremamente exagerado mas não distinto, onde se sofre e se goza mais intensamente, concebido à moda da sociedade e costumes humanos. Jesus aparece como o “gerente proprietário do céu”, informando que o diabo é uma invenção terrestre – não existe um espaço separado do céu para os torturantes tormentos, o que significaria um poder paralelo ao do filho de Deus –, sendo o próprio Jesus quem exerce a justiça divina, na terra através de sua providência e no céu pelas penas mirabolantes, grotescas e exageradas. Por exemplo, Jesus leva Cecília para ver o suplício do padre Tíbulo que, por abusar sexualmente das devotas, é feito mulher de um gorila tarado que o estuprava diariamente. Nas suas palavras:

O pior é que aqui a gente é eterno, e o gozo daqui e a dor são sentidos mil vezes mais do que na terra. Este meu marido me rasga e estraçalha três vezes por dia, e assim o meu suplício é absolutamente inenarrável. Sou minuciosamente assassinado três vezes por dia, e os trapos da minha carne se recompõem de novo por si mesmos, para continuar o meu horrendo martírio...Assim vou sofrer, segundo a escrita de São Pedro, ainda... 4.432.543.895 e meio anos. Isso é demais... isso é um desaforo... um canalhismo⁵⁴¹

Jesus é apresentado de forma mais humana possível. Não apenas se deleitava com a punição cruel e sofrimento prolongado dos maus, manifestação seu imenso poder e autoridade como “juiz supremo destas regiões” para os quais era preciso manter a compostura. Cristo aparece brincando com crianças numa pradaria no céu; com ciúmes quando a protagonista se excitou por um dos gorilas; deu-lhe sopapos em Cecília para acalmá-la da histeria (“Cala a boca, sua bandida! E toma mais este, que é de lambuja...”); e concretizou desejos eróticos, permitidos a todo o universo menos ao criador: “‘No corpo da mulher está o infinito. A mulher é Deus!...’ – refletiu Jesus, comovido. E ajoelhou-se, orou, com vontade de chorar, sentindo-se repassado da sabedoria absoluta. Depois, dormiu com Cecília.”⁵⁴² Também não

⁵⁴⁰ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 91.

⁵⁴¹ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 163.

⁵⁴² MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 149.

tinha respostas a todas as perguntas, principalmente duas: a primeira, que emudeceu Jesus, é clássica questão de Pilatos sobre a verdade e a segunda, feita pela própria Cecília, dizia respeito aos sofrimentos injustos:

Uma vez, na minha cidade natal, lá na terra, eu vi numa noite de frio cortante uma mulher, uma pobre mãe, agarrada ao filhinho quase nu, à porta de um palácio. Ela suplicava uma esmola... Ninguém a socorreu; as janelas do palácio se fecharam, pois lá realizava-se um banquete, e os convivas não podiam comer bem com o vento gelado... Ali mesmo a criancinha começou a morrer de fome e de frio. A desgraçada mãe chorava, e vos chamava! Eu não vi o vosso socorro! A criança morreu. Será possível Vós, meu pai, vistes impassível o banquete nas salas do palácio... quero dizer, vistes impassível a agonia dessa mísera criancinha?... Onde vos acháveis nessa ocasião? ⁵⁴³

Nesse parque temático espiritual os melhores gozos estão destinados a Cecília pela sua caridade incondicional. Após acordar de um sono profundo que não tivera na terra em função de sua pobreza, dialogou com os “boêmios do céu”, os poetas Virgílio, Dante, Camões, Petracca, Milton, Shakespeare, Castro Alves e Homero, este representado como um moço bonito com quem a moça se atracou aos beijos. Na roda, Homero disserta sobre o amor perfeito, “o amor livre! É o amor dos micróbios, e dos mundos... É o amor da natureza, que não firma a posse do ser amado, que não têm direitos adquiridos”⁵⁴⁴. Essa lei do amor livre Cecília ouviu do próprio Cristo, que a redimiou do pecado mortal de não amar romanticamente através do sexo por conta de uma volúpia maior, o amor da caridade. O amor livre sexual aparece como o contrário do casamento, visto como um crime ao ponto de servir de punição a amantes como Romeu e Julieta ou Dante e Beatriz, casais que brigam entre si no céu do escritor mineiro. Já Cecília tem a oportunidade de gozar o sexo livre com o próprio Cristo. Porque o sexo é sagrado, a fêmea também é santa.

Ao contrário das novelas de *Fêmeas e Santas*, esse além repleto de gozos não se manifesta diretamente “neste mundo”. Em *A Prostituta do Céu* as potências superiores do universo não interferem na vida, mas atuam após a morte das personagens. João de Minas contrapõe o céu de gozos dos bons onde se encontra a felicidade ao mundo de sofrimentos no qual é preciso fazer a caridade. É por isso que, movida pelo seu impulso de caridade, Cecília se cansa dessa vida de prazeres. Após receber como resposta a mudez de Jesus sobre o sofrimento de uma criança faminta no natal, passa a ter “pensamentos revolucionários”:

⁵⁴³ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 176.

⁵⁴⁴ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 123.

Aqui é o paraíso, e portanto é o lugar onde somente se goza... É esse o sentido da salvação nesta outra vida. O gozo, só o gozo! Mas o que há de mais imoral do que essa ambição do crente, de ir viver eternamente num paraíso... onde só se goza? É horrível! Porque todo esse gozo, se fica fatalmente para trás e para adiante, no passado e no futuro, o sofrimento de outros seres, que não podemos socorrer, por estarmos ocupados só em gozar no paraíso? Não, eu não quero esse gozo, que é um roubo aos desamparados nos outros mundos! Só seria honesto o gozo católico no paraíso se todos os seres em todos os mundos fossem extintos e acabasse a dor e a lágrima em todo o cosmos, em todos os planetas. Não sendo assim, esse gozo cristão é uma crueldade inominável... Não quero ficar aqui. Quero voltar à terra, onde na minha cidadezinha criancinhas continuam a morrer de fome e de frio, à porta das igrejas, digo dos palácios...⁵⁴⁵

Expresso pelos pensamentos de Cecília no céu e por suas atitudes quando encarnada na Terra, o princípio revolucionário capaz de alterar a ordem do mundo em favor dos pobres é, mais uma vez, a caridade. Aliás, foi a única vez que o autor, em todas as suas narrativas, empregou o termo com conotação positiva. As outras se referiam, negativamente, à Coluna Prestes em sua obra sertanista e à Revolução de 30 em sua obra urbana. Em ambas o sentido estava atrelado às mudanças políticas, num caso em defesa do legalismo e no outro pela referência ao golpe militar que instaurou Getúlio no poder. Aqui não: a revolução sai da esfera dos movimentos armados visando o poder estatal para repousar no íntimo e na ação das pessoas com empatia pelo sofrimento do semelhante. Assim, a revolução para João de Minas não passa pela política, mas por uma ética emotiva individual capaz de desestruturar a sociedade ao mostrar o engano e exploração. Todavia, para o autor a caridade seria impotente e circunscrita, incapaz de maiores transformações sociais, motivo pelo qual seus agentes sofreriam o peso de um sistema, pagando sua atitude com a vida. A simpatia por essa concepção foi tanta que o escritor mineiro se fez representar como a reencarnação de Cecília:

Anos depois, em Ouro Preto, nascia na mesma rua da Barra, em frente ao mesmo cruzeiro de pedra, um menino. Ele trazia o espírito revolucionário de Cecília, e ia ser um escritor, um pregador intelectual, um soldado das ideias de amparo aos pobres e aos humildes esfolados pelos poderosos. Dera-se o fenômeno da reencarnação da alma de Cecília no terrível homem de letras. Fora aliás o que Jesus pudera fazer, com pena da santa. Ela andara caçando pelas vastidões do céu uma portinha, para descer à terra. Assim lutou anos a fio nos espaços. Até que o Mestre, com pena dela, arranjou-lhe a porta da reencarnação. O que prova que os espíritas às vezes acertam. E esse escritor sou eu!⁵⁴⁶

⁵⁴⁵ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 181-182.

⁵⁴⁶ MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 182-183.

A narrativa mirabolante de final surpreendente do romance *A Prostitua do Céu* utiliza ao mesmo tempo o sobrenatural, as desgraças humanas, o grotesco, o cômico e o sexual, valendo-se de uma linguagem verbal com termos de efeito (“horroroso” etc) e superlativos. A linguagem verbal e visual apelativa dos paratextos editoriais, com suas inserções e chamadas, são o chamariz para essa narrativa cheia de efeitos. Como vimos, esses elementos estão presentes em *Fêmeas e Santas*. Portanto, os livros de 1935 utilizam muito mais a linguagem apelativa nos textos retocados e paratextos que aqueles produzidos e lançados em 1934, incluindo o romance policial que, quanto à linguagem e editoração, já apresenta esses elementos na capa e na linguagem, mas não contém inserções dos jornais. Temos aqui outra evidência que o escritor mineiro caminhou no sentido de mobilizar de modo sensacionalista as emoções populares.

*Um detetive para a pauliceia: no rastro do policial*⁵⁴⁷

Atento à voga do romance policial estrangeiro, amplamente divulgado no cinema e traduzido nas coleções das grandes e pequenas editoras brasileiras, o escritor mineiro também decide nacionalizar o gênero. Para isso, criou o repórter e detetive amador Paulo Borborema, “imortal filho de Campinas, e melhor que Sherlock Holmes”. O herói contracenava com o incompetente Dr. Abelardo Laurentino (diretor da Delegacia de Crimes de Morte, “popularmente denominada a Scotland Yard Paulista”), com seus subordinados Carapiá, Pedrão e o escrivão Caminha, além de Hugo Calazans, sub-chefe de polícia. A confidente de Borborema é a sua tia Graciema, que mora com ele e o auxilia na solução de alguns casos.

Tais personagens circulavam nos textos policiais de João de Minas desde seus primeiros contos publicados no *O Malho* em 1934: “A Espantosa Tragédia do Arranha Céu Martinelli” (25-jan.), sobre a morte de uma dançarina indiana cujos olhos foram retirados para um ritual indiano; “Horripilante Assassinato à Metralhadora, em São Paulo” (12-abr.), sobre o primeiro assassinato desse tipo em São Paulo, à frente de um bar na avenida São João; “O Mistério dos 55 dedos cortados, em São Paulo” (12-jul.), no qual um médico e sua amante atendem o desafio da polícia contra bandidos e espalha pela cidade os dedos cortados das vítimas; e “O Misterioso Assassinio do Milionário das Estátuas de Ouro” (08-nov.), sobre a morte do milionário trancado por dentro no quarto com suas estátuas douradas. Exceto pelo

⁵⁴⁷ Este item é uma versão aumentada do texto publicado em ALMEIDA, 2011, p. 331-351.

caso dos 55 dedos cortados, no qual o vilão morre após luta com o detetive, os outros apresentam o crime, a prisão dos bandidos, a solução contada por Borborema e, por fim, a confissão do preso, que complementa a elucidação do o mistério.

Capas da revista “O Malho” (1934) ilustrado pelos contos policiais de João de Minas

A linguagem dos títulos dos contos, repleta de adjetivos (misteriosos, horripilantes, assombroso, espantosos etc), superlativos e substantivos de impacto (assassinato, tragédia etc.), aos quais se coaduna a autopromoção e verossimilhança constantemente enfatizado, assemelham-se muito às manchetes das páginas policiais assim como aos folhetins publicados na imprensa. Devido à popularidade do gênero, eles devem ter chamado a atenção dos editores, pois os três primeiros pautaram as ilustrações das capas nos números em que saíram. Anos depois, em 1936, o escritor pretendia reunir esses e outros contos, que ainda estão para ser encontrados em periódicos, chegando a anunciar o volume de “Gangsters Rio - São Paulo” como pronto e divulgando seu sumário, sob a rubrica da Imprensa Americana Editora, a mesma que editou seu primeiro romance policial, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*.

Gangsters - Rio - São Paulo

Eis o título do imediato trabalho de João de Minas, a ser lançado por Imprensa Americana Editora. Chamamos a atenção de todos os srs. ladrões, assassinos, tarados, bicheiros, vagabundos e crapulas em formação para essas páginas de formidável segurança técnica, onde se ensinam os meios infalíveis para a realização de crimes perfeitos rendozíssimos. Os gangsters novatos muito terão que aprender nessa obra verdadeiramente única na nossa ingenua literatura policial, repleta de estupidez tempestuosa, assim como de soporíferas arrancadas de estilo massudo. Todavia, si os crapulosos aprendem com João de Minas, o creador da literatura policial no Brazil, os gêmens no fim de cada novela terão a receita, ou a maneira não menos científica para agarrar os criminosos minuciosamente com a boca na botija. Paulo Borborema, o imortal detetive-reporter bandeirante, melhor do que Sherlock Holmes, defronta-se com os gangsters do Rio e São Paulo, sempre atrapalhado pelo gêmen federal dr. Abelardo Laurentino, chefe da Delegacia de Crimes de Morte, a famosa Scottland-Yard-Rio-São Paulo. Eis os capitulos desse livro-dinamite: — O sangue tava frêvêno, bão qui nem garapa! — Assado vivo, bebendo chumbo derretido — O donjuanismo do esqueleto — Gangster femea com sem o olho de vidro — Gangster mongol de borracha 20% — Monstruozo assassinato em Copacabana — Comida pelos tubarões azues — O macaquinho não fumou a morte — A infernal morte por explozão pessoal — A incrível tragedia do arranha-céu Martinelli — O misterio dos 57 dedos cortados — Só uma lambada de metralhadora!...

Os pedidos podem ser feitos desde já. — Volume, 6\$000, livre de porte registrado. — Descontos aos revendedores. — Caixa postal n.º 2911.

SÃO PAULO, BRASIL.

Última capa de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, com propaganda de livro policial do autor

O anúncio da maior empreitada de João de Minas no policial, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, segue o mesmo padrão dos contos, pois nos jornais é alardeado “o romance de aventuras mais assombroso que já se escreveu no Brasil”, e o livro traz o subtítulo “assombroso romance sexual-policial absolutamente possível”. Essa linguagem é incorporada na narrativa visando captar a atenção do “grosso público”, apontando como leitor visado o seguimento social mais amplo que o restrito círculo de intelectuais.

Capa de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, com foto de João de Minas.

O título traz como chamariz uma história que circulava oralmente pela cidade de São Paulo e pelo país. Expulsos da colônia portuguesa pelo Marquês de Pombal no ano de 1759, os jesuítas deixaram no Brasil não somente os colégios e bens confiscados. No imaginário popular também deixaram dúvidas e especulações sobre a existência de “misteriosos” túneis subterrâneos, por vezes repletos de tesouros escondidos. Não que as galerias subterrâneas não fizessem parte da arquitetura jesuítica ou que estas não guardassem objetos de valor, como mostram os estudos sobre os colégios e igrejas de Salvador, São Luís, Olinda, Rio de Janeiro, São Paulo e São Nicolau (Sete Povos das Missões-RS). Acontece que tais elementos foram fontes proificuas de narrativas orais e escritas, além de algumas reflexões historiográficas, que atravessaram séculos. Elas variam em torno de um motivo central: tendo gozado de imenso prestígio intelectual e poder político desde o início da ocupação do território americano, os jesuítas teriam acumulado riquezas fabulosas ao longo dos séculos. Para guardá-las ou para se protegerem de povos hostis numa terra estranha, teriam construído uma rede de túneis subterrâneos sob as igrejas das vilas e cidades coloniais. Quando expulsos pela Coroa, teriam escondido toda a riqueza em galerias secretas.

São Paulo, cuja fundação é profusamente associada ao colégio dos jesuítas, também teve sua versão da história ou lenda. Mas aqui, ao contrário das outras cidades, deixou parques e rápidos registros escritos, apesar de ter circulado oralmente. Por exemplo, no livro *Metrópole* (1950), de Nuto Santana, o historiador paulista aponta que “lendas que andam na boca do povo, sucedendo de geração em geração, dizem que os Jesuítas, que residiam próximo, no convento junto à Igreja do Colégio, cavaram um fundo subterrâneo, com misteriosas entradas e saídas, onde guardavam os tesouros, os quais ainda lá devem estar escondidos.” Sua hipótese é de que a lenda dos tesouros talvez se relacione à proximidade da Casa de Fundação, fronteira ao Pátio do Colégio. Assim

o pátio é efetivamente evocativo: nele nasceu a cidade, nele os Jesuítas e os povoadores, escudados pelos índios da tribo de Tibiriçá, que os chefiou, resistiram aos assaltos de 1562, triunfando definitivamente sobre os contrários. Viu partirem as bandeiras. Foi o centro domiciliar dos que nos dirigiam espiritual e politicamente. E também o centro econômico, com sua Casa de Fundação. Foi tudo: a Força, o Poder, a Ordem, o Cérebro e, principalmente, o Coração⁵⁴⁸.

⁵⁴⁸ SANT’ANNA, 1950, p. 179

Na mesma época, Afonso Schmidt dá notícia das mesmas histórias acerca dos subterrâneos paulistanos ao notar que “aqui em São Paulo, de quando em quando, os trabalhadores da água ou do gás, rasgando profundamente a terra, sentem que a cavadeira deixa de encontrar resistência e diante de seus olhos pasmos desmorona o teto de um caminho subterrâneo”. Após informar que “o último desses encontros, que se saiba, deu-se em fins de 1944, na Rua da Liberdade” e que “nos encontros anteriores, os operários juntaram cacos de vasilhas de barro e, segundo me foi dito, moedas de cobre”, o cronista arremata referindo-se à versão da história que chegou a seus ouvidos: “Os antigos eram de opinião que esses caminhos ligavam entre si os conventos de São Paulo do Campo”. Assim como Nuto, atribui a existência dos subterrâneos aos perigos enfrentados pelo incipiente entreposto dos adeptos de Cristo na América:

Naquele tempo, a vila não era tão pacata, nem tão segura. O Colégio apresentava-se, segundo se acredita, cercado de bastiões de taipa, onde, nas horas difíceis, os reinóis e seus aliados, aperrando trabucos boca-de-sino, defendiam-se da indiada colérica. Natural é, portanto, que os paulistanos, como os santistas, se entregassem a obras permanentes de defesa, tais como a pretendida ligação subterrânea entre as fortalezas da época, que eram os conventos. Cercados no Carmo, os frades abriam uma passagem dissimulada do altar e se passavam para Santa Teresa. De Santa Teresa para São Bento, de São Bento para São Francisco, ou então, para fora de portas do lado contrário àquele que ululava o gentio assanhado. As galerias de São Paulo existem. Ou, se já não existem, existiram no tempo em que eram indispensáveis à defesa de um grupo de homens, cercados de mistérios e de perigos.⁵⁴⁹

Em São Paulo, assim como no Rio de Janeiro⁵⁵⁰, tais histórias em torno das descobertas de túneis subterrâneos serviram de tema para escritores exercitarem sua ficção e captar o interesse do público. Além de João de Minas, Jairo Arouche valeu-se do mesmo tema numa narrativa humorística publicada no jornal *A Gazeta*, por conta da comemoração do IV centenário da fundação de São Paulo, em 1954. Intitulada “Subterrâneos de S. Paulo”, conta a incursão dos intelectuais da “Academia de Geografia e História” em uma galeria subterrânea abaixo da praça Antonio Prado, encontrada por operários da Light na realização de uma obra

⁵⁴⁹ SCHMIDT, 2003 (1954), pp. 52-53

⁵⁵⁰ Pensamos aqui nas reportagens de Lima Barreto (Correio da Manhã, Rio, 1905), quando foram encontradas galerias subterrâneas no Morro do Castelo. Além de acompanhar a escavação, o escritor criou um folhetim que se passa no século XVIII no Rio de Janeiro, que narra um triângulo amoroso em torno de membros da nobreza europeia no Brasil, um jesuíta amante de uma donzela casada com um comerciante português, que chega à sua casa por túneis subterrâneos. Apaixonada por Duclerc, escreve-lhe uma carta, motivo pelo qual o pirata francês teria invadido a Guanabara. O sacerdote amante é preterido e, segundo o romance, assassina Duclerc e a adúltera, escapa ao final pelos túneis secretos.

pública. Nele, são feitos prisioneiros de contrabandistas que usavam o túnel para guardar mercadorias receptadas. Baseada na versão acima, é o próprio chefe dos bandidos, já bêbado, quem conta a história dos túneis, a qual será depois aproveitada por um dos acadêmicos numa palestra sobre os subterrâneos, na qual receberá enormes aplausos da plateia. Conta o chefe que Caiubi e Tibiriçá, tendo em vista proteger o colégio, providenciaram a solução contra os índios inimigos que ameaçavam os primeiros jesuítas:

Abriram estas passagens subterrâneas, com ponto de irradiação nos baixos do Colégio e duas radiais, uma em direção ao vale do Tamanduateí, que com o correr dos tempos passou a se chamar Várzea do Carmo, e outra para o vale do Anhangabaú. De sorte que se viesse um ataque pela direita eles fugiriam pela esquerda; e se a coisa ficasse preta na esquerda, fugiram pela direita. Sabichões que eram esses padres! O túnel do Anhangabaú desembocava onde hoje está o mosteiro de S. Bento; o do Tamanduateí onde depois se ergueu o Convento do Carmo.⁵⁵¹

Duas décadas antes João de Minas valeu-se dessa história para criar as narrativas de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*. Planejava lançá-lo no jornal *O Dia*, onde João de Minas trabalhava em 1934, mas foi publicado em folhetim nos Diários Associados em quatro estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Pernambuco)⁵⁵², em 42 episódios (dos quais 29 foram para o livro) entre 20 de dezembro de 1934 e 27 de fevereiro de 1935. Dessa narrativa, os dois primeiros episódios foram publicados no final do jornal, e o restante na página 2.

A estrutura no jornal, como se pode ver abaixo, seguia o padrão de publicação dos folhetins, sempre na parte de baixo da página. Continha diversos ganchos extra-textuais para o enredo, como o box com o resumo do capítulo anterior à esquerda, o gancho “continua” para o seguinte, a ilustração com legendas remetendo a um fato da narrativa (que acompanha a maior parte dos episódios), além dos destaques textuais ao título do folhetim e da trama em questão (o número do capítulo vinha com destaque menor). No final da história, fotografias passaram a substituir as ilustrações, aumentando o poder de veracidade do folhetim.

⁵⁵¹ AROUCHE, Jairo R. Subterrâneos de São Paulo. *Gazeta*, 25 de janeiro de 1954, p. 113

⁵⁵² Consultamos o jornal Diário da Noite (Rio).

Sexto episódio do Folhetim “Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo”. *Diário da Noite*, 27/12/1934, p. 2

Antes de publicá-lo em livro, as chamadas no *O Dia* e uma prévia com os dois primeiros episódios apareceu na miscelânea *Fêmeas e Santos* (1935). Na versão planejada para sair no *O Dia*, Paulo Borborema é apresentado como chefe das reportagens desse jornal. Em uma de suas investigações no Anhangabaú, teria descoberto

um portão de pedra, habilmente disfarçado, do tempo dos jesuítas. A grande pedra girou, premendo Paulo Borborema um ponto secreto da mesma, com seu dedo genial. Apareceu um túnel, o nosso companheiro penetrou assim nos misteriosos subterrâneos de São Paulo (tudo sempre do tempo dos jesuítas). Nessas galerias pavorosas foram encontradas ossadas humanas, câmaras de suplício, esmeraldas falsas de Fernão Dias Paes Leme, documentos que dão nova feição à história heroica de São Paulo das Bandeiras⁵⁵³.

Mas a descoberta maior, que daria mote à trama folhetinesca, seria bem diferente:

Um romance de amor incomparável se tece nesses buracos das arábias. Surge o vulto de Eurídice, uma moça do Brás, que se torna prisioneira debaixo justamente do Arranha-céu Martinelli, sendo que uma quadrilha de 'gangsters' resolve afinal dinamitar esse salão subterrâneo. Feito isso, a linda jovem desapareceria, tendo a mais horrorosa das mortes. A explosão final abalaria os alicerces do famoso arranha-céu da jogatina, que viria abaixo num desmoronamento formidoloso. Assim, os trinta e dois andares do palácio do jogo acabariam servindo de lápide fúnebre a Eurídice, que prefere esse túmulo sem precedentes a ter que se casar com o homem que ela não ama...⁵⁵⁴

Essa história não é veiculada como ficção, mas como verdade narrada pelo escritor mineiro, entremeando elementos que dariam veracidade às personagens: “Desde já, João de Minas, Paulo Borborema e o nobre delegado dr. Abelardo Laurentino (...) desafiam o público a descobrir onde fica a porta misteriosa nesta fotografia”⁵⁵⁵. A mesma estratégia de diluir as fronteiras entre imaginação e realidade, jornalismo e literatura, utilizada nos romances de aventuras sertanejos, aparece nos policiais como estratégia promocional das narrativas pelos jornais, ao mesmo tempo promovendo-os. Os anúncios do romance contribuem para replicar a

⁵⁵³ MINAS, João de. In: *Fêmeas e Santos*, p. 144

⁵⁵⁴ MINAS, João de. In: *Fêmeas e Santos*, p. 144-5

⁵⁵⁵ A fotografia não foi reproduzida em MINAS, João de. In: *Fêmeas e Santos*, p. 145. Na mesma página, outra dessas referências: “o dr. Hugo Calazans, sub-Chefe de Polícia, recebeu do chefe de polícia de Nova York um longo rádio, em que pede o comparecimento ali do famoso detetive Paulo Borborema em pessoa, para auxiliar no inquérito sobre o assassinio do filho de Lindbergh”. A referência é ao rapto do filho do aviador Charles Lindbergh, o primeiro a fazer a travessia sem escalas do Atlântico. Seu filho foi raptado 1932, sendo que a tentativa de localizar a criança durou os anos seguintes. O acusado do sequestro, Bruno Hauptmann, foi preso em setembro de 1934 e executado em abril 1936, declarando-se inocente.

veracidade dos subterrâneos a partir de versões envolvendo autoridades públicas, como a fuga do governador Carlos de Campos, durante a revolução de 1924:

Propaganda de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* no *Diário da Bahia*, 16/08/1936, p. 2.

Além da tradição popular, os diálogos também eram feitos com o cinema, fosse com a aura que esse meio possibilitava, com o anúncio de que a narrativa seria filmada pelo Cinema Nacional Corporação⁵⁵⁶ ou pela "Unzué Mainu, de Buenos Aires", bem como através de apropriações de termos próprios dessa mídia, como "trailer do romance" para indicar um capítulo e "astro da literatura" para apresentar o escritor⁵⁵⁷. Quando a versão em livro

⁵⁵⁶ Segundo um entrevista do escritor com um dos donos, esta seria uma empresa cinematográfica constituída em São Paulo. MINAS, João de. Cinema Nacional Corporação. *Diário da Bahia*, 8/9/1936, p. 2.

⁵⁵⁷ MINAS, João de. In: *Fêmeas e Santas*, p. 145.

finalmente saiu em julho de 1936, o enredo foi alterado (como se verá abaixo) para incorporar inspirações cinematográficas de uma grande bilheteria de 1935, “G-Men: contra o império do crime”, dirigido por William Keighley, protagonizado por James Cagney e Margaret Lindsay.

“G-Men” ou “government men” eram termos usados no submundo pelos agentes federais dos Estados Unidos, e o filme foi uma das iniciativas para consagrar como mocinhos de cinema tais figuras do *Bureau of Investigation*, logo depois FBI, no contexto da “guerra ao crime” empreendida após o assassinato de agentes no Kansas em 1933. Concomitante com reformas econômicas do New Deal para conter os efeitos da crise de 1929, o Congresso dos Estados Unidos aprovou leis que davam mais poderes aos agentes federais, como o porte de armas e autoridade de prender criminosos, independente de mandatos nos estados. No final da “guerra ao crime” em 1936, os agentes “haviam se tornado símbolos da regeneração nacional e de um poderoso Estado que era bem organizado, honesto, e decidido a servir ao povo”⁵⁵⁸.

Esse é o pano de fundo retratado em G-men, que conta como Brick Davis, mesmo tendo sido criado por um mafioso num bairro pobre de Nova York, tornou-se um honesto advogado e depois agente, motivado pelo assassinato de um colega do Bureau. Enquanto ainda está em treinamento, o escritório passa a perseguir a quadrilha que fora subordinada a seu padrinho, após este se retirar da máfia. Seus conhecimentos de infância sobre os criminosos são de extrema valia para prisão, um a um, dos gangsters. A narrativa é entremeada pelos flertes de Brick, pelas investigações e cenas de troca de tiros com pistolas, espingardas e metralhadoras nas tentativas de prisões, resgates, assaltos a banco etc.⁵⁵⁹.

O filme chegou aos cinemas paulistanos, primeiramente no Odeon, na metade de agosto de 1935 sob grande expectativa, tendo em vista sua receptividade nos Estados Unidos: “suas exhibições no Strand de Nova York por semanas e semanas de 21 horas diárias de sessões sucessivas”⁵⁶⁰. Após ver o filme, João de Minas incorpora alguns de seus elementos: aportuguesa o termo ao se referir a Borborema e aos policiais como “gêmen” e incorpora a cena final do filme no romance, na qual os gângsters escondem os carros roubados, usados nos atentados, num galpão de um bairro afastado da cidade.

⁵⁵⁸ POTTER, 1998, p. 2.

⁵⁵⁹ G-Men: Contra o Império do Crime, Policial, EUA, 1935. Warner Bros. Dir. William Keighley, com James Cagney e Margaret Lindsay, Preto e Branco, sonoro, 85 min.

⁵⁶⁰ GUERRA, Raul de Carvalho. O nosso cinema. (Teatros e Cinemas). *Folha da Manhã*, 9/08/1935, p. 12.

Valendo-se da tradição oral paulistana e do cinema da época, o resultado foi um enredo original. Apesar de anunciar um romance sobre os subterrâneos paulistanos, eles se mantêm num plano invisível ao leitor, mas central na arquitetura da trama. Assim, utiliza um artifício próprio do gênero: os mistérios dos subterrâneos são revelados apenas no fim (todo o episódio 12), junto com a solução dos crimes, conduzindo a história para um instante final no qual se fundem clímax, revelação e desenlace. Sendo assim, nos capítulos anteriores, a narrativa trata da investigação de Paulo Borborema acerca dos crimes dos *gangsters* Olhos Brancos, que extorquem dinheiro de pessoas riquíssimas de São Paulo e desafiam a polícia. Os crimes e a investigação do detetive-amador são os pontos nodais do enredo.

Os crimes que Olhos Brancos cometem são quatro. O primeiro é o sequestro da cabeça da jovem, rica e devassa Clotilde Ronelli, misteriosamente decepada quando a moça caiu de avião no vale do Anhangabaú. É feito um pedido de resgate à mãe, imigrante bem-sucedida por ser dona de uma famosa fábrica de sapatos. Após a tentativa desastrada de intervenção da polícia, onde um agente é morto (segundo crime), o resgate é pago pela idosa senhora. O terceiro alvo é Sérgio Estader, raptado por ser um médico corrupto que cobrava preços exorbitantes da população pobre, deixando muitos morrer sem tratamento adequado. Por se desentender com um dos *gangsters* que queria “possuir” sua filha, acaba sendo morto e deixado numa rua de São Paulo. Por fim, o quarto crime é a explosão do prédio Cidade Lamas, em construção pelo bicheiro espanhol de mesmo nome. O prédio foi alvejado porque teria o privilégio de concentrar todo o meretrício municipal e outros vícios, e na sua cobertura seria colocada uma imensa estátua do bicheiro “como um Cristo no Corcovado”. O quinto crime, que se concretiza, é a contínua extorsão dos donos dos edifícios paulistanos, sob ameaça de explosão, sendo o primeiro alvo o mais famoso deles na época, o Martinelli.

À moda do romance *noir*, no qual o agente investigador se aventura em busca dos bandidos, Borborema procura seguir o rastro dos crimes. Nas suas investigações, sofre a concorrência de Laurentino, o diretor da delegacia de Crimes de Morte, mas é auxiliado pela sua tia Graciema, pelo sub-chefe de polícia Hugo Calazans e pelo alagoano Severino, diretor do jornal “Tiro de Sal”. Também faz amizade com um casal de jovens enamorados: Helena Estader, filha do médico assassinado, e Roberto Paes Leme, filho do engenheiro e empresário do Petróleo Albanes Paes Leme, um dos integrantes da quadrilha. O primeiro desafio do detetive ocorre após o resgate pago pela Sra. Ronelli, quando desafia os criminosos pelos

jornais, motivo pelo qual é sequestrado, levado para o esconderijo dos Olhos Brancos e depois solto, dopado e nu, no centro da cidade. O segundo acontece quando estava prestes a deixar o país rumo a Buenos Aires, num plano para despistar os bandidos. Por acaso descobre a identidade dos *gangsters* e sofre uma tentativa de assassinato em sua casa. Dado como morto, o detetive aparece no final para prender os criminosos e explicar a solução do caso.

Verificamos que o enredo é sinuoso e entrecortado por comentários e digressões do narrador em torno das personagens e ideias, por flashbacks e por inúmeros diálogos ou sub-episódios representando várias situações do cotidiano paulistano. Todos são ligados à trama principal de dois modos. O primeiro, mais atenuado, é o comentário ou descrição irônica do narrador, o qual, ao final do livro, revela-se ser o próprio João de Minas, que recebe um abraço de Borborema e tem “a exclusividade mundial de narrar as minhas façanhas, aliás modestas, e que muito me ajudou com seus conhecimento de tudo que faz o detetive supremo, científico, biológico.”⁵⁶¹. O segundo é valer-se das personagens num diálogo ou comentário onde a fala contrasta com seu caráter.

Tais procedimentos são recorrentes nos outros romances sexuais do escritor, onde abundam a hipocrisia e a exploração dos pobres, fracos e ingênuos. Mas, enquanto neles se enfatiza a crítica dos costumes conduzida pelos dramas amorosos e sociais das protagonistas femininas, neste romance policial a ênfase recai sobre a corrupção (policial, política e econômica), sobre a condição do operário e sobre a (falsa) identidade paulistana. Através dos comentários e digressões, João de Minas procura expor aos leitores, ao longo de toda a narrativa, aspectos preteridos pelos discursos hegemônicos que pautam a identidade da metrópole paulistana, construídos em torno do lema de velocidade, trabalho, mobilidade e progresso, sob a simbologia do bandeirante ou o primitivismo indigenista⁵⁶².

Valendo-se de temas do movimento operário na época, em especial dos anarquistas, apresenta a precariedade do trabalho pelos anseios da rica Helena, que “tinha inveja de todas as moças que trabalham para viver, ou para envelhecer, o que na mulher é uma forma de morrer duas vezes, (...) como um burro numa casa comercial, no fundo pestilento de um escritório, diante de uma Remington, ou batendo as ruas agarrada a uma pasta, oferecendo a venda de mercadorias etc.”. Satiriza os preconceitos da polícia na figura de Carapiá, que

⁵⁶¹ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 190

⁵⁶² SALIBA, 2004, p. 558 e ss.

“tinha a especialidade de agarrar malandros, e para ele todo o sujeito mal vestido e que fora despedido de um emprego era malandro”. O autor não desconsidera também o ritmo alucinado do cotidiano do “proletário bandeirante”, o qual, “estrangeiro ou não, além de andar depressa para chegar depressa, não sabe olhar, ou melhor, não sabe ver. Ele parece só olhar para o chão, e apenas o bastante para não entrar debaixo de um bonde, de um automóvel ou do carroção da limpeza pública.”⁵⁶³.

O problema da modernidade surge também no debate sobre os costumes. No plano das instituições, contrapõe o tema anarquista do amor livre ao casamento, defendido na resposta negativa de Helena ao pedido de Roberto, pois para ela “toda moça que se casa, no dia seguinte ao casamento estranha o marido. O casamento tapou o namorado da véspera, envelheceu-o, deu-lhe um ar de patrão, de dono de um contrato. (...) Não há moça que não chore o assassinato do seu namorado da véspera”. Também ecoa o debate entre a mulher tradicional e moderna, expresso na loucura de Joaquina, causada pela morte da filha Clotilde: “Vocês morreram como rezes no corte (...) porque não quiseram ficar em casa (...) como eu fazia, ao lado do meu marido, no sistema antigo. Vocês quiseram bancar o modernismo, e saíram para a rua, como fazem os homens, e agora tiveram o pago... foram para o açougue, suas tipas!”. Já a corrupção aparece de diversos modos, seja na devassidão dos ricos como Clotilde Ronelli, “que vivia pelas garçonieres chics bebendo champagne, e dizem que entregue a amores invertidos, cheia de dinheiro...”; nas doações ilícitas à Igreja ao “rev. Sebento, isto é, Bento, acostumado a receber esmolas fartas de Lamas”; e, principalmente, na propina paga aos policiais: “teve sorte do doutor não te meter no xadrez – dizia Carapiá ao bicheiro [Lamas], com o carinho compatível com a multa diária de oito mil réis que o contraventor há anos pagava ao secreta”⁵⁶⁴.

A ênfase maciça na identidade paulista dos anos 20 e 30, evocada pelo governo, alardeada pela imprensa e debatida pelos intelectuais, é desmontada no romance de João de Minas através da retórica vazia e interesseira de personagens como Laurentino: “Você sabe, meu caro Paulo, que eu sou todo franqueza, e me pélo pelo bem público... melhor direi... Pelo bem de São Paulo!”. Mas também aparece na voz do narrador, que ironicamente satiriza a inocuidade dos valores patrióticos da cidade. Em uma cena da delegacia de crimes, a

⁵⁶³ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 76 e 78, 29 e 83-84.

⁵⁶⁴ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 126, 39-40, 134, 111, 109.

contratação do novo contínuo foi motivada pela piedade de Laurentino, pois aquele “era um antigo capitão comissionado, herói invicto do Tunnel em 32. Ele estava morrendo de fome nas esquinas do Triângulo, mostrando uma capa d’ ‘A CIGARRA’, em que ele aparecia envolto na bandeira paulista, com o capacete de aço furado de balas”⁵⁶⁵.

Dentre os temas apresentados, o mais recorrente discute a natureza do poder político. Antecedendo o episódio da explosão do prédio do bicheiro Lamas (4º crime), Laurentino repreende Lamas por ter publicado um artigo criticando a falta de ajuda da Polícia, visto que

os Olhos Brancos até aqui venceram, mostrando terem o poder, e exercerem o poder; ora o poder é um só, esteja nas mãos de um bandido, esteja nas mãos de um tribunal; é o poder, é a força bruta! É preciso muito cuidado que esse poder, de particular, não se torne público... E nesse caso então o pior bandido pode na hora em que quiser passar a ser o presidente da República, ou o Rei⁵⁶⁶

O mesmo discurso vem na boca de um dos “mocinhos”, Hugo Calazans. Ao receber Laurentino, o sub-chefe avança algumas estratégias de contenção dos Olhos Brancos, como censura à imprensa para evitar a publicidade dos crimes dos gangsters, e uma recompensa milionária a quem oferecesse informações que levassem à sua prisão. Caso esses procedimentos falhassem, o último recurso seria um acordo com os bandidos:

O governo faz desses acordos a cada passo. Os bandidos com quem o governo transaciona, dando-lhes dinheiro e comissões na Europa, nem sempre são da mesma espécie. Mas são sempre bandidos. Pelo menos, o governo os teme... Agora, pagos em ouro, caberia aos Olhos Brancos irem passear a Europa, sem a massada de fiscalizar consulados (...) O governo, seu Laurentino, quer é o poder. Qualquer coisa que queira encrencar esse queijo saboroso, merece uma comissão na Europa...⁵⁶⁷

Como em outros diálogos, a referência era ao momento anterior à Revolução de 30. João de Minas retoma um argumento perrequista que atribui à imprensa o clima de insatisfação pró-revolucionário da população, nos meses anteriores a outubro de 30, inserindo-o no romance pela observação de Laurentino para justificar a censura:

O caso destes bandidos Olhos Brancos (que podem ser comunistas... quem sabe?) no fundo se parece com os revolucionários, a gente de Outubro. (...) Se, lançada a candidatura do Julinho [Julio Prestes](e eu o digo com o devido respeito...), o Barbado [Washington Luís], pondo aliás as barbas de molho, proibisse a publicidade da Revolução... não havia 24 de Outubro. É

⁵⁶⁵ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 11 e 145.

⁵⁶⁶ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 134.

⁵⁶⁷ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 143.

absolutamente impossível o triunfo de qualquer partido político sem publicidade, assim como acontece com os sabonetes, a gasolina, o azeite de Algodão Bertolli, etc.⁵⁶⁸

Para o delegado a população, leitora da “imprensa amarela”, começa a simpatizar com os criminosos (algo que foge ao padrão do gênero policial), pois seus crimes afetam apenas os ricos e poderosos, com viés moralista. O escritor procura deixar claro o temor que rondava as classes altas e a polícia que as serve:

Infelizmente para o público, na sua maioria proletário, a ideia de crime não tem mais o eco jurídico anterior (...) Um assassinato, se é hoje em dia cometido contra um milionário, é um crime diferente, quase não é assassinato (...) o povo, pois, vê nos Olhos Brancos verdadeiros beneméritos... quiçá agentes do paraíso terreal comunista... Pelo menos, ultimamente, a imprensa amarela estava descambando para essa perigosa publicidade... criando-se mais a balela de que os setecentos contos furtados pelos bandidos iam ser distribuídos aos pobres. Proibimos, por isso, a publicidade dos infames!⁵⁶⁹

Apesar de representar o movimento de 30 ficcionalmente de modo depreciativo, João de Minas não defende regime político algum, mas os concebe como poderes instaurados pela força bruta. Ao expor a lógica do poder, o autor dá um tom irônico que mina uma das premissas do gênero policial, a defesa de uma ordem justa e consensual à qual se opõe o crime. O confronto não ocorre entre uma ordem normal (moralmente fundada) contra elementos desviantes a serem combatidos e suprimidos, como em G-Men, mas entre dois poderes “bandidos”, de mesma natureza, um estabelecido na estrutura do Estado e o outro desafiando-o⁵⁷⁰. O cúmulo da inversão e distanciamento do gênero acontece quando as massas passam a simpatizar com os criminosos, levando a polícia a tomar medidas drásticas (censura, contrapropaganda, prêmios, prisões etc.).

Assim, o mapeamento empreendido pelo escritor expõe o lado sombrio da euforia modernizadora que tomava conta da cidade, lançando dardos principalmente contra as classes

⁵⁶⁸ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 131.

⁵⁶⁹ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 134.

⁵⁷⁰ João de Minas não foi o primeiro a se valer esse procedimento, mas lhe deu contornos peculiares. Para ver como foi utilizado nos anos 20 por Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque veja a seguinte passagem de Sandra Reimão (2005, p. 40): “A crítica à polícia enquanto instituição e a denúncia de falhas no sistema judiciário, constantes em nossa literatura policial de enigma, fazem também com que boa parte das narrativas policiais brasileiras se situe de maneira diversa dos clássicos do gênero que são narrativas ‘delimitadoras de culpabilidade’, já que essa literatura nacional ‘espalha’ e aponta toda uma tessitura de culpas e omissões que, em nossa sociedade, contorna o crime. Além de indicar a possibilidade de impunidade mesmo quando há um culpado explícito”.

altas. Por isso, Elias Saliba considerou a narrativa rocambolesca de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* “uma síntese metafórica para onde convergem todas as histórias noturnas e anárquicas da identidade paulistana”, situando João de Minas ao lado de outros humoristas hoje esquecidos⁵⁷¹.

Após explorar essa profusão de temas, ligando-os pelo fio da investigação de Borborema, no fim do penúltimo capítulo “dera-se o acontecimento incrível, delirantemente incrível: a quadrilha dos Olhos Brancos acabava de ser presa... com a boca na botija”⁵⁷². Quando capturado pelos criminosos, o detetive pregou um alfinete no banco do carro, que permitiu à polícia identificá-lo num galpão abandonado na Vila Prudente, bairro afastado do centro. Simulando sua própria morte para despistar a atenção, conseguiu mobilizar a força policial para prender a quadrilha. Então, no capítulo final (12), bem à moda do gênero policial, Borborema expõe a solução do caso para seus ouvintes da “Rádio Difusora Paulista”. Num mesmo movimento narrativo, o escritor desvenda paulatinamente um duplo mistério: o dos túneis de São Paulo (que até então não haviam sido mencionados) e a constituição / atuação dos gangsters. Há, portanto, uma associação entre os subterrâneos e o crime, no caso um poder paralelo que desafia a ordem vigente.

O relato radiofônico de Borborema principia pela apresentação da figura central da quadrilha, pai de seu amigo Roberto, o engenheiro Albanex Paes Leme, “nascido em Pelotas, mas autentico produto da fundação da raça levada a efeito pelo homerico Caçador das Esmeraldas”. O texto que introduz Albanex segue um parágrafo sobre Fernão Dias Paes, tido como “fabricante geográfico de brasilidade, como também um fundador da raça botocuda”, ou seja, “ele plantava cidades, mas também plantava filhos por toda parte. Onde passava a bandeira do barbudo varão, nasciam cidades e garotos à beça. Era o pipocar da raça...” (p. 178). João de Minas como que acrescenta uma nota irônica à narrativa mítica paulistana, transformando-a também na jornada sexual de Fernão Dias, através da qual, no presente, “o notável engenheiro e industrial, especializado em petroleos”, ganha uma “nobilissima origem bandeirante” que, pela descrição anterior, seria de difícil comprovação.

⁵⁷¹ SALIBA, 2004, p. 584.

⁵⁷² MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 175.

A pretensa origem serviu-lhe de passaporte para a sociedade paulistana⁵⁷³: “São Paulo recebeu de braços abertos esse aristocrata, que se dizia milionário, ainda por cima”⁵⁷⁴. A fortuna atribuída a Albanez fora conseguida através do conto do petróleo, aplicado primeiramente na Bolívia e no Paraguai e depois em São Paulo:

Hoje há processos científicos absolutamente idôneos, fazendo que o conto do petróleo não possa ser punido criminalmente. A ciência prepara artificialmente 'terrenos petrolíferos', os otários fervilham ao redor desses terrenos, e os capitais esperançosos escorregam para os bolsos dos incorporadores. Em resumo: o herdeiro dos pulsos de Fernão Dias Paes Leme encontrou, em Vila Prudente, dentro da cidade pode-se assim dizer, uma jazida petrolífera. Funda-se a Companhia Sul Americana de Petróleo, pelo processo por que se fundam os bancos estrangeiros entre nós, quer dizer, sem nenhum dinheiro dos banqueiros...⁵⁷⁵

É numa dessas perfurações fraudulentas na Vila Prudente pela a companhia de Albanez que os túneis foram encontrados:

Abriu-se para os cinco patifes um mundo maravilhoso. Eles tinham descoberto a 8, 10, 16 e 32 metros dos alicerces desta cidade, no fundo da terra, colossais vácuos, galerias e salões, uma espécie de uma outra cidade pré-histórica arfando nas trevas úmidas, sob os pés dos bandeirantes de cara cheia de pó de arroz, dos nossos dias cinematográficos... Era formidável!⁵⁷⁶

O escritor mineiro utiliza o motivo comum ao tema dos subterrâneos na modernidade, a descoberta a partir do trabalho de uma companhia numa reforma urbana. É o mesmo motivo das reportagens de Lima Barreto em 1905, também mencionado anos depois por Schmidt e Arouche relativamente a São Paulo. João de Minas associa a descoberta dos subterrâneos paulistanos ao estelionato, no caso a prática ilícita das “perfurações literárias” de petróleo, justificadas nos jornais pela publicidade que dava visibilidade à empreitada e conferiam prestígio social a Albanez. Assim, na ficção, a descoberta é norteadada por uma fraude em torno da questão petrolífera, tema que ganhava tons ufanistas candentes na década de 30 do século XX, e que o escritor mineiro, apoiando Lobato, defendera em alguns artigos⁵⁷⁷. No trecho

⁵⁷³ João de Minas parece ter refinado o expediente que usou num romance anterior, *A Datilógrafa Loura*. Uma das figuras centrais, Alfeno, dizia-se paulista e usava o bordão “Tudo pelo Bem de S. Paulo” para legitimar suas negociatas. No fim do romance, bêbado, revela: “Minha vida é um romance, Altamira. Vou lhe contar um segredo... Eu não sou paulista nada! Sou mineiro, de Barbacena. Mineiro velho de guerra! Ali no duro! Mas minto que sou paulista, para tapear...” (p. 139).

⁵⁷⁴ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 178.

⁵⁷⁵ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 178-9.

⁵⁷⁶ Citações de MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 179.

⁵⁷⁷ Os artigos foram publicados no *Jornal do Estado*, o Diário Oficial de São Paulo, em 1933, quando João de Minas trabalhava no gabinete de Dirlemendo de Assis, secretário de Viação e Obras Públicas da interventoria

ficcional também nota-se que o alvo do estelionato eram os grandes investidores (a comparação com os bancos reforça a hipótese), cuja ambição de maior enriquecimento era suscitada por anúncios em jornais.

Ao discorrer sobre os túneis, o narrador valeu-se de uma versão acerca dos motivos da construção dos subterrâneos, posteriormente também mencionada por Schmidt, segundo a qual “os jesuítas, de embrulho com os paulistas e mesmo os índios legalistas, no alvorecer do Brasil, é que tinham por motivos de guerra, entre outros, cavado aqueles pavorosos buracos, alastrando quase toda a área da hoje babilônica cidade.”⁵⁷⁸ Percebe-se o exagero e seu papel na ficção, pois enquanto os relatos mencionados no início deste artigo circunscreviam os túneis, o escritor mineiro estende-os por todo território paulistano. Essa extensão cria um paralelismo entre ambas “cidades”, a subterrânea e a visível.

No contexto das grandes transformações urbanas pelas quais passava no processo contínuo de metropolização, o escritor faz ressurgir na ficção traços de uma São Paulo desaparecida, estabelecendo também uma relação passado-presente. À época, era também uma São Paulo mítica, no “alvorecer do Brasil”, fundadora da identidade presente (1936), povoada por “índios legalistas”, jesuítas, bandeirantes que, lembrando as outras versões dos túneis jesuíticos pelo Brasil afora, deixaram inúmeros artefatos: “nos subterrâneos misteriosos havia armas, ossadas, documentos, túmulos, câmaras de suplício católico, masmorras, leitos prostitutos”, “moedas grossas de ouro” (alusão aos tesouros escondidos pelos jesuítas, na época de sua expulsão, encontradas na perfuração que descobriu os túneis), “trabucos sublimes, do tempo das Bandeiras” (usadas no assassinato de um policial no Anhangabaú), “um facão de mato mourisco, uma jóia de pirata numa bainha cravejada de pedras finas” (cujo “aço, depois de passados os séculos, ainda ardia de tanto afiado”, foi usado para cortar a cabeça de Clotilde Ronelli). Observe-se uma nota irônica conferida a alguns itens da relação, visto que nem todos esses artefatos contribuíam para uma memória celebrativa da cidade, como as masmorras, câmaras de suplício e, sobretudo, os leitos prostitutos. Mas a outra parte dessa “bagagem que, posta um dia para fora, mudará documentalmente o curso da História

de Waldomiro de Lima: “De um editorial d’ ‘A Gazeta’, de Outro do Monteiro Lobato, às finalidades americanas da política econômica do general Waldomiro de Lima” (14/06), “Em torno a dois telegramas, aos srs. Monteiro Lobato e Assis Chateaubriand” (28/06), “Ouvindo e vendo Monteiro Lobato, ouvindo e vendo a imortalidade de Piratininga. De um discurso em 5 de julho às finalidades do patriotismo brasileiro” (11/07).

⁵⁷⁸ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 180.

do Brasil”⁵⁷⁹, ganhou ao longo da trama um uso deslocado, voltado para o crime, inclusive os próprios subterrâneos.

No decorrer do capítulo 12 são esclarecidos os crimes do romance pela atuação dos Olhos Brancos no subterrâneo. Explica-se como a Cidade Lamas, “o paraíso gosmento do bicheiro-cristo-do-corcovado” construído na baixada do mercado novo, foi pelos ares, ou seja, através da instalação de “explosivos supermodernos, de baixo para cima nos alicerces”. Borborema esteve nesse subterrâneo sob o prédio de Lamas quando foi capturado e presenciou a morte do médico Estader. Entende-se também que a cabeça de Clotilde Ronelli foi cortada por um dos bandidos, que não foi pego por causa de uma passagem secreta (alusão àquelas elaboradas pelos jesuítas)

diante de uma porta de pedra, ao sistema dos castelos de Santo Ângelo, que quase à flor da terra ia sair na pedreira da rua ou avenida Anhangabaú. De dentro do chão, o gangster, premendo uma saliência na pedra, fazia girar um bloco maravilhosamente ajustado na rocha colossal⁵⁸⁰;

O esclarecimento desses crimes vem acompanhados de comentários do narrador acerca da moral duvidosa das principais vítimas, com efeito de lembrar suas personalidades e ações ao leitor. Um dos bandidos, “dado às farras familiares, conhecia a garçone aviadora, e sabia-a riquíssima”; ou então, sobre o bicheiro, “que crápula, esse lamacento Lamas!” ; e coloca no mesmo plano Albanez e Estader em contraposição aos filhos: “o destino é engraçadinho, e fez a pilheria de Roberto se apaixonar justamente pela girl gostosa, a filha do dr. Estader, trucidado pelo futuro sogro de Helena”⁵⁸¹. Os comentários se estendem a Abelardo Laurentino e Carapiá, que deportaram Severino “como comunista” para Três Lagoas, ignorando uma carta sua sobre a descoberta da passagem do Anhangabaú e com a ideia de que os Olhos Brancos atuavam no subterrâneo.

Somente após o seu retorno Severino procura Borborema para relatar a descoberta. Tal informação municiou Hugo Calazans, que já havia descoberto o carro com alfinete mencionado pelo detetive, a enviar uma “nuvem de secretas, disfarçados em operários de toda a espécie, infiltrar-se nos misteriosos subterrâneos dos bandidos, e cuja entrada, camuflada num patriótico poço de petróleo, era em Vila Prudente”. Depois foi só prender “toda a

⁵⁷⁹ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 180-1.

⁵⁸⁰ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 180.

⁵⁸¹ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 180 e 185.

quadrilha quando ela ia fugir de avião, seu único recurso”⁵⁸², restaurando a ordem. Severino e Borborema dividem o prêmio de cem contos oferecido pelo polícia, que o primeiro usa para se casar, enquanto o detetive dividiu sua parte com os policiais de Calazans.

O efeito geral da narrativa policial, cujos elementos são sinteticamente retomados no capítulo final, é aproximar as duas imagens de S. Paulo, a da superfície e a subterrânea, que aparentemente estariam dissociadas se fossem seguidos os preceitos do romance policial clássico. Mas em *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo* acontece um embaralhamento irônico que mina as premissas do gênero. Entendemos que isso se deve à experiência de João de Minas da Revolução de 30, que aparece refratada como crítica anárquica a todo o sistema político-social (o vigente e o que foi derrubado), valendo-se de mecanismos próprios do humor como ironia, estereotipia e exagero.

Por um lado, os crimes dos Olhos Brancos, dirigidos contra a classe alta corrupta (da qual emergem), começaram a ganhar simpatia popular, base de uma legitimidade crescente, interrompida pela ação criminalística e censora da polícia, com ajuda do detetive protagonista. Portanto, os subterrâneos invisíveis, oriundos do passado remoto da cidade, e combinados com uma ciência de ponta, provém poder a um grupo armado que, apesar de popular e midiaticamente visto como regenerador, possui atitudes morais e objetivos sociais (o domínio da cidade) não diferentes da camada dirigente. Vimos que o romance oferece elementos associarmos essa leitura ficcional à ruptura política em 1930, visto que Hugo Calazans / Laurentino vêm na inércia de Júlio Prestes / Washington Luís a maneira errada de proceder contra bandidos que desafiam o governo.

Mas, por outro lado, João de Minas não defende em sua ficção um retorno ao passado, mas faz uma crítica intensa de ambas as elites. A narrativa evidencia que a São Paulo dos ricos e poderosos é tão ou mais corrupta ou devassa que a dos gangsters: os Olhos Brancos e o governo fazem tudo pelo poder, como mostra o raciocínio conciliador de Hugo Calazans; se um dos gangsters é devasso, Clotilde Ronelli também era; tanto Albanez quanto Lamas enriquecem com negociatas ilícitas, o segundo realizando-as com o governo municipal e com suborno à polícia (afinal, Albanez não foi combatido por aplicar o conto do petróleo, mas por desafiar abertamente a polícia); se os Olhos Brancos enriquecem pela extorsão de dinheiro dos donos de edifícios, Sérgio Estader faz o mesmo com os doentes pobres. Além disso, a

⁵⁸² MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 189.

força policial possui em seus quadros vários agentes corruptos e preconceituosos contra os pobres, valendo-se da autoridade para prender e bater indiscriminadamente. Borborema, sua tia e seus amigos Roberto e Helena, junto dos policiais, são personagens moralmente incólumes que contribuem para a manutenção de um sistema social, econômico e político viciado, com poder de definir quem é “bandido” ou não.

Ao mesmo tempo, a descrição dos subterrâneos por João de Minas barra qualquer recuperação mítica e celebrativa do passado construído por essa elite paulistana. Seja porque alguns elementos “sexuais” desse passado a impedem (como os leitos prostitutas ou a sementeira de filhos de Fernão Dias), seja porque a identidade que liga passado e presente é esvaziada de sua função de argamassa coletiva. Isso é feito ao se explicitar derrisoriamente seu uso interesseiro (Albanes ou Laurentino) ou ironizar a atribuição do mito passado no presente (“os bandeirantes de cara cheia de pó de arroz dos nossos dias cinematográficos”).

Assim, para captar a atenção do grande público, João de Minas vale-se da linguagem exagerada da imprensa, de seus intercâmbios com o cinema, e de um gênero de massa divulgado por livros e filmes, para se apropriar de um tema caro ao imaginário popular paulistano – a existência de túneis subterrâneos desconhecidos. Repleta de lances humorísticos, sua narrativa policial mina alguns preceitos clássicos do gênero ao representar uma polícia e a sociedade tão corrupta, fora da lei e interessada no puro poder quanto os criminosos. Sua mensagem negativa e iconoclasta, pautada numa leitura perrepista dos eventos da história política brasileira de seu tempo, ressalta algumas polêmicas e mazelas sociais da modernidade à brasileira.

O romance desmonta os discursos eufóricos de identidade paulistana ao colidir duas representações da metrópole: a oficial e hegemônica, que considera São Paulo “casa do Brasil, armazém de civilização em grosso e varejo”, com aquela outra noturna, subterrânea aos discursos mitificadores, que a concebe como a babilônica, desigual e contraditória “Canaã dos flagelados”⁵⁸³. Também aqui no gênero policial, as estratégias editoriais, propagandísticas e verbais, visando a autopromoção do escritor-narrador para um público não intelectualizado, vêm acompanhadas de uma história nada confortadora, uma sátira da sociedade.

⁵⁸³ A primeira expressão abre o romance analisado, e a segunda aparece num artigo de meados de 1934 intitulado “Depois, miseravelmente Depois”, do livro *Pelas Terras Perdidas* (1934). O texto é um balanço que o autor faz da sua obra *Jantando um Defunto* e da trajetória do país entre 1924 e 1934, considerando o papel da Revolução de 30 nos destinos de personalidades do cenário político como Juarez Távora, Júlio Prestes, Washington Luís, Arthur Bernardes, Getúlio Vargas e ele próprio, então residente em São Paulo.

5- Leituras e Leitores dos livros de João de Minas nos anos 30 e 40

Notas sobre as editoras e prefácios editoriais

A reentrada literária do escritor mineiro, segundo um relato dele próprio, quase ocorreu pela maior editora do país nos anos 1930. No início de julho de 1933, após ter escrito para o Diário Oficial de São Paulo alguns artigos laudatórios à causa do petróleo, João de Minas integrou uma comitiva convidada por Monteiro Lobato para ser apresentada ao seus ideais petrolíferos⁵⁸⁴. É muito provável que nessa ocasião João de Minas tenha presenteado-o com um exemplar de *Farras com o Demônio*, que Lobato leu e elogiou efusivamente numa carta que termina com um convite: “João, venha cá no meu escritório outra vez. Não vi você 'direito' naquele dia, porque não imaginava que você fosse o estourado de gênio que é. Venha logo, que estou ansioso por vê-lo a fundo”⁵⁸⁵. Na visita seguinte, desta vez a sós, Lobato e João de Minas conversaram sobre literatura, tecendo críticas ao “sertanismo de gabinete” vigente nos escritores brasileiros. A conversa enveredou sobre as buscas amazônicas de Fawcett pelas cidades perdidas, animais pré-históricos e diamantes. Percebendo o interesse do interlocutor, João de Minas, armado com um caderno de notas, comenta que

as páginas sobre o Araguaia, que o haviam deslumbrado, tinham um seguimento, ainda inédito. É que, logo depois de minha entrada pelos altos sertões goianos de Couto de Magalhães, eu penetra nos sertões mais tenebrosos de Mato-Grosso, no ponto em que se perdeu o sábio inglês Coronel Fawcett. (...) naquela visita a Monteiro Lobato, contei essa proeza ao ilustre escritor, mostrando-lhe um caderno de notas curiosíssimas, uma espécie de diário dessa viagem maluca. Monteiro Lobato, espírito dinâmico, que vai dar soberania ao Brasil, dando-lhe petróleo e siderurgia, pediu-me a ler o meu diário.⁵⁸⁶

Dias depois, no gabinete de Dilermando, ao devolver-lhe o diário Lobato teria dito: “você vai me escrever um volume a respeito da matéria deste diário, para a Companhia Editora Nacional. Já falei ao Octales”. João de Minas completa: “Fechamos o contrato do

⁵⁸⁴ Os artigos do escritor mineiro sobre o assunto são: De um editorial d’ “A Gazeta”, de Outro do Monteiro Lobato, às finalidades americanas da política econômica do general Waldomiro de Lima, 14/06/1933, p. 6; Em torno a dois telegramas, aos srs. Monteiro Lobato e Assis Chateaubriand, 28/06/1933, p. 2; Ouvindo e vendo Monteiro Lobato, ouvindo e vendo a imortalidade de Piratininga, 11/07/1933, p. 4.

⁵⁸⁵ A carta de Lobato a João de Minas foi publicada no Diário Oficial de São Paulo em 18/07/1933, p. 2.

⁵⁸⁶ MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 49. A referida conversa publicada na *Revista Sul América* em outubro de 1933 é precedida de um dos capítulos do livro.

livro. A matéria que o leitor leu pertence a essa obra, sendo a respectiva divulgação na imprensa ‘Copyright’ da Empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista”⁵⁸⁷.

Mesmo retendo certos direitos de divulgação para si e para sua empresa. João de Minas sabia que ter um livro publicado pela Nacional seria por si só uma grande promoção, devido ao prestígio da qualidade editorial, à rede de distribuição nacional ou pelos jornais onde eram veiculadas propagandas das obras. Encontrou em Lobato um leitor que, tendo sido dono da editora e naquele momento era seu principal consultor e tradutor, era o mais indicado para intermediar a publicação de uma obra brasileira em um gênero de bastante sucesso editado pela Nacional, os romances de aventuras próprios das coleções Paratodos e Terramarear. Mas seria provavelmente publicado na coleção “Romances e Contos Brasileiros”, que reunia populares autores nacionais de diversos gêneros como Paulo Setúbal, Benjamin Costallat, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto e vários outros. A intenção do escritor mineiro era tão clara que ele levou os manuscritos para o encontro, apresentando a proposta após ter preparado o terreno com uma conversa sobre literatura sertaneja enviada pela aventura, dois interesses claros de Lobato. A isca foi fígada, pois meses depois o escritor mineiro ainda anunciava a Nacional como a editora do seu novo romance. Todavia, o contrato não foi adiante, pois o referido livro, intitulado *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos* saiu por uma pequena editora, a Livraria Record Editora (São Paulo), em fevereiro de 1934.

Mais efetivas foram as relações pessoais do escritor mineiro com o gerente da editora Unitas. Enquanto ainda colaborava no *Jornal do Estado*, ao ser indagado sobre suas obras literárias, João de Minas respondeu:

Fui já chamado à ordem pelo meu querido amigo Salvador Pintaui⁵⁸⁸, gerente da Gráfica Editora Unitas, departamento da formidável “A Eclética”⁵⁸⁹. A Unitas vem alagando o Brasil com um mar de luz, que são suas primorosas edições, acompanhando o triunfo maravilhoso da Companhia Editora Nacional. Estive na Unitas há uma semana, escrevendo em cima de selos. Foi o contrato, que assinei, entregando à Unitas os

⁵⁸⁷ MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 51.

⁵⁸⁸ Salvador Cosi Pintaui fazia parte da Liga Comunista Internacionalista (LCI), de orientação Trotskista, fundada por Mário Pedrosa em 21 de janeiro de 1931 após este ser expulsão do PCB em 1929.

⁵⁸⁹ “A Eclética” foi fundada entre 1913 e 1914 por Jocelyn Bennaton e João Castaldi. Em seguida, associou-se ao empreendimento Eugênio Leuenroth, irmão do tipógrafo anarquista Edgar Leuenroth, e, a partir de 1918, Júlio Cosi. Cosi e Leuenroth dividiram a direção até 1933, quando o segundo deixou a firma, que encerrou suas atividades no início dos anos 1960. Cf. PAULA, 2007, p. 85-6 e 133.

originais para 10.000 exemplares do meu próximo livro “Mulheres e Monstros”⁵⁹⁰.

Ramo comercial da primeira e mais reputada agência de publicidade brasileira, a Unitas foi fundada em maio de 1931⁵⁹¹ pelo simpatizante trotskista Salvador Cosi Pintaudi, motivo pelo qual sua editora foi a primeira (e principal) a publicar esse autor no Brasil. Por conta dessa militância, fazia parte de um circuito clandestino de editores que

para se manterem na legalidade, faziam o possível para mascarar a edição de obras proibidas. Misturavam, nos catálogos, entre outros títulos clássicos, os nomes dos livros “proibidos” nos catálogos ou simplesmente os suprimiam. Não forneciam seus endereços e justificavam a publicação de livros de esquerda amenizando o seu conteúdo ideológico ou, ainda, alegando que já foram editados em outros países com ditaduras piores⁵⁹².

Mesmo após sua falência ter sido decretada em setembro de 1934⁵⁹³, o DEOPS continuou a solicitar o confisco de sua massa de livros até pelo menos 1938⁵⁹⁴. Era por publicações como essas que editoras como a Unitas

foram perseguidas, localizadas e analisadas pela polícia, que lhes confiscava os livros editados, além de proibir a circulação e o comércio dos títulos julgados “perigosos”, fosse em livrarias ou em qualquer outro ponto de venda. Exemplares foram queimados (...) seus editores, presos, e houve ainda o [seu] fechamento definitivo⁵⁹⁵.

Apesar da atividade clandestina sob a mira da polícia, a Unitas mantinha uma imagem de editora comercial, conforme sua orientação publicada no mês seguinte à sua fundação: “uma das finalidades da empresa será a edição de obras de sociologia, ao lado das outras formas de atividade humana reflexa no livro; literatura, ciência (filosofia, pedagogia, história,

⁵⁹⁰ UM ESCRITOR consagrado. *Jornal do Estado*, São Paulo, 22/06/1933 p. 2.

⁵⁹¹ *Folha da Manhã*, 24/12/1933, p. 15.

⁵⁹² ANDREUCCI, 2006, p. 172. Dentre os livros proibidos da Unitas, apreendidos pela polícia do DOPS, constavam, entre centenas de outros títulos, “1451 volumes de *Karl Marx - Sua Vida, Sua Obra*, de Max Beer; 798 volumes de *Os Problemas do Desenvolvimento da URSS*, de L. Trotski; 956 volumes de *O Marxismo*, de Kaustky, Lênin, Plekhanov, Rosa Luxemburgo; 581 volumes de *O que É a Revolução de Outubro*, de Trotski; 810 volumes do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels; 1014 volumes de *Poemas Proletários*, de Paulo Torres; 1060 volumes de *O Anarquismo*, de Kropotkin; 325 volumes (brochura) de *Han Rymer e Amor Plural*, de Maria Lacerda de Moura.” CARNEIRO, 2002, p. 65.

⁵⁹³ “Grafico Editora Unitas Ltda – Foi decretada a falência da Grafico Editora Unitas Ltda, estabelecido nesta capital, à alameda Barão de Limeira, n. 113. Foi nomeado síndico o credor Max Kalrovsky, marcado o prazo de 20 dias para habilitações de créditos e designada à assembléia de credores para o dia 22 de novembro p. f., às 14 horas”. Falências e Concordatas. *Folha da Manhã*, 29/09/1934, p. 13. Na mesma página, é informado que a falência foi decretada pelo juiz Adriano de Oliveira, da 6ª vara cível, no dia 28 de setembro.

⁵⁹⁴ CARNEIRO, 2002, p. 65

⁵⁹⁵ Além da Unitas, o autor se refere ao fechamento da Editorial Pax. Cf. ANDREUCCI, 2006, p. 172.

etc.), arte, técnica e o próprio romance para o povo”⁵⁹⁶. Essas diretrizes se concretizaram na publicação, alguns anos depois, dos títulos constantes nas seguinte listagem de brindes, ao lado de pentes, estojos e canetas- tinteiros:

O 3.º sensacional sorteio das “Folhas”

Pedimos aos nossos presados assignantes e leitores avulsos que ainda não retiraram os premios que lhes couberam no nosso 3.º sensacional sorteio, o obsequio de fazê-lo o mais rapidamente possível, a fim de podermos restituir as chaves do predio n.º 48 da rua S. Bento, onde os mesmos se acham.

Além dos premios sorteados, dos quaes publicamos os respectivos numeros, nomes e endereços, estão contemplados mais os portadores dos seguintes bilhetes:

Milhares 0665: — Córtes de seda — Caneta-tinteiro ou pente electrico — Estojo “GILLETTE” — Uma caixa de sabonetes “LEVER” ou livro edição “UNITAS”.

Centenas 365: — Caneta-tinteiro ou pente electrico — Estojo “GILLETTE” — Uma caixa de sabonetes “LEVER” ou um livro edição “UNITAS”.

Dezenas 65: — Um estojo “GILLETTE” — Uma caixa de sabonetes “LEVER” ou livro edição “UNITAS”.

Final 5: — Uma caixa de sabonetes “LEVER” ou um livro edição “UNITAS”.

Dezenas 98: — Uma caixa de sabonetes “LEVER” ou livro edição “UNITAS”.

A seguir publicamos a relação dos livros, a escolher, da Grafico-Editora “Unitas” Ltda., destinados aos finais 5 ou às dezenas 98, que não preferirem uma caixa de sabonetes “Lever”.

COLLECÇÃO DAS MOÇAS

TENTACAO MORTAL	Mary Florian
CARMENCITA	Mary Florian
O DOTE DE MARIANA	Jeanne de Coulomb
O MARIDO DE NADALETTE	Jeanne de Coulomb
LADY FRIDA	M. Maryan
ROSALINA	M. Maryan
KATE	M. Maryan
O MEU CASAMENTO	M. Maryan
A FELICIDADE DE ARLETE	M. Maryan
CRUEL DILEMMA	Henr. Ardel
DOIS AMORES	Henr. Ardel
A ULTIMA ILLUSAO	Henr. Ardel
PIROVA DE AMOR	Eveline Le Maigre
PARA GOZAR A VIDA	Henriette Bezaucou
NOIVA OFFICIAL	Bertha Ruch
ENTRE RISOS E PRANTOS	Paul Braect
ALMA EM DELIRIO	Paul Braect
A PRINCEZA DOS CABELLOS LOUROS	P. Couleman

COLLECÇÃO CRIME

DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE	E. Poe
A MARCA DO CRIME	E. Wallace
UM BANDO DE MASCARADO	Lost
O QUARTO DA MORTE	May
UM MYSTERIOSO ASSASSINATO	Wilman

COLLECÇÃO AVENTURAS

VOADOR, 55	E. Wallace
OS AVENTUREIROS	Mayne Reid
O NAVIO FANTASMA	Wright
MARIA	Haggard
AS 8 BADALADAS DO RELOGIO	M. Leblanc
A PEDRA MILAGROSA	M. Leblanc
A ILHA DOS 30 SEPULCROS	M. Leblanc
A AGENCIA BARNETT & Cia.	M. Leblanc
A CASA DOS MYSTERIOS	M. Leblanc

AUTORES CELEBRES

O ESPIAO	M. Gorki
OS COSSACOS	L. Tolstoi
HUMILHADOS E OFFENDIDOS	Dostolevski
A FERRO E FOGO — 2 Vols.	Sienkiwicz
A CASA DA CORTEZA	O. Wilde
OS SETE BAGOS DE UVA	Paul de Kock
A DAMA DAS PEROLAS	A. Dumas
BOM HUMOR	P. Nyssens
A DECADENCIA DO HOMEM E A SELECÇÃO SEXUAL	CH. Darwin
AMOR, CONVENIENCIA E EUGENESIA	G. Marañon
O SEQUESTRO DO CAPITAO SINDEAD	Dobsay

COLLECÇÃO LITERARIA

CANDIDO	Voltaire
RAPHAEL	Lamartine
REGINA	Lamartine
HAN D'ISLANDIA	Victor Hugo
MINHA FUGA DOS CHUMBOS DE VENEZA	Casanova
O CRIMINOSO	F. Coppée
BOLA DE SEBO	Maupassant
TANTARIN DE TARASCON	Daudet

COLLECÇÃO UNIVERSAL

OS COMPANHEIROS DE JEHU	A. Dumas
I TRE MOSCHETTIERI	A. Dumas
OS CAVALHEIROS DA CRUZ	Sienkiewicz
SANGUE POR DINHEIRO	Perez Escrich
A MULHER ADULTERA	Perez Escrich
SANDOUVAL, O MARITIMO	Perez Escrich
SVENGALI	Du Maurrier
O PALACIO DOS MYSTERIOS	Du Terrail

COLLECÇÃO AVENTURAS

OS REBELDES	Mayne Reid
A MONTANHA PERDIDA	Mayne Reid

COLLECÇÃO CRIME

UM CRIME MYSTERIOSO	Galopin
O MYSTERIO DA MADISON SQUARE, 68	Howard

COLLECÇÃO VOLGA

ASSIA	Turgentev
-------------	-----------

COLLECÇÃO AURORA

CIMENTO	F. Gladkov
OS LIBERTOS	Daniel Fitch

COLLECÇÃO BRASILEIRA

PIRAPORA	A. Schmidt
O CAVALHEIRO DE ITARARE	P. Salgado
OS ILHAÇOS DE GRANADA	Epandro
SAMBAS E CATERETES	C. Pires
CIDADES SUBMERAS	A. de Oliveira
POEMAS PROLETARIOS	Paulo Torres
SINO QUEBRADO	A. da Ribeirinha
MARILIA, A NOIVA DA INCONFIDENCIA	O. Rosolia
MEMORIAS DE UM JORNALISTA	A. S. Figueiredo
MULHERES E MONSTROS	João de Minas

SOCIALISMO

A. B. C. DO COMMUNISMO	N. Bulharin
O ANARCHISMO	P. Kropotkin
KARL MARX — SUA VIDA E SUA OBRA	Max Beer

PHILOSOPHIA

O MARXISMO	Varios autores
LUDWING FEUERBACH E O FIM DA PHILOSOPHIA CLASSICA ALLEMA	Engels

ECONOMIA

O CAPITAL (Resumo)	Carlos Cafiero
O PLANO QUINQUENAL	L. Trotski
OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA U. R. S. S.	L. Trotski
SOCIEDADES COOPERATIVAS	Fabio Luz Filho

POLITICA

A REVOLUÇÃO HESPAÑHOLA	L. Trotski
REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO NA AL-LEMANHA	L. Trotski
TEMPESTADE SOBRE A ASIA	L. Mantsó
O PRINCIPE	Machiavelli

MEDICINA

TRANSFUSAO DE SANGUE	Dr. C. Gama
COMO CURAR O MEDO DE VIVER	P. Hormet

SEXUALISMO

A PSYCHANALYSE	Dr. A. Hesnard
A VIDA E A OBRA DE FREUD	H. Delgado
HAN RYNER E O AMOR PLURAL	M. L. de Moura

OCCULTISMO

O ESPIRITISMO	E. Green
O HYPNOTISMO EM POUCAS LIÇÕES	Ch. Wilkens
CHIROMANCIA	W. King

LEGISLAÇÃO

ENSINO COMMERCIAL E REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSAO DE CONTADOR E GUARDA-LIVROS CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÃO	
---	--

DIDACTICA

METHODO THEORICO E PRATICO DA LINGUA PORTUGUEZA	Dario Lintz
IDEM, IDEM, DA LINGUA FRANCEZA	Dario Lintz

Listagem de livros da Unitas na *Folha da Manhã*, 15/05/1934, p. 12.

⁵⁹⁶ Empresa Editora Unitas. *Folha da Manhã*, 11/06/1931, p. 16. No dia 16 desse mês, a firma foi reconhecida: “Firmas Individuais - N. 48.202 - Salvador Cosi Pintaui - Capital - Avenida São João, 21 - Empresa Editora Unitas para edição de livros em geral, jornais, revistas e afins. 10:000\$000 - Brasileiro.” DOSP, 16/06/1931, ano 47, n. 136, p. 5202.

Não por acaso João de Minas comparou a iniciativa empresarial de Pintaudi à Companhia Editora Nacional. Camuflagem, aposta mercadológica ou ambos, o fato é que a Unitas, ao lado dos livros socialistas que a caracterizavam, valia-se do formato de coleções para divulgar ficção, sobretudo popular. Das obras listadas na relação de 1934, temos uma coleção voltada para moças, uma de livros policiais, uma de aventuras, outra de folhetins, somando 44 títulos, metade dos disponíveis para a premiação do público no sorteio da “Folha”, além das coleções “literárias” e de autores célebres (19 títulos), todas de autores estrangeiros traduzidos. A tendência editorial era tão difundida que os escritores brasileiros de ficção e memórias foram reunidos numa única coleção, na qual figura o livro sertanista *Mulheres e Monstros*. Este livro deve ter saído entre o início dos meses de outubro e novembro de 1933. Numa propaganda de 4 de outubro, é anunciado para breve “o livro mais sensacional deste ano”, apresentado como “uma obra que escapa a tudo que conhece nossa literatura. Os horrores e mistérios dos sertões de Mato-Grosso, descritos pela pena vibrante do escritor que já foi comparado a Euclides da Cunha”⁵⁹⁷. Dois meses depois o livro já é anunciado como publicado⁵⁹⁸.

Talvez por ser ambientado no Rio de Janeiro, o livro seguinte saiu entre fins de 1933 e o início de 1934 pela editora Marisa, chefiada por M. Sobrinho, um selo de escassa expressividade no campo editorial carioca⁵⁹⁹. O contrato de João de Minas provavelmente foi intermediado por Salvador Pintaude, gerente da Unitas. Especializado em obras de autores nacionais, entre os quais o maior sucesso de livrarias da época (Humberto de Campos)⁶⁰⁰, Sobrinho veio a São Paulo em julho de 1933 para tratar da organização de um Congresso de Autores e Editores Nacionais, e aproveitou a ocasião para estabelecer a editora Unitas como sua representante na capital paulista⁶⁰¹. Esse era um expediente comum para as editoras menores que não tinham condições de estabelecer uma filial em outra cidade, quando inexistia a figura do distribuidor nacional que fizesse a ponte entre editora e livrarias⁶⁰². A partir de então,

⁵⁹⁷ *Folha da Manhã*, 4/10/1933, p. 8.

⁵⁹⁸ *Folha da Manhã*, 24/12/1933, p. 15.

⁵⁹⁹ SORÁ, 2010, p. 82.

⁶⁰⁰ SORÁ, 2010, p. 82.

⁶⁰¹ Editora Marisa. *Correio de São Paulo*. 20/07/1933, p. 2.

⁶⁰² SORÁ, 2010.

propagandas da Marisa com o endereço da Unitas foram publicadas nos jornais *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, inclusive a que anunciou *A Mulher Carioca aos 22 Anos*⁶⁰³.

LIVROS NOVOS

MARISA Editora, do Rio, acaba de lançar de novo, os seguintes livros:

A Arte e a Neurose de João do Rio

De NEVES MANTA

Neves Manta, que é já hoje uma autoridade em psicologia, estuda aqui a personalidade e a obra literária de João do Rio a luz da ciência médica, com uma imparcialidade e uma profundidade de visão que tornam o seu livro uma obra realmente excepcional. Não há face do problema que lhe escape ao exame, não há fator ponderável que deixe de ser examinado, verificado, concretizado, e tudo isso num estilo corrente e numa linguagem fácil, livre do pedantismo profissional dos sábios do cátedra.

Brochura

A mulher carioca aos 22 annos

De JOÃO DE MINAS

João de Minas é passional. Sua imaginação é uma coisa sem descrição, sua audácia literária não tem limites. Tratado com gentio pelos grandes nomes da crítica nacional, posto no banho de Eurydides da Cunha, tendo diante de si os elogios parciais da imprensa — elle soube, entretanto, fugir a esse entorpecimento, e essa estagnação em que vivem os escriptores que repentinamente se vêem levados às nuvens.

João de Minas conservou-se elle mesmo, um typo que escapa a definições, que não pode ser contido dentro de quadros mapeados. Esta sua obra é uma obra de escândalo, um rasgo violento na máscara hypocrita da sociedade, um livro sensacional, que ajudará, nos numerosos predilectos do escriptor — mais e da coragem de enfrentar preconceitos e revalques.

Brochura

O desmemoriado de Collegno

De ALVARENGA NETTO

O rumoroso caso do desmemoriado de Collegno, que despertou a curiosidade e manteve alerta a attenção da Itália e do mundo, movimentando a imprensa e as agencias telegraphicas de todos os continentes, pode agora ser acompanhado em todas as suas etapas pelos leitores brasileiros, através do livro de dr. Alvarenga Netto. O livro estuda detalhadamente o caso, e traz, a respeito, a conclusão a que chegou o seu autor e a sentença proferida pelo Tribunal de Turim.

Brochura

DISTRIBUIDORES EM S. PAULO:

Graphico - Editora UNITAS Limitada

Escriptorio: Rua S. Bento, 11 — Caixa, 2977 — São Paulo
Deposito: al. B. de Lima, 113 - Tel. 4-1434 - São Paulo

Propaganda dos livros da Marisa Editora, publicada na *Folha da Manhã* em 10/3/1934, p. 10.

O escritor mineiro também planejou lançar pela editora de Pintaúde os romances paulistas em preparo: “Também fechei com a Unitas contrato para a edição, 10 milheiros de cada, dos romances de amor e de heroísmo bandeirantes, e que são 'Uma Mulher... Mulher!' e 'A Datilógrafa Loura'.”⁶⁰⁴ Diversificando sua atuação, esses romances foram planejados visando a torrente de livros sobre a identidade paulista que foram escritos após 1932, pois foram anunciados junto com o livro sobre o Plano Quinquenal de Dilermando de Assis.

⁶⁰³ *Folha da Manhã*, 10/03/1934, p. 10.

⁶⁰⁴ UM ESCRITOR consagrado. *Jornal do Estado*, São Paulo, 22/06/1933 p. 2.

Propaganda no Jornal do Estado, São Paulo, 9/7/1933, p. 11

Os planos com a Unitas não deram certo, mas o autor migrou os títulos para editoras com o mesmo perfil. O primeiro deles, *A Datilógrafa Loura*, saiu no início de 1934 pela Calvino Filho, estabelecida no Rio de Janeiro desde 1931. Calvino tinha uma catálogo amplo, com títulos de medicina, contabilidade, memórias e história do Brasil, religião e teosofia, romances de autores brasileiros que iam desde Théo Filho a José Américo de Almeida. Mas o que o tornou famoso foram suas publicações, logo nos primeiros anos da década, de inúmeras obras simpáticas ao marxismo e comunismo, além de relatos de viagem à União Soviética. Essa linha editorial se acentuou nos anos 1940, não só porque o editor esteve abertamente filiado ao Partido Comunista quanto porque o clima político se tornou favorável com a aliança da URSS aos Estados Unidos e Inglaterra contra o nazismo, o que arrefeceu as proibições e perseguições anticomunistas vigentes desde 1935. Antes disso, uma enxurrada de livros e romances sobre proletários vinha sendo publicada. Foi seguindo essa tendência que João de Minas intitulou *A Datilógrafa Loura* de “romance da mulher proletária, em São Paulo”. Este livro foi o único que não teve nenhum tipo de apresentação do editor nem do autor, contando apenas com uma lista de alguns livros anteriores de João de Minas.

O outro romance, *Uma Mulher... Mulher!*, foi lançado no segundo semestre de 1934 pela Editorial Paulista, de São Paulo. As publicações mais antigas que encontramos a respeito dessa editora datam de 1932, sendo uma tradução de Oscar Wilde e um livro sobre o conflito constitucionalista de julho desse ano, de Armando Brussolo. Em 1935, eram divulgadas na última capa de *A Prostituta do Céu* livros dos mais diversos gêneros e tendências ideológicas

como três livros de Maria Lacerda Moura contra o fascismo e a Igreja Católica, a obra de Martinho Filho “Pela Revolução Integralista”, “A Arte de Amar” de Ovídio, “Programa Socialista” de Kautsky, livros de sociologia, lições de piano, lições de latim, ocultismo, sociologia e filosofia, fofocas “O amor depravado dos homens célebres”. Ao que parece, não havia tendência editorial definida, publicando-se os autores que o editor achasse vendável.

Foi na editorial Paulista que João de Minas teve maior pouso. Além de *Uma Mulher... Mulher!*, lançou *Pelas Terras Perdidas* no segundo semestre de 1934 e, em meados do ano seguinte *A Prostituta do Céu e Fêmeas e Santas*. Foi nessa editora que o escritor mineiro teve a ideia de reunir esses e os romances anteriores saídos por outros selos na *Coleção Revolução Sexual Brasileira*. O pouso não foi casual, pois, ao que parece, a Editorial Paulista respondeu aos anseios do escritor mineiro por atingir o público popular numa linguagem sensacionalista, valendo-se de paratextos apelativos e capas com mulheres nuas. Afinal, colocar mulheres nuas nas capas dos livros parecia ser uma tendência geral das editoras populares para captar o interesse do público. Um indício está numa reclamação de Jorge Amado, de dezembro de 1935, sobre essa postura de um editor carioca:

Hoje já apresentamos bem os livros. No entanto, há dois anos um editor forte daqui do Rio me dizia que capa de livro sem mulher nua não prestava. Isso porque eu protestava contra a inclusão de uma mulher nua na capa de um romance de um amigo meu, onde nenhuma mulher se despia. Esse editor faliu no ano passado com todas as suas mulheres nuas. Ele não compreendia que era preciso educar o público e que o público brasileiro já estava se educando e não admite mais certas explorações⁶⁰⁵.

O escritor mineiro e seu novo editor caminhavam no sentido oposto, buscando “certas explorações” das emoções populares, sem preocupações com o refinamento do público. Tanto que, como vimos, os livros de 1935 utilizam muito mais a linguagem apelativa nos paratextos e textos retocados de publicações de fins dos anos 1920 do que aqueles lançados em 1934

Essa perspectiva permaneceu no outro gênero, o policial, publicado em 1936 em mais um dos empreendimentos do escritor mineiro, a Imprensa Americana Editora, uma rubrica usada para veicular seus livros e divulgar textos jornalísticos. Foi dirigida com um parente de nome Rômulo Palombo, quem havia divulgado seu livro *Jantando um Defunto* no Diário da Noite de Belo Horizonte, em 1929, e fez parte da Ciência Divina nos anos 1940. Através da

⁶⁰⁵ A situação do escritor e do livro brasileiro. (entrevista de Jorge Amado a José Lins do Rego). *Folha da Manhã*, 24/12/1935, p. 6.

Imprensa Americana João de Minas editou seu primeiro romance policial, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, planejou reeditar de *A Prostituta do Céu* (teria o nome de *A Pecadora do Céu*) e lançar outras inéditas como o livro de contos policiais *Gangsters Rio – São Paulo* e o romance de aventuras *Rei da Ilha do Bananal*, até hoje não encontrados⁶⁰⁶.

As atividades da empresa continuaram após a aposentadoria literária do escritor mineiro. Em 1940 foi editado dois livros do poeta gaúcho Gevaldindo Ferreira, *Cantiga que vem da Terra* e *Tapera da Saudade*, o primeiro com prefácio de João de Minas⁶⁰⁷. Conforme foi abandonando o meio literário, foi transferindo as atividades para realizar “serviços técnicos de jornalismo das massas” como redigir “reservadamente, produzindo originais fulminantes para o interessado assinar ou encaminhar etc.”⁶⁰⁸, além de veicular os panfletos, volantes e livros de sua religião, como a Bíblia “A vida Começa na Ciência Divina” (1957).

No ano seguinte, 1937, João de Minas conseguiu negociar a segunda edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* com uma editora de grande porte especializada em livros jurídicos, a Edições e Publicações Brasil, de São Paulo⁶⁰⁹. O plano era também reeditar várias obras do escritor, como *Jantando um Defunto*, *Farras com o Demônio*, *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, *A Datilógrafa Loura* e *A Prostituta do Céu*⁶¹⁰. Mesmo que nunca tenhamos encontrado a reedição destas obras, a segunda edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* teve uma distribuição bem mais alargada que as anteriores, com exemplares vendidos nas livrarias do Rio de Janeiro, Recife e Porto-Alegre. Todavia, no contexto do Estado Novo, essa reedição foi alvo da censura do DIP por atentado à moral (pornografia), sendo recolhida pela polícia das livrarias de todo o país⁶¹¹.

Mas não foi apenas a censura estatal que dificultou a circulação os livros do escritor mineiro. Ao que parece, sua intenção de se tornar referência na literatura popular urbana esbarrou na sua posição dentro da estrutura do mercado editorial. Sem conseguir penetrar nas

⁶⁰⁶ Ver as orelhas e última capa de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*.

⁶⁰⁷ Cf. O Momento, Caxias (RS), de 20/05/1940, p. 1 e 30/09/1940, p. 1

⁶⁰⁸ “Trabalham dia e noite na revolução do inferno vivo” *Diário da Noite*, 12/05/1947, p. 5

⁶⁰⁹ MICELI, 2001 (1979), p. 149.

⁶¹⁰ As informações constam nos paratextos dessa edição.

⁶¹¹ No Rio, cf. correspondência do diretor da Divisão Geral do Departamento de Divulgação do DIP ao chefe de polícia do Distrito Federal, 24/11/1943, In: Arquivo Nacional, Fundo Agência Nacional, código EH, lata 187; no Recife, comunicado do DOPS ao DEIP-PE, datado de 01/12/1943 cf. Prontuário DEIP-PE n. 28626. *Apud* ROCHA, Rafael Pires. *Propaganda Política e Censura no Estado Novo em Pernambuco* (1937-45), Dissertação em História, UFPB, 2008, p. 100; em Porto Alegre, cf. HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha*: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível. Porto Alegre, Edipucrs, 1998, p. 27.

maiores e mais prestigiadas empresas do ramo, as relações pessoais de João de Minas levaram-no a pequenas editoras e empreendimentos gráficos como Unitas, Calvino Filho, Marisa e Editorial Paulista, ou livrarias como Record. Fundadas no início dos anos 1930, tinham circulação concentrada em São Paulo e Rio, e algumas eram ligadas a movimentos de esquerda, sendo por isso perseguidas pela polícia, o que deve ter levado a Unitas à falência. A respeito de todas, inclusive a que o escritor tentou fundar, não encontramos muitas informações ou estudos na bibliografia sobre o mercado editorial dessa década, sendo que as informações sobre as duas primeiras vêm dos estudos sobre comunismo e censura no país.

Outros indícios apontam nessa direção. O primeiro é um documento legal onde o escritor mineiro vende os direitos autorais de seus livros a sua esposa Narcisa. Nessa ocasião, revoga “toda e qualquer doação que tenha feito a qualquer editor para gratuitamente editar qualquer livro meu. Considero ingratidão e o mais até agora não tem aproveitado a doação”⁶¹². O outro provém de um depoimento sobre a distribuição dos seus livros, na qual o autor

andava e colocava livros nas livrarias, e depois ele ia, depois de uma semana, ‘como é aí, já vendeu?’ Já tinha vendido tudo. E ele pedia mais outra cota, e ele colocava. Não sei se ele fazia isso no Rio de Janeiro. Daí porque os livros dele não correram o norte do Brasil, correram mais no sul. Correram no Brasil, no norte do Brasil mais por referência, livros que chegavam lá devido à genialidade desse homem.⁶¹³

Mesmo que sejam verdadeiras as informações sobre altas tiragens de dez mil exemplares, João de Minas circulou por um meio editorial que mantinha a estrutura das décadas anteriores, na qual o autor era pouco ou nada remunerado pelos seus livros, editados a partir de relações pessoais com editores, a distribuição era regionalmente restrita e também de responsabilidade do escritor, a venda feita em livrarias que também funcionavam como editoras, algumas das quais eram selos para gráficas.

A baixa especialização também pode ser notada na estrutura da divulgação. Como comenta Gustavo Sorá

Um bom editor em 1930 era aquele próximo da crítica, idealmente por laços de amizade, mas, pelo menos, fazendo resenhar seus livros, coletando os artigos sobre seus editados, compilando-os e enviando-os ao autor. Uma evidência do peso dessa estratégia de distinção social foi, em meados dos

⁶¹² Registro de cessão escrita por Ariosto Palombo, referente a venda de direitos autorais dos livros a Narcisa Palombo. Livro de Registro Integral n. B43, n. Ordem 17356 de 18/12/1957, folhas 201v, 202v. 5. Ofício de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro.

⁶¹³ CARNEIRO, 2006, p. 7

anos 1930, a forma como os editores passaram a usar as opiniões autorizadas sobre suas obras como atrações para o público, que podia lê-las nas orelhas dos livros, nas contracapas e outras fórmulas de promoção⁶¹⁴.

Nos livros de João de Minas acontece justamente o contrário. Não encontramos uma única propaganda dos livros do escritor mineiro lançada pela Editorial Paulista, Calvino Filho e Record nos jornais e revistas paulistanos e cariocas. Toda a divulgação, quando acontecia, consistia em enviar os livros para a redação dos jornais para terem capítulos publicados ou serem comentados em notas nas seções de “Livros Novos” e/ou dos rodapés de crítica literária. Já o consórcio Unitas-Marisa teve alguma penetração, sendo possível encontrar propagandas de *Mulheres e Monstros* e *A Mulher Carioca aos 22 Anos* nos jornais Folha da Noite, Folha da Manhã (São Paulo) e Correio da Manhã (Rio)⁶¹⁵.

Valendo-se da estrutura da Unitas e apoio da Eclética, não foi casual que *Mulheres e Monstros* tenha sido o livro mais comentado nas seções de “Livros Novos” e rodapés de crítica, ficando somente atrás de *Jantando um Defunto*. Acontece que do total de onze inserções em jornais que localizamos, uma possui a estrutura das notas divulgadoras dos livros anteriores⁶¹⁶, cinco possuem um mesmo texto como matriz (provavelmente aquele publicado no Correio de São Paulo) que ia sendo adaptado e recortado conforme o espaço do jornal, sem nenhuma assinatura⁶¹⁷; e outros cinco divergem dessa estrutura, com uma prosa e palavras que indicam uma leitura autoral⁶¹⁸. Há também um depoimento de Caio Porfírio Carneiro que diz ter lido *Mulheres e Monstros* no Ceará no final dos anos 1940, sendo um indício de que essa obra tenha tido circulação nacional⁶¹⁹.

Outro indício de que o escritor estava à frente da atividade editorial de seus livros é a reapropriação das apresentações. O padrão de apresentação editorial feito pela Alpha para

⁶¹⁴ SORÁ, 2010, p. 171.

⁶¹⁵ Sobre propagandas de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, ver *Correio da Manhã*, Rio, 06/05/1934, p. 9; *Folha da Manhã*, 10/03/1934, p. 10; *Folha da Manhã*, 10/04/1934, p. 10; *A Noite*, Rio, 01/02/1934, p. 6. Sobre *Mulheres e Monstros*, ver *Folha da Manhã*, 4/10/1933, p. 8; *Folha da Manhã*, 24/12/1933, p. 15; *Folha da Manhã*, 28/01/1934, p. 18; *O Estado de São Paulo*, 30/11/1933, p. 12; *O Estado de São Paulo*, 07/12/1933, p. 7; *O Estado de São Paulo*, 27/01/1934, p. 11.

⁶¹⁶ Revista do Globo (Porto Alegre), 24/01/1934, p. 8.

⁶¹⁷ Baseados na mesma estrutura estão outro saído em *A Noite* (Rio), 08/01/1934, p. 4; Revista do Globo (Porto Alegre), 24/01/1934, p. 8; *Correio da Manhã* (Rio), 06/01/1934, p. 2; *Correio de São Paulo* (São Paulo), 18/11/1933, p. 1; *O Estado de São Paulo* (São Paulo), 07/12/1933, p. 7; *Folha da Noite* (São Paulo), 17/11/1933, p. 2.

⁶¹⁸ Os textos com comentários autorais saíram na *Boletim de Ariel* (Rio), n. 4, jan/1934, p. 109; *Revista Sul América* (Rio), out/1934, p. 53; *A Gazeta* (São Paulo), 03/10/1933, p. 6; *A Noite* (Rio), 12/02/1934, p. 6; *Folha da Manhã* (São Paulo), 11/02/1934, p. 4.

⁶¹⁹ CARNEIRO, 2006, p. 1.

Farras com o Demônio, valendo-se do prestígio dos acadêmicos, foi mantido nas edições dos livros de João de Minas nos anos 30⁶²⁰, porém não veiculando os textos integrais, senão apenas parágrafos ou frases de efeito.

O prefácio dos editores de *Mulheres e Monstros* (Unitas, 1933) intitula-se “páginas maravilhosas da literatura brasileira”. Para dirimir o possível espanto com o exagero do título, os editores contrapõem o “relampeante sucesso” das narrativas que deram origem ao livro quatro anos antes, atestando que “*Jantando um Defunto* é oficialmente, academicamente, a obra considerada mais igual a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha”. Para confirmar a tese, são reproduzidos e brevemente comentados trechos inteiros onde a comparação é feita por Humberto de Campos (5 parágrafos), Medeiros e Albuquerque (2 parágrafos) e João Ribeiro (2 parágrafos), acrescida de quase toda a carta de Coelho Neto onde elogia o sertanismo de João de Minas. Além disso, é citado o texto de Plínio Barreto, representante da “alta crítica” de São Paulo, mas nenhum trecho do seu rodapé é reproduzido, provavelmente pelo teor crítico às concepções políticas do escritor mineiro. Sobre *Farras com o Demônio* são retomados a crítica de Medeiros e Albuquerque e Veiga Miranda, sem reprodução de trechos, e uma nota de *A Gazeta*, reproduzindo três longos parágrafos, o último dos quais retoma o elogio dos acadêmicos a João de Minas⁶²¹.

Para apresentar *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* no início de 1934, a Livraria Record adotou estratégia semelhante, porém mais enxuta. O título da única página de apresentação dos editores, “um astro da literatura americano”, aparece como aparentemente excessivo para, logo em seguida, ser reafirmado como razoável porque

um livro recente, um sucesso de livraria do autor determinava – como é público e notório – que se extraísse dos arquivos da nossa incipiente crítica literária um pouco da profunda admiração dos grandes mestres, diante da obra originalíssima, curiosíssima de João de Minas, sem igual mesmo na sua maneira única e nova. Quem o diz, aliás, é a alta crítica... Duvidam?⁶²².

Os grandes mestres são os mesmos de *Farras com o Demônio*, os quatro acadêmicos e Carlos Dias Fernandes, sendo as novidades os elogios de Monteiro Lobato e Juan Carlos

⁶²⁰ Apenas o livro *A Datilógrafa Loura*, da Calvino Filho, não apresenta nenhum tipo de apresentação do editor nem do autor, contando apenas com uma lista de alguns livros anteriores de João de Minas.

⁶²¹ Páginas maravilhosas da literatura brasileira. In: MINAS, João de. *Mulheres e Monstros*. São Paulo: Unitas, 1933, p. V-IX (*Jantando um Defunto*) e p. X-XI (*Farras com o Demônio*).

⁶²² Um astro da literatura americana. In: MINAS, João de. *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*, p. V.

Blanco (“saludo en usted a un gran escritor de America!”), ex ministro do exterior do Uruguai e embaixador no Rio, cuja frase dá escopo continental à obra do escritor mineiro, que por sinal estaria sendo traduzida para o espanhol, na Argentina e Uruguai. O formato dos elogios torna-se conciso, deixando de ser o texto todo ou um parágrafo completo para ser reduzido a duas ou três frases de efeito. Por exemplo, da longa crítica de Humberto de Campos sobra apenas “... o sr. João de Minas tem definições shakespearianas” e, comparado a Euclides da Cunha, João de Minas “impressiona a imaginação de modo mais vivo”.

No prefácio dos livros editados pela Editorial Paulista⁶²³ a lista dos críticos e o título do prefácio foram copiados da Livraria Record. O título mudou apenas uma palavra (“um vulto da literatura americana”), enquanto que a parte inicial da lista com os trechos dos críticos inserida nos livros de 1934 *Pelas Terras Perdidas* e *Uma Mulher... Mulher!* foi apenas reordenada, mantendo idênticos os trechos citados (p. 10). A repetição quase literal da relação de críticos permite ver que o escritor e não as pequenas editoras fez o serviço de coletar informações críticas na imprensa, que nas grandes editoras passou a ser uma atividade interna à própria casa.

Todavia, no prefácio da Editorial Paulista há elementos novos. Primeiro, acrescentou-se elogios de personalidades e veículos de imprensa que em 1933-4 comentaram os livros do escritor mineiro, como médico e colunista Maurício de Medeiros, o editor M. Sobrinho, Plínio Barreto, Revista Sul-América, A Gazeta e A Noite Ilustrada. Nos livros de 1935 *Fêmeas e Santos* e *A Prostituta do Céu*, a lista recebeu os trechos elogiosos das escritoras paranaenses Nenê Macaggi e Ada Macaggi, além de Quintiliano Jardim, dono do *Lavoura e Comércio* de Uberaba. A estratégia de se valer da opinião de personalidades famosas, sobretudo autoridades acadêmicas, vem ao lado dos elogios efusivos como “há um só João de Minas, único, imprevisível, maravilhoso!”, que acompanham nomes de Eça de Queiroz, Vargas Villa, Pitigrilli, Euclides da Cunha, Danunzio e Shakespeare.

Além das opiniões sobre as obras, o prefácio dos livros da Editorial Paulista incorpora a guinada popular do escritor, considerando uma “revolução literária” a criação de sobressaltos emotivos. É citada a frase de um crítico (não nomeado) segundo o qual João de Minas “inventa o sensacional, constrói-o, para depois sensacionalizar o próprio sensacionalismo” ou então, nas palavras dos editores, “escrever com graça acima não raro da

⁶²³ Também foi reproduzido na edição da Imprensa Americana Editora, em 1936

própria graça, golpear com ironias acima do inferno, brutalizar o horror acima da própria tragédia, magoar, ferir sem fim, pincelar o grotesco, traçar tipos, criar fabulosas mentiras verdadeiras...” Todos esses lances de efeito teriam sido inventados na língua brasileira no livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos, Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos, A Datilógrafa Loura* (supostamente “lido vorazmente em todas as fábricas do Brasil onde a mulher moderna sua o topete”) ou as novelas policiais que dariam a João de Minas a invenção da literatura policial “de verdade” no país. A reprodução de um trecho de um artigo do escritor mineiro sobre a Datilógrafa Loura pode ser um indício que tenha sido ele próprio quem, senão redigiu, orientou a redação deste prefácio.

Mesmo com o auxílio ou redação de João de Minas, a finalidade de divulgação fazia com que os prefácios utilizassem todos os expedientes de propaganda das editoras nos anos 1930, entre os quais o de veicular insistentemente, pelos jornais ou nos paratextos, as opiniões de importantes personalidades literárias e críticas sobre o livro, além de estabelecer semelhanças com renomados (e bem vendidos) escritores nacionais e estrangeiros. Tal utilização, sobretudo nos livros da Editorial Paulista, aparentemente não se coaduna com a postura de falar diretamente ao povo e virar as costas para a opinião da crítica desfavorável. Mas reduzir os textos opinativos a algumas frases de efeito bombástico para ressaltar a imagem do escritor era outra forma de esvaziá-la, transformando-as em reclames destinados ao emergente público não erudito.

Da consagração ao resgate de um escritor

De todos os livros do escritor mineiro lançado nos anos 1930, os livros sertanistas foram os mais comentados e, destes, o destaque foi para *Mulheres e Monstros*. Foram ao todo oito comentários diferentes localizados entre meados de 1933 e meados de 1934. Dois deles são pequenas notas de lançamento, entre dez e quinze linhas, publicadas no Boletim de Ariel e na Revista Sul América⁶²⁴. Quatro abordam especificamente o livro, tendo saído no jornal Folha da Manhã (São Paulo), A Noite (Rio), Correio de São Paulo (São Paulo) e a Gazeta (São Paulo), sendo que os dois últimos parecem mais propaganda que crítica pois, além de

⁶²⁴ Os textos com comentários autorais saíram na Boletim de Ariel (Rio), n. 4, jan/1934, p. 109; Revista Sul América (Rio), out/1934, p. 53.

anônimos, carecem do tom avaliativo presente nos primeiros⁶²⁵. Outros artigos comentam esse livro em comparação com outros: o de Rubens do Amaral compara com outros escritores e o do crítico do rodapé “Atualidades Literárias” do jornal *A Noite* (Rio) comenta esse livro junto com *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*⁶²⁶. Sobre este livro, além do comentário no jornal *A Noite*, há opiniões na *Revista Sul América*, na *A Gazeta*, *Revista da Semana* (Rio) e *Boletim de Ariel*⁶²⁷. Já o livro *Pelas Terras Perdidas* teve apenas um artigo opinativo, da *A Gazeta*⁶²⁸.

Portanto, ao contrário de *Jantando um Defunto*, não se pode falar em fortuna crítica para os livros do escritor mineiro dos anos 1930, o que não nos impede de tratar das linhas de força mobilizadas. Para isso, como fio condutor das leituras, vamos confrontar dois elogios ao sentido social da obra de João de Minas que comparam *Mulheres e Monstros* com livros de outros escritores: um artigo de *A Gazeta* do início de outubro de 1933 e outro de Rubens do Amaral de setembro de 1936. O primeiro foi escrito para comentar o livro a ser lançado: “O próximo livro de João de Minas, a ser editado pela Unitas”⁶²⁹. Inicia com a notícia da publicação da décima segunda e luxuosa edição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, fato que seria um índice de aumento da leitura no país:

Quem foi que disse que não se lê no Brasil? O que se podia responder, e com vantagem, é que no Brasil se lê muito, mas as obras maravilhosas, os livros de raça. Os livrecos, as drogas impressas, esse fundo de negócio é justo que não seja tomada a sério. / O triunfo popular de Euclides da Cunha é o triunfo do alfabeto nacional. Porque quando um bom autor é disputado, há nisso uma vitória da escola primária, do puro conhecimento, do **abc**. Com os livros técnicos pode não ser assim, admitimos. Daí a obrigação, o dever imperioso do governo amparar a boa, a ensinadora literatura⁶³⁰.

Até aqui, o êxito da leitura de um bom autor é associado a um êxito civilizacional. A oposição é estabelecida entre cultura e ignorância, daí o papel vitorioso atribuído à escola primária. Em seguida, o campo de batalha é restringido, e o apoio do governo não é mais solicitado para a boa literatura, mas para a literatura nacional:

⁶²⁵ *A Gazeta* (São Paulo), 03/10/1933, p. 6; *A Noite* (Rio), 12/02/1934, p. 6; *Folha da Manhã* (São Paulo), 11/02/1934, p. 4; *Correio de São Paulo* (São Paulo), 18/11/1933, p. 1.

⁶²⁶ *Atualidades Literárias*, *A Noite*, Rio, 19/03/1934, p. 6; AMARAL, Rubens. *Romances de Aventuras*. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

⁶²⁷ *Boletim de Ariel* (Rio), jun/1934, p. 247; *Revista Sul América* (Rio), jul/1934, p. 32; *A Gazeta* (São Paulo), 2/3/1934, p. 8; *Revista da Semana* (Rio), 23/02/1935, p. 17.

⁶²⁸ *A Gazeta* (São Paulo), 31/12/1934, p. 7.

⁶²⁹ *A Gazeta* (São Paulo), 03/10/1933, p. 6.

⁶³⁰ *A Gazeta* (São Paulo), 03/10/1933, p. 6, grifo do autor.

Por outro lado, no êxito esplêndido de um autor nacional, como Euclides da Cunha, há o êxito da raça e da pátria. Quer dizer: o livro estrangeiro que em geral faz publicidade estrangeira, e desnacionaliza o leitor, sofre mais uma derrota.

É preciso que os poderes públicos, com os editores e os autores, com os jornalistas, todos, como os nossos artistas e patriotas, pensem nesse rumo de sereno e sadio nacionalismo, amparando o livro nacional, que é como quem diz polindo a alma nacional, torneando em labores de joia a nossa mal vestida brasilidade.

O que seria para desejar é que a nação em peso caçasse – é o termo – as obras de valor, como os “Sertões”, e as divulgasse como cartilhas de nacionalismo, como catecismo cívicos. Os editores que se propõem a tal mister são dignos do auxílio financeiro oficial, que poderia ser traduzido em ampla publicidade gratuita, feita pelo governo em todos os seus órgãos oficiais, ficando também livres de pagar qualquer imposto, inclusive o de importação de papel para as obras respectivas⁶³¹.

Na opinião do articulista de *A Gazeta*, a obra de João de Minas teria condições de preencher a proposta acima: “entre os novos escritores, consagrados pela grande crítica, há um que possui qualidades não só euclidianas, como pessoais, dignas de nota. Referimo-nos a João de Minas, uma dessas figuras marcantes de escritor.” O argumento, como sempre, é citar as avaliações dos acadêmicos Humberto de Campos, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto, sobretudo o paralelo com Euclides da Cunha. Sobre o livro a ser editado pela Unitas, poucas linhas dizem ser um “livro de sensação, estupendo livro brasileiro”⁶³².

O artigo de *A Gazeta* anunciando o livro *Mulheres e Monstros* está muito próximo dos primeiros comentários a *Jantando um Defunto* por considerar a cultura letrada como única, sem subdivisões. Nessa perspectiva, a obra do escritor mineiro é uma expressão da alta cultura letrada do país, cujo valor foi estabelecido pela crítica de membros da Academia Brasileira de Letras e dos rodapés, não por acaso sendo comparada a Euclides da Cunha. O problema do artigo, através do qual o elogio do escritor mineiro se torna um argumento, é defender a cultura, ou melhor, o livro brasileiro contra o estrangeiro através da ação governamental, ou seja, fornecer incentivos pecuniários a editores e escritores.

A maior parte das leituras, saída após a publicação do livro, seguem essa perspectiva. Seis comentários a *Mulheres e Monstros* e um sobre *Horrores e Mistérios nos Sertões*

⁶³¹ A Gazeta (São Paulo), 03/10/1933, p. 6.

⁶³² A Gazeta (São Paulo), 03/10/1933, p. 6.

*Desconhecidos*⁶³³ vêm acompanhados de termos como celebrado sertanista, vitorioso, consagrado, com êxito ruidoso. Como nos prefácios deste livro e do anterior, esse prestígio significa ressaltar os elogios dos acadêmicos Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, João Ribeiro, e de outros escritores como Carlos Dias Fernandes, Veiga Miranda e Monteiro Lobato. Destes, a opinião mais retomada é a de Humberto de Campos, “cuja segura acuidade intelectual afasta qualquer hipótese de equívoco em assunto dessa natureza”⁶³⁴. A proximidade dos elogios de escritores prestigiados tornou-se um filtro de leitura tão forte que esses articulistas sentiram necessidade de apresentá-lo ao leitor. Fica difícil saber se essa retomada era formatada pelos prefácios editoriais dos livros ou estava dispersa nos meios intelectuais e jornalísticos; de qualquer forma, a prestigiada opinião dos quatro acadêmicos (ainda vivos) sobre os livros iniciais parecia ser um senso comum sobre João de Minas, credenciando-o ao mundo das letras.

Essa retomada da crítica acadêmica não era contraditória ao elogio de originalidade do estilo do escritor nos artigos elogiosos a *Mulheres e Monstros*. Quatro deles o fazem de maneira vaga: na *Revista Sul-América*, o livro é considerado de cabeceira para ser relido nos momentos de tédio “tal a fascinação e o encantamento da prosa original, personalíssima”; o *Boletim de Ariel* atribui-lhe o prosseguimento dos aplausos e leitores das obras anteriores pelo seu prosseguimento na “criação de uma literatura intensa”. O artigo-propaganda do *Correio de São Paulo* é mais prolífico, mas se mantém na mesma linha:

A selva brasileira, com seus mistérios, seus horrores e suas maravilhas, estava a exigir um intérprete à altura do material a ser tratado. Muita gente tentou, e muita gente fracassou. João de Minas conseguiu-o.

Suas páginas tem a brutalidade dos ambientes bárbaros, o lirismo poético dos homens rústicos, o imprevisto dos cenários desconhecidos. Há paisagens riscadas pelo autor em 5 linhas, que ficam em nossa retina gravadas para sempre.

Há situações de horror, em que mesmo lendo o leitor se emociona. O mistério das origens da civilização americana, o incrível dos monstros que ainda vivem em nossos sertões, o ambiente todo de lendas, de perigos, de superstições – tudo isso rompe pelas páginas de “Mulheres e Monstros”, fazendo-nos, às vezes, esquecer que estamos numa cidade civilizada, tal a força da expressão de João de Minas. É um livro que nenhum amante da boa leitura pode perder.

⁶³³ Boletim de Ariel (Rio), jun/1934, p. 247; A Gazeta (São Paulo), 03/10/1933, p. 6; A Noite (Rio), 12/02/1934, p. 6; Folha da Manhã (São Paulo), 11/02/1934, p. 4; Correio de São Paulo (São Paulo), 18/11/1933, p. 1; Actualidades Literárias, A Noite, Rio, 19/03/1934, p. 6; Boletim de Ariel (Rio), n. 4, jan/1934, p. 109.

⁶³⁴ Actualidades Literárias, A Noite, Rio, 19/03/1934, p. 6.

Vale para o trecho aquilo que já comentamos sobre os escritos e apresentações em capítulos anteriores: tenta-se físgar o leitor pelos efeitos emotivos do estilo aliada ao exótico de um espaço maravilhoso no interior da nação, contrapostas à “civilização”. O que importa destacar é como uma propaganda é difundida na imprensa revestida da tonalidade avaliativa do discurso da crítica do rodapé, com considerações sobre o autor, o estilo, a fidelidade da representação e, por fim, a edição: “o trabalho gráfico das Edições Unitas é realmente impecável, de acordo, aliás, com o que o valor do livro estava a exigir”⁶³⁵. Até mesmo a aparência gráfica é emulada para levar o leitor a achar que é uma nota de divulgação ou avaliativa e não uma propaganda, como se pode ver no box onde o cabeçalho segue o formato bibliográfico das notas de livros novos e das seções críticas dos rodapés.

**MULHERES
E MONSTROS**

João de Minas — Edições
UNITAS - S. Paulo, 1933

O escriptor João de Minas, que os mestres da crítica literaria nacional julgam comparavel, em muitos pontos, a Euclides da Cunha, vem de pôr nas livrarias um novo livro, "Mulheres e Monstros".

O volume contem narrativas de scenas vividas pelo autor quando de recente viagem aos sertões goyanos, e que foram dispostos em forma de contos.

O assumpto, já de si interessante, é magistralmente tratado por João de Minas, de modo que as descripções chegam, frequentemente, a um grau de fidelidade literaria na expressão das emoções, como acreditamos nenhum outro escriptor tenha conseguido até hoje, entre nós.

A selva brasileira, com seus mysterios, seus horrores e suas maravilhas, estava a exigir um interprete, mas um interprete á altura do material a ser tratado. Muita gente tentou, e muita gente fracassou. João de Minas conseguiu-o.

Suas paginas têm a brutalidade dos ambientes barbaros, o lyrisimo poetico dos homens rusticos, o imprevisito dos scenarios desconhecidos. Ha paisagens riscadas pelo autor em 5 linhas, que ficam em nossa retina gravadas para sempre. Ha situações de horror, em que mesmo lendo o leitor se emociona.

O mysterio das origens da civilização americana, o incrível dos monstros que ainda vivem em nossos sertões, o ambiente todo de lendas, de perigos, de superstições — tudo isso rompe pelas paginas de "Mulheres e Monstros", fazendo-nos, ás vezes, esquecer que estamos numa cidade civilizada, tal a força de expressão de João de Minas. E' um livro que nenhum amante da boa leitura deve perder.

O trabalho graphico das Edições Unitas é realmente impecavel, de acordo, aliás, com o que o valor do livro estava a exigir.

Nota sobre Mulheres e Monstros, Correio de São Paulo – 18/11/1933, p. 1

⁶³⁵ Correio de São Paulo (São Paulo), 18/11/1933, p. 1.

O resenhista anônimo da *Folha da Manhã* é mais específico ao destacar positivamente “as cenas descritas magistralmente nessa impressionante narrativa”, exemplificando com um resumo do caso do acasalamento do urubu-rei, e também o “humorismo natural” que “brota na pintura de uma cena patética, e quase sempre isso lhe acontece, ele tira efeito justamente do contraste. Daí o seu satanismo” que aparece na melhor parte do livro para ele, a narrativa das coisas terríficas e pitorescas da viagem ao Araguaia, guiada por Xaraim, “negro destorcido e cheio de mandinga, senhor de todos os terríveis segredos florestais, lembra o animal inferior de onde provém”⁶³⁶. Se a imagem animalizada de Xaraim de dupla cor, negro e mulato, associado a um macaco provém da própria narrativa, as primeiras frases apontam a projeção que a personagem despertou, associado a um pai de santo negro dos terreiros das grandes cidades, de quem a polícia e a imprensa veiculavam semelhantes concepções inferiorizantes. O terrível e misterioso exótico dos sertões imaginados são preenchidos com imagens dos marginalizados setores urbanos⁶³⁷.

A linha dos elogios acima aparecem nos dois artigos de *A Noite*, mas nestes já vemos reparos que se tornaram frequentes anos 1930. O tom é mais explícito na opinião de 19 de março, que trata de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* mas também comenta *Mulheres e Monstros*. Após elogiar a prosa brilhante e cromática, o poder descritivo e as névoas fantasmagóricas da paisagem, que compõem uma literatura rica, “forte, rosada da melhor emoção”, se desaponta com o “desembaraço com que abusa de certos adjetivos chulos”, com o “despropósito repisado de comparações destoantes da essência do motivo tratado” e, por fim, “o critério caricatural que emprega em situações que não o comportam e o exagero em cenas forçadas”⁶³⁸. Para ele, essa oscilação tornaria difícil discernir o valor da literatura de João de Minas. É a partir daí que começa a se notar a indistinção que os críticos continuaram a observar até os anos 1990, a oscilação na prosa do escritor mineiro entre literatura e sublitteratura, entre imagens marcantes e comparações chulas ou forçadas.

Esse mesmo artigo ressalta que em *Mulheres e Monstros* o escritor atingiu melhor o “equilíbrio emotivo, a força descritiva, o surto de imaginação” que *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* apesar dos elogios à descrição dos aspectos impressionantes e dramáticos do sertão. Outros comentários a esse livro vão na mesma linha. O *Boletim de Ariel*

⁶³⁶ Folha da Manhã (São Paulo), 11/02/1934, p. 4.

⁶³⁷ Ver próximo capítulo.

⁶³⁸ Actualidades Literárias, *A Noite*, Rio, 19/03/1934, p. 6.

destaca a imaginação nas cenas e colorido do estilo, mas aponta que “o sr. João de Minas compraz-se em ferir a literatura de sensação, em impressionar o público através de golpes de efeito”⁶³⁹. A *Revista da Semana* destaca o livro “forte e violento, impregnado do seu próprio feitio inconfundível”, mas afirma que João de Minas “aperfeiçoa o condão de horripilar que as suas páginas têm”, além de sugerir dúvidas sobre a veracidade, comentando que “o livro que nos manda parece uma fantasia. O autor afirma sua veracidade. Estão certos quem o escreveu e quem o leu, porque se trata de horrores e de mistérios”⁶⁴⁰. Dessa forma, a maior parte dos comentários a *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* elogiam a descrição impressionista e colorida dos eventos e paisagens sertão mas passam a observar o exagero nos lances de efeito.

Outro artigo de *A Gazeta* é tão elogioso a *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos* que beira a propaganda. Reafirma a veracidade dos episódios, o que é uma forma de dar crédito e prestígio ao escritor, ressalta o estilo “ másculo” e o interessante tema sertanejo, buscado na “selva brasileira e no drama terrível que aí se desenrola entre o homem e os elementos que o cercam”. Por fim, afirma que este livro “é de molde a atrair ainda maior público, pois contém narrações palpitantes, que interessarão não só os leitores cultos, como às massas, habituadas às emoções dos romances de aventuras”⁶⁴¹. Esta frase transforma em elogio o que os comentários acima observaram em tom de reprovação, parecendo captar as intenções do escritor mineiro de ampliar os leitores. O interessante, todavia, é como exprime a distinção entre o público culto e as massas, até então ausente ou tateada nos comentários anteriores. A difusão dos romances de aventura traduzidos, atendendo ao consumo das massas percebidas como leitura distinta da erudita, oferece o vocabulário para enquadrar essa mudança na literatura do escritor mineiro.

É nessa última chave que o artigo de Rubens do Amaral foi escrito, já incorporando os problemas tratados nos capítulos anteriores. Saiu na *Folha da Manhã* no início de setembro de 1936, quando o livro *Mulheres e Monstros* perdera o frescor de novidade nos rodapés dos jornais⁶⁴². Intitulado “Romances de Aventuras”, a motivação do artigo aparece no fim: “O gênero é, hoje devorado por milhões de leitores em todo o mundo. Edgard Rice Burroughs,

⁶³⁹ *Boletim de Ariel* (Rio), jun/1934, p. 247.

⁶⁴⁰ *Revista da Semana* (Rio), 23/02/1935, p. 17.

⁶⁴¹ *A Gazeta* (São Paulo), 2/3/1934, p. 8.

⁶⁴² AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

Edgard Wallace ou Emílio Salgari são lidos muito mais no Brasil do que quaisquer outros autores nacionais ou estrangeiros! É isso um bem? É um mal?”. E responde:

Acho que um bem. Nossas crianças – coitadas! – leem nas escolas uma horrível literatura que decerto lhes é impingida expressamente para nelas criar invencível repugnância à leitura. (...) Que ao menos, ao sair da escola, elas se interessem por Tarzan! Assim lerão qualquer coisa que as reconciliará com a letra de forma, predispondo-as à leitura continuada que formará depois o seu espírito. Verificarão elas assim, que a leitura não é uma coisa torturante (...) ⁶⁴³.

A leitura infantil motiva mas não é o problema central do artigo, que é a possibilidade da existência de um romance de aventuras nacional:

Sempre me pareceu que um romance de aventuras, para ser possível, devia passar-se em terras distantes – nas cordilheiras da Ásia, nas florestas da África, nos gelos do Canadá, a leste de Bornéu. Parecia-me também que os nomes dos personagens deviam ser ingleses, hindus, hotentotes, cheios de consoantes, cheios principalmente de yy, ww e kk. Um romance de aventuras que ocorresse em Porto Feliz, Juiz de Fora ou Itapemirim, que coisa sem graça que havia de ser! E então se os personagens – os heróis, os bandidos, as vítimas – chamassem José Silva, Antonio de Sousa ou João de Almeida? Seria um angustioso desenxabimento... Faltando o exotismo, faltaria tudo. Terras longínquas e nomes bárbaros seriam elementos imprescindíveis ao interesse e à verossimilhança, porque a verdade é que do estrangeiro é que nos vêm notícias de coisas estranhas e porque a proximidade e o conhecimento nos evidenciariam desde logo o absurdo e a impossibilidade da ação fantástica que forma a essência de tal literatura ⁶⁴⁴.

Esse argumento se revela falacioso, não porque não tenha seu quinhão de verdade, mas porque o interesse pela literatura do maravilhoso não repousa, para o articulista, somente no espaço geográfico e nas personagens, mas na narrativa, que é o grande problema a ser atacado para agradar o leitor, em especial as crianças:

Os livros paulistas, salvo as exceções que rendo homenagens, - são monumentos de semsaboria sobre alicerces de mediocridades, escritos sem talento e sem saber, para martírio ou pelo menos para enfado das pobres crianças compelidas a aturá-los por todo um sistema de escolhas complacentes ou infelizes ⁶⁴⁵.

As exceções salvadoras conduzem ao cerne do artigo, um comentário sobre a literatura de aventuras nacional que valeria a pena ler, escrita por três autores: Monteiro Lobato (*O Choque*), Menotti del Picchia (*Kalum*) e João de Minas (*Mulheres e Monstros*). Para Amaral,

⁶⁴³ AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

⁶⁴⁴ AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

⁶⁴⁵ AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

o livro de Lobato teria o inconveniente de não ser nacional: “escrito noutra língua e noutra era, teria tido divulgação universal, com renome no gênero; o assunto, porém, não é nosso”. Assim, seu livro não seria romance de aventuras nacional por problema semelhante aos romances históricos de Paulo Setúbal (*A Bandeira de Fernão Dias*), que, apesar da aventura, se passa num tempo distante com personagens portugueses e brasileiros. A opinião de Rubens do Amaral sobre Menotti Del Picchia é parecida: apesar de sua narrativa e fantasia ser elogiada, comparável às aventuras dos romances traduzidos, teve os mesmos problemas de Lobato, valendo-se de personagens estrangeiros e locais de ação distantes (na fronteira com a Bolívia), além de inverossimilhanças, perdoadas por serem próprias ao gênero.

Tais restrições mostram que para Rubens do Amaral um romance de aventuras nacional deveria ter três ingredientes: uma empolgante e emocionante narrativa, personagens atuais e ambientar-se em território brasileiro, descrevendo as coisas próprias da terra. Para o articulista da *Folha da Manhã* o livro de João de Minas preenchia todos os requisitos, com a vantagem de fazer também boa literatura:

O primeiro romance de aventuras, de ação e personagens brasileiros, que realmente realizou o gênero, foi “Mulheres e Monstros”. É esse um livro formidável pela imaginação, pelo imprevisto, pela novidade e pela intensa dramaticidade com que arrasta o leitor, através de um mundo fantástico às margens do Araguaia. / E, sobre a massa da literatura mundial dessa feição, possui ainda maravilhosas qualidades literárias, que nos dão uma visão curiosíssima dos sertões, em relâmpagos de talento, com a arte ao mesmo tempo sutil e selvagem. João de Minas é alternadamente um estilista e um sublevado, com páginas que poderiam figurar em antologias entremeadas a outras que arrepiaram os cabelos aos mais tolerantes acadêmicos. E, através das fantásticas aventuras que narra, vai nos contando o que é o sertão, nas suas matas, nos seus bichos, os seus homens, com uma acuidade de observação e com uma faculdade de narrativa e de pintura que o tornam um escritor à parte entre nossos escritores, fascinante e original⁶⁴⁶.

Apesar dos méritos literários, Amaral considera o livro lançado pela Unitas não como exemplar da alta cultura brasileira, mas como realização nacional máxima do gênero massivo veiculado e bem vendido nas coleções das grandes e pequenas editoras. Não é casual que esse seja um dos poucos textos que não fazem nenhuma menção à fortuna crítica ou à consagração acadêmica do escritor mineiro; pelo contrário, menciona que no livro há páginas que os deixariam horrorizados. Apesar de não diretamente citada, o artigo de Amaral pressupõe a segmentação que ficou cada vez mais evidente aos escritores e editores ao longo da década de

⁶⁴⁶ AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

1930, entre o público dos gêneros narrativos eruditos e daqueles lidos pelo grosso público. Tal problemática é atravessada pela questão nacional, que aqui segue a linha do prefácio de Menotti del Picchia, certamente lido pelo articulista da *Folha*, pois é colocada em relevo tanto a questão do mercado para o escritor patricio, como, principalmente, a representação das coisas brasileiras nos livros consumidos pelas massas, o que explica a exultação ao tema da representação do sertão, considerado a matriz da nossa autenticidade. Para Rubens do Amaral, se as narrativas dos três escritores tratados são igualmente empolgantes, é na representação fidedigna da brasilidade que João de Minas os supera, parecendo resolver excelentemente uma equação complicada aos olhos de intelectuais da década: como criar uma literatura de massa que fosse genuinamente nacional e de qualidade (estilística e narrativa).

A questão se torna interessante se considerarmos novamente que *Mulheres e Monstros* é uma reedição de *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, informação que constava no prefácio dos editores da Unitas. Reedição, aqui, significou, como já vimos, uma transformação geral na editoração do texto para torná-lo palatável a um público amplo. Nenhum comentarista prestou atenção a esse detalhe e leu a obra como nova (leitura que se repetiu até os anos 1990), evidenciando que os paralelos com obras anteriores eram mais conhecidos pelos elogios dos críticos que por uma leitura efetiva dos livros do escritor mineiro. Mas não é só, pois o sentido das narrativas de *Mulheres e Monstros* dependeu menos do texto ou da edição que do problema geral do campo literário. Os articulistas de *A Gazeta* e da *Folha da Manhã* tratam dos mesmos temas: o gosto pela leitura, a disputa entre a literatura nacional e a estrangeira pelas preferências do público, as obras sobre os sertões, através da qual há um elogio ao escritor mineiro – sugerindo-se até sua adoção nas escolas como vetor de brasilidade. Todavia, o mesmo texto das obras de finais dos anos 20, modificado por uma nova edição, foi enquadrado e avaliado em gêneros diferentes – sertanista ou aventuras – conforme a questão da segmentação do público foi emergindo ao longo da década de 1930. Essa diferença de abordagem aponta um lugar distinto para o livro *Mulheres e Monstros* na cultura nacional, no primeiro caso como parte de um repertório de literatura erudita sobre o sertão, no segundo como uma obra de divertimento que fosse formadora do gosto pela leitura em um público não especializado, finalidade sugerida por Rubens do Amaral que o leva a considerar um benefício a adoção dos livros de aventuras na escola. As implicações dessa ideia já analisamos: para alguém com uma visão propedêutica dos chamados gêneros

menores, uma obra sairia de cena assim que cumprisse seu papel de despertar da leitura, dando lugar a obras formadoras do espírito culto e refinado.

Podemos também perceber a incorporação das referências aos novos gêneros a partir de duas versões de um texto de Carlos Maul sobre *A Mulher Carioca aos 22 Anos*. O primeiro deles foi publicado como colaboração no ressurgido *O Paiz*, do Rio, em 17 de fevereiro de 1934, cerca de um mês depois do lançamento do romance. O título aponta já a perspectiva: “um livro que é um caso de polícia”⁶⁴⁷. O resumo, comum aos dois artigos, denuncia a obscenidade da narrativa ao desvendar a pergunta sobre o título “Quem é, para o sr. João de Minas, antonomásia literária do sr. Ariosto Palombo, a mulher do Rio, aos 22 anos?”

Nada mais, nada menos do que a filha de uma adúltera degradada, de um pai que enriqueceu à custa de crimes hediondos, a companheira de moçoilas degeneradas, que praticam atos inenarráveis, e que se oferece ao noivo às vésperas do casamento. A Escola Normal é um antro de mulheres-vampiros e de meninas que se entregam à prática de todas as patifarias; é uma Sapucaia moral, onde vão ter os restos da metrópole.

A carioca símbolo é uma Angélica que vive cercada de monstros, em uma atmosfera de sanie. Envolvem-na vícios de toda sorte; mostram-se aos seus olhos os espetáculos mais baixos que a miséria humana inventou para o gozo das almas enfermas; maculam-lhe o corpo de donzela amigas que ela aceita e repele. Dá-se aos entorpecentes para depois reagir, tímida e indecisa, e acaba nos braços de um homem, por quem se apaixona e de quem faz seu amante, antes de fazê-lo seu marido. Essa é a figura menos escabrosa do volume, e é assim sem equilíbrio e atingida pelas taras de uma ancestralidade delinquente. As outras são tipos teratológicos apresentados como padrões da sociedade; não se salvam sequer por um vago arrepio de virtude; constituem para o autor a imagem da população de uma cidade devassa, espojando-se em indecências multiformes. Angélica ouvira histórias da carochinha, sentada nos joelhos do padrinho, um malandro sócio de seu pai, que mais tarde fora amásio de sua mãe e por esta assassinada em circunstâncias e de forma indescritíveis. É essa mulher carioca aos 22 anos, ambiente de lupanar povoado de michelas casadas e minotauros sem vergonha. Vivemos na lama, rolamos na vasa⁶⁴⁸.

O vocabulário do artigo é todo permeado por expressões que apontam para a reação espantada e indignada que a narrativa de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* provocou, com uso constante de termos que evocam decadência, vício e doença. O universo de João de Minas é considerado tão pernicioso pela leitura moralmente conservadora de Maul para quem, ao contrário das leituras desse romance após 1990, até mesmo a protagonista é denunciada como

⁶⁴⁷ MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.

⁶⁴⁸ MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.

a “figura menos escabrosa”, ou seja, também tem culpas por acompanhar as amigas no uso da cocaína, deixar “macular seu corpo de donzela” e, apaixonada, ter se entregue a um homem antes do casamento. A defesa intransigente da jovem mulher virgem e recatada, além de boa mãe e esposa fiel se casada, permeia o texto. Como o próprio Maul afirma, seu artigo é um protesto contra uma narrativa que ataca esses valores familiares de maneira tão indescritível que o articulista se recusa a citar trechos porque considera o romance “composto por um vocabulário escatológico, de sarjeta. São páginas inteiras em uma língua que possui todos os segredos da técnica da obscenidade. E não haveria como reproduzir tais expressões sem solidariedade tácita com quem as fixou nessa obra de esgoto”.

Por conta disso, o livro de João de Minas é associado por Carlos Maul à literatura de cordel pornográfica, vendida pelos engraxates. Como comenta Ângela de Castro Gomes, os engraxates estabeleciam-se em “pontos” da cidade do Rio de Janeiro que poderiam ser comprados ou alugados, dividindo os ganhos com o proprietário nas chamadas “portas”. Além do serviço, também se vendiam nesses pontos cadarços para sapatos, bilhetes de loteria, revistas e livros ilustrados ou novos de cordel, colocados ao lado das cadeiras para freguês ler enquanto seu sapato era engraxado. Caso gostasse da leitura, os livros ou revistas poderiam ser comprados. Como não se vendiam revistas novas, fornecidas pelas bancas de jornal, “o forte, portanto, era a literatura de cordel e todo o tipo de livretos que pudessem interessar ao público de leitores composto por camadas populares de menor escolarização”. Dessa forma, ao lado dos ambulantes que vendiam livros usados nas calçadas, os engraxates eram pontos de venda de literatura popular no Rio de Janeiro pelo menos desde início do século XX, ao ponto de alguns deles, nos anos 20, transformarem as portas de engraxates em livrarias, como aconteceu com Savério Fittipaldi que, tendo trabalhado na livraria popular de Pedro Quaresma, tornou-se dono da Livraria Carioca, depois renomeada para Livraria João do Rio⁶⁴⁹. Em 1935 essa livraria anunciou, entre inúmeros outros títulos, a venda de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* pela metade do preço de capa, de 6 por 3 mil réis, o que evidencia a circulação desse título de João de Minas pelos circuitos populares de comercialização⁶⁵⁰.

Ao disponibilizar e vender também cordéis pornográficos, os engraxates eram alvo dos artigos dos intelectuais conservadores, como o próprio Carlos Maul: “Existe uma literatura

⁶⁴⁹ GOMES, 2000, pp. 85 e ss.

⁶⁵⁰ Cf. *Diário da Noite*, 02/12/1935, p. 12.

chamada de cordel, que se vende nas portas dos engraxates. São folhetos obscenos, repositórios de frascarices para deleite de espíritos doentios, e cuja circulação a polícia de costumes apenas tolera quando se faz com a clandestinidade protetora das coisas imundas”⁶⁵¹. Nessa linha, meses depois, foi o novo crítico do *Jornal do Brasil* Múcio Leão quem comentou efusivamente a ação da polícia em uma livraria carioca, na qual foram apreendidos três mil volumes de livros de “uma literatura devassa e clandestina, que irão se espalhar pela cidade, nos cubículos dos engraxates e nas bancas dos jornaleiros. E com esses livros uma parte da população carioca iria inundar de venenos a alma”. Sua aprovação à ação policial provém do fato de esses folhetos serem considerados a fonte principal de muitos dos vícios ostentados na cidade do Rio, pois os livros obscenos afetariam aquelas camadas mais desprotegidas contra essa literatura, “as classes mais humildes na escala social e os estudantes do ginásio”⁶⁵², justamente os setores que constituíram o grande aumento de público nos anos 1930. Mas Múcio Leão faz uma crítica dentro dessa ação moralizadora policial pelo fato de ela deixar de fora os livros de literatura que

nos últimos tempos, tem alcançado um grau tão profundo da realidade e crueza como nunca víamos em nossa língua. Há rapazes e senhoras que escrevem, hoje, em nossas letras, com uma abundância tal de detalhes nas descrições, um tal luxo de pornografia vocabular, que deixam longe esses pobres diabos dos romancistas de cordel.

E, entretanto, esses livros, assim concebidos e executados, estão nas estantes das livrarias, tranquilos, seguros de si, largamente vendidos!

Não parece um pouco forte que a polícia apreenda e destrua uns e deixe os outros em paz? A mim me parece que é. Bem sei que o problema é de solução difícilíssima, pois cada escritor é livre de inventar a sua história como bem entende.

E a observação que aqui faço visa apenas a fazer essa advertência às autoridades policiais cariocas: a de que não se devem precipitar muito nas apreensões da literatura considerada imoral. Ou então, se querem mesmo ir avante, terão que mexer em muita casa de marimbondos...⁶⁵³

O artigo de Carlos Maul, ao tratar do livro de João de Minas, avança o paralelo e a advertência. Ao contrário dos livros de cordel, os quais não se sabe quem escreve e quem edita porque “não há editor suficientemente cínico para ligar o nome de sua casa a esse gênero de sujeira intelectual, a essas florações de inteligências de esterquilínio”, o livro *A Mulher Carioca* não só recebeu a assinatura de um escritor como também espanta

⁶⁵¹ MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.

⁶⁵² LEÃO, Múcio. Literatura Imoral. *Jornal do Brasil*, 01/09/1934, p. 5.

⁶⁵³ LEÃO, Múcio. Literatura Imoral. *Jornal do Brasil*, 01/09/1934, p. 5.

o endosso de um livreiro em semelhante enxovalho. Eu não duvido da inocência dessa cumplicidade. A perspectiva de lucro não teria induzido o editor a catalogar entre os livros honestos da sua casa “A Mulher Carioca aos 22 anos”, nem a inscrever o sr. João de Minas na relação dos autores capazes de fornecer “leitura sadia e correta aos que gostam de enriquecer o espírito”. Inadvertência, boa fé, o que quer que seja, não o absolve nem justifica que se deixe passar sem um protesto essa publicação⁶⁵⁴.

E clama às autoridades

À polícia compete impedir que esse livro caia em mãos incautas. É um livro agressivo e indecente. É grosseiro. E tem um título que é um engodo. Deve ser confiscado, senão para dar senso moral ao sr. João de Minas, pelo menos para escarmento de outros que acaso se sintam espicaçados para imitá-lo⁶⁵⁵.

Em 1936 o comentário de Carlos Maul ao livro *A Mulher Carioca aos 22 Anos* manteve o teor mas com um sentido completamente diferente. A associação com a literatura de cordel dos engraxates desapareceu, sendo que esse grande mal foi substituído pelos livros comunistas. Na primeira parte do artigo “Bolchevismo e Literatura de Esgoto” o autor defende a tese que a União Soviética financiava propaganda no país. A maior prova seria o surgimento das editoras de ocasião em São Paulo como Unitas, Caramuru e Cultura Brasileira, mantidas por “gente que não tinha fortuna e não tirou a sorte grande na loteria para poder atirar na voragem, sem perspectivas de lucro um dinheiro que lhes houvesse sido emprestado”⁶⁵⁶. Daí a difusão dos resumos de Marx, obras de Bogdanov e Bukharin e outros opúsculos distribuídos “ao nosso homem ingenuo das oficinas e das escolas superiores. Com semelhante venenos intelectuais corrói-se na juventude o sentimento cívico.”

O outro tipo de literatura que contribuiria para a demolição da nação em seus aspectos políticos e morais mais nobres é a “obscena, de pornografia repelente, também saída, em parte, dessas usinas corruptoras, e rotulada de história dos nossos costumes. Os seus autores pertencem ao clã bolchevista. Escrevem numa meia língua que deturpa o gosto do leitor, e usam um vocabulário de cavaliças”. O problema para o escritor carioca é que

várias dessas monstruosidades, devem a sua popularidade ao louvor inescrupuloso de críticos oficiais da imprensa, como aconteceu há pouco com os romances comunistas intitulados **Suór** e **Cacau**, duas imundícies sem qualificativo, e com a novela não menos nauseabunda “A Mulher

⁶⁵⁴ MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.

⁶⁵⁵ MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.

⁶⁵⁶ MAUL, Carlos. Bolchevismo e literatura de esgoto. In: _____. *Nacionalismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: Batista e Souza & Cia, 1936, p. 81.

Carioca aos vinte e dois anos” que se expõe nas livrarias sem nenhuma reserva⁶⁵⁷.

Pelo trecho acima, mudou o inimigo das bases morais da nação brasileira, que deixou de ser os engraxates e seus cordéis obscenos para se tornar a conspiração internacional supostamente promovida pelo comunismo soviético, com obras ingenuamente elogiadas pela crítica na imprensa. Essa questão veio à baila com a polarização político-ideológica em torno do integralismo e comunismo em meados dos anos 30, bem como à tentativa de golpe promovido por Prestes no Rio em 1935, que alimentou ainda mais o temor ao perigo vermelho. Simpatizando abertamente com um nacionalismo de matizes fascistas, Carlos Maul valeu-se de uma ideia duradoura até o final dos anos 1980 e justificou a censura nos períodos ditatoriais, a associação entre comunismo e pornografia, o primeiro destinado a corroer as bases políticas e o segundo as bases morais da nação brasileira, preparando assim o terreno para uma revolução pró-soviética. Essa formulação não é explícita no autor, mas sugerida na sua acusação de que os livros pornográficos fossem todos lançados pelas editoras que divulgavam obras de esquerda, sendo também o que justifica a inclusão do livro de João de Minas ao lado dos de Jorge Amado, indiretamente taxando-o de comunista pelo teor pornográfico de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*.

Além do teor atentador à moral, abordado pela transcrição do longo trecho sobre o mundo em torno de Angélica, para Maul o problema deste livro é o título enganador:

Quem vê essa epígrafe não pode supor que está diante de um odre de esterco. Pensa antes numa obra a que só falta o subtítulo: “para as donzelas casadoiras”. Com tal nome perfumado de candura imagina-se um volume de bibliotecas róseas e azuis, dessas que se organizam exclusivamente para as moças bem educadas⁶⁵⁸.

Essa percepção de que havia restrições de público para o livro do escritor mineiro não foi só de Maul, mas também do jornalista do *Diário da Noite* que apresentou o livro através do seu prefácio e opinou que “se o enredo fosse desenvolvido num *film*, nós teríamos como a recomendá-lo especialmente o dístico: ‘impróprio para menores’...”⁶⁵⁹. Até mesmo as propagandas da editora Marisa veiculadas em dois jornais cariocas tomaram o cuidado de

⁶⁵⁷ MAUL, Carlos. Bolchevismo e literatura de esgoto. In: _____. *Nacionalismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: Batista e Souza & Cia, 1936, p. 81, grifo do autor.

⁶⁵⁸ MAUL, Carlos. Bolchevismo e literatura de esgoto. In: _____. *Nacionalismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: Batista e Souza & Cia, 1936, p. 81.

⁶⁵⁹ Livros Novos. *Diário da Noite*, 27/02/1934, p. 4.

colocar em negrito, após os elogios, a tarja “impróprio para menores e senhoritas”⁶⁶⁰. Uma delas vale-se do mesmo expediente utilizado nos anos 20 para os livros de Costallat, revestir a suposta pornografia do retrato sobre o excesso de libertinagem da juventude:

Livro aguardado com ansiedade por todos os críticos e literários, disputado nas livrarias, grava em suas páginas a liberdade excessiva que gozam as “girls” cariocas, a atração curiosa pelas “garçonnières” e os vícios elegantes do nosso “grand-monde”⁶⁶¹.

Publicado no mesmo ano do comentário de Rubens do Amaral a *Mulheres e Monstros*, a diferença do alarme de Maul em 1936 é que as senhoritas aparecem não apenas de maneira vaga, mas como publico-alvo de gêneros percebidos como difundidos no mercado nacional. Essa referência está ausente no seu texto de 1934; há uma reclamação do engodo, mas sem referências ao público. Dois anos depois Maul é específico: a ameaça do título é ser consumido pelas donzelas leitoras das coleções de romances açucarados veiculadas pelas grandes editoras do país, aqui nomeadas pelas referências às coleções francesas. Devido à semelhança editorial, a ameaça atribuída ao romance *A Mulher Carioca aos 22 Anos* é que fosse um romance cavalo de Troia, editado para atrair as jovens, justamente aquele público que precisaria ser afastado de toda obscenidade para manter o padrão moral da sociedade.

Os mais simpáticos – ou os amigos – do escritor mineiro vão mencionar essas leituras como passadismo. Foi o que aconteceu com um artigo de *A Gazeta* sobre *Uma Mulher... Mulher!*. Após citar os livros anteriores de João de Minas, detém-se no comentário sobre o “primeiro romance que se escreve, no terreno sexual, sobre a gloriosa Guerra Constitucionalista”. Menciona o costumeiro comentário sobre o sucesso de crítica para fixar que o escritor é “uma figura de confuso recorte, perante o gosto das massas ledoras” porque

Possivelmente o leitor avisado e passadista, cujo espírito toma rapé, se horroriza diante das audácias fulgurantes de João de Minas, que todo ele faísca mocidade, e mesmo mocidade talvez algo tarada e doentia, em certos aspectos de suas teses nem sempre aceitáveis.

O elemento feminino, na sua mediania estética e espiritual, como é que recebe esse escritor? Seria difícil dizê-lo, lançando dogmaticamente (como é costume da nossa crítica de algibeira) uma declaração sábia e cheia de dedos... O livro que temos sobre a mesa, e já o lemos, como todos os livros de João de Minas é forte, agudo, feroz, cheios de arrepios doidos, heresias,

⁶⁶⁰ *Correio da Manhã*, Rio, 06/05/1934, p. 9; *A Noite*, Rio, 01/02/1934, p. 6. Essa restrição não aparece nas propagandas da Unitas para a *Folha da Manhã*, São Paulo, 10/03 e 10/04/1934, p. 10.

⁶⁶¹ *Correio da Manhã*, Rio, 06/05/1934, p. 9.

espasmos de luz, com belezas pode-se dizer que únicas na paisagem caseira e bem comportada de nossas letras.

A muitos agrada esse romance, agrada até o delírio. Outros (mas depois talvez de o relerem) proibirão a sua leitura, dizendo conceitos de bar automático à família e aos amigos verminosos... Outros ainda detestarão sinceramente o livro.

A heroína do romance é uma moça lindíssima, intensamente sexualizada, uma paulista de Araraquara. (...) Ela só quer ser mulher, e amar à beça, representando na guerra cívica de 32 um papel demoníaco.

Estilo incomparável, crítica ferina, com salpicos de perfumes e salpicos de vitriolo, arrancos dramáticos e pilherias.

João de Minas tudo isso magicamente sabe misturar, dando-nos um livro raro⁶⁶².

O tom é claramente elogioso mas, diferentemente das obras sertanistas resenhadas nesse jornal, é um elogio reticente. O articulista de *A Gazeta* está na mesma posição dos editores de *A Mulher Carioca* que, precisando fazer uma propaganda do romance, acenam o teor imoral daquilo que vendem para não gerar mal-entendidos contra os quais vociferou Carlos Maul. Daí a estratégia central do texto sobre *Uma Mulher... Mulher!* de elogiar o estilo do escritor mineiro e resumir o enredo, projetando sobre ele uma tipologia de leituras masculinas, as conservadoras que o detestariam e as mais liberais que o receberiam entusiasticamente, associando a essas leituras um valorativo sinal geracional, passadistas versus moços, estes marcando um padrão desejável de recepção.

Mesmo estabelecendo a leitura desejável, o articulista parece oscilar entre ambos os polos. A oscilação aparece na leitura do enredo do romance o qual, mesmo apresentando a heroína como querendo ser apenas mulher e amar à beça, repetindo assim a tese do livro, menciona que ela é “intensamente sexualizada”, além de atribuir-lhe um papel demoníaco no conflito de 32. Aparece também na primeira descrição do estilo do escritor mineiro, com suas “belezas únicas” e heresias ou “arrepios doidos”. Por fim, na tentativa de prever as leituras com opinião contrária, o articulista compartilha com o possível leitor passadista que detestará o romance alguns pressupostos contra as teses “nem sempre aceitáveis” e aspectos de mocidade tarada e doentia, não chegando ao cúmulo de proibir à família e aos amigos, como provável (re)leitor da obra.

A pergunta sobre a leitura feminina de João de Minas deve ser pensada à luz do teor do romance. No fundo, questiona-se como as mulheres, “na sua mediania estética e

⁶⁶² A Guerra de S. Paulo tem o seu primeiro romance sexual. *A Gazeta*, São Paulo, 17/11/1934, p. 6.

espiritual”, receberiam um enredo repleto de cenas remetendo ao sexo, sobretudo fruto de adultérios, sem contar o incesto, amores fugazes, fuga por amor contra a vontade dos pais, prostituição etc. A recusa em sondar a possível resposta é o equivalente silencioso do protesto de Carlos Maul, com o temor da liberalização da sexualidade feminina numa sociedade patriarcal que opera inúmeros mecanismos sociais para esse controle, incluindo a proibição por um leitor da leitura de *Uma Mulher... Mulher* à família, provavelmente direcionada à mulher e possível filha, temendo que suscitasse nelas comportamentos moralmente reprováveis. Por isso, para o articulista da A Gazeta, o limite do elogio é a “mocidade talvez algo tarada e doentia, em certos aspectos de suas teses nem sempre aceitáveis”. Basta lembrar que essas teses do romance estavam enunciadas no prefácio autoral “Coleção Revolução Sexual Brasileira”, onde também se descrevia um crime motivado por um adultério gerado pela leitura de um dos livros do escritor mineiro.

O mesmo acontece na nota de lançamento de *Uma Mulher... Mulher!* na Revista da Semana. Após destacar a singularidade do estilo “todo seu”, afirma que o romance é “eminentemente realista” e ressalta que as personagens possuem um “linguajar bem do nosso povo, misturam arbitrariamente o tu e o você, com uma displicência bem aventurada, e o escritor timbra em reproduzir os diálogos com a cor que tem, ao invés de fazer como outros, que põem linguagem de príncipes educados em bocas plebeias de lacaios”. Daí que, “pode-se discordar do processo literário do sr. João de Minas; mas é inegável a sua personalidade, como o é a verdade das suas páginas. E o escritor se reafirma nas páginas cruas de *Uma Mulher... Mulher!*”⁶⁶³.

Quem lê o texto da resenha fica com a impressão de se tratar apenas de um romance regionalista, ressaltando-se os processos como valer-se da linguagem das personagens para compor uma atmosfera realista do interior de São Paulo. Não há nenhuma menção textual sobre os aspectos picantes do enredo. A única referência a sexo que pode chamar a atenção da leitora aparece na reprodução da capa do romance. Dessa forma, a tensão em torno do tabu sexual aparece entre o texto, nada explícito sobre o teor obsceno, e a ilustração que reproduz a capa alusiva às sensações prometidas pelo autor e editor. É provável que isso tenha acontecido de maneira involuntária, tendo em vista que a reprodução das capas era um padrão da seção Livros Novos dessa revista feminina.

⁶⁶³ Livros Novos. *Revista da Semana*, 23/02/1935, p. 17.

Seção "Livros Novos" da Revista da Semana, 23/10/1935. Detalhe da resenha de Uma Mulher... Mulher!

Algumas opiniões críticas sobre os livros do escritor mineiro não vão por essa linha de apontar o teor pornográfico. De 1934 em diante, o principal reparo feito foi ao estilo, seguindo a linha do comentário feito na *A Noite sobre Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. Aliás, o responsável pela seção de "Livros" desse periódico fará uma crítica semelhante a *Uma Mulher... Mulher!* retomando a opinião sobre os livros sertanistas anteriores. O comentário tem a mesma estrutura do anterior, isto é, relembra que recebeu elogios de "autoridades literárias consagradas" como Lobato, Umberto de Campos, João Ribeiro e Coelho Neto; comenta as "qualidades inegáveis de novelista, que o singularizam, mesmo, entre os melhores"; e aponta seus defeitos, principalmente "jogando com expressões chulas, imagens mesquinhas, vocábulos de vulgaridade capadócica, concorrendo, além e aquém, na sua obra literária, para afeiar, deprimir e até conter a sugestiva beleza de páginas, que, sem tais nugas, seriam íntegras". O grande problema é que tal forma de escrita ofuscaria

as qualidades do escritor: “original em composição e criação, priva-lhe a literatura do clássico equilíbrio que, só ele, permite a legítima, duradoura consagração intelectual”. Sobre o livro em questão, o mesmo contraponto:

“Uma mulher... mulher!” acusa a ânsia de produzir, uma deliberação que nada contém nem mesmo o sacrifício do próprio conceito. É um livro apressado, desigual, sem meditação dos caracteres e das situações psicológicas, ressentindo-se até, em um e outro ponto, de desobediência a regras mezinhas da disciplina linguística. No entanto, interessa pelas qualidades gerais de movimento, vigor imaginativo, colorido, corte rápido e incisivos dos ambientes e dos tipos⁶⁶⁴.

O objetivo de julgar o estilo do escritor mineiro ofusca a apresentação do livro em questão. Tanto que, ao contrário dos comentários anteriores a *Uma Mulher... Mulher!*, G.P. levanta os méritos e deméritos do livro e de toda a obra publicada nos anos 1930, mas não dá uma linha sequer sobre seu tema, personagens, ambiência ou enredo. A única informação para guiá-lo é o título, que pode ser associado ao romance de costume ou romance para moças. Logo em seguida no rodapé G.P. chega a comentar, mesmo que superficialmente, o enredo e as personagens de *Vertigem*, de Gastão Cruls. Como no livro de João de Minas não há nada nesse sentido, vemos que a questão estilística trouxe todo o comentário do articulista, parecendo-lhe mais problemática. A questão, apontada mas não respondida, era como um escritor dotado de reais e consagrados talentos literários se presta a produzir uma obra com tais defeitos, sem valer-se da disciplina ou almejar o equilíbrio que propiciaria a consagração literária, isto é, o elogio através da crítica e dos pares.

A crítica de rodapé ao livro *Fêmeas e Santas* permite ver outra opinião sobre esse assunto, não só porque o volume textual do rodapé de Mário Cabral (1914-2009) para o *Correio de Aracaju* é maior, documentando suas considerações sobre o livro a partir de trechos, como já vimos que o livro em questão avança nas estratégias sensacionalistas. Publicada no início dos anos 1940, esse é o primeiro texto de Mário Cabral no formato crítica de rodapé do jornal, propondo-se a ser menos noticioso e mais avaliativo: “A crítica, em tratando de julgar um livro novo de um escritor velho, não se deve guiar, jamais, pelo incenso que foi gasto com volumes anteriores, senão com a essência exclusiva da obra a criticar”. Essa atitude de Cabral se reveste de caráter desmistificador, voltado a denunciar os figurões da literatura que “uma vez tendo galgado o pináculo da fama, continuam a escrever, fartamente,

⁶⁶⁴ Livros. *A Noite*, Rio, 3/01/1935, p. 7.

bobagens de todo o gênero e calibre” que o público lê como páginas de valor por causa do mero renome e da leniência da crítica em evitar dizer verdades:

Escritores há, nesse país, cujos nomes são verdadeiros *tabus*.
 Pobre do crítico literário que ouse lhe pisar os joanetes.
 Esses serão os invejosos e despeitados!
 E os que duvidam que afirmem que Humberto de Campos foi um poeta medíocre; que Ribeiro Couto é um talento à espera de fecundação (Eloi Pontes – *Obra Alheia*); que o último livro do escritor João de Minas, *Fêmeas e Santas*, não vale coisíssima nenhuma⁶⁶⁵.

O texto é um indício que, além dos livros – que foi avaliado com um atraso de seis anos –, a fama de João de Minas circulava pelo Brasil. É provável que Mário Cabral não tenha tido acesso ao teor das críticas laudatórias, apesar de saber, pelo posfácio dos editores, que foi elogiado por João Ribeiro, Coelho Neto e Plínio Barreto, entre outros. De qualquer forma, o escritor mineiro é colocado ao lado de grandes figurões das letras brasileiras como Humberto de Campos e Ribeiro Couto, alinhamento que incita o crítico de Aracaju a realizar uma demolição para relativizar o renome do escritor.

As ressalvas começam pelos elementos paratextuais, afirmando que “a obra em foco é de um evidente mau gosto. Mau gosto no título (*fêmeas e santas*); mau gosto das cores que ilustram a capa (verde, amarelo e preto); mau gosto no desenho (uma santa nua, de mãos postas)” quanto a grande dose de cabotinismo do autor, “que ultrapassa o cabotinismo somado de Shaw e Danunzzio!” Sobre este aspecto são reprovados o uso do reclame de propaganda em grandes letras maiúsculas, como “livro único! absolutamente sensacional! Diferente do mundo”; as opiniões laudatórias dos críticos no fim do livro, “coisa que se tolera para um iniciante, não porém para um astro de literatura”; e a autopromoção do autor no texto, considerando incrível o epíteto “astro da literatura apresenta...”, comparando-a com “a apresentação dos filmes de Londres, Hollywood ou Paris!”.

Em seguida, o conteúdo é apresentado como um trabalho de compilação no qual o autor aproveita-se de “escândalos, crimes cabeludos, coisas de além túmulos tecendo, então, a sua história cheia de um romantismo extemporâneo”, lançando mão de “igrejas em ruínas, morcegos, casas mal assombradas, assassinios, ladrões, necrófilos, uma mulher que matou o marido e fica sendo amante de S. Geraldo, etc.”. Nesse ponto, o grande defeito do escritor é não impressionar o leitor, apesar da intenção, fracasso atribuído à inverossimilhança da

⁶⁶⁵ CABRAL, Mário. Vida Literária. *Correio de Aracaju*, 17/05/1941, p. 3, grifos do autor.

matéria, que leva o leitor se sentir alheio ao que é contado. Além disso, contraditoriamente, critica a falta de imaginação do escritor, comprando sua ideia que ele fez adaptação de casos verídicos que teriam se passado em Ouro Preto.

Quanto ao estilo, Cabral inverte o elogio de Coelho Neto ao afirmar que o escritor mineiro não se ressentia de modelo algum, pois é “um estilo leve, mais romantizado, cheio de imagens antiquadas, comparações banais, lugares comuns disseminados, com fartura, por todo o volume. / Suas descrições, quase sempre, lembram composições de menina de colégio (...)”. Acrescido a isso, destaca o “verbalismo pomposo, fulgurante, muita vez característico”, com imagens velhas, batidas, “reveladoras de um cérebro cansado, esgotado, incapaz de uma criação original”, sem falar na discordância do crítico no emprego de vírgulas, redação de frases e emprego de adjetivos.

A dinâmica da narrativa também é criticada porque “os contos decorrerem nesse ramerrão, massudos e enfadonhos, e terminam quando menos espera o leitor, “sempre com um desfecho de conto sentimental, o que significa, para o leitor, uma amarga decepção” porque contraria a expectativa do gênero “impressionante” onde aparecem fantasmas, defuntos, almas penadas, esperando “que tenha o conto um desfecho inesperado mas sensacional, imprevisto mas profundo, tendo, no seu término, a sua cena mais positiva e ao mesmo tempo mais fantástica”⁶⁶⁶.

A leitura de Mário Cabral traz todos os elementos do curto-circuito que os últimos livros do escritor mineiro provocaram. A avaliação de *Fêmeas e Santas* toma como padrão as obras eruditas de literatura, tanto nos seus aspectos editoriais comedidos, na narrativa do conto fantástico à moda de Edgar Allan Poe, e num estilo que criasse a atmosfera de mistério sem se valer de imagens batidas ou de mau gosto. Na verdade, o que gera aversão são os elementos estranhos ao padrão narrativo e editorial da literatura como a introdução de reclames de jornal, chamadas cinematográficas, opiniões exageradamente laudatórias, pastiche estilístico e temático de gêneros sentimental e fantástico, misturando trechos de boa prosa literária com descrições colegiais. Tanto que, além do cabotinismo, a introdução desses elementos é considerada “incrível” para o crítico sergipano, sendo objeto de intensa reprovação e avaliação negativa da obra. Mas sua intenção de desmistificação não lhe leva a

⁶⁶⁶ CABRAL, Mário. Vida Literária. *Correio de Aracaju*, 17/05/1941, p. 3, grifos do autor.

perguntar sobre os motivos dessa mutação, atribuindo esses elementos ao desgaste da capacidade literária do escritor mineiro.

Uma avaliação mais próxima das intenções de João de Minas foi feita na curta nota sobre *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* na seção de livros novos do jornal *A Gazeta* (São Paulo), provavelmente escrita por Brito Broca⁶⁶⁷. A nota elogia o romance policial, considerando-o uma obra “interessantíssima” no gênero, “um romance movimentado e perturbador, excelente leitura para os amantes dos mistérios e enigmas. João de Minas sabe criar o interesse numa história e esboçar quadros com vigor impressionista.” Porém, precisando tratar de vários livros em uma página, talvez não tenha tido espaço para mencionar algum aspecto concreto da narrativa, tecendo considerações vagas que deixam o leitor sem saber o fio da história ou enredo, nem as personagens. Broca dedicou quase todo o seu texto a tratar da trajetória do escritor mineiro pois, semelhante ao crítico de *A Noite*, ela lhe trazia um problema importante a ser considerado.

Como nos artigos anteriores, o resenhista relembra a estreia literária do escritor mineiro com os dois primeiros livros sertanistas, considerando-os interessantes pelo “estilo irregular, cortante, cheio de claros escuros” que arrancaram elogios dos quatro acadêmicos já citados, de Lobato e de Maurício de Medeiros. Aqui, como Mário Cabral, será colocado em xeque as opiniões da crítica: “a exuberância dos louvores indicava muito bem a falta de equilíbrio da crítica literária em nossa terra”. Todavia, o problema central não estava na desmedida crítica favorável, mas dos livros seguintes do escritor:

Depois disso, porém, o sr. João de Minas descambou para o sensacionalismo que seria irritante se, pelo seu próprio exagero, não se tornasse inócuo.

Cada um de seus livros era precedido de subtítulos que fariam inveja aos reclamistas cinematográficos. O mesmo acontece com este último, que nos vem às mãos, “Nos misteriosos subterrâneos de S. Paulo” - “assombroso romance policial-sexual, absolutamente possível”.

O sr. João de Minas é pois um escritor de real talento que se estragou pela falta de compostura literária. Com os seus cartazes berrantes, a sua feira de adjetivos, a sua autopropaganda estardalhaçante, ele começa a não ser levado a sério. Dirá o autor que, com isto, conquista o grosso público, mas os seus méritos literários deviam incliná-lo a aspirar uma glória maior do que o de um folhetinista de sucesso. Não o condenamos por ter publicado romances policiais e de aventuras, uma vez que o gênero está hoje prestigiado por

⁶⁶⁷ Livros e Autores. *A Gazeta*, São Paulo, 09/12/1936, p. 6. Brito Broca assumiu essa seção em 1934, quando ela surgiu com esse nome.

grandes escritores. Ele podia obter popularidade no gênero sem lançar mão de propaganda tão estapafúrdia e escandalosa. (...)

[Nos Misteriosos subterrâneos de São Paulo é] obra interessantíssima no gênero, ela tem, entretanto, o defeito de querer chamar a atenção demais.

Defeito que vem estragando lamentavelmente o autor⁶⁶⁸.

Ao dialogar com o escritor mineiro, o trecho concentra todos os problemas vistos até aqui. A primeira parte do parágrafo maior é uma reprovação ao cabotinismo do escritor mineiro, o reclamismo ou propaganda exagerada nos elementos paratextuais, o paralelo com o cinema, os adjetivos berrantes, com o objetivo de “chamar a atenção demais”. Tais elementos caracterizam a “falta de compostura literária” que na opinião do resenhista não apenas vem “estragando o autor” como faz com que ele passe a não ser levado a sério, o que significava não ser mais considerado bom escritor, não ser reconhecido pelos pares e críticos, tendo o caminho fechado para a “glória” a que corresponde seus “méritos literários”.

O problema então é o curto-circuito entre a imagem de escritor e a prática literária, o que inclui a editoração. Para Broca e para os dois outros críticos, pesou na leitura a avaliação consagradora a respeito de João de Minas, sempre levada em conta na hora da sua apresentação. Como credenciais, eram os elogios que tornavam os novos livros do escritor dignos de ser apreciados através da crítica, mesmo noticiosa. O que começou a acontecer foi que os livros publicados a partir de 1934 começaram a frustrar as expectativas de avaliação por não se coadunarem com o padrão do que julgavam ser um bom escritor. Os três críticos consideraram os livros no âmbito e com os critérios de uma literatura erudita, o que os levou à conclusão de que tinham defeitos graves de linguagem ou eram mal feitos, nos termos que já vimos. Os reparos a ela passaram de um tom constrangido a um cada vez mais agressivo à medida que ficou cada vez mais evidente que essa era uma tendência do escritor mineiro. O efeito colateral dessa avaliação foi a releitura da consagração crítica de João de Minas, cada vez mais considerada exagerada; ela é reafirmada como correta na resenha de G.P. em 1934, considerada exagerada em 1936 por Brito Broca e frontalmente atacada por Mário Cabral em 1941. Isso indica que o poder de consagração dos acadêmicos que elogiaram João de Minas passou a decrescer após a morte desses figurões.

Na segunda parte do parágrafo maior o tom de Brito Broca parece o de um salva-vidas que tenta resgatar um naufrago literário de submergir nas técnicas propagandísticas. Parece ter

⁶⁶⁸ Livros e Autores. *A Gazeta*, São Paulo, 09/12/1936, p. 6.

ouvido ou lido o escritor mineiro contra-argumentar acerca das censuras que lhe passaram a ser feitas, e sua reorientação rumo ao grande público. Aceita mesmo essa guinada rumo a gêneros considerados menores, não porque tenham valor intrínseco, mas porque parecia ser uma tendência de consumo do grande público que levava grandes escritores a eles se dedicarem, como Menotti Del Picchia ou Lobato. Provavelmente esperasse que João de Minas elevasse a narrativa policial, como demonstrou os elogios a *Nos Misteriosos de São Paulo*. A questão portanto não é o gênero, mas o estilo voltado à fruição das massas, à “conquista” do grosso público. A esperança de Broca é que, uma vez que atue nos gêneros populares, que o faça também de modo a elevá-los literariamente mantendo seu elogiado estilo, sem chafurdar na linguagem apelativa com que desejava se tornar um “folhetinista de sucesso”.

Neste ponto, a opinião de Brito Broca se diferencia das duas outras por estar antenado com aquele processo de diferenciação de públicos entre a literatura erudita e a literatura popular veiculada através dos gênero menores. Parece ser privilegiada em relação à de G.P. porque escreveu quando os livros de João de Minas já tinham sido todos publicados e, em relação a Cabral, escrevia a partir de um dos principais centros urbanos do país onde também o escritor mineiro vivia, o que possibilitava a Broca o contato maior com as opiniões a seu respeito. Sua avaliação é semelhante à de Rubens do Amaral, talvez por gozar das mesmas condições de acesso a um jornal paulistano em um ano (1936) onde a diferenciação se tornou mais clara aos intelectuais do Rio e São Paulo, devido ao maior investimento editorial nessa área. O crítico de *A Gazeta* partilha do mesmo pressuposto que levou o articulista da *Folha da Manhã* a elogiar *Mulheres e Monstros*, almejando que a literatura popular fosse nacionalizada segundo um padrão estilístico de qualidade, voltada à educação para a leitura. Tanto é que Brito, ao tratar da narrativa em si, avalia elogiosamente *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, considerando-o “excelente leitura para os amantes de mistérios e enigmas”. A questão era como fazer que essa promessa literária culta ou massiva continuasse numa linha aceitável ao padrão de gosto erudito, isto é, não inserisse autopropaganda agressiva e estilo sensacionalista nos seus livros.

Os comentários sem pretensão avaliativa reforçam a percepção apontada por Brito Broca – o escritor passou a não ser levado a sério. Já em 1934, um artigo de Aderbal Jurema sobre *O Anjo*, de Jorge de Lima, comenta que, apesar de algumas qualidades, esse tipo de literatura “já não tem mais sentido, pois temos que tomar conhecimento da época em que

estamos vivendo, e esta não comporta mais devaneios para gasto interior, e nem tampouco suporta mentalidade fatos diversos de um João de Minas ou um tipo lugar comum de um acacianíssimo Alberto Ramos⁶⁶⁹. Jurema toma como referência o padrão de narrativa social de meados dessa década, também dialogando com modernistas de 22. Ao recuperar o imperativo para conhecer o país através da literatura, marginalizar a poesia intimista de Lima e parnasiana de Alberto Ramos, no bojo do que também faz referência a João de Minas como um padrão estilístico superado. A precisão da definição (“mentalidade fatos diversos”) justamente capta a guinada do escritor no sentido de atingir o grosso público às custas de ferir o bom gosto literário.

Talvez conhecendo as opiniões sobre o escritor mineiro, Andrade Murici mudou o planejamento do seu novo livro, *A Nova Literatura Brasileira: crítica e antologia*. Em julho de 1934 a obra é anunciada na revista *Festa* como pronta a entrar no prelo, visando dar conta de um panorama, seguido de uma antologia, “sobre a moderna geração literária brasileira”, que teria o mérito de se o primeiro livro escrito no Brasil sobre o assunto. O sumário trazia João de Minas figurado no item prosa, ao lado de Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Mário de Andrade, Alcântara Machado, José Lins do Rego, José Geraldo Vieira, Álvaro Moreyra, entre outros, numa lista em ordem alfabética que junta os modernistas de 22, escritores nordestinos da década de 1930 e representantes da estética *art déco*. Todavia, no livro lançado em 1936, o escritor mineiro não figura no sumário dos novos escritores, nem na antologia. Algumas páginas versam pontualmente sobre o escritor mineiro, mas permitem uma ideia do motivo pelo qual ele ficou de fora: “Antônio de Alcântara Machado era repórter, sobretudo repórter no sentido amplo e complexo, repórter, da espécie de Paul Morand, de Foster, de Seabroock, de Bonsels, de Luc Durtain... Dos nossos Brasília Itiberê ou João de Minas (o bom, o de *Farras com o Demônio*)”. Como as outras citações se referem a esse livro, também para Murici a referência da qualidade do escritor mineiro repousavam no sertanismo de finais dos anos 20, dando a entender que as obras do “mau” João de Minas não alcançavam o patamar digno de inseri-lo em um panorama sobre as atualidades literárias⁶⁷⁰.

Algumas notas de leituras também parecem sugerir essa perspectiva. Nosso exemplar de *Farras com o Demônio* pertenceu a alguém que assina Dr. Heitor Fenício, que assina o

⁶⁶⁹ JUREMA, Aderbal. “O Anjo” e Jorge de Lima. *Diário Carioca*, Rio, 15/07/1934, p 24.

⁶⁷⁰ *Festa*, Rio, julho de 1934, p. 18, nota 9; MURICI, Andrade. *A Nova Literatura Brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre, RS: Globo, 1936, pp. 235, 289, 343, 226 (citação).

livro em 20 de setembro de 1930. Além de destacar trechos com inserções nas margens do livro, insere comentários sempre elogiosos. Com lápis azul, escreve no fim do anúncio das novas obras que “este é o livro mais belo do mundo e mais brasileiro dos livros brasileiros – Heitor - 932”, “como se consegue escrever tão bem assim?”. Em lápis preto, o que indica uma leitura em data diferente à que foi feita atrás, o comentário vai no mesmo sentido: sobre “Pinceladas de Infinito” Heitor escreve “pinceladas geniais”, e sobre “Ai, Minha Vida!” aparece “pura literatura”, “admirável”⁶⁷¹.

Já uma opinião distinta sobre os livros do escritor mineiro nos anos 30 aparece nas memórias do escritor goiano Carmo Bernardes. Vivendo em Anápolis entre 1926 e 1945, pouco antes de se casar (em 1935) aos vinte anos, conta que estudava música e lia bastante literatura, vencendo as dificuldades de acesso pela parca distribuição: “livro era uma mercadoria vasqueira, mas meu avô, José Martins de Novais, vulgo Perna Grossa, escarafunchava e desencavava literatura”. O avô “ia muito a Goiás e à festa do Barro Preto, mexendo com mascateação de embondos feitos de chifre – pentes, travessinhas para cabelo, grampos, buzinas de calçada, essas coisas –, que ele mesmo fazia. E nessas voltas arrumava livros”, porque, através deles, tinha “mania de estudar as virtudes dos ramos de mato”. O acesso melhorou quando o avô, de quem herdou um taipeiro grande cheio de livros, arranhou na própria cidade de Anápolis, com o livreiro A.G. Pinto, dono da livraria Indiapim, “um negócio de encomendar livros pelo reembolso postal, e agora literatura me chegava às carradas”. Dessa nova fase, o memorialista goiano guardava a lembrança de “dois livros de um tal João de Minas - ‘Mulheres e Monstros’ e ‘Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo’ –, que tinham umas comparações muito esquisitas: ‘luar cretino... a vítima caiu no chão feito um mingau de pus...’ essas coisas”⁶⁷².

Até a data da redação o memorialista dá a entender que não conheceu pessoalmente João de Minas. O primeiro dos livros provavelmente chegou a Anápolis devido à atividade da Unitas – Eclética, reforçando nossa hipótese de que sua atividade propagandística levou *Mulheres e Monstros* a circular por todo o país. Já o segundo foi lançado pela editora mantida pelo autor, que enviou sua obra para uma região onde era conhecido devido a suas atividades jornalísticas nos anos 1920, as quais retomou justamente nessa época. Superando as

⁶⁷¹ MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, exemplar pessoal, pp. XXXIII, XXXV, 168, 173 e 175.

⁶⁷² BERNARDES, Carmo. *Rememórias*, v. 2, Goiânia, GO: LEAL, 1969, p. 23-25.

dificuldades de distribuição, os livros do escritor mineiro marcaram justamente pelas imagens e metáforas, que Bernardes chamou de “muito esquisitas” aquilo que os críticos consideraram um defeito expressão de mal gosto e, talvez por isso, conseguiram não ser esquecidas.

Uma última nota de leitura vem de um leitor atento de *Pelas Terras Perdidas*, no exemplar atualmente depositado na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo. No miolo do livro há manuscrita à lápis a data de 18-1-39, provavelmente a aquisição e, na capa dura, o registro da encadernação do Departamento de Cultura de 5-7-941. É difícil saber se as marcações no livro foram feitas antes ou depois da doação ou compra. Há inserções com dois tipos de tinta de caneta (azul e preta) com letras parecidas. As marcações em preto são duas, um grifo na expressão “com que olhos” da página 150, no relato de como Siqueira Campos percebeu a leitura que o português Manuel fez do jornal “O Libertador”; e, no pé da página 162, onde é narrado como os soldados de Prestes assaram um negro num espeto, a expressão “será?”. É ressaltado em ambas cenas grotescas, que misturam o macabro com humor marcadamente corporal, na linha que outros leitores chamariam de mal gosto, sem falar na expressão de dúvida quanto à veracidade da matéria narrada.

Mais profusas foram as marcações com caneta azul. A principal delas é um “x” ao lado da margem de trechos sobre assassinatos políticos ou amorosos em legítima defesa, a proposta de devassar um mundo novo aos moços, a afirmação de que já vira um cão achar ossos de um dono dez anos depois, sua caracterização do “falecido” município goiano de Pilar, como matou uma cascavel com revólver numa passeio sertanista em Sacramento, a descrição lírica do anoitecer às margens do Araguaia, os nomes com quem conviveu na boemia belorizontina e, por fim, quando se refere a si mesmo como “pavoroso cronista das arábias” dirigindo-se a seus “adoráveis cem mil leitores”⁶⁷³. O leitor também marca um “x” ao lado do título de alguns contos sertanistas, como “A Justiça Divina do Infernal Urutú-Boicininga”, “O Chapadão” e “Ai, Minha Vida!”⁶⁷⁴. Essas marcações ocorrem em trechos onde João de Minas menciona eventos de sua vida, com episódios dramáticos ou fantásticos de suas aventuras sertanejas, e também quando se dirige ao leitor a respeito de si mesmo, parecendo marcar a tentativa do escritor de se autopromover através da figuração nas narrativas ou paratextos.

⁶⁷³ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, exemplar da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, pp. 6, 7, 16, 72, 104, 112, 114, 133, 134 e 190.

⁶⁷⁴ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, exemplar da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, pp. 53, 86, 92.

As outras marcações são menos numerosas mas mais significativas, pois, avaliadas no conjunto, incidem nas contradições do livro. A única ocorrência de uma linha vertical na lateral de um trecho narrando como os soldados da Coluna evitavam beber água: “Bebiam vasta cachaça e toda a espécie de bebidas alcoólicas. Adoravam a cachaça, que Prestes ensinava ser a mãe patriótica da bravura e do civismo, dando a coragem necessária para a fabricação revolucionária da mais bonita salvação pública...” O trecho é claramente irônico, com a intenção de difamar a Coluna. Já os dois únicos trechos sublinhados a elogiam, como “prestes, gênio militar” e “Prestes, que não bebia”, o último sendo uma contradição à suposta bebedeira⁶⁷⁵. Um comentário manuscrito é feito no pé da página, remetida a partir de um asterisco (*) no termo “[estado] maior”: “À página 145 o autor deu a entender que Prestes era um bebedor, o que desdiz esta. Conclusão: o autor é mesmo palhaço.”

Página anotada de “Pelas Terras Perdidas”

⁶⁷⁵ MINAS, João de. *Pelas Terras Perdidas*, exemplar da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, pp. 145 (linha lateral), 51 e 193 (sublinhados).

O leitor não tinha como saber que se tratava de uma reedição, pois não era informado que os textos provinham de livros de períodos diferentes. O texto da página 145 é oriundo de *Jantando um Defunto*, enquanto que o sublinhado é o posfácio escrito em 1934. A expectativa de coerência foi frustrada, e a contradição foi notada pelo perspicaz leitor, que não se conteve e se manifestou colocando em xeque a credibilidade do livro, sobretudo nas informações sobre uma das figuras mais significativas da história recente do país. É interessante notar que o “mesmo” da conclusão é um termo de reiteração, não de mera constatação. Parece indicar que este leitor confirmava através dessa contradição uma imagem sobre o escritor mineiro que circulava, “palhaço”, no sentido pejorativo de alguém sem credibilidade e que quer aparecer, cujas atitudes estapafúrdia talvez provocassem riso. De qualquer forma, dando razão a Brito Broca, indica que a fama de “bom escritor” já estava comprometida.

João de Minas e o mercado de literatura massiva

A aceitação pelos intelectuais não teve muita importância para o escritor mineiro. Na resposta ao crítico de *A Noite* em 1935, ele não estava brincando quando renegou sua fama nas letras e escolheu o caminho do grande público, negando a legitimidade da crítica em julgar suas obras. Como vimos, sua aposta muito deve à desestabilização do regime oligárquico patrocinador e difusor dos seus textos, responsável por criar as condições de sua fama literária. À instabilidade política brasileira dos primeiros anos da década de 1930 correspondeu a uma instabilidade e mobilidade da atividade intelectual e ideológica do escritor mineiro, que colocou sua pena a serviço de todos os lados envolvidos nas contendas pelo poder entre 1930 e 1936 em São Paulo e no Rio de Janeiro. A constância de atuação ao lado do PRP entre 1927 e 1930 foi substituída pela sucessão de senhores, como os novos revolucionários louvados no *Álbum do Progresso Brasileiro* e nas biografias de Vargas, os fazendeiros do café do Oeste Paulista insatisfeitos com a política federal que levou ao conflito de 32 e à reivindicação pela nova Constituinte no fim desse mesmo ano em Araraquara, os burocratas a serviço do interventor federal em 1933 e, por fim, terminou elogiando os paulistas apoiadores de Armando Salles entre fins de 1934 e 1936.

Foi desse ponto que vislumbrou reorientar sua carreira ao observar a emergência no cenário cultural de um público médio, consumidor de narrativas de fácil fruição,

principalmente dos gêneros sentimental, policial e aventuras, que passaram a ser o carro chefe das vendas das editoras no início dos anos 1930. Na esteira da hipótese de Miceli, vimos como essa emergência ocorreu por uma modificação nos postos do setor terciário e nas alterações da educação no país. Esses processos coincidiram com a substituição de importações de livros, fortalecendo o editor nacional que passou a investir no mercado de didáticos e nas coleções de literatura popular traduzida voltada ao público jovem e recém letrado. Como esses livros eram os mais consumidos, o fenômeno não passou despercebido por editores, escritores e intelectuais, que passaram a avaliá-lo sob o ponto de vista da formação cultural e da questão nacional. O mapa das opiniões variava desde uma postura radicalmente contrária à difusão da literatura popular traduzida, passando pela postura saneadora do gênero, tendo em vista que considerava-os formadores do hábito da leitura e da moral, até mesmo defendendo sua legitimidade como entretenimento. No caso nacional, foi possível vislumbrar uma postura protecionista para o autor brasileiro frente à expansão do livro traduzido, a opinião sobre a natural falta de talento para a escrita folhetinesca de entretenimento, até o reconhecimento da necessidade de escritores brasileiros atuarem nesses gêneros, possibilitando não só uma ampliação do mercado como uma educação literária pautada em valores nacionais.

Foi nessa possibilidade de nacionalizar os gêneros populares de massa que o escritor mineiro mergulhou de cabeça. Vimos essa mudança tanto no seu aspecto “programático”, a defesa de sua guinada em alguns paratextos e artigos na imprensa, como no aspecto prático, ou seja, a publicação de seus livros nos gêneros aventuras, policial e sentimental (atual ou histórico). O que há de comum em todos os seus livros é uma editoração baseada em parágrafos curtos e letras grandes, apontando uma intenção de atingir um público amplo recém-letrado, evidenciada especialmente na modificação dos textos dos anos 1920. No campo narrativo, coladas às modas dos anos 1930, as histórias exploram os temas palpitantes do momento, através das quais se constrói de maneira cômica um universo corrupto, marcado pela defesa dos próprios interesses, exploração das ilusórias crenças alheias e liberação perversa das taras sexuais. Raras as exceções, as personagens que não participam da bandalheira costumam sofrer o peso de suas escolhas e sucumbir física ou moralmente à ordem do mundo. Daí que, ao contrário da maioria das narrativas dos gêneros mais vendidos, os enredos de João de Minas não são nada confortantes, atentando contra a rígida moral

sexual vigente e contra os discursos de identidade dos anos 1930 ao defender que eles são utilizados hipocritamente pelos grupos de poderosos para angariar dinheiro, poder e prestígio. O ressentimento explícito contra os novos tempos, aliado à autopromoção pelo escândalo, acaba dando aos seus textos uma nota crítica destoante dos discursos de salvação e literatura engajada da época, afinando-os à tradição humorística brasileira de início do século XX.

Todavia os textos compostos ou retocados a partir de 1934 aprofundam cada vez mais o sensacionalismo da linguagem verbal e visual. Se os livros publicados entre 1933 e início 1934 seguiam os temas da moda e já incorporam o diálogo com os gênero narrativos mais difundidos, os livros da Paulista e da Imprensa Americana Editora parecem mais ligados à atividade folhetinesca do escritor mineiro, mesmo quando retomou textos publicados no fim dos anos 1920. Incorporou a linguagem propagandística dos jornais e dos cinema, valendo-se assim das fórmulas culturais que visavam captar a atenção da população nos seus momentos de lazer. Temos as mulheres nuas na capa, as chamadas autopromocionais, os adjetivos de efeito, as propagandas no interior da narrativa, os títulos berrantes, o aprofundamento das cenas macabras e grotescas, das trajetórias rocambolescas e do sentimentalismo.

Não foi casual o transito entre literatura, jornalismo, publicidade e cinema, também representados em suas narrativas. O que fundamentou essa guinada foi uma intenção de falar de perto uma linguagem que tocasse a sensibilidade das massas. O próprio João de Minas não fez questão nenhuma de esconder o quanto lucraria em termos econômicos e simbólicos com esse projeto. Mas o que interessa sublinhar é que essa busca se baseava em uma fé na emergência das instâncias coletivas como sujeitos de cultura que prescindem das instâncias de mediação como a crítica nos jornais e os pares, situação de rarefação das letras própria dos anos 1920. Sua atuação restrita e linguagem empolada seriam responsáveis por relegá-la, junto com os artistas e intelectuais que a sustentam, à lata de lixo da história – entendida como superação linear de formas e sujeitos não afinados ao espírito do tempo – por não conseguir se conectar à alma das massas numa época em que o mundo se coletiviza vertiginosamente. Não é difícil perceber que João de Minas almejava o correspondente cultural daquilo que o fascismo, retomando ideais românticos, empreendera na política, uma relação sem mediações entre o líder e seu povo, afinados num mesmo espírito nacional. Nesse sentido, o escritor mineiro sintonizou-se com um período de crise do capitalismo e dos ideais

da política liberal (aqui, na sua forma oligárquica), após 1929-30, adentrando a década seguinte com a sensação de respirar os ares de um novo tempo histórico.

O que fundamentava esse ideal era a projeção no Brasil, em um futuro imediato, do desenvolvimento de um mercado de bens culturais tal como existente na França e nos Estados Unidos, que transformava seus escritores de massa em *best-sellers* mundiais. Confiou na escalada de vendas do mercado editorial nacional e também nos prognósticos otimistas dos escritores e editoras na imprensa. Nesse sentido, parece ter tido suas aspirações frustradas porque, não conseguindo ser editado pelas grandes empresas desse ramo, as quais já contavam com certa especialização nas etapas de edição e divulgação além de maior poder de distribuição, esbarrou na situação precária do mercado do livro que atingia as pequenas empresas, para as quais se dirigiu justamente quando pretendia massificar sua produção. Quando encontrou uma empresa de relativo porte para reeditar seus livros, esbarrou num período de censura estabelecida por um Estado Autoritário.

A utilização crescente da linguagem para tentativa de falar à sensibilidade do público mais amplo causou horror aos setores mais intelectualizados. Os mais moralistas denunciaram sua pornografia, o que significava inserção de cenas representando cópula, órgãos sexuais ou nudez, gerando constrangimento mesmo nos seus editores ou simpatizantes nos jornais. Também chamou a atenção sua autopromoção e sensacionalismo, repreendidos nos artigos da imprensa. O que mais espantou foi como um escritor consagrado, com talento literário – que nunca deixou de ser reconhecido mesmo nas mais duras críticas – poderia rebaixar tanto sua forma de escrever. Embasados pela leitura elogiosa dos livros de João de Minas feito por intelectuais autorizados do final da década anterior, os críticos dos anos 1930 viram na guinada um problema sério porque não conseguiam ver que esse suposto rebaixamento era intencional, tanto é que o avaliaram com os parâmetros da linguagem erudita, e não conseguiam entender ou aceitar como João de Minas podia caminhar no sentido oposto ao mais alto grau de consagração simbólica para um escritor – o reconhecimento dos pares e da crítica. Nesse sentido, as avaliações negativas sobre a qualidade estilística do escritor mineiro são análogas à feita sobre os gêneros menores publicados no período, que colocam essas produções num plano rebaixado de expressão cultural.

As intenções do escritor mineiro foram se tornando nítidas na segunda metade dos anos 1930, provavelmente quando a difusão e definição dos gêneros de gosto do público se tornaram maiores nos grandes centros urbanos do país, levando a escritores como Menotti del Picchia a defender abertamente a atuação dos escritores nacionais nesse segmento. Os livros de João de Minas foram bem recebidos como boas (e desejáveis) expressões nacionais de literatura popular quando atendiam as expectativas dos intelectuais – foi o caso da leitura de Rubens do Amaral sobre *Mulheres e Monstros* – e condenadas quando delas se afastavam, como aconteceu com a denúncia de Carlos Maul em relação ao tema pornográfico ou Brito Broca em relação ao estilo estardalhaçante. Aos olhos desse crítico, não fosse sua impostura literária, João de Minas de fato teria se consolidado como o grande nome brasileiro da literatura popular de massa no país, superando outros escritores paulistanos que, segundo Rubens do Amaral, tentavam obter sem êxito nem mérito literário o mesmo prestígio. Tais comentários são indícios de que a percepção do problema da ausência do similar brasileiro das palpitantes narrativas traduzidas e a tentativa de sua resolução estavam na ordem do dia.

João de Minas deixou a tarefa para outros, porque na época desses reparos críticos já havia embarcado em outro mirabolante projeto, com maiores promessas de lucro e prestígio popular, o qual todavia contribuiu para enterrar de vez sua imagem de escritor.

Parte III

Profeta

6- O Profeta do Asfalto

Rastreado a conversão: o escritor olha para a religião

Quinze anos após publicar o último livro, João de Minas deu uma entrevista ao repórter Daniel Linguanoto, da Revista do Globo, de Porto Alegre. Na reportagem intitulada “Voz de profeta soa no asfalto”, que ocupava oito páginas, o tema era a fundação e a atuação de uma nova religião, oficialmente conhecida como Igreja Brasileira Cristã Científica. No diálogo, o repórter extraiu um depoimento sobre os motivos da sua conversão:

- Foram os imortais brasileiros – confessou-me ele – Humberto de Campos e Antonio Conselheiro, que me induziram a fundar esta nova seita cristã.

E de confidências e confidências, conheci a sua história:

Logo depois da publicação do “Jantando um Defunto”, os críticos João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Lindolfo Collor, Tristão de Ataíde, Plínio Barreto e outros, que o seu livro era uma espécie de “Os Sertões”, apenas tendo o cenário, ao invés do Nordeste, o Oeste.

- Aqui começa a minha tara religiosa, digamos assim – explana João de Minas. - Eu jamais lera “Os sertões”. Fui ler. E fiquei apavorado com a comparação. Aquilo é um folhetim policial pavoroso, sensacionalista, de soldados matando o zepovinho e pondo em relevo a figura soberba de Antonio Conselheiro. Cheio de admiração por Antonio Conselheiro, entrei de pensar num meio que me permitisse honrar e glorificar o chefe de Canudos, na verdade um general ao sabor da tragédia grega ou shakespeariana. Que fazer? Agir intelectualmente não adiantava. O espírito de porco das nossas classes cultas não reagiria. Do general Antonio Conselheiro, insensivelmente, nesse rumo de ideias, passei ao não menos general Padre Cícero (...) Uma noite tive um sonho cívico-religioso. E depois tive vários sonhos do mesmo gênero. Porque Padre Cícero e Antonio Conselheiro, comandantes de anjos que derrotavam exércitos, não eram canonizados? Isso se passou em 1935. Eu já residia em São Paulo. Por que não canonizar santos brasileiros? - pensei. Por que os santos são sempre italianos, franceses ou norte-americanos – quando o Vaticano precisa de dinheiro? (...) Fundei uma religião. Decidi isso. Fiz-me papa dessa nova religião e pelo testemunho e pela fé público, canonizei esses brasileiros [Eurípedes Barsanulfo, Antoninho Marmo e Padre Cícero] (...) ⁶⁷⁶.

Em uma fala destinada ao público, João de Minas relê sua trajetória à luz da nova atividade de Papa brasileiro. O interessante é observar os elementos usados para preencher a narrativa. O início do seu despertar, a perturbação que o alerta para os problemas da realidade, coincide com o momento no qual foi reconhecido como escritor pelos intelectuais que

⁶⁷⁶ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 17-8.

atuavam nos rodapés dos jornais brasileiros, em especial os críticos ligados à Academia Brasileira de Letras. Humberto de Campos é eleito seu mentor, quem abriu os caminhos para sua obra religiosa ao indicar o livro de Euclides da Cunha que lhe despertaria para o problema da exploração do povo e sua repressão pelos militares. Mas não é essa questão que fascinou João de Minas, que ficou obcecado pela liderança religiosa do Conselheiro e de Padre Cícero. Este, em especial, parece ter lhe intrigado, pois

os seus crentes combateram o Exército Nacional, fazendo um general de verdade, com todos os seus bordados e galões, correr como um coelho. E o padre, embora excomungado por Roma, foi feito deputado federal. E para melhor humilhar o nosso Exército, um médico da roça, secretário do Padre Cícero, Floro Bartolomeu, foi nomeado general honorário...⁶⁷⁷

Transparece a admiração pelo imenso poder carismático adquirido por essas personalidades, religiosamente fundado mas que se estendia pelas esferas política, cultural, econômica e social e até mesmo militar, pois foram capaz de vencer e humilhar as forças do Exército brasileiro, fato constantemente repetido no depoimento de João de Minas para a Revista do Globo. Não foi a primeira vez que ele abordou o tema, visto que em *Jantando um Defunto* há uma história centrada em um feiticeiro do sertão com enorme prestígio entre a comunidade, como há também sua versão, legalista, sobre a figura de Santa Dica, a alcunha santa de Benedita Cipriano Gomes. Em 1923, a jovem do distrito de Lagolândia, em Pirenópolis, Goiás, dizia visitar nos seus transe os anjos e, por isso, reuniu inúmeros adeptos, tornando-se conhecida como “Conselheiro de Saias”. Ao contrário de Dica, cujos adeptos enfrentaram a polícia estadual em 1924 numa sangrenta batalha às margens do Rio do Peixe, as trajetórias de Cícero e Conselheiro incluíam vitórias expressivas contra o exército e a polícia que os tornava dignos de atenção.

O relato prossegue na meditação que assolou o escritor mineiro: “entrei de pensar num meio que me permitisse honrar e glorificar o chefe de Canudos”. João de Minas busca a melhor forma de acessar aquela sensibilidade popular que trouxe prestígio e poder ao Conselheiro e Padre Cícero. A via intelectual é descartada porque considera a intelectualidade fechada a esse tipo de mensagem (“o espírito de porco de nossas classes cultas não reagiria”) e acha que a forma intelectual não era adequada à comunicação com o brasileiro porque “a seborréia intelectual separa o povo das ideias eternas”⁶⁷⁸. Carregados de agressivo anti-

⁶⁷⁷ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 18.

⁶⁷⁸ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 18.

intelectualismo, os trechos mostram como foi preciso pensar em uma forma de comunicação familiar à população. O depoimento para a Revista do Globo parece expor o problema que levou o novo papa a fundar sua igreja, a reinventá-la constantemente e persistir nela por décadas a fio: como acessar de maneira eficaz a sensibilidade religiosa do brasileiro. As soluções encontradas permitirão que possamos conhecer a força dessas representações e práticas mágicas e religiosas no país entre meados dos anos 1930 e fins dos anos 1960.

O próprio João de Minas fornece a Daniel Linguanoto a informação de que fundou sua religião em 1935, quando já residia em São Paulo. Ela parece estar correta: segundo nossas pesquisas, nas atividades do escritor até o fim do ano de 1934 não há nenhuma referência à fundação de uma igreja ou organização religiosa. Aderbal Freire-Filho⁶⁷⁹ chegou à mesma conclusão descobrindo que as primeiras menções aparecem em abril do ano seguinte nos livros e nas páginas da imprensa. Se a cronologia confere, o conteúdo engana: a forma inicial de suas atividades não foi eclesástica, misturando catolicismo e nacionalismo, mas a ocultista. Como João de Minas projeta no passado o estado de sua religião em meados dos anos 50, é preciso recuar a análise e buscar fontes que indiquem os caminhos da conversão.

Ao nosso ver, ela pode ser encontrada na narrativa inserida no folhetim “Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo”, publicado no Diário da Noite entre 20 de dezembro de 1934 e 27 de de fevereiro de 1935. Interrompida no 42º episódio sem desvendar o crime, fizeram parte do livro homônimo os capítulos 1 a 28, publicados até 29 de janeiro de 1935. Os quinze restantes foram excluídos da obra lançada em 1936. Curiosamente, seu teor principal era uma virulenta sátira à religiosidade popular na cidade de São Paulo.

Resumindo a guinada da trama, após o suposto assassinato de Paulo Borborema pelos gangsters Olhos Brancos, o delegado de polícia Abelardo Laurentino, desesperado por não ter nenhuma pista dos criminosos e almejando a recompensa de 500 contos, compartilha o problema com sua esposa, D. Justina. Esta o aconselha um método infalível, que teria sido utilizado por Artur Bernardes no seu conturbado governo: a consulta a um pai de santo ou astrólogo. Justina sugeriu o nome de um negro da Vila Prudente de nome Quingombô, santo que ela frequentava e prometeu um encanto para tirar o prêmio da loteria. Laurentino se sente escandalizado com a proposta, mas reconsidera a ideia pelo fato de o expediente ter sido

⁶⁷⁹ FREIRE FILHO, 1999, p. 254-5.

usado por Bernardes, Júlio César, Napoleão e outros estadistas. Decide modificá-la, trocando o macumbeiro por um astrólogo, o “professor” argentino Joe Mars.

Disfarçado de um malandro chamado Pedro Gonçalves, o delegado seguiu para uma consulta, presenciando vários “milagres” e as “adivinhações” provindas do “astral superior”, todas confirmadas pela expressão espantada de Laurentino. No meio da consulta, alterado pela cachaça, Mars revela ao Pedro Gonçalves sua verdadeira identidade de capoeira e os mecanismos pelos quais engana a todos com sua fantasia de professor. Diz também que odeia Laurentino, revelando que a amante do delegado o traía com negros e que sabia da extorsão do policial ao bicheiro Lamas. Na saída, como medo de apanhar do capoeira, Laurentino paga o professor e tenta retornar para casa mas, disfarçado, é confundido com um grevista por um guarda, acaba preso e, até conseguir mostrar quem é, apanha bastante. Machucado, vocifera contra a ideia estúpida da esposa, mas decide novamente falar com Joe Mars, intrigado porque o casarão do professor levou o nome misterioso de “Palácio dos Túmulos”. Provavelmente esta construção seria gancho para os próximos episódios da história policial.

A narrativa é construída a partir da mobilização pelos “sábios” e “macumbeiros” das principais matrizes religiosas que Liana Trindade identificou na cidade de São Paulo em finais do século XIX e nas primeiras décadas do XX. Havia o curandeirismo dos benzedores e milagreiros operantes desde o período colonial, cuja prática foi reconfigurada pela migração para um centro urbano em constante crescimento, deixando as formas comunitárias de sociabilidade para investir nas consultas individualizadas. Também baseada no catolicismo popular com raízes pagãs, a estes se acrescenta as concepções da magia europeia trazida pelos imigrantes europeus que chegavam a São Paulo. Ao lado destes, havia no contexto urbano paulistano o conjunto de ritos e mitos de matriz afro-americana, de origem bantu e gêge-nagô, conhecidos como macumba. Até o fim do XIX a macumba era quase exclusivamente por negros livres e ex-escravos, muitos dos quais oriundos das fazendas de café após a abolição, mas com o processo de metropolização foi frequente por pessoas de outros estratos sociais. No contexto paulistano há também diferentes vertentes do espiritismo, entre os quais o kardecista, difundido no país na segunda metade do XIX, com sua proposta de unir filosofia, ciência e religião a partir do intercâmbio com o sobrenatural operado através da ação de médiuns que atendiam nos centros espíritas. Por fim, ganhava cada vez mais

prestígio o ocultismo/esoterismo de tradição europeia (cabala, hermetismo, magnetismo, tarô, astrologia etc.⁶⁸⁰) ou orientalizante como a teosofia.

Longe de aparecerem de maneira estanque, essas matrizes eram mobilizadas de acordo com a ação concreta dos agentes da magia, pois “o processo sincrético implica na configuração ordenada de elementos díspares que são reinterpretados, segundo a intenção dos agentes produtores da ação mágica e religiosa, atendendo as expectativas, interesses e valores da sua clientela”⁶⁸¹. Composta por setores de várias classes sociais, “pobres de pé no chão e ricos de automóvel”⁶⁸² que iam aos rincões mais distantes dos centros urbanos e áreas nobres, a clientela demandava dos especialistas do sagrado inúmeras capacidades. A principal era a de “curar, mas também de favorecer assuntos amorosos, de ajudar indecisos, transmitir fórmulas de conseguir sucesso ou mesmo de adquirir magnetismo pessoal, ajudar a conseguir trabalho ou então de consertar o mau gênio de maridos e de filhas”⁶⁸³, além da capacidade de reverter negativamente esses dons e causarem os mais diversos infortúnios e desgraças via feitiçaria, como doenças, obsessões espirituais, mudança de comportamento. Segundo esta visão mágica do mundo, “parecia que para qualquer infortúnio haveria sempre uma determinada simpatia, qualquer desesperança poderia ser sanada com um jogo de baralhos, uma leitura das mãos, com um chá, uma mezinha, um passe magnético, um transe hipnótico e, logicamente, pessoas especializadas neste tipo de atendimento”⁶⁸⁴.

Estes especialistas supriam as muitas expectativas, instabilidade e incertezas que advinham de um clima de insegurança e desenraizamento provocado pelas mazelas do rápido crescimento da cidade de São Paulo e, no caso dos pobres, pela ausência dos serviços do Estado. Todavia, tais especialistas eram fruto do mesmo contexto, constituídos

por indivíduos provenientes dos setores populares e remediados da sociedade que procuravam garantir a sobrevivência, buscando formas de ascensão social: imigrantes recém-chegados à cidade; filhos de imigrantes considerados “ávidos por enriquecimento fácil”; homens negros que deixavam de lado seus ofícios manuais para se dedicarem inteiramente à “exploração de um centro espírita” e dos dons de cura “há pouco revelados”

⁶⁸⁰ TRINDADE, 1991, pp. 163-173.

⁶⁸¹ TRINDADE, 1991, pp. 163-4.

⁶⁸² Referência de policiais em visita ao Centro Espírita Gota Cristalina do Menino Jesus, um casebre localizado na Vila Santa Catarina, área então distante do centro urbano. Ver WHITAKER, Edmundo *et alii* *O espiritismo em São Paulo* São Paulo: Arquivos de Polícia e Identificação, 2, 1938/ 1940, p. 553 *apud* WISSENBAACH, 1997, p. 156-7.

⁶⁸³ WISSENBAACH, 1997, p. 156-7.

⁶⁸⁴ WISSENBAACH, 1997, p. 157.

ou exercidos já há algumas décadas nos arredores da cidade; viúvas encarregadas de prover o sustento do lar, versadas na leitura de cartas ou das linhas das mãos; ex-militares desmobilizados ou expulsos das suas corporações que investiam algum tempo no estudo dos fatos ocultos ou sobrenaturais; homens e mulheres que traziam das longas itinerâncias e da infixidez próprias à dinâmica daquele tempo, tradições culturais, fórmulas mágicas e milagrosas, crenças e fetiches que compartilhavam com uma sociedade predisposta a aceitar o que lhes era oferecido⁶⁸⁵.

Durante o processo de metropolização, formou-se no senso comum, nos processos e na imprensa um recorte social entre aquelas práticas perseguidas e as que são toleradas ou até mesmo valorizadas. No início do século XX os centros espíritas eram tão perseguidos quanto as “macumbas” e os curandeiros por infringirem o artigo 156 (exercício ilegal da medicina), 157 (práticas de magia e espiritismo para enganar os incautos) e 158 (curandeirismo) do Código Penal de 1890⁶⁸⁶. Conforme a ele aderiam os setores médios e profissionais liberais, tocados pela possibilidade de tratar cientificamente o que até então era considerado sobrenatural e, com isso, explicar e resolver as mazelas do mundo, o espiritismo kardecista, seguindo o esoterismo, se legitimou.

Devido à semelhança de práticas, ao longo das décadas de 1910 e 1920, cristalizou-se no jargão da polícia e da imprensa a distinção entre alto e baixo espiritismo. Tendo o prestígio da origem europeia, estadunidense ou oriental, além da linguagem cientificista, o primeiro designava “algumas das vertentes do pensamento espiritualista, especialmente o espiritismo científico ou o kardecismo, ramos do ocultismo oriental e a fenomenologia experimental do sonambulismo, do hipnotismo e do magnetismo animal”. Já entre o segundo, portadores das concepções tradicionais do catolicismo popular e das religiões africanas, poderiam se achar “curandeiros de diferentes tipos – ocultistas, magnetizadores, hipnotizadores, médiuns receitistas –, benzedeadas que praticavam as simpatias da medicina mágica e do catolicismo popular e quiromantes, cartomantes e pitonisas versadas em adivinhações” mas principalmente “feiticeiros e macumbeiros, denominação que recebiam os indivíduos envolvidos nos rituais e nas crenças oriundos da população de afro-descendentes da cidade”⁶⁸⁷.

⁶⁸⁵ WISSENBACH, 1997, p. 141.

⁶⁸⁶ WISSENBACH, 1997, pp. 108-118.

⁶⁸⁷ WISSENBACH, 2004, p. 13.

Apesar da oposição que sofriam da Igreja Católica e dos setores médicos e policiais descrentes, cristalizou-se na imprensa a concepção que o alto espiritismo estava “firmado nos evangelhos e nos ensinamentos dos mestres, é perfeitamente um culto, uma religião tão digna de acatamento como qualquer outra e como tal faz juz à liberdade e às amplas garantias asseguradas no texto constitucional”, enquanto que o “baixo e falso espiritismo”, enquadrado no artigo 157, seria praticado para “despertar sentimentos de ódio ou amor”, “inculcar curas estupendas” e, com isso, subjugar a credulidade pública “divulgando milagres e graças”⁶⁸⁸. Essa distinção valorativa perdurou nas décadas seguintes. Em fins dos anos 20, tudo aquilo a que se referia ao baixo espiritismo foi se tornando o alvo preferencial da repressão policial, cada vez mais especializada, como evidencia a criação do Serviço de Repressão ao Baixo Espiritismo em 1928, anexo à Delegacia de Costumes. Esta seção policial passou a catalizar as campanhas na imprensa, veiculada por jornalistas e pelos agentes disciplinadores como “autoridades policiais, fiscais do Serviço Sanitário, representantes da Medicina Legal, psiquiatras das instituições asilares e membros da Igreja oficial”⁶⁸⁹. Nos anos 30 esta perseguição continuou:

as transformações econômicas, políticas e sociais da Era Vargas não alteraram a repressão contra as práticas mágico-religiosas, em nome da modernidade e do progresso, que não só continuou como recrudescceu. Tornou-se mais intensa e mais específica, concentrando-se agora nos cultos afro-brasileiros. (...) Até então, o combate à feitiçaria, ao curandeirismo e ao “baixo espiritismo” dava-se de maneira genérica a todas as formas de práticas mágico-religiosas que nestes rótulos pudessem ser incluídas. A crescente legitimação do espiritismo, que se deu paralelamente à sua organização em federações que forçaram a moralização dos centros e a extirpação dos elementos umbandistas neles contidos, de um lado, e a urbanização crescente que fez desaparecer a maioria dos benzedores e curandeiros da tradição católica rústica, de outro, tornaram-se os terreiros de umbanda em formação quase as únicas associações a atrair a repressão policial⁶⁹⁰.

As estratégias que os indivíduos e grupos perseguidos utilizaram para se manter e angariar maior clientela foi a emulação e incorporação da linguagem e das formas religiosas legítimas e prestigiadas. Pelo fato de oficialização já ser permitida, tornou-se comum, por exemplo, “a tentativa dos terreiros de origem bantu, os únicos existentes em São Paulo na

⁶⁸⁸ Artigo de O Estado de São Paulo, de 6/8/1918, citado por NEGRÃO, 2004, pp. 565. Sobre essa distinção em São Paulo, ver o mesmo autor, pp. 562-568.

⁶⁸⁹ WISSENBACH, 2004, p 18, nota 5.

⁶⁹⁰ NEGRÃO, 2004, p. 569.

época e conhecidos como terreiros de macumba, terem a precaução, para fugir da perseguição policial, de autodenominarem-se centros espíritas” e incorporar algumas de suas práticas⁶⁹¹.

Tais formas de legitimação a partir da mobilização das concepções científicas do espiritual não passaram despercebidas por João de Minas, que comentava na fala de uma personagem: “os santos puros hoje escandalizam brutalmente. Tanto assim é que os feiticeiros sabidos se dizem santos, mas científicos, santos grafológicos, santos quirológicos, santos...”⁶⁹². Essas estratégias de legitimação do “baixo espiritismo” apareceram no primeiro santo da narrativa, o negro Quigombô, apresentado como

pai de santo de Vila Prudente, macumbeiro que fazia milagres, benzendo, curando, desvendando o passado, tirando o demônio do corpo das possesas, batizando abortos no dia de Nossa Senhora das Candeias (com raminho de arruda), pondo as cartas (o tarô divinatório hindu) e membro remido do Brasil Psíquico, Astrológico do “dr.” Olívio Rodrigues, faquir da Confraria dos Irmãos do Himalaia, saindo em corpo astral e aparecendo onde quisesse como fazia Simão, O Mago, São Cipriano e outros terríveis feiticeiros⁶⁹³.

A fala de D. Justina, mulher do delegado Laurentino, mostra como esses elementos de diversas tradições eram mobilizados. O tom é de uma fiel deslumbrada, mas também de gananciosa pela possibilidade do enriquecimento fácil e de empáfia por “não ser trouxa”, o que choca com o papel que exerce no trecho. Justina descreve como Quigombô decidiu, através de um milagre para o qual tinha “exclusividade em todo o universo”, quebrar a banca dos bicheiros de São Paulo fazendo os pobres tirarem sorte grande na loteria através do “Seguro de Loteria”, projetando para o plano espiritual as atividades das companhias de seguro que atuavam na capital. O feitiço já havia sido aprovado pelo Bragagá de Gogó, “um espírito de luz, primo ou cunhado... não, é cunhado do Xangô. Esse é um deus, da quarta parada do astral superior”. Todavia, uma condição importante para que ele se operasse era o silêncio total, senão “o encanto, o despacho não pega”. Os fiéis levam sete bilhetes brancos (não premiados) e pedem o “seguro contra bilhete branco da loteria”, junto com uma esmola “para um templo que se está construindo na Índia”, com cinquenta mil réis pagando cinquenta contos. Então “o santo dá uma surra de rosário nos bilhetes, conversando com Bragagá, dentro

⁶⁹¹ Foi o caso do terreiro que se denominou Centro Espírita dos Quinze Auxiliares do Nosso Senhor Jesus Cristo – Corrente Africana. Ver NEGRÃO, 2004, p. 567.

⁶⁹² MINAS, João de. Consultando Astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁶⁹³ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

do círculo mágico com o sinal de Salomão, sexta-feira, à meia noite, numa sessão forte...⁶⁹⁴ de pura macumba”. Então “o espírito do Bragagá geme no enxofre e na porva queimada, falando numa língua enrolada, que era usada na Torre de Babel... Cada sexta-feira o santinho senta o couro em todos os bilhetes reunidos durante a semana, às vezes mais de mil”. Daí, em até três anos, o segurado deveria fatalmente receber o prêmio desejado, enquanto o santo, em três meses, planejava levar a fortuna de quinhentos contos de réis, reunidos das “esmolos” da sua imensa freguesia, para construir o referido templo na Índia⁶⁹⁵.

Não por acaso, o narrador situa seu local de atendimento numa chácara afastada da Vila Prudente. Na geografia destas práticas na cidade, sobretudo após sistemática perseguição policial, era comum que os benzedores, curandeiros e macumbeiros situassem suas atividades nos bairros distantes: “a presença de curandeiros e benzedoras era mais notada nos arredores da cidade e nas localidades vizinhas de São Bernardo, São Caetano e Santo Amaro, onde emergiam das estruturas societárias e valores que pressupunham, ainda nos anos de 1930, a manutenção e características da vida de roceiros”⁶⁹⁶. Nesse ambiente rural e urbano paulistano, Quigombô é ao mesmo tempo curandeiro e benzedor, e suas atividades têm uma forte influência da macumba afro-brasileira, parodiadas na descrição do escritor mineiro, feita ao modo irônico que as reportagens contra a macumba eram feitas na imprensa paulistana.

Mesmo assim, Quigombô acrescenta, para angariar prestígio e obter dinheiro, as tarefas de adivinho de tarô oriental, médium e membro de associações e confrarias esotéricas. Foi citada a mais famosa delas, a de Antonio Olívio Rodrigues (1879-1943), comerciante português considerado astrólogo e magnetizador que em 1907 lançou uma revista e uma Editora-Livraria “O Pensamento”, além da primeira casa esotérica de São Paulo e do Brasil (“Amor e Verdade”), transformada em 1909 no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. A partir de 1912 passou a editar um almanaque – “Almanaque d'O Pensamento Científico, Astrológico, Filosófico e Literário”, com tiragens de vinte mil exemplares e distribuição para todo o país. Suas iniciativas esotéricas angariaram prestígio e adeptos na intelectualidade brasileira, levando Olívio a fundar uma nova e maior sede em 1930, no bairro

⁶⁹⁴ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

⁶⁹⁵ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁶⁹⁶ WISSENBACH, 1997, p. 135.

da Liberdade⁶⁹⁷. O “Brasil Psíquico e Astrológico” era o nome do escritório onde Antonio Olívio atendia os clientes, uma reinvenção urbana que dava uma feição científica às práticas de magia e cura, como indica Liana Trindade:

A terapia esotérica reproduz o modelo de atendimento da medicina clínica: consulta com horas marcadas, ante-salas com recepcionistas, sala de estar e de consulta. O terapeuta e seu assistente divulgam o seu saber através de anúncios em jornais ou de panfletos distribuídos nas regiões circunvizinhas ao local de atendimento. Ao examiná-las, pode-se notar que eles constituem um modelo comum padronizado: horário de consultas, recurso de atendimento local ou via correspondências (indicando as agências postais onde o pagamento deve ser depositado); destaca-se também a formação acadêmica do consultor e os recursos terapêuticos utilizados⁶⁹⁸.

Tal é o modelo da outra personagem desse tipo que se apropria do chamado alto espiritismo, ou, nas palavras de Laurentino, um “feiticeiro... mas científico, desses que moram aí no centro, em arranha-céus, e anunciam nos jornais... até receitando, exercendo a medicina... São os tais professores...”⁶⁹⁹. O autoproclamado “cientista santo” escolhido pelo delegado, Joe Mars, era um capoeira carioca do morro da Favela que se fantasia de mago argentino, com barbas de Jesus e pano preto feito coroa de espinhos, “só para assombrar... para convencer os graúdos de S. Paulo”. Por visar os membros das famílias aristocráticas, do mesmo modo que outras cartomantes e professores, anunciava nos principais jornais que seu consultório ficava em um casarão colonial no bairro da Santa Ifigênia, um local bem mais próximo ao centro. Apesar de também se mostrar conhecedor de feitiços próprios da macumba e do catolicismo popular, constrói sua imagem de médium e sábio esotérico, apresentando-se como um “doutor” formado em “metempsicolética astral micuin quin” nos mosteiros e santuários secretos do Himalaia, na Índia, título que habilitava o “professor” às consultas em corpo astral. Para aumentar o prestígio, também era membro do “Brasil Psíquico-Astrológico local”.

Os clientes eram impressionados nas salas de espera por uma série de recursos de sugestão e ilusionismo, como acontece com o delegado Laurentino. Ao chegar ao local do consultório, passou por um quarto iluminado em luz verde, onde viu o “milagre” de uma mulher muito gorda se tornando magra em poucos segundos, através do incenso soprado por

⁶⁹⁷ RAMACHANDRA, 2007. pp. 43-67.

⁶⁹⁸ TRINDADE, 1991, pp. 150-1

⁶⁹⁹ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

um vulto negro (um “fantasma”) que balançava um defumador em torno da mulher. Em seguida, foi transportado para um aposento com uma claraboia por onde vinha luz roxa, que também mexeu com os nervos de Laurentino, pois “as cores, os perfumes, sugestionam poderosamente”. Depois de ser levado a uma sala de espera e ficar algumas horas, é levado para uma sala de meditação ironicamente chamada “astral superior”, “uma saleta vulgar, bem iluminada, com uma cadeira e uma mesinha”, com um espelho de corpo inteiro, onde o cliente aproveitava para relaxar. Através de um buraco na parede, a secretária e o professor podiam obter informações sobre o estado de alma e vida do cliente. Depois da espera, ele é conduzido por um corredor escuro até um:

quarto todo fechado, com panos pretos ou escuros desdobrados por todos os lados. Uma cama turca, ao fundo, recebia do alto uma poeira quase imperceptível de luz, que devia vir de um aparelho oculto muito especial. Na colcha de veludo negro essa claridade azulava-se tenuissimamente, com uma sensibilidade humana, como se esse palor irradiasse de um cérebro, fosse... uma alma, sim, uma pura alma. Aquilo era o corpo astral do mago. Ele estava deitado na cama turca, muito bem espichado e composto, como um defunto, todo vestido de preto. Estava desacordado, em transe, e a sua alma (ou o corpo astral) estava se desprendendo, exalando-se do seu corpo. O homem imóvel, com as barbas de Jesus Cristo, e o pano atrapalhado na cabeça fingindo uma coroa de espinhos (com que ele se fotografava nos anúncios), tinha uma palidez cadavérica⁷⁰⁰.

Além das consultas diagnósticas em que o mago “adivinava” os problemas do cliente, o professor mantinha o serviço de limpeza especial, a 600 mil-réis a consulta, no “sanatório no astral superior, e ali alugava quartos por mês, para as almas doentes... O seu sanatório no invisível fazia prodígios... Quando a alma do freguês regressava da estação de cura era outra, dura, forte, musculosa...”⁷⁰¹. Outra tática era colocar os bons clientes na sua intimidade, na amizade, para que estes se confessassem, pois “os faladores contam de si o que querem esconder, justamente por quererem esconder”. Além destas, Joe Mars fazia amarrações para o amor e vendia “seguros” ou feitiços infalíveis contra flagelos do cotidiano como demissão, doença, velhice, impotência, obesidade e até contra morte, no qual “o segurado não morre, nem de desastre. E quando ele chega aos cem anos... ele descasca, como

⁷⁰⁰ MINAS, João de. Na casa do Mágico. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 36º episódio. *Diário da Noite*. 15/2/1935, p. 2.

⁷⁰¹ MINAS, João de. Na casa do Mágico. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 36º episódio. *Diário da Noite*. 15/2/1935, p. 2.

cobra, e fica novo outra vez. É garantido!”⁷⁰². Além de revestir as imagens espiritualistas com uma linguagem corporal, como “alma musculosa”, compõe a comicidade da série de episódios a mistura indiscriminada de práticas de religiões distintas pelos charlatões travestidos de santos e sábios manipuladores das forças mágicas e do além, com promessas fabulosas na intenção de enganar os clientes devotos através de truques e recursos teatrais.

Brados e ironias explícitos contra a expansão das práticas mágicas também aparecem na narrativa policial do escritor mineiro. Laurentino exclama ao ouvir pasmo como Quigombô iria dar o prêmio da loteria: “Como a macumba está dominando São Paulo!”⁷⁰³; “agora vejo que S. Paulo em peso vai sendo invadido pela macumba, ou pelo tal despacho... Até em minha casa imperam os quigombôs...”⁷⁰⁴. A mesma percepção em relação aos professores, na fala do inspetor Mariano, encarregado pelo delegado de recortar os anúncios dos jornais: “atualmente São Paulo, contando com os anúncios dos vespertinos e dos jornais noturnos, não abriga menos de mil feiticeiros, cada um melhor do que o outro... e todos chegam aqui logo depois de uma viagem ao Himalaia, no mínimo...”⁷⁰⁵. A ironia prossegue no mesmo tom quando o narrador tratar da proposta dos diversos mágicos que surgiam na cidade:

diante de todos tem aparecido em São Paulo como um brilhante literato internacional, vinha Jinerajadasa, que garantia não ser como os outros. Todos os demais eram vigaristas. Lá estavam os professores Joe Mars, disfarçado de Jesus, Verrines, Sivekananda, Burrundan, Skeia... as madames Luz, Abitbol, Palestrina, Mãe Maria, todas de fama universal... Uma legião furiosa de iluminados, desvendando o futuro como se apenas riscassem fósforos, ou virassem o comutador de uma lâmpada⁷⁰⁶.

É prosseguindo com as reflexões da oscilante personagem policial que João de Minas expressa o cerne do problema da religiosidade:

“No final das contas, para quê polícia científica, para quê técnica policial, para que o luxo, o aparato policial, a caça sombria e amarga ao gângster generalizado em S. Paulo, pois esta terra, como o progresso, gangsteriza-se a olhos vistos?... Para que esse trabalhão todo, toda essa organização?... Para

⁷⁰² MINAS, João de. Na casa do Mágico. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 36º episódio. *Diário da Noite*. 15/2/1935, p. 2.

⁷⁰³ MINAS, João de. Consultando Astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁷⁰⁴ MINAS, João de. O Plano de D. Justina. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

⁷⁰⁵ MINAS, João de. Consultando Astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁷⁰⁶ MINAS, João de. O Arranha-Ceu Lamas Periga. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 31º episódio. *Diário da Noite*. 5/2/1935, p. 2.

que?... se, por estes anúncios categóricos não há mais mistérios, não há mais nada oculto debaixo do sol? Sim, qualquer um destes formidáveis iluminado [sic] pode desembulhar o crime mais tenebroso em meio minuto... prendendo o respectivo gangster enquanto o diabo esfrega um olho... ali no duro!... com... com... a boca na botija! Sim, está claro...”⁷⁰⁷

O trecho e todo o texto contrapõe a forma de se relacionar com o universo a partir de intuições, comunicações extrassensoriais e saberes mágicos tradicionais à instalação do aparato e da racionalidade técnica e organizacional da polícia, que pode ser estendido a qualquer outro saber e instituição inspirado no prestígio de uma ciência cartesiana e materialista, elevado à condição de paradigma à luz do qual as outras crenças e pressupostos são considerados remanescentes ilusórios, sendo-lhes negada qualquer possibilidade real. O problema todo é que, mesmo com a força paradigmática de descrever, demonstrar, prever, construir e resolver problemas da realidade e do cotidiano, a visão e práticas científicas não conseguem suplantar, nos largos setores da população paulistana, uma visão de mundo que pressupunha a existência de forças ocultas e entidades desencarnadas atuando ativamente sobre a vida presente, podendo ser auscultadas e manipuladas por indivíduos especiais ou com as técnicas mágicas adequadas. A oposição é melhor expressa na questão do futuro, abordado analiticamente no trabalho (no sentido forte do termo) científico e em sua extensão policial, e facilmente (“como se riscassem fósforos”) nos curandeiros e especialistas do sagrado. Como nessa concepção o sobrenatural e o mágico não existem, esses especialistas só poderiam ser considerados charlatães, o que a narrativa confirma com a ineficácia das suas previsões e pelo uso de recursos ilusionistas.

Nessa perspectiva satírica, a série de episódios folhetinescos de João de Minas fazia coro à cruzada civilizacional que unia diferentes vertentes políticas, intelectuais e policiais. Através dos processos crime e da imprensa, condenavam as práticas mágicas, em especial as de origem afro-brasileira e do catolicismo popular, considerando-as nocivas para a cidade⁷⁰⁸:

Conservadores e progressistas da época, defensores do capital e do trabalho, juntos contra o que julgavam obscurantista e retrógrado. Consistia, pois, antes uma posição “civilizatória” que um mero posicionamento político. Os segmentos cultivados da sociedade brasileira, a *intelligentsia* em sua totalidade, engajava-se no combate a todas as expressões culturais por eles julgadas resistentes ao projeto nacional de modernização. Essa era, contudo,

⁷⁰⁷ MINAS, João de. O Arranha-Ceu Lamas Periga. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 31º episódio. *Diário da Noite*. 5/2/1935, p. 2.

⁷⁰⁸ Sobre essas opiniões, ver WISSENBAACH, 1997, cap. 3.

uma posição genérica no contexto social do momento, o que não impedia que membros individuais das elites tivessem relações pessoais de clientela com relação a curandeiros ou feiticeiros, contradição esta conhecida e abominada pelos jornalistas da época⁷⁰⁹.

Mesmo não perdendo a oportunidade de valer-se dessas denúncias para construir inúmeras reportagens sensacionalistas para a imprensa, a exemplo do clássico e modelar João do Rio⁷¹⁰, essa contradição era abominada porque

junto à modernidade que não significou necessariamente civilização, a recorrência às práticas mágicas era, na lógica dos homens de imprensa, sinal de atraso, de incultura, a contaminar uma sociedade herdeira da superstições e crendices, doença do passado brasileiro multiplicada pelo crescimento citadino desmesurado⁷¹¹.

Nessa linha, menos que bradar agressivamente, a narrativa do escritor estilisticamente segue o padrão cômico dos artigos dos grandes jornais:

Ao se referirem a indivíduos mapeados e apreendidos pelas campanhas policiais, a chalaça dos jornalistas recai, preferencialmente, sobre determinadas figuras sociais em torno das quais concentram as ironias mais ferinas e as críticas mais costumazes: inicialmente sobre os imigrantes, entre eles as mulheres que se dedicam à quiromancia e à cartomancia e aqueles que, sublinhando suas origens, apresentam-se como ocultistas; mas também, entre os nacionais, particularmente sobre os chamados feiticeiros, quase sempre homens provenientes dos setores negros da sociedade. Em torno dessas figuras preferenciais constroem histórias bem-humoradas, descrições impressionistas e carregadas de ironia, revelando largos preconceitos sociais: os imigrantes, caracterizados por uma rapinagem devoradora, dispostos a fazer fortuna não importando através de quais meios; os feiticeiros, por suas crendices primitivistas, quase que incompreensíveis, pelos objetos lúgubres – restos e ossos de animais, ervas ressequidas, cabelos e pedaços de esqueletos humanos, imagens de santos colocados dentro de preparados, de ponta cabeça ou amarrados – que eram encontrados em seus cubículos no momento em que realizavam rituais macabros, quase que diabólicos (...) Ainda na linha da estigmatização das figuras sociais, entre as vítimas inocentes do charlatanismo e suscetíveis às promessas enganosas das quiromantes e adivinhos, colocavam-se preferencialmente as mulheres, as mais sugestionáveis por sua natureza sensível e delicada, supersticiosas por defeitos de educação e, como tais, alvos prediletos da ação dos charlatães⁷¹².

É importante notar que João de Minas ampliou a lista de clientes acima incluindo, além dos assassinos e ladrões, os homens das classes altas, políticos como um prefeito de

⁷⁰⁹ NEGRÃO, 2004, v. 2, pp. 561-2.

⁷¹⁰ RIO, 1976. Reportagens escritas para a Gazeta de Notícias em 1904.

⁷¹¹ WISSENBAACH, 1997, p. 102.

⁷¹² Sobre essas opiniões, ver WISSENBAACH, 1997, pp. 101-2.

Brotas, aristocratas do café que moram em Paris, bicheiros e, para reforçar a hipocrisia geral, também um dos principais agentes da repressão, o delegado de polícia que, por indicação da esposa, recorre ao sagrado no momento de desespero ou de ambição (“e se algum desses vigaristas tem mesmo o dom de adivinhar, e me conta tim-tim por tim-tim as manobras dos Olhos Brancos?”⁷¹³). Ao pensar em consultar Quigombô, a reflexão de Laurentino o faz de desistir da ideia “para mim não ia ficar bem ir lá nos confins proletários de Vila Prudente, para consultar um negro beijudo”⁷¹⁴ porque “seria uma cena ridícula, o bamba de Crimes de Morte se agachando até os poderes ocultos do gorila de Vila Prudente...”⁷¹⁵. Aqui, o policial compartilha a motivação dos clientes, não porque ele acredite de fato no sobrenatural (o que não está em questão) mas porque os especialistas da magia podem fornecer soluções para questões do cotidiano.

Seguindo a tendência dos seus romances urbanos, focados na sátira dos costumes, os magos, santos e pitonisas charlatães se tornam ícones daqueles que enriquecem através da manipulação eficaz das crenças ilusórias por meio do infinito jogo de espelhos das falsas aparências. Em toda a narrativa analisada a sátira é direcionada à hipocrisia de todas as camadas sociais da cidade, sobretudo as mais ricas e poderosas, através da religiosidade difundida em São Paulo. Em todas as camadas sociais, o escritor mineiro vê que a relação com o sobrenatural passa menos por uma espiritualidade desinteressada do que por uma relação próxima voltada à solução dos problemas da vida.

No meio da sátira, não passou despercebido ao escritor mineiro o prestígio adquirido pelos especialistas do sagrado, mesmo que provenientes de setores sociais alvos dos mais fortes preconceitos e discriminações⁷¹⁶. Quigombô foi representado como “um negro beijudo, analfabeto, exalando o butum dos pretos inteiros, num tal perfume de bode que é uma calamidade. De nariz esborrachado, o carão amassado pelo murro do caos (...)”. Além da caricatura pejorativa, eivada de preconceito racial, a comicidade do trecho repousa no contraste entre o tipo representado e a classe social que frequentava o terreiro na Vila

⁷¹³ MINAS, João de. Consultando Astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁷¹⁴ MINAS, João de. Consultando Astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 30º episódio. *Diário da Noite*. 4/2/1935, p. 2.

⁷¹⁵ MINAS, João de. O Plano de D. Justina. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

⁷¹⁶ “As práticas sociais da magia facultavam aos homens negros espaços de reconhecimento num universo social que acima de tudo os discriminava.” WISSENBACH, 2004, p. 31.

Prudente, com “limusines maravilhosas, de onde saltavam vultos histéricos de mulheres caríssimas, paravam perto do sítio, uma chácara entre árvores, onde o negro feroz fazia suas mandingas”⁷¹⁷. Até aí temos uma descrição que poderia ser vista, num estilo mais sóbrio mas tão carregado do tom denunciasta quanto a imprensa e nos relatórios de polícia. A seguir, João de Minas descreve como a pacata esposa do delegado Laurentino “comia-o, mamava-o com os olhos, derretia-se de gula diante do bruto Quigombô!”. E ressalta ainda mais o caráter erótico da devoção quando D. Justina se revolta contra a ofensa do marido:

Gorila?... - tinha se escandalizado d. Justina – Gorila nada! O Quigombôzinho, coitado, encarna o espírito de um santo, um príncipe que foi queimado em Roma, no tempo de um tal Nero... Era um mártir, que fazia milagre, agora na pele bem preta que ele tem. Quando o santinho de Vila Prudente cai em transe... ah! Nem gosto de lembrar. Ele fica outro, embranquece, e a gente vê transparecer a beleza do príncipe que foi queimado... até me arrepiava o corpo⁷¹⁸.

É visível no trecho como o preconceito racial também aparece através de Justina que, para contrapor a ofensa do marido (negro = macaco), não apenas sugere que Quigombô veio negro porque foi queimado em outra vida, como só consegue manifestar sua paixão quando ele, em transe, mostra sua feição branca. Mas isso não a impede de lhe confiar uma grande soma de dinheiro, levar as amigas como clientes, fazer confidências, de ser sugestionada ao ponto de sentir arrepios corporais e “ver” aquilo que Quigombô sugere. O mesmo acontece com Joe Mars, frequentado por operários, bandidos, grã-finos e políticos. Tinha ascendência total sobre Calu, amante do delegado, e sobre o bicheiro Lamas quem, por exemplo, “não dá um passo sem me consultar. Eu é que mando nele”⁷¹⁹. Para João de Minas, o *status* de santo implicava um grau de confiança tal que, por eliminar qualquer instância psicológica crítica, era capaz de modificar a forma de ver, ouvir, pensar e agir dos fiéis. A mobilização eficaz dos desejos mais intensos e das prestigiadas concepções mágicas ou sobrenaturais gerava uma entrega total que, ao encarnar suas personagens, o escritor mineiro decidiu experimentar.

⁷¹⁷ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

⁷¹⁸ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 29º episódio. *Diário da Noite*. 2/2/1935, p. 2.

⁷¹⁹ MINAS, João de. Consultando os astrólogos. Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. 37º episódio. *Diário da Noite*. 16/2/1935, p. 2.

A Academia Brasileira de Ciências Ocultas do Professor Patiala

Uma das mais badaladas personalidades internacionais que visitaram a capital paulista na primeira metade de 1935 foi o filósofo hindu Krishnamurti (1895-1986). O maior nome da teosofia mundial chegou ao Rio de Janeiro em 13 de abril para proferir gratuitamente duas palestras sobre sua doutrina, uma no dia 14 e a outra no dia 17, no estádio do Fluminense, cada uma para cinco mil pessoas, deixando ainda muitas pessoas do lado de fora⁷²⁰. A convite da Sociedade Teosófica paulistana, que também o recepcionou no Rio, no dia 19 chegou de trem em São Paulo, para dar palestras no Teatro Municipal, transmitidas pela rádio Record. Mesmo com as palestras em inglês, com tradução simultânea de Aleixo Alves de Sousa, os ingressos foram previamente esgotados, bem como os exemplares de livros disponíveis com as conferências do ano anterior proferidas na Nova Zelândia (Auckland) e nos Estados Unidos (Califórnia)⁷²¹. Ao término da primeira conferência, na tarde de domingo (21), o “seleto auditório que superlotou o teatro aplaudiu o orador com insistência ovacional, que prova o agrado com que foram recebidas suas ideias sobre a Verdade Nova”, seguindo-o até o hotel “exigindo-lhe autógrafos em profusão”⁷²². Na mesma noite, partiu para Santos para, no outro dia, ministrar uma conferência na sede da Associação Humanitária dos Empregados do Comércio para mil e quinhentas pessoas, transmitida pela Rádio Atlântica. A segunda palestra paulistana ocorreu na noite de 24 de abril no Municipal, igualmente aplaudida. Antes de seguir para Montevideu em 13 de junho, no mês de maio (4, 10 e 18) Krishnamurti ainda falou no Instituto de Música do Rio de Janeiro.

Mesmo sem saber se todos compreenderam a tão ansiada Verdade Nova, parece que o filósofo hindu trouxe certa confusão aos meios espiritualistas brasileiros. Antes de expor o assunto de uma de suas conferências, um repórter do Correio de São Paulo confessa ser difícil compreender Krishnamurti⁷²³. Um mês depois os teósofos paulistanos tentam, sem sucesso, trazê-lo novamente para São Paulo, tendo em vista que “a impressão deixada nos meios espiritualistas de São Paulo pelas conferências aqui realizadas pelo filósofo hindu sr. Krishnamurti ainda perdura como assunto obrigatório nos meios intelectuais desta capital”. O

⁷²⁰ Cerca de cinco mil pessoas ouviram Krishnamurti ontem, no estádio do Fluminense. *Diário Carioca*, 14/04/1935, p. 1. A segunda conferência de Krishnamurti. *Diário Carioca*, 18/04/1935, p. 11.

⁷²¹ Ver *Correio de S. Paulo*: 18/04/1935, p. 2; 20/04/1935, p. 1; 22/04/1935, p. 2; 23/04/1935, p. 3; 25/04/1935, p. 2. *Correio Paulistano*: 31/03/1935, p. 1;

⁷²² Krishnamurti falou ao povo de S. Paulo. *Correio de S. Paulo*, 22/04/1935, p. 2.

⁷²³ A segunda conferência do sr. Krishnamurti *Correio de S. Paulo*, 25/04/1935, p. 2.

objetivo foi menos ampliar a difusão de sua doutrina do que a certeza que, “se voltar a falar em São Paulo, fará desaparecer completamente algumas errôneas interpretações dos seus ensinamentos”⁷²⁴. É com esse espírito de lamento que uma articulista relembra, em julho do mesmo ano, a curta passagem do hindu em São Paulo, ao anunciar o Instituto Cultural Krishnamurti, estabelecido para divulgar os livros do filósofo⁷²⁵.

Outro legado, imprevisto, da passagem de Krishnamurti pelo país foi a inspiração que propiciou a João de Minas, pois é provável que sua figura tenha servido de modelo para criar o Mahatma Patiala. O título de um artigo-propaganda publicado no jornal carioca *O Radical* reforça essa sugestão quando alardeia: “Maior que Krishnamurti, porque ensina fatos comprováveis”. O articulista reconhece que o hindu seria “um dos sociólogos esotéricos mais afamados” e, por isso, “depois de sua visita ao Brasil, fui correndo comprar os seus livros, que nessa ocasião logo apareceram em edições de toda a espécie.” Ao comentar sua decepção com a leitura, procura promover os feitos de um novo esoterista, o “mahatma brasileiro Patiala”⁷²⁶. Este, nas palavras de Aderbal Freire-Filho,

teria chegado ao Brasil como acompanhante de Aga Khan, a convite de Oswaldo Aranha. Vivera 8 anos em Hollywood, onde aportou pela mãos de Rodolfo Valentino. Tem 35 anos e pesa 80 quilos. É alto e meio magro. Como estava disposto a ficar no Brasil por uns tempos, a **Grandeza Paulista** adquiriu o direito de divulgar, com exclusividade, o **Curso de It** do Mahatma. Seus ensinamentos, ainda segundo João de Minas, seriam simultaneamente disseminados através de **Crítica**, na Argentina, e do **New York Standart**, nos Estados Unidos⁷²⁷.

Na síntese acima coincidem com Krishnamurti o perfil físico alto e meio magro, bem como a estadia na Califórnia, Estados Unidos. Ao contrário da cidade de Ojai, Hollywood foi escolhida para aproveitar o prestígio dos astros de cinema, como mostra a suposta amizade do mahatma com o ator Rodolfo Valentino. A idade também é semelhante: apesar de João de Minas ser um ano mais novo que o líder hindu, Patiala foi criado quatro anos mais jovem.

⁷²⁴ Voltará a São Paulo o sr. Krishnamurti *Correio de S. Paulo*, 27/05/1935, p. 7. Uma das dúvidas era sobre a questão da reencarnação. Ver NICOLL, E. Teosofia. *Correio da Manhã*. Rio, 19/05/1935, p. 15; PRADO, Rachel. Libertação. *Correio da Manhã*, Rio, 26/05/1935, p. 4.

⁷²⁵ GLOVER, Nada. Krishnamurti *Correio de S. Paulo*, 24/07/1935, p. 2. Sobre a fundação do instituto no Rio em 10 de junho de 1935, ver Instituto Cultural Krishnamurti *Correio da Manhã*, Rio, 30/06/1935, p. 7. Sobre a filial paulistana, ver: Instituição Cultural Krishnamurti *Correio Paulistano*, 25/08/1936, p. 7.

⁷²⁶ Citado em MINAS, João. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, p. 193-4.

⁷²⁷ FREIRE FILHO, 1999, p. 253. Os grifos são do texto de Aderbal.

Outras duas referências hindus do trecho são Aga Khan e Patiala. O primeiro era um título espiritual dado desde o início do século XIX a uma família de imãs ismailitas. Na terceira geração o título coube a Muhammad Xá, que viveu entre 1877 a 1957. Aga Khan III militou pela causa muçulmana junto à Coroa Britânica, fundando Liga Muçulmana na Índia, que deu origem posteriormente ao Paquistão, além de ser, a partir de 1934, chefe da delegação indiana na Liga das Nações, da qual se tornou presidente em 1937. Dotado de inúmeros títulos honoríficos pela Coroa Britânica e famoso pelos seus cavalos, os jornais faziam questão de frisar que ele era considerado um dos milionários mais ricos e prestigiados do planeta. A menção de João de Minas se deve ao fato de Aga Khan ter passado por São Paulo entre 13 e 15 de março de 1935, quando rumou de avião para Buenos Aires⁷²⁸.

Já Patiala refere-se ao estado homônimo localizado na província do Punjab, com cerca de um milhão e 750 mil súditos e 10 mil Km² em 1938, governado por uma família de marajás sikhs. O príncipe reinante era Bhupinder Singh (1891-1938), famoso nas páginas da imprensa internacional e brasileira por ser considerado outro dos homens mais ricos do mundo, com renda anual de 900 mil libras esterlinas (uma imensa fortuna) que gastava e exibia com extravagância. Apesar de nem sempre reverter sua fortuna em benefício da população local, é com deslumbre que era visto pelos jornalistas:

Um príncipe das mil e uma noites – tal era o Maharadja de Patiala, falecido em 23 de março em Lahore, aos 46 anos de idade. Seu nome, nas Índias, era sinônimo de munificência e de pompa. Desapareceu com ele uma das mais curiosas e esplêndidas figuras da Índia moderna. Estadista, soldado, esportivo, belo, forte, atlético, alto de 1m 90, monarca faustoso do mais rico estado indiano, o maharadjah de Patiala vivia para os esplendores, para os espetáculos imponentes e para as festas maravilhosas e deslumbrantes, sabendo associar as riquezas e grandezas orientais aos requintes da civilização ocidental. Fabulosamente rico, era generoso; espírito moderno e atilado, revelou-se hábil diplomata e bom estadista, tendo prestado à Inglaterra os mais preciosos serviços⁷²⁹.

⁷²⁸ Cf. *Correio de São Paulo*, 14/3/1935, p. 1. Considerado um dos homens mais ricos do planeta nos anos 30, sua renda anual era uma verdadeira fortuna, estimada em 60 mil contos de réis. Cf. *Milionários. Correio Paulistano*, 3/3/1935, p. 6. Ver também JESTICE, 2004, v. 1, p. 21, verb. Aga Khan III.

⁷²⁹ Seção Paratodos. *Diário de Notícias*, 4/5/1938, p. 4. Ver também: Faleceu o maharaja de Patiala. *Gazeta de Notícias*, Rio, 25/3/1938, p. 4; Morreu o maharaja de Patiala *Diário Carioca*, 25/3/1938, p. 4; 79.000 contos de renda por ano! *A noite*, 24/3/1938, p. 1. Por vezes era noticiado os aspectos menos nobres do garbo do marajá de Patiala, como na seguinte nota: “o governo da Inglaterra entrevistou nos negócios financeiros do Estado de Patiala e recomendou ao maharajah que não empregasse as rendas públicas em proveito próprio. Os funcionários de Patiala não recebem seus vencimentos desde há seis meses, enquanto o maharajah mantém em seu palácio quinhentos criados.” O funcionalismo passa fome... *Diário de Notícias*, 29/8/1933, p. 4.

João de Minas aproveita também o duplo sentido prestigioso da palavra mahatma (do sânscrito “grande alma”) nos anos 30. Na acepção mais comum, o termo fazia referência ao modo pelo qual era conhecido o advogado Mohandas K. Gandhi, o popular líder hindu que militava contra a Coroa Britânica pela independência unificada da Índia, utilizando-se de estratégias de resistência civil a partir da reabilitação de valores tradicionais do hinduísmo. Todavia, no sentido restrito aos meios teosóficos, foi usado por Madame Blavatsky para se referir aos seres humanos que, por controlar seus poderes ocultos e atingir alto grau de evolução após o ciclo de encarnações, tornaram mestres ascensionados, espécie de guias santos da humanidade⁷³⁰. Captando o prestígio de ambos, é informado nos anúncios que o “mahatma brasileiro” teria recebido esse grau no Santuário da Estrela Violeta, Terceira Montanha, Himalaia, Índias Inglesas⁷³¹. Se não for um santuário secreto, é provável que tenha sido uma invenção do escritor mineiro para compor sua nova persona, um guru que viaja o mundo acompanhado dos mais ricos príncipes indianos e conhece os artistas de Hollywood.

A instalação da primeira instituição ligada ao personagem também coincide com a visita de Krishnamurti ao Brasil. Voltada a ensinamentos esotéricos, o Mahatma Patiala fundou a Academia Brasileira de Ciências Ocultas em abril de 1935, instalada em São Paulo na rua do Carmo, 18, 2º andar, sala 23⁷³². No mesmo ano surge o Partido Gandhista Brasileiro, expressão eleitoral da Academia, “fundado por inspiração divina” para defender a doutrina do “patriotismo esotérico”; e a Legião das Sombras, uma ordem secreta ou “confraria do sistema indiano, espiritualista-socialista, adaptada às necessidades políticas e sociológicas do Brasil, nossa amada pátria”, com a finalidade de ser o “instrumento de operações democráticas” da Academia⁷³³. Iniciando a tendência de constantemente mudar os nomes de suas associações para acompanhar as modas, em 1937 o Partido Ghandista transformou-se no Partido Espiritualista do Brasil⁷³⁴ e, em 1939, a Academia Brasileira de Ciências Ocultas já era conhecida pelo nome da nova religião, “Academia Brasileira de Ciência Divina”⁷³⁵.

⁷³⁰ Sobre a elaboração da mitologia dos mahatmas por Blavatsky, ver WASHINGTON, 2000, p. 44 e ss.

⁷³¹ WISSENBAACH, 2004, p. 28; Cursos e Conferências *Correio Paulistano*, 06/04/1938, p. 3.

⁷³² *Apud* FREIRE FILHO, 1999, p. 254.

⁷³³ *Apud* FREIRE FILHO, 1999, p. 254.

⁷³⁴ FREIRE FILHO, 1999, p. 255.

⁷³⁵ "Processado pela polícia o diretor da "Academia de Ciências Divinas". Folha da Manhã, SP, Sex, 7 jul 1939 p. 4, Policiais.

Tais organizações se apresentam com o objetivo muito semelhante à maioria dos magos da cidade, visando “não salvar a alma no outro mundo, mas salvar o corpo neste mundo, dando a felicidade terrena”⁷³⁶, como aparece em duas das várias propagandas:

A mão acima domina a mulher, logo domina a fortuna. Deseja nascer de novo na luz, tornando-se um atleta mágico, seja homem, seja mulher, velho ou moço? Matricule-se na ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS OCULTAS, dirigida pelo Mahatma Patiala, chefe ghandista do Brasil. CURSO PROVEITOSÍSSIMO por correspondência, com diploma de doutor em ocultismo, anel de grau e exames. É a primeira Academia da América Latina ensinando o ocultismo-força de Rasputin. Processos absolutamente desconhecidos no Ocidente. Fascinação amorosa, it, medicina oculta, simpatia planetária, magnetismo pessoal tomado pela boca. Segredo dos Chamans, de Rasputin, dos Faraós. Simpatia numerológica, racionalizando a sorte lotérica. Interpretação dos sonhos, transporte do corpo astral. Orientação rigorosamente científica, colaboração na imprensa em todo o país. Mande envelope selado e sobrescrito, para resposta, pedindo informações. Rua Francisco Souza, 200, 1º andar – São Paulo⁷³⁷.

Propaganda divulgada no Diário da Bahia, Salvador, entre 10/01 e 24/10/1936

Seguindo o modelo dos anúncios de outros “professores” do oculto existentes na cidade, as propagandas buscam captar os anseios de sucesso amoroso e financeiro, cura física, necessidade de amparo espiritual e de sentido à ordem das coisas, as quais se acrescenta promessas fantásticas como rejuvenescimento e sugestão das mentes. O escritor vale-se de uma visão mágica de mundo revestida do prestígio de uma suposta ciência e medicina do oculto, aumentado pela origem mítica dos saberes localizado em tradições esotéricas de terras

⁷³⁶ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, p. 195.

⁷³⁷ *Diário da Bahia*, Salvador, 24/10/1936. A figura ao lado aparece na parte superior da propaganda.

distantes como Índia, Egito, Rússia. Portanto, a utilização do vocabulário, mesmo com expressões sem sentido algum (“sorte científica”, “simpatia planetária”) aproveita-se da carga semântica prestigiosa dos termos isolados, da ambiência sagrada criada em toda a propaganda e, por fim, do sentido social incorporado no destinatário. É em busca de atingir a sensibilidade para o mágico, para o oculto e para o sobrenatural que a propaganda se apresenta como pastiche de várias tradições possíveis, uma metralhadora verbal que espera atingir as expectativas do leitor com um de seus projéteis. Além disso, tal iniciativa simula o prestígio de instituições oficiais, oferecendo diploma e anel de grau após o estudante aproveitar o curso presencial ou por correspondência e ser aprovado em exames, tudo pago. Portanto, além de oferecer soluções para os problemas mundanos através da magia, o novo mahatma atende à demanda pela verdade oculta originária de tradições exóticas, suscitando o apetite pela distinção que a dominação dos saberes e poderes por ela conferidos de forma “científica”.

Do mesmo modo como acontecia com professores e feiticeiros congêneres⁷³⁸, a magnificência das propagandas ofertando os cursos e os serviços contrasta com a carência de recursos financeiros, como evidencia a ausência de sede própria, a instalação sempre provisória de aluguel em saletas de prédios na região central da cidade e a necessidade de o remetente enviar envelopes e selos para resposta. Sua situação não era tão precária quanto dos curandeiros populares, com dinheiro apenas para panfletos, já que boa parte das propagandas estava nos jornais onde João de Minas colaborava como escritor.

Esta era outra estratégia de *marketing* da Academia e de Patiala que também aparece nos informes acima. João de Minas usou sua rede de contatos e o prestígio como escritor para promover sua nova criação. É difícil verificar a imensa lista de jornais brasileiros nos quais o mahatma dizia colaborar⁷³⁹, mas há indícios que fosse verdadeira, como atesta as colaborações para o Diário da Bahia. Neste jornal soteropolitano, entre janeiro de 1936 e abril de 1937, há crônicas assinadas por João de Minas na coluna “Cartas Botocudas de São Paulo” ou “Cartas

⁷³⁸ WISSENBACH, 1997, pp. 144-5.

⁷³⁹ Na lista de alguns dos 58 jornais constam: Diário da Manhã, de Curitiba; O Radical, Rio de Janeiro; Diário da Tarde, Florianópolis; Correio do Paraná, Curitiba; A Notícia, Maceió; A Gazeta, Florianópolis; A Notícia, Joinville; Gazeta do Povo, Curitiba; Pan, São Paulo; A Cidade, Ribeirão Preto; Gazeta de Piracicaba, Piracicaba; A Cidade, Mogi-Mirim; O Progresso, Itu; A Semana, Barretos; São Paulo Liberal, São Paulo; Lavoura e Comércio, Uberaba; O Araguari, em Araguari-GO; Goiânia, em Goiânia; A Coligação, Goiás; Sul de Goiás, Corumbáiba; Correio de Passos, Passos; A Razão, Natal; A Gazeta, Vitória; A União e O Norte, João Pessoa; Jornal da Manhã e Jornal da Noite, Porto Alegre; Reação, Bagé; O Progressista, Campo Grande; O Combate, Paraíba do Sul; Diário da Bahia, São Salvador; A Luta, Anápolis; entre outros. Cf. MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, p. 193-4.

Mineiras de São Paulo”, contos ao estilo dos publicados em *Fêmeas e Santas*, textos sertanistas e depoimentos propagandísticos sobre a leitura dos seus livros. Ao lado desta série, há também artigos assinados pelo Mahatma Patiala ou por discípulos, além das propagandas quase diárias da Academia Brasileira de Ciências Ocultas.

Para um leitor alheio às identidades de Ariosto Palombo, é difícil perceber que se trata da mesma pessoa. Acontecia de um artigo assinado por “João de Minas” fazer referência ou mesmo citação de pensamentos do “Professor Patiala”. A estratégia foi usada nos livros publicados após 1935: em *A Prostituta do Céu* e *Fêmeas e Santas* há epígrafes com pensamentos do professor: “O universo está errado. A mulher é que está certa”, “A ideia católica de gozo no céu, depois da morte, transforma a salvação da alma (que vai para o céu...) numa orgia sem fim. Porque 'gozo eterno' é imoral e pornográfico. A palavra 'gozo' já é suspeita”. Nestas primeiras inserções cômicas, destaca-se a modificação semântica usada para criticar a Igreja Católica, com interpretação sexual do termo “gozo”. Esses deslocamentos do sentido espiritual para o carnal e corporal serão constantemente utilizados não apenas para fazer rir, mas para promover doutrinariamente suas concepções religiosas.

No romance *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* a inserção se amplia com a presença de um anexo de sete páginas divulgando a Academia Brasileira de Ciências Ocultas, com apresentação da sua proposta, depoimentos de legionários publicados em jornais do país e “algumas máximas e conselhos do novo chefe espiritual do Brasil” que, “inspiradas por deus”, flertam com o comunismo: “o governo devia dar a todo homem uma chácara para cultivar, com ferramentas indispensáveis. Toda a terra do Brasil devia ser dividida e repartida pelos filhos do Brasil. Tantos milhões de brasileiros, tantos milhões de proprietários.” No mesmo panfleto, critica o comunismo com picardia, promovendo o nacionalismo a partir do deslocamento do sentido da esfera política para a dimensão privada:

Aconselho o apoio espiritual ao atual governo da república. Todos os legionários e acadêmicos devem assim cumprir, de olhos fechados, vendo na luz interior da honra de ser brasileiro. Qual de vocês quereria uma Pátria Internacional, uma Bandeira Internacional, uma filiação internacional, uma esposa... internacional? O Brasil, embora escrito errado, tem de ser brasileiro⁷⁴⁰.

⁷⁴⁰ MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, p. 191-7. Citações p. 196-7.

O diálogo com as concepções dos principais credos políticos tinha o objetivo preciso de promover o Partido Gandhista do Brasil e, como o líder, a si próprio. É provável que nunca tenha sido oficializado, mas a movimentação para sua divulgação e registro foi feita. Nos moldes dos partidos nacionalmente organizados que traduziam ideologias de esquerda ou direita, como o Partido Comunista do Brasil ou a Ação Integralista Brasileira, o “Guia Branco” comunica ao país que o Partido Gandhista do Brasil “continua na sua missão de paz, fraternidade, amor sociológico, fundando dia a dia a nova política gandhista nacional, afeiçoada às modalidades brasileiras”. A ideia aqui foi mobilizar o espiritualismo da população paulistana e brasileira para objetivos políticos-partidários, como mostra as ações efetivas previstas: anunciava o número de “63.645 legionários, todos eleitores, caminhando firmes ao lado do chefe mahatma Patiala”; nomeava os novos chefes gandhistas de inúmeras cidades brasileiras que se formavam na sua Academia; previa sua ação pessoal, uma viagem pelas capitais do país para conferências, realizadas ao lado dos legionários de sua ordem; e anunciava um manifesto – a Primeira Carta Espiritual do Brasil⁷⁴¹. Esta saiu em setembro desse ano de 1936, com máximas muito semelhantes às citadas acima, o que valeu a pecha de comunista ao novo mahatma, repudiada em artigo subsequente:

tendo introduzido o gandhismo no país, lancei meu manifesto em um de setembro último. Fui taxado boçalmente de comunista! Pois, nestes começos de fevereiro de 1937, o sr. Armando de Salles Oliveira fez um discurso tremendo. Comparem o seu discurso e o meu manifesto. Pelos modos, o orador deve ser também comunista⁷⁴².

Sua atuação na imprensa não se limitou à promoção política do Partido Gandhista. Passou também a veicular algumas das “lições” que ministrava na sua Academia, com “sensacionais revelações em torno do ocultismo científico biológico”, sua mais recente invenção esotérica. Alguns dos temas: como o verdadeiro ocultista não deve exhibir seus poderes em público; a purificação da alma em relação aos desejos e males do ego; o esforço necessário para se aprender os poderes espirituais; receitas purificadoras como a água imantada e alimentos que fazem liberar “toxinas psíquicas” da alma; a fabricação de ouro; o poder microbida do sol e os raios mágicos dos astros; a relação dos enlaces dos fluidos magnéticos para o amor; a explicação científica da macumba etc. Percebemos nos títulos das

⁷⁴¹ Legião das Sombras. *Diário da Bahia*, Salvador, 7/3/1936, p. 3. Outra nomeação é feita nos artigos: Legião das Sombras, *Diário da Bahia*, 14/3/1936, p. 3.

⁷⁴² Não achamos o manifesto, mas citações e trechos dele estão em: Doutrina Democrática do Mahatma Patiala. *Diário da Bahia*. 17/3/1937, p. 4; João de Minas escreve, *Diário da Bahia*, 13/03/1937, p. 4.

lições a mesma tendência das propagandas de procurar atingir a sensibilidade para o sagrado, objetivando o desenvolvimento espiritual, a saúde física, a explicação científica das concepções mágicas correntes, o sucesso financeiro ou amoroso. A inovação era a promessa de solução das agruras pela prescrição de hábitos corporais e alimentares, tal como nas receitas médicas ou simpatias, utilizando metáforas corporais para designar realidades espirituais, como as toxinas psíquicas.

A forma dessas lições pode ser vista no exemplo abaixo:

Eu não dou consultas, não sou um ocultista de consultório. Atendo aos meus discípulos quando eles, sem ser por escrito, precisam da minha palavra urgente. Mas às vezes pessoas distraídas se enganam na porta, e me procuram... como macumbeiro. Uma senhora rica casadíssima, muito prolífera, me procurou há dias e me confidenciou chorando perfumadamente quase nos meus ombros:

- Eu soube que o senhor hipnotiza, cura de longe, faz milagres lindos... Portanto, salve-me professor! Eu sou uma desgraçada... O meu marido, numa de suas fábricas (também ele só pensa em fábricas) contratou um engenheiro, um príncipe... polaco, ou russo... enfim ele foi príncipe no tempo do Tzar. É alto e me cava um olhar verde que me esfria a espinha...

- Tenha a bondade de abreviar o seu interessantíssimo caso...

- Pois é, Lhe pago o que o senhor quiser... contando que o senhor faça esse danado se apaixonar por mim. Trago-lhe um retrato dele e... uma meia bem servida, bem sua.

Botei a miserável da porta para fora. Depois, cá comigo, como fanático estudioso da magia biológica, filosofei que o que a vagabunda me pedia era uma coisa perfeitamente científica... Vejamos.

Indivíduos cacetes e cretinológicos, como Estendhal e outros escreveram resmas de teorias sobre o amor. “O amor é um mistério...”, mais ou menos disseram. Não é. O amor é uma vibração, uma sintonização, uma sugestão. Antes de haver o enlace dos corpos, há o enlace invisível dos fluidos, ou o que os sábios oficiais chamam de ondas, curtas ou não. Pode-se emitir ondas amorosas, fascinantes, apaixonantes de uma pessoa à distância? Pode-se. Isso é uma coação sugestiva ou hipnótica, ou magnética, tão real que a Consolidação das Leis Penais (vergonhosamente não temos um Código Penal inteiro, assim como não temos um Código Comercial) e o Código civil tratam disso, como crimes. Nina Rodrigues, o sábio baiano, fez estudos magníficos na espécie, para assentar a matéria em nosso Código Civil, etc.

E a meia cheia de chulé?... dirá o leitor com água na boca. Essa meia está repleta de psiquismo, ou da “alma”, do seu dono. Pode-se hipnotizar esse psiquismo, e o dono da meia sente a distância a ordem hipnótica.⁷⁴³

Como outros milagreiros que anunciavam pelos jornais, o novo mahatma procura se diferenciar. Usa, para isso, a estratégia de afirmar que não dá consultas, o principal meio de

⁷⁴³ PATIALA, Mahatma. As ciências Ocultas fabricam paixões sob medida. *Diário da Bahia*, 25/08/1936, p. 2.

vida da maioria dos magos congêneres. Vende, assim, a ideia de seriedade da sua atuação, voltando-se para sua confraria. A ideia é reforçada a partir de um mal-entendido que gera a situação que negou, uma mulher que por engano o consulta como “macumbeiro” visando enfeitiçar o homem amado, prometendo trazer uma foto e uma meia “bem servida” para executar um encanto. Esse componente dá um tom cômico ao pedido, reforçado no final pela explicação “científica” de como utilizar a meia “cheia de chulé” para dar sugestões hipnóticas ao ser amado. O caso parece extraído de dois livros anteriores de João de Minas: o príncipe russo trabalhando para um industrial de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* e a fascinação de uma mulher casada por um homem de olhos verdes de *Uma Mulher... Mulher!*. Para o leitor que não tivesse essas referências, ele mistura elementos corriqueiros, a paixão de uma mulher casada, com outros relativamente exóticos, como um engenheiro russo trabalhando numa fábrica paulistana. A forma nada delicada como a mulher é tratada, “vagabunda”, também é risível porque inusitada na pena de um mahatma.

Tudo isso é uma introdução para o “ensinamento”, a ideia de que o amor é um enlace entre fluidos da alma e, por isso, pode ser sugestionado mesmo à distância, através do psiquismo depositado em objetos como a “meia cheia de chulé”. Para começar, a sua tese vem anteceder por pequena polêmica com neologismo ofensivo (“cretinológicos”) a uma personalidade de referência como Stendhal. Depois, a citação de documentos oficiais ou personalidades conhecidas para referendar sua tese, baseadas nas concepções espíritas, esotéricas e da macumba sobre a existência e manipulação das energias e fluidos magnéticos dos seres vivos, expressas numa forma moderna a partir da metáfora da sintonização dos rádios, meio de comunicação que se difundia nos anos 1930. Além desse efeito didático, o artigo tem o efeito geral, explícito em outros do mesmo teor, de atribuir ao novo Mahatma a explicação “científica” das concepções mágicas da macumba, legitimando assim as concepções vigentes na cidade de São Paulo e promovendo a sua própria Academia. De qualquer forma, científica ou não, o fim era o mesmo, resolver um problema que inquieta a alma do cliente ou discípulo, no caso conseguir atrair a paixão da pessoa amada.

O tom prático das suas lições ganhava respaldo social com a divulgação de adesões e militâncias à religião. Aderbal Freire-Filho menciona que no mês seguinte à abertura da Academia Brasileira de Ciências Ocultas, mais de cem alunos se matricularam⁷⁴⁴. Entre eles

⁷⁴⁴ FREIRE FILHO, 1999, p. 254.

estava o deputado federal José João do Patrocínio. Negro e neto de ex-escravos, ferroviário e professor dos carregadores da estrada de ferro de Nazaré, no Recôncavo da Baía, sua militância política o levou a ser eleito como deputado classista (transportes) para a Câmara Federal em 1935⁷⁴⁵. Ao mesmo tempo, “inclinado por uma tendência especial aos assuntos referentes ao ocultismo, atendi à minha curiosidade e tornei-me discípulo da Academia, que tem na sua direção o sábio Mahatma Patiala, chefe gandhista do Brasil”. O depoimento de Patrocínio, publicado no jornal operário carioca *O Radical*, é uma verdadeira propaganda. Segundo ela, a nova academia não possuiria os “exercícios fastigosos” e “teorias profundas” das outras escolas, mas “um ensino muito prático, utilíssimo e de efeito rápido, com consequências que despertam o interesse do aluno, seja o mais pusilânime possível”, desvendando ao “grande numero de estudantes de ocultismo, existente no Brasil” os segredos de Rasputin e dos Faraós⁷⁴⁶.

Citar o nome e o depoimento de pessoas famosas, ricas ou socialmente destacadas era um dos procedimentos de credibilidade das organizações. Além do deputado Patrocínio, João de Minas reproduz, do mesmo jornal, o depoimento de Antonio Pinto dos Santos, de Santa Cruz-GO. O mesmo acontecia no Diário da Bahia, onde aparecem artigos sobre o Mahatma Patiala escritos por Amadeu de Albergaria, “chefe gandhista da Vila Mariana, São Paulo”; Jurandir Rogers de Moares, “presidente da Companhia Extrativa do Xingu, chefe gandhista de Manaus”, que testemunha a cura de sua insônia após frequentar os cursos; e os artigos do professor Amor Omar, um ocultista de São Paulo chamado por João de Minas para secretariar a Academia.

Além dos testemunhos, o novo mahatma proferia palestras pela cidade. Ao lado de pequenos anúncios, uma série delas foi divulgada na seção “Cursos e Conferências” do Correio Paulistano em 1938. Já num contexto onde não poderia se organizar politicamente, dedicou-se a divulgar não seu esoterismo, mas a sua nova religião, batizada de “Ciência Divina” ou “Cristianismo Científico”, inspirada no espiritismo ao unir o prestígio tanto do cristianismo como da ciência espiritualista. Os pontos abordados seguem o padrão cômico do

⁷⁴⁵ Cf. O conservador, Nazaré-BA, 12/5/1935, p. 3. *Apud* SACRAMENTO, 2007, p. 49. Um resumo da história também é contada por Mâncio Teixeira quando Patrocínio lançou seu livro de poemas “Minha Flora”. TEIXEIRA, Mâncio. Minha Flora. *Gazeta de Notícias*, Rio, 19/01/1940, p. 11. Há uma série de artigos do ex-deputado sobre a causa operária publicado na *Gazeta de Notícias*, Rio, entre 1939 e 1940.

⁷⁴⁶ PATROCÍNIO, João José do. A Academia Brasileira de Ciências Ocultas e a sua utilidade prática. *O Radical*, Rio, 22/6/1936. *Apud* MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, p. 192-3.

conteúdo das propagandas e lições, valendo-se de oximoros para anunciar os temas morais e espirituais, para os quais usava imagens concretas e materiais:

A ciência moderna confirma e não corrige o Cristo – Cristo-Rei, não! Cristo-Pai – A essência divina é mineral, vegetal ou animal... – Todo ritual religioso é mágico – Espiritismo norte-americano, hinduísta e kardecista – Alexis Carrel é um ocultista – Leis biológicas e até microbianas do mundo desencarnado – A vida nunca começou, logo... não pode acabar! – O Brasil e a Ciência Divina, ou o Cristianismo Científico – A estupidez da sabedoria – Vencer cientificamente na vida, pelo ocultismo biológico – A guerra da paz e a vingança do Perdão – Que a ciência seja contigo, irmão!⁷⁴⁷.

Nesta ocasião o público provavelmente era composto majoritariamente de espíritas, como mostra os assuntos e o local onde ocorreu, a União Federativa Espírita Paulista. Esta foi a primeira Federação dessa religião no Estado de São Paulo, funcionando até 1939 numa casa no hoje inexistente Largo Riachuelo, n. 38, com amplo salão e auditório com capacidade para 200 lugares onde ocorriam palestras espiritualistas anunciadas pelos jornais⁷⁴⁸. Como o mahatma deixou claro, sua palestra, gratuita, não iria ser lida, mas desenvolvida ao sabor da curiosidade e das perguntas da plateia.

Como informa um redator do jornal três dias depois, a conversa do dia 28 de maio teve início às 20:30, sendo de fato “feita de improviso, com permissão de arguições e apartes elucidativos por parte da assistência, tomou um cunho de máximo interesse.” Primeiro, o conferencista, “com critério, serenidade e lisura histórica”, demonstrava respeito por todas as crenças porque, nas palavras hiperbólicas do palestrante: “todas elas levam a Deus, criador numero um dos universos multiplicados pelos infinitos”. Ao espectador as polêmicas pareceram igualmente interessantes: “travam-se debates, um ambiente sensacional se faz, e absorve a todos”. Chama sua atenção a abordagem que o conferencista faz da:

“verdade não escrita jamais em letra tipográfica, para ser vendida em livros ou publicações vulgarizantes, e sim a verdade Secreta e inviolada pela indústria tipográfica, a Verdade dos santuários imemoriais, contida em alfarrábios, papiros, códices, pergaminhos sombrios, tijolos impressos e sinais cabalísticos ou hieróglifos, sendo assim a Verdade histórica transfundida na Verdade impassível e eterna!”

Para atender a moda da procura por novas Verdades, em maiúsculas, João de Minas contrapõe as concepções modernas, tanto na forma de difusão (“letra tipográfica”) quanto no

⁷⁴⁷ Cursos e Conferências. *Correio Paulistano*, 28/05/1938, p. 11.

⁷⁴⁸ Sobre esta associação, ver LEX, 1996, p. 83-98. O largo Riachuelo foi demolido para dar lugar à Praça da Bandeira.

caráter histórico, logo singular, às concepções esotéricas, fundada nas tradições iniciáticas em busca de verdades imutáveis. A sucessão de materiais de tempos e culturas distintas dialoga com a busca de uma ciência espiritual que não se restringisse ao ocidente, o que era, na verdade, um projeto teosófico que fascinava pela ambição de síntese religiosa. Sua mobilização paródica só é compreendida se ao conteúdo da palestra considerarmos o efeito social das credenciais do novo mahatma, como vemos na apresentação de seu “currículo” na conferência seguinte, do dia 5 de junho: “distinto escritor e hermetista patricio, sob o pseudônimo de Patiala, iniciado no Santuário da Estrela Violeta, indiano, do qual é mahatma”⁷⁴⁹.

Apesar da longa réplica, não detalhada na notícia, do presidente da União Federativa Caetano Mero, as palavras acima e a palestra como um todo parecem ter impressionado positivamente a plateia, pois “mais de uma vez palmas interrompem o conferencista, que joga com uma cultura esotérica curiosíssima, mostrando possuir fascinante personalidade”. Entre tréplicas e revides, o debate seguiu imprevisivelmente até a meia noite⁷⁵⁰ e agradou tanto que motivou o presidente a convidar o palestrante para fazer na União Federativa o resto da série de onze conferências dominicais, da qual temos notícias de terem acontecido apenas três, a última em 11 de junho.

Ao anunciá-la, o novo mahatma aproveitou para divulgar o seu curso de Ocultismo Biológico, gratuito, a ser ministrado na sede da União das Classes Laboriosas⁷⁵¹. Não sabemos o que aconteceu nos meses seguintes, pois somente reencontramos Patiala no fim de outubro de 1938, quando foi convidado pelo médico operador J. Francisco Graziano para a proferir conferências sobre o tema “vencer cientificamente na vida, pelo ocultismo biológico” para médicos e espiritualistas, às quintas e sábados⁷⁵². Já em novo endereço, em fins de dezembro participaram das reuniões o escritor e “alto comerciante” Ruy Pinto Pestana e o advogado J. Azeredo Coutinho. Estas conferências precediam o curso de ocultismo biológico, e a lição do dia, dada em uma hora, foi sobre “o ritual prático educativo denominado 'o décimo pilar da verdade’”⁷⁵³. Na reunião seguinte, de 11 de janeiro de 1939, tomaram a palavra o médico Graziano, com a palestra “Deus é mental”, e um outro orador, o educador José Francisco de

⁷⁴⁹ Uma série de conferências. *Correio Paulistano*, 04/06/1938, p. 4.

⁷⁵⁰ Conferências do Mahatma Patiala em São Paulo. *Correio Paulistano*, 31/05/1938, p. 9.

⁷⁵¹ Conferências do Mahatma Patiala em S. Paulo. *Correio Paulistano*, 11/06/1938, p. 15.

⁷⁵² Vencer cientificamente pelo ocultismo biológico. *Correio Paulistano*, 05/11/1938, p. 11. Cursos e Conferências.

Camargo, discorrendo sobre “Porque sou Cristão Científico”. Em seguida, Patiala encerrou a primeira versão do seu curso de ocultismo biológico, que teve tal procura que o mahatma anunciou sua repetição nas semanas seguintes, para agradar aqueles que perderam as primeiras lições. Para esse novo módulo viriam dar palestras discípulos do Rio de Janeiro como os médicos Rafael Austregésilo e Asdrubal Amazonas, Anael Sinfrinberm e a alta funcionária dos correios Ana Alda de Sampaio⁷⁵⁴. As palestras esotéricas prosseguiram na sede da “Legião das Sombras” até pelo menos o fim de maio de 1939, sendo a do dia 27 novamente proferida por Rui Pestana⁷⁵⁵.

As reuniões esotéricas promovidas nos gabinetes e salões do centro da cidade para clientelas das classes médias e altas provavelmente não foram importunadas pela polícia. Mas o novo mahatma também sofreu o batismo da Delegacia de Costumes. Não por acaso a polícia baixou em uma das filiais situadas em um bairro popular, o Brás, na rua Caetano Pinto, 40. No dia 3 de junho ainda se anunciava nesta localidade, com entrada franca, “as conferências culturais e científicas sobre a nova religião”, sempre realizadas aos sábados⁷⁵⁶. Todavia, no dia anterior, o Delegado de Costumes João Cataldi Júnior recebeu uma denúncia, e apareceu no endereço com dois auxiliares. Foram encontrados na direção Narciso João Macan, eletricitista, sua esposa Eunice, além de uma mulher Luiza Gessy Sperandio. Cerca de 13 pessoas que lá estavam declararam pagar mensalidades, enquanto outras três estava lá para recolhê-las e repassar ao Mahatma Patiala, ficando com a comissão de 25%, fato que, segundo o relatório, nem o próprio Ariosto negou. Foram indiciados apenas o dirigente do centro e o seu superior. Além de Narciso Macan se declarar médico sem ser diplomado, o delegado encerrou seu relatório citando as testemunhas concluindo que “essa organização de Ariosto Palombo ou 'João de Minas' não passava de uma exploração, com o fito de ludibriar a boa fé das pessoas que o procuravam”⁷⁵⁷. Daí por diante, Ariosto Palombo teve que responder na justiça pelo crime do uso de magia e baixo espiritismo (art. 157). A ação não deve ter ido muito adiante,

⁷⁵³ Conferências esotéricas do Mahatma Patiala. *Correio Paulistano*, 27/12/1938, p. 9. O novo endereço foi av. S. João, 327, 1o andar. Nele a associação permaneceu até meados do ano seguinte.

⁷⁵⁴ Reuniões exotéricas. *Correio Paulistano*, 11/01/1939, p. 7.

⁷⁵⁵ Assuntos Esotéricos. *Correio Paulistano*, 03/06/1939, p. 9.

⁷⁵⁶ Assuntos Esotéricos. *Correio Paulistano*, 03/06/1939, p. 9.

⁷⁵⁷ Processado o “Mahatma Patiala” *Diário da Noite*, Rio, 6/7/1939, p. 3; Processado pela Polícia o Diretor da “Academia de Ciências Divinas” *Folha da Manhã*, 7/7/1939, p. 4.

tendo em vista que em junho do ano seguinte a ação já foi julgada prescrita a pedido do advogado dos réus⁷⁵⁸.

O interessante de acompanhar a defesa do novo líder espiritual no processo é que, mesmo nesses meios oficiais, vemos que o escritor mineiro não se despe de sua nova criação; pelo contrário, se apresenta como Mahatma Patiala, envolvendo as autoridades no seu mundo, sem deixar de usar as imagens exageradas e o tom de pilhéria dos anúncios, no espírito de autopromoção. Seu principal argumento na defesa evoca o prestígio do espiritualismo travestido de ciência, novamente tirada da sua ficção: “Faço milagre. Sim, faço milagres! Mas... milagres científicos!!”, desafiando em seguida: “ganhe um conto de réis das mãos da polícia, provando que eu minto.” Informa ter obtido o grau de mahatma no Santuário da Estrela Violeta e, de volta ao país, ter fundado a Santa Igreja Científica do Brasil ou de Ciências Divinas, prometendo aos associados a felicidade e sucesso nos negócios, bastando a crença na religião para que tudo melhorasse. Entre os serviços oferecidos estava o “curso de beleza e encanto cinematográfico” e o curso de ocultismo biológico, que já ia pelo quarto ano com um ensino sem complicações com resultados práticos e formidáveis. Ele próprio seria uma prova viva, com a capacidade de dominar a vontade alheia: “quando atendia alguém firmava bem seu olhar nos olhos e as convencia e animava-as que fizessem parte da academia”. Entre os seus mirabolantes projetos, estava a fundação da primeira igreja exotérica das Américas e a Emissora de Rádio Esotérica, que captaria ondas magnéticas do extremo oriente, transmitindo aos ouvintes Fortuna, Harmonia, Paz, Saúde, Felicidade e Juventude. Tudo dito para convencer a polícia que se trata de ciência oculta, não de baixo espiritismo:

As ciências ocultas, devido à ignorância nacional em matéria científica (sendo até pouco, com os arreganhos da liberal-democracia, tudo mais ou menos uma questão de camorra eleitoral), eram tidas como uma cogitação ladra de ciganos. Daí o receio que tínhamos, na noite nacional de ontem (porque hoje o Estado forte é uma aurora magnífica) que as nossas simples práticas esotéricas fossem tomadas pelos ignorantes... como autentica macumba do Livro de São Cipiriano (sic)⁷⁵⁹

⁷⁵⁸ Ação Penal Julgada Prescrita. Fórum Criminal. *Correio Paulistano*, 19/6/1940, p. 7. “O juiz da 3ª Vara Criminal, interino, dr. Dimas Rodrigues de Almeida, julgou prescrita a ação penal movida contra Narciso João Macan e Ariosto Palombo, vulgo 'João de Minas', processados pelo delito de baixo espiritismo e feitiçaria. O pedido de prescrição foi feito pelo dr. Otto Cyrillo Lehrmann, advogado dos acusados”.

⁷⁵⁹ As informações sobre o processo foram gentilmente fornecidas por Maria Cristina Cortez Wissenbah, a quem agradecemos. Elas constam no seguinte processo: Arquivo do Poder Judiciário do Estado de São Paulo, 3º Cartório Criminal, processo no. 445, ano 1939, indiciado no artigo 157 do CP. “Ocultismo”. Ver também WISSENBACH, 2004, p. 13.

No trecho também é possível ver a outra estratégia utilizada para agradar o poder: elogiar o chefe da nação e a nova ordem. Se dois anos antes o seu Partido Ghandista se definia como liberal e democrático, a mesma postura não convinha num contexto de suspensão de direitos, sobretudo numa situação na qual era indiciado. Daí as loas insistentes ao Estado forte e, até mesmo, a sanção religiosa a Getúlio Vargas pela “Mística do Poder” que confere a “inspiração divina a todo Chefe Supremo do Governo do Brasil, fazendo com que a lei seja respeitada como emanção da vontade divina”. Ainda procurando acessar o prestígio do nacionalismo, o próprio Mahatma teria contribuído para a grandeza do país no mundo ao criar uma forma particular de esoterismo, visto que seu “ocultismo biológico, vital, científico, ocultismo alavanca, para vencer na vida terrena, nasceu conosco no Brasil”⁷⁶⁰.

Assim, entre 1935 e 1939, ao fundar a Academia de Ciências Ocultas, o espírito de autopromoção do escritor João de Minas foi transferido ao Mahatma Patiala, com a constante menção ao seu saber mágico e poderes ocultos (profecia, clarividência, viagem em corpo astral etc.), às constantes referências a personalidades de riqueza e prestígio nacionais e internacionais que supostamente conheciam o novo mestre, aos quais se acrescenta a invenção de uma trajetória fabulosa mas que dialogava com as concepções esotéricas circulantes na cidade de São Paulo. Na linha do que à época se conhecia como “alto espiritismo”, aproveitou elementos do kardecismo e do esoterismo oriental e ocidental, que se revestiam da linguagem prestigiosa do discurso científico na suas propostas de descortinar e explicar realidades e racionalidades ignoradas ou desprezadas pela ciência oficial materialista. Do mesmo modo como havia se popularizado a física einsteiniana e a psicanálise ou, na arte, o surrealismo, as novas correntes espiritualistas, desde a segunda metade do XIX, se propunham a explicar – e a controlar – “cientificamente” o que acontecia com o ser humano após a morte e também aquelas práticas mágicas difundidas na sociedade sob a forma de macumba e curandeirismo. Essa abertura para o espiritualismo, popularizada nas classes médias paulistanas dos anos 20 e 30, é que foi alvo da ação paródica do escritor mineiro.

As iniciativas são carregadas de comicidade pelo espírito grotesco que reveste as ideias espiritualistas de imagens corporais, o uso de termos chulos ou ofensivos, a promessa exagerada de maravilhas e o ecletismo da superposição indiscriminada de elementos díspares,

⁷⁶⁰ Arquivo do Poder Judiciário do Estado de São Paulo, 3º Cartório Criminal, processo no. 445, ano 1939, indiciado no artigo 157 do CP. "Ocultismo". Ver também WISSENBAACH, 2004, p. 13.

religiosos ou políticos. João de Minas leva ao último grau aquilo que fazia nos seus livros de ficção: o discurso religioso não é produzindo visando uma coerência interna, muito menos com outros textos seus, mas constituem de um conjunto de palavras-chave amarrados por um fio temático, uma ambiência sagrada. Mesmo que seu efeito cômico tenha sido intencional, o ecletismo tinha uma finalidade precisa: mobilizar as crenças e sentimentos do maior número de crentes de correntes distintas, com expectativas de resolver magicamente os problemas cotidianos. O interessante é notar que a junção de elementos, mesmo não visando coerência, não impedem que o Mahatma Patiala inventasse e reinventasse um mundo à sua imagem e semelhança. O escritor mineiro buscou dar concretude ao seu esoterismo particular criando organizações políticas e religiosas e divulgando-as pelos jornais. Conseguiu reunir ouvintes e adeptos pela cidade, até ser pego pela polícia. Mas este episódio, longe de demovê-lo da seara religiosa, parece ter confirmado a eficácia simbólica das tendências nacionalistas, que a partir de então serão exploradas na reformulação que fez da sua religião.

O Papa Nacional da Igreja Brasileira Cristã Científica

Os primeiros rastros da Igreja Brasileira Cristã Científica, ou Igreja Cristã Científica do Brasil, datam ainda de maio de 1939 – então considerado o ano I da Era Cristã Científica – quando, sob essa denominação, palestras esotéricas foram anunciadas pelo *Correio Paulistano*⁷⁶¹. Foi durante o processo na justiça que o escritor mineiro cuidou da legalização da sua associação sob a nova rubrica. Ela não só foi oficializada na delegacia de polícia, como era de praxe acontecer com os centros espíritas e terreiros perseguidos, como o escritor registrou-a em cartório como uma associação religiosa (pessoa jurídica) em janeiro de 1940⁷⁶². Os estatutos deixam entrever, nas suas finalidades (art. 1o), como os elementos mobilizados pela doutrina serão reconfigurados:

- a) Ela ensina que a pesquisa científica prova e engrandece a Deus, e que quanto mais livre e positiva, mais amplia as belezas profundas do cosmos, como organismo divino

⁷⁶¹ Culto Evangélico – Igreja Cristã Científica do Brasil *Correio Paulistano* 18/05/1939, p. 15; Assuntos Esotéricos. *Correio Paulistano*, 03/06/1939, p. 9.

⁷⁶² Igreja Cristã Científica do Brasil – Extrato dos Estatutos *Diário Oficial do Estado de São Paulo* 17/01/1940, p. 61.

- b) Ela admite que Cristo Pai e mestre foi o maior precursor científico de todos os tempos, não tendo chegado o mundo moderno a ser o que é, com suas vertiginosas conquistas materiais, se não fosse a obra do Nazareno
- c) Ela prova que em toda doutrina do Cristo estão contidas minuciosas profecias científicas, que modernamente se vão verificando e cumprindo.
- d) Ela, esta sincera ideologia cultural, dando o esoterismo e a mediunidade como seus caminhos, fá-lo no sentido de se pesquisar cientificamente esses mananciais de verdade, indo ao ponto de pedir para os fenômenos da alma exames de laboratório
- e) A “Ciência Divina”, cultivando os processos científicos, como os únicos que provam e que desanalfabetizam, ou libertam o povo da dominação supersticiosa e fanática, procura da mesma forma as chaves da vida e da morte, assim como da felicidade, da beleza, da riqueza, etc., em leis rigorosas de causa e efeito, leis humanas, leis que o homem científico, que é o homem certo, pode controlar e criar
- f) Ela combate, por isso, sem caráter sectário, toda ignorância, como verdadeiro pecado mortal, ou o verdadeiro anti-cristianismo, esteja onde estiver, sendo a causa da felicidade humana.
- g) Ela promete a cada um dos seus adeptos e crentes, nascer de novo na luz, na vida eterna, pela prática de seus doze Evangelhos Científicos, ou regras religiosas de pureza, higiene, paz, harmonia, perdão, fraternidade, etc.
- h) Ela funda mais no Brasil, ou na América, a Mística do Poder, que confere inspiração divina a todo chefe supremo do Governo do Brasil, como Poder Constituído, assim fazendo que a lei seja respeitada como emanção da vontade divina, através do chefe legal da Nação
- i) Ela pratica e ensina a caridade e fundará, para tanto, os estabelecimentos que puder, assim como manterá toda a espécie de cursos científicos livres, sob a denominação geral Universidade Cristã Científica do Brasil, contendo toda a sabedoria cristã científica nacionalista.
- j) Ela ensina que Cristo Pai e Mestre se dirige aos humanos por meio de seres desencarnados, refulgentes de pureza, espíritos iluminados, os nossos Guias de Luz, sendo esses guias os Santos de nossa Igreja, e de preferência alma de brasileiros ilustres que, do invisível, continuam amando a nossa Pátria e ajudando os nossos patrícios nos seus ideais elevados
- k) Assim, essa ideologia religiosa é a primeira no mundo que faz dos heróis e grandes vultos da Pátria, depois de mortos, Santos e Guias dos vivos dessa mesma Pátria, no caso do nosso amado Brasil⁷⁶³.

Deixando de lado as concepções do esoterismo hindu, a principal matriz do documento é o kardecismo, com sua tentativa de unir ciência com religião, privilegiando o cristianismo não só como base moral, mas revestindo-o de caráter científico. Parodiando o espiritismo, a nova ciência divina nacional se propõe um sistema total que considera Jesus o “precursor” de sua doutrina, busca se fundar nas “leis de causa e efeito” para explicar e comprovar a magnificência divina, bem como lidar com aquelas questões mundanas buscadas

⁷⁶³ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos antigos, de 13 de março de 1940, pp. 1-2.

nos consultórios do além: felicidade, riqueza e beleza. Nesse sentido, é reforçado o lado cristão que vinha divulgando nas suas palestras. Integram a paródia a concepção dos “Evangelhos Científicos”, o combate à ignorância a partir da nova revelação, a existência de seres de luz desencarnados e a sua relação mediúnica com o mundo dos vivos, buscando em especial os Guias de Luz.

A grande aposta do escritor mineiro foi revestir seu espiritismo com uma roupagem nacionalista, como aparece nos itens finais. Redobrando o caráter religioso com que eram difundidas as imagens da nação e do seu líder pelos órgãos estatais durante o Estado Novo, a nova religião transforma em guias de luz os heróis nacionais e reveste o líder de um caráter divino através da sua Mística do Poder, angariando o prestígio do presidente pela suposta legitimidade da sua figura dentro do universo criado pelo seu novo credo. O sagrado, aqui, é retirado da órbita do poder laico e jogada novamente para a dimensão do sobrenatural, encarnada no seu representante Cristão Científico, mobilizando assim na modernidade a concepção medieval das duas espadas ou esferas de poder – temporal e eclesiástica. Para isso, alguns anos depois João de Minas funda os dois altares, o “Altar de Cristo” e o “Altar da Pátria”, neste sendo colocado o retrato do sacralizado chefe da nação Getúlio Vargas.

A ideia de altar mostra como o molde institucional foi a Igreja Católica, não apenas para angariar seus fiéis como para se proteger das batidas policiais: “todas essas organizações e entidades [Academia de Ciências Ocultas e Legião das Sombras](...) se custearão pelos recursos normais como sejam contribuições mensais de adeptos, donativos, esmolas, e todos os meios legais facultados à manutenção econômica e financeira das religiões em geral, como por exemplo acontece com a Igreja Católica”⁷⁶⁴. Esse molde vai refletir na linguagem com a qual João de Minas descreveu suas associações já fundadas, reconfigurando-as para a nova proposta, pois a Legião das Sombras “irmanava a massa geral dos crentes associados” com seus “legionários cristãos científicos”. Já a Academia Brasileira de Ciência Divina será equiparada a um seminário, depois chamado de Seminário de Teologia Cristã Científica, frequentado por “alunos sacerdotais”, “distribuindo profunda cultura religiosa, com rituais ou práticas mais enérgicas”, ensinando pessoalmente ou por correspondência “os Doze Evangelhos Científicos, de cunho esotérico ou mediúnico”. Os estatutos previam distinção

⁷⁶⁴ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos antigos, de 13 de março de 1940, p 3.

entre essas classes de associados do ponto de vista da mensalidade, sendo que os acadêmicos pagariam mais, por se tratar de um curso de formação cristã científica – o valor não é mencionado –, enquanto que os legionários arcariam com o custo de cinco mil réis, mais oito mil pela “joia de admissão”. Haveria também um Conselho Diretor, composto por Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro, cujas atividades eram subordinadas ao “Chefe Supremo”, o próprio Ariosto Palombo que, mantendo no documento oficial a nova persona, se diz “criador e fundador, vitalício e absoluto, em quem é reconhecida a Inspiração Divina”.

Apesar de estruturantes nos estatutos, o espiritismo e o nacionalismo também se combinaram com o catolicismo popular, que ganhou cada vez mais papel de destaque na religião do escritor mineiro dos anos 40. A virada coincidiu com a saída de João de Minas da capital paulista: é provável que sua nova conversão tenha ocorrido na cidade de Santos no início de 1943, de onde se distribuíam novos prospectos de sua igreja. A partir do início de 1944 planejou mudar sua sede para Tupaciguara, cidade próxima de Uberaba, no Triângulo Mineiro e, no ano seguinte, pregou em Goiânia. Quando reapareceu nas páginas da imprensa, os elementos mobilizados eram diferentes dos que vinha apregoando até então, tendo deixado de ser mahatma (o título ficou só no pseudônimo) para se tornar Papa do Brasil.

A grande personalidade encarnada era o próprio “Apóstolo João de Minas”, o “receptor” das mensagens e médium de ninguém menos que Jesus Cristo, com quem teria falado pessoalmente em duas ocasiões, uma quando criança e a outra nas aventuras pelo sertão do Brasil Central, na ocasião de sua “conversão” aos quarenta anos. Sempre num tom hagiográfico, reedita um episódio de *A Prostituta do Céu* contando que foi conduzido pelo próprio Jesus a uma palestra com as principais personalidades do Outro Mundo: “começamos a conversar, com fraternal intimidade. Ali estavam Gautama Buda, Moisés, Maomé, Lutero, Comte, São Paulo e São Judas Tadeu.” No decorrer da conversa, surge Allan Kardec que explica ao novo Papa a missão dos desencarnados, bem à moda do espiritismo: “estamos esperando Mahatma Gandhi. Um dia, você virá e será um dos nossos. Nós moramos aqui, na vida eterna, mas viajamos sem parar...”⁷⁶⁵. Depois, intimado pelo próprio Cristo Vivo a fundar uma nova religião, João de Minas, à moda das narrativas de conversão, diz renegar sua vida anterior cheia de luxo e vaidade para se dedicar à sua nova missão. A conversão não foi tão completa porque, apesar de renegar os livros “feitos no erro espiritual”, não deixava de fazer

⁷⁶⁵ V. Cy (pseud.) O Papa de Uberlândia. O Estado de São Paulo. 30/05/1946, Geral, p. 20.

propaganda de si mesmo como escritor, divulgando as obras profanas na última capa do novo livro sagrado e reproduzindo trechos das opiniões elogiosas⁷⁶⁶.

Depois de inventar uma trajetória sagrada, o profeta fundador da Igreja Brasileira Cristã Científica escreveu a Bíblia da nova religião. O pequeno livrinho de trinta e seis páginas tinha uma capa semelhante a *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*: o retrato sério do escritor, o título rodeando-o em caracteres vermelhos “Ciência Divina, ou Igreja Cristã Científica do Brasil, nova Religião Reformadora”; separado dos elementos acima por um traço vermelho, o subtítulo: “Bíblia Cristã Científica do Brasil, o Código de Deus”⁷⁶⁷. Além da narrativa hagiográfica de sua vida, a bíblia continha um conjunto de algumas Leis, 20 Ordenações e 21 Mandamentos, à moda do direito canônico, com preceitos do seu credo; orações e hinos, prescrições gestuais, alimentares e rituais estapafúrdias, parodiados da Igreja de Roma, dos cultos mediúnicos e das práticas mágicas populares. Nessa paródia a água benta se transformou em “Luz Benta”, o sinal da Cruz virou “Sinal da Luz”, e são prescritas orientações e orações para os fiéis receberem mediunicamente Nossa Senhora, após realizarem três novenas em 27 sextas-feiras, queimando velas e se concentrarem no Santuário: “Nossa Senhora da Ciência Divina, Sou o vosso aparelho. Baixai em mim, me tomai! Quero a Vossa Luz Divina, exclusivamente para prestar a Caridade Eterna, meu Gozo Eterno!”⁷⁶⁸.

Muito próximas das simpatias que circulavam nos meios populares, as meticolosas prescrições alimentares do novo Código de Deus chamavam bastante a atenção dos jornalistas. Recomendava por exemplo a ingestão diária de trezentas gramas de alho cru e cebola, picados e amassados com sumo de limão, temperando o hálito com mel de abelha silvestre. Essas e outras prescrições obrigatórias estariam “eletrificando o fiel, e predispondo-o a receber as forças misteriosas do Universo”⁷⁶⁹. Várias dessas foram consideradas enviadas pelos santos, como o Culto da Água de Antoninho Marmo:

Encher de noite um litro de água comum e, olhando-o bem rezar em cima a milagrosa oração. Em seguida, mentalmente, mas firme invocar “Santo Antoninho Marmo”, pedindo-lhe as graças desejadas. Depois guardar o litro. Tomá-lo todo, no dia seguinte, de manhã, desde que se levanta até às 9

⁷⁶⁶ COUTO, Ribeiro. Exportação de Café e Ciência Divina. *A Manhã*, 07/01/1943, p. 4; João de Minas Proclamou-se Papa. *Diário Carioca*, 19/03/1944, p. 3; Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3 e 10.

⁷⁶⁷ Um escritor mineiro abandona o mundo e funda uma religião. *Diário Carioca*, 18/03/1944, p. 3.

⁷⁶⁸ Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3

⁷⁶⁹ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 18.

horas, nesse espaço de tempo ficando “absolutamente em jejum” (só bebendo a água. Repetir 7 dias, ou 21 dias, ou até aliviar a provação.⁷⁷⁰

Nas várias prescrições e ações, percebemos a invocação de santos da sua Igreja além do Cristo e Nossa Senhora. Como João de Minas se vangloriou na década seguinte, a primeira das ideias que julgou ter foi canonizar personalidades brasileiras, algo já previsto no estatuto, mobilizando tanto a religiosidade católica quanto o nacionalismo brasileiro:

Desde 1822 o Brasil é uma nação soberana. E total. Não precisa dar satisfações, quer políticas, quer religiosas a chefes de Londres, Nova York, Roma ou Moscou. Assim, de acordo com a nossa Constituição Federal, tendo como chefe jurídico o Presidente da República, fiz-me chefe de uma nova igreja e canonizei os três Santos do Brasil. Só não canonizei Antonio Conselheiro por motivos que não vem a pelo.⁷⁷¹

A escolha inicial recaiu sobre Padre Cícero, Eurípedes Barsanulfo e Antoninho Marmo, obedecendo a um duplo critério, a distribuição geográfica (Norte, Brasil Central e Sul) e o apelo social dos santos. Dois deles provinham da devoção católica popular do país: Padre Cícero, que dispensa apresentações, e Antoninho Marmo (1918-1930), um garoto nascido na cidade de São Paulo a quem se atribuía não só uma forte devoção católica como o dom de prever o futuro, inclusive a própria morte por tuberculose. Foi enterrado no cemitério da Consolação, e tornou-se um santo popular – era conhecido como o “Santo do Povo” pelos paulistanos – a partir da atribuição de milagres, como curas, ao seu nome⁷⁷². Já Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) foi um educador, jornalista e médium de Sacramento, a quem se atribuía dom de curas e desdobramento (saída da alma do seu corpo). Conhecido como Apóstolo do Triângulo Mineiro, antes de Chico Xavier era quem tinha maior prestígio nos meios espíritas da região⁷⁷³. O escritor mineiro provavelmente tomou contato com os familiares de Eurípedes e com o espiritismo em geral durante os anos que morou em Uberaba pois, além de trabalhar no *Lavoura e Comércio*, foi orador do Centro Espírita Uberabense⁷⁷⁴.

João de Minas procurou canalizar para sua nova religião o prestígio dessas personalidades, sobretudo os rumores dos poderes taumatúrgicos a eles atribuídos depois de mortos. Integrando o panteão da nova igreja, suas curas e milagres poderiam ser alcançados

⁷⁷⁰ Um escritor mineiro abandona o mundo e funda uma religião. *Diário Carioca*, 18/03/1944, p. 3.

⁷⁷¹ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 18.

⁷⁷² Sobre a santidade de Marmo, ver SCHNEIDER, 2001.

⁷⁷³ JACOB, 2006.

⁷⁷⁴ Sanatório Espírita de Uberaba. *Jornal Espírita On-line de Uberaba*. n. 15, dez. 2007, p. 9.

pelos fiéis através da requintada devoção, obediência aos rituais e acesso às relíquias. Para materializar esse tripé, criou as “Espadas de Luz”, velas acesas em homenagem aos três santos, cujas lascas eram enviadas pelo correio para todo o país, vendidas a 2 cruzeiros; os “Jardins das Graças”, bentinhos que eram vendidos aos fiéis⁷⁷⁵; e os “Selos de Deus”, panfletos que circulavam pelo país com as imagens dos santos, vendidos a 200 cruzeiros. Para efetivar a ação curadora destes selos, era necessário que o fiel tivesse dois deles em casa, um na sala e outro no quarto. Por exemplo, o prospecto de Antoninho Marmo – O Pequeno Cristo do Brasil, vendido pela “Santa Sé” em Santos, deveria ser emoldurado por uma linha vermelha, condição para efetivação da “ação mediúnica”⁷⁷⁶.

Prospecto da Ciência Divina. *Diário Carioca*, 18/3/1944, p. 3

⁷⁷⁵ Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3

⁷⁷⁶ Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3

Do lado direito da foto de Marmo aparece um texto convidando o leitor a se filiar perpetuamente à nova religião reformadora, independente do credo. Informa que ela é uma religião “dentro da lei”, possui uma bíblia e os três santos “que curam e aliviam a todos os sofredores, pela prática exclusiva desta Nova Fé”. Abaixo, as informações necessárias para filiação: dados pessoais e nome dos familiares, o maior desejo a realizar e os pedidos de milagres e graças a serem “postos permanentemente na Mesa de Caridade dos Três Santos”, se já teve fenômenos mediúnicos ou se julga ser alvo de perseguição maléfica ou desencarnada.

Junto dessas informações, a única contribuição a ser paga é 7 cruzeiros, sendo facultada as esmolas. Mas esse não é a única fonte de recursos pedido no panfleto. Na parte superior aparece o mais recente projeto, a construção da Cidade de Santo Antoninho Marmo em terras da Ciência Divina, à margem da estrada de Santa Rita, a duas léguas de Tupaciguara, já se anunciando a venda de 800 lotes de terra. Visando substituir a “Santa Sé Científica do Brasil” situada em Santos, em Tupaciguara seria levantado uma fonte de Curas Milagrosas (que seria objeto de romarias de todo o país⁷⁷⁷) e o templo dos Três Padroeiros. Para este, estava sendo feita uma campanha: “quem der dinheiro terá seu nome inscrito nas paredes do templo. Quem der muito dinheiro terá seu retrato nas mesmas paredes”⁷⁷⁸. Não há notícia que as campanhas foram concretizadas ou qualquer cidade construída.

Com observaram os articulistas dos jornais, não havia nada de novo, pois a base da Igreja Brasileira Cristã Científica em meados dos anos 1940 e início dos 1950 era uma apropriação ao mesmo tempo estapafúrdia e crítica do catolicismo. Se tomarmos por indício um depoimento do escritor, na verdade ele relembrou o fascínio da infância: “Eu nasci em Ouro Preto. Vivi praticamente dentro de suas formosas igrejas. Tenho a paixão dos santuários. O incenso é meu perfume predileto. As velas de cera me deslumbram, cheirosas como espadas de anjos numa guerra santa.”⁷⁷⁹ Mesmo que não seja verdadeiro, há no depoimento um fascínio pela sensibilidade religiosa mediada pela materialidade, expresso no trecho através imagem exuberante da vela comparada à espada de anjos na guerra santa. Efeito análogo era justamente intencionado pelos religiosos europeus que aqui aportaram desde o século XVI,

⁷⁷⁷ João de Minas e os estranhos rituais da sua seita. *Diário Carioca*, 20/3/1944, p. 3

⁷⁷⁸ Mahatma Patiala, o Papa da Igreja Científica Nacional, elevou Antoninho Marmo a “Pequeno Cristo do Brasil”. *Diário da Noite*, agosto de 1944. Recorte inserido em na carta pessoal a Getúlio Vargas. Arquivo Nacional, BR AN,RIO 35.0.PRO.13658.

⁷⁷⁹ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 18.

estabelecendo um etos festivo que paulatinamente foi se espalhando dos aldeamentos e igrejas para povoados, engenhos, vilas e vilarejos de norte a sul da América Portuguesa:

Desde os primeiros tempos jesuíticos, o teatro, a música, o canto, a dança e a poesia haviam se integrado ao arsenal catequético, evidenciando que era preciso aturdir as almas simples para conquistá-las e elevá-las por meio da imaginação e dos sentidos à grandeza inefável do sagrado. Mais tarde, a forma de construção dos templos, a profusão decorativa de suas talhas, a perfeição do entalhe e da encarnação dos santos, o esplendor do ouro que reluz em seus ornamentos e se alia à prata para adar aos objetos litúrgicos uma luz própria, a música, o canto e a oratória do sermão se encarregarão de produzir essa atmosfera mágica em que as verdades da fé impregnam a alma pelos cinco sentidos, em meio à névoa perfumada do incenso⁷⁸⁰.

Historicamente, esses elementos são destacados como eixo importante da religiosidade sincrética das tradições pagãs, ameríndias, africanas, católicas e judaicas que se estabeleceu no território americano desde o século XVI, originando o que se convencionou chamar de catolicismo popular brasileiro. Outros traços que o caracterizam são a performance (ritualização teatralizada), a causalidade mágica, proximidade cordial (afetiva ou irada) com a divindade no cotidiano do fiel, que enseja uma economia do sagrado; a manifestação devocional festiva e santificação de pessoas próximas ou conhecidas⁷⁸¹. Essa padrão de religiosidade não só perdurou até o século XX no interior do país como foi levada pelos migrantes para os grandes centros urbanos, como vimos em itens anteriores. Porém, desde fins do XIX, esta orientação tradicional, estava sendo combatida pelos tentáculos da romanização da Igreja e, desde os anos 1920, pela Renovação Católica, que travavam uma guerra simbólica contra as práticas devocionais consideradas supersticiosas, em nome de uma maior interioridade da fé, mais próxima do controle do clero e dos ideais burgueses de recato. Assemelhavam-se nisto às elites laicas de jornalistas, políticos, cientistas e policiais, que condenavam essas mesmas práticas por as considerarem um atraso para a cultura do país⁷⁸².

Caminhando no sentido oposto, João de Minas passou a explorar cada vez mais as concepções da religiosidade católica popular em sua religião. Manteve o prestígio personificado de Cristo e Nossa Senhora, estabeleceu como santos personalidades já prestigiosos entre os fiéis brasileiros, mantendo com todas essas divindades e santos aquela economia do sagrado voltado a resolver os problemas do cotidiano, ou seja, o pedido e

⁷⁸⁰ MONTES, 1998, p. 104.

⁷⁸¹ SOUZA, 1986, pp. 86-150; MONTES, 1998, pp. 101-111 (Etos católico e as religiões no Brasil).

⁷⁸² MONTES, 1998, pp. 110-118.

promessa seguidos da graça alcançada, além de aproveitar os testemunhos para angariar mais fiéis, potencializando ainda mais dinheiro para a religião. Como vimos, valeu-se das formas conhecidas para emplacar novidades no conteúdo: um novo profeta, uma nova bíblia, novas relíquias, novas orações, novos mandamentos a partir de novos ordenamentos, novas prescrições alimentares, até mesmo um novo Vaticano para uma nova Igreja.

Com esse arsenal religioso, João de Minas viajou pela região do Triângulo Mineiro e Goiás promovendo sua fé. Ainda com resquícios da veia esotérica, antes de 1942 poderia ser encontrado acampado pela estrada de Uberaba-Frutal, vestido à indiana, para vender exemplares de sua bíblia a 5 mil réis, versão simples, e 10 mil réis o exemplar autografado pelo Mahatma Patiala⁷⁸³. Já fantasiado de Papa em 1944, com um cajado de bronze na mão esquerda, fez pregações para fiéis e curiosos na frente do Grande Hotel em Goiânia⁷⁸⁴. A despeito do sarcasmo, vaías e ironias de espectadores e jornalistas, sua atividade começou a atrair adeptos. A observação combativa de um dos jornais dá a medida do seu efeito: “assim se apossando de títulos e designações do Catolicismo, o ‘mahatma Patiala’ provoca confusão entre os não esclarecidos, principalmente entre as classes incultas das zonas rurais do sertão, e consegue com essa confusão, tentar uma concorrência com o credo católico”⁷⁸⁵. Outro cidadão do Triângulo Mineiro, Mário de Albergaria, a contragosto informa que “a Bíblia da Ciência Divina é tão hábil que está passando por livro santo, e inúmeras pessoas juram por ela”⁷⁸⁶.

Não demorou para serem atribuídas à religião os primeiros milagres. Um dos testemunhos pode ser visto a partir do relato do médico Edgard Matheus de Melo. De Tupaciguara, ele enviou em 1944 uma carta para a coluna de Magalhães Júnior no jornal *A Noite*, que em 8 de junho escrevia sobre nomes estapafúrdios. Criticando o renome que o novo Papa adquiria, o médico gostaria de enviar ao colunista um exemplar da Bíblia escrita por João de Minas, mas não conseguiu porque os exemplares editados estavam esgotados, remetendo no lugar os panfletos que já vimos acima. O objeto da carta é uma curiosa prescrição onde se manda “trocar os vossos sobrenomes, na vossa intimidade, para melhorardes de fluídos”, devendo todos tomar o nome de “Ciência Divina”. Daí conta o caso verídico de um “milagre”:

⁷⁸³ FREIRE FILHO, 1999, p. 259.

⁷⁸⁴ Vaiado em Goiânia “Papa” João de Minas. *Diário da Noite*, 21/6/1945, p. 3.

⁷⁸⁵ Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3.

⁷⁸⁶ O novo mahatma do Brasil (Cartas dos leitores). *Diário Carioca*, 16/5/1944, p. 2.

O trabalhador Pedro Beraldo, morador nesta cidade, à rua São Vicente, n. 18, caiu numa cisterna e não poderia ser retirado. Os fanáticos da Ciência Divina começaram a chamá-lo em cima do Buraco:

- Pedro da Ciência Divina! Pedro da Ciência Divina!

E Pedro... da Ciência Divina salvou-se. E, no dia seguinte, - a nova religião parece não ser incompatível com o jogo, - ganhou três mil duzentos e quarenta e seis cruzeiros na centena do macaco... porque fora saltando como um macaco incrível que ele conseguira sair da incrível cisterna...

(...) Pedro completou a sua conversão, renegando totalmente a velha religião católica e indo se batizar na “Luz da Ressurreição” na Igreja da Romaria Divina. Eis, seriamente, o nome que Pedro adotou: - Pedro Morto Vivo das Graças e Milagres Centena do Macaco da Ciência Divina!!!

O “Mahatma”, que dirige, em pessoa, a sua Igreja, e com essas brincadeiras vai se tornando um chefe político de enorme prestígio (o mundo é dos espertos...) registrou esse nome inconcebível que merece ser perpetuado em bronze...⁷⁸⁷

A adesão de Pedro ocorreu não por processo de conversão a uma nova forma de se relacionar com o sagrado, mas pelos efeitos práticos demonstrados pela nova religião, a salvação de sua vida e a sorte no jogo do bicho. Temos aqui uma visão mágica da realidade que leva a uma leitura dos eventos a partir das coincidências e proximidades. Nesta linha, foi a presença dos adeptos da Ciência Divina e a invocação que fizeram do nome secreto do trabalhador que salvou sua vida; foi por ter sua vida salva por esta invocação que teria ganho o dinheiro na loteria. Logo, estava comprovada a eficácia da nova religião, motivo mais que suficiente para se converter e seguir o mahatma brasileiro. A adoção do nome estapafúrdio era uma forma de manter a continuidade dessa magia, pois ele funcionava como um mantra para “melhorar os fluidos”. Do ponto de vista da Igreja, o nome visava “lembrar” ao fiel porque fora salvo, tendo uma função de índice de memória, e, para os outros, era o testemunho da eficácia, portanto da verdade, da religião. A magia atribuída ao novo papa também ocorria no sentido oposto, de causar males, como conta Mário de Albergaria acerca da “já famosa Excomunhão Cristã Científica do Fogo Selvagem”:

a pessoa excomungada terá a alma aberta por chagas de fogo selvagem, morrendo a alma em dores horríveis dentro do corpo, e assim o corpo tendo que carregar o cadáver podre da alma etc. Algumas pessoas, por ser comuníssimo por cá o fogo selvagem, por acaso tiveram a moléstia depois de desagradar a Ciência Divina, e pegou então um medo infernal à excomunhão do Papa Cristão Científico do Brasil⁷⁸⁸.

⁷⁸⁷ MAGALHÃES JR, Raimundo. Nomes estapafúrdios... e uma nova seita, também estapafúrdia... Coluna Janela Aberta. *A Noite*, Rio, 8/6/1944, p.3

⁷⁸⁸ O novo mahatma do Brasil (Cartas dos leitores). *Diário Carioca*, 16/5/1944, p. 2.

Devido à itinerância, para aumentar o número de fiéis e mantê-los agrupados, o novo Papa passou a nomear “Bispos” para cidades, continuando a divulgar os novos templos através dos jornais e dos prospectos dos santos da Igreja. O panfleto a seguir, com a foto do Santo Eurípedes Barsanulfo, explicita na parte superior :

Estes retratos são comemorativos da nomeação do Rev. ministro cristão científico Caetano Ferraz, para o cargo de primeiro Bispo do Estado de Goiás, com sua Santa Sé em Goiânia. O prelado cristão científico é doutor em teologia mediúnica. Foi armado Capitão da Guarda de Luz do Cristo Vivo, com a benção pontifical do Papa fundador, em 30-10-1944, 5º ano da Era Cristã Científica⁷⁸⁹.

Panfleto com a foto de Eurípedes Barsanulfo. In: *A Noite*, Rio, 01/04/1945, p. 18

O aliciamento dos sacerdotes para a militância da religião ocorria no mesmo tom e com as mesmas situações estapafúrdias com que angariava fiéis, como relata Daniel Linguanoto, da Revista do Globo, que fez uma reportagem acompanhando de perto o novo

⁷⁸⁹ Exótica Religião. *A Noite*, Rio, 01/04/1945, p. 18.

Papa. Ao encontrar o escritor mineiro no escritório de um amigo comum, o cético repórter indagou-lhe se estava falando sério sobre a fundação da religião, o que o escritor, “ora falando sério, ora brincando”, confirmou ser o chefe da também chamada “Igreja Evangélica Mediúnica das Graças e Milagres dos Santos Padre Cícero, Eurípedes Barsanulfo e Antoninho Marmo, e Apóstolo João de Minas”. Daniel não acreditou e, por isso, foi convidado a visitar as igrejas do novo Papa, mas a condição para fazer uma matéria era cursar o Seminário de Teologia Cristã Científica e receber as ordens, para se convencer das “verdades eternas”. Todavia, em seguida, “pousando a mão gravemente no meu ombro, a cabeça baixa, o ar alheiado, declarou-me 'um espírito de luz e sabedoria'. Nessa qualidade, me dispensava do batismo e do curso, mas não das ordens”. Apelando para a visão mágica, agora travestida de ciência, a continuação da encenação torna impossível saber quem está brincando com quem.

- Meu caro amigo e dileto filho de santo, soldado da luz do Cristo Vivo: vou fazer a sua ficha cristã científica. Você a receberá pelo correio, acompanhada do seu diploma de sacerdote. A cor dos olhos e dos cabelos, será bom que lhe informe, é indispensável. Você verá. Não é à toa que nascemos com tal ou qual cor dos olhos ou de cabelos. Através delas, Deus e os astros nos impõem um destino, destino que a biologia oficial ignora, mas que o cristianismo científico descobriu e está revelando ao mundo.

- Mas, meu caro mestre – objetei – não haverá cerimônia de sagração sacerdotal? Vou me ordenar por via postal?

- Claro. Com a maior simplicidade. Não há manipulações teatrais na Igreja dos Três Santos do Brasil.

De fato, dias depois Linguanoto recebeu pelo correio diploma legal de sacerdote, a ser emoldurado em fundo azul “pela bem-aventurança celestial” e colocado no recinto do culto, e de onde deveria pender “um fitão vermelho do Sangue de Cristo, para os fiéis ali se ajoelharem, beijando-o”⁷⁹⁰. Assim, ele estava habilitado para ministrar o culto na Igreja número 163, tendo também frequentado outras para sua reportagem. Descreve que, raramente com o nome na fachada, as Células do Sermão da Montanha funcionavam em um cômodo da casa dos sacerdotes onde, além do diploma com a fita vermelha, havia os retratos dos três santos e do apóstolo João de Minas. O rito era realizado em torno da leitura da Bíblia Cristã Científica, aberta no meio da Mesa Redonda do Mundo, sendo entoados hinos e orações, e velas coloridas de cera eram queimadas em homenagens aos santos. Ao bispo era facultado o uso do hábito religioso⁷⁹¹.

⁷⁹⁰ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 16.

⁷⁹¹ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 19.

Nesta etapa inicial, por conta das distâncias do país, o bispo estabelecia uma comunicação constante com o chefe supremo, recebendo dele panfletos para propaganda e lições da religião e remetendo-lhe dados dos fiéis e recursos angariados pela Igreja, ficando com uma parte a título de ordenado. Redigidas por João de Minas e publicadas por ele nos jornais, as propagandas ofereciam orações e conselhos espirituais a quem remetesse cinco cruzeiros em selos. Todavia, o crescimento do número de Igrejas levou a um reordenamento na forma de comunicação e propaganda pelos correios, paulatinamente montando “a máquina para conquista do céu a partir do reembolso postal”. Com o aumento do número de fiéis, estes ficaram encarregados de publicar o anúncio nos jornais de maior circulação do país. Isso segundo Linguanoto, fez a igreja crescer mais ainda, levando à necessidade de criar a Secretaria Missionária, responsável pelas despesas da Bíblia e das publicações, que levou à cobrança de uma taxa de inscrição para os novos adeptos⁷⁹².

Na etapa seguinte, para “reunir e somar as cabeças do seu rebanho, que crescia sempre, foi necessário inventar uma espécie de curral, onde pudesse o 'mestre' contá-los e marcá-los”, surgindo assim as peregrinações aos “Santo Sepulcros” onde estavam enterrados os três santos da Igreja⁷⁹³. Para além da contabilidade do rebanho, do mesmo modo que as romarias católicas, estas peregrinações eram verdadeiros espetáculos, marcando a manifestação pública da fé privada bem como a integração de toda a comunidade de crentes diante de um lugar sagrado, ao mesmo tempo um lugar de memória. Do ponto de vista externo, garantia a visibilidade dos adeptos da Igreja na cidade, chamando a atenção para a própria seita. Linguanoto foi um dos que presenciaram de perto um desses eventos, em 1952:

Acompanhei, num domingo de março, sob tremendo temporal, uma romaria ao “Santo Sepulcro” de Antoninho Marmo, no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Mais de cem pessoas, pertencentes a todas as profissões e categorias sociais – operários, funcionários públicos, professores, comerciários – engrossavam a romaria. Quando João de Minas apareceu, os presentes se atiraram a ele, beijando-lhe a mão avidamente, chamando-o de divino mestre⁷⁹⁴.

Quase todas as fotografias da reportagem foram tiradas nesse evento:

⁷⁹² LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 19 e 77.

⁷⁹³ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 77.

⁷⁹⁴ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 77.

Fotos de F.C. Henriques, para a reportagem de Daniel Linguanoto⁷⁹⁵.

⁷⁹⁵ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 15-19. As fotos não seguem a ordem da página, que é 4,5,3,2,6,1. As legendas das fotos são: “Os hinos e serenatas devem ser cantados com a devoção que se canta o samba no Carnaval, segundo recomendação do apóstolo, seguida à risca”; “No Cemitério da Consolação, em São Paulo, o filhos de santo reúnem-se diante do túmulo de Antoninho Marmo, canonizado pelo Apóstolo João de Minas”; “O sermão comove os fiéis. A mocinha toma um ar compenetrado enquanto a senhora não consegue conter as lágrimas que a emoção provoca.”; “A vela derrete e cai-lhe na mão, enquanto a filha de santo e os outros cantam 'as belíssimas serenatas dos três santos do Brasil e do Apóstolo João de Minas'.”; “Crente ou mistificador? Quem poderá compreender o que

As fotografias estabelecem visualmente um discurso complementar à reportagem. O texto está centrado na trajetória e na religião de João de Minas, abordando apenas nos parágrafos finais os fiéis. Já nas imagens a romaria ao túmulo de Antoninho Marmo é o objeto, sendo os crentes os principais atores. Estes aparecem sempre agrupados, com o rosto muito atento, voltado ao palestrante que faz o seu discurso com fisionomia grave e bíblia em punho. Além da atenção, os fiéis expressam devoção ao portar velas nas próprias mãos, ao chorar emocionadamente e cantar sorrindo os hinos como o “Ino dos Três Santos do Brasil”, cujas quadras foram transcritas em um box na revista “Santo Padre Cícero / Nosso advogado / Levai esta mensagem / Ao Cristo Crucificado / Santo Antoninho Marmo / Nosso advogado” etc.. Os guarda-chuvas complementam a ideia da devoção por reforçar a força de vontade do fiel em ir a uma romaria em pleno temporal. Lendo os sinais de devoção dos romeiros, o conjunto de fotografias transmite, ao lado da figura imperativa ou fantasmagórica de João de Minas, a ideia de uma audiência fanatizada.

Os outros relatos apresentam os fiéis da mesma maneira, às vezes em situações tão ou mais flagelantes quanto o derramamento na mão da cera quente de uma vela acesa. Foi o que aconteceu em outro dos “Santos Sepulcros”, o de Barsanulfo, em Sacramento-MG. O relato se refere a romarias que datam de 1962 ou 1963, mas elas ocorriam desde meados dos anos 1940. Ao contar a história do médium de Sacramento, Amir Salomão Jacob faz referência às memórias das romarias dos adeptos da Igreja Brasileira Cristã Científica, que todo primeiro de maio e primeiro de novembro (nascimento e morte de Barsanulfo) chegavam de São Paulo

portando bandeiras, estandartes, clarins, bumbos e espadas (o que para meninos da época, era coisa fantástica acompanhar aquelas figuras exóticas, e sempre que algum fiel brandia a espada um moleque gritava 'Independência ou Morte'). Cumpriam um ritual antes de se dirigir ao cemitério: paravam diante da Igreja Matriz e injuriavam de maneira indecorosa a Igreja Católica. A mesma hostilidade (sempre ao som de um megafone) era dirigida aos espíritas locais, mormente quando passavam pelas proximidades do Colégio Allan Kardec. Chegando ao portão do cemitério postavam-se de joelhos e, nesta posição, subiam a ladeira cascalhosa do Campo Santo (ainda não havia calçamento) até o '*Santo Sepulcro*' – expressão que usavam para se referir à sepultura de Eurípedes. Ali cumpriam as mais estranhas manifestações fanáticas. Interessante ressaltar – para que não se percam essas memórias – que essas peregrinações

lhe vai pelo cérebro?"; “O APÓSTOLO João de Minas, escritor, professor e fundador da Igreja Cristã Científica Brasileira, faz a seus fiéis um sermão entremeado de ameaças, bênçãos e de uma propagandazinha do programa de rádio que pretende lançar.”

eram precedidas de folhetos, distribuídos dias antes na cidade, com a figura de Eurípedes e a doutrina da seita⁷⁹⁶.

Ao contrário de uma metrópole como São Paulo, numa cidade como Sacramento uma romaria dessas dificilmente passava despercebida pela população. Além da campanha prévia através dos folhetos, o som dos instrumentos, as fantasias e apetrechos cuidavam de tornar a passagem dos fiéis um espetáculo visual e sonoro. Também chamava atenção não apenas as manifestações de devoção martirizante – subir uma ladeira cascalhosa de joelhos – como a agressividade contra outras religiões. Se o fanatismo expresso nos estranhos rituais faziam rir, as injúrias indecorosas causavam apreensão. Jacob conta dois motivos que, nos anos 60 ou 70, devem ter levado à interrupção dessas romarias pelas autoridades policiais e pelos familiares de Barsanulfo: a ameaça que fizeram de retirar os restos mortais de Eurípedes do cemitério, por causa do suposto descaso do povo sacramentano com o “Santo Sepulcro”, e, depois, um tumulto, com agressões físicas, iniciado quando os membros da Ciência Divina interromperam com ofensas uma procissão católica a São José⁷⁹⁷.

Jacob também conta que, antes de vociferarem contra a Igreja Católica, os fiéis da igreja de João de Minas tinham como ponto de parada um terreiro de Umbanda. Era dirigido por uma negra idosa e mãe-de-santo apelidada Tota, que fora sagrada Bispa pela Ciência Divina. A descrição do historiador de Sacramento, em visita à casa de sua amiga, se assemelha à de Daniel Linguanoto: “eu admirava, na parede de sua casa, seu diploma de '*bispa*', outorgado pela Igreja da Ciência da Luz Divina, do Papa Mahatma Patialah I. Ainda na parede, dentro de pequenos quadros, os ditos folhetos sobre Eurípedes, que ela conservava”⁷⁹⁸. Amir Jacob diz que os objetos de culto foram retirados da parede apenas quando a mãe-de-santo morreu, em 1993, o que indica que deviam ser mantidos junto das outras imagens da Umbanda.

Os centros de Umbanda surgem em meados dos anos 20 como uma dissidência do espiritismo kardecista, cuja ortodoxia considerava os espíritos de caboclos e pretos velhos como entidades inferiores. A nova religião mediúnica passou a valorizar tipos e arquétipos espirituais baseados em entidades brasileiras, incorporando elementos do candomblé, do qual mantém o panteão e os ritos mas expurga os sacrifícios animais; do kardecismo, com a

⁷⁹⁶ JACOB, 2006, p. 312.

⁷⁹⁷ JACOB, 2006, p. 312-3.

⁷⁹⁸ JACOB, 2006, p. 313.

concepção de médium e suas curas, e também incorporando traços do catolicismo devocional como o calendário, rezas e santos. Penetrando no Rio de Janeiro nas décadas seguintes, foi oficializado em 1941 (substituindo o termo macumba), no I Congresso de Umbanda, organizado pela União Espírita da Umbanda no Brasil, surgida em 1939⁷⁹⁹.

A umbanda chegou a São Paulo em 1930, registrada como centro Centro Espírita Antônio Conselheiro. A denominação “umbanda” apareceu apenas em 1952, com a Tenda de Umbanda Mãe Gertrudes. No período inicial, o número de casas de umbanda representa cerca de 10% (85) dos centros espíritas, mas essa tendência se reverteu nos anos 1950, quando a umbanda começa a se expandir em São Paulo. No fim dessa década, já disputa em pé de igualdade o número de casas com o kardecismo que, revertendo a tendência inicial, refluí nos anos 1960. A umbanda então é adotada publicamente e adquire grande visibilidade na cidade, expressas na popularidade das suas festas: “A partir do final dos anos 50, as festas populares públicas que arregimentam a maior quantidade de devotos e simpatizantes são as festas de Iemanjá nas praias de Santos e Praia Grande, nos dias 8 e 31 de dezembro de cada ano. Como em muitas outras capitais e cidades brasileiras”⁸⁰⁰. Da mesma década data o surgimento das primeiras federações umbandistas paulistanas, com o propósito de oferecer proteção legal aos terreiros por meio do registro em cartórios como associações religiosas. Em 1953 se fundam a Federação de Umbanda do Estado de São Paulo (Fuesp) e, dois anos depois, a União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo (Uteucesp)⁸⁰¹.

A expansão da Umbanda em São Paulo não passou despercebida pelo escritor mineiro que, além de sagrar mães e pais de santo como bispos, tratou de incorporar alguns elementos umbandistas ao seu já eclético culto. Vimos na reportagem 1952 que o próprio João de Minas se referiu ao novo fiel Daniel Linguanoto como “dileto filho de santo”, mas isto não chamou atenção do repórter da revista gaúcha. Já na versão da Bíblia de 1957, “A Vida Começa na Ciência Divina”, esses elementos estarão mais presentes, em geral servindo de ataque ao catolicismo romano:

FRENTE ÚNICA RELIGIOSA MUNDIAL

25 – Altissimamente eu vos digo, meus desenfeitados do Novo Templo: o meu santo dos santos é a minha frente de fé total, ou seja a união amorosa de

⁷⁹⁹ PRANDI, 2001, cap. 6; NEGRÃO, 2004, pp. 568-581.

⁸⁰⁰ PRANDI, 2001, p. 55. Os dados de Prandi foram extraídos do estudo de Conconi e Negrão em 1987.

⁸⁰¹ NEGRÃO, 2004, pp. 575

todas as igrejas da terra. Vos falam em macumba. Pois respeitareis a macumba, que é uma igreja tão boa como a Igreja Católica Romana, ou a Igreja Protestante, etc.

26 – Apenas a macumba é pobre, humilde, e adora santos africanos ou selvagens, mas da mesma forma enviados de Deus, embora esse Deus tenha outro nome. As religiões ricas, industrializadas como a católica romana, possuem mais ou menos santos de luxo, ou capitalistas. E querem com manchas dignas de Anaz e Caifaz se servirem da boa fé da polícia. Para que a polícia persiga a fé dos pobres, dos pretos, dos índios, dos caboclos, dos trabalhadores sem nenhum consolo a não ser o seu culto barato, e sem separação de ricos e pobres...⁸⁰²

O trecho inspirou a ideia de fundar um sindicato religioso, o Sindicato Evangélico Umbandista da Ciência Divina, para congregar em prol da causa “centros espíritas, tendas, terreiros, igrejinhas humildes (e perseguidas), cultos e santuários dos pobres, em qualquer parte do Brasil”⁸⁰³. Nessa época tais denominações sofriam cerrado ataque do clero católico que procurava refrear a perda de adeptos para essas denominações umbandistas e evangélicas pentecostais. Portanto, há no trecho acima uma clara tentativa de reverter o sentido da perseguição para angariar prestígio nas emergentes casas religiosas que se disseminavam na capital paulistana.

Operando mais um dos deslocamentos sincréticos, o ataque acima era claramente direcionado à instituição, não ao credo católico, que teve suas concepções incorporadas. Por exemplo, combateu a manobra de “baixo catolicismo” da Igreja do Vaticano, que deu nome romano a um santo negro, São Benedito. Em contraposição a essa devoção, João de Minas cria o Santo Pai Umbanda, o Primeiro Cristo Negro do Mundo, concebido como “um mártir dos escravizadores brancos, que amoedaram o sangue, o suor e as lágrimas dos escravos africanos”, cuja data festiva seria marcada para 13 de maio⁸⁰⁴. A esse santo dos negros e dos trabalhadores foi atribuído um “Ino de Santo Pae Umbanda, o Cristo Negro – Ino dos trabalhadores escravizados do mundo”, que começa assim: “Ocê foi pro trabaio com fome... / Deus te ajudou, e ocê num chegou lá / Veio a morte te consolá, e te levou / Ansim, ansim... ansim acabou o teu pená!”⁸⁰⁵. Portanto, procurando angariar o prestígio do santo negro

⁸⁰² MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 21.

⁸⁰³ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, última capa da 2ª edição.

⁸⁰⁴ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 51-2

⁸⁰⁵ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 43.

católico, reveste seu Pai Umbanda da mesma aura religiosa, aliada a um tom denunciata visando suscitar a indignação das classes menos favorecidas.

Fora do papel, no plano festivo público, além do projeto de realizar um concurso de beleza religiosa intitulado “Miss Umbanda Paulista” e “Miss Umbanda Brasil”, os adeptos da Ciência Divina e os trabalhadores em geral eram convidados a dançar em praça pública o “milagroso, afortunador e desenfeitiçador 'Zuluá de Umbanda da Ciência Divina’” capaz de fechar o corpo aos “sete infernos vivos do mundo”, cuja letra era: “Mangalô aruá, zi xelem! / Crum, crum, crum! / Zuluá! / Zi umbanda, zi quimbanda! / Saravá!”. Ao que parece, menos que conhecer o sentido das palavras, era importante a dança e o batuque, visto que, para melhor sapatearem o batuque do Zuluá, era pedido aos fiéis que pregassem placas de latão no salto dos sapatos⁸⁰⁶. Além das danças, haviam os ritos, um deles presenciados por Carlos Lacerda na praça da Sé, em São Paulo,

imprensados entre a fila do “Circular” e a estátua de Anchieta, os adeptos formavam um círculo, onde sobressaíam numerosos estandartes, com dísticos algo estranhos: “Santo Pai Umbanda Curai”, “São Jorge armado contra o dragão das feitiçarias”, “N.S. Aparecida contra o fim do mundo”, “Espada do Santo da Catedral” e outros. / Os fiéis ajoelhavam-se ante os “padres militares”, que armados com um facão de bainha vermelha, os tocava nos ombros e chamavam por seus santos. As mulheres, também “padres militares” consagravam os adeptos impondo-lhes na cabeça um castiçal com três velas acesas, que, na terminologia da Ciência Divina, representavam as “três espadas de ouro da luz, degoladoras das almas penadas caseiras separadoras”⁸⁰⁷.

Imagens dos adeptos da Cura Divina na Praça da Sé de São Paulo, janeiro de 1959

⁸⁰⁶ Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha da Noite*, São Paulo, 22/01/1959, Ilustrada.

⁸⁰⁷ Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha da Noite*, São Paulo, 22/01/1959, Ilustrada.

Na reportagem de Carlos Lacerda, a função das fotos é ilustrar o conteúdo do texto, pois é possível ver os padres militares de mão estendida com a faca em punho, na direção dos fiéis da frente, os estandartes, uma maleta com a nova versão da Bíblia de João de Minas, além do castiçal com as velas acesas, práticas que foram descritas no texto. A informação que acrescentam é a presença de crianças e adolescentes, que pareciam também participar de todos os rituais. Outro ponto a se destacar é o caráter agônico que vai adquirir a religiosidade que embasa essas cerimônias públicas, mobilizando as entidades inspiradas no catolicismo e na umbanda. Com rituais públicos com lances teatrais nos gestos, apetrechos e vestimentas, os sacerdotes colocam os fiéis como parte de uma batalha cósmica entre as entidades do mal responsáveis pelos infortúnios da vida e os santos do bem invocados para a proteção espiritual e material daqueles que são abençoados.

Além da Umbanda, outro credo, desta vez político – o comunismo – foi apropriado nessa época, o que não contradizia a orientação nacionalista da seita (João de Minas não só dizia receber ordens apenas de Juscelino Kubitschek como divulgava que sua esposa fora uma rainha francesa em encarnação anterior). Ao lado dos vitupérios contra a Igreja de Roma, na Bíblia de 1957 já aparecem o tom denunciador contra os capitalistas e ricos, louvando os trabalhadores, para isso criando o hino do santo negro associado à Umbanda. O primeiro, entre outros, dos pensamentos e provérbios da Bíblia diz: “Você tem as mãos calejadas?... Então você é o pai dos ricos. Esses seus calos reles, nas 'mãos' dos milionários se chamam cadilacs e palácios das mil e uma noites”⁸⁰⁸. Em alguns dos títulos dos capítulos aparecem outras referências ao “Espírito de Comunhão dos Bens da Terra”, “Espírito de Comunismo dos Bens da Terra”, “Espírito da Partilha dos Bens da Terra”. Mas, para evitar mal entendido,

não confundireis, meus amados o legítimo comunismo evangélico, ou comunhão de todos os bens da terra, com o falso comunismo, chamado soviético. Este é a forma pior do capitalismo. Os bens da terra neste caso não são roubados apenas por um grupo de bandidos, e sim por um só e imensíssimo gangster, o poder supremo ditatorial. Montado no exército, armado até os dentes, o ditador com a sua quadrilha assalta em absoluto todas e quaisquer riquezas. E quem reclamar, ainda que seja de joelhos, vai para os campos de trabalho escravo, debaixo do chicote e da fome / Esse falso comunismo foi na realidade fundado pelo demônio Stalin, que figura no vosso Sinal da Paz ao lado de Caim.⁸⁰⁹

⁸⁰⁸ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 61.

⁸⁰⁹ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 22-3.

O trecho não é atribuído ao escritor mineiro como líder religioso, mas à própria divindade que nomeia o capítulo, o “Espírito de Comunismo dos Bens da Terra”, tornando sagrada a associação entre Stalin e o diabo para ressaltar o comunismo da Ciência Divina. Além disso, coloca a doutrina e as práticas do regime soviético no mesmo plano dos capitalistas, igualmente denunciado como ladrão dos pobres. Em contraposição, apropria-se da palavra revolução, anunciando que era necessária sob a perspectiva do Comunismo de Cristo, o qual, mesmo dividindo as grandes fortunas, contraditoriamente não implicava que cada um deixasse de ter posses próprias.

Todo o eclético emaranhado de elementos dos principais credos do país, fossem religiosos (catolicismo, protestantismo, umbanda, espiritismo) ou políticos (nacionalismo ou comunismo) foram mobilizados por João de Minas na versão de 1957 da Bíblia, intitulada “A Vida Começa na Ciência Divina”. Em relação à versão do início dos anos 40, foi ampliada para 142 páginas, mas manteve uma estrutura semelhante, tendo como base a paródia do catolicismo. É dividido em dezenove capítulos, cuja voz narrativa é atribuída às entidades do culto, como expressa a maioria dos títulos “Assim diz o espírito...”, a exemplo do Espírito de Comunhão dos Bens da Terra. Portanto, como livro sagrado, sua escrita não é atribuída ao escritor João de Minas, que funciona como médium, mas ao panteão da Ciência Divina, com a fonte sobrenatural ao modo das comunicações espíritas.

Como visto nas citações acima, os capítulos possuem subdivisões, com expressão em caixa alta indicando o tema dos parágrafos numerados que contém as mensagens, a exemplo de “FRENTE ÚNICA RELIGIOSA MUNDIAL”. É emulado o estilo da bíblia cristã, com uso da segunda pessoa do plural, em mensagens religiosas de diversos gêneros: mandamentos, com prescrições e explicações à luz da nova doutrina, indicando modos de se comportar, sentir, agir, algumas leituras e ações missionárias (principalmente caps. 1, 3 e 4); prescrições alimentares e exercícios respiratórios (cap. 2), orações fortes (cap. 5), hinos (cap. 6), pensamentos e provérbios (alguns concentrados no cap. 11); prescrição minuciosa para realização dos três cultos oficiais (cap. 12-14) e outros de rituais da nova religião (cap. 10); estabelecimento de lugares sagrados e santos da Igreja, descrição de como sacerdotes devem se vestir, se portar e como preparar os templos (sobretudo cap. 7-9); narrativas como casos e anedotas, a maioria envolvendo João de Minas, além de parte da vida sobrenatural do fundador da nova religião (cap. 15-18) feita ao estilo hagiográfico, na qual ocorrem milagres,

presença de seres sobrenaturais, profecias etc. O último capítulo é destinado às propagandas: volumes seguintes da Bíblia da Nova Religião, cujos títulos já são anunciados na última capa; livros do escritor João de Minas, com tiragens e editoras; calendário anual de romarias em homenagens aos santos da Igreja; os endereços dos cultos em São Paulo; e o endereço exclusivo para correspondência. A própria capa é uma propaganda da pessoa do escritor, contendo sua foto e opiniões de personalidades sobre seus livros.

Capa de A Vida Começa na Ciência Divina, 1ª ed. 1957

A Bíblia da Ciência Divina cria um mundo inspirado nas concepções católicas, pois os episódios bíblicos são tomados como exemplares para a conduta, matriz das analogias sobre as quais se prescrevem os ensinamentos. Ao mesmo tempo, se concebe, à moda do espiritismo e umbanda, o intercâmbio entre a esfera visível dos encarnados e invisível dos espíritos. Além disso, vemos o início de incorporação do pentecostalismo, explorando-se o conflito maniqueísta entre as forças do bem e forças do mal que justificam os rituais de proteção.

Para quem não pertence ao culto, as apropriações, misturas e diferenciações podem ser lidas numa chave humorística, a começar pela paródia incessante das religiões. Na tentativa de se diferenciar, algumas dessas matrizes são viradas de ponta cabeça, denunciando nas religiões existentes erros de interpretação que a nova reforma viria corrigir. Daí que são denunciados o uso do latim pelo catolicismo, “língua dos assassinos de Cristo”, propondo-se o retorno do galileu nas cerimônias; o símbolo da cruz é substituída pela luz em todos os ritos decorrentes (sinal da luz, luzados ao invés de cruzados etc); o batismo de água, que o próprio

João Batista teria mandado esquecer, é substituído pelo batismo de fogo simbolizado nas velas, etc.

Essa apropriação e reinvenção levou João de Minas a transformar sua Igreja num estado teocrático à moda do Vaticano, com o “Governo religioso da Ciência Divina”, para o qual criou secretarias como a Secretaria de Estado Pontifício da Ciência Divina⁸¹⁰. Não só planejava emitir decretos (os anúncios e bulas publicados na imprensa), nomear bispos, fornecer comendas. Adotou também um procedimento utilizado quando se busca instaurar uma nova ordem: renomear os lugares. Assim como fazem os novos regimes políticos, foi seguida na prática uma prescrição contida no último capítulo da nova Bíblia: a alteração da designação das ruas de São Paulo, substituídas por referências a santos da sua igreja:

Os chefes da nova seita modificaram os nomes de nossas principais praças. Assim, a praça da Sé passou a chamar-se praça Santo Padre Cícero; a praça do Patriarca, pra Santo Eurípedes Barsanulfo; largo de São Bento, largo Santo Antoninho Marmo; praça Roosevelt, passou para praça da Ciência Divina; avenida São João, é agora conhecida como avenida Apóstolo João de Minas e, finalmente, o cemitério da Consolação – onde está enterrado Antoninho Marmo – recebeu o honroso título de Santo Sepulcro.⁸¹¹

Dentro da paródia, algumas passagens do novo testamento são tomadas anacronicamente, projetando no passado termos e concepções do presente ao mesmo tempo que os episódios bíblicos são tomados exemplarmente como modelo de conduta atual e manifestação de Deus na terra, escritos numa linguagem ofensiva que ressalta o anacronismo:

Vereis na Bíblia Sagrada o que aconteceu aos ladrões capitalistas Ananias e Safira, que queriam só para si os bens da terra. Esses vampiros imundos não foram sequer julgados, através de um campo de concentração. Foram logo fulminados por Deus, sem se perder com eles uma palavra sequer⁸¹².

Além do frequente uso de termos chulos, outros indícios apontam nessa direção humorística, como as referências grotescas escatológicas, no caso usadas para ofender o líder soviético: “Stalin foi empenhado na Besta do Apocalipse de São João por detrás, e não pelas vias normais. Assim, a Besta não pariu propriamente o diabo soviético, mas o defecou, como um produto do gênero do excremento”⁸¹³. Isso também ocorre ao utilizar correlações

⁸¹⁰ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 47.

⁸¹¹ Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22/01/1959, Ilustrada. Tal procedimento foi utilizado de modo inverso pelos humoristas paulistas para desconstruir a euforia do progresso em São Paulo, ao manter em suas crônicas os nomes antigos dos logradouros. Ver SALIBA, 2002, p. 186-187.

⁸¹² MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 22.

⁸¹³ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 23.

antropomórficas com cães para sugerir uma “fortuna espiritual” no primeiro pensamento atribuído à Ciência Divina: “Deveis sempre vos esforçar para adquirir um pouco de inocência, de ingenuidade, de pureza mesmo que seja aparentemente tola, de sinceridade casta e apaixonada, ou da ternura de um cão. Copiai o olhar vidrado de amor de um cachorro”⁸¹⁴.

Noutro sentido, o efeito humorístico é provocado pelos exageros. No plano do conteúdo, provoca efeito de riso as minúcias das descrições de coisas aparentemente sem sentido ou com sentido mágico autorreferente, como acontece nas prescrições alimentares, nas rezas e, principalmente, nos estranhos rituais da liturgia:

COMO PREPARAR AS TRÊS ESPADAS DE LUZ

11 – O sacerdote adquire, ou ele mesmo fabrica, as velas de cera virgem, com o fluido da harmonia universal. Ou direi, meus amados, das flores, dos céus azuis, do sol dourado. É nesse ambiente paradisíaco que vem dançando a abelha bonitinha e engraçadinha. Assim são feitos o mel e a cera, fulminadores dos espíritos da danação.

12 – Podes preparar qualquer quantidade de velas, contanto que o seu número seja divisível por três. Numa sexta-feira, com dia de encantos, ao entardecer, colocai as velas brutas ainda sobre a mesa do culto. Vindo a hora angélica da nova Ave Maria dos Três Santos e Apóstolo do Brasil, esperai que apareça nos céus a primeira estrela, que é da Ciência Divina, ou da boa sorte.

13 – Lereis então sobre as velas o meu Sermão da Montanha, que está no meu Novo Testamento. Depois, de pé, fareis sobre as velas a minha Imposição das Mãos, dizendo:

- Meus santíssimos padrinhos e madrinhas do Novo Templo, do Novíssimo Testamento da Ciência Divina. Dai a estas humildes velas o poder supremo das vossas graças e milagres! Transformai estas pobres velas terrenas nas formidandas e sobrenaturais Três Espadas de Luz pois cada três delas é que são uma unidade. Que assim seja!

14 – Sete vezes seguidas assim suplicará o pastor, ou a pastora. Depois, fazendo o Sinal da Luz maior em galileu, o vigário ou vigária em outro lugar mais apropriado passa a pintar as velas, com as três cores vermelho, azul e dourado, etc.

15 – O poder das cores é este: – o vermelho pelo meu sangue, pois eu sou o Cristo Vivo; o azul pela bem-aventurança celestial; - e o dourado, pelo ouro, pelo dinheiro abençoado do rico Bom Samaritano. Ao contrário do dinheiro amaldiçoado do fariseu, e do publicano, e do vendilhão do templo. (...)

TAMANHO E VALOR COMERCIAL DAS VELAS

19 – O tamanho de cada Espada de Luz da Ressurreição deve ser de maneira que trinta velas pesem um quilo. O comprimento, o mais possível. O preço da unidade, que é cada três velas, varia muito. Atualmente, meus amados e

⁸¹⁴ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 6.

consolados, em São Paulo cada Três Espadas de Luz custam 35 cruzeiros. Mas são de longa duração, levadas para casa depois de acesas no templo.⁸¹⁵

Alguns dos rituais são descritos em dezenas de páginas e, como acima, chegam a prescrever minuciosamente materiais, as cores, rezas, gestos, dia, horário, local, apontando a simbologia mítica envolvida e as finalidades ou ganhos obtidos para o fiel (a proteção) e para o pastor (o sustento, pois as velas eram vendidas ao crente). Além de algumas prescrições ficarem sem sentido (porque 30 velas precisa pesar um quilo? / porque a reza precisa ser repetida 7 vezes?), todo esse tom ritual visando perenidade contrasta com a efemeridade e particularidade da menção do preço das velas em São Paulo no último parágrafo. Todavia, o sentido dos gestos, das palavras e dos objetos é o que menos se busca num ritual de João de Minas, e alguns deles são explicados na própria bíblia. O que interessa são os “poderes” de cura, proteção e fartura prometidos pelo ritual das velas sagradas, cuja eficácia depende, como toda magia, das prescrições serem seguidas à risca pelo sacerdote.

O efeito humorístico do exagero aparece na própria linguagem excessiva, novamente emulada das denominações católicas. Foi utilizada para se referir aos santos e entidades, como por exemplo aos “padrinhos ou madrinhas”, espíritos guias que compuseram o panteão além dos três santos do Brasil: Nossa Senhora Aparecida das Três Espadas de Luz Contra o Fim do Mundo, São Jorge das Três Espadas de Luz contra o Dragão das Feitiçarias, Santa Maria Madalena da Vida de Cristo, mobilizados no invisível para proteger os fiéis das Besta do Apocalipse de São João ou das almas penadas caseiras do inferno vivo. Sugerindo pelo tamanho a grandeza do conteúdo, tais expressões criam um efeito de sentido ao transformar o nome numa descrição da origem ou função do Santo, bastante carregadas pela justaposição de imagens religiosas.

O mesmo efeito vai ser transposto para as organizações ligadas à Igreja, geralmente extraídas da sua Bíblia, a exemplo do “Espírito da Comunhão dos Bens da Terra” que, além de uma entidade espiritual da religião, também era o nome de um dos partidos que João de Minas queria emplacar. Seu nome foi mudando ao longo do tempo: em 1952 o nome era Partido Comunista Científico, em 1955 e 1957 Partido de Comunhão dos Bens da Terra, em 1959 Partido da Comunhão e Bem-Estar ou Partido Comunista Cristão Científico, em 1963,

⁸¹⁵ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 48-9.

Partido Cristão Científico da Comunhão dos Bens da Terra⁸¹⁶, em 1964 Partido do Pão Cristão Científico. Com a finalidade de buscar a “divisão ordenada dos bens terrenos” que estaria no testamento do próprio Cristo⁸¹⁷, apesar dos anúncios não consta que tenha sido registrado.

O novo Papa parece se divertir com os fiéis e desconcertar os leigos com sua religião paródica e eclética, mas ela tinha outras funções práticas. Mesmo tendo adiado indefinidamente o registro de seu partido, João de Minas não deixou de mobilizar politicamente sua máquina. A primeira vez que temos notícia foi ainda durante o Estado Novo, em agosto de 1944, quando enviou, de Uberlândia, uma “Carta Pessoal pela Ordem Pública” destinada ao presidente Getúlio Vargas. Nela conta suas qualidades reconhecidas até por Washington Luís, o sucesso que fez o livro *Jantando um Defunto*, os serviços que já prestou à burocracia do Estado, e as opiniões favoráveis e contrárias a seu respeito na imprensa. Então pergunta-se “porque o governo como que me repele, quando eu poderia ser de imensa utilidade à Salvação Pública?”, e pede: “Dr. Getúlio Vargas, desejo ser útil ao seu governo, e eu aceitaria um cargo em que pudesse – nos meus setores especiais – trabalhar por seu governo”. Além dos préstimos burocráticos, a contrapartida oferecida foi sua “enorme influência popular”, que o tornava um homem de “armas morais, espadas de luz” no comando de “50.000” fanáticos seguidores. E reafirma a disposição em colocá-los a serviço do Estado:

o meu reino é deste mundo, ao lado do Governo Constituído, ao lado do maior brasileiro de toda a História do Brasil – Getúlio Vargas! / Assim diz a nossa Bíblia, no Sacramento do Santo Altar da Pátria, com a Santa Bandeira Nacional, e o Retrato do Chefe da Nação⁸¹⁸.

A solicitação não foi atendida, mas causou um interesse inicial, visto que o pedido foi encaminhado para o Governo de Minas e, daí, para o prefeito de Uberlândia, para sondar as atividades do escritor mineiro. Além de encaminhar um recorte de jornal sobre a seita, o prefeito informou que João de Minas, vindo de Tupaciguara, residia há alguns meses em hotéis de Uberlândia, sendo colaborador no jornal local “O Estado de Goiás”, onde anunciava

⁸¹⁶ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 77; Partido da Comunhão dos Bens da Terra. *A Hora*, São Paulo, 21/05/1955; MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 23; Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha da Noite*, São Paulo, 22/01/1959, Ilustrada; Cura Divina Total (propaganda). *Diário Popular* 11/05/1963.

⁸¹⁷ PENNA, José Roberto. Seita Religiosa quer fundar um sindicato. *Ultima Hora*, 28/04/1959. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863, diligência de 1951. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸¹⁸ MINAS, João de. Carta Pessoal a Getúlio Vargas. Uberlândia. 25 [ago] 1944. Arquivo Nacional. Gabinete do Presidente. BR AN,RIO 35.0.PRO.13658, folha 5.

um novo livro intitulado “Brasil Central, Brasil Mundial”. Sobre o assunto em questão, “não consta que tenha 50.000 adeptos, mesmo porque, em Uberlândia, não dispõe de qualquer relevo social”. O prefeito reporta que ele é um “orador eloquente, conquanto não tenha cultura profunda, propenso à demagogia” e conclui: “têm-se a impressão de que é mais comerciante do que místico. Pratica a religião naturalmente como meio de vida. Parece que não tem outra profissão, não se conhecendo também as suas aptidões”⁸¹⁹.

Depois da abertura política do país, ainda no Triângulo Mineiro, em 1948 o Mahatma Patiala foi disputado por udenistas e integralistas, que lhe fizeram propaganda por considerá-lo um bom cabo eleitoral⁸²⁰. Em 1951, já em São Paulo, tornou-se membro do diretório do Partido Social Progressista (PSP) da Vila Mariana, fazendo campanha pelo professor do Colégio Ipiranga e presidente do diretório, Miguel Sansigolo, e para Ademar de Barros.

Ademar de Barros, Enviado de Deus, Futuro Presidente da Republica -- Vereador Professor Miguel Sansigolo.

— Naquela noite, aniversário do Governador Ademar de Barros, S. Exa. fez na Sala Vermelha um formidável discurso, em que disse: «Voltaremos ainda ao Colégio Ipiranga!» O futuro Presidente da Republica, para suceder o Sr. Getúlio Vargas, com essas palavras queria dizer que ele nunca esquecerá o fato do Partido Social Progressista ter nascido nas salas idealistas do Colégio Ipiranga, do famoso educador Professor Miguel Sansigolo. De fato, na sua hora zero, a arrancada progressista germinou no imortal estabelecimento de ensino da Rua Vergueiro.

O Professor Miguel Sansigolo é diretor dos tradicionais Colégios Ipiranga e Minerva, e presidente fundador do P. S. P. de Vila Mariana, e vice-presidente do P. S. P. Metropolitano, ou central, e diretor na Secretaria do Estado. Como Secretario da Educação prestou serviços inestimáveis. Agora, o Professor Miguel Sansigolo é candidato a vereador de São Paulo nas próximas eleições. Sem nenhum compromisso religioso, o nosso eleitorado se levanta para auxiliar nessa eleição. Chamamos com urgência, a esta Secretaria Missionaria, todos os pastores e pastoras, e todos os Afiliados Perpetuos. Seja este documento transmitido a todos os cristãos científicos, nas nossas celulas, ou Nucleos do Sermão da Montanha, com a obediencia dos legítimos filhos de santo. Que assim seja.

E faça-se o afortunado SINAL DA LUZ, em vez do SINAL DA CRUZ. Ide, e cada qual de vós fazei a nossa invencível

CADEIA FLUIDICA DE GRAÇAS E MILAGRES, informando minuciosamente a SETE PESSOAS EM GERAL sobre esta escritura de mandamento.

São Paulo, 15 de julho de 1951, ANO 55 DO CALENDARIO DA CIENCIA DIVINA.

SECRETARIA MISSIONARIA NACIONAL, - R. Dr. Alvaro Alvim 201 - Predio Proprio - Vila Mariana - Fone 70-3788 - S. Paulo

Prospecto da Ciência Divina de 15 de julho de 1951, cujo detalhe mostra a campanha pró Ademar e Sangigolo

Além do cabeçalho com o extenso nome da religião, as três primeiras partes (blocos) do panfleto se destinam a reproduzir pensamentos da religião, vendas de toalhas dos Três Santos do Brasil e, principalmente, os nomes e endereços dos núcleos do Sermão da Montanha pelo Brasil, estratégia que o escritor mineiro usava para divulgar o seu credo. As

⁸¹⁹ Informação do Prefeito de Uberlândia ao governo de Minas. Arquivo Nacional. Gabinete do Presidente. BR AN,RIO 35.0.PRO.13658, folha 9.

⁸²⁰ Salada dos Cem Anos, na seção Opinião dos Leitores. *Diário Carioca*, 23/10/1948, p.4. A carta veio do leitor Celso Rodrigues da Cunha, de Uberaba.

fotos de Ademar e Sansigolo vêm na quarta parte, acompanhadas da louvação à fundação do PSP no Colégio Ipiranga. Abaixo, a informação da candidatura a vereador do professor e a convocação para a campanha:

Sem nenhum compromisso religioso, o nosso eleitorado se levanta para auxiliar nessa eleição. Chamamos com urgência, a esta Secretaria Missionária, todos os pastores e pastoras, e todos os Afilhados Perpétuos. Seja este documento transmitido a todos os cristãos científicos, nas nossas células, ou núcleos do Sermão da Montanha, com a obediência dos legítimos filhos de santo. Assim seja⁸²¹.

Esse tipo de panfletagem foi alvo de uma diligência do DOPS, que investigou as ligações da Igreja Brasileira Cristã Científica com o PSP, constatando que todos os adeptos da nova religião estavam inscritos no partido, concluindo que “trata-se realmente de uma nova modalidade de propaganda política e também um meio de vida do conhecido jornalista João de Minas”, que, desde 1937, residia na Rua Álvaro Alvim, 201, Vila Mariana. De lá, além das atividades partidárias, atendia seus fiéis até as 12 horas e dirigia os 147 núcleos da sua Igreja “na América”, pretendendo canonizar santos argentinos e uruguaiois⁸²². É muito provável que tivesse adeptos nesses países, tendo em vista uma informação de Linguanoto: “mais uma coisa assombrosa, que não era para ser divulgada já, mas que é muito boa para ficar de fora desta reportagem: carta de um cônsul argentino, pedindo orações para a esposa de Perón!”. Sobre o PSP, o repórter confirma a suspeita policial ao informar que “por ocasião das últimas eleições em São Paulo, João de Minas um fez apelo em favor de certo candidato a vereador e lhe deu quatro mil votos, elegendo-o”. A consciência dessa força não só levou João de Minas a pensar no registro do partido como a cogitar candidatura a deputado federal, propondo a estapafúrdia “elevação do Sermão da Montanha à categoria de Constituição Federal”⁸²³.

Nas eleições seguintes, a convocação recomendada pela sua “inspiração divina evangélica de profecias” foi para os candidatos a prefeito e vice-prefeito Lino de Matos e Wladimir de Toledo Pisa, também eleitos pelo PSP⁸²⁴. Nas eleições de 1962, votaram com José Bonifácio Nogueira para governador, que perdeu para Ademar de Barros, Laudo Natel

⁸²¹ Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863, diligência de 1951. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸²² Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863, diligência de 1951. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸²³ LINGUANOTO, Daniel. Voz de profeta soa no asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26/04/1952, p. 77-8.

⁸²⁴ Partido da Comunhão dos Bens da Terra. *A Hora*, São Paulo, 21/05/1955. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863, Arquivo do Estado de São Paulo.

(eleito vice-governador) e o jornalista Luciano Lepera. Este era visto nas igrejas da Ciência Divina e, conforme um dos pastores, também foi reeleito deputado com o apoio da nova religião⁸²⁵, apesar de não ser empossado por reais ou supostas ligações com o comunismo. Tais ligações são indícios de que a eclética religião de João de Minas tinha adquirido certa expressão, o que despertou interesses de candidatos nas eleições.

A Cura Divina Total do Pastor João de Minas

Depois da eleição, no final do ano de 1962 Luciano Lepera retribuiu o apoio incluindo a nova religião em uma verba que a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo destinava, via deputados, ao auxílio de entidades assistenciais e religiosas⁸²⁶. Mas o considerável valor de de 80.000 cruzeiros demorou a chegar ao caixa da nova religião. No ano seguinte, um pastor de nome Nelson Zanotti foi enfático ao ser perguntado pela polícia sobre suas relações com Lepera:

deseja deixar registrado que esse senhor quando deputado estadual, assinou e destinou uma verba de auxílio de expansão e difusão da religião do declarante; que, isso, o declarante apenas ouviu essa promessa por parte do mesmo, que apenas ficou no dito, pois não viu documento, assinatura e até a presente data não recebeu a importância que o mesmo disse haver dado ou doado⁸²⁷.

É interessante notar que João de Minas tentou uma segunda fonte de renda para expandir a religião pois, além das doações ou mensalidades dos fiéis, buscou auxílios públicos. Esta fonte tornou-se possível pela relação que conseguiu estabelecer com deputados eleitos na câmara estadual, ampliando sua influência para além dos vereadores. Mas Zanotti se enganou ao achar que a promessa não foi cumprida. O grande problema foi que o deputado incluiu no decreto o novo nome fantasia, Cura Divina Total, ao invés do nome oficial, Igreja Brasileira Cristã Científica. Uma retificação teve que ser feita através de uma lei proposta por outro deputado, Benedito Matarazzo, promulgada apenas em maio de 1965⁸²⁸.

⁸²⁵ Igreja Brasileira Cristã Científica. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo, folha 9.

⁸²⁶ Auxílios distribuídos pelo deputado Luciao Lepera, pela verba n. 2 – 8984, no exercício de 1962. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. Poder Executivo, n. 283, sexta, 28/12/1962, p. 81. A lei que liberou o dinheiro saiu no DOSP, Poder Executivo, Parte 1, 24/01/1963, p. 59 (cabeçalho) e 86 (Cura Divina Total).

⁸²⁷ Declaração de Nelson Zanotti, 8/7/1963, p. 2. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸²⁸ Cf. Parecer n. 2854, de 17/9/1964 sobre o projeto de lei n. 848/64 – Retificação para Igreja Brasileira Cristã Científica do Brasil, de São Paulo, a denominação da entidade beneficiada com o auxílio constante do item XXXV da relação 81 do artigo 1º da lei n. 7746 de 23 de janeiro de 1963. *DOSP*, Poder Executivo,

O engano do deputado Lepera tinha sua razão, pois a marca “Cura Divina Total” (CDT) passou a identificar a religião de João de Minas a partir de abril de 1960, como evidenciam as propagandas que passaram a ser divulgadas no *Diário Popular* de São Paulo, encontradas nesse jornal até pelo menos 1965.

CURA DIVINA TOTAL

Nova religião, de nível mundial, em fraternidade com todas as outras igrejas. Mais de 100.000 fieis, com 263 IGREJAS POBRES IMITANDO A MANGEDOURA DO NATAL DE CRISTO. — Em 7 de Setembro, aniversário do pastor cap. rev. Nelson Zanoti, 1.º Bispo de S. Paulo. De 1.º a 7 desse mês, pelo glorioso motivo, serão celebradas em corpo fluídico MIS SAS DAS ALMAS PENADAS, com exorcismos fulminadores dos ESPÍRITOS CASEIROS ENFETICADORES DE INFERNO VIVO, em qualquer parte. Todos os enfermos e sofredores, onde estiverem, se concentrem e supliquem, diariamente, das 22 horas e 33 minutos até meia noite. Curas santíssimas tem havido.

Rua Lavapés, 656 - S. Paulo - Cultos nos sábados, às 20 horas. - **Sinal da Luz! Sinal da Paz!** Aprovo, e abençôo. Pastor fundador **Dr. Ariosto Palombo**

Propaganda da Cura Divina Total no *Diário Popular*, 27/8/1960, 1º caderno, p. 15

CURA DIVINA TOTAL

DERRAMAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, CONTRA A DERRAMAÇÃO DAS FEITICARIAS DA BESTA DO APOCALIPSE DE SÃO JOÃO — EXPULSAO DAS ALMAS PENADAS CASEIRAS DE INFERNO VIVO — FULMINAÇÃO DE TODO MAL, INCARNADO E DESINCARNADO — MISSA DAS ALMAS PENADAS.

Orações para os enfermos e sofredores, em qualquer lugar, diariamente, às 21 horas, durante 33 minutos, no MISTÉRIO SUBLIME DOS ANOS TERRENOS DE CRISTO. Nessa ocasião, concentrai-vos, SI POSSIVEL EM REUNIÕES CASEIRAS. E... NÃO PREVALECERÃO CONTRA VÓS OS PODERES DOS INFERNOS!

Não falteis ao **CONGRESSO DOS CAPITÁES PEREGRINOS DA GUARDA DE DEUS**, na praça Patriarca, às 19 horas, em todo ultimo domingo mensal. Entoai o hino “VANCE FOI PRU TRABAIO CUM FOME”, na dolorosissima mensagem de SANTO PAI UMBANDA, O CRISTO NEGRO DOS TRABALHADORES. (Não confundir a UMBANDA EVANGELICA DA CIENCIA DIVINA com a UMBANDA DOS MACUMBEIROS). Rezareis o SEGUNDO PAI NOSSO DO MUNDO, o nosso unico PAI NOSSO COMUNISTA CRISTÃO CIENTIFICO. Trata-se da COMUNHÃO DOS BENS DA TERRA, ou o COMUNISMO DA BIBLIA SAGRADA, em ACTOS, caps. 2, 4 e 5, ns. respectivamente 44 a 47, 32 a 37 e 1 a 11, com a FULMINAÇÃO DOS LADROES CAPITALISTAS ANANIAS E SAFIRA. CIENCIA DIVINA é a unica religião que lançou no mundo o COMUNISMO DE CRISTO, que destruirá o COMUNISMO SOVIETICO.

OFERENDA DOS DEPUTADOS TEMPLARIOS CONGRESSISTAS, E DEPUTADAS, conforme as eleições paroquiais, pastores e pastoras, a saber: OS ROSALUZES FUNDADORES, DR. ARIOSTO PALOMBO (escritor JOÃO DE MINAS) E NARCISA PALOMBO, O GRANLUZ BISPO NELSON ZANOTI, ANGELINA ANGRISANI, IOLANDA PETRUCIELI, ANA JOAQUINA DE FARIA, ELIAS E ANTONIA CASEMIRO, ARISTIDES ORIGUELA, AMELIA BARBOSA, ADELINA CASTALDI, BENEDITA MARIA JOSÉ DA SILVA, BENEDITO BATISTA MOREIRA, FRANCISCO E HOSANA GASPAROTO, FRANCISCO ALMEIDA ROSA, GERTRUDES GONÇALVES BARBOSA, JOAQUIM PEREIRA DA SILVA, JOSÉ WALDER FILHO, JOSÉ E CESARINA BUENO, MARTA ERNA GRIESBACH, SILVINO TEODORO DA SILVA, MARIA ROSARIA E SENHORITA MARIA PILAR DA SILVA, MARIA FERNANDES, diaconos MANUEL DOMINGOS UGIDO RINCON, JOAO BATISTA DENARDI, MATIAS PEREIRA DA MOTA, PEDRO SAVOIA, diaconas ANTONIETA BARBOSA, RITA DA CONCEIÇÃO DE JESUS, OLÍDIA BATISTA DOS SANTOS. — SINAL DA LUZ! — SEM RELIGIAO NÃO HA CIVILIZAÇÃO. — SINAL DA PAZ! — “IGREJA POBRE IMITANDO A MANGEDOURA DO NATAL DE JESUS”, central, à rua Lavapés, n.º 656, com CULTO AOS SABADOS, às 20 horas, e que ATENDE A TODAS AS CARTAS, COM SELO PARA RESPOSTA.

Propaganda da Cura Divina Total no *Diário Popular*, 18/11/1961

O chamariz principal continua sendo a promessa de remediar imediatamente um mal bastante concreto, a cura das doenças, prometida de forma milagrosa pela concentração e súplica mentalizando a nova religião cristã, visando a solução dos problemas terrenos através da interferência no mundo do além, como evidencia o próprio nome da igreja “Cura Divina Total”. As batalhas no além são consideradas a causa dos problemas, motivo pelo qual se oferece também a proteção espiritual, destacada em caixa alta, através do serviço da missa das almas penadas e com a promessa de acabar com as forças invisíveis do mal, como indica as “derramações”, “fulminações”, “expulsões”, “exorcismos”. São exploradas constantemente as oposições maniqueístas: Espírito Santo – Besta do Apocalipse, evangélico – macumbeiros, comunismo Cristo – comunismo soviético, bem – mal; igreja – almas fulminadoras. O tom é sempre apelativo, não só pela força aberrante das imagens utilizadas (“inferno vivo”) como pelo constante uso da exclamação e do superlativo.

Uma das propagandas passa a ressaltar que os elementos não cristãos da religião serão lidos segundo uma perspectiva cristã. Assim, as referências umbandistas da religião são retomadas para criar uma “Umbanda Evangélica”, completamente diferente da “Umbanda dos Macumbeiros” ou de São Cipriano; ou então o “Comunismo de Cristo”, criado a partir de citações da Bíblia (Atos dos Apóstolos), vem substituir o comunismo soviético. Ao lado das romarias aos túmulos dos santos nacionais, que continuam acontecendo, vão ser criadas novas reuniões de fieis, denominadas “Congresso dos Capitães Peregrinos da Guarda de Deus”, realizados nas praças públicas da cidade, a principal delas ocorrendo todo último domingo do mês às 19 horas na Praça Patriarca, em São Paulo. Apesar da persistência e contínua mobilização dos traços religiosos do catolicismo, umbanda, espiritismo, nacionalismo e comunismo, a nova referência parece ser o protestantismo pentecostalista.

Presente no Brasil desde meados do século XIX, é justamente nos anos 1950 e 60 que o protestantismo conheceu sua primeira popularização, com a expansão da segunda onda pentecostalista ou pentecostalismo neoclássico. Financiados pela instituições estadunidense Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, chegaram ao país dois missionários ex atores de filmes de faroeste, Harold Williams e Raymond Boatright, que deram início ao movimento proselitista da Cruzada Nacional de Evangelização (São Paulo, 1953-4) e fundação da versão brasileira da Igreja do Evangelho Quadrangular (1951). A iniciativa fez surgir outras denominações como Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962), as quais,

junto da Quadrangular, tiveram em São Paulo um dos mais importantes campos de conversão numa época de migração, êxodo rural e crescimento urbano desordenado, angariando muitos adeptos nas classes mais baixas e nas periferias da metrópole.

Como todas as igrejas pentecostais, essas denominações também se fundavam no batismo, profissão de fé na salvação de Cristo e na manifestação do “falar em línguas”, glossolalia. Mas, ao contrário das denominações clássicas como Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus, que chegaram ao país no início dos anos 1910, as pentecostais da segunda onda tiveram atuação proselitista mais agressiva. Inovaram na utilização dos meios de comunicação de massa como rádios; a reunião dos fiéis em locais e eventos de grande concentração como praças (no interior das tendas), ginásios, estádios, teatros e cinema; a ausência de uma hierarquia sacerdotal, colocando a intermediação com o sagrado sob responsabilidade dos fiéis; e na mensagem de “cura divina” para os males do corpo e do espírito, através dos rituais de imposição das mãos e, dentro da cura espiritual, a expulsão dos demônios. Ao dialogar com os anseios e concepções mágico-religiosas dos migrantes dos meios rurais, a promessa de cura divina atraiu tantos fiéis a ponto de identificar essas igrejas⁸²⁹.

A expansão pentecostal não passou despercebida por João de Minas, que já em fins dos anos 50 havia incorporado o culto da “imposição das mãos”, as promessas de cura divina e a reunião de fiéis em praças públicas. No início dos anos 60 ocorreu a mudança do título do fundador, que se tornou “Pastor” ou “Reverendo”, e do próprio nome da nova religião para Cura Divina Total. Essas mudanças são acompanhadas por extensa propaganda da nova denominação em jornais populares como o *Diário Popular* (São Paulo). Nas propagandas, há a introdução das abundantes referências bíblicas à besta do Apocalipse de São João, inferno vivo, os 33 anos de Cristo, espírito santo, Pai Nosso, Manjedoura do Natal de Cristo, e o episódio de Ananias e Safira narrado em Atos dos Apóstolos, punidos por tentarem desviar o dinheiro de uma oferta. Em propagandas posteriores, é possível ver referências a romarias a Jerusalém, espada viva de Cristo, profecias, e a menção a personagens do evangelho como

⁸²⁹ MONTES, 1998, pp. 82-84; MACEDO, 2007, cap. 4; MENDONÇA, 2005, p. 48-67; MENDONÇA, 2002, pp. 46-55 (pentecostalismo). Este autor estabelece a distinção entre Igrejas Pentecostais, estáveis, com lideranças burocráticas e corpo de doutrinas delineados, das agências de cura divina, empreendimentos locais sem estabilidade e doutrina fixa, prestando serviço de cura mediante contribuição do fiel. Fariam parte da primeira as denominações clássicas e a Igreja do Evangelho Quadrangular e O Brasil para Cristo. Da última, entre muitas outras, a Igreja Deus é Amor.

Maria de Magdala, João Batista, Arcanjo Miguel, Satanás, Herodes, Pilatos, Anás, Caifás, Judas Iscariotes. Portanto, a Bíblia Sagrada ganha mais autoridade religiosa ao lado da Bíblia da Ciência Divina.

A forma de certificar e dar concretude à “nova religião” era divulgar os dados, verdadeiros ou não, como 100.000 fieis em todo o país e 263 igrejas (a cada anúncio o número aumenta), atuação mundial (há depoimentos sobre a existência de adeptos nos Estados Unidos), legalização em 1940, programas na Rádio Difusora ou Rádio América, eventos em locais públicos como os já citados congressos e romarias. Além disso, havia a comunicação com os crentes, nas quais se indicavam o nome dos bispos de novas igrejas, o que dava ideia de uma religião em expansão, divulgando ao mesmo tempo os endereços, locais e horários de cultos. Também se mencionavam os feitos ou fatos ligados à vida dos sacerdotes, como os milagres de curas, a visita de João de Minas em “corpo astral” aos fieis, as oferendas e doações à Igreja, as celebrações de Missas das Almas Penadas, o aniversário de um pastor e outros eventos. Assim, as propagandas também tinham a função de boletins da Cura Divina Total.

Outra via de concretizar a religião através das propagandas era utilizar as referências cristãs e cristãs-científicas da Cura Divina Total para abordar acontecimentos noticiados pela imprensa. Foi divulgado que o filme “O Pagador de Promessas” foi inspirado no primeiro volume da Bíblia da Ciência Divina; a fala de Pio XII sobre o Santo Sepulcro de Jerusalém teria sido precedida por Ariosto Palombo; o apelo pela substituição do latim nas missas católicas por ocasião do Concílio Vaticano II teria sido uma ideia de João de Minas (que defendia o uso do galileu); o alerta contra as mistificações de Chico Xavier antes da bombástica reportagem de *O Cruzeiro* de janeiro de 1964 sobre as materializações de Uberaba; e, neste ano, a queda de João Goulart pelo golpe militar foi atribuída ao “decreto de fulminação” lançado um ano antes pelo escritor mineiro. Tudo de bombástico divulgado pela imprensa é relacionado a mensagens anteriormente publicadas ou a trechos da nova bíblia.

Ao crente ou possível fiel ficaria ressaltado o poder profético de Ariosto, capaz de prever e poderosamente influir nos acontecimentos do mundo, inspirado pelo “Espírito da Espada Viva de Cristo da Bíblia Sagrada, com o Presente, Passado e Futuro”. Além desse poder, ele se atribui vários outros, como a mediunidade capaz de receber Jesus Cristo, o Arcanjo Miguel etc; capacidade de visitar os fiéis “em corpo fluídico”, através do qual

poderia passar mensagens, ministrar cursos, expulsar as almas penadas; e, até mesmo, curar, como aparece na capa da separata da 3o volume da sua Bíblia “Ariosto lo dá a benção a enfermos e soffredores, e faz curas milagrosas”⁸³⁰. Como credenciais, além de pastor e reverendo, acrescenta “Rosaluz”, paródia de Rosacruz, informando também ser o único mahatma das Américas, monge do santuário da Estrela Violeta, no Himalaia. Não apenas suas qualidades sobrenaturais e credenciais são ressaltadas, mas também as terrenas, sempre destacando o próprio nome ou pseudônimo: “pastor fundador ARIOSTO PALOMBO, escritor JOÃO de MINAS, antigo pugilista, com quase oitenta anos e em plena forma”; “antigo advogado criminal, escritor e pugilista, o pastor ARIOSTO PALOMBO (João de Minas), é bom de enxada”, ou ainda “(...) nunca comeu cadáveres (carne), nem bebeu leite”.

O cume dessa escalada de autopromoção foi se incluir, em meados dos anos 1960, como um santo da sua própria religião, a qual teve o ano 1 alterado de 1939 para 1896, quando nasceu⁸³¹. Já na Bíblia de 1957 a Igreja Matriz de Ouro Preto havia sido incluída entre os sete lugares sagrados de romarias do país por ter sido onde teria realizado inúmeros milagres, acontecendo o mesmo com a casa onde nasceu⁸³². Em 1963, é noticiado para toda a comunidade de fiéis que o capitão de Belo Horizonte “visitou a mansão milagrosa de OURO PRETO, onde nasceu o fundador Ariosto. E foi empolgado por CELESTIAIS EMOÇÕES”⁸³³. Daí adveio a ideia de, anos depois, de erigir uma estátua “ao maior filho de Ouro Preto, o Santo Padre Ariosto Palombo” na praça onde se localiza a mansão onde nasceu. O fato de essa iniciativa ser empreendida pelo “Exército Mundial da Guarda de Cristo” chamou a atenção do DOPS mineiro e carioca entre fins de 1967 e meados de 1968. A polícia mineira não descobriu nada de concreto, apenas ouviu outro testemunho anedótico sobre o escritor mineiro e sua fantástica autobiografia ao tomarem o depoimento da esposa de um professor da Escola de Farmácia de Ouro Preto, que residia na mansão. O objetivo da tentativa megalomaniaca era impressionar o ouvinte com seu prestígio pessoal, religioso ou literário e, com isso, ganhar um importante fiel residente em um dos locais sagrados do novo culto:

Ariosto esteve, há dois anos, na casa onde nasceu e, após ter se elogiado muito (admirando que os da família de Jair Pena não o conhecessem como figura de projeção nos meios literários???) disse ser Ariosto Palombo,

⁸³⁰ CORREIA, 2003, p. 205.

⁸³¹ Romaria ao túmulo do Santo Mártir João Relojoeiro. *O Triângulo*, Uberlândia, 3/3/1966. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸³² MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana, 1957, p. 45.

⁸³³ Cf. *Diário Popular*, 18/5/1963.

também conhecido como João de Minas, e pediu aos donos da casa para percorrê-la, o que fez, rezando sempre, utilizando-se de um livro de orações. / Afirmou que naquela casa, muitos anos atrás, ele havia revidado ao ataque e matado uma onça, que lá apareceu.”⁸³⁴.

Se João de Minas se considerava o centro do universo da sua religião, também procurava promover outros sacerdotes. Nos anos 1960, o principal foi o Nelson Zanotti, o jovem cuja foto aparece nas duas propagandas acima. A tentativa de promovê-lo ocorreu porque Ariosto fez dele o seu secretário. Por indicação da avó, Nelson entrou para a Ciência Divina aos 27 anos em 1958, já na condição de bispo da Igreja Pobre Imitando a Manjedoura de Jesus, localizada nos fundos da sua residência alugada no Cambuci, rua Lavapés, 656, onde morava com a mãe. Nessa mesma época, João de Minas foi morar em Macaé, Rio de Janeiro. Zanotti então foi sagrado Arqui-bispo. Daí por diante, até sua saída da Igreja em 1968, era ele quem distribuía exemplares da Bíblia para venda nas bancas de jornais do centro da cidade, dava entrevistas para os jornais, organizava as romarias e cultos públicos vestido de capitão da guarda de Cristo, estabelecia contatos com as autoridades, sempre em constante comunicação com o escritor mineiro. Além disso, responsável pelas atividades no Estado de São Paulo e de Minas, tornou-se uma importante ligação entre as igrejas da capital, do interior paulista e do Triângulo Mineiro, organizando as romarias para o túmulo de Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento a partir de 1960, e ministrando cursos periodicamente em Uberlândia a partir de 1965.

Provavelmente a primeira visita a Uberlândia ocorreu em 8 de maio, quando Zanotti acompanhou os dois principais bispos locais, Maria Vitalina Pereira⁸³⁵ e Sebastião Demétrio, à redação do jornal *Correio de Uberlândia*, onde explicaram aos redatores sobre sua nova religião⁸³⁶. Em 18 de maio, outra nota saiu no jornal *O Triângulo*, informando sobre dois cultos realizados nas casas de Vitalina e Sebastião e, devido à aceitação que julgou encontrar, Nelson “prometeu retornar à nossa cidade, para novas mensagens divinas, através de suas

⁸³⁴ A iniciativa caberia, em Ouro Preto, a José Correia Maia Filho. Cf. Arquivo Público Mineiro, DOPS, Pasta 4014, rolo 50, n. 113/68 - jun. 1968 – Informações sobre Ariosto Palombo, p. 43 (citação); ATUAÇÃO do Exército Mundial da Polícia de Cristo na Guanabara. Setor Comunismo, Pasta 86, fls 16-20 do Fundo Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Dados referentes a novembro de 1967.

⁸³⁵ Ela pertencia à Cura Divina Total pelo menos desde 1963. Cf. *Diário Popular*, São Paulo, 11/5/1963. “O ROSÁRIO DE ESPADAS DE LUZ, do 2º vol. Da BÍBLIA DA CDT, fulmina os monstros fluidicos das feitiçarias, testemunha a sagrada diácona de UBERLÂNDIA, sra. MARIA VITALINA PEREIRA, rua MIRAPORANGA, 900”.

⁸³⁶ Seção Trapezio. *Correio de Uberlândia*. 9-10/5/1965. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

férvidas orações”⁸³⁷. O retorno de Zanotti à casa de Vitalina aconteceu em outubro do mesmo ano, para ministrar um “curso sobre o Cristo Negro da Vida”⁸³⁸. Retornou em dezembro para visitar o túmulo de João Relojoeiro, no início de janeiro do ano seguinte para exhibir filmes em uma das novas igrejas e em março para uma romaria ao túmulo do Relojoeiro⁸³⁹.

Dessas, a mais marcante foi uma visita que ele fez por conta da santidade de João Relojoeiro. Este era o apelido de João Luiz Fagundes (1927-1956), um relojoeiro ambulante que, em 1956, foi injustamente acusado de assaltar uma joalheria pertencente ao membro de uma das famílias mais poderosas de Uberlândia, os Testa. Preso pela polícia, sem indicar o paradeiro do roubo, João foi barbaramente torturado na cadeia e em uma fazenda, onde veio a falecer por conta dos ferimentos. O caso veio a público, ganhou os jornais do país e as ruas de Uberlândia, transformando os policiais e membros da família Testa em réus de um processo do qual foram absolvidos, sendo condenados apenas dois policiais. Daí,

com a morte de João Relojoeiro, a população local passou a atribuir-lhe feitos milagrosos. No cemitério São Paulo, onde fora enterrado, formavam-se filas e filas de pessoas que vinham depositar-lhe flores, velas, água e comida para aquele que padeceu em vida de tais privações. Ainda hoje a procura por seu túmulo é grande. Pessoas que lhe são devotas oram e depositam oferendas em agradecimento as graças alcançadas em seu nome, funcionando como um intercessor dos aflitos junto a Deus⁸⁴⁰.

Segundo depoimentos colhidos por Iara Toscano Correia, a tentativa de institucionalizar essa devoção aconteceu no início dos anos 1960. Residente em um dos bairros pobres de Uberlândia, a família do falecido relojoeiro foi procurada por Aristóteles Aires dos Santos, Ciro Saraiva (gerente da Riachuelo) e um tal Jerônimo (funcionário do INPS) e, após estreitarem os laços de amizade, fundaram o Centro Espírita Santo Mártir João Relojoeiro, erigido em um barracão no terreno de João Dias, pai de Maria Augusta, mulher do santo falecido. As seções passaram a se realizar às segundas, quartas e sextas, vindo muita gente de Uberlândia e mesmo de outros lugares para leitura das mensagens e incorporação de espíritos, entre os quais de Relojoeiro.

⁸³⁷ Esteve em Uberlândia. *O Triângulo*. Uberlândia, 18/5/1965. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸³⁸ Pastor Zanote em Cidade Jardim. [*?O Triângulo*]. Uberlândia, [12/10/1965]. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo. Nesta ocasião, Juvercina Santos também se sagrou pastora, tornando-se diáconos Ciro Saraiva e Manoel Rodrigues.

⁸³⁹ Nelson Zanotti em Uberlândia. *O Triângulo*. Uberlândia, 4/1/1966. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁴⁰ CORREIA, 2003, p. 13. Detalhes da vida de João Luiz Fagundes e do processo podem ser lidos nas partes 1 e 2 desta dissertação.

Com as indicações e hipóteses de Iara Correia, acreditamos também que esse centro passou a ser uma filial da Cura Divina Total pois, além das referências a Ariosto Palombo nas memórias, nas sessões havia mistura de elementos do espiritismo e do catolicismo, o uso de medalhas e outros adereços, recolhia-se donativos para as atividades do centro e para a construção do túmulo e do templo, a Bíblia da CDT era vendida no centro, as mensagens dessa Bíblia eram lidas nas sessões, e havia panfletos com imagens dos santos da CDT nas paredes⁸⁴¹. Pelas indicações dos jornais, é provável que essa incorporação tenha ocorrido entre outubro de 1965 e março de 1966, pois o nome de Ciro Saraiva figura como diácono na notícia de outubro (não aparece antes) e pastor na de março, na qual aparece pela primeira vez o nome de Aristóteles, que não constava nas notas anteriores⁸⁴². O que reforça a hipótese é que a incorporação do centro à CDT coincide com a visita de Zanotti ao túmulo:

Em dezembro [de 1965], o Pastor Nelson esteve em Uberlândia e visitou o túmulo de João Relojoeiro, recebendo na ocasião manifestação de Eurípedes Barsanulfo. / Já contava com várias curas comprovadas feitas por intermédio do Santo Mártir João Relojoeiro e com aquela manifestação, resolveu levar ao conhecimento do Pastor Ariosto, Papa desta denominação no Brasil, recebendo este de Eurípedes Barsanulfo ordenação para que fosse, não só canonizado o Santo, como promover uma romaria a se realizar na data natalícia de João Relojoeiro, hoje 3 de março⁸⁴³.

Esta romaria foi precedida pelo seguinte panfleto:

Panfleto convidando para romaria ao túmulo de João Relojoeiro⁸⁴⁴.

⁸⁴¹ CORREIA, 2003, p. 206-218.

⁸⁴² Romaria ao túmulo do Santo Mártir João Relojoeiro. *O Triângulo*, Uberlândia, 3/3/1966; Pastor Zanotti em Cidade Jardim. [*O Triângulo*]. Uberlândia, [12/10/1965].

⁸⁴³ Romaria ao túmulo do Santo Mártir João Relojoeiro. *O Triângulo*, Uberlândia, 3/3/1966.

⁸⁴⁴ Diligência de 1972. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

A romaria seria oficiada por Nelson Zanotti dentro dos rituais prescritos pela Bíblia da CDT, com os fiéis se reunindo na frente do cemitério, e seguindo cantando até o túmulo sagrado. Eram esperados não apenas os fiéis, mas “todos aqueles que sentiram na carne os sofrimentos por que passou João Relojoeiro, quando de sua morte”⁸⁴⁵. Pelo depoimento da esposa da Maria Augusta, essa romaria teve o efeito esperado, avultando o número de pessoas e doações:

eu lembro duma sacolinha amarela, que eles fêiz, verde, que eles fêiz (...) é ele lia uma bíblia, assim, muito grande (...) teve uma procissão lá do cemitério, muita gente. Mas, era muita gente que chamou a atenção de Uberlândia. Nós descemo, papai, nós tudo junto, eles vendeno esses negócio aí... vendeu tudo, para poder tirar dinheiro⁸⁴⁶.

A grande frequência ao centro e à romaria motivou a continuação do investimento na imagem do relojoeiro. Apesar de receber críticas pela colaboração com pessoas que usavam a imagem de Relojoeiro para arrecadar dinheiro, João Dias foi convencido a vender o terreno para a Cura Divina Total erguer um grandioso templo. A transferência só não foi concretizada pela intervenção de uma das filhas⁸⁴⁷. Mesmo assim, a figura do Relojoeiro foi incluída entre “santos milagrosos do Brasil canonizados pela Cura Divina Total”⁸⁴⁸, como mostra um panfleto divulgado no fim do ano de 1966 no centro espírita, pendurado como amuleto na parede. Um deles ainda no início dos anos 2000 era orgulhosamente guardado por um dos frequentadores do Centro, Jofre Dermopes⁸⁴⁹.

⁸⁴⁵ Nessa época, junto de Barsanulfo, Padre Cícero, Antoninho Marmo, Ariosto Palombo e João Relojoeiro, compunham o panteão Tiradentes, Aleijadinho e Galileu Galilei. Cf. Romaria ao túmulo do Santo Mártir João Relojoeiro. *O Triângulo*, Uberlândia, 3/3/1966. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁴⁶ Citado em: CORREIA, 2003, p. 208.

⁸⁴⁷ CORREIA, 2003, p. 208.

⁸⁴⁸ Nessa época, junto de Barsanulfo, Padre Cícero, Antoninho Marmo, Ariosto Palombo e João Relojoeiro, compunham o panteão Tiradentes, Aleijadinho e Galileu Galilei. Cf. Romaria ao túmulo do Santo Mártir João Relojoeiro. *O Triângulo*, Uberlândia, 3/3/1966.

⁸⁴⁹ CORREIA, 2003, p. 206-218.

Panfleto com a imagem de João Relojoeiro, datado de 16/12/1966⁸⁵⁰

A parceria da família do santo e de Aristóteles provavelmente durou até início dos anos 1970, quando as desavenças e desconfiças sobre as intenções do dirigente fizeram com que João Dias e suas filhas se afastassem do centro e do espiritismo, levando à cessação a promoção a essa forma de culto do Relojoeiro. Iara Toscano, que estudou o culto a esse santo desde seu surgimento até a atualidade, dimensiona o papel do centro espírita e da Cura Divina Total na permanência do imaginário da santidade:

Acreditamos que o Centro Espírita Santo Mártir João Relojoeiro, colaborou em um determinado tempo para a divulgação da santidade de João Relojoeiro, mas ele não contribuiu de forma significativa para a permanência desse imaginário. Todas as pessoas que entrevistamos, excetuando a família Dias e o senhor Jofre Dermópes, nenhum outro devoto tinha ouvido falar nesse centro, e não participou de nenhum culto que envolvesse o espírito de

⁸⁵⁰ CORREIA, 2003, p. 202.

João Relojoeiro. O que nos leva a crer, nesse caso, que a memória coletiva, com histórias contadas de um para o outro, de geração após geração, foram muito mais eficazes do que os panfletos e os cartazes de divulgação dos seus milagres⁸⁵¹.

Do ponto de vista da Cura Divina Total, o episódio em torno de João Relojoeiro traz elementos que evidenciam o modo de atuação da igreja nos anos 1960. Centralizado na figura de João de Minas, a expansão ocorria pela fundação de um núcleo que operava na casa dos pastores como a de Maria Vitalina, ou integração de um centro já existente como aquele dirigido por Aristóteles, mantendo-se a comunicação por via postal. Nesse sentido, segue o padrão de períodos anteriores. A novidade é que, na medida que fossem sendo abertos em cidades de porte médio como Uberlândia, os núcleos poderiam receber visitas de uma figura criada nessa década, a do pastor Arqui-Bispo (como Zanotti), encarregado da supervisão regional, da capacitação dos pastores nos ritos, de realizar as principais cerimônias públicas como romarias e de detectar oportunidades para a Igreja, como a canonização do santo de Uberlândia. Esse trabalho pastoral também era divulgado pela imprensa local, ampliando a visibilidade da seita.

O prestígio do Relojoeiro foi incorporado pela iniciativa de um intermediário, Ciro Saraiva, que fez a ponte entre o centro espírita de Aristóteles e os núcleos da ciência Divina. Foi após a filiação de Ciro como diácono e depois como pastor que Nelson Zanotti se atentou para o santo de Uberlândia, na visita de fins de 1965. A velocidade foi um fator decisivo para este “processo” de canonização, pois em 21 de fevereiro de 1966 o panfleto já estava confeccionado e pronto para distribuição, visando aproveitar o nascimento do santo para uma romaria a seu túmulo, o que lhes deu mais visibilidade pública na cidade.

Como aconteceu com os santos canonizados na década de 1940, os elementos da devoção popular foram relidos à luz das concepções da Cura Divina Total. No panfleto de fevereiro de 1966, aparecem todos os mecanismos pela qual a CDT se dirigia aos fiéis. Mais uma vez, a ordem de canonização veio de uma fonte “divina”, não por acaso um santo da região, Eurípedes Barsanulfo, que teria se manifestado aos representantes e principais intermediários entre os fiéis e o sagrado, João de Minas e Nelson Zanotti. Além dos fiéis, o número de destinatários é ampliado para o povo de Uberlândia em geral, chamados de “crentes” e “descrentes”, em especial aqueles que eram devotos da nascente santificação

⁸⁵¹ CORREIA, 2003, p. 209.

como “enfermos, sofredores, desamparados, desenganados e enganados”. À derrição no convite seguem as promessas de alívio das dores físicas (principal graça de Relojoeiro) e fulminação do mal encarnado e desencarnado, fórmula dos panfletos do escritor mineiro.

Além disso, uma analogia anacrônica busca fisgar o espectador ao relacionar o caso do santo de Uberaba com outra personalidade mundial perseguida, Galileu Galilei, igualmente transformado em santo. O processo de construção de Panteão é mais explícito no panfleto confeccionado em dezembro, onde a imagem do Relojoeiro morto aparece ao lado dos três santos do Brasil. Como lembra Iara Correia, “na residência de João Dias, excetuando as crianças que já estavam em idade escolar, nenhum outro sabia ler ou escrever, de forma que esses panfletos não significavam tanto pela mensagem que neles vinham impressa, mas, muito mais pela imagem que representavam”⁸⁵². Isso se reforçava pela diretriz, seguida à risca, de emoldurar três cartazes e afixá-los “bem visíveis” na parede, para a obtenção do “sabaiá” e da “força viva” para a fulminação do mal, efeito taumatúrgico e apotropaico adquiridos pela suposta consagração do original nos santos sepulcros de Jerusalém.

A promoção de Zanotti por João de Minas não foi apenas religiosa, mas política. Em 1963, ao lado das intenções de registro do Partido da Comunhão dos Bens da Terra, Nelson pretendia lançar sua candidatura a vereador, flertando com o Partido Libertador e com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mas não temos notícia se foi eleito ou não. A divulgação foi feita através dos volantes abaixo:

⁸⁵² CORREIA, 2003, p. 209.

Panfletos da Cura Divina Total, março de 1963

O primeiro panfleto mostra que a agressiva campanha novamente direcionou para a política os sentimentos religiosos dos fiéis da Cura Divina Total e também dos desconhecidos. Além de política, também era uma campanha religiosa, visando angariar fiéis, como mostra o endereço do culto e o serviço de expulsão das almas penadas. Já a segunda, com uma ortografia própria criada por João de Minas, destina-se à classe pobre e trabalhadora. Atuando primordialmente no nível dos medos políticos e indignações sociais, com um discurso ofensivo contra os ricos estadistas brasileiros, cuja ação “ladrocrática” levariam derrocada da democracia e instalação do comunismo soviético no país. Contra isto bradam os candidatos do novo partido, dizendo-se diferentes dos estadistas enriquecidos, propondo-se a imitar o Cristo ao pedir voto ao eleitor, transpondo para a política modelos religiosos. O padrão continuou na eleição de 1965, quando João de Minas e Zanotti não saíram candidatos, mas apoiaram Auro de Moura Andrade e Manuel Figueiredo Ferraz para as eleições para prefeito e vice de São Paulo, que atenderam a uma oferta estampada em uma das propagandas: “temos alguns milhares de votos a um candidato roge a prefeito”⁸⁵³.

O retorno que o “manifesto” de três de março de 1963 deu aos candidatos foi chamar a atenção da polícia, desta vez pelo seu caráter supostamente subversivo e pelas suspeitas de

⁸⁵³ Cf. *Diário Popular*, 13/2/1965. O apoio a Auro e Manuel Ferraz foi anunciado um mês depois: “Afim, com 8987 títulos eleitorais em caixa, suplicamos à cristandade cientista: VOTE CEGAMENTE EM AURO DE MOURA ANDRADE E MANUEL FIGUEIREDO FERRAZ!”, Cf. *Diário Popular*, 13/3/1965.

comunismo. Foi notado o tom alarmista, afirmando que “em dois ou três anos a Rússia se apossará do Brasil” e se propondo a fundar um “Partido Cristão Científico da Comunhão dos Bens da Terra”, pregando o “Comunismo de Cristo”. Os investigadores marcaram os nomes que assinam o documento, grifaram a expressão “chicote russo” e o pedido ao leitor para levar parentes e amigos à sede da Igreja em São Paulo.

Entre 10 de junho e 26 de julho de 1963 ocorreu uma investigação sob direção do DOPS, levantando-se os antecedentes dos líderes e sua ligação com partidos ou organizações políticas. Nas duas vezes que estiveram na rua Lavapés, os agentes colheram as informações que eram de conhecimento público⁸⁵⁴. Na segunda vez, ao sondar a vizinhança, a única informação útil extraída foi que ela notava um aumento no movimento no horário do culto, escrito em uma placa no portão de acesso do sobrado. Ao retornarem aos sábados e domingos, observaram que a “frequência era mínima, pois havia apenas umas 10 ou 15 pessoas que após tomarem a 'benção' se retiravam”⁸⁵⁵.

Além do material de propaganda coletado, os nomes publicados nas propagandas do Diário Popular e em prospectos da Igreja foram chamados ao DOPS para dar explicações sobre o panfleto e as atividades da religião. Compareceram à delegacia o bispo Nelson Zanotti, sua mãe Angelina Angresani, Pedro Savóia, Marta Griesbach, Amélia Barbosa e Joaquim Pereira da Silva. Provavelmente respondendo a um questionário padronizado⁸⁵⁶, os depoimentos bastante semelhantes não chamaram a atenção dos policiais. Apesar dos indícios de que a religião servia a fins políticos e tinha relações com pessoas comunistas ou subversivas, como Luciano Lepera, a conclusão apontou que “essa nova religião não contraria os bons costumes nem põe em perigo a ordem política e social do Estado”, apenas notando

⁸⁵⁴ Qualquer um poderia se filiar à Igreja, sem restrições políticas ou religiosas, devendo contribuir mensalmente para manutenção da igreja e do pastor; que havia várias delas na capital paulistana e um total de 275 no país, todas subordinadas a Ariosto Palombo, que poderia dar mais esclarecimentos; os cultos eram realizados todo domingo às 16 horas; a única personalidade política que frequentou o templo foi Luciano Lepera.

⁸⁵⁵ Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Diligência de 1963. Arquivo do Estado de São Paulo, p. 10.

⁸⁵⁶ A religião não possui conexões com partidos ou ideologias políticas, comunistas ou estrangeiras, sendo favoráveis ao regime nacional de governo; advogam o comunismo de Cristo, sendo contrários ao comunismo castrista ou soviético; pretendem fundar um partido, o Partido Cristão Comunista da Comunhão dos Bens da Terra; a sede da religião legalizada, que nada tem a ver com o Catolicismo, fica em Macaé-RJ, sob responsabilidade de Ariosto Palombo, que imprimiu o panfleto que ocasionou a investigação; o sentido das palavras no panfleto é alertar ao povo e o governo sobre os problemas nacionais, que podem ocasionar infiltração estrangeira; que a frequência ao culto é gratuita, mas cobram para realização das cerimônias religiosas como a missa das almas penadas.

que “o candidato na sua curiosa propaganda, utiliza-se da religião para obter penetração no meio das pessoas incultas”⁸⁵⁷.

De todos, o depoimento de Angelina Angresani é o mais detalhado e permeado por aspectos doutrinários, indícios do envolvimento emocional com a seita. Não apenas diz ao policial que “sua igreja prega que a ciência seja religião e a religião seja ciência”, como a exposição das finalidades do partido que pretende fundar se torna uma verdadeira pregação:

a finalidade é tão somente praticar os ensinamentos de Cristo e seguir sua palavra, numa causa elevada a todos os brasileiros em geral em futuramente, construir para si um regime de prosperidade, irmanado com a religião, tornado todos os brasileiros filhos de Cristo, prósperos e ricos, tanto materialmente como espiritualmente, no verdadeiro Cristo; que por conseguinte é a declarante contra o comunismo, seja Russo ou de nacionalidade qualquer, desde que tolha a liberdade de quem quer que seja, de qualquer cidadão, pois aos olhos de Cristo, não há povo, todos são irmãos, não há raças, nem cor de pele e todos são filhos de Deus, o Cristo que veio ao mundo para repartir a todos o seu reino, seus poderes; por conseguinte a declarante (...) se admite um Comunismo de Cristo, pregado pela Bíblia e não pelos ateus da Rússia (...) ⁸⁵⁸

Também é Angelina quem mais descreve o culto. Na sala do “templo”, há um pedestal pequeno com imagens que são adoradas pelos fiéis em oração, além de uma mesa ao centro do barracão onde todos rezam, cada qual portando nas mãos a sua bíblia, em cujos exemplares fornecidos à polícia pelo arquiépisco Nelson o delegado poderia “constatar os nobres sentimentos de sua seita religiosa”. Ela diz que a maior frequência à Igreja ocorre nas “Missas das Almas Penadas”, quando as pessoas vão ao local para rezar por essas almas. Esse é um ponto sensível do depoimento, pois é a parte do culto cobrada do fiel. Para dirimir as dúvidas sobre a honestidade da Igreja, afastando a ideia que visa lucros, Angelina prossegue:

quando há missas em intenção das almas, que, fiéis mandam rezar, é cobrado as vinte e uma espadas de luz e a defumação de ouro incenso e mirra, pela missa pagam a importância de hum mil e setecentos cruzeiros e que as velas são após usada [sic], restituídas ao fiel, que as pode levar para suas casas, visto que as mesmas são adquiridas no templo pelo fiel, pois as mesmas são compradas por um dos pastores da mesma, na Loja da China e que se tratam de velas de cera e não velas de sebo; que o preço da missa nunca varia, desde que não haja aumento das velas “espadas” devido a que um quilo ou seja vinte e uma vela [sic] custam na Loja da China a importância de dois mil cruzeiros e aumentando o número de velas acesas, é lógico que não poderão

⁸⁵⁷ Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Diligência de 1963. Arquivo do Estado de São Paulo, folha 49.

⁸⁵⁸ Declaração de Angelina Angresani, 8/7/1963, p. 3-4. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

rezar essa missa, aumentando o número de velas, pela importância de um mil e setecentos cruzeiros; que, quando os pastores rezam missas, têm a sua comissão ou salário e que quando os fiéis, acendem velas há comissão; que essas velas são pintadas bem como a condução que gasta no transporte do que se incumbe de ir buscar ⁸⁵⁹.

Ambos os trechos mostram que os ensinamentos e prescrições da Bíblia de João de Minas eram incorporados e seguidos à risca pelos pastores, a ponto de suas minúcias serem reproduzidas de memória para a polícia, como acontece com a produção das “Três Espadas de Luz” ou a concepção do Comunismo de Cristo. A palavra Cristo aliás é seis vezes repetida no trecho, sempre no sentido de ser uma referência para a vida atual de Angelina, principalmente a política, que não é vista como uma esfera separada da religião, que parece permear toda a vida cotidiana e a forma como lê o mundo.

Na data do inquérito, Angelina tinha 51 anos, sendo dona de casa desquitada. Era sustentada pelo filho Nelson, ajudando-o nas tarefas rituais. Este trabalhava em escritório, mas naquele momento estava desempregado, sem outra ocupação além de ser pastor profissional, identificação de profissão que aparece na sua ficha policial. A casa onde moravam era alugada, sendo que a igreja funciona num barracão aos fundos. Ao que parece, uma das principais Igrejas da Cura Divina Total em São Paulo seguia o padrão das outras, sem muitos recursos, talvez por conta do número reduzido de fiéis (que nem chamavam a atenção da vizinhança), condição para o aumento do caixa da Igreja. Todavia, mesmo que a situação financeira dos dois não fosse abastada, é pouco provável que Angelina falasse a verdade quando dizia no depoimento que as receitas adquiridas com o Missa das Almas Penadas não dava para suas despesas de alimentação e vestuário, pois era da atividade religiosa e seus desdobramentos políticos que extraíam também sustento econômico. Nesse ponto, seguiam a orientação de retirar uma parte das doações como ordenado, além de ficarem com as cobranças das missas, casamentos, batismos e outros sacramentos⁸⁶⁰, totalizando um ordenado que em 1959 estava orçado entre 15 e 30 mil cruzeiros⁸⁶¹.

O perfil dos outros dois depoentes era diferente⁸⁶². Todos trabalhavam em alguma profissão de nível técnico, contando com algumas posses. Joaquim Pereira era mecânico

⁸⁵⁹ Declaração de Angelina Angresani, 8/7/1963, p. 2. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁶⁰ Declaração de Nelson Zanotti, 8/7/1963, p. 2. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁶¹ PENNA, José Roberto. Seita religiosa quer fundar um sindicato. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24/08/1959. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

natural de Corinto (MG), casado, com tinha 37 anos, residindo na Vila Alpina, periferia de São Paulo. Dois anos antes morava no Cambuci (próximo à Igreja de Nelson), onde recebeu, em dezembro de 1961, o sacramento do matrimônio com sua esposa no “Casamento Cristão Cientista”⁸⁶³. Do mesmo modo que João de Minas, Joaquim Pereira diz ter pertencido ao PSP de Vila Mariana, pelo qual foi fiscal distrital, mas em 1963 também se empenhava na fundação do partido de sua religião. A polícia encontrou também um cartão de visitas no qual ele se apresentava não como mecânico, mas como bispo Cristão Científico, com os títulos de doutor e capitão da guarda de Cristo:

Cartão de apresentação de Joaquim Pereira da Silva⁸⁶⁴

Já Pedro Savóia era natural da capital, contador, tinha 51 anos, casado, e morava em um apartamento na Aclimação. Era quem tinha maiores recursos: provavelmente sua casa era própria e possuía outros imóveis, visto que doou à Cura Divina Total dois lotes de terra localizados na Praia Grande-SP⁸⁶⁵. Teve bastante envolvimento com a Igreja nestes anos 60, tendo recebido o título de 1º comendador da Ciência Divina e, na condição de secretário geral, ficou encarregado de recolher os títulos eleitorais para registro do Partido Cristão Cientista da Comunhão dos Bens da Terra⁸⁶⁶.

Martha Griesbach tem um perfil semelhante ao de Angelina Angresani: era dona de casa, desquitada, com 62 anos. Pastora da igreja 241 da CDT e responsável pela sua

⁸⁶² Sobre Amélia Barbosa há apenas as informações do inquérito: enfermeira solteira, com 43 anos, natural de Guaratinguetá, e morava no centro, na rua General Osório.

⁸⁶³ Cura Divina Total. *Diário Popular*, 09/12/1961.

⁸⁶⁴ Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Diligência de 1963. Arquivo do Estado de São Paulo, p. 18.

⁸⁶⁵ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 2.

⁸⁶⁶ Cura Divina Total. *Diário Popular*, 18/05/1963.

Academia de Artes devido ao conhecimento de pintura e escultura, morava em um bairro afastado do centro, no Horto Florestal. Como Pedro Savóia, entrou para a categoria de pastora patrimonial pela doação à Ciência Divina de um lote de 800 m², onde foi construído o templo do Horto, a Igreja Vaticana Bazilicana, que se tornou a sede paulista a partir de então⁸⁶⁷. O empenho de Marta na Igreja acontecia porque, segundo ela, “teve um filho curado milagrosamente graças a essa religião e por isso é uma devota agradecida”⁸⁶⁸.

Tinha o mesmo perfil dedicado desses adeptos a Reverenda Narcisa Palombo, a segunda esposa de João de Minas⁸⁶⁹. Em fins de 1957 ela utilizou suas economias para comprar os direitos autorais das obras profanas e sagradas do marido⁸⁷⁰, novamente doados à Cura Divina em 1968, utilizou recursos próprios (entre os quais a renda dos livros) para erguer o templo do Horto⁸⁷¹, sendo também co-proprietária da Enseada Azul, uma fazenda em Macaé-RJ, onde ela e o marido pretendiam erguer outra sede nacional da sua igreja⁸⁷².

Desde abril de 1963 João de Minas começou a promover, junto com Nelson Zanotti, outros bispos de sua Igreja, inserindo suas fotos nas propagandas, livros e separatas. As primeiras foram justamente daqueles que, nos depoimentos acima, doaram terrenos para a construção de templos, Savóia e Martha. A partir de outubro de 1964, começou a colocar também fotos de pastores de várias regiões do país, noticiando os empreendimentos na construção templos, doação de recursos, romarias ou consagração de objetos nos “Santos Sepulcros” (remetendo os retratos para serem enterrados em Jerusalém), e fabricação de relíquias evangélicas como os Castiçais com 33 Bocais dos anos de Cristo ou o Milagroso Perfume Sabaiá da Mulher de Betânia, que lhes daria o *status* de Santos Perfumistas e possibilitava ministrar o sacramento dos aromas.

⁸⁶⁷ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 2.

⁸⁶⁸ Declaração de Martha Griesbach, 8/7/1963, p. 1. Diligência de 1963. Prontuário DOPS 112863. Igreja Brasileira Cristã Científica. Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁶⁹ Em 1956 terminou de se desquitir de Adélia Maluf.

⁸⁷⁰ Registro de cessão escrita por Ariosto Palombo, referente a venda de direitos autorais dos livros a Narcisa Palombo. Livro de Registro Integral n. B43, n. Ordem 17356 de 18/12/1957, folhas 201v, 202v. 5. Ofício de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro.

⁸⁷¹ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 4 e 5.

⁸⁷² Cf. *Diário Popular*, 5/1/1963. O anúncio da construção do templo está na propaganda de 5/10/1963.

Seguindo uma orientação desde os anos 30, João de Minas continuou a colocar na direção das suas “igrejas” fiéis dos mais diversos estratos sociais. Nos anos 1960, a grande maioria situava-se na periferia de grandes centros urbanos e cidades pequenas. Além dos pastores já mencionados que constituíam o núcleo da Ciência Divina, vemos na propaganda acima que, na capital paulistana, três missionários residem em Pirituba (Moinho Velho da Lapa, Vila Morro Grande e Vila Bonilha), um em Santo Amaro, outro no centro (praça Roosevelt), e outros dois fora de São Paulo, na Cidade do Conde-BA e Jacarepaguá (Rio de

Janeiro). Se tomarmos a igreja n. 173 de José Bueno e Cezarina, vemos que está situada numa rua numerada na Vila Morro Grande, o que indica ser uma localidade recém ocupada. Além disso, a propaganda diz que, ao contrário de José Arigó, José Bueno não receitava remédios mas tinha prestígio entre as “multidões”.

Um comentário anônimo em uma comunidade do Orkut sobre o Morro Grande aponta que essa igreja se localizava numa casa próxima a um bar, tendo ficado na memória das crianças que viviam no quintal de dona “Zezarina” [sic] as celebrações da “Igreja Cura Divina Total” e como a sacerdotisa “benzia as crianças de bucho virado”⁸⁷⁴. Bucho virado é a expressão usada pelas rezadeiras para um desarranjo estomacal ou intestinal infantil que gera vômitos, falta de apetite, diarreia, acreditando-se que era causado por um susto. Além desses sintomas, era diagnosticado pelo exame de pés, que ficavam de tamanhos diferentes. O benzimento poderia consistir nas rezas (três vezes), gestos em cruz na barriga, virar a criança de ponta cabeça e dar tapas nos pés, bem como deixar por três dias sua camisa atrás da porta⁸⁷⁵. Logo, os fragmentos de memória sobre Cezarina parecem apontar que as atividades de pastora da Ciência Divina se sobrepuseram ou se valeram do prestígio coletivo de benzedeira, logo reconhecidamente detentora de um saber de cura especializado, prestígio que o marido deveria gozar nos anos 60, como parece indicar a propaganda acima.

João de Minas não apenas se apropriou das visão de mundo cristã pautada na bíblia e da promessa de saúde características das igrejas de cura divina. A Cura Divina Total também respondeu aos anseios sociais que levavam os segmentos mais pobres para essas igrejas, no período de migração das zonas rurais para os centros urbanos industrializados, em especial São Paulo. Primeiro, como mostra a prática de benzedura de dona Cesarina ou a santificação de João Relojoeiro, a Cura Divina Total foi ao encontro dos valores culturais dos migrantes, pautados na terapêutica mágica dos benzimentos, simpatias, uso de ervas ou através da devoção de um santo, canônico ou não, que estivesse próximo ao fiel. Há nessa demanda por cura divina os aspectos práticos atendidos, pois a presença dos curandeiros e médiuns dos centros e igrejas na vizinhança era exigida para dar conta dos males do dia a dia, num contexto da ausência dos aparelhos públicos da medicina oficial nessas periferias.

⁸⁷⁴ Orkut. Comunidade “Morro Grande, Lindas Lembranças” Forum “Saudades sim”. Postagem anônima de 31/01/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?na=2&nst=3&tid=2582575292048235782&cmm=29956535&hl=pt-BR>. Acesso em 10/09/2012.

⁸⁷⁵ Essa versão do benzimento foi encontrada no Rio Grande do Norte por SANTOS, 2009.

Em segundo lugar, o fato de qualquer pessoa poder ser um sacerdote da Cura Divina Total coloca-os como sujeitos da sua própria crença, sem a mediação da tutela paternalista da Igreja Católica, realizando, como disse um estudioso, “uma subversão simbólica da estrutura tradicional do poder” religioso ao colocar “o sobrenatural ao alcance imediato de todos os que abraçam a nova fé”. Aqui, todavia, ao contrário das igrejas pentecostais, João de Minas dá um passo atrás e recria simbolicamente a prestigiosa hierarquia ao utilizar a terminologia da Igreja Católica para conferir títulos honoríficos comprovados através dos diplomas e outros documentos. Coloca à mão do fiel todos os signos de distinção da hierarquia eclesiástica e mais tantos outros que cria, porém esvaziados do labor e do jogo de interesses necessários para adquiri-los. Assim, João de Minas recria o centralismo institucional, litúrgico e devocional católico, mas, ao sagrar qualquer pessoa como “bispo”, as massas têm fácil acesso a esse aparato e à possibilidade de dirigir cultos, como fazem os pentecostais.

Nessa linha, o novo pastor confere aos adeptos o senso de pertencimento a uma comunidade, esfacelada na migração para um centro urbano, quando os laços de seu antigo cotidiano são desfeitos: “por mais humilde, mais incapaz, mais ignorante que seja, o convertido sente imediatamente que é útil e que nele depositam confiança: chamam-no respeitosamente *irmão*, seus serviços são solicitados por pessoas que falam como ele e que têm a certeza de pertencer ao *Povo de Deus*”⁸⁷⁶. Porém, a atuação de João de Minas na divulgação de propagandas com os nomes, endereços, atividades, distinções e mesmo as fotos dos sacerdotes sobrepõem concretamente a essa comunidade primária uma comunidade religiosa imaginada, de abrangência nacional. No momento em que João de Minas passa a inserir as fotos, o fiel passa a ver também, além do fundador e do panteão de santos, os outros pastores da Igreja, homens e mulheres, brancos e negros, de todas as classes sociais e várias cidades do Brasil, que recebiam as comendas e titulações, lideravam cultos, erguiam igrejas, empreendiam romarias e alcançavam curas.

Foi por responder a essas questões que no final da década de 1960 a Cura Divina Total deveria ter em torno de trezentas igrejas em todo o país⁸⁷⁷, e conseguiu amealhar alguns bens, listados no anexo aos estatutos em 1969, como os volumes da Bíblia da Ciência Divina

⁸⁷⁶ Nos três últimos parágrafos, fizemos uma leitura desse processo à luz dos tópicos de MONTES, 1998, pp. 83-4. As citações são de um texto de um estudo dessa década de Emilio Willems “Religious mass movements and social change in Brazil”.

⁸⁷⁷ A propaganda acima apresenta 446 igrejas. O número deveria ser menor, tendo em vista as desistências que provavelmente não seriam computadas, pois a numeração era progressiva.

publicados, impressoras pequenas, material gráfico e, principalmente, sete terrenos em várias cidades do país, obtidos por doação: além dos já citados terrenos do Horto, doado por Martha Griesbah, e os da Praia Grande, doados por Savóia, a igreja recebeu oficialmente dois lotes no município de Casimiro de Abreu-RJ, uma data de terras em Paranaciti-PR, um terreno em Itajaí-SC e, em negociação, um terreno em Magé-RJ⁸⁷⁸. Na conta, não estão inclusos as igrejas que foram construídas em nome dos próprios proprietários como José Bueno e Cezarina, o que indica que a influência material era ainda mais extensa do que a mencionada acima.

Nesse estatuto, que é o último registro produzido pela Igreja que encontramos até o momento, há indícios de que as coisas não iam bem. O primeiro é uma ordem “da inspiração divina” para que a casa paroquial anexa ao templo do Horto funcionasse apenas com escritório, sem que ninguém residisse na igreja. É provável que visasse acalmar a oposição dos filhos de Martha Griesbach com relação à doação do terreno e ao fato de João de Minas residir na casa, terreno que foi reavido após a morte da pastora. Além dessa disputa no Horto, Nelson Zanotti e sua mãe Angelina deixaram as atividades da Cura Divina Total em 1968, fato que deixou João de Minas furioso: “eles fugiram, livremente nos renegaram e abandonaram. E são infelizmente como que nossos inimigos numero um. Foram para outras igrejas, possivelmente melhores do que a nossa”⁸⁷⁹.

Talvez por conta disso, aos setenta e cinco anos, trinta e quatro à frente do “apostolado”, João de Minas deve ter se cansado da religião. Afinal, não só suspendeu o projeto de escrever sete volumes da Bíblia após a quarta publicação, como decretou que o Papa fundador Ariosto não teria sucessor, “sendo primeiro e último”⁸⁸⁰. Na prática, essas determinações acenam para o fim próximo da Cura Divina Total, definitivamente concretizada com a morte do escritor em 1984. Como já vimos, a memória da acéfala religião perdurou um pouco mais, materializada como relíquias nos retratos pendurados nas paredes ou guardados com orgulho pelos antigos fiéis já frequentadores de outros credos. Mas, no campo intelectual, sua imagem havia tomado outro rumo.

⁸⁷⁸ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 1-3.

⁸⁷⁹ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 5. As informações sobre os filhos e o processo para reverter a doação foram fornecidas em conversa pessoal com Regis Palombo. No lugar de Zanotti, foi nomeado para secretário um pastor chamado Umberto Pereira Carneiro dos Santos.

⁸⁸⁰ ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969, p. 4.

7- Um escritor maldito

Novas Polêmicas

Em meados dos anos 1960, o escritor cearense Caio Porfírio Carneiro encontrou num bar paulistano Rolando Roque da Silva, Sergio Milliet e Antonio D'Elia conversando sobre João de Minas. Como gostava dos livros do escritor mineiro desde a juventude, sentou-se e procurou saber mais informações. A primeira coisa que D'Elia lhe contou foi a personalidade mitômana: “É um cara muito curioso. É um tipo, é um tipo humano. Ele em si, Caio, é uma personagem (...) ninguém sabe se ele tá contando se é verdade, se é mentira, ele mistura uma coisa, outra, se levanta, vai, volta, ele diz que esqueceu de uma coisa, ninguém sabe se o esquecimento é uma potoca ou se é verdade.” Uma dessas foi o incrível cinismo com que se referiu à sua atividade religiosa, mencionada por D'Elia quando Caio lhe pediu o endereço de João de Minas: “Ele tem uma Igreja aqui perto (...) Vai lá, ele tá lá, e ele disse que o pessoal dele, muito besta, muito sem, pessoal querendo ser enganado mesmo, e que ele faz as pregações dele e vai tomar o uísque dele em Paris”. E D'Elia conta como o conheceu, na condição de secretário da União Brasileira de Escritores (UBE):

“Então ele [João de Minas] queria entrar para a União Brasileira de Escritores. Eu sabia que ele tinha lançado vários livros, com muito sucesso. E eu disse. ‘Faça a proposta de inscrição’. Ele fez a proposta. Ah, o carro parado na porta, com um motorista. Ele todo de branco. E perfumado. Eu peguei a proposta e disse: ‘olha, eu vou levar para a reunião de diretoria a sua proposta, para ser aprovada, porque de fato aqui a ideia é assim de acordo com os estatutos. Quando, com sócio, é preciso que a diretoria aprove. Então ele paga taxa de inscrição, ele paga aí... se integra à entidade’. Quando eu levei a proposta para a reunião, o presidente que era o Paulo Duarte, olhou e disse: ‘Ah, não, esse cafajeste não entra aqui não’. ‘Você conhece?’ ‘Claro que eu conheço, quem não conhece. Esse cara no começo da década de 30 vendia livros aqui em São Paulo, vendeu no Brasil inteiro, enganando todo mundo. Que que é isso? De jeito nenhum!’.”

A decisão de Paulo Duarte não foi consensual:

“Aí houve uma discussão grande na diretoria, porque uma parte dos diretores achavam que a diretoria não tinha nada a ver com a vida particular de cada um. O que valia era a obra. E a obra dele tinha méritos, inclusive alguns trabalhos dentro da obra tinham méritos maiores que muitos escritores consagrados. Só que ele era volúvel, subia e descia, porque era um homem sem muita disciplina ao escrever. Então entra, não entra, entra, não entra, entra não entra, a tal ponto que quando ele vinha aqui na UBE conversar

comigo eu dizia: ‘Olha, não houve reunião’, ficava inventando, porque eu não podia dizer para ele que ele não podia entrar. Ele tinha que entrar, ele tinha uma obra, ele tinha já 8 ou 9 livros publicados. Isso foi em 1962 ou 63. Então a grande fase dele, que foi da década de 20, né, 25, 26, 28, a partir da... não, 30, 36. Isso foi em 60, em 1963. Bom, então, eu insisti, insisti, insisti. E, resultado, ele não sei se desistiu, vinha e voltava, ficava um tempo, conversava muito, pedia para eu ver a igreja dele, que a igreja dele tava muito bem movimentada, e me deu uma bíblia dele”.⁸⁸¹

Ao contrário do que se poderia imaginar, o problema para Paulo Duarte não estava somente na guinada religiosa, aliás presente e intensa na São Paulo dos anos 1960, mas na atuação literária trinta anos antes, aparentemente marcada por picaretagens análogas à que D’Elia comentou a respeito da Igreja. Sobre esse aspecto, o silêncio é absoluto, pois ficamos sem saber qual a relação da venda de livros – provavelmente os romances da Coleção Sexual Brasileira – com enganar os paulistanos e brasileiros. Podemos saber apenas que a memória do sucesso de público nos anos 1930 ainda permanecia, até mesmo para D’Elia. Seja o que tenha feito, foi mais que suficiente para o presidente qualificá-lo como “cafajeste” e tentar barrar sua entrada na associação.

Além da antipatia pessoal, a posição de Paulo Duarte também estava marcada por uma questão institucional, como nos confirmou depois o próprio Caio Porfírio. Seguindo uma tendência geral de associação e profissionalização da atividade intelectual e literária desde a segunda metade dos anos 1930, com o surgimento das universidades de letras e entidades de classe, a UBE foi fundada em janeiro de 1958, a partir da fusão da seção regional da Associação Brasileira de Escritores com a Sociedade Paulista de Escritores. Ambas resultavam de uma divisão da antiga Sociedade Brasileira de Escritores, idealizada em 1942 por Sérgio Milliet e Mário de Andrade. Na gestão da UBE em que Paulo Duarte foi presidente e Antonio D’Elia foi secretário geral, entre 14/03/1960 e 28/09/1961⁸⁸², a entidade passou pela primeira “crise”, quando um grupo de associados ainda não integrado à fusão afastou-se da entidade, prenunciando uma nova cisão que acabou por não ocorrer⁸⁸³. Nesse contexto, João de Minas solicita sua filiação. O grande temor de Paulo Duarte era que a imagem da UBE fosse manchada ao ser vinculada a João de Minas, pois a instituição, em plena crise e

⁸⁸¹ CARNEIRO, 2006, p. 2-3. Há um resumo do incidente publicado em CARNEIRO, 1992, p. 10.

⁸⁸² SAYEG & CARNEIRO, 2004, p. 49.

⁸⁸³ CARNEIRO, 2008, p. 24-25.

reestruturação, poderia também ser ridicularizada e ter sua credibilidade minada ao aceitar um sócio que para ele era visto como picareta⁸⁸⁴.

Para desgosto do presidente, o sucesso de João de Minas era lembrado também entre literatos e intelectuais, pois sua proposta de filiação encontrou defensores entre diretores da UBE⁸⁸⁵, que mostraram conhecer sua obra ao avaliá-la melhor que muitos escritores consagrados. Se fôssemos arriscar nomear os defensores, apostaríamos em Menotti Del Picchia, que conheceu pessoalmente João de Minas no gabinete de Júlio Prestes e elogiou (com restrições) *Jantando um Defunto*, e Paulo Dantas, que nunca deixou de mencionar seu nome entre os autores que abordam o tema do sertão⁸⁸⁶. É provável que outros estivessem na oposição porque estava em jogo não apenas a defesa dos livros ou do escritor mineiro, mas de um critério de seleção de associados e, no limite, de legitimação no campo que a instituição se propunha a atuar. O constrangimento aparece na fala do próprio secretário: “Ele tinha que entrar, ele tinha uma obra, ele tinha já 8 ou 9 livros publicados”. A questão era: numa agremiação literária, os critérios para se aceitar associados deveriam levar em conta apenas questões relativas à prática da escritura ou considerar questões não relacionadas ao ofício de escritor, pertinentes à vida particular dos indivíduos? Em uma palavra, deveria prevalecer a

⁸⁸⁴ Conversa com Caio Porfírio Carneiro na UBE em 15/07/2008.

⁸⁸⁵ Na Gestão de Paulo Duarte, a diretoria da UBE tinha a seguinte composição: Presidente: Paulo Duarte; Vices: Artur Neve e Mário Donato; Secretário-Geral: Antonio D'Elia, Secretários: Milton Godoy Campos e Rolando Roque da Silva; Tesoureiro-Geral: João Freire de Oliveira; Tesoureiros: Maria José Dupré e Tito Batini; Diretores de Departamentos: Atividades Sociais: Roberto de Paula Leite; Bibliotecas: Elza de Moraes Barros Kirillos; Científico: Mario Schemberg; Concursos: Mário Neme; Cursos: José Aderaldo Castelo; Divulgação: Leonardo Arroyo; Intercâmbio Cultural: Carmen Dolores Barbosa; Interior: Hernâni Donato; Jurídico: Adalmir da Cunha Miranda; Publicidade: Paulo da Silveira Santos; Conselho Consultivo E Fiscal: Afonso Schmidt, Cantídio de Moura Campos, Domingos Carvalho da Silva, Fernando Goês, Homero Silveira, Jorge Medauar, Mario Graciotti, Menotti Del Picchia, Paulo Dantas e Sérgio Millet.

⁸⁸⁶ “No conto e na novela, então, as contribuições avolumam-se, expressivos, dominantes, inesquecíveis. E o desfile de nomes se impõe: Coelho Neto, Valdomiro Silveira, Lúcio de Mendonça, injustamente esquecido, Viriato Correa, Inglês de Sousa, Monteiro Lobato, Herman Lima, João de Minas ([etc]...) e muitos outros, todos latifundiários de almas sertanejas, matutos, selvagens, bárbaros, grandiosos. Uns assinando contos atrozes, outros, episódios pitorescos, mas todos, tipicamente, integrando e vibrando dentro das gradações nativistas ou telúricas do grande assunto”. DANTAS, Paulo. Os sertões como tema literário. *Revista Brasileira*, 5, mai-jun 1956, p. 91. Quarenta anos depois, João de Minas reaparece mencionado na introdução de um livro de Dantas, agora já como escritor esquecido: “Esquecer não se pode da excursão de um Coelho Neto no tema com *Sertão*, a presença insistente de um outro cearense esquecido, Gustavo Barroso; a contribuição linguística, tipicamente paulista, de um Cornélio Pires, de um Valdomiro Silveira e de um Amadeu Amaral. O fabulário grotesco de ouro esquecido, João de Minas, ou o poderoso gauchismo de Simões Lopes Neto. Dos sertões molhados e farfalhantes de um Raimundo de Moraes, todos eles antes das explosões da prosa nordestina, depois do modernismo de 22”. DANTAS, Paulo. *Através dos Sertões*: Euclides da Cunha e Guimarães Rosa – os livros, os autores. São Paulo: Massa Ohno, 1996, p. 19. Paulo Dantas ainda foi um dos informantes de Caio Porfírio, a quem fez elogios à literatura fantástica do escritor mineiro. Cf. CARNEIRO, 2006.

pessoa ou o escritor? Na opinião desses, se João de Minas de fato tinha uma obra, por que não aceitá-lo como sócio?

O relato de Antonio D’Elia permite ver como, no caso de João de Minas, a discussão sobre o *status* de escritor não passava apenas pelo julgamento da qualidade literária. Afinal, depois de algumas reuniões, venceu a posição de Paulo Duarte. A tentativa frustrada de se filiar à União Brasileira de Escritores (UBE) mostra como a reputação de João de Minas estava manchada no meio intelectual e literário brasileiro no início dos anos 1960. O episódio mostra como a profecia de Brito Broca⁸⁸⁷ sobre o escritor mineiro se cumpriu, ou seja, por seu cabotinismo e irreverência, João de Minas não apenas deixou de ser levado a sério como escritor, mas passou a ser visto como inconveniente na intelectualidade do Rio e São Paulo.

O caso permite perceber também que, mesmo travestido de mahatma, João de Minas nunca abdicou de sua identidade como escritor, intelectual e político. Ainda enquanto criava associações esotéricas ligadas à Academia Brasileira de Ciências Ocultas, cria em São Paulo a Academia Nacional de Letras, rivalizando com a academia carioca, estando entre os primeiros membros não menos que “Dolor de Brito Franco (ex-deputado federal), A. de Assis (líder dos funcionários públicos de São Paulo), J. Alvim Domingos Laurito, Major Eduardo Augusto de Bastos, Gastão Novaes (irmão de Guiomar Novaes), Guiomar Novaes, Nestor Pereira Júnior e Waldemar Nunes (médico)”⁸⁸⁸. Na segunda edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, de 1937, o nome do autor já vem acompanhado da caracterização “presidente-fundador da Academia Nacional de Letras”. Há indicações que funcionou até pelo menos 1948, na Rua Xavier de Toledo, em São Paulo, incluindo goianos como o escritor Teófilo Neto e o jornalista Antonio Gomes Pinto (A.G. Pinto), este sagrado bispo cristão científico de Anápolis⁸⁸⁹.

Aderbal Freire Filho informa que, paralelamente, ele retomou a colaboração no *Lavoura e Comércio* de Uberaba, mantendo a coluna “Cartas Mineiras de São Paulo” entre 1935 e pelo menos 1949⁸⁹⁰. Vinculado a essa empresa, até 1945 foi nomeado presidente da sucursal goiana das Empresas Lavoura e Comércio, e tornou-se também dono de uma agência denominada Editora e Correspondente de Imprensa e Rádio Rumo ao Oeste, cujas

⁸⁸⁷ Ver o segundo item do cap. 5.

⁸⁸⁸ FREIRE FILHO, 1999, p. 255-256.

⁸⁸⁹ MARTINS, 1999, pp. 45-46 (verbete A.G. Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto)

⁸⁹⁰ FREIRE FILHO, Aderbal., p. 253.

especialidades eram “Serviços em todo o país, campanhas políticas e denúncias.”⁸⁹¹ Em agosto de 1945, diante de uma sugestão para que se tornasse candidato a deputado federal por Goiás, declara que se lançaria “pelos xavantes”⁸⁹². Também pontuais foram as pretensões de escrever, em meados dos anos 1940, livros políticos, cujos títulos e capítulos foram anunciados pelos periódicos do Triângulo Mineiro como *O Estado de Goiás* (Uberlândia). Pelo teor dos títulos, se assemelham aos que pretendeu publicar no início da década anterior: “Biografia do Café”, “A Educação Paulista no Estado Getuliano”, “Turismo Nacionalizador e Desnacionalizador”, “Brasil Nacional e Internacional”, “Bandeirantes da Indústria Brasileira”, “Dicionário do Trabalho Brasileiro”⁸⁹³.

Outro projeto, análogo à Academia Nacional de Letras, porém de escala regional, foi noticiado em 9 de dezembro de 1944 no *Diário Carioca* informando que João de Minas levaria a cabo um antigo projeto de fundar uma Academia de Letras do Brasil Central, elegendo imortais para iguais 40 cadeiras⁸⁹⁴. Não se sabe se foi levado à frente, mas coincide com uma ácida crônica na qual o escritor mineiro ataca a nata da intelectualidade estabelecida em São Paulo e no Rio de Janeiro. Publicada no jornal *O Estado de Goiás* (Uberlândia) em 7 de dezembro de 1944 e logo em seguida foi enviada ao seu amigo Bernardo Ellis Jr., junto de um pedido para que o goiano remetesse seu endereço em São Paulo exemplares do seu primeiro livro de contos *Ermos e Gerais*.

A crônica é um elogio rasgado a essa obra e ao escritor Bernardo Ellis, “um diamante enorme, lapidado em céus, em astronomias”, mencionando elogios também feitos por Monteiro Lobato. Acontece que para fazer isso João de Minas ofende a nata da literatura brasileira estabelecida no Rio e São Paulo, retomando os termos da oposição entre a literatura nacional de difícil leitura e a literatura estrangeira acessível. Sobre a primeira, desanca: “se nós pegarmos Machado de Assis, que plagiou escritores ingleses, ou Euclides da Cunha, que escreveu como engenheiro, ou essa meia dúzia de cretinos comunistas mais ou menos editados por José Olímpio – nós temos na mão uma gosma de tolíces”. E continua:

⁸⁹¹ *Apud* FREIRE FILHO, 1999, p. 249.

⁸⁹² FREIRE-FILHO, 1999, p. 259.

⁸⁹³ MARTINS, 1999, pp. 45-46 (verbete A.G. Pinto). Cf. Carta do prefeito de Uberlândia ao governador de Minas, “Brasil Central, Brasil Mundial” foi anunciado pelas páginas de “O Estado de Goiás” em 1944.

⁸⁹⁴ A religião não rendeu. *Diário Carioca*, 09/12/1944, p. 9. Um elogio à ideia consta em MINAS, João de. Academia Goiana de Letras. *O Paiz*, 08/01/1928, p. 1

Uma das dores de parto do homem grávido, emprenhado de amor intelectual, e que não tem sossego enquanto não lê todo dia umas boas páginas – é tratar com os famosos escritores da atualidade literária nacional. São todos uma tropa de cavalgaduras. (...) Pega-se, por exemplo, “O Estado de São Paulo”, na sua página literária. Ou qualquer grande jornal ou revista do nosso país, nas suas seções de literatura. Ou qualquer volume, de algum afamado escritor nosso, de cartaz. E fica-se numa decepção trágica. Como se pode escrever tanta imbecilidade, tanta caceteação, tanta besteira!?... Sérgio Milliet, para citar um peróbico monstro, adoece o leitor. E é o mestre, o tutunqueba!

A alternativa para o escritor mineiro seria traduções de livros ou revistas estrangeiras, a exemplo da “Seleções do Riders [sic] Digest”, que “nos embebeda de um milagre de escrever bem, de qualquer modo. A gente sente, na leitura dessa revista estrangeira, a gostosura de um sensualismo nupcial. Como é bom o pecado original de ler... 'Seleções!'”. O inconveniente dessas publicações estaria no fato de serem “pura propaganda norte-americana” que levaria os leitores a “desaprender o nosso santo Brasil”. No meio caminho, compensando os defeitos de ambos, vinha *Ermos e Gerais* de Bernardo Elis⁸⁹⁵.

Apesar do tema literário, a crônica não está isenta das referências à sua religião. Ela começa contando como João de Minas teve contato com o livro de Bernardo Elis, depositado numa gaveta na redação do jornal. É fornecida a data de 27 de novembro de 1944 e o horário é citado de uma maneira irreverente: “às 4 horas e 7 minutos da tarde (no meu relógio de ouro, um presente...)”, entre os quais menciona o “5o ano da Era Cristã Científica”, misturando os dois calendários, o que não deixava de ser uma forma de divulgar seu credo.

Não temos notícia que esses artigos publicados no Triângulo Mineiro tiveram repercussão nas capitais de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Mas, se a guinada do escritor mineiro rumo à literatura popular de massa já havia impressionado os resenhistas de suas obras, espanto maior causou a notícia da sua “conversão” religiosa, que aparece nas notícias, comentários de escritores e leitores nos jornais sobre a atuação do novo mahatma. A partir da nova roupagem, também se reavaliou sua carreira e qualidade como escritor.

O primeiro comentário assinado que encontramos a esse respeito foi um artigo de Ribeiro Couto do início de 1943, quando recebeu de uma conterrânea de Santos um pedido

⁸⁹⁵ MINAS, João de. *Ermos e Gerais* de Bernardo Elis, mais melhor do que o próprio câmbio negro (Crônicas dos tempos modernos). *O Estado de Goiás*, Uberlândia, 7/12/1944, p. 23. Disponível no acervo do CEDAE, IEL, Unicamp, anexo a carta de João de Minas a Bernardo Elis, fundo deste autor, registro 1848. Loc. Ar14A3P3.

para escrever um artigo sobre uma nova religião. Para isso, remeteu-lhe um prospecto intitulado “Ciência Divina, ou Igreja Cristã Científica do Brasil, a nova Religião Reformadora – Bíblia Cristã Científica do Brasil, o código de Deus – Mahatma Patiala (João de Minas). Chefe Fundador”. Ribeiro Couto descreve-o destacando o busto de um menino que ele toma por João de Minas “quando usava calcinhas curtas em Ouro Preto”. O folheto também apresenta os títulos das renegadas obras do escritor em sua vida profana, não antes sem a propaganda típica com os elogios de Lobato, Maurício de Medeiros e Juan Carlos Blanco.

Ribeiro Couto comenta ironicamente sobre os planos da esfera astral em tornar Santos uma cidade Sagrada. Afinal, o trecho sobre João de Minas é precedido por um comentário sobre a fundação, em 1913, de uma loja teosófica, a Ordem da Estrela do Oriente, a qual o articulista frequentou algumas vezes, considerando seus membros “gente honrada e séria, almas presas à angústia do mistério”, avaliando positivamente a prática da crença: “há sempre em todas as manifestações de religiosidade uma aspiração à vida superior. Só os que ‘não creem em nada’ não nos trazem nada.” Se o único charlatanismo dessa gente seria “aquela credulidade fácil, nas desencarnações voluntárias de alguns virtuosos empregados do comércio”, o mesmo Couto não poderia afirmar da atuação, vinte anos depois, do profeta João de Minas. Este foi apresentado como um “confrade mineiro, que abandona a literatura e se lança à confissão pública de que ‘viu o Cristo Vivo’” duas vezes na Matriz de Antonio Dias, em Ouro Preto, a segunda para fundar a nova religião, na qual adota o “nome krishnamurtico de Mahatma Patiala” e erige em Santos o santuário da Ciência Divina. E arremata

A minha leitora de Santos me pede que escreva um artigo a respeito desse extraordinário caso. Ela confia muito num poder que absolutamente não tenho: a ironia. Evidentemente, não é com um artigo escrito aqui no Rio que irei destruir a fé e a exaltação das pessoas que hoje, naquela minha cidade natal, acompanham o Mahatma Patiala. Talvez se trate de uma nova “farra com o demônio”, e não me meto nisso. O que eu quero saber é se o café vai bem.⁸⁹⁶

Ao contrário do que diz, o texto é todo permeado por ironia, que aparentemente tem duas funções: divertir o leitor e fugir do moralismo da interlocutora conterrânea, que lhe pede uma denúncia contundente para abrir os olhos do povo santista que acompanha o novo Mahatma. Quem lhe enviou o panfleto levava a sério a nova religião e pedia providências para impedir sua expansão, por isso apelou a um famoso conterrâneo, um diplomata e escritor

⁸⁹⁶ COUTO, Ribeiro. Exportação de Café e Ciência Divina. *A Manhã*, Rio, 07/01/1943, p. 4.

que, entre uma missão e outra, estava no Rio e colaborava em um de seus jornais. O final mostra uma aparente recusa da tarefa, pois o escritor prefere se dedicar a assuntos mais terrenos e urgentes como o café.

Mas, se essa fosse a intenção, o panfleto ganharia a lata do lixo após uma risada, não uma crônica no *A Manhã*. Escrever sobre o assunto já era uma forma de satisfazer a sua interlocutora, chegando no mesmo ponto pela via da galhofa. O final confirma a opinião que João de Minas é um charlatão e não profeta, posição também sugerida no início, com a transição do comentário sobre a loja teosófica para o “extraordinário caso”. Além de apresentado em tom galhofeiro, o charlatanismo evidenciado pelo fato de Ribeiro Couto considerar o Mahatma Patiala mais uma pilhéria de João de Minas, uma nova “farra com o demônio”, em alusão ao título do livro no qual o escritor mineiro diz ter vivido aventuras no meio do sertão, mostrando que elas também já não eram levadas a sério.

Essa percepção e o mesmo tom irônico foi desenvolvido dias depois por um articulista do jornal *A Noite*, Oragá: “ficamos sabendo por um interessante artigo de Ribeiro Couto, na ‘A Manhã’, que o pitoresco e destrambelhado romancista João de Minas acaba de abandonar a literatura para fundar uma nova religião a que civicamente denominou Ciência Cristã Brasileira”. Nesse tom de pilhéria, o eixo do artigo é apontar os motivos pelos quais se abandona a literatura brasileira “antes que esta os abandone”. O principal deles retoma uma tópica clássica da atividade intelectual brasileira, intensificada durante o Estado Novo varguista: “dedicar-se com ‘full speed’ ao funcionalismo público” - o ‘speed’ refere-se principalmente às promoções”. Os casos particulares dignos de nota seriam o de Plínio Salgado, “que deixou as letras para fundar um partido e com ele salvar a Pátria, a família e o próprio Deus, Nosso Senhor”; e Monteiro Lobato, que “quebrou a pena de esplêndido novelista e autor de livros infantis para extrair petróleo do próprio nome (de Lobato). Mal sucedido na indústria petrolífera, o pai do Jéca-Tatu vingava-se atacando a literatura nacional e explora intensivamente uma mina de traduções de romances estrangeiros de gosto popular.” O de João de Minas, no entanto

é novo e original pelo menos no Brasil. A criação de um novo credo religioso requer a capacidade messiânica de um Maomé, de um Lutero, de um Calvino, de um Henrique VIII. / Disporá dessa capacidade o autor das “Farras com o sr. Diabo”? O que não padece dúvida é que ele enveredou por um caminho muito mais promissor que o das letras. Se lhe faltaram leitores

(apesar do seu mérito, ou por isso mesmo) não hão de lhe faltar prosélitos. Há sempre gente disposta a aceitar, como verdades as coisas que não entende. O mistério, que é a base de todas as religiões, tem decisivo prestígio sobre as massas. O momento está para as coisas misteriosas, ultraterrenas e sobrenaturais. Assim começa João de Minas sob bons auspícios. Não acabe em hospícios melhores ou piores...⁸⁹⁷

No artigo está subentendido que a literatura culta é mais prestigiada e almejada que as outras atividades – política, empresarial, burocrática, religiosa e mesmo a produção / tradução de narrativas de entretenimento. Em duas delas se almeja explicitamente ganhos econômicos (na empresa, na burocracia e na literatura de entretenimento) e nas outras duas veladamente, pois também lidam com o prestígio através da liderança carismática (política e na religião). A literatura de entretenimento reúne as duas características, a busca de atingir a sensibilidade do grande público e daí extrair lucros econômicos. Seu caráter mercantil, a adequação ao gosto popular e o fato de ser traduzida são considerados ameaças à literatura nacional, um ataque de Monteiro Lobato, considerado um bom romancista. A ironia do texto repousa justamente na desproporção almejada entre lucros simbólicos e econômicos da atividade literária, lidando com a mesma questão que os críticos levantaram a respeito da guinada de João de Minas: o que leva um escritor a abandonar as glórias da literatura (entre os pares) em prol de dinheiro ou de prestígio popular.

Se Oragá conhecesse a obra de João de Minas nos anos 1930, é provável que o incluísse ao lado do pai de Jeca Tatu. Mas o articulista tem na mente ainda o escritor famoso, cuja qualidade literária foi exaltada pela crítica de *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*. O fato de fazer referência a esse último, trocando o título, também evidencia o pouco conhecimento da obra do escritor mineiro. Esta não é o assunto do texto, mas a guinada original que o levou a largar as letras para atuar em um ramo que dialoga mais de perto com a sensibilidade religiosa das massas, assunto do último parágrafo. O trecho “enveredou por um caminho muito mais promissor que o das letras. Se lhe faltaram leitores (...) não hão de lhe faltar prosélitos” sintetiza ironicamente a posição sobre João de Minas, pois está em questão a qualidade dos adeptos, afetados por uma atmosfera de religiosidade, contraposta aos leitores, entendidos como leitores qualificados, em menor número no país. A estratégia é a mesma de Ribeiro Couto, indireta e ironicamente apontar o charlatanismo de João de Minas que explora

⁸⁹⁷ ORAGÁ, Nova religião. *A noite*, Rio, 10/01/1943, p. 3.

as crendices populares. A diferença é que Oragá o torna um caso entre os possíveis de escritores que abandonam a (alta) literatura em busca de dinheiro e sucesso fácil.

Um ano mais tarde, Galeão Coutinho também comenta a guinada do escritor que, desta vez, peregrinava por Uberaba. O artigo começa ressaltando as qualidades e defeitos do escritor. Por um lado, espantava o sensacionalismo dos títulos “de abracadabrante feição terrorista”: “ainda não há muito tempo, os leitores brasileiros arregalavam os olhos ante a capa de umas novelas espantosas assinadas por João de Minas. Só o título de tais produções (...) produzia na gente um frêmito de assombro e pavor: ‘Farras com o Demônio’, ‘Jantando um Defunto’.” Por outro, era compensado “pelas invulgares aptidões de narrador de quem os escrevia”, sendo “forçoso reconhecer um talento de primeira água”. Assim como Oragá, é provável que o conhecimento da obra do escritor mineiro fosse adquirido por ouvir dizer, pois não destaca no curto artigo quais eram as qualidades de narrador e, ao tratar de um livro sexual, menciona um título talvez inexistente ou não publicado, “A Virgem do Apartamento”.

Mas, ao adentrar o assunto da reaparição de João de Minas, Galeão Coutinho aparentemente vai na contramão de todos os comentários e louva a metamorfose em Mahatma Patiala por considerá-la um desdobramento do escritor para escrever novos livros, isto é, sua nova roupagem serviria tanto para reunir observações sobre a psicologia dos adeptos quanto transformar em capítulos de uma obra as polêmicas travadas. Esse aspecto é usado para criticar práticas literárias que ele considera comum entre os escritores brasileiros:

Regra geral, nossos homens de letras escrevem por ouvir dizer: raros se entregam ao tumulto da vida, raros “vivem” os próprios assuntos. E ainda entre os que trazem para o livro a experiência pessoal, mesmo no romance, não passam de memorialista: escrevem aquilo que viram quando meninos, ou jovens, na sua terrola. Esgotadas essas impressões primárias, descaem na monotonia das repetições, mastigando as mesmíssimas reminiscências. Mostram-se incapazes de fixar a vida que estão vivendo, e não aquela que já viveram.⁸⁹⁸

João de Minas, dessa forma, se diferenciaria dos outros escritores por lançar-se ao mundo da vida para colher matéria para seus romances, como nos livros já citados. Mas o final do texto confirma uma piscadela irônica dada no início, quando o chama de “Vautrin inofensivo”, fazendo referência à personagem da “Comédia Humana” de Balzac que também

⁸⁹⁸ COUTINHO, Galeão. Uma Nova religião (coluna Janela sobre a Avenida). *Folha da Noite*, São Paulo, 23/08/1944, p. 3.

inventa identidades e aplica golpes. O irônico temor final é que o escritor não consiga retornar da sua personagem, à moda de uma pessoa que experimenta uma droga e se vicia ou do pesquisador britânico que ao conhecer a China se torna chinês: “bem pode acontecer que João de Minas acabe sinceramente convertido à sua própria religião, quem sabe?”

Um outro conjunto de opiniões fugiu dessa linha irônica. Ainda em 1943, com base nos artigos anteriores, um colunista do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro também comentou a guinada do escritor mineiro. O tom do jornalista de orientação socialista Osório Borba é mais próximo da irada leitora de Ribeiro Couto, polêmico e sem tréguas:

Ressurgiu em comentários de jornal um nome de repelente memória, que foi algum tempo, até anos atrás, imerecidamente falado no Rio e em todo o país, através de uma série de audaciosas façanhas de cabotino, mistificador e capanga intelectual. Digo “de repelente memória”, porque tínhamos todo direito de julgá-lo definitivamente morto e esquecido, antes mesmo da morte objetiva. A aventura desse estranho farsante Palombo de tal, que usava a alcunha “João de Minas”, constitui um exemplo de quase criminosa acessibilidade do meio intelectual e social brasileiro e dos órgãos de divulgação a toda espécie de arrivistas e intrujões.⁸⁹⁹

Osório dedica algumas linhas a apontar os feitos desse “precursor dos ‘gangsters’ jornalísticos” que vendia sua pena aos poderes da vez e aos jornais oficiosos. O principal caso referido foi a exploração do gênero macabro, literatura imoral e caluniosa proferida contra a Coluna Prestes, onde apresenta “Siqueira Campos e outros revolucionários como monstros sádicos, estripadores de crianças e mutiladores de mulheres”. Em seguida, com a mudança do regime, temeroso de um castigo, “aderiu ao governo nascido da revolução, insinuou-se a uma participação nas atividades de reorganização da vida política, inventou partidos e campanhas eleitorais”. Junto da vida pública, Osório também procura desmontar sua qualidade literária, considerando “folhetins políticos rocambolescos, da pior qualidade literária” seus livros iniciais com “títulos repugnantes”, associando sua propalada imaginação à capacidade de inventar infâmias sobre os inimigos do governo. Os livros de meados dos anos 30 também são desancados no mesmo tom:

suas novelas escabrosas, como uma que injuria, desde o título, a família carioca, antes de ser imorais são imbecis, pessimamente pensadas e escritas, absolutamente destituídas de interesse literário, sem graça, sem beleza, sem originalidade, reles e repugnantes como quaisquer outras historietas dessas para vender clandestinamente a colegiais, com fotografias de mulheres nuas.

⁸⁹⁹ BORBA, Osório. Profetas. *Diário de Notícias*, Rio, 22/01/1943, p. 7.

Ainda piores do que os romances do mesmo gênero do sr. Cláudio de Sousa.⁹⁰⁰

Dessa forma, para Osório Borba não há enigma algum na virada religiosa de João de Minas, vista como mais uma de suas armações: “depois de escritor ‘gênero livre’, de panfletário de aluguel e de candidato a político, imaginou o atrevido um conto do vigário mais transcendente: fundou uma ‘religião’.” Como os outros escritores, menciona os principais traços: deixou Minas para ser profeta em Santos, adotou um nome hindu, faz propaganda comercial dos milagres e diz ter visto Jesus. Após associar João de Minas a Plínio Salgado, outro “iluminado” que diz ter visto Cristo “quando na verdade viu foi Adolf Hitler”, Borba conclui com um chamado às autoridades: “confiemos que o novo ‘messias’ não venha a ser tão nefasto quanto o foi o seu colega Plínio; que a repressão policial aos ‘profetas’ se exerça agora pronta e eficientemente”.

A religião é tratada apenas no fim, e não é o eixo do texto. A grande questão para Borba não é a existência de pessoas como João de Minas, mas o êxito social alcançado por meio dos “elogios impensados à literatice do herói”, que tiveram o efeito de espalhar seu nome por todo o Brasil. O enigma é “ter muita gente boa concorrido para a fama do escriba, como os três homens de responsabilidade cujas referências o beneficiário das distrações gerais está ainda agora divulgando em folhetos de propaganda”⁹⁰¹, referindo-se a Monteiro Lobato, Maurício de Medeiros e Juan Carlos Blanco.

Uma opinião análoga vem do já conhecido Carlos Maul. Pelas referências, o texto provavelmente foi escrito em 1945, apesar de publicado dez anos depois. Começa comentando a notícia do aparecimento de Ariosto Palombo como taumaturgo pelo interior de Goiás, “que estaria propagando entre os matutos os princípios de uma nova religião, devota de Santo Antoninho Marmo. Esse cidadão andaria por aquelas bandas, em pregação da sua doutrina, como um fantasma de Antonio Conselheiro”. Aqui, a crítica se dirige não ao meio intelectual, mas aos jornalistas de memória curta “já não digo do passado remoto, mas do passado de ontem!”. Pela busca do mero sensacionalismo e pela velocidade das notícias, não se interessam em investigar mais a fundo a vida do “apóstolo” para saber se “é na verdade um místico, uma criatura de alma limpa empenhada em suavizar as atribulações dos simples

⁹⁰⁰ BORBA, Osório. Profetas. *Diário de Notícias*, Rio, 22/01/1943, p. 7.

⁹⁰¹ BORBA, Osório. Profetas. *Diário de Notícias*, Rio, 22/01/1943, p. 7.

sofredores, ou um embusteiro que se mete na pele de um santo para melhor explorar a ingenuidade humana”. É claro que João de Minas se insere nesta última categoria, mas sua religião também não é o foco do artigo, e sim sua vida de jornalista e escritor.

Maul comenta que conheceu João de Minas em 1924 no Rio de Janeiro e lembra-se que “escrevia com brilho e originalidade crônicas em ‘O Paiz’”. Ao comentar a fase de João de Minas neste jornal, sua avaliação é positiva. Comenta sua colaboração ao “publicar uma série de páginas muito vivas e impressionantes” sobre a Coluna Prestes, publicadas em *Jantando um Defunto* que, independente da verdade da matéria, “era, de fato, boa literatura, em condições de colocar-se dignamente na bibliografia hofmanesca”. *Farras com o Demônio* é igualmente elogiado por trazer “novo contingente de impressões da vida e das superstições do mato brasileiro, numa prosa que revelava um escritor de polpa, embora visivelmente inclinado a transformar os frutos de uma imaginação escaldante em dramas autênticos em que figurava como protagonista”. Além disso, comenta o elogio de Humberto de Campos e a comparação com Euclides da Cunha.

Para Maul, esse “momento de notoriedade” serviu à promoção do “aventureiro”, cujos ataques à Coluna pelo *O Paiz* o credenciaram ao combate pela campanha de Júlio Prestes: “espírito profundamente mercenário e despido totalmente de escrúpulos, João de Minas desancou os adversários a soldo de terceiros. Gostava de dinheiro e jogava furiosamente tudo o que arrancava dos que lhe contratavam serviços de sicário da inteligência”. Além disso, após a deposição de Washington Luís, tornou-se diretor do jornal *A República Nova*, favorável ao novo regime: “o escritor parecia outro, e ninguém lhe falasse na sua primeira encarnação anti-revolucionária, que ele o denunciaria como um inimigo da pátria aos triunfadores do dia. Um cristão novo não defenderia com mais fúria o baluarte da Igreja...”.

Essa ascensão teria durado, para o comentarista carioca, apenas o período conturbado, revertendo quando a situação política se normalizou: “desse modo, não haveria lugar para a permanência de elementos desse tipo nos quadros normais da atividade cívica que exigiam valores de trabalho honesto e repeliam o paraquedismo.” Isso teria levado o escritor mineiro para “uma vida equívoca expedientes”, a exemplo do lançamento de livros como *A Mulher Carioca aos 22 Anos*. Aqui, retoma a opinião de dez anos antes, considerando-o

um romance obsceno, um amontoado de infâmias contra a família e os costumes da capital do país (...) nunca se imprimiu amontoado de falsidades maior e mais nauseabundo, nem se sabe de quem haja tido a audácia de despejar sobre a cabeça de uma sociedade inteira tanta lama e tanta matéria pútrida⁹⁰².

Como essa parecia a última e nefasta aparição de João de Minas no Rio, e decorreram anos até que se soubesse dele. Como para Osório Borba, “parecia morto” antes de renascer na figura de vigário de Antoninho Marmo, como pregador no Triângulo Mineiro, “como esquecido da imundície moral em que chafurdara”.

O novo Papa não deixou por menos as ironias e ofensas que chegaram a seu conhecimento. Causou espanto geral as notícias saídas na imprensa em 1945 informando que João de Minas começou a “excomungar” os jornalistas e desafetos que criticavam suas atividades, religiosas ou não. Uma parte delas foi publicada em jornais goianos e reproduzida nos jornais do Rio. Por exemplo, no jornal “A Noite” uma nota dizia o seguinte: “O ‘Papa’ João de Minas, fundador de uma nova seita religiosa, anunciou a seus crentes a excomunhão do escritor Berilo Neves, por ter desrespeitado o Mahatma Patiala, numa crônica publicada em um vespertino carioca”⁹⁰³. Mas os termos que saíram da pena do mahatma estavam bem distantes da bem comportada nota:

Agora, rato seco Berilo, rato seco montado pelo percevejo da maledicência, agora tu estás gordo na tua impudência. (...) Tu tens a tara de vícios ignóbeis, razão por que as criancinhas te temem, e os pais delas não deixam elas sozinhas na tua companhia. Mas João de Minas é santo, e apenas com a sua reza à distância ele cura todas as doenças da alma e do corpo. Eis que agora te excomungo, com excomunhão da vida eterna, e assim rolarás excomungado, alcoolizado de excomunhão, mordendo as tuas próprias carnes e sujando na tua própria alma. Bode danado, bode catiguento! E mais ainda declaro que toda a pessoa que te der a mão, tomando o calor da tua excomunhão, excomungado também ficará e sua vida andarà para trás, e terá agonias sem conta! Que assim seja! Verdade, Ciência, Lei!⁹⁰⁴

Além de Berilo Neves, entre 1945 e 1946 foram alvos da maldição outros escritores como Ribeiro Couto, Maurício de Medeiros, Gilberto Freire e Raquel de Queiroz; diretores de jornal como Roberto Marinho (O Globo, Rio) e Assis Chateaubriand (Diários Associados); jornalistas ou colunistas como Carlos Lacerda, V. Cy (Vivaldo Coaracy, do Estado de São

⁹⁰² MAUL, Carlos. Memórias (folhas avulsas). *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói-RJ, v. 8, junho de 1955, p. 92.

⁹⁰³ Excomungado Berilo Neves pelo “Papa” João de Minas... *A Noite*, Rio, 22/06/1945, p. 9.

⁹⁰⁴ Excomungado pelo Mahatma Patiala o sr. Berilo Neves. *Diário Carioca*, Rio, 29/06/1945, p. 5.

Paulo), Maragliano Júnior (da Folha da Noite-SP), Edson Hermano (da Folha de Goiás, parte dos Diários Associados), entre outros⁹⁰⁵. Estas excomunhões se somaram aos ataques estritamente literários que João de Minas fez aos veículos da imprensa, escritores e intelectuais de renome no país.

A excomunhão, que alguns jornais se recusaram a reproduzir pelo vocabulário ofensivo à moral, era primordialmente destinada a impressionar seus fiéis, reafirmando o poder sagrado do Mahatma. Tanto que membros da seita sentiram-se à vontade para mandar cartas ofendendo os jornalistas excomungados, como relata Maragliano Júnior ao receber uma mensagem de “um crente analfabeto que me avisava que o seu Papa ia me amaldiçoar e que eu seguiria em breve o caminho de conhecidas personalidades, possivelmente vitimadas em consequência do anátema proferido contra elas pelo fundador da tal igreja”. Também servia para se dirigir aos excomungados, tanto é que não demorava para, a depender dos interesses, o Papa revogar, através de outro decreto, a excomunhão e o anátema que pesava sobre seus desafetos, como aconteceu Maragliano e Raquel de Queiroz⁹⁰⁶, visto na bula que reabilitava um jornalista goiano, sem esconder as finalidades políticas da religião: “Te desexcomungo e, assim, pontificalmente, te absolvo, Edison Hermano. E espero, um dia, não muito longe, mandar os meus fanáticos votar em você para deputado de tal 'ala moça' de Goiás”⁹⁰⁷.

A religião também foi usada nos anos 1950 para responder uma história contra o escritor mineiro veiculada por Júlio de Mesquita Filho. No seu livro de 1954 “Memórias de um Revolucionário: notas para um ensaio de sociologia política” refuta o livro homônimo com a interpretação do tenente João Alberto. Num trecho onde o reprova por não dar o devido valor a Siqueira Campos e Prestes, Mesquita Filho narra um encontro com Siqueira na Louveira, onde o pergunta sobre sua fama de sanguinário e cruel, espalhada pelo governo e seus jornalistas oficiosos. O chefe tenentista, para se defender, narra o seguinte episódio:

⁹⁰⁵ Goiás - Excomungados vários jornalistas. *Diário Carioca*, Rio, 25/05/1945, p. 5; Destacadas figuras da imprensa “excomungadas” pelo “Papa da Ciência Divina”. *Diário da Noite*, Rio, 21/05/1945, p. 8; MARAGLIANO JÚNIOR. Um problema de consciência (coluna conversa de cada dia). *Folha da Noite*, São Paulo, 24/06/1946, p. 2. Também são citados nas notícias Gregoriano Canedo, Silvestre Maia, J.E. de Macedo Soares, Danton Jobim, Pedro Mota Lima, Américo Palha, Pompeu de Souza, Barnabé de Campos, Maurício Loureiro Gama, Padre Armênio Cruz.

⁹⁰⁶ MARAGLIANO JÚNIOR. Um problema de consciência (coluna conversa de cada dia). *Folha da Noite*, São Paulo, 24/06/1946, p. 2.

⁹⁰⁷ Mahatma Golpista. *Diário Carioca*, Rio, 15/06/1945, p. 4.

Acabava eu de conceder à minha tropa algumas horas de repouso, quando topei com um grupo de praças que traziam, pelos braços, um prisioneiro. O homem estava literalmente arrasado. Com a fisionomia completamente desfeita, ele se me afigurava a própria imagem do terror. Às primeiras palavras da minha gente, compreendi: por estranha coincidência, ali estava um dos maiores detratores da coluna, autor de um panfleto que circulou aos milhares pelo país, espalhado pela polícia federal. Intitulava-se essa sujeira em letra de forma: ‘Jantando um Defunto’. Éramos todos apresentados com as cores mais negras. Prestes e eu como dois refinados patifes, vergados ao peso de não sei que crimes hediondos e a gotejar o sangue de um número inimaginável de inocentes. Tive ímpetos de entregá-lo à sanha de meus homens, que a essa altura nos haviam cercado sugerindo o fuzilamento imediato do canalha.

O enaltecimento de Siqueira Campos, paralelo à humilhação de João de Minas, é visto na sucessão do relato

Mas contive-me, ordenando-lhes que entrassem imediatamente em forma e, a dois deles, que o conduzissem, ou melhor, o arrastassem, tal o estado em que se achava, para uma casa vizinha, onde se agarrou a meus pés, procurando beijar-me as botas. Dava-me engulhos tamanha pusilamidade. E resolvi mandá-lo embora. Ordenei então que trouxessem um cavalo, pu-lo em cima e despachei-o pela estrada afora. O animal mal se mantinha na sela. Mas se foi. Apenas havia ele desaparecido na curva da estrada, sob os olhos coruscantes da tropa, lembrei-me de que naquela direção ele ia bater direitinho na retaguarda da coluna que, naquele instante, deveria estar a uns 15 quilômetros de onde nos achávamos, caminhando em direção ao norte. Se fosse apanhado pelos companheiros, não lhe escaparia nem mesmo a alma. Não hesitei. Chamei por dois homens da minha confiança e ordenei que partissem a galope atrás do safardana e que o escoltassem até fazê-lo transpor a zona perigosa. Tem aí você. Dizem-me que ainda vive o salafrário. Procure saber onde está e interrogue-o. Verá então se lhe estou a dizer a verdade ou não.’⁹⁰⁸

Pelas informações dadas, esta entrevista teria ocorrido provavelmente entre julho de 1927 e março de 1929. Não sabemos se é verdade o que foi contado. É preciso saber se João de Minas escreveu as crônicas do livro em algum jornal regional como o uberabense *Lavoura e Comércio*, possibilitando a leitura pelos revolucionários, e só posteriormente as publicou no jornal *O Paiz*. Caso contrário, se João de Minas publicou-os no Rio de Janeiro em julho de 1927, portanto após o término da marcha da Coluna, seria improvável que Siqueira tivesse lido as crônicas durante o percurso. De qualquer modo, anos depois, João de Minas desmente essa história, respondendo-a na Bíblia de sua religião:

⁹⁰⁸ MESQUITA FILHO, Julio. “*Memórias de um Revolucionário*”: Notas para um ensaio de Sociologia Política. São Paulo:Anhembi, 1954, pp. 16-17.

30º PENSAMENTO DA CIENCIA DIVINA. Os covardes, acostumados praticamente a apanhar no duro, se refinam em tremeliques de moral valentona. Exemplo: Júlio de Mesquita filho, o dono d'O Estado de São Paulo, escreveu umas infâmias contra o deputado e nobilíssimo general Euclides de Figueiredo. Este foi na redação, e encheu o pó de arroz de Julinho de bofetadas. Deu nele minuciosamente! *Atualmente, eu é que sou jirau de pancadas, na opinião de Julinho, no seu livro sobre a Revolução de Outubro.* João de Minas, autor do livro 'Jantando um Defunto', antes publicado no grande diário carioca 'O Paiz', fundado por Quintino Bocaiuva⁹⁰⁹.

Dessa forma, a partir de meados dos anos 1940, a inusitada mutação em Mahatma Patiala possibilitou a João de Minas efêmeras mas periódicas ressurreições nas páginas e colunas da imprensa. Até mesmo a Revista Clima dedicou uma nota irônica à nova religião⁹¹⁰. Os artigos em tom de pilhéria sugeriam o que os textos mais contundentes explicitavam, a picaretagem do escritor mineiro no seu novo ramo, sendo que estes últimos exploravam ainda outras facetas negativas, como a venalidade e a calúnia no jornalismo, o oportunismo político, a exploração das emoções e da pornografia na literatura popularesca considerada de mau gosto. Todos esses predicados foram se colando à sua figura de escritor e, somadas à guerra que empreendeu contra os mais renomados escritores e veículos de imprensa, contribuíram para que a pessoa eclipsasse a obra, levando esta, desde então, a desaparecer das enciclopédias e histórias da literatura brasileira produzidas nos principais centros do país.

Tais ausências, junto com a irada negativa de Paulo Duarte nos anos 1960, evidenciam que os clamores de Osório Borba prevaleceram: figuras como o escritor mineiro, visto como arrivista e picareta mas dotado de talento literário e sucesso entre os leitores, depunham contra a (auto)imagem de escritor (e intelectual em geral) sério com que esta classe se representava e esperava ser vista – uma vocação para elite dirigente⁹¹¹. Daí o direito, considerado legítimo, de julgar João de Minas “definitivamente morto e esquecido, antes mesmo da morte objetiva”.

⁹⁰⁹ MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1957, p. 66, grifo nosso.

⁹¹⁰ “Continua em franco progresso, com sede em Tupaciguara, em Minas Gerais, a religião 'Ciência Divina', fundada pelo Mahatma Patiala, aliás João de Minas, aliás Ariosto Palombo, antigo escritor e autor, dentre outros, dos livros 'Jantando um Defunto', 'Fêmeas e Santas' e 'A Prostituta do Céu'. Num templo santista da nova crença religiosa, atualmente fechado, um repórter encontrou imagens de Santa Teresinha, da Virgem Maria, do menino santo Antoninho Marmo e do dr. Getúlio Vargas”. Noticiário. *Clima*. n. 15, out. 1944, p. 90. Agradeço a Carmen Lúcia de Azevedo por me enviar esta notícia.

⁹¹¹ PECAULT, 1990, pp. 19-96. “A geração dos anos 25-40 não solicitou a mão protetora do Estado; ao contrário, mostrou-se disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais. Participando das funções públicas ou não, manteve uma linguagem que é a do poder. Ela proclamou, em alto e bom som, a sua vocação para elite dirigente.” p. 22.

Reminiscências goianas

No quarto volume da sua monumental obra sobre a literatura no Brasil, Afrânio Coutinho aborda o “Ciclo Central” do regionalismo, englobando com essa categoria os escritores mineiros e goianos que fazem parte de uma área geoeconômica comum de Minas, por isso não havendo ruptura entre eles. Ao abordar o regionalismo goiano, informa que haveria um “vazio literário” entre 1917 e 1944, a primeira data provavelmente referindo-se à publicação de “Tropas e Boiadas”, de Hugo de Carvalho Ramos, e a segunda “Ermos e Gerais”, de Bernardo Élis, ao lado do qual aparecem nesta fase José J. Veiga e outros⁹¹².

Uma das obras esquecidas foi “O Brasil Trágico” (1928), de Sílvio Floreal, na qual escreve as impressões sobre o Mato-Grosso. O outro esquecimento foram os livros sertanistas de João de Minas. Nessa linha, talvez com maior precisão que a obra de Floreal, João de Minas pudesse ser estabelecido como o “elo perdido” da literatura regionalista goiana. O elogio ao livro de Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921) veio num artigo publicado em 1921 no qual lamenta a precoce morte (suicídio) do escritor goiano e comenta sobre literatura sertanista⁹¹³. Além disso, nas suas andanças de jornalista, tornou-se amigo de seu irmão, Victor de Carvalho Ramos. Por outro lado, já vimos que João de Minas era amigo de Bernardo Élis (1915-1997), elogiando efusivamente seu primeiro livro de contos, *Ermos e Gerais*, de 1944.

Análises estilísticas sobre as relações entre esses autores já foram feitas. Relativizando a perspectiva linear de Coutinho, a professora goiana Moema Olival aponta a pluralidade das inspirações literárias de Bernardo Élis, incluindo escritores lidos na sua mocidade como João de Minas, José Lins do Rego, Hugo de Carvalho Ramos, às quais se compõem com técnicas descritivas e narrativas de escritores europeus e brasileiros de outras vertentes. No que toca ao regionalismo, uma das principais matrizes destacadas por Moema Olival é João de Minas, “que muito impressionou Bernardo Élis”, mostrando afinidades nos temas, recursos estilísticos, estruturas narrativas e construção de personagens, como pode ser visto na comparação entre os contos “O Monstro de Meio Palmo” (Mulheres e Monstros) e Pai Norato

⁹¹² COUTINHO, 2002, v. 4, cap. 40, p. 277-286. A primeira edição da coleção é de 1955 e a segunda de 1968.

⁹¹³ MINAS, João de. Um escritor sertanista. *O Jornal*, Rio, 13/06/1921, p. 2.

(Ermos e Gerais)⁹¹⁴. Essa questão da influência também foi debatida com escritores goianos numa entrevista com Bernardo Élis pouco tempo antes de sua morte:

Antônio José de Moura — O sentido trágico de sua obra me parece ter-se inspirado em João de Minas, um escritor de muito sucesso na primeira metade do século. Essa influência, no meu entender, se faz muito presente nos seus primeiros contos. Ele o influenciou, de fato, como influenciou muitos escritores no Brasil?

Haroldo de Brito (Antecipando-se à resposta do Bernardo Élis) — João de Minas morava em São Paulo, e tinha conseguido apreender o Movimento Modernista de 22. Escrevia muito bem. Poucos escritores escreviam tão bem como ele. Creio que a influência dele sobre Bernardo se dá em relação ao estilo. Mas acho que essa influência se limita ao primeiro livro de Bernardo, *Ermos e Gerais*. Num artigo de dezembro de 1951, na revista *Seara*, Bernardo afirma que seu primeiro livro, *Ermos e Gerais*, “foi escrito num tempo em que Pitigrilli, João de Minas, Plínio Salgado, Aldous Huxley, Dostoiévski e outros não menos perniciosos escritores eram lidos como a última palavra em literatura”.

Bernardo Élis (Retomando a pergunta de Antônio José de Moura, comentada por Haroldo de Brito) — Essas discussões a respeito de João de Minas são interessantes. Acho que tanto Moura quanto Haroldo têm razão. João de Minas tem influência de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Um certo humor negro, presente em João de Minas e também na minha obra, é típico do caipira brasileiro e já aparece em Monteiro Lobato. Ático Villas-Boas observou isso. Certa vez, por exemplo, fui procurado por um parente meu que me deu a coletânea de contos recheada de humor negro. Gostei dos contos. Achei corajosos. Depois, fiquei sabendo que se tratava de um livro da Anita Agnello.

Euler Belém — Harold Bloom diz que todo autor luta contra a angústia da influência até criar seu próprio estilo. O senhor se libertou de João de Minas em qual livro?

Bernardo Élis — Concorde com Haroldo de Brito. Acho que me libertei de João de Minas a partir de *Ermos e Gerais*. Nesse livro, ainda há alguns adjetivos ou expressões típicos de João de Minas, como “uma luz analfabeta”. Tenho um conto que se inicia com uma clara influência de João de Minas: “O crepúsculo mastigava tragicamente a paisagem”.

Euler Belém — (Dirigindo-se a Domingos Félix de Souza) — O senhor concorda com essa análise sobre a influência de João de Minas na obra de Bernardo Élis?

Domingos Félix de Souza — Bernardo exagera essa influência. E nós também. Bernardo pode ter aprendido com João de Minas, como aprendeu em outras fontes a manejar os temas proibidos, a começar com a própria família.⁹¹⁵

⁹¹⁴ OLIVAL, 1976, pp. 46-50. Nessas páginas, a autora analisa os contos de Bernardo Élis sob o ponto de vista das afinidades literárias.

⁹¹⁵ BRITO, 1996.

Quando perguntado sobre suas influências literárias, Élis nunca escondeu a inspiração de João de Minas. Na introdução de uma seleção de textos de 1982, ao comentar suas descobertas que levaram aos primeiros contos, cita novamente José Lins do Rego e Hugo de Carvalho Ramos, refuta a influência de Lobato e finaliza: “Agora, um escritor desconhecido foi-me importante: João de Minas, com uma prosa cáustica mas com pinceladas poéticas. Escreveu *Em Farras com o Demônio*, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, *Jantando um Defunto*... gostei dele porque achei que conseguia captar o espírito do caipira”⁹¹⁶. Já no fim da vida, ao comentar novamente seu processo criativo, descreve melhor sua apropriação do escritor mineiro:

Havia um autor que eu mesmo considerava de 4ª ou 3ª categoria, mas cuja leitura me agradava pelo que continha de poético, ágil, cínico, pelos *insights*, admiráveis que dava sobre a paisagem natural, humana e psíquica do sertanejo. Sobretudo, era chocante o humor negro que sabia desenvolver. Esse autor era João de Minas, pseudônimo do cidadão mineiro Ariosto Palombo, que na qualidade de líder religioso – de uma religião cujo maior castigo era o excomungado ser atacado por bicho-de-pé –, se chamava Mahatma Patiala.

Pois foi esse João de Minas o meu mestre. Entendi que, se se lhe podassem alguns excessos de doutrina espírita, alguns momentos de flagrante mau gosto (para mim), alguns inícios de contos que eram puro relato burocrático, uma certa mania de criar um clima ambíguo ou absurdo e depois explicá-los racionalmente – fora isso e mais alguma coisa, se sobrasse ainda um pouco de literatura, essa literatura era aproveitável. Passei a guiar-me por João de Minas na estruturação da obra e no aproveitamento da sua postura intelectual no tocante ao humor negro, à burrice humana e à bagunça da vida nacional. Era difícil essa tarefa porque já então eu sabia que a forma e o conteúdo constituem um todo homogêneo, em que um aspecto determina e completa o outro.⁹¹⁷

Bernardo Élis não apenas comentava a influência, como também era um grande propagandista das obras de João de Minas e indicava entusiasticamente sua leitura. Recomendou a leitura atenciosa de João de Minas a Caio Porfírio Carneiro. Caio já havia lido *Mulheres e Monstros* na juventude, e descoberto *Jantando um Defunto* na Biblioteca Mário de Andrade depois que se mudou para São Paulo. Quando foi fazer uma palestra em Goiânia nos anos 1960, encontrou Élis e perguntou-lhe sobre João de Minas, obtendo a seguinte resposta: “Olha, eu me empolguei mais ainda com o regionalismo, com minha obra regionalística, depois que eu li João de Minas. (...) Li, conheci muito o João de Minas.” Após discorrer sobre

⁹¹⁶ ELLIS JÚNIOR, 1983, pp. 6-7.

⁹¹⁷ ELLIS JÚNIOR, 1997, p. 67.

a personalidade mitômana e relatar a vergonha que sentiu quando encontrou o escritor mineiro mal vestido comendo um frango assado numa pensão, Ellis incita o colega:

“Caio, você não pode deixar de ler esse escritor. Esse escritor me ensinou o que é o fantástico na literatura brasileira”. Eu disse: “É verdade”. “Releia. Releia com atenção os contos dele e veja uma magia que ele faz na expressão. Isso não é meu não”. Depois eu fui ver, constatei. Ele escreve de uma maneira como se fosse uma reportagem. Mas de repente ele passa para o impressionismo. Ele dá uma visão assim de retrato desfocado da coisa. E de repente ele exagera e passa e vai também para o expressionismo. Tudo isso numa frase, ou em duas frases. “Isso só pode fazer, Caio, quem tem um talento notável. Ele tem descrições, e é verdade, que poucas vezes eu vi num escritor brasileiro”. E você pode ver na obra dele, né, com a personagem rajado como se estivesse cheio de remendos, e dizer, ele faz uma amostragem perfeita da coisa. O que é que eu fiz. Eu: “Me diga alguma coisa dele”. Ele: “Não, não. Você precisa [ler]. Você que está fazendo...”

Em seguida, Caio Porfírio avalia o escritor e comenta como se apropriou de processos literários em um de seus livros:

O meu primeiro livro é regional. Mas eu não parti para esse, esse fantástico, porque é uma espécie de fantástico alegórico João de Minas, que não era a minha linha. Mas eu passei a usar um pouco o que o João de Minas fez, claro que não copiando, quando eu publiquei meu livro *Chuva e os Dez Cavaleiros* [1977], que é ao mesmo tempo a reportagem que passa para o fotográfico, para o expressionismo, para o fantástico e para o alegórico, e para o real. E faz tudo aquilo com uma beleza de expressão. E no português correto de um homem de grande cultura. Agora... vê-se bem que é um homem que relaxa, porque de repente ele cai e fica na descrição, numa delas quando diz que ele viu Prestes comendo o braço de um cadáver, conversa dele. Falei, bom, como ele dizia muita mentira, porque era um mitômano, ele não fez uma obra muito unitária e ascendente. O que ele fez foi picos constantes de genialidade, descontinuados.⁹¹⁸

Outro que foi incitado por Bernardo Elis foi Elder Rocha Lima, que comenta como Elis apresentou a pessoa e os livros do escritor mineiro a um grupo de jovens em Goiânia:

Quando jovem, morava na Av. Tocantins, em Goiânia. Quase vizinho existia um hotel da excelente gente dos Hermano – além de seus proprietários serem amigos, também hospedavam vários outros amigos, como os irmãos Britto (Haroldo, Renato e Elbio), que eram, inclusive, meus colegas de Lyceu. Também morava lá o escritor, também amigo e parente, Bernardo Elis. Isso se passava aí pelos meados da década de 40 (...) Ocorre que, de vez em quando, hospedava-se por lá, no hotel, uma curiosa figura de escritor e jornalista que usava o pseudônimo de João de Minas, residente em Uberaba. Por meio do Haroldo e do Bernardo fiquei conhecendo essa exótica figura. (...) Bernardo insistiu que lêssemos os livros do escritor, que, segundo ele,

⁹¹⁸ CARNEIRO, 2006, p. 2-3. Há um resumo do incidente publicado em CARNEIRO, 1992, p. 4.

era um grande escritor e chegava mesmo a reconhecer nele uma de suas maiores influências estilísticas. Os nomes de seus livros já tinham despertado nossa curiosidade: Jantando um defunto; Farras com o demônio: histórias vividas por João de Minas; Mulheres e monstros etc. (...) Assim o fizemos, além de lermos seus deliciosos artigos no jornal Lavoura e Comércio, tradicional no Triângulo Mineiro. Além de Minas Gerais, o nosso amigo tinha colaborado em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo e era respeitado por lá tanto como escritor como jornalista, não sei se pelo seu talento ou sua singularidade.

Elder comenta o que agradava tanto na obra como na pessoa de João de Minas

A literatura desse escritor fugia ao normal que existia na época, e isso foi de nosso agrado, pois éramos admiradores dos escritores modernistas, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e congêneres, e éramos também jovens totalmente rebeldes a tudo que se parecesse com coisa consagrada, inclusive em política e literatura. O estilo e temas exóticos do nosso escritor vinham ao encontro daquilo que aspirávamos em literatura – completa iconoclastia. / Além das aventuras literárias, João de Minas era fundador de uma religião que ele chamava de “Igreja Comunista Cristã Científica”, e ele, seu fundador, era o chefe supremo da seita, autodenominando-se Mahatma Patiala. Ora, esse homem para nós, além de escritor diferente era, no nosso entender, um personagem macunaímico e isso nos divertia a valer⁹¹⁹.

Elder Rocha Lima, Caio Porfírio, Bernardo Éllis e Haroldo Brito conheciam as atividades religiosas e jornalísticas de João de Minas. Mas as atitudes diante da personalidade assemelhavam-se à postura irônica dos primeiros articulistas sobre a religião ou então de depoimentos colhidos por Caio Porfírio, isto é, vê-lo como uma personagem, um tipo literário. Elder Lima chega a associá-lo a dois famosos malandros da literatura brasileira: além de Macunaíma, ele considera João de Minas “escritor de belas metáforas, mentiroso contumaz e embromador brilhante - gente da raça dos grandes - um João Grilo culto”.

Além das mentiras e fantasias visando autopromoção, outro exemplo de atitude desconcertante que facilmente seriam atribuídas a essas personagens foi o fato de João de Minas nunca deixar de explicitamente alimentar a imagem de picareta que circulava a seu respeito. Em 1945, o redator do *Diário Carioca* acha incrível as coisas ditas pelo Mahatma na nota que absolveu alguns desafetos. Dentre o poderia ser reproduzido sem escândalo, João de Minas chama-se de cínico, descarado e de gênio; não é escritor obsceno porque ganha dinheiro com suas obscenidades; apesar de trabalhar muito tem tempo de beber cachaça pelos botequins; e que fundou uma religião para poder dar um golpe⁹²⁰. Semelhante ao que foi dito a

⁹¹⁹ LIMA, 2009.

⁹²⁰ Mahatma Golpista. *Diário Carioca*, Rio, 15/06/1945, p. 4.

Antonio D'Elia na UBE, anos depois o próprio Caio Porfírio testemunhou uma declaração pouco convencionnal, em cadeia nacional de TV:

um dia eu (...) vi o João de Minas na televisão. (...) eu não sei se, no programa da Bibi Ferreira, Bibi Ferreira tinha um programa de televisão⁹²¹. (...) quando eu vi o João de Minas olhei: “Ah, aquele é o João de Minas!”. Ele passeando no palco, sobe no palco. É um tipo alto, mais alto do que baixo, amorenado, mas do moreno branco, moreno quer dizer branco, amorenado, forte, passeando, dizendo: “Eu já cheguei aos 80 (acho que 78, coisa assim), (...). Tenho uma Igreja, não sei o que. Agora eu tenho minha Igreja mas tomo meu uísque é em Paris” Disse isso na televisão, para todo mundo ouvir. Ele falou com tanta franqueza e facilidade que eu tenho para mim que o povo ouviu aquilo como uma piada, porque isso [risos] só um doido diz, ele disse isso com tanta facilidade: “É, tenho um carro aí na porta, e coisa e tal. Eu tomo meu uísque e vou para Paris. O que é que vou fazer aqui no Brasil? Nada.”⁹²²

Para o escritor cearense e para seus colegas de Goiás, as atitudes insólitas de João de Minas não foram suficientes para ofuscar o impacto da lembrança da leitura dos livros. Em especial no caso dos goianos, é preciso considerar que não foram alvo das injúrias, estabelecendo laços cordiais e de franca simpatia que levou João de Minas, por exemplo, a divulgar o primeiro livro de contos de Bernardo Éllis. Todavia, os depoimentos permitem ver que todos consideraram o escritor porque seus livros pareciam responder a determinados problemas literários que eles se colocavam. Viram no escritor mineiro uma renovação estilística, que trazia, além de uma prosa agradável de ser lida, uma linguagem despojada (valorizada pelos simpatizantes do modernismo de 1922) e novas possibilidades de representação do sertão e do sertanejo, que Bernardo Éllis e Caio Porfírio não deixaram de incorporar em seus livros de teor regionalista. Esses dois escritores, nascidos respectivamente em 1915 e 1928, pegaram os livros de João de Minas em circulação. Ou seja, no cenário literário após 1922, percebiam nele um caminho alternativo aos escritores nordestinos dos anos 1930. No caso de Éllis a questão deve ter sido mais forte porque o assunto era justamente sua terra natal, Goiás e sua gente.

A busca pela solução de um problema literário aproxima Bernardo Éllis de Humberto de Campos⁹²³. Mesmo pertencendo a gerações diferentes, um estreando na cena literária

⁹²¹ Os programas de Bibi Ferreira na TV foram: pela Excelsior, desde 1960, fez Brasil 60 (que continuou com 61, 62, 63), Bibi sempre Bibi, Bibi sempre aos domingos. Após 1964, pela Tupi, Bibi ao Vivo, que durou quatro anos, e depois, Bibi Série Especial. SENNA 2009.

⁹²² CARNEIRO, 2006, p. 2-7. Há um resumo publicado em CARNEIRO, 1992, p. 10.

⁹²³ Ver cap. 2.

quando o outro já havia desaparecido, o estado da literatura nacional em fins dos anos 1920 levou os dois a elogiarem os livros sertanejos de João de Minas, pelos mesmos motivos – estilo novo, expressionismo, representação do sertão e do sertanejo. Mas o capital cultural de Campos, o estado do campo literário, a novidade da obra e das opiniões sobre o escritor mineiro (relativamente desconhecido), bem como a disponibilidade física dos livros, possibilitaram a Campos aquilo que Bernardo Éllis não conseguiu, uma divulgação das narrativas sertanistas do escritor mineiro para além do círculo restrito dos amigos. Mesmo depois de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1975, nenhuma das declarações de Éllis que apontavam a inspiração de João de Minas despertou alguma atenção.

Há uma ligação, talvez de surpreendente unanimidade, entre os simpatizantes, os mais críticos e os que o detestavam: o escritor João de Minas era o sertanista. Com algumas exceções, concordava-se que seus três primeiros livros de narrativas tinham grandes méritos, apesar das restrições temáticas e estilísticas que poderiam ser feitas. Foi assim na sua estreia em 1929, assim como durante os anos 1930 quando se condenou sua atuação folhetinesca, e também nos comentários dos anos 1940 sobre a guinada religiosa, como vimos acima. As narrativas publicadas nos anos 1930 eram geralmente ignoradas ou, quando lembradas nos artigos da imprensa, desancadas como de péssimo gosto. Assim, João de Minas não apenas teve sua atuação apagada das letras nacionais. Por não responder às expectativas literárias de estilo ou representação do sertão, a parte de sua obra voltada ao entretenimento do grande público foi esquecida – e isto mesmo entre aqueles que nutriam admiração pelo escritor.

Conclusão

Se fôssemos convidados para falar ao lado dos especialistas num hipotético e improvável I Encontro sobre João de Minas (provavelmente promovido e sediado por algum remanescente e obscuro núcleo da Igreja Brasileira Cristã Científica), apresentariamos a tese enunciada no início do capítulo anterior. Em parte, a pessoa se sobrepujou à memória de sua obra nos meios literários e intelectuais nacionais. A construção das imagens negativas a seu respeito ocorreu em dois momentos: meados dos anos 1930 e a partir de meados dos anos 1940. No primeiro, se questionou seu cabotinismo literário ao voltar sua prosa para livros folhetinescos escandalosos e pornográficos. No segundo, acrescentaram-se elementos próprios da atuação ligadas à sua religião, mas também recuperando a atuação junto aos donos do poder antes e depois de 1930, compondo uma imagem de intelectual vigarista, oportunista, venal e inescrupuloso. Antes e durante esse período permaneceu a memória da qualidade literária de seus primeiros livros sertanistas, seguida pelo sucesso de público dos livros urbanos sexuais. Aos momentos de construção desse perfil correspondem guinadas na atuação cultural de João de Minas, que se distanciou da imagem esperada de um literato e intelectual. Percebe-se que o escritor mineiro sempre esteve voltado para um público massivo, caminhando no sentido de lidar cada vez mais com os códigos culturais difundidos nessas camadas. Jornalista, autor de entretenimento ou profeta, João de Minas, para enriquecer ou ter prestígio, buscou atingir as massas, mesmo ao custo de sua carreira entre os pares.

Uma das contribuições dessa tese foi abordar, através das *personas* e paródias, alguns temas da moda entre 1927 e 1969. No período entre 1927 a 1933, enquanto atuava como jornalista, sua escrita tão bem caracterizada como visão de mundo *fait divers*, cujos títulos foram considerados “de mau gosto”, era inspirada nos grandes jornalistas do primeiro período republicano. Misturando ficção e reportagem para caluniar os desafetos políticos, chama atenção os temas macabros e grotescos coadunados a um humor e ao sobrenatural que originaram parte de sua fama de um dos expoentes da literatura fantástica no Brasil. Fê-lo através do valorizado tema do sertão, ao qual se associava uma nacionalidade autêntica, mas que também dialogava com os romances de aventuras – gênero narrativo caracterizado pela ambiência em terras distantes e exóticas para os padrões do que se considerava civilização.

Ao lançar romances entre 1934 e 1937 voltados a um público em expansão, tornou mais agressivo o apelo ao incorporar técnicas de propaganda das editoras populares, da imprensa e do cinema falado, prática levada a cabo junto e com o *know-how* dos editores de seus livros. Analisamos o trânsito entre os romances de costumes, o sentimental e o sexual (pornográfico para a época), seja ambientado nas grandes metrópoles da época ou na cidade de Ouro Preto imperial. Tivemos contato também com sua produção policial, sendo este um dos gêneros mais difundidos entre os leitores dos anos 30.

A linha popularesca se acentuou com a nova roupagem religiosa do escritor, que assumiu uma nova *persona* para responder aos anseios generalizados por verdades transcendentais, em uma paródia eclética, senão anárquica, das tendências religiosas em voga no país entre os anos 1930 e 1960. Interrompendo a publicação de ficção mas não abandonando a identidade de escritor, transformou sua própria vida em um romance irreverente ao inventar uma personagem que não apenas criou um mundo próprio mas fez com que fosse habitado por centenas de pessoas país afora. Mesmo aqui percebemos como sua atuação foi se modificando no sentido de lidar com os códigos de um público cada vez mais amplo: se com a Academia de Ciências Ocultas (1935) o público-alvo parecia ser principalmente a classe média afeita a assuntos esotéricos ou espíritas, com a Igreja Brasileira Cristã Científica (1940) e a Cura Divina Total (1960) os códigos do catolicismo rústico, do protestantismo pentecostal e da macumba (umbanda) formaram as matrizes do eclético credo.

As condições em que ocorreram é que tornam as guinadas e a recepção da sua tortuosa trajetória interessantes do ponto de vista histórico. Vimos que a construção do “escritor João de Minas” dependeu essencialmente de dois fatores. Primeiramente, ao lado de seu reconhecido talento, o fato de atender como jornalista aos interesses das oligarquias no poder nos estados de Minas, Goiás, São Paulo e no governo federal possibilitou que toda a máquina da imprensa governista fosse colocada a seu favor, na produção editorial dos primeiros livros e na promoção de sua imagem. Isso propiciou sua visibilidade mas não sua fama. Esta só veio a partir de um efeito de campo, como diria Bourdieu. No circunscrito circuito das letras de finais dos anos 1920, no qual a principal instituição de legitimidade literária era a Academia Brasileira de Letras, foi o elogio de Humberto de Campos e de seus colegas imortais que chamou a atenção dos pares. Preencheu, à revelia, um espaço possível em um cenário à época tido como polarizado entre as forças de renovação (os novos) e de conservação literárias (os

velhos), pois o escritor mineiro foi visto como uma promessa de renovação literária alternativa aos modernistas que questionavam a utilidade da Academia.

Nas décadas seguintes, João de Minas mobilizou o quanto pode esse capital cultural em proveito de sua autopromoção, mas não levou a sério a ideia de se tornar um escritor beletrista, para espanto e frustração dos pares. As transformações no espaço das letras dos grandes centros urbanos nos anos 1930, na verdade levaram-no para o lado oposto. A expansão do sistema educacional e o aumento dos postos de trabalho no terciário criou um público leitor com gosto voltado a narrativas pulsantes que hoje classificamos como entretenimento, sem estar pautado pelas opiniões da crítica. A crise mundial de 1929 criou as condições suprir a demanda do mercado editorial nacional, que valeu-se da tradução de livros estrangeiros das coleções dos gêneros de aventuras, sentimental e policial. Tal expansão dos livros populares na década de 1930 não escapou aos escritores, editores e intelectuais, que questionaram seus impactos na formação da cultura e nacionalidade brasileira.

O escritor mineiro viu aí não apenas a possibilidade de profissionalização do escritor romancista, para utilizar o termo de Sérgio Miceli. Projetou na relação direta com o público amplo e anônimo, possível comprador de seus livros e legitimador de seu prestígio, uma libertação das instâncias que fizeram sua fama de escritor, os poderes políticos e as instituições literárias (a crítica). Nesse sentido, dinheiro e prestígio não dependeriam mais de favores ou opiniões pessoais, mas de uma adequação do escritor à sensibilidade de um grande número de leitores. Seus livros dessa época incorporaram essa perspectiva. O tratamento editorial dos textos reeditados e inéditos ocorreu no sentido de facilitar a leitura e chamar, através dos paratextos, a atenção desse emergente público. Além disso, não só produziu nos gêneros “menores” mais vendidos, como seu estilo incorporou e aprofundou a estética agressiva da propaganda jornalística e cinematográfica. Em relação aos conteúdos, não apenas seguiu de perto e incorporou os temas palpitantes em moda, como sua narrativa foi marcada por uma iconoclastia direcionada a denunciar a hipocrisia moral e corrupção de todas as instâncias políticas e sociais passadas e presentes, visando causar escândalo entre os mais conservadores e, com isso, construir-se como escritor famoso entre os jovens.

João de Minas não ligou para as opiniões que denunciaram seu populismo literário porque essa perspectiva não só parecia-lhe promissora como foi projetada como a nova

função do escritor em uma sociedade coletivizada ou de massas. Nesse sentido, criou uma versão literária análoga aos populismos políticos da década, em especial daqueles pregados pelo fascismo, nazismo e, no Brasil, integralismo, pois veiculou (cinicamente ou não, não importa) a comunhão de sensibilidades entre o escritor e seu público. Mas suas pretensões esbarraram na falta de acesso aos meios de comunicação, no caso a circulação de livros. Sofreu os reveses do precário estado do mercado editorial nacional, ainda com baixa especialização de funções e imensas dificuldades de distribuição, aguçadas porque, sem conseguir acesso às grandes casas editoras do período, veiculou suas obras por pequenas empresas do ramo. Depois, esbarrou num período de ditadura com cerrada censura.

O populismo literário foi a primeira manifestação da ideia que João de Minas poderia se promover e se manter através do favor exclusivo das massas. Ainda escritor de folhetins para os jornais, percebeu e satirizou o poder mobilizador das crenças na sobrevivência da alma e nos poderes mágicos-sobrenaturais veiculados pelo espiritismo, macumba e esoterismo. Desde o início do século XX essas vertentes eram difundidas nos grandes centros urbanos mas nos anos 1930 gozavam de grande popularidade, como atesta o sucesso com que foi recebido Krishnamurti em 1935, não por acaso o modelo da nova criação de João de Minas, o Mahatma Patiala, que o acompanhou até fins dos anos 1960. Aqui não está em questão um problema que apareceu nos jornais dos anos 1940: se João de Minas se converteu, enlouqueceu, achou uma maneira fácil de ganhar dinheiro / prestígio / poder, ou tudo isso junto. A questão é que perseguiu e incorporou as populares tendências religiosas de meados do século XX, cujos elementos foram integrados em uma seita em que João de Minas era o chefe supremo de uma estrutura organizacional hierárquica. Sua utilização agressiva de meios de comunicação massivos como rádio, aparição em praças públicas, divulgação intensiva de panfletos levou-a angariar adeptos entre todas as classes sociais e, daí, conseguir certo patrimônio. Nesse sentido, foi uma eclética precursora das atuais igrejas neopentecostais.

No caminho de mapear a construção e desconstrução da imagem de João de Minas como escritor, para seu “esquecimento” vimos que tão importante quanto as atitudes pessoais foi o fato de ter atuado com um estilo agressivo visando responder ao gosto do amplo público. O processo foi tão intenso a ponto de seus livros dos anos 1930 não serem considerados mesmo entre seus simpatizantes. Nos anos 1990 essa dimensão de “subliteratura” de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* voltou a desorientar os críticos e depor contra aquilo que poderia

ser um tesouro arqueológico nas letras nacionais. Na mesma época que Aderbal Freire Filho planejava levar esse romance aos palcos, José Paulo Paes causou sensação ao clamar por uma literatura de entretenimento nacional, mas nem mesmo ele teve notícia da tentativa de João de Minas de se tornar referência nesse campo cinquenta anos antes.

Nesse sentido, esta tese contribui, junto com os estudos citados na introdução, com a cartografia desse território que cada vez menos se parece com uma paupérrima ilha e mais com um continente⁹²⁴. Cartografia que não envolve apenas o inventário de obras, gêneros e autores classificados aprioristicamente como “entretenimento”, mas na reconstituição das condições sociais e culturais que levaram à emergência dessa classificação, os trânsitos entre as categorias eruditas, populares e massivas temporalmente definidas, bem como as questões que tal emergência mobilizou. Para citar um exemplo da relevância da tarefa, foi curioso notar como várias das questões levantadas por José Paulo Paes sobre a relação nacional x estrangeiro, a suposta (e desmentida) incapacidade brasileira de atuar nesses ramos, a extrema valorização intelectual da alta literatura, bem como a função da literatura de entretenimento para a formação de um público leitor de literatura erudita, que nos anos 1980 apareceram com novidade, já estavam todas colocadas nos anos 1930.

Como já disse naquela época Clóvis Ramalhete, e parodiando José Paulo Paes, daí a importância, ao lado da fartamente estudada história da literatura considerada erudita ou de proposta, de uma não menos vigorosa e coletiva história da literatura voltada para o grande público, o que quer que isso signifique em cada período. Uma complexa história da (constituição da) literatura brasileira que hoje classificamos como entretenimento pode ajudar a mapear sensibilidades soterradas que mobilizaram mentes e corações de expressivo número de leitores. Nessa empreitada podemos descobrir escritores como João de Minas que, nos anos 1930, ao destilar seu ressentimento via sátira, apontou as inúmeras, persistentes (e atuais) permanências nas práticas políticas e sociais quando os novos donos do poder insistiam em representar rupturas revolucionárias, mostrando que a função de entretenimento não necessariamente precisa ser alienante e efêmera.

⁹²⁴ “A agressividade com que certos críticos se voltaram contra ele [José Mauro], julgando-lhe o desempenho unicamente em termos de estética literária, em vez de analisá-lo pelo prisma da sociologia do gosto e do consumo, mostra a miopia de nossa crítica para questões que fujam ao quadro da literatura erudita. Talvez à mesma miopia se deva não ter sido feito até agora um levantamento de nossa ainda paupérrima, mas nem por isso nula, literatura de entretenimento. Enquanto não for feito, a meia dúzia de autores aqui mencionados vale como lembrete de um território ainda à espera de cartógrafos.” PAES, 1990, pp 34-35.

Fontes

Websites de busca

Acervo Estadão (O Estado de São Paulo)

<http://acervo.estadao.com.br/>

Acervo Folha (Grupo Folha)

<http://acervo.folha.com.br/>

Google (Google)

<http://www.google.com.br/webhp?hl=pt-PT&tab=ww>

Google Books (Google)

<http://books.google.com.br/>

Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional).

<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

IBGE Cidades

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

IBGE – Estatísticas do século XX

<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>

Jus Brasil

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios>

Veja Digital

veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx

Periódicos

ABC, Rio, 1929-1930.

A Batalha, Rio, 1932.

Boletim de Ariel, Rio, 1934.

Correio da Manhã, Rio, 1929-1963

Correio Paulistano, São Paulo, 1927-1942

Correio de São Paulo, São Paulo, 1932-1937

Crítica, Rio, 1929-1930

Diário da Bahia, Salvador, 1936-1937

Diário Carioca, Rio, 1929-1948
 Diário Oficial da União, Rio, 1930-1960
 Diário da Noite, Rio, 1930-1947
 Diário de Notícias, Rio, 1933-1943
 O Estado de São Paulo, São Paulo, 1920-2010
 Festa, Rio, 1934.
 Folha da Manhã, São Paulo, 1927-1959
 Folha da Noite, São Paulo, 1927-1959
 Folha de São Paulo, São Paulo, 1960-2010
 A Gazeta, São Paulo, 1927-1937
 Gazeta de Notícias, Rio, 1930-1935
 Ilustração Brasileira, Rio, 1929-1930
 Imparcial, Araraquara, 1932
 Imparcial, Rio, 1938-1941
 O Jornal, Rio, (1920-22, 1927-1930
 Jornal do Brasil, Rio, 1929-1937, 1990
 Jornal do Estado (Diário Oficial), São Paulo, 1930-1984
 A Manhã, Rio, 1929-1945
 O Malho, Rio, 1927-1937
 Momento, Porto Alegre, 1940
 A Noite, Rio, 1930-1951
 O Paiz, Rio, 1927-1934
 Revista do Globo, Porto Alegre, 1929, 1934, 1952
 Revista da Semana, Rio, 1931-1946
 Revista Sul América, Rio, 1932-1937
 Tribuna de Santos, Santos, 1934

Livros de João de Minas

Jantando um Defunto. Rio de Janeiro: Alpha, 1929.
Farras com o Demônio: Historias Vividas por João de Minas. Rio de Janeiro: Orozio, 1930.
Sangue de Ilusões. Rio de Janeiro: Casa Leuzinger, 1930
Mulheres e Monstros. São Paulo: Gráfico Editora Unitas, 1933.

Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos. São Paulo: Record, 1934.

Pelas Terras Perdidas. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

A mulher Carioca aos 22 anos. Rio de Janeiro: Dantes, 1999 (1934).

A Datilógrafa Loura (Romance da Mulher Proletária em São Paulo). Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

Uma Mulher... Mulher. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

Fêmeas e Santas. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

A Prostituta do céu. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1936.

A Vida Começa na Ciência Divina. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1957

Sobre João de Minas

Sobre o escritor e jornalista, entre 1927 e 1989

ACADEMIA Brasileira de Letras. Resumo das sessões realizadas no mês de out./1930
Revista da Academia Brasileira de Letras, v. 34, ano XXI, n. 107, nov. 1930, p. 371.

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 36, ano XXII, n. 114, junho de 1931, p. 235.

Actualidades Literárias, *A Noite*, Rio, 19/03/1934, p. 6

ATHAIDE, Tristão. Vida Literária. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1929, p. 4.

AMARAL, Rubens. Romances de Aventuras. *Folha da Manhã*, 6/09/1936, p. 8.

BARRETO, Plínio. Livros Novos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01/06/1929, p. 3.

CABRAL, Mário. Vida Literária. *Correio de Aracaju*, 17/05/1941, p. 3

CAMPOS, Humberto. Um Bárbaro. In: *Crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson, [1945a], pp. 365-382. Ed. orig. 1933, texto de 1929.

Carta da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Rio Preto. *Jornal do Estado* (DOSP), São Paulo, 20/07/1933, p. 2

COELHO NETO. Carta a João de Minas. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIX.

ELLIS JÚNIOR, Bernardo. Literatura e Participação (entrevista concedida a Benjamin Abdala Jr. em Goiânia em julho de 1982) In: *Bernardo Ellis*. Seleção de Textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Benjamin Abdala Jr. São Paulo: Abril Educação, 1983.

Farras com o Demônio. *A Gazeta*, São Paulo, 31/7/1930.

- FERNANDES, Carlos Dias. Autores e Livros. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIX.
- FONTOURA, Lauro. Jantando um Defunto: O rio das Agonias. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30/05/1929, p. 2.
- A Guerra de S. Paulo tem o seu primeiro romance sexual. *A Gazeta*, São Paulo, 17/11/1934, p. 6.
- HÉLIOS (pseud. Menotti del Picchia). Cronica Social. *Correio Paulistano*, 17/10/1929, p. 6.
- HOMENAGENS a um Ilustre Jornalista, em Pouso Alto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13/01/1928, p. 2
- Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos. *A Gazeta* (São Paulo), 2/3/1934, p. 8.
- Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos. Livros. *Boletim de Ariel* (Rio), n. 9, jun/1934, p. 247.
- JOSÉ, Oiliam. Sete Romancistas Mineiros. Revista da Academia Mineira de Letras, v. XXII, 1959-1964, Belo Horizonte, p. 61-80.
- LOBATO, Monteiro. Uma carta de Monteiro Lobato, em torno à personalidade fulgurante do nosso colaborador João de Minas. *Jornal do Estado* (DOSP), 18/07/1933, p. 2.
- MAUL, Carlos. Um livro que é um caso de polícia. *O Paiz*, Rio, 17/02/1934, p. 3.
- MAUL, Carlos. Bolchevismo e literatura de esgoto. In: _____. *Nacionalismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: Batista e Souza & Cia, 1936, pp.
- MAUL, Carlos. Memórias (folhas avulsas). Revista da Academia Fluminense de Letras, v. 8, junho 1955, Niterói-RJ. Item sobre JM – Um novo Antonio Conselheiro, pp. 92-93.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Notas Literárias. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p.
- MESQUITA FILHO, Julio. “Memórias de um Revolucionário”: Notas para um ensaio de Sociologia Política. São Paulo: Anhembi, 1954, p. 17-18
- MIRANDA, Veiga. Duas Galerias de Assombros. *Correio Paulistano*, 13/08/1930, p. 2
- MOURA, Antonio José de. *Sete Léguas no Paraíso*. São Paulo: Global, 1988, pp. 210-250.
- Mulheres e Monstros. *Correio de São Paulo* (São Paulo), 18/11/1933, p. 1.
- Mulheres e Monstros. Livros Novos. *Folha da Manhã* (São Paulo), 11/02/1934, p. 4.
- Mulheres e Monstros. Livros. *Boletim de Ariel* (Rio), n. 4, jan/1934, p. 109.
- A Mulher Carioca aos 22 Anos. Livros Novos. *Diário da Noite*, 27/02/1934, p. 4.
- “O próximo livro de João de Minas, a ser editado pela Unitas” *A Gazeta* (São Paulo), 03/10/1933, p. 6.
- “O prefeito de Jardinópolis é um entusiasta do plano rodoviário quinquenal – uma carta expressiva”. *Jornal do Estado* (DOSP), 4/7/1933, p. 4.

PICCHIA, Menotti Del. Sobre um Livro de João de Minas. *Correio Paulistano*, 22/10/1929, p. 1.

RIBEIRO, João. Crônica Literária In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIV.

RIBEIRO, João. Crônica Literária. *Jornal do Brasil*, 27/8/1930, p. 5.

Um novo livro de João de Minas *Correio de São Paulo*, 18/07/1934, p. 2.

Uma Mulher... Mulher! Livros Novos. *Revista da Semana*, 23/02/1935, p. 17.

Uma Mulher... Mulher! Livros. *A Noite*, Rio, 3/01/1935, p. 7.

Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo. Livros e Autores. *A Gazeta*, São Paulo, 09/12/1936, p. 6.

Sobre a Igreja Brasileira Cristã Científica

Adotou o título de Papa Cristão Científico. *Diário da Noite*, 2/5/1944, p. 3 e 10.

COUTINHO, Galeão. Uma Nova religião (coluna Janela sobre a Avenida). *Folha da Noite*, São Paulo, 23/08/1944, p. 3.

BORBA, Osório. Profetas. *Diário de Notícias*, Rio, 22/01/1943, p. 7.

Destacadas figuras da imprensa “excomungadas” pelo “Papa da Ciência Divina”. *Diário da Noite*, Rio, 21/05/1945, p. 8

Excomungado Berilo Neves pelo “Papa” João de Minas... *A Noite*, Rio, 22/06/1945, p. 9.

Excomungado pelo Mahatma Patiala o sr. Berilo Neves. *Diário Carioca*, Rio, 29/06/1945, p. 5.

Excomungados vários jornalistas. *Diário Carioca*, Rio, 25/05/1945, p. 5;

Exótica Religião. *A Noite*, Rio, 01/04/1945, p. 18.

João de Minas e os estranhos rituais da sua seita. *Diário Carioca*, 20/3/1944, p. 3

João de Minas Proclamou-se Papa. *Diário Carioca*, 19/03/1944, p. 3.

LINGUANOTO, Daniel. O profeta do Asfalto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 559, 26/4/1952.

MAGALHÃES JR, Raimundo. Nomes estapafúrdios... e uma nova seita, também estapafúrdia... Coluna Janela Aberta. *A Noite*, Rio, 8/6/1944, p.3.

Mahatma Golpista. *Diário Carioca*, Rio, 15/06/1945, p. 4.

Mahatma Patiala, o Papa da Igreja Científica Nacional, elevou Antoninho Marmo a “Pequeno Cristo do Brasil”. *Diário da Noite*, agosto de 1944. Recorte inserido em na carta pessoal a Getúlio Vargas. Arquivo Nacional, BR AN,RIO 35.0.PRO.13658.

MARAGLIANO JÚNIOR. Um problema de consciência (coluna conversa de cada dia). *Folha da Noite*, São Paulo, 24/06/1946, p. 2

Noticiário. *Clima*. n. 15, out. 1944, p. 90.

O novo mahatma do Brasil (Cartas dos leitores). *Diário Carioca*, 16/5/1944, p. 2.

PENNA, José Roberto. Seita Religiosa quer fundar um sindicato. *Ultima Hora*, 28/04/1959. In: Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863. Arquivo do Estado de São Paulo.

A religião não rendeu. *Diário Carioca*, 09/12/1944, p. 9.

Salada dos Cem Anos, na seção Opinião dos Leitores. *Diário Carioca*, 23/10/1948, p.4.

Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha da Noite*, São Paulo, 22 de janeiro de 1959, Ilustrada.

Um escritor mineiro abandona o mundo e funda uma religião. *Diário Carioca*, 18/03/1944, p. 3.

Vaiado em Goiânia “Papa” João de Minas. *Diário da Noite*, 21/6/1945, p. 3.

Após 1990

BRITO, Haroldo *et alii*. Um sertão trágico. Entrevista com Bernardo Ellis. *Jornal Opção*, Goiânia, jul/1996. Disponível em www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Especiais&subsecao=Especiais&idjornal=14&idesp=14, acesso em 05. Mar. 2007.

CARNEIRO, Caio Porfírio. O Incrível João de Minas. *DO Leitura*, São Paulo, 11(123), agosto de 1992, p. 10.

CARNEIRO, Caio Porfírio. *Depoimento a Leandro Antonio de Almeida*. UBE-SP, 26/10/2006, 7p.

CASTRO, Ruy. A volta do incrível escritor João de Minas. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, Sábado, 21/08/1999, p. D9.

COUTO, Ribeiro. Exportação de Café e Ciência Divina. *A Manhã*, 07/01/1943, p. 4.

E.F.R., A vida como ela é: Um escritor que antecipou a obra de Nelson Rodrigues Isto é Senhor, n. 1076, 2 maio 1990, p. 62-3.

ELIAS, Maria Cristina. Belle Époque Carioca. *Cult*, v. 3, n. 35, jun. 2000, pp. 26-29.

ELIODORA, Bárbara. Um sopro de alegria no Palco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1990, segundo caderno, p. 2.

ELLIS JÚNIOR, Bernardo. *A Vida São as Sobras* (Depoimento a Giovanni Ricciardi) In: FREDERICO, Enid Yatsuda & LEÃO, Flávia Carneiro. *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária, Unicamp, Campinas, 1997, Dossiê Bernardo Ellis, p. 67.

- FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é Esse Cara? In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, 211-266.
- GIORDANO, Cláudio. Um João Esquecido. *Jornal Pró-Arte*. Acessado em 20/01/2005. Disponível em http://www.jornalproarte.com.br/index.php?issue=3&session=mater&_id=7.
- GRAIEB, Carlos. Esbórnica no Rio. *Veja*, 08/09/1999, p. 150-151.
- LIMA, Elder Rocha. João de Minas, o talentoso mistificador. *Diário da Manhã*, Goiânia, 15/06/2009. Disponível em http://www.dm.com.br/materias/show/t/joo_de_minas_o_talentoso_mistificador. Acesso em 20/06/2009.
- LUIZ, Macksen. Fúria Verbal de João de Minas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10/11/1990, Caderno B, p. 1.
- LUIZ, Macksen. Mulher de Muitas Palavras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13/11/1990, Caderno B, p. 6.
- MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1999, pp. 45-46 (AG Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto)
- MOREIRA, Eliezer. Nossos Rebeldes e Malditos. *Veredas: Revista do Centro Cultural Banco do Brasil*, ano 4, n. 46, out. 1999, pp. 34-36 (seção literatura);
- NEIVA, Graça. Entre a Genialidade, a loucura e a tara. *Palavra: a Arte, comportamento, cultura, idéias*. Ano 1, n. 8, Nov. 1999, pp. 100-101.
- Nelson Rodrigues, um debate entre diretores. *Caderno de Espetáculo – teatro Carlos Gomes*. Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal de Cultura, n. 1, 1995.
- PEREIRA, Maria Lúcia. Romance de Costumes em Linguagem Deliciosa, *O Estado de São Paulo*, 20/10/1991, Caderno 2, p. 11.
- RIBEIRO, Rui. Nos caminhos de João de Minas. *Boletim Informativo do Museu da Inconfidência*, Ouro Preto, n. 13, ano IV, 2004.
- SEIXAS SOBRINHO, J. Sessenta anos depois tarefeiro da imprensa chega ao estrelato. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 2, sexta 04/01/1991, p. 8-9 .
- VALE, Israel. Peça reconstrói tragédia carioca em SP. *Folha de São Paulo*, 11/10/1991, Ilustrada, p. 5-6.

Documentos Depositados em arquivos

- ATUAÇÃO do Exército Mundial da Polícia de Cristo na Guanabara. Setor Comunismo, Pasta 86, fls 16-20 do Fundo Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Dados referentes a novembro de 1967.
- Comunicado do DOPS ao DEIP-PE, datado de 01/12/1943 cf. Prontuário DEIP-PE n. 28626. *Apud* ROCHA, Rafael Pires. *Propaganda Política e Censura no Estado Novo em*

Pernambuco (1937-45), Dissertação em História, UFPB, 2008, p. 100. (Apreensão de *A Mulher Carioca aos 22 anos* no Recife)

Correspondência do diretor da Divisão Geral do Departamento de Divulgação do DIP ao chefe de polícia do Distrito Federal, 24/11/1943, In: Arquivo Nacional, Fundo Agência Nacional, código EH, lata 187.

Escritura de Doação. 9o Tabelionato da Capital, livro 606, fl. 96 v. e 97. Doação de um terreno, por Martha Erna Virgínia Griesbach, à Igreja Brasileira Cristã Científica. 14/08/1963.

Estatutos da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1. Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos antigos, de 13 de março de 1940.

Estatutos da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1. Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos Novos, de 02 de julho de 1969.

Igreja Brasileira Cristã Científica. Prontuário DOPS 112863, diligência de 1951, 1963 e 1972. Arquivo do Estado de São Paulo.

Informação do Prefeito de Uberlândia ao governo de Minas. Arquivo Nacional. Gabinete do Presidente. BR AN,RIO 35.0.PRO.13658, folha 9.

Informações sobre Ariosto Palombo - Arquivo Público Mineiro, DOPS, Pasta 4014, rolo 50, n. 113/68 - jun. 1968.

MINAS, João de. Carta Pessoal a Getúlio Vargas. Uberlândia. 25 [ago] 1944. Arquivo Nacional. Gabinete do Presidente. BR AN,RIO 35.0.PRO.13658.

MINAS, João de. Ermos e Gerais de Bernardo Élis, mais melhor do que o próprio câmbio negro (Crônicas dos tempos modernos). *O Estado de Goiás*, Uberlândia, 7/12/1944, p. 23. Disponível no acervo do CEDAE, IEL, Unicamp, anexo a carta de João de Minas a Bernardo Elis, fundo deste autor, registro 1848. Loc. Ar14A3P3.

Processo no. 445, ano 1939, indiciado no artigo 157 do CP. "Ocultismo". Arquivo do Poder Judiciário do Estado de São Paulo, 3º Cartório Criminal.

Registro de cessão escrita por Ariosto Palombo, referente a venda de direitos autorais dos livros a Narcisa Palombo. Livro de Registro Integral n. B43, n. Ordem 17356 de 18/12/1957, folhas 201v, 202v. 5. Ofício de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro.

Referências

História e Literatura do Brasil

- ABREU, Marcelo Santos. *Os Mártires da Causa Paulista: culto aos mortos e usos políticos da Revolução Constitucionalista de 1932 (1932-1957)*, Tese (Doutorado em História Social), UFRJ, 2010.
- ALMEIDA, Leandro Antonio de. Reflexões sobre 'A Pergunta do Morto' de João de Minas. *Fenix: Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, ano IV, n. 3, jul-set/2007.
- _____. *Dos sertões desconhecidos às cidades corrompidas: um estudo sobre a obra de João de Minas (1929-1936)*. Dissertação de Mestrado em História Social, USP, 2008
- _____. A Canaã dos Flagelados: Representação dos trabalhadores na obra de João de Minas. *História: Questões e Debates*. n. 52, jan-jun/2010, pp. 205-231.
- _____. A São Paulo Subterrânea de João de Minas: a versão ficcional de uma lenda urbana paulistana. *Revista de História USP*, n. 164, 1. sem. 2011, p. 331-351.
- AMORIM, Sônia Maria. *Em busca de tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp, ComArte; Porto Alegre: EdUFRGS, 1999.
- ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. *O Risco das Ideias: intelectuais e polícia política (1930-1945)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2006
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELOCH, Israel & ABREU, Alzira Alves (coord.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930-1983*. Rio de Janeiro: FGV/Finep/Forense, 1984, v. 3.
- BERNARDES, Carmo. *Rememórias*, v. 2, Goiânia, GO: LEAL, 1969.
- BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes. *A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOMENY, Helena. *Guardiões da Razão: Modernistas Mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo brasileiro, 1994.
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, pp. 159-182 e 439-446 (notas).
- BROCA, Brito. Costallat e Mlle. Cinema. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 130-133.
- _____. Costallat: Uma época. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 183-187.
- _____. Escritores que ficaram demodés. In. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Unicamp, 1991, pp. 340-344.

- BRUM, Eliane. *Coluna Prestes: o Averso da Lenda*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- _____. Os novos antropófagos. *Revista Época*, n. 487, 18/09/2007, disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.htm>, acesso em 3. mar. 2012.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33ª ed., São Paulo: Cultrix, 1995.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em Convergência* São Paulo: Ática, 2007.
- CAMPOS, Humberto. *Diário Secreto*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, [1954]
- _____. Prefácio. In: *Crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson, [1945b], pp. 5-9. Ed. orig. 1933.
- _____. O Sr. Coelho Neto e o seu estilo. In: *Crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson, [1945c], pp. 285-300. Ed. orig. 1933, texto de 1929.
- CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945 (1950) In: *Literatura e Sociedade*, 9a ed., 2006, p. 120-121.
- _____. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes* 3. ed.– São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999 (1987).
- _____. A revolução de 30 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, n.4, abr. 1984, pp. 27-36
- _____. & CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e Crítica*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, v. 2.
- CARNEIRO, Caio Porfírio. *União Brasileira de Escritores – 50 anos da sua fundação. O Escritor* – Revista da UBE, n. 118, abril/2008, pp.24-25.
- CARNEIRO, Maria Luza Tucci. *Livros Proibidos, Ideias Malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. 2a ed. ampl. São Paulo: Ateliê editorial/PROIN/Fapesp, 2002.
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CORREIA, Iara Toscano. *João Relojoeiro: a Construção de um Santo no Imaginário Popular – Uberlândia/ MG (1956-2202)*, Dissertação (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia, 2003
- COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: Escritores jornalistas no Brasil – 1904 a 2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTALLAT, Benjamin. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- COUTINHO, Afrânio (dir). *A Literatura no Brasil*. 3a. ed., rev. e atualizada, Rio de Janeiro; Niterói : J. Olympio Editora: Universidade Federal Fluminense, 1986, v. 5 e 6.

- _____. (dir.) *A Literatura no Brasil*. 6ª edição revisada e atualizada. São Paulo: Global, 2002, v. 4.
- _____. & SOUZA, J. Galante (dir.) *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, 2ª ed. rev., amp., atual. e ilust. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL e Academia Brasileira de Letras, 2001, 2v.
- DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DUTRA, Eliana Freitas. Mediação Intelectual e percursos da cultura no Brasil dos anos 1930: o caso da coleção Brasileira e da Cia Editora Nacional. In: Rodrigues, Helenice; Kohler, Heliane (orgs.) *Travessias e Cruzamentos Culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, pp. 149-172
- EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- _____. Alessandra. *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FARIA, Daniel. *O Mito Modernista*. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1945)*. São Paulo: UNESP, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.) *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (2003), pp. 387-415.
- FERRETI, Danilo José. *A Construção da Paulistanidade*. Identidade, Historiografia e Política em São Paulo (1856-1930). Doutorado em História Social, São Paulo, USP, 2004.
- FORD, J.D.M; WHITTEM, A.F. & RAPHAEL, Raphael, M.I. *A tentative bibliography of brazilian belles-letres*. Cambridge: Havard U.P., 1931.
- FRANÇA, Patrícia de Souza. *“Livros para leitores”: a atuação de Benjamin Costallat para a ampliação do público leitor no Rio de Janeiro dos anos 20*. Rio de Janeiro: FBN, 2010.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio: modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- _____. (org.) *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.
- GRANN, David. *Z - A cidade perdida - A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GUASTINI, Mário. *A hora futurista que passou e outros escritos. Seleção, apresentação e notas de Nelson Schapochnik* São Paulo: Boitempo, 2006 (1926).
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão: (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- _____. *Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.) Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Companhia das Letras, 1998, pp. 289-305.
- _____. *Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da Nação. In: DECCA, Edgar & LEMAIRE, Ria (orgs). Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas: Unicamp; Porto Alegre: EdUFRGS, 2000.
- HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível*. Porto Alegre, Edipucrs, 1998.
- JACOB, Amir S. *Eurípedes Barsanulfo sob a luz da História*. Goiânia; EdUCG/Kelps, 2006.
- JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por trocadilho: a imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900 a 1911*. São Paulo: Alameda, 2006.
- KOSHIYAMA, Alice. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp / ComArte, 2006.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- LANNA JÚNIOR, Mário Cleber Martins. *Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.) O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (2003), pp. 313-350.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas, SP: Unicamp / Papirus, 1986.
- LEX, Ary. *60 Anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (nossa vivência)*. São Paulo: FEESP, 1996.
- LOPES, João Paulo. *A Nação (I)mortal: identidade nacional e política na Academia Brasileira de Letras. (1931-1943)*, Dissertação (Mestrado) em História, UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- _____. & MARTINS, Ana Luíza (orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACEDO, Emiliano Unzer. *Pentecostalismo e religiosidade brasileira*. Tese (História Social), São Paulo, FFLCH-USP, 2007
- MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da Republica das Letras 1870-1930*. São Paulo: Editorial Grijalbo/EDUSP, 1973.
- MARANHÃO, Ricardo (coord.) *Um retrato no jornal – a história de São Paulo na Imprensa Oficial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994
- MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1978, v. 6, pp. 446, 485, 554, 556.
- _____. *A crítica no Brasil* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 1.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUER, Paulo de. O Mundo Emocionante do Romance Policial. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- MEIRELLES, Domingos. *Os Órfãos da Revolução*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil In: MENDONÇA, Antonio Gouveia, VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 48-67, disponível em <http://www.usp.br/revistausp/67/05-mendonca.pdf>. Acesso em 1. jun. 2012.
- MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2ª ed. rev., amp., atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945). (1979) In: *idem*. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. Poder, Sexo e Letras na República Velha. (1977) In: *idem*. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 13-68;
- MOISÉS, Massaud (org.) *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, 5ª ed. atual., São Paulo: Cultrix, 1999.
- MONTES, Maria Lúcia As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Cia das Letras, 1998 (História da Vida Privada no Brasil, v. 4), pp. 63-171
- MORAIS, Eduardo J. Modernismo Revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A verdadeira Pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas. In: Abreu, Márcia; Schapochnik, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. São Paulo: Fapesp, 2005, pp. 343-365.
- MURARI, Luciana. *Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922)* São Paulo: Alameda, 2009.
- MURICI, Andrade. *A Nova Literatura Brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre, RS: Globo, 1936.
- NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – o Brasil Republicano*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978, tomo 3, v. 2, pp. 261-291.

- NEGRÃO, Lísias Nogueira. As religiões não-cristãs e afro-brasileiras em São Paulo. In: PORTA, Paula. (org.) *História da Cidade de São Paulo*, São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 2, pp. 550-581.
- NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. 2a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Leya Brasil, 2011.
- OLIVAL, Moema de Castro e Silva. *O Processo Sintagmático na Obra literária*. Goiânia: Oriente, 1976.
- OLIVEIRA, Cláudia, VELLOSO, Mônica Pimenta, LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1889 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Sociedade e Cultura*, IN: SACHS, Ignacy et alii. *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 186-209
- PAES, José Paulo. *O art nouveau na literatura brasileira. Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 64-80.
- _____. *Por uma literatura brasileira de entretenimento In: A aventura literária*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- PAULA, Christiane Jalles de. Leuenroth, Eugênio (verbete). In: ABREU, Alzira Alves; Paula, Christiane Jalles de. *Dicionário Histórico-Biográfico da Propaganda no Brasil* Rio de Janeiro: FGV, ABP, 2007
- PECAULT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEREIRA, Fabiana da Câmara Gonçalves. *Fantástica Margem: o cânone e a ficção científica brasileira*. Dissertação (mestrado) em Letras, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2005. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/6493/6493_1.PDF, acesso em 20 mar. 2012.
- PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos: Os críticos do grupo clima em São Paulo – 1940-1968*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 2001.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- RAMACHANDRA, Adilson Silva. *Pensamento em Mutação: a trajetória de uma editora*. (1907-2007) São Paulo: Pensamento, 2007.
- REGINA, Ivan Carlos. Antropofagia na ficção científica. *Metáfora*. Versão on-line da edição número 6, de março de 2012, seção Ponto de Vista. Acesso em 21 mar. 2012. Disponível em <http://revistametafora.com.br/?p=621>.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. *Literatura Policial Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- RESENDE, Beatriz. Construtores de Paraísos Particulares. In: *idem* (org.) *Cocaína*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- _____. A volta de Madeimoselle Cinema. In: COSTALLAT, Benjamin. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- REZENDE, Neide Luzia. Sobre Vanguardas e Periferias. *Revista Época*, 14/09/2007. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG79070-5856,00.html>, acesso em 3/3/2012.
- RIO, João do (Paulo Barreto). *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica Literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó, SC: Argos, 2011
- RODRIGUES, João Carlos. Prefácio. In: Rio, João do. *Vida Vertiginosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A Dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Unicamp / Cecult, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. *A Missa Cômica*. In: *O Óbvio Ululante: confissões*. Seleção Rui Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ROMERO, Marisa. Inúteis e Perigosos no Diário da Noite – São Paulo, 1950-1960. São Paulo: Educ/Fapesp, 2011
- SACRAMENTO, Cleidivaldo de Almeida. *Mundos do trabalho no Recôncavo Sul: cotidiano, trabalhadores, costumes, conflitos e solidariedades – 1870-1910*. Dissertação (mestrado em História), Salvador, UFBA, 2007, Disponível em http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2007cleidivaldo_de_a_sacramento.pdf. Acesso: 3 mai 2012.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. In: Porta, Paula. *História da cidade de São Paulo*, v. 3: A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 555-587
- _____. Piadas impressas e formatos da narrativa humorística brasileira: de Pafúncio Pechincha a Sérgio Buarque dos Países Baixos. In: PIRES, Francisco M. (org). *Antigos e Modernos: diálogos sobre a escrita da história*. São Paulo: Alameda, 2009, pp. 231-248.
- SANT'ANNA, Nuto. *Metrópole* v. 1 São Paulo: Coleção do Depto de Cultura (v. 39), 1950.
- SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no Modernismo. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 94-139.
- _____. Fechado para balanço (sessenta anos de modernismo). In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 75-93.
- SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. *Revista do Centro*

- de Preservação Cultural*, São Paulo, n. 8, out. 2009. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-44662009000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 13 set. 2012.
- SAVIANI, Demerval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- SAYEG, J. B. & CARNEIRO, Caio P. *A Vocação Nacional da UBE – 62 anos*. São Paulo: RG editores, 2004
- SCHMIDT, Afonso. *São Paulo de Meus Amores*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003 (1954).
- SCHNEIDER, Marília. *Memória e História (Antoninho da Rocha Marmo): misticismo, santidade e milagre em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2001
- SCHWEINNHAGEN, Ludwig. *Fenícios no Brasil (Antiga História do Brasil) (de 1100 a.C a 1500 d.C.)* Apres. Moacir C. Lopes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1986.
- SENNA, Paulo. Bibi Ferreira na Tv – uma grande atriz que nunca fez novelas. *O Globo*. Blog nostalgia – momentos inesquecíveis da história da TV. 1. Mar. 2009, Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/posts/2009/03/01/bibi-ferreira-na-tv-uma-grande-atriz-que-nunca-fez-novelas-164974.asp>. Acesso em 21 nov. 2012.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Guilherme Dias. *Traços da Antiguidade na selva: uma leitura das 'inscrições e tradições da América Pré-Histórica' de Bernardo Ramos*. X Encontro Estadual de História - o Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria, RS, UFSM, jul./ 2010. Disponível em http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279499776_ARQUIVO_GDSanpuh2010-FINAL.pdf. Acesso: 6 fev. 2012.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SORÁ, Gustavo. *Brasileiras. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp / ComArte, 2010.
- SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo na Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: Literatura, Técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TERRON, Joca Reiners. Permissão para Viajar. *Folha de São Paulo*, Mais!, 23/04/2006.
- TORRESINI, Elisabeh Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp, ComArte; Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

- TRINDADE, Liana Maria Sálvia. *Construções Míticas e História: estudos sobre as representações simbólicas e relações raciais em São Paulo do séc. XVIII à atualidade*. Tese (Livre Docência em Antropologia), FFLCH-USP, São Paulo, 1991
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta, 2005.
- WILKINS, Harold T. *Mysteries of Ancient South America*. NY, London, Melbourne, Sidney: Rider, 1946.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940)*. São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História Social, 1997
- _____. A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo, 1910-1940. *Revista de História*, São Paulo, n. 150, 1o. Sem. 2004, pp. 11-39.

Teórico-Metodológica

- BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (2004).
- BOURDIEU, P. As regras da Arte: Gênese e Estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (1992).
- _____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*, 2a ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998 (1986) pp. 183-191.
- _____. & CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. IN: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, pp. 231-253.
- _____. & CHARTIER, Roger. *O Sociólogo e o Historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Leitores, espectadores e Internautas*. São Paulo: Iluminuras / Itau Cultural, 2008
- CÂNDIDO et. Alii. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 1992
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990;
- _____. O mundo econômico ao contrário In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (orgs.). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 253-260

- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2009a.
- _____. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.
- _____. Pierre Bourdieu e a História In: _____.; BOURDIEU, Pierre. *O Sociólogo e o Historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 87-134
- DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1992; MOISÉS, Massaud *A criação literária*. 16a. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

Outras

- REINSFIELD, Scott & DANCE, Robert. *Garbo – Portraits from her Private Collection*. New York: Rizzoli I. P. , 2005.
- G-Men: Contra o Império do Crime, Policial, EUA, 1935. Warner Bros. Dir. William Keighley, com James Cragney e Margaret Lindsay, Preto e Branco, sonoro, 85 min.
- JESTICE, Phyllis G (ed.). *Holy People of the World: A Cross-Cultural Encyclopedia*, California, USA: Abc-Clio, 2004, v. 1
- POTTER, Claire Bond. *War on Crime: bandits, G-men and the politics of mass culture*. New Brunswick: Rutgers U.P., 1998.
- ROSENTHAL, Leon. *Romanticism*. New York: Parkstone I.P., 2008.
- WASHINGTON, Peter. *O Babuíno de Blavatsky: místicos, médiuns e a invenção do guru ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

A Pergunta do Morto*

<p>Jornal O Paiz - 1927 Tragédias Horripilantes da Revolução</p> <p>(...)</p> <p>* * *</p> <p>Uma noite de terna beleza. A lua nova subia, ao fundo, na linha negra de uma floresta. O céu, muito puro, parecia feito de água do mar. E a lua parecia uma <u>flor imortal dos abismos</u>. O chevrolet rolava agora no começo de um chapadão, que já se nos mostrava sob uma nevoa sonhadora, dando-nos a impressão de que a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz pálida. O silêncio punha em tudo uma castidade, uma virgindade <u>eloquente</u>. Íamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável medico baiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zéca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de Mineiros.</p> <p>A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a <u>15</u> léguas da cidade, que é <u>um encanto</u> sob vários aspetos. Principalmente quanto ao consolador numero de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança. Chegamos á fazenda ás 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e <u>ilustre</u>, nos oferecesse uma magnifica ceia. Seria meia noite quando evocou o dr. Freire uma forte pagina trágica da fazenda. Foi um combate terrível, entre 70 soldados mineiros, sob o comando de Klinger, e um destacamento de Prestes, quando este, em Junho de 1925, voltando de Mato Grosso, por Coxim, entrou em Goiás, por Mineiros, que foi <u>devidamente</u> saqueado.</p> <p>O combate foi a uma légua da casa da fazenda. Um capitão revoltoso, ao assaltar um caminhão, recebeu uma descarga. Desceu do caminhão, e ainda andou até o rego d'água que leva á cozinha da fazenda. Ali os seus companheiros viram que ele vinha segurando um rolo de intestinos á mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apanhou no chão, tendo os ditos escorregado, naturalmente. O capitão ai se agachou, e morreu em silencio. Os seus companheiros, á pressa, o enterraram na lama do rego, envolto num capote. Por minutos ainda a água do rego desceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo... Aquela água ia, na coxinha da fazenda, lavar os pratos para o jantar da gente de Klinger, vencedora no combate. O coronel Zéca Lopes, que se achava na cidade, quando voltou mandou desenterrar o capitão, cuidadoso da pureza da sua água Enterrou-o atrás da fazenda. Vi essa sepultura. O dr. Freire olhou-a, muito sério. O capim começava a cobri-la, um capim cheio e rico.</p>	<p>Livro Jantando um Defunto - 1929 A Pergunta do Morto</p> <p>Uma noite de terna beleza. A lua nova subia, ao fundo, na linha negra de uma floresta. O céu, muito puro, parecia feito de água do mar. E a lua parecia uma <u>gaivota de prata, que ia voar</u>. O chevrolet rolava agora no começo de um chapadão, que já se nos mostrava sob uma nevoa sonhadora, dando-nos a impressão de que a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz pálida. O silêncio punha em tudo uma castidade, uma virgindade <u>fluida</u>.</p> <p>Íamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável medico baiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zeca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de Mineiros.</p> <p>A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a <u>17</u> léguas da cidade, que é <u>agradável</u> sob vários aspetos. Principalmente quanto ao consolador numero de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança.</p> <p>Chegamos á fazenda ás 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e <u>simples</u>, nos oferecesse uma magnifica ceia. Seria meia noite quando evocou o dr. Freire uma forte pagina trágica da fazenda.</p> <p>Foi um combate terrível, entre 70 soldados mineiros, sob o comando de Klinger, e um destacamento de Prestes, quando este, em Junho de 1925, voltando de Mato Grosso, por Coxim, entrou em Goiás, por Mineiros, que foi <u>crapulamente</u> saqueada. O combate foi a uma légua da casa da fazenda. Um capitão revoltoso, ao assaltar um caminhão, recebeu uma descarga. Desceu do caminhão, e ainda andou até o rego d'água que leva á cozinha da fazenda. Ali os seus companheiros viram que ele vinha segurando um rolo de intestinos á mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apanhou no chão, tendo os ditos escorregado, naturalmente. O capitão ai se agachou, e morreu em silencio. Os seus companheiros, á pressa, o enterraram na lama do rego, envolto num capote. Por minutos ainda a água do rego desceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo... Aquela água ia, na coxinha da fazenda, lavar os pratos para o jantar da gente de Klinger, vencedora no combate. O coronel Zeca Lopes, que se achava na cidade, quando voltou mandou desenterrar o capitão, cuidadoso da pureza da sua água. Enterrou-o atrás da fazenda. Vi essa sepultura. O dr. Freire olhou-a, muito sério. O capim começava a cobri-la, um capim cheio e rico. Por ali, numa área de uma légua quadrada, uns oitenta combatentes dormiam para</p>	<p>Livro Pelas Terras Perdidas - 1934 A Pergunta do Morto</p> <p>Uma noite de terna beleza.</p> <p>A lua nova subia, ao fundo, na linha negra de uma floresta. O céu, muito puro, parecia feito de água do mar. E a lua parecia uma <u>gaivota de prata, que ia voar</u>.</p> <p>O chevrolet rolava agora no começo de um chapadão, que já se nos mostrava sob uma nevoa sonhadora, dando-nos a impressão de que a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz pálida. O silêncio punha em tudo uma castidade, uma virgindade <u>fluida</u>.</p> <p>Íamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável medico baiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zeca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de Mineiros.</p> <p>A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a <u>17</u> léguas da cidade, que é <u>agradável</u> sob vários aspetos. Principalmente quanto ao consolador numero de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança.</p> <p>Chegamos á fazenda ás 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e <u>simples</u>, nos oferecesse uma magnifica ceia.</p> <p>Seria meia noite quando evocou o dr. Freire uma forte pagina trágica da fazenda.</p> <p>Foi um combate terrível, entre 70 soldados mineiros, sob o comando de Klinger, e um destacamento de Prestes, quando este, em Junho de 1925, voltando de Mato Grosso, por Coxim, entrou em Goiás, por Mineiros, que foi <u>crapulamente</u> saqueada.</p> <p>O combate foi a uma légua da casa da fazenda. Um capitão revoltoso, ao assaltar um caminhão, recebeu uma descarga. Desceu do caminhão, e ainda andou até o rego d'água que leva á cozinha da fazenda.</p> <p>Ali os seus companheiros viram que ele vinha segurando um rolo de intestinos á mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apanhou no chão, tendo os ditos escorregado, naturalmente.</p> <p>O capitão ai se agachou, e morreu em silencio. Os seus companheiros, á pressa, o enterraram na lama do rego, envolto num</p>
--	---	--

* As alterações entre as versões estão sublinhadas. A primeira parte foi deixada com texto sem formatação, a segunda parte foi destacada em negrito e a terceira em itálico.

Por ali, numa área de uma légua quadrada, uns oitenta combatentes dormiam para sempre. Aquilo era um cemitério, com a vantagem de ser também uma ótima internada.

Nessa noite, após a ceia, ao nos dirigirmos para os nossos quartos, o coronel Zeca Lopes nos informou que encontrara então, ao chegar em casa, após os trágicos acontecimentos, uma mão decepada no alpendre. A mão tinha uma aliança de casamento, e por ela, pela data, se podia verificar que o dono da mão ainda estaria na lua de mel. A mão não apodrecera. Estava murcha, triste, espiritualizada numa saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão. O coronel Zeca Lopes mandou enterrar aquele despojo, onde reluzia o símbolo do amor conjugal.

- A mão depois apodreceu, com certeza – assegurou o ilustre médico baiano O coronel Zeca Lopes sorriu, como que duvidando. Eu fiquei pensativo, não sei porque. Um peão, duma sombra, perguntou, soturno:

- E será que o anel de casamento da mão também apodrece?...

Ninguém respondeu ao peão. Como nós não o viramos, mas só lhe ouvimos a voz, eu, momentos depois, quando o coronel Zeca Lopes se retirou, procurei o peão no ponto de onde, num canto da sala, partira a sua voz. Ali não estava ninguém. Não havia ninguém na sala. Chamei a atenção do dr. Freire para o fato, que ele por sua vez achou estranho. No dia seguinte, cedo, interroguei a todos da fazenda. Ninguém fizera a pergunta dolorosa – se o símbolo do amor conjugal também apodreceria... Creio que foi o espírito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenômeno, mas sem o discutir...

sempre. Aquilo era um cemitério, com a vantagem de ser também uma ótima internada.

Nessa noite, após a ceia, ao nos dirigirmos para os nossos quartos, o coronel Zeca Lopes nos informou que encontrara então, ao chegar em casa, após esses trágicos acontecimentos, uma mão decepada no alpendre. A mão tinha uma aliança de casamento, e por ela, pela data, se podia verificar que o dono da mão ainda estaria na lua de mel. A mão não apodrecera. Estava murcha, triste, espiritualizada numa saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão... O coronel Zeca Lopes mandou enterrar aquele despojo, onde reluzia o símbolo do amor conjugal.

- A mão depois apodreceu, com certeza – assegurou o ilustre médico baiano O coronel Zeca Lopes sorriu, como que duvidando. Eu fiquei pensativo, não sei porque. Uma voz, duma sombra, perguntou, soturna:

- E será que o anel de casamento da mão também apodrece?...

Ninguém respondeu a essa pergunta, certamente feita por algum peão. Como nós não o viramos, mas só lhe ouvimos a voz, eu, momentos depois, quando o coronel Zeca Lopes se retirou, procurei o peão no ponto de onde, num canto da sala, partira a pergunta. Ali não estava ninguém. Não havia ninguém na sala. Chamei a atenção do dr. Freire para o fato, que ele por sua vez achou estranho.

No dia seguinte, cedo, interroguei a todos da fazenda. Ninguém fizera a pergunta dolorosa – si o símbolo do amor conjugal também apodreceria... Creio que foi o espírito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenômeno, mas sem o discutir...

capote. Por minutos ainda a água do rego desceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo...

Aquela água ia, na coxinha da fazenda, lavar os pratos para o jantar da gente de Klinger, vencedora no combate.

O coronel Zeca Lopes, que se achava na cidade, quando voltou mandou desenterrar o capitão, cuidadoso da pureza da sua água. Enterrou-o atrás da fazenda.

Vi essa sepultura.

O dr. Freire olhou-a, muito sério. O capim começava a cobri-la, um capim cheio e rico. Por ali, numa área de uma légua quadrada, uns oitenta combatentes dormiam para sempre. Aquilo era um cemitério, com a vantagem de ser também uma ótima internada.

Nessa noite, após a ceia, ao nos dirigirmos para os nossos quartos, o coronel Zeca Lopes nos informou que encontrara então, ao chegar em casa, após esses trágicos acontecimentos, uma mão decepada no alpendre.

A mão tinha uma aliança de casamento, e por ela, pela data, se podia verificar que o dono da mão ainda estaria na lua de mel.

A mão não apodrecera. Estava murcha, triste, espiritualizada numa saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão... O coronel Zeca Lopes mandou enterrar aquele despojo, onde reluzia o símbolo do amor conjugal.

- A mão depois apodreceu, com certeza – assegurou o ilustre médico baiano O coronel Zeca Lopes sorriu, como que duvidando. Eu fiquei pensativo, não sei porque. Uma voz, duma sombra, perguntou, soturna:

- E será que o anel de casamento da mão também apodrece?...

Ninguém respondeu a essa pergunta, certamente feita por algum peão. Como nós não o viramos, mas só lhe ouvimos a voz, eu, momentos depois, quando o coronel Zeca Lopes se retirou, procurei o peão no ponto de onde, num canto da sala, partira a pergunta.

Ali não estava ninguém. Não havia ninguém na sala. Chamei a atenção do dr. Freire para o fato, que ele por sua vez achou estranho.

No dia seguinte, cedo, interroguei a todos da fazenda. Ninguém fizera a pergunta dolorosa – si o símbolo do amor conjugal também apodreceria...

Creio que foi o espírito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenômeno, mas sem o discutir...

Jornal *O Paiz* - 1927
O Esqueleto de Santa Maria Clara

(...) Nessas regiões quase não se cria o porco. A gordura ou o sebo é do boi. O Ford, esse carro honrado que vale mais que o alfabeto pra nosso interior, e é um dos maiores descobridores do Brasil, lá não existe. Assim como o cinema e a luz elétrica não há estrada, quase não há trilho. Há rumo, como no mar. Os baianos não faltam.

Pois essa imensidão de chão, onde - já não digo o capitão Fawcett - qualquer carioca de calça larga não duvidaria colocar o berço de Adão, o paraíso terreal, foram percorridas, batidas e exploradas por milhares de brasileiros desesperados, a saber: os revolucionários, os legalistas e os legalistas revolucionários (Aqui convêm uma rápida explicação, quanto a essa espécie de aventureiros, os legalista revolucionários. Havia os revolucionários e havia os legalistas, em campos definitivamente opostos. Dos legalistas, porém, alguns passaram para a revolução, vendo nela um negócio. Esta, em verdade, era furta-cor. Não sendo uma coisa nem outra, eram uma coisa e outra, conforme a ocasião. Assim, eram intangíveis. Eles não se internaram em Guaíba, mas se espalharam pelo sertão, onde hoje são fazendeiros, negociantes, curandeiros (uma praga terrível), políticos, imponentes e infalíveis...)

* * *

A morta, não podia haver dúvida, era Maria Clara, uma moça de Planaltina, afamada pela bela cabeleira de sete palmos de comprimento. Cabeleira fatal, como os sete palmos das sepulturas. Maria Clara ia com os pais, noivo e convidados, todos a cavalo, a Planaltina, onde ia se casar. Passava, então, um destacamento da Coluna Prestes, que pela primeira vez subia à Bahia. Maria Clara impressionou aos revolucionários, e eles, brutalmente, a levaram consigo, deixando com o noivo, em seu lugar, como consolo, uma mulher com um recém-nascido. Assim, para sempre, no dia luminoso de seu casamento, Maria Clara deixou os seus. O pai enlouqueceu. E foi, com o vestido de noiva e a coroa sem mácula, aos abraços e beijos de uma tropa! Não aguentou o suplício. Morreu na marcha à Baía... E foi atirada ali, como um bicho. (...)

Livro Jantando um Defunto - 1929
O Esqueleto de Santa Maria Clara

Nessas regiões quase não se cria o porco. A gordura ou o sebo é do boi. O Ford, esse carro honrado que vale mais que o alfabeto pra nosso interior, e é um dos maiores descobridores do Brasil, lá não existe. Assim como o cinema e a luz elétrica não há estrada, quase não há trilho. Há rumo, como no mar. Os baianos não faltam.

Pois essa imensidão de chão - onde coronel Fawcett não duvidaria colocar o berço de Adão, o paraíso terreal - foram percorridas, batidas e exploradas por milhares de brasileiros desesperados, a saber: os revolucionários, os legalistas e os legalistas revolucionários, conforme fosse vantajoso na ocasião ser uma ou outra coisa...

* * *

A morta, não podia haver dúvida, era Maria Clara, uma moça de Planaltina, afamada pela bela cabeleira de sete palmos de comprimento. Cabeleira fatal, como os sete palmos das sepulturas. Maria Clara ia com os pais, noivo e convidados, todos a cavalo, a Planaltina, onde ia se casar. Passava, então, um destacamento da Coluna Prestes, que subia à Bahia. Maria Clara impressionou aos revolucionários, e eles, brutalmente, a levaram consigo, deixando com o noivo, em seu lugar, como consolo, uma mulher com um recém-nascido. Assim, para sempre, no dia luminoso de seu casamento, Maria Clara deixou os seus. O pai enlouqueceu. E foi, com o vestido de noiva e a coroa sem mácula, aos abraços e beijos de uma tropa! Não aguentou o suplício. Morreu na marcha à Baía... E foi atirada ali, como um bicho. (...)

Livro Mulheres e Monstros - 1933
O túmulo de ouro

Nessa região quase não se cria o porco. A gordura ou o sebo é do boi.

O Ford, esse carro honrado que vale mais que o alfabeto pra nosso interior, e é um dos maiores descobridores do Brasil, lá não existe.

Assim como o cinema e a luz elétrica não há estrada, quase não há trilho. Há rumo, como no mar. Os baianos não faltam.

Pois essa imensidão de chão, onde coronel Fawcett não duvidaria colocar o berço de Adão, o Paraíso terreal, são percorridas, batidas e exploradas por milhares de brasileiros desesperados, os homens fora-da-lei, os réprobos do cangaço.

—

A morta, não podia haver dúvida, era Maria Clara, uma moça de Planaltina, afamada pela bela cabeleira de sete palmos de comprimento.

Cabeleira fatal, como os sete palmos das sepulturas.

Maria Clara ia com os pais, noivo e convidados, todos a cavalo, a Planaltina, onde se casaria.

Passava, então, um bando de cangaceiros, que subia à Bahia. Maria Clara impressionou os cabras, que, brutalmente, a levaram, deixando com o noivo, em seu lugar, como consolo, uma preta com um recém-nascido.

Assim, para sempre, no dia luminoso de seu casamento, Maria Clara deixou os seus.

O pai enlouqueceu.

E foi, com o vestido de noiva e a coroa sem mácula, aos abraços e beijos dos bandidos.

Não aguentou o suplício. Morreu na marcha à Baía. E foi atirada ali, como um bicho.